

TRABALHOS  
DA  
SOCIEDADE  
PORTUGUESA  
DE  
ANTROPOLOGIA  
E  
ETNOLOGIA

IV

1928-30





TRABALHOS

DA

Sociedade Portuguêsa

DE

Antropologia e Etnologia

VOLUME IV



PORTO

Séde da Sociedade: RUA DE SANTA CATARINA, 261-1.º

1928-1930



3622

TRABALHOS

DA

Sociedade Portuguêsa

DE

Antropologia e Etnologia

VOL. IV — FASC. I

39(05)

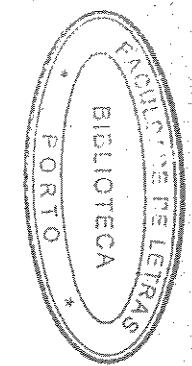
Trac.

PORTO

IMPRESA PORTUGUESA

116 — Rua Formosa — 116

1928



NUCLEO DE PERIODICOS

FLUP-BIBLIOTECA ()



1951

Trabalhos da Sociedade Portuguesa  
de Antropologia e Etnologia

## O ASTURIENSE EM PORTUGAL

POR

R. DE SERPA PINTO

---

A indústria preneolítica *asturiense* foi assim designada, pelos srs. Conde de la Vega del Sella e prof. H. Obermaier, por ter sido explorada sistematicamente pela primeira vez nas *Astúrias* (1914-1916) <sup>(1)</sup>.

Verificou-se depois que já fôra encontrada no SW. da *França* (Biarritz) uma estação desta cultura <sup>(2)</sup>, o que levou o sr. Conde de la Vega del Sella a dizer em 1923: «*El límite oriental de estas cuarcitas asturienses es, pues, en la actualidad, Biarritz; pero es muy probable que esta industria se prolongue por el Golfo de Gascuña, reapareciendo en la región rocosa del Cabo Bretón, asi como por Occidente debe de continuar en la zona gallega*» <sup>(3)</sup>.

Quanto à Galiza exprimiu a mesma opinião em 1923 o prof. Obermaier <sup>(4)</sup>.

Em 1923 foram ainda divulgadas as estações de *Montgri* (Catalunha) <sup>(5)</sup> e da *Ilha de Houat* (Morbihan) <sup>(6)</sup>; e em 1925 a de *Er Yoh* (Morbihan) <sup>(7)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> Obermaier, IV, pág. 334, ap. V; Conde de la Vega del Sella, XIV, pág. 8. Ver no fim a *Bibliografia*.

<sup>(2)</sup> Obermaier, X, pág. 169; Conde de la Vega del Sella, XIV, pág. 32 e segs.

<sup>(3)</sup> Conde de la Vega del Sella, XIV, pág. 35.

<sup>(4)</sup> Obermaier, XV.

<sup>(5)</sup> Pericot, XVI.

<sup>(6)</sup> Dauntzberg et Fischer, XIX.

<sup>(7)</sup> Le Rouzic et Mrs. S. J. Péquart, XXIX.

O R. P. Jalhay noticiou em 1925 a descoberta do asturiense na Galiza <sup>(1)</sup>, confirmando assim as palavras atrás transcritas.

Em 1928, êste mesmo arqueólogo, descrevendo a estação de *La Guardia* (Pontevedra), dizia: «*Os dois picos encontrados junto à foz do Minho e os sete que se recolheram mais ao Norte de La Guardia, indicam com tóda a probabilidade que essa indústria se terá também espalhado pelas costas portuguesas e aparecerá igualmente noutros pontos da Galiza*» <sup>(2)</sup>.

A descoberta e exploração, pelo autor, das estações asturienses de *Ancora* e de *Añfe* (Fevereiro-Março, 1928) vieram justificar esta previsão.

Conhece-se já a distribuição do asturiense por 1600 km. de costa portuguesa, espanhola e francesa, estando porêem só uma pequena parte explorada.

A seguir estudamos as primeiras estações asturienses de Portugal, as mais meridionais até hoje conhecidas e a que é lícito supor que outras seguirão na costa portuguesa.

<sup>(1)</sup> Jalhay, XXVII.

<sup>(2)</sup> Jalhay, XLI, pág. 10.

## I

## Estação asturiense de Ancora

Datam de 1925 os meus primeiros achados asturienses em *Ancora*, quando em Maio dêsse ano dei um passeio geológico pelo Minho, na companhia do sr. prof. Castro Portugal.

Ao atravessar a praia encontrei dois seixos lascados numa só face com um aspecto que não me pareceu natural. Guardei apenas um dêles (est. VII, 10), e, de regresso ao Pôrto, mostrei-o ao sr. prof. Mendes Corrêa, que não identificou o seu carácter arqueológico por se tratar duma peça isolada <sup>(1)</sup>.

Com a publicação, pelo meu ilustre amigo Rev. P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay, de instrumentos de *La Guardia* (Pontevedra, Espanha) idênticos ao que eu trouxera de *Ancora*, inteirei-me da significação desta peça, o que pouco depois me foi confirmado por aquele esclarecido arqueólogo.

Ê curioso ter quási coincidido a descoberta das vizinhas estações de *La Guardia* e *Ancora*, pois os primeiros instrumentos de *La Guardia* foram encontrados na primavera de 1925 pelo P.<sup>o</sup> Joaquim da Silva Tavares <sup>(2)</sup>.

Em Fevereiro de 1928 procedi ao reconhecimento da estação de *Ancora*, ajudado por senhoras da minha família, minha mãe e irmã, recolhendo logo mais de 160 picos de tipo asturiense e outros instrumentos.

Com as explorações efectuadas em Março seguinte, o número de peças recolhidas excede meio milhar.

Os picos ancorenses são idênticos aos de *La Guardia*, e o

<sup>(1)</sup> M. Corrêa, XLIV.

<sup>(2)</sup> Jalhay, XXVII, pág. 346.

sr. prof. H. Obermaier considera-os do asturiense típico, ainda que se lhes reconheçam modalidades novas.

Em *Afife*, ao sul do *Rio Ancora*, descobri já outra estação congénere, que será descrita mais adiante, e outras será possível revelar na costa portuguesa.

### Situação

A estação prolonga-se pela praia, desde o *Forte de Ancora* (no lugar de Lagarteira) até *Moledo do Minho*. Penetra contudo pelo interior, como o prova o achado de dois picos e um pêso de rêde, numa excavação feita ao sul da vila, entre a estrada e a linha de caminho de ferro (km. 96), no local indicado no mapa (fig. 1) por uma cruz isolada (1).

A zona dos achados está separada do mar por uma orla de penedos (est. II, fig. 1, no primeiro plano), de largura variável entre 10 e 30 metros, circunstância que se dá também em *La Guardia* e *Afife*, e que reveste certa importância para a conservação da estação.

Efectivamente a parte da costa desprotegida, é formada por dunas de areia muito fina, que avançam por vezes para o interior, cobrindo as formações mais antigas.

Atendendo a este pormenor pode-se presumir a existência de outras estações costeiras em pontos onde também se encontram calhaus rolados (*Areosa*, *Viana do Castelo*, etc.).

Os instrumentos descobrem-se em maior abundância entre o *Forte* e a *Estação de Caminho de Ferro de Ancora* (est. I, fig. 1),

(1) O mapa da fig. 1 foi adaptado das folhas n.ºs 1 e 4 da *Carta geodésica de Portugal*, na escala 1 : 100.000, com a adição de alguns pormenores. Os achados asturienses estão localizados por pequenas cruces. A indicação das estações galegas devo-a ao Rev. P.º Jallhay, a quem testemunho o meu reconhecimento.

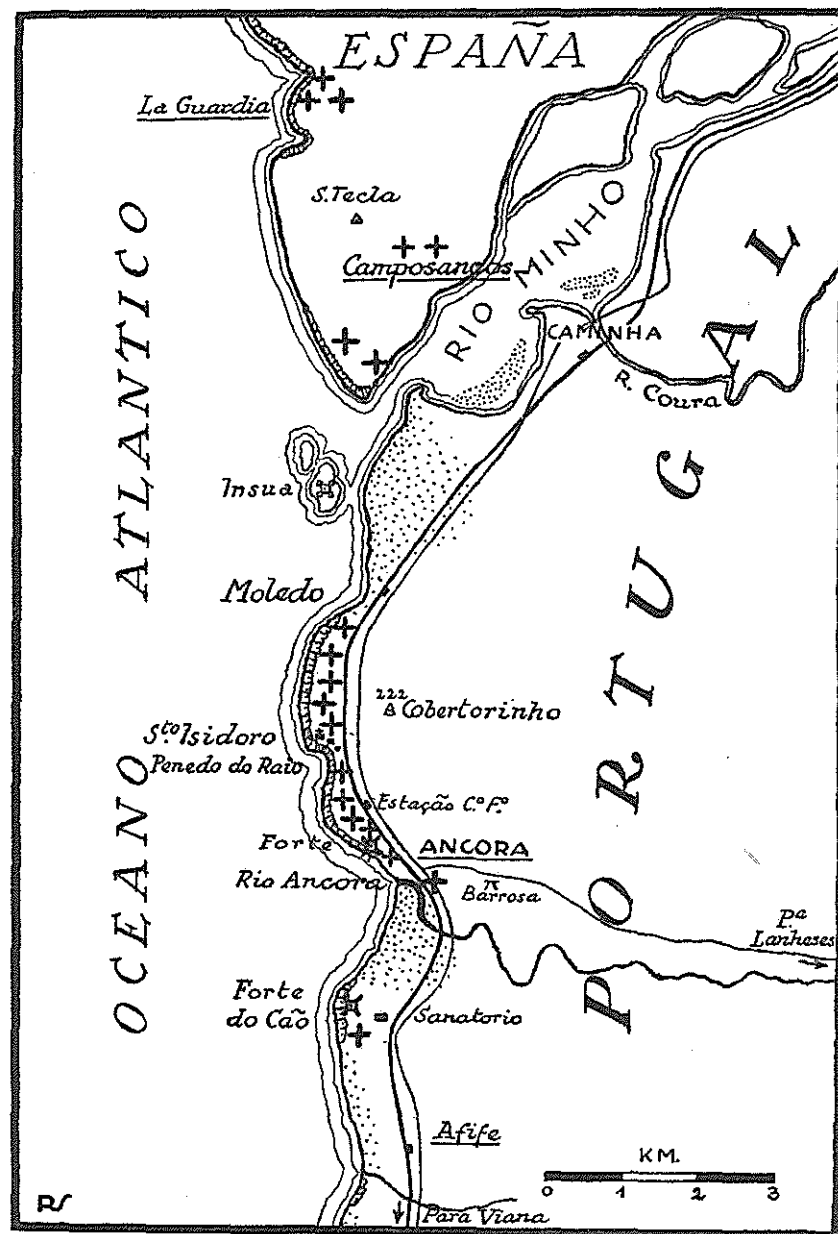


Fig. 1 — Mapa da costa minhota e galega com a indicação das estações asturienses. (Escala 1/100.000)

tendo sido recolhidos nesta zona os picos mais perfeitos e quasi todos os pesos de rêde.

Até *Moledo do Minho* os achados distribuem-se regularmente, sendo notáveis pelo seu tamanho os picos desta última localidade.

Perto da *Capela de Santo Isidoro* aumenta o número de exemplares recolhidos, devido talvez à praia ser mais abrigada, por formar uma enseada entre a capela e o *Penedo do Raio* (est. II, fig. 2) <sup>(1)</sup>.

A *Vila-Praia de Ancora* fica na margem direita e junto à foz do rio do mesmo nome, no concelho de *Caminha* e distrito de *Viana do Castelo*.

É servida pelo apeadeiro de *Ancora-Praia*, e, a norte dêste, pela estação de *Ancora*, da linha de caminho de ferro do *Minho* (km. 97).

A povoação é atravessada pela estrada de *Viana a Caminha*, entroncando com ela na praça a estrada para *Lanhezes e Ponte do Lima*.

A vila é de criação recente, com a designação de *Vila-Praia de Ancora*, no lugar de *Lagarteira*, da antiga freguesia de *Gontinhães* <sup>(2)</sup>, para onde se deslocou, com

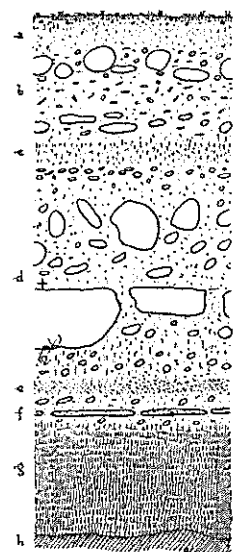


Fig. 2 — Corte de terreno  
perto do Forte de Ancora.  
1/25

(1) Interrogados uns pedreiros sobre a origem dêste nome, explicaram que fôra devido ao penedo ter sido fendido por um raio. Entre êste penedo e o menor, que está na fotografia à esquerda, fica um caminho por onde passam carros, o que dá ideia do seu tamanho.

(2) No onomástico medieval aparecem: Gontin, Gontina, Gontinaes, Gontinha e Gontinho. Cf. A. Cortesão, *Onomástico medieval português*. «O Archeólogo Português», XI, pág. 113.

o movimento balnear, a designação da vizinha freguesia de *Ancora*, situada junto ao rio na margem esquerda <sup>(1)</sup>.

O *Rio Ancora* nasce na *Serra de Arga* (816 m.) e desagua numa pequena enseada, defendida outrora pelo *Forte de Ancora*, a norte, e pelo *Forte do Cão* ao sul.

Antes da sua foz atravessa as aluviões modernas que enchem o vale, sobrepostas aos depósitos de quartzites roladas plio-pleistocenas. Descreve depois um grande meandro ao encontrar as dunas, que da sua margem esquerda se estendem pela costa até ao *Forte do Cão*.

#### Notas geológicas

É uma estação de ar livre, análoga às das praias de *Moulligna* (Biarritz), *Ciriego* (Santander) e *La Guardia*.

Os instrumentos encontram-se à superfície, ou a pequena profundidade cobertos por aluviões modernas, entre as quartzites roladas conhecidas vulgarmente por *seixos* (est. I, fig. 2), que forneceram o material para o seu fabrico.

Todos os instrumentos estão bem patinados, e alguns até um pouco rolados.

Recolhi um pico entalado entre dois penedos, na posição em que talvez o tivesse deixado o seu milenário possuidor.

A fôlha norte da *Carta Geológica de Portugal* (1899), por J. F. Nery Delgado e Paul Choffat, aponta granitos entre *Lagarteira* (Ancora) e *Moledo*, estendendo-se para o sul até ao *Monte de Santa Luzia* (552 m.).

Para o interior apresenta a côr convencional do pre-câmbrico e arcaico cortada pelo grande maciço granítico da *Serra de Arga*

(1) Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, vol. IV, pág. 15.



(783 m.), e por outros de menor importância em *Covas*, *S. Paio*, *Lanhelas*, etc. (1).

Na margem esquerda do Minho fica um grande depósito plio-pleistocénico, entre *Vila Nova de Cerveira* e *Monsão*, notável pela abundância de calhaus rolados (2).

As dunas cobrem a costa entre *Lagarteira* e *Afife*, e entre *Moledo* e *Caminha*.

Os granitos indicados na carta geológica estão na maioria metamorfizados (granitos gneissicos com turmalina e granadas). Nesta zona de contacto, dominada pelos três montes graníticos de *Santa Tecla*, *Serra de Arga* e *Santa Luzia*, abunda o estanho, que é explorado em vários pontos.

Os penedos da costa estão muito desgastados, apresentando numerosas e profundas *caldeiras de gigantes*, um pouco acima do actual nível do mar, o que sucede em outros pontos da costa (3).

Os calhaus rolados (seixos) encontram-se bastante para o interior, sobretudo no vale do *Ancora*, onde estão cobertos por aluviões recentes. Só em *Afife* os vi aglomerados, nos taludes sobranceiros à praia.

Em *Ancora* os habitantes extraem da praia, para o fabrico de argamassas, uma terra lodosa negra, a que chamam *barro*.

(1) Como me informa o sr. prof. C. Portugal, estas indicações da Carta Geológica são pouco precisas. Assim em *Covas* há gneisses e não granitos, etc. Cf. J. F. Nery Delgado, *Contribuições para o estudo dos terrenos paleozoicos*. «Com. do S. Geol. de Portugal», t. VI, pág. 57, Lisboa, 1904-1907.

(2) Segundo o sr. prof. C. Portugal, o pliocénico nota-se logo em *Caminha*, junto ao lugar de *Coura*, e a N. de *Santa Tecla* a W. de *Salcidos* (Galiza), e vai até *Monsão*.

(3) A. Nobre, *Traços geológicos das praias do Pôrto*, «Boletim do Atheneu Com. do Porto», 1892; Paul Choffat, *Preuves du déplacement de la ligne du rivage de l'océan*. «Comun. da Com. do Serv. Geol. de Portugal», t. VI, pág. 175, Lisboa, 1904-1907, e em portug. no «Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa», 13.ª série, n.º 12, 1894.

Esta terra encontra-se coberta pela areia e por aluviões de aspecto recente, assentando sobre o granito, em diferentes condições que resumiremos.

No corte de terreno da fig. 2, temos de cima para baixo: a) pequena camada de terra vegetal e areia fina com conchas fragmentadas; b) calhaus rolados e lascas de quartzite e granito; c) terra e areia; d) calhaus rolados e grandes pedras; e) leito de areia fina; f) camada de placas de schisto quiastolítico e granatífero, denotando uma disposição artificial; g) terra negra, camada de possança variável; h) granito.

No ponto indicado com uma cruz encontrou-se um pico partido.

Esta disposição nota-se no talude que está na est. III, fig. 1, à esquerda; ao centro vê-se uma mancha de terra negra, à superfície da qual estava incrustado um pico grosseiro.

A camada f (fig. 2) tem cerca de 7 metros de comprimento e aspecto artificial, pois as placas de schisto estão colocadas lado a lado e são de pedra vinda do interior.

Mais ao norte aparece, também em parte coberto por terra, um lajeado granítico de pequena extensão.

Ocorre perguntar se se tratará de vestígios de um trabalho humano, talvez restos de habitações, de época imprecisa.

Próximo do local de que se descreveu o corte de terreno e no mesmo talude, a disposição das camadas mantém-se. Apenas, separada da terra negra da base (g) por uns 25 cm. de areia e calhaus, está um leito de outra terra (espessura 2 cm. e comprimento cerca de 2 m.) apresentando pequenos fragmentos carbonosos. Estas camadas não forneceram fauna nem objectos.

Mais ao norte, a terra negra apresenta grande possança, e está coberta apenas por uns 30 cm. de areia. À sua superfície e bem incrustados, encontrei restos ósseos dum equídeo de aspecto recente.

A terra negra também aparece perto do *Sanatório de Afife*, ao sul do *Rio Ancora*, coberta por calhaus rolados em abundância.

Por falta de tempo não se puderam analisar as duas espécies de terra. Porém o ilustre geólogo sr. prof. E. Hernández-Pacheco, a quem enviei amostras, pronunciou-se com a sua alta competência do seguinte modo (1):

«Pelo que se pode concluir duma pequena amostra, é a terra característica das estações ao ar livre onde se acumulou e decom pôs grande quantidade de matérias orgânicas como consequência de habitação ou acampamento prolongado num ponto; tem muita analogia com a que se encontra na excavação das cavernas nos chamados níveis de habitação.

«Não creio que se trate duma formação geológica extensa como os *tirz* de Marrocos, o *tchernoziom* da Rússia, as chamadas *terras de bugeo*, na Andaluzia, ou a das cercanias da Laguna de la Janda (Cadiz); mas sim a terra típica dos fundos de cabana ou de acampamentos pré-históricos ou protohistóricos.

«Na província de Valencia há sítios que ocupam extensões de cerca de alguns hectares, sítios que lá chamam *cenizales*, com uma terra negra como a de Ancora, que é muito fértil e onde se encontram abundantes restos protohistóricos, dum ibérico tósco e até romanos».

Ainda que por ora se não possuam elementos para avaliar da idade de certas formações lodosas que se encontram em pequena extensão na foz do *Rio Ancora*, é interessante aproximá-las doutras semelhantes da França e Espanha atribuídas ao *optimum* climatérico post-glaciário (2).

(1) Aproveito a ocasião para publicamente lhe manifestar os meus agradecimentos.

(2) Obermaier, xxiii, pág. 387; H. Pacheco e J. Dantin, iii; Welsch, iii-A e vi; Breuil, vii; Conde de la Vega del Sella, xl-A, pág. 60.

### Nótulas arqueológicas

O *Vale do Ancora* é muito rico em monumentos megalíticos e estações pre-romanas, explorados na maioria por Martins Sarmiento.

O monumento mais importante é o *dolmen de Barroza*, a 1 km. aproximadamente da *Praça de Ancora*, na estrada para *Lanhezes*.

Tem os esteios imbricados, suportando sete dêles a mesa. O oitavo, que forma a cabeceira da câmara, foi partido quando descobriram o dolmen, ao lavrar a mamoa até então coberta por um pinhal. Foi esta a informação que me deram, ainda que M. Sarmiento julgue o facto propositado.

O dolmen é do tipo de corredor largo e desenvolvido, quasi se apresentando como continuação da câmara. Deve-se por isso incluír na lista dos dolmens típicos do eneolítico inicial português dada por Bosch Gimpera (1), juntamente com outros da *Galiza* (2).

O corredor estreita ligeiramente para a entrada, virada a nascente, inflectindo-se para nordeste. Compõe-se de dez pedras e mede cerca de 6 metros até à entrada da câmara.

A-pesar-de o dolmen já estar remexido, Martins Sarmiento recolheu um machado de diorite partido, uma ponta de seta de sílex avermelhado, metade duma conta de azeviche, fragmentos de louça grosseira e de telha romana (3).

(1) P. Bosch Gimpera, ix, pág. 151 e lam. 1. Barcelona, 1920; e P. B. Gimpera e L. Pericot, *Les civilisations de la péninsule ibérique pendant le néolithique et l'énéolithique*. «L'Anthr.», xxxv, pág. 418. Paris, 1925.

(2) Florentino L. Cuevillas e Fermin Bouza Brey, *Prehistoria e Folklore da Barbanza*, págs. 25 e 26. Cruña, 1928.

(3) F. Martins Sarmiento, *Materiaes para a archeologia do districto de Viana*, I, Antas, «Pero Gallego», n.º 11, pág. 3. Viana do Castelo, 1882; e na «Rev. Sc. Naturais e Sociais», vol. iv, pág. 25. Pôrto, 1896; Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, fig. 206-207. Paris, 1856; José Caldas, *Archéologie préhistorique dans la province de Minho*, Compte-rendu du Congrès Int. d'Anthr. et d'Arch. Préhistoriques, à Lisbonne 1880, págs. 346-348, pl. 1. Lisboa, 1884.

Perto dêste dolmen, conhecido por *lapa dos mouros*, ficavam a *anta do Pinhal do Santo de Ville* e a *cova da moura de Fraião*, onde M. Sarmiento menciona o achado de p $\acute{o}$ ntas de seta e machados polidos (1).

Do comêço da idade do bronze devem ser as cistas rectangulares (*antelas e mamunhas*) da *Eireira*, *Chã das Varges*, *Maruco*

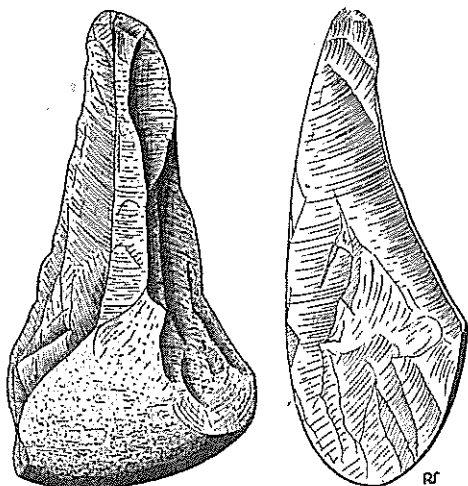


Fig. 3 . Pico asturiense de Ancora (de frente e de perfil). 1/2

*das Águas* e *Cruzeiro da Portella*, onde foi recolhido escasso material (2).

Cita ainda Martins Sarmiento as seguintes estações pre-romanas: *Crasto*, *Picoto dos Mouros* e *Santo Amaro*, na margem direita do *Rio Ancora*; e *Castro*, *Castro dos Mouros* e *Cividade*, na margem esquerda (3).

(1) F. M. Sarmiento, *Materiaes*, etc. «Pero Gallego», n.º 13, págs. 2-3.

(2) F. M. Sarmiento, *Materiaes*, etc. «Rev. Sc. Nat. Soc.», vol. iv, págs. 146 a 148; Cartailhac, *Les âges*, etc., pág. 159 e figs. 208 e 209, Paris, 1856; P. Bosch Gimpera, ix, págs. 167 e 173.

(3) F. M. Sarmiento, *Observações ácêrca do Valle do Ancora*, «O Pantheon», pág. 1, Pôrto, 1880; Cartailhac, *Les âges*, etc., pág. 292 e fig. 420.

### Descrição da indústria

O instrumento mais abundante é o *pico* de tipo asturiense, com algumas diferenças morfológicas e variantes.

É um utensílio ponteagudo, talhado na face anterior dum calhau rolado de quartzite, cuja prensibilidade é facilitada pela superfície natural do seixo conservada sempre na base e na face posterior (fig. 3).

Segundo pude observar, já nas estações de: *Arronches* (1) e *Elvas* (2), nas margens do *Rio Caia*; *Casal do Monte* e *Damaia* (Lisboa) (3); *Pôrto* (4) e arredores dos *Arcos de Valdevez* (5), consideradas como do paleolítico inferior, aparecem alguns instrumentos de quartzite talhados dum só lado, e em que o talão e a face posterior são formados pela superfície rolada do seixo.

O mesmo se nota em algumas estações paleolíticas espanho-

(1) H. Breuil, *La station paléolithique ancienne d'Arronches* (Portalegre), «O Archeólogo Português», vol. xxiv, págs. 47-55, Lisboa, 1920; Colecção do Museu Etnológico Português (inédita).

(2) Descoberta pelo sr. Lerenó Antunes (inédita). Vi alguns instrumentos nas colecções do M. Etnológico e do sr. dr. Joaquim Fontes. Na colecção do autor existe, por oferta do sr. Lerenó, um instrumento de Elvas absolutamente idêntico a um pico, talhado numa só face, e outros semelhantes; juntamente com outros que pelo aspecto parecem do paleolítico inferior, alguns mesmo com o talhe bi-facial em zigue-zague.

(3) Nas colecções do M. Etnológico, drs. Vergílio Correia e J. Fontes. Bibliografia: J. Fontes, *O homem fóssil em Portugal*, Lisboa, 1923 e do mesmo xxv, pág. 12 ou xxvi, pág. 249.

(4) No Museu dos Serviços Geológicos (Lisboa). F. de Vasconcelos P. Cabral, *Résumé d'une étude sur quelques dépôts superficiels du bassin du Douro*, C.-r. du Congrès Int. d'Anthr., etc., 1880, fig. 2, pl. III, Lisboa, 1884 e J. Fontes, *Instruments paléolithiques des environs de Porto* «Bull. Soc. Portugaise des Sc. Nat.», vol. VII, pág. 17, pl. II, Lisboa, 1915 e Comunicações da Dir. dos Serviços Geológicos, vol. XII, Lisboa, 1916.

(5) Descobertas inéditas do R. P. José Saraiva de Miranda em Ermelo, S. Jorge, etc. Na colecção do sr. dr. Joaquim Fontes.

las: *bacia do Guadiana* <sup>(1)</sup>, *Derramaderos* <sup>(2)</sup>, *Camposancos* <sup>(3)</sup>, *Valladolid* <sup>(4)</sup>, *Cueva Morin* <sup>(5)</sup>, etc., e noutras estrangeiras.

Nos *picos asturienses*, tal como os representa o sr. Conde de la Vega del Sella <sup>(6)</sup>, depois de ter separado utensílios semelhantes de outros níveis que com êles se encontravam, o lascado dos dois bordos une-se numa aresta média, que tem em geral mais de metade do comprimento do pico. Neste caso a linha que separa o

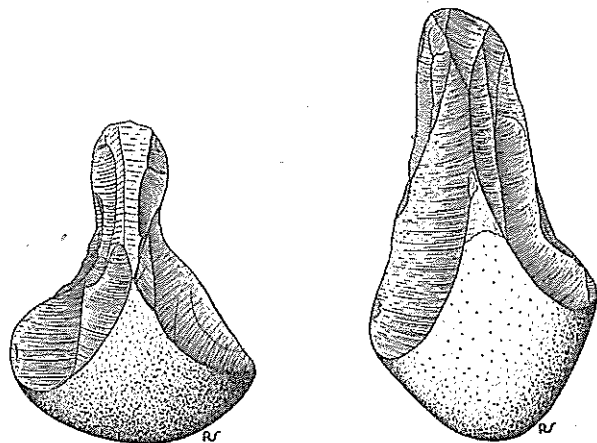


Fig. 4

Picos asturienses de Ancora. 1/2

Fig. 5

talão da superfície lascada tem pequeno desenvolvimento, e o talão é reduzido. Além disso os bordos são em geral côncavos.

Os instrumentos de *Ancora* propriamente dêste tipo são em

(1) H. Breuil, *Glances paléolithiques anciennes dans le bassin du Guadiana*, «L'Anthr.», t. XXVIII, págs. 1-19, Paris, 1917.

(2) E.-H. Pacheco, III, pág. 20.

(3) J. Fontes, XXV e XXVI.

(4) Santa Olalla, XXXI.

(5) Conde de la Vega del Sella, *El paleolítico de Cueva Morin (Santander)*, etc., págs. 46-47, «Mem. C. I. P. P.», n.º 29, Madrid, 1921.

(6) Conde de la Vega del Sella, XIV, págs. 13 e segs.

pequeno número, notando-se sobretudo entre os fabricados de seixos curtos (ests. II e III).

Nos *picos ancorenses* (cêrca de 40 %) a superfície rolada que forma o talão prolonga-se pela face anterior, muitas vezes quasi até à extremidade do pico (fig. 8).

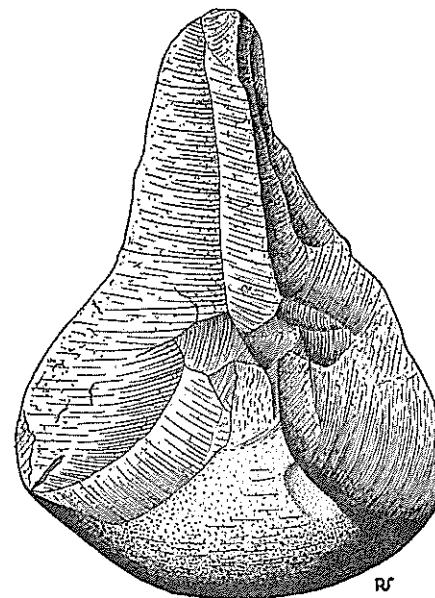


Fig. 6 - Grande pico asturiense de Ancora (Penedo do Raio). 1/2

Entre os picos de *Ancora* aparece um tipo novo, em que a aresta média é substituída por uma facêta (fig. 3). Encontra-se também em *La Guardia* <sup>(1)</sup>.

A facêta média toma grande desenvolvimento nos *picos espalmados*, em que a face anterior é lascada quasi até à base (est. IV, e fig. 11). Êste tipo foi apontado pela primeira vez em *La Guardia* <sup>(2)</sup>, onde é mais abundante do que em *Ancora*.

(1) Jalhay, XLI, est. III no centro.

(2) Jalhay, XLI, págs. 8 e 9, fig. 3.

Menos vulgares são uns *machadinhos*, com um pequeno gume talhado na extremidade de seixos alongados de secção quasi circular (est. VIII, 7 e fig. 12). Estes instrumentos foram descritos pelo sr. Conde de la Vega del Sella, como menos frequentes do que os picos, com a designação de *hachuelas* <sup>(1)</sup>.

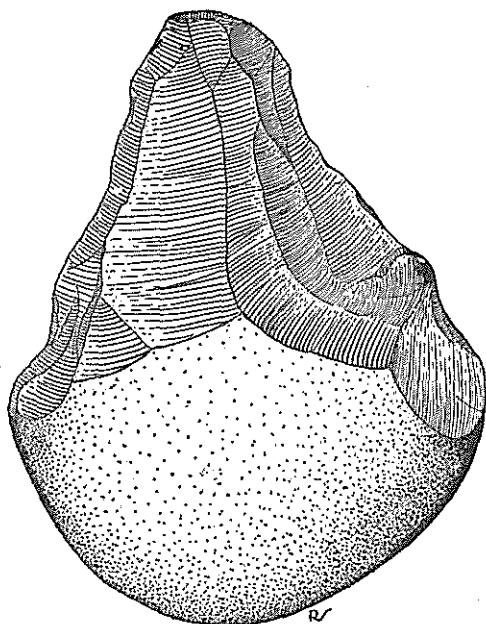


Fig. 7 — Grande pico asturiense de Moledo do Minho. 1/2

Por último em alguns instrumentos que, por comodidade e por aparecerem com relativa abundância (20 0/0), designaremos por *picos arredondados* <sup>(2)</sup>, o gume é curvilíneo e contínuo (fig. 13).

(1) Conde de la Vega del Sella, XIV, pág. 16, figs. 7 e 8.

(2) Esta designação não é correcta, pois por definição não se concebe um pico arredondado. Segundo o sr. prof. Leite de Vasconcelos a expressão própria seria *instrumento piquiforme arredondado*. Preferimos a primeira por ser mais simples e indicar que se trata dum instrumento do formato geral dum pico, mas com o gume curvilíneo. Se não estivesse consagrado para o paleolítico inferior o nome «machado de mão», seria aqui o indicado, visto haver o precedente dos «machadinhos» e quadrar ao seu aspecto.

A estes instrumentos, que não vemos descritos nas estações congêneres, parece cabido o nome pela sua morfologia, que os assemelha a *coups-de-poing* de algumas estações paleolíticas.

Com menor frequência aparecem *pesos de rede* (fig. 19), *raspadores* (fig. 17) e *lâminas* (figs. 15 e 16).

Nítidamente do tipo do paleolítico inferior só foi encontrado um *coup-de-poing* (fig. 20), talhado nas duas faces e com o bordo em zigue-zague.

Dentro dos actuais conhecimentos do paleolítico português, é impossível separar instrumentos do paleolítico superior, pre-asturienses, que se encontrem juntos com os picos de tipo asturiense.

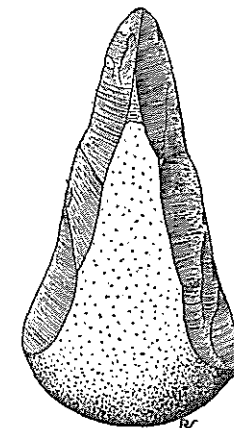


Fig. 8 — Pico ancorense de Ancora. 1/2

Devido ao grande número de exemplares recolhidos, é fácil reconhecer estes grupos, ainda que não nos iludamos com o que tem de convencional esta divisão. Algumas vezes, como é natural, não se podem estabelecer distinções para instrumentos que participam dos caracteres de dois grupos; o mesmo tem sucedido em circunstâncias análogas a vários autores.

• Parece-nos que muitos instrumentos não obedecem a necessidades diversas de utilização, mas a modalidades diferentes de fa-

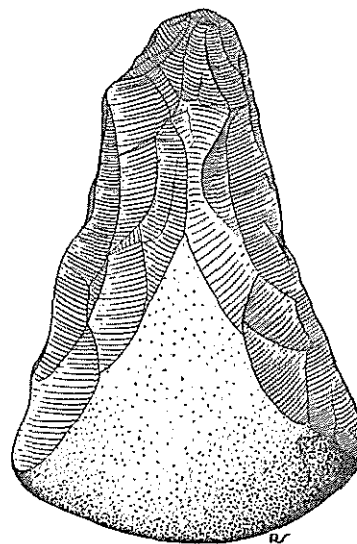


Fig. 9 — Grande pico ancorense de Moledo do Minho. 1/2

brico, determinadas sobretudo pela forma e dimensões dos seixos empregados e pelos acasos do talhe. Assim é que, dentro dos tipos citados, a maior diferença que se nota é devida ao seixo ser longo ou curto, e ainda muito ou pouco espesso, o que se pode verificar examinando as estampas.

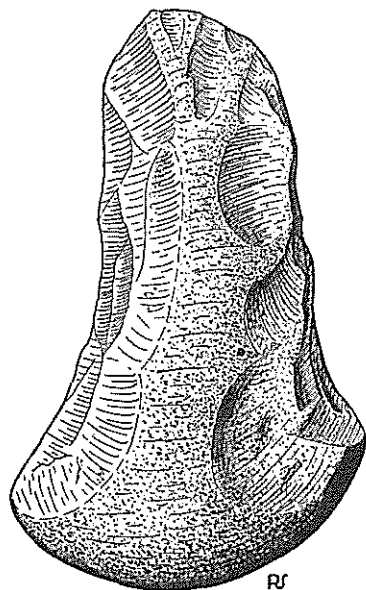


Fig. 10—Pico sub-retangular de Ancora. 1/2

Como já se disse, excede 500 o número de *picos* recolhidos, o que torna *Ancora* a estação asturiense mais rica que por ora se conhece (1).

### Picos

O tipo de *pico asturiense* está representado na est. V e na fig. 3. Êste último exemplar é de quartzite branco-amarelada,

(1) Jalhay, XLI, págs. 7 e 8. Em *La Guardia* colheu êste arqueólogo 110 picos; e a *Cueva de la Franca*, a mais rica das Astúrias, deu 40 picos.

apresentando a facêta média já descrita. O n.º 5 da est. V merece também referência pela sua delicadeza e pequenas dimensões ( $8,5 \times 5 \times 3$  cm.).

Nalguns exemplares da est. V (n.ºs 2, 3 e 4) o talhe nos dois bordos é quasi perpendicular à superfície do seixo, restando no meio uma estreita faixa da superfície rolada, que os assemelha a picos das *Cuevas del Penicjal* (1) e de *Arnero* (2), e de *La Guardia* (3).

O pico da fig. 4, do tipo curto, é de quartzite cinzento-escuro. Na parte média apresenta um estrangulamento, o que lhe dá um aspecto particular.

Devido à forma do seixo o pico da fig. 5 tem a empunhadura muito semelhante à dum exemplar da *Cueva del Penicjal* (4). Representámo-lo para mostrar como muitas vezes a forma do instrumento é determinada pelas características do seixo empregado na sua execução.

O comprimento dêstes instrumentos tem um valor médio de 11 cm., análogo ao dos picos das *Asturias* (5).

Encontram-se no entanto em *Ancora* grandes instrumentos, talvez os maiores que se conhecem no asturiense.

O pico da fig. 6 foi encontrado junto do *Penedo do Raio*, tem as arestas muito vivas e apresenta a facêta média. Mede  $15 \times 11,5 \times 5$  cm. e pesa 750 grs.

Maiores dimensões ( $16 \times 13 \times 5,5$  cm.) tem o pico da fig. 7, apesar-de ter a ponta partida. Pesa 1300 grs. e foi recolhido

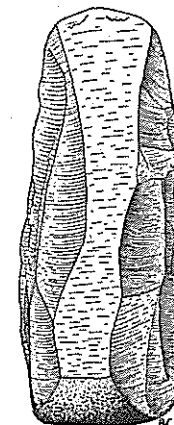


Fig. 11—Pico espalmado de Ancora. 1/2

(1) Conde de la Vega del Sella, II, fig. 4.

(2) Ibid., XIV, fig. 3.

(3) Colecção do R. P. Jalhay no Instituto Nun'Alvares (*La Guardia*).

(4) Conde de la Vega del Sella, II, fig. 3.

(5) Ibid., XIV, pág. 14.

próximo de *Moledo*, onde abundam os instrumentos de grande tamanho.

Pelas suas dimensões e pêso êstes instrumentos deviam talvez ser utilizados com ambas as mãos.

A-par dêstes há instrumentos minúsculos como os n.ºs 3 a 5 da est. VIII.

Varia o seu pêso entre 50 e 145 grs. e o comprimento entre 6 e 7,5 cm. O n.º 4 tem o tamanho dos pesos de rêde, que estão ao lado (n.ºs 1 e 2). Foi encontrado perto do *Penedo do Raio*, juntamente com o pico grande da fig. 6.

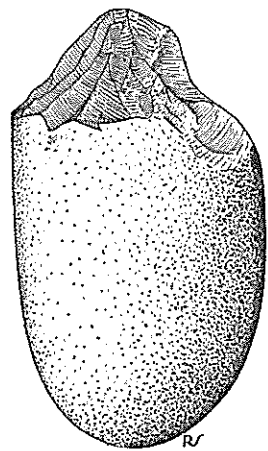


Fig. 12 — Machadinho de Ancora.  
1/2

Nos *picos ancorenenses* é muito frequente prolongar-se pela face anterior a superfície rolada do seixo (fig. 8), de modo a tornar muito reduzido o comprimento da aresta média.

Esta superfície lisa toma formas variadas, em geral é triangular ou trapézoidal.

O pico da fig. 9 é um grande instrumento dêste tipo, encontrado perto de *Moledo*. Mede  $14 \times 9,5 \times 5$  cm. e pesa 750 grs.

Na est. VI estão reunidos picos curtos de diversos tipos.

Os picos de formato sub-retangular (est. IV, n.ºs 6 a 10), de aspecto muito grosseiro, são particulares a *La Guardia* (1) e *Ancora*, onde se encontram na percentagem de cêrca de 14 %. O da fig. 10 é um belo exemplar, um pouco rolado, em que a superfície natural do seixo se prolonga quâsi até à extremidade da face anterior. Mede  $15 \times 9 \times 4$  cm. e pesa 680 grs.

(1) Jalhay, XXVII, fig. 3 e do mesmo XLI, ests. III e IV.

Alguns instrumentos, que não estão representados, são rectangulares, estando talhados em três bordos que se cortam em ângulo recto.

Os *picos espalmados* (est. IV, n.ºs 1 a 5) encontram-se em menor abundância (6 %) do que em *La Guardia* (1).

O pico espalmado da fig. 11 tem a face anterior plana em tôda a extensão e os bordos talhados quâsi perpendicularmente a ela.

Nesta figura, na est. IV, e em muitos exemplares por representar, nota-se a transição do pico com aresta média desenvolvida para o pico espalmado, pelo desenvolvimento da facêta média, que resulta dum modo particular de fabrico do pico. Nestes casos a primeira pancada tirava uma lasca no sentido do comprimento do seixo, e só depois eram desbastados os bordos.

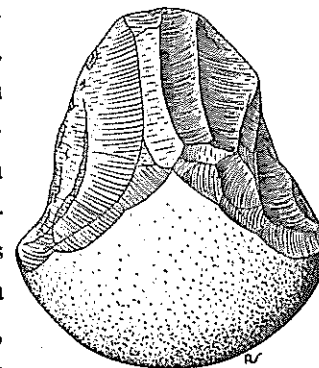


Fig. 13 — Pico arredondado de Ancora.  
1/2

As *machadinhas* (esp., *hachuela*) da fig. 12 e est. VIII, n.º 7, são do tipo asturiense das *Cuevas de la Franca*, *Arnero* e de *Penicual* (2). Também na *Cau del Duc*, de *Torroela de Montgri*, se encontraram instrumentos análogos (3).

Os *picos arredondados*, com um bordo curvilíneo cortante, estão representados nas figs. 13 e 14, e est. VII, onde se destaca o n.º 3 pela sua forma elegante.

O instrumento da fig. 14 tem semelhanças com outro de

(1) Jalhay, XLI, págs. 7 e 9. Em 110 picos são espalmados 15, ou sejam 13,5 %, o dôbro de Ancora.

(2) Conde de la Vega del Sella, II, fig. 6 e do mesmo XIV, fig. 7, onde a «hachuela» de Penicual, por lapso, está dada como de la Franca.

(3) Pericot, XLV, figs. 42, 44 e 45.

*Camposancos* (1), com outro inédito de *Elvas* encontrado pelo sr. Lerenó Antunes (na colecção do autor), e com um «hendidor» da *Cueva de Fonfria* (2).

Na *Cau del Duc* (Torroela de Montgrí) os instrumentos teem na maioria o gume curvilíneo, e são talhados sobretudo na extremidade sem formar a aresta média (3).

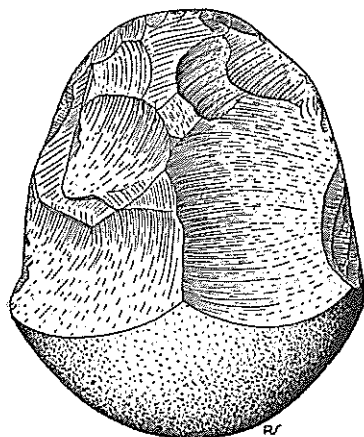


Fig. 14 — Grande pico arredondado de Ancora. 1/2

### Lâminas

As lâminas de quartzite das figs. 15 e 16, encontradas em *Moledo* e *Ancora*, são dum tipo muito raro nas estações pré-históricas peninsulares.

Da *Cau del Duc* (Torroella de Montgrí) descreve o dr. Pericot cinco lâminas de quartzite um pouco diferentes, medindo a maior 7 cm. (4).

As lâminas *ancorenses* são fabricadas dum lasca, muito desbastada nos bordos, de modo a produzir instrumentos alongados de gume cortante. A ponta pode ser aguda ou arredondada.

Nas lâminas representadas conserva-se ainda a facêta anterior da primitiva lasca, e na face posterior a superfície rolada do seixo. Noutras o talhe dos dois bordos encetou mais a lasca e reüine-se numa aresta a todo o comprimento.

Os exemplares das figs. 15 e 16 medem respectivamente 9 e 11,5 cm. de comprimento, e pesam 130 e 185 grs.

(1) J. Fontes, XXV e XXVI, fig. 1.

(2) Conde de la Vega del Sella, v, lam. XLIII, fig. 2.

(3) Pericot, XLV.

(4) Pericot, XLV, fig. 50.

A particularidade mais notável dêstes instrumentos é um chanfro basal, do mesmo lado em ambos os exemplares, que talvez servisse para o seu encabamento, como nas pontas de sílex com chanfro basal (*punta de muesca; pointe à cran*) do paleolítico superior.

### Raspadores

Na fig. 17 está representado um raspador discóide de quartzite. É feito dum lasca oblonga, conservando na face posterior a superfície rolada do seixo, com retoques marginais na face anterior. Está levemente rolado. Pesa 260 grs. e mede  $11,7 \times 60,7 \times 2$  cm.

Na est. VIII, n.ºs 6 e 8, figuram dois raspadores de quartzite, sendo muito cuidado o trabalho do n.º 6, que é comparável a instrumentos de *Camposancos*.

O instrumento da fig. 18 é dum formato menos vulgar, encontrando-se espalhado por tôda a estação.

Estes instrumentos lembram tipos do paleolítico inferior (1), mas nas *Astúrias* há raspadores asturienses semelhantes àqueles (2).

Na *Cueva del Penical* (3) e em *La Guardia* (4) também apparecem discos ou raspadores congêneres.

De *Casal do Monte* conheço raspadores de quartzite fabricados dum lasca retocada nos bordos e conservando numa das faces

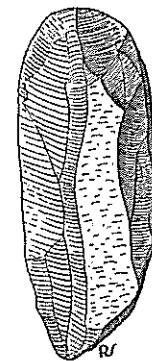


Fig. 15 — Lâmina de quartzite de Moledo do Minho. 1/2

(1) Conde de la Vega del Sella, *El paleolítico de Cueva Morin*, etc., pág. 46 e fig. 19 (raspadores mustierenses).

(2) *Ibid.* XIV, pág. 19.

(3) *Ibid.* II, pág. 7, fig. 5 e est. III.

(4) Jalhay, XLI, pág. 9.



a superfície rolada do seixo. O mesmo sucede em exemplares do *Casal do Muntal* (Loures) (1).

Na *Cau del Duc* (Torroella de Montgrí), apareceram alguns instrumentos ovais com retoques nos bordos, de quartzite, e tendo a superfície inferior rolada (2).

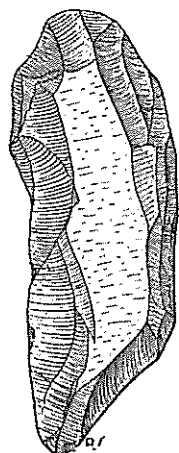


Fig. 16 — Lâmina de quartzite de Ancora, 1/2

### Pesos de rêde

A fig. 19 representa sete pequenos pesos (3), fabricados de seixos alongados, com dois chanfros nas extremidades do diâmetro menor, na posição provável em que deviam ser empregados.

Como estes objectos se encontram bastante rolados e o seu achado se deu numa estação costeira, é admissível a hipótese de serem pesos de rêde.

Confirmam esta atribuição: o seu diminuto pêso — de 45 a 150 grs. — e exíguas dimensões — de 5,4 a 8 centímetros —, pois difficilmente serviriam para outro fim.

Estes instrumentos foram descritos pela primeira vez na estação asturiense de *La Guardia* (4), tendo também sido recolhidos na vizinha estação de *Camposancos*.

(1) No «M. Etnológico Português», n.ºs 1250 e segs.; e nas colecções dos srs. dr. J. Fontes e dr. Vergílio Correia.

(2) Pericot, XLV, figs. 51, 1 e 2.

(3) Os n.ºs 1 e 2 estão representados com o mesmo número na est. VIII. Os pesos da fig. 19 estão distribuídos pelas seguintes colecções: n.ºs 1, 3, 4 e 5, no «Museu de Antropologia», do Porto; n.º 2, na col. do R. P.º Jalhay; n.º 6, no «Museu Etnológico Português»; n.º 7, no «Museu Nac. de Ciencias Naturales», de Madrid.

(4) Jalhay, XLI, pág. 9.

Não se encontraram ainda nas outras estações asturienses da península.

O sr. Conde de la Vega del Sella não vê impossibilidade para que os pesos de rêde sejam asturienses, desde que se encontrem na maioria das estações onde aparecem os picos, o que por ora só se deu nas estações do litoral atlântico (*Camposancos*, *La Guardia* e *Ancora*).

O pêso n.º 3 (fig. 19) foi encontrado juntamente com dois

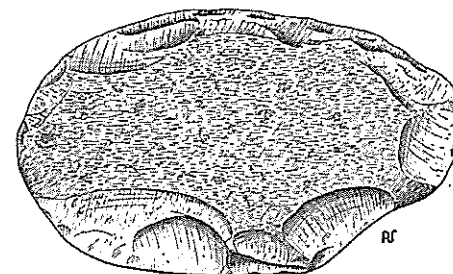


Fig. 17 — Raspador discoide de quartzite. Ancora, 1/2

picos, numa excavação para os alicerces duma casa, à saída da Vila de *Ancora* pela estrada de *Viana*, e entre a estrada e a via férrea.

Estes objectos podem considerar-se pouco vulgares, pois a percentagem para os objectos encontrados é de cêrca de 1,5 em *Ancora* e de 4 em *La Guardia* (1).

Encontram-se pesos análogos: talvez no neolítico do *Castelo de Pavia* (2); no eneolítico em *Pepim* (3); na segunda idade do ferro

(1) Jalhay, XLI, pág. 9; cinco pesos para cêrca de 120 instrumentos em *La Guardia*.

(2) Vergílio Correia, *El neolítico de Pavia*, «Mem. C. I. P. P.», n.º 27, pág. 18. Madrid, 1921.

(3) Exploração inédita do ilustre arqueólogo sr. José de Pinho, que me comunicou ter aí encontrado dois instrumentos semelhantes aos picos asturienses. Nesta estação, como nos castros do interior (S. Julião, Briteiros, etc.), os pesos apresentam maiores dimensões e são logicamente considerados como pesos de tear.

em *Santa Olaya*; na cultura dos castros do norte de *Portugal* e da *Galiza* em: *Sabroso* e *Briteiros* <sup>(1)</sup>, *S. Julião de Caldelas* <sup>(2)</sup>, *S. Tecla* <sup>(3)</sup>, *Oya* <sup>(4)</sup>, etc., alcançando em alguns destes castros a dominação romana. Na estação de *S.ª Olaya* (Montemór-o-Velho) da segunda idade do ferro I <sup>(5)</sup>, apareceram pesos de rêde deste tipo, mas feitos de fragmentos de vasos de barro <sup>(6)</sup>.

### Coup-de-poing

Este instrumento, fabricado dum seixo de quartzite avermelhada, é único na colecção.

É de formato sub-rectangular e foi talhado a grandes lascas nos bordos das duas faces, de modo a produzir um gume em zigue-zague (fig. 20).

Foi encontrado isolado numa enseada, ao sul da capela de *Santo Isidoro* (fig. 1), onde abundam as quartzites roladas. Pesa 380 grs. e mede 10,8×60,4×30,2 cm.

O talão é formado pela superfície natural do seixo, que se prolonga pelas duas faces, devido ao talhe ter sido apenas executado nos bordos, como sucede em grande número dos *coups-de-poing* portugueses (*Elvas*, *Arronches*, *Casal do Monte*, *Campolide*, etc.).

Por estas características, que o identificam com outros instru-

(1) Cartailhac, *Les âges*, etc., pág. 276 e no «Museu de Guimarães».

(2) J. Fontes, *La station de S. Julião aux environs de Caldelas*, «Bull. de la Soc. Port. des Sc. Nat.», págs. 201-203, vol. VII. Lisboa, 1916.

(3) Julián López García, *La citania de S.ª Tecla*, etc., pág. 109 e figs. 63 e 64. La Guardia, 1926; e no «Museu de La Guardia».

(4) E. Jalhay, *Un nuevo castro gallego*, (Oya, Pontevedra). «Bol. A. C. P. M. H. A. O.», t. VIII, n.º 173, pág. 39. Orense, 1927.

(5) B. Gimpera, IX, págs. 189, 190 e 205.

(6) A. Santos Rocha, *Estações pre-romanas da idade do ferro nas vizinhanças da Figueira*, I, *Santa Olaya*. «Portygalia», II, pág. 350, figs. 249 a 254, est. XXVIII.

mentos do paleolítico inferior, considero-o um *coup-de-poing*. Por outro lado a conservação, em ambas as faces, de grande porção da superfície rolada, lembra a técnica de grande parte dos instrumentos ancorense.

Este tipo de *coup-de-poing* não é contudo novo na península. Encontra-se por exemplo em *Camposancos* <sup>(1)</sup> e *Casal do Monte* <sup>(2)</sup>.

Um dos machados de mão de *Montgri* <sup>(3)</sup> é semelhante, porém uma das faces conserva pouca superfície rolada.

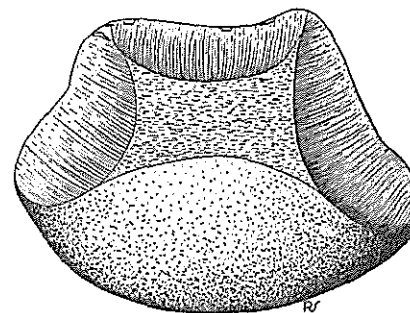


Fig. 18—Raspador de quartzite. Ancora. 1/2

Como na praia de *Cirlego* (Santander) <sup>(4)</sup> e talvez na estação de *Camposancos*, temos a mistura da indústria asturiense com a propriamente do paleolítico. Por se tratar duma estação ao ar livre não se pode afirmar até onde ela chega, visto nada se conhecer sobre o paleolítico superior em *Portugal*, durante o qual parecem persistir tipos primitivos.

(1) J. Fontes, XXV, fig. 4.

(2) No Museu de Antropologia do Porto (por oferta do sr. dr. Vergílio Corrêa ao A.), no Museu Etnológico e na colecção do sr. dr. J. Fontes, segundo pude observar.

(3) Pericot, XLV, fig. 47, 2.

(4) Conde de la Vega del Sella, XXXIX, pág. 393; Obermaier, XXIII, pág. 174.

### Fabrico dos picos

Os instrumentos são fabricados grosseiramente de seixos de quartzite, lascados numa só face, mantendo-se intacta a oposta.

Para obter os picos começava-se a lascagem da ponta para a base, retocando depois as imperfeições produzidas, como se depreende do exame dos instrumentos e de lascas encontradas em abundância.

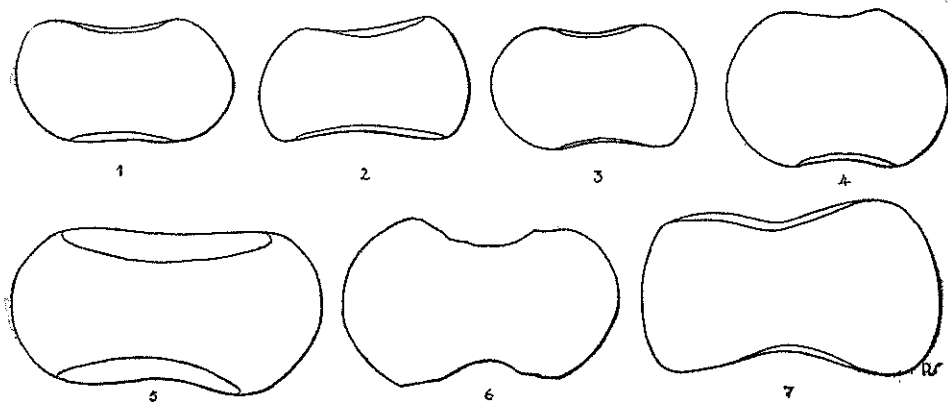


Fig. 19 — Pesos de réde. Ancora. 1/2

Na fig. 21 está representada uma lasca de quartzite, orientada na posição que devia ocupar no seixo, i. e., junto à base e à esquerda. Na face superior apresenta dois cortes produzidos no fabrico do pico, e na face posterior um só, com o bolbo de percussão bem nítido.

As lascas dêste tipo encontram-se principalmente na vizinhança do forte de *Ancora* (fig. 1, est. 1), onde se recolheu o maior número de instrumentos, que deviam ser fabricados no local.

Nas grutas das *Astúrias* também se encontraram vestígios de fabrico, representados por lascas e picos começados <sup>(1)</sup>.

(1) Conde de la Vega del Sella, XIV, pág. 18. Êste eminente arqueólogo conseguiu reproduzir picos idênticos aos asturienses. *Ibid.*, pág. 14.

Da *Cau del Duc* (Torroella de Montgrí) descreve o dr. Pericot algumas lascas de quartzite semelhantes às de *Ancora*, como tendo sido aproveitadas como pontas ou punções <sup>(1)</sup>.

### Utilização

Os picos pela sua forma oferecem uma fácil preensibilidade que exclui a ideia de encabamento, o que concorda com a utilização que lhes é atribuída.

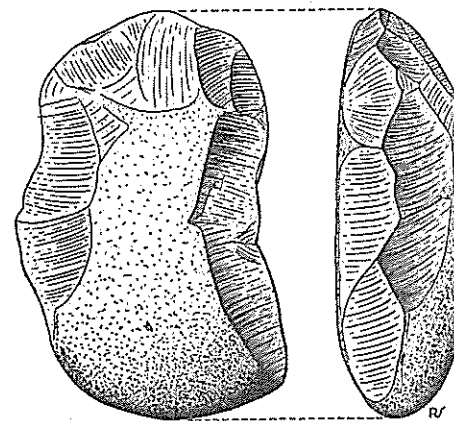


Fig. 20 — «Coup-de-poing» de Ancora (Santo Isidoro). 1/2

Alguns grandes exemplares, cujo pêso ultrapassa um quilograma, teriam de ser manejados com ambas as mãos, sendo talvez destinados a um fim diverso do dos outros picos.

Nas grutas das *Astúrias* o *asturiense* manifesta-se em «concheiros», depositados à entrada das grutas e caracterizados pelos picos, pela falta de cerâmica e pela fauna (troquídeos, etc., ausência de *Littorina littorea*).

Uma das espécies predominantes nos concheiros asturienses é a lapa (*Patella vulgata*, Lin.), o que levou o sr. Conde de la

(1) Pericot, XLV, fig. 49.

Vega del Sella a concluir que os picos seriam empregados na sua extracção dos rochedos, aos quais êste molusco adere fortemente, quando se pretende arrancar (1).

É esta também a opinião do prof. Breuil a respeito de instrumentos de quartzite, muito parecidos com os asturienses, das estações de *Er Yoh* e ilha de *Houat* (2). Efectivamente a forma do pico presta-se admiravelmente a êste fim.

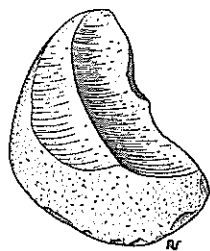


Fig. 21 — Lascas de quartzite.  
Ancora, 1/2

Já referimos que em quasi tôdas as estações do paleolítico português se encontram instrumentos lascados dum só lado, o que não constitui por si só característica do asturiense, mas antes uma técnica especial para conseguir um bordo cortante contínuo, em contraposição ao bordo em zigue-zague típico do chelense. O pico asturiense, ainda que de talhe paleolítico (3), constitui um instrumento de morfologia própria, notavelmente diferenciada na região cantábrica.

Actualmente, nas praias de *Ancora* e de *Moledo do Minho*, recolhem-se entre outras as seguintes espécies:

*Patella vulgata* e *P. athletica* (?); *Mytilus edulis*; *Littorina littorea* e *Lit. obtusata*; *Trochus lineatus*; *Gibbula cineraria*; etc. (4).

(1) Conde de la Vega del Sella, XIV, pág. 16 e XXIV, pág. 171.

(2) Dauntzberg et Fischer, XIX; Le Rouzic et Saint-Just Péquart, XXIX.

(3) Conde de la Vega del Sella, XXXIX, pág. 392.

(4) Espécies recolhidas pelo autor e existentes no Museu de Zoologia da Universidade do Pôrto.

## II

## Estação asturiense de Afife

As pesquisas efectuadas a sul do *Rio Ancora* (em 30 de Março de 1928) provaram já a existência duma estação asturiense próximo de *Afife* (1).

Entre o *Rio Ancora* e o *Forte do Cão* (cota 13) ficam extensas dunas, que se prolongam para o interior (V. mapa fig. 1).

Um pouco antes do Forte começa a corda de penedia, como em *Ancora*, sendo a praia formada unicamente de burgau. Os seixos em alguns pontos veem-se no talude, ligados por um cimento ferruginoso. Estão cobertos pela duna e assentam sobre a rocha. Êste depósito não está indicado na carta geológica de *Portugal*, onde só figuram as dunas.

Ao sul do Forte continua a penedia seguida pouco depois de areal até ao ribeiro de *Afife*, na foz do qual se erguem penedos muito curiosos, pois estão todos cobertos de pequenos cristais emaranhados, devido à erosão superficial do micaschisto quiasolítico que os forma.

O areal continua daí até *Montedor*, onde reaparece a penedia.

Em frente ao *Sanatório de Afife* (fig. 2, est. III) recolhi seis picos, entre os rochedos da praia.

A pequena distância, sob os calhaus rolados e a duna, aparece terra negra como a de *Ancora*.

Os picos de *Afife* em nada diferem dos de *Ancora*. São de tamanho médio e estão um pouco rolados.

(1) Nas inquirições de 1258 já figura a vila de *Afffi*. Cf. A. Cortesão, *Onom. mediev. port.* « Arch. Port. », VIII, 193.

Em metade dêles grande parte da superfície natural do seixo conserva-se na face superior. Num dos picos nota-se a facêta média.

### III

#### Distribuição geográfica do asturiense

O estudo do asturiense deve-se aos srs. Conde de la Vega del Sella e prof. H. Obermaier.

Em 1914 explorou aquele titular a *Cueva del Penical* (Astúrias), onde encontrou uma indústria com aspecto do paleolítico inferior (1).

A exploração de novas grutas (2) pelos citados arqueólogos, mostrou que se tratava duma civilização nova, o que levou Obermaier a dizer em 1916: « *Como elemento completamente nuevo aparece, después del azilo-tardenosiense, una civilización a la cual proponemos se dé el nombre de « Asturiense »; no encontrándose en ella ni cerámica ni piedra pulimentada* » (3).

Em 1923 publicou o sr. Conde de la Vega del Sella *El Asturiense — Nueva industria preneolítica* (4), onde reünira os resultados das suas explorações e as conclusões a que chegara sôbre a climatologia e cronologia do asturiense. Neste trabalho são enumeradas 16 localidades das *Astúrias* onde se encontrou o asturiense.

Na praia de *Moulligna* (Biarritz) encontra-se também o asturiense (5), tendo já em 1907 sido considerado como preneolítico

(1) Conde de la Vega del Sella, II.

(2) Ibid. V, págs. 63 e segs. e XIV, págs. 42 e segs.

(3) Obermaier, XXIII, pág. 334, ap. V, pág. 67.

(4) Conde de la Vega del Sella, XIV.

(5) Conde de la Vega del Sella, XIV, págs. 32-35.

pelos profs. Cartailhac, Obermaier e Breuil (1). É uma estação de ar livre, encontrando-se os instrumentos num corte de terreno, sob uma camada de turfa infraneolítica (2), juntamente com fragmentos de cerâmica grosseira e alguns instrumentos polidos (3).

No rochedo de *Mulon*, perto da ilha de *Houat* (Morbihan) foi explorada uma indústria do neolítico antigo, sincrónica ou um pouco posterior ao asturiense, segundo o prof. Breuil. Corrobora esta classificação a fauna, pois como nos concheiros asturienses, encontram-se troquídeos e faltam as littorinas (4).

No rochedo de *Er Yoh* (Morbihan) encontram-se *gros galets de quartz, grossièrement appointés*, que, segundo o prof. Breuil, serviriam para destacar os moluscos dos rochedos (5).

Na indústria desta estação notam-se sobretudo instrumentos de ôsso, e há machados polidos e fragmentos de cerâmica. A fauna é de tipo asturiense, visto que faltam as littorinas e aparecem os troquídeos.

É provável que na costa francesa se descubram mais estações asturienses, pois, como me comunica Mr. de Saint-Just Péquart, estas estações não teem sido particularmente estudadas.

Parece que esta cultura se estende à *Irlanda*, pois no Museu de *Dublin* existem peças dêste tipo da ilha de *Magee* (condado de Antrim) (6).

(1) Obermaier, XXIII, pág. 383.

(2) Obermaier, X, pág. 173 e XXIII, pág. 387; Conde de la Vega del Sella, XIV, págs. 33-35; Feuillade, I; Welsch, VI; Passemard, XII.

(3) Welsch, III-A, pág. 415, onde são citados: Bouillé, *Paléontologie de Biarritz*, 1.ª partie, 1873, pág. 449; e Jacquot, *Description géologique des falaises de Biarritz*, etc. Actes de la Soc. Lin. de Bordeaux, 1864, pág. 30.

(4) Dauntzberg et Fischer, XIX.

(5) Le Rouzic e Saint-Just Péquart, XXIX; S. J. Péquart, XXX; P. Bosch Gimpera, XXXIII.

(6) Bremer, XL.

Na *Cau del Duc* de *Torroella de Montgri* e na cova do mesmo nome de *Ullá* (Catalunha) aparece, segundo Obermaier (1), o asturiense, que o dr. Pericot supõe antes uma cultura post-paleolítica pobre aparentada com a asturiense (2), pela falta de utensílios típicos desta cultura.

Na costa atlântica encontram-se as estações de *La Guardia* (3), *Ancora* e *Afife*, que teem entre si grandes afinidades.

Alguns autores teem querido considerar como asturiense a estação de *Camposancos* (4) confundidos em parte pela existência na proximidade dum concheiro que julgam asturiense. No entanto, apesar-de estar muito perto da estação de *La Guardia*, o número de picos que se encontra em *Camposancos* é muito pequeno e os restantes instrumentos são bem diferenciados (5).

A cronologia do asturiense só está estabelecida para a costa cantábrica. É uma civilização costeira post-azilense caracterizada pelo *pico* e pela ausência de cerâmica.

Na fauna aparece o *Trochus lineatus*, que não existe no paleolítico superior. Faltam a *Littorina littorea* e o *Mytilus edulis* (que às vezes aparece em pequena porção numa fase avançada), tendo o primeiro molusco existido até ao azilense ou azilo-tardenosense (6).

O asturiense será talvez coetâneo do *optimum* climatérico

(1) Obermaier, XXIII, pág. 383; P. Bosch Gimpera, XVII e Pericot, XVI.

(2) Pericot, XLV.

(3) Jalhay, XXVII e XLI.

(4) Fontes, XXV e XXVI. Ver críticas em XXVIII e XXXIV.

(5) Obermaier reconhecendo elementos arqueológicos mais recentes (página 382) considera os restantes do paleolítico inferior, XXIII, pág. 191; Jalhay, XLI, págs. 10-11. É grande a semelhança da indústria camposanquense com parte da dos Arcos de Valdevez e arredores de Elvas. Notarei ainda a existência em Camposancos, Arronches e Elvas do mesmo disco circular, que não se encontra nas outras estações portuguesas.

(6) Conde de la Vega del Sella, V, XIV e XXIV, passim; Obermaier, XXIII, págs. 383 e 386.

post-glaciário (6.000-7.000 a J. C.), como se conclui do estudo da sua fauna (1) de clima mais quente do que o actual.

Esta indústria é considerada *preneolítica* por Obermaier e pelo Conde de la Vega del Sella (2) enquanto Bosch Gimpera a diz *protoneolítica*; sendo sincrónica do campigniense e do maglemo-sense (3). Para Rellini a técnica dos instrumentos asturienses apresenta semelhanças com a dos antigos amigdalóides italianos (4).

Vimos já que as indústrias de *Er Yoh* e ilha de *Houat* eram consideradas post-asturienses, encontrando-se misturadas com utensílios do neolítico inicial.

Pelo contrário, nas estações atlânticas aparecem instrumentos do paleolítico inferior e talvez do superior, o que faz pensar que sejam preasturienses como as da *Catalunha*. Além disso a riqueza destas estações sugere a ideia duma origem galaico-portuguesa para a cultura dita asturiense.

Pôrto, 14-v-1928.

(Desenhos do A.)

## RÉSUMÉ

La station asturienne d'*Ancora*, découverte par l'auteur en 1925 et explorée par lui en 1928, est la première de cette époque étudiée au Portugal et l'une des plus riches de la Péninsule Ibérique.

C'est une station de surface, se déployant sur la plage, du Fort d'*Ancora* jusqu'à *Moledo do Minho* (fig. 1).

Les instruments sont taillés dans des galets roulés en quartzite, conservant le cortex à la base et à la face postérieure.

(1) Conde, XIV, pág. 38, e Obermaier, XXIII, págs. 386 e 400.

(2) Conde, XIV; Obermaier, XXIII, págs. 382-388; Conde de la Vega del Sella, *Teoria del glaciario*, etc. Mem. C. I. P. P., n.º 35, pág. 53. Madrid, 1927.

(3) Obermaier, XXIII, pág. 400.

(4) Rellini, XLII, pág. 180.

Cette taille et la forme aiguisée de la plupart des instruments, sont caractéristiques des *pics asturiens*, étudiés par la première fois aux *Asturies* (Nord de l'Espagne).

On connaît maintenant l'expansion de l'*asturien* à-peu-près par 1.600 km. de côtes du *Portugal* (Ancora et Afife), *Espagne* (Galice, nombreuses stations aux Cantabres, et Catalogne), *France* (Biarritz, Ile de Houat et Er Yoh), et peut-être en *Irlande* (comté d'Antrim).

L'« asturien » typique des *Cantabres* se présente en des amas de coquilles (*concheros*) déposés à l'entrée des grottes. On trouve des « pics » et d'autres instruments en quartzite, et de rares ustensiles en os. La céramique manque tout à fait et n'apparaît que dans les « concheros » voisins du néolithique.

La faune appartient à un climat plus chaud que l'actuel. On y remarque des trochidés, qui manquent dans le paléolithique supérieur; les littorines, qui disparaissent avec l'*azilio-tardenoisien*, en sont absentes.

L'*asturien* est donc une culture pré-néolithique, contemporaine, en *Asturies*, de l'*optimum* post-glaciaire, pendant lequel se développent le *campygnien* en *France* et le *maglemosien* en *Scandinavie*.

L'abondance de patelles aux « concheros », fait croire à Mr. le Comte de la Vega del Sella que les « pics » seraient employés à arracher ces mollusques des roches, emploi avec lequel d'ailleurs leur forme s'accorde très bien. Mr. l'abbé Breuil est aussi de cet avis.

En *Ancora* on a trouvé plus de 500 pics, parmi lesquels il y a de nouveaux types à morphologie particulière, comme les *pics ancoréens* (figs. 8-9), les pics à bout curviligne (figs. 13-14), etc.

Sont aussi remarquables quelques gros exemplaires (figs. 6-7), des lames en quartzite (figs. 15-16) et des poids de filet (fig. 19).

Quelques instruments doivent représenter un stade pré-asturien, car l'A. a remarqué de semblables dans la plupart des stations paléolithiques portugaises. Parmi eux il y a un beau coup-de-poing (fig. 20) taillé sur les deux faces.

L'A. a découvert une autre station asturienne à *Afife* (fig. 1), avec une industrie semblable à celle d'*Ancora*.

## BIBLIOGRAFIA E ABREVIATURAS (1)

*Butll. A. C. A. E. P.* — Butlletí de la Associació Catalana d'Antropologia, Etnologia i Prehistòria.

*Bol. A. C. P. M. H. A. O.* — Boletín Arqueológico de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense.

*Rev. A.* — Revue Anthropologique.

*L'Anthr.* — L'Anthropologie.

*Journ. C.* — Journal de Conchyliologie.

*Mem. C. I. P. P.* — Memorias de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas (Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas).

*Trab. S. P. A. E.* — Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

\*

\* \*

I — FEUILLADE — *Traces de l'Homme préhistorique sur la plage d'Ilbarritz.* (Bull. Mensuel de la Biarritz-Association, t. XIX, n.º 6. Bayonne. 1914. Épuisé).

II — CONDE DE LA VEGA DEL SELLA — *La Cueva del Penicual (Asturias).* (Mem. C. I. P. P., n.º 4. Madrid. 1914).

III — EDUARDO HERNÁNDEZ-PACHECO — *Las tierras negras del extremo sur de España y sus yacimientos paleolíticos* e JUAN DANTIN — *Las tierras negras de Marruecos.* (Trabajos del Museo Nacional de Ciencias Naturales. Série geológica n.º 13. Madrid. 1915).

III-A — JULES WELSCH — *Les vallées pliocènes avec lignite de Bidart, Cénitz et Chabiague (Basses-Pyrénées).* (Extr. du Bull. de la Soc. Géol. de France, t. XV, 4.ª série, págs. 403-427. 1915).

IV — HUGO OBERMAIER — *El Hombre Fósil.* (Mem. C. I. P. P., n.º 9, 1.ª ed. Madrid. 1916).

V — CONDE DE LA VEGA DEL SELLA — *Paleolítico de Cueto de la Mina (Asturias).* (Mem. C. I. P. P., n.º 13. Madrid. 1916).

(1) Na bibliografia do asturiense reunimos algumas das mais importantes críticas aos trabalhos especiais, pelo interesse das opiniões nelas expendidas.

- VI—JULES WELSCH—*Les lignites du littoral et les forêts submergées de l'ouest de la France.* (L'Anthr., t. XXVIII, págs. 201-233. Paris. 1917).
- VII—L'ABBÉ H. BREUIL—*Observations sur les terres noires de la Laguna de la Janda.* (Ibid., págs. 235-240).
- VIII—H. BREUIL—Análise de V. (Ibid. pág. 448).
- IX—PEDRO BOSCH GIMPERA—*La Arqueología Preromana Hispánica.* (Apêndice à *Hispania* de A. Schulten, págs. 143-144. Barcelona. 1920).
- X—H. OBERMAIER—*Das Paläolithikum und Epipaläolithikum Spaniens.* (Anthropos. T. XIV-XV, págs. 143-179. Wien. 1919-1920).
- X-A—CONDE DE LA VEGA DEL SELLA—*El paleolítico de Cueva Morin (Santander) y Notas para la climatología cuaternaria.* (Mem. C. I. P. P., n.º 29. Madrid. 1921).
- XI—P. BOSCH GIMPERA—*Ensayo de una reconstrucción de la Etnología Prehistórica de la Península Ibérica.* (Boletín de la Biblioteca Menéndez Pelayo. Santander. 1922).
- XII—NILS ABERG—*Studier öfver den yngre Stenaldern i Norden och Västeuropa.* (Norrköping. 1912 (ou 1922?). Apud Bosch XVII, pág. 11).
- XIII—E. PASSEMARD—*L'industrie des tourbes de Mouligna.* (Apud XIV, pág. 33).
- XIV—CONDE DE LA VEGA DEL SELLA—*El Asturiense. Nueva industria preneolítica.* (Mem. C. I. P. P., n.º 32. Madrid. 1923).
- XV—H. OBERMAIER—*Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia.* (Bol. A. C. P. M. H. A. O., vol. VII, n.ºs 148 e 149. Orense. 1923).
- XVI—LLUIS PERICOT—*L'Asturià de Montgri.* (Butll. A. C. A. E. P., vol. I, págs. 206-207. Barcelona. 1923).
- XVI-A—LLUIS PERICOT—*La prehistòria de la Península Ibérica.* (Col. Minerva, vol. XLI, pág. 21. Barcelona. 1923).
- XVII—P. BOSCH GIMPERA—*El problema etnológico vasco y la arqueología.* (Eusko-Ikaskuntza. Soc. de Estudios Vascos, págs. 10-13. San Sebastian. 1923).
- XVIII—P. B. GIMPERA—Análise de XIV. (Butll. A. C. A. E. P., I, pág. 169. Barcelona. 1923).
- XIX—PH. DAUNTZBERG et P.-H. FISCHER—*Coquilles trouvées dans le gisement préhistorique de l'île Houat (Morbihan).* (Journ. C., vol. LXVIII, págs. 155-157. 2.º trim., 1923).
- XX—H. OBERMAIER—*Fossil man in Spain.* (The Hispanic Society of America, págs. 349-359. New-Haven. 1924).
- XXI—P. BOSCH GIMPERA—*Die Vorgeschichte der Iberer.* (Mitteilungen der Anthr. Ges. in Wien. Bd. LV, II-III Heft, pág. 102. Wien. 1925).
- XXII—P. BOSCH GIMPERA et L. PERICOT—*Les civilisations de la péninsule ibérique pendant le néolithique et l'énéolithique.* (L'Anthr., t. XXXV, págs. 412-413. Paris. 1925).
- XXIII—H. OBERMAIER—*El Hombre Fósil.* (Mem. C. I. P. P., n.º 9, 2.ª ed., págs. 382-388 e 405. Madrid. 1925).
- XXIV—CONDE DE LA VEGA DEL SELLA—*La transición al Neolítico en la*

- costa Cantábrica.* (Memória XL da Soc. Esp. de Antropologia, Etnografia y Prehistoria. Actas y Memorias. T. IV, cuad. 3.º, págs. 165-172. Madrid. 1925).
- XXV—JOAQUIM FONTES—*Estação paleolítica de Camposancos (Pontevedra, Espanha).* (Brotéria; Série mensal Fé-Sciências-Letras, vol. I, págs. 7-16. Caminha. 1925).
- XXVI—JOAQUIM FONTES—*La estación Paleolítica de Camposancos. La Guardia, Pontevedra.* (Trad. Cast. de XXV por J. D. Fontela no Bol. A. C. P. M. H. A. O. T. VII, n.º 160, págs. 244-254. Orense. 1925).
- XXVII—P. EUGÉNIO JALHAY—*El Asturiense en Galicia.* (Bol. A. C. P. M. H. A. O. T. VII, n.º 165, págs. 341-352. Orense. 1925).
- XXVIII—J. M. SANTA-OLALLA—Análise de XXV. (Butll. A. C. A. E. P., vol. III, fasc. 2.º, pág. 247. Barcelona. 1925).
- XXIX—Z. LE ROUZIC et M. et M.ª SAINT-JUST PÉQUART—*Er Yoh. Nouvel outillage en os et en pierre découvert dans le Morbihan.* (Rev. A. XXXV.ª année, n.ºs 1-2-3, págs. 81-83. Paris. 1925).
- XXX—SAINT-JUST PÉQUART—*Kjoekkenmødding morbihanais sur l'îlot Er Yoh.* (Rev. A. XXXVI.ª année, n.ºs 1-3, pág. 84. Paris. 1926).
- XXXI—JULIO MARTÍNEZ SANTA OLALLA—*Origenes de Valladolid.* Notas de Prehistoria Vallisoletana, págs. 6-8. Valladolid. 1926.
- XXXII—J. M. SANTA OLALLA—Análise de XXVII. (Butll. A. C. A. E. P., IV, pág. 275. Barcelona. 1926).
- XXXIII—P. BOSCH GIMPERA—Análise de XXIX. (Butll. A. C. A. E. P., vol. IV, pág. 276. Barcelona. 1926).
- XXXIV—M. BOULE—Análise de XXV. (L'Anthr., t. XXXVI, pág. 337. Paris. 1926).
- XXXV—F. L. CUEVILLAS e F. BOUZA BREV—*Bibliografía da Prehistoria Galega.* pág. 11, ap. XLI. La Coruña. 1927.
- XXXVI—J. FONTES—*Uma excursão arqueológica à Galiza.* (Arqueologia e História, n.º V. Lisboa. 1927).
- XXXVII—M. BOULE—Análises de XXVII e XXXI. (L'Anthr., t. XXXVII, págs. 178-179. Paris. 1927).
- XXXVIII—JOSÉ F. MENENDEZ—*La necrópolis dolménica de la Sierra Plana en Vidiago.* Primera estación neolítica descubierta en Asturias. (Iberica. Rev. Semanal, vol. XXVII, n.º 678, págs. 312-317. Barcelona. 1927).
- XXXIX—CONDE DE LA VEGA DEL SELLA—*La industria asturiense y el ídolo prehistórico de Peña Tu.* (Iberica, vol. XXVII, n.º 683, págs. 392-393. Barcelona. 1927).
- XL—W. BREMER—*Die Stellung Irlands in der Europäischen Vor- und Frühgeschichte.* (Festschrift zur feier des Fünfundziebsigjährigen bestehens des Römisch-germanischen Zentralmuseum. Mainz. 1927. Apud XXXIII e XLV).
- XL-A—CONDE DE LA VEGA DEL SELLA—*Teoría del glaciario cuaternario por desplazamientos polares.* (Mem. C. I. P. P., n.º 35. Madrid. 1927).
- XLI—EUGÉNIO JALHAY—*A estação asturiense de La Guardia (Galiza).* (Sep. da Rev. Brotéria, vol. VI, fasc. II, págs. 1-12. Caminha. 1928).



XLII—UGO RELLINI—*Successione probabile delle Industrie Pleistoceniche Europeo-Africane*. (Rivista di Antropologia, vol. XXVII, págs. 179-180. Roma. 1926-27 (1928).

XLIII—P. BOSCH GIMPERA—*O neo-eneolítico na Europa Ocidental e o problema da sua cronologia*. (Trab. S. P. A. E., vol. III, fasc. IV, pág. 277-288. Pôrto. 1928).

XLIV—MENDES CORRÊA—Análise de XLI. (Trab. S. P. A. E., Id. págs. 351-352).

XLV—LL. PERICOT—*Els jaciments asturians del Montgri*. (A publicar no Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans. Barcelona (1).



Fig. 1—Estação asturiense de Ancora. Vista parcial ao N. do Forte.

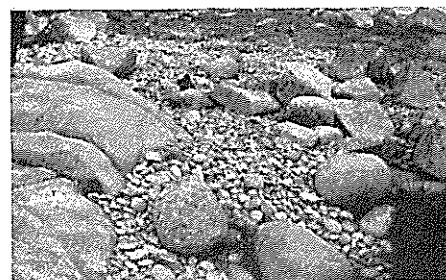


Fig. 2—Calhaus rolados. Ancora.

(1) Testemunho o meu agradecimento aos srs. dr. L. Pericot e dr. Serra-Ráfols, que me permitiram a consulta deste importante trabalho.

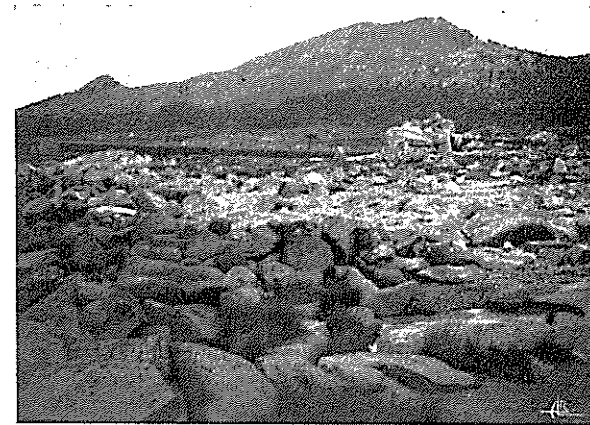


Fig. 1—Estação asturiense de Ancôra. Vista ao N. da capela de Santo Isidoro.

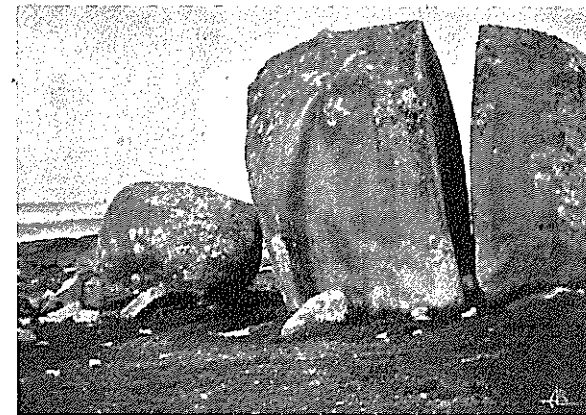


Fig. 2—Penedo do Raio. Ancôra.



Fig. 1—Corte de terreno na praia, Ancora.

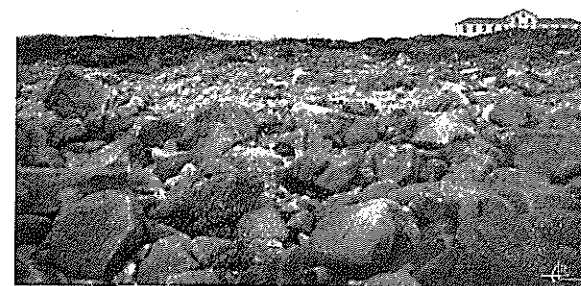
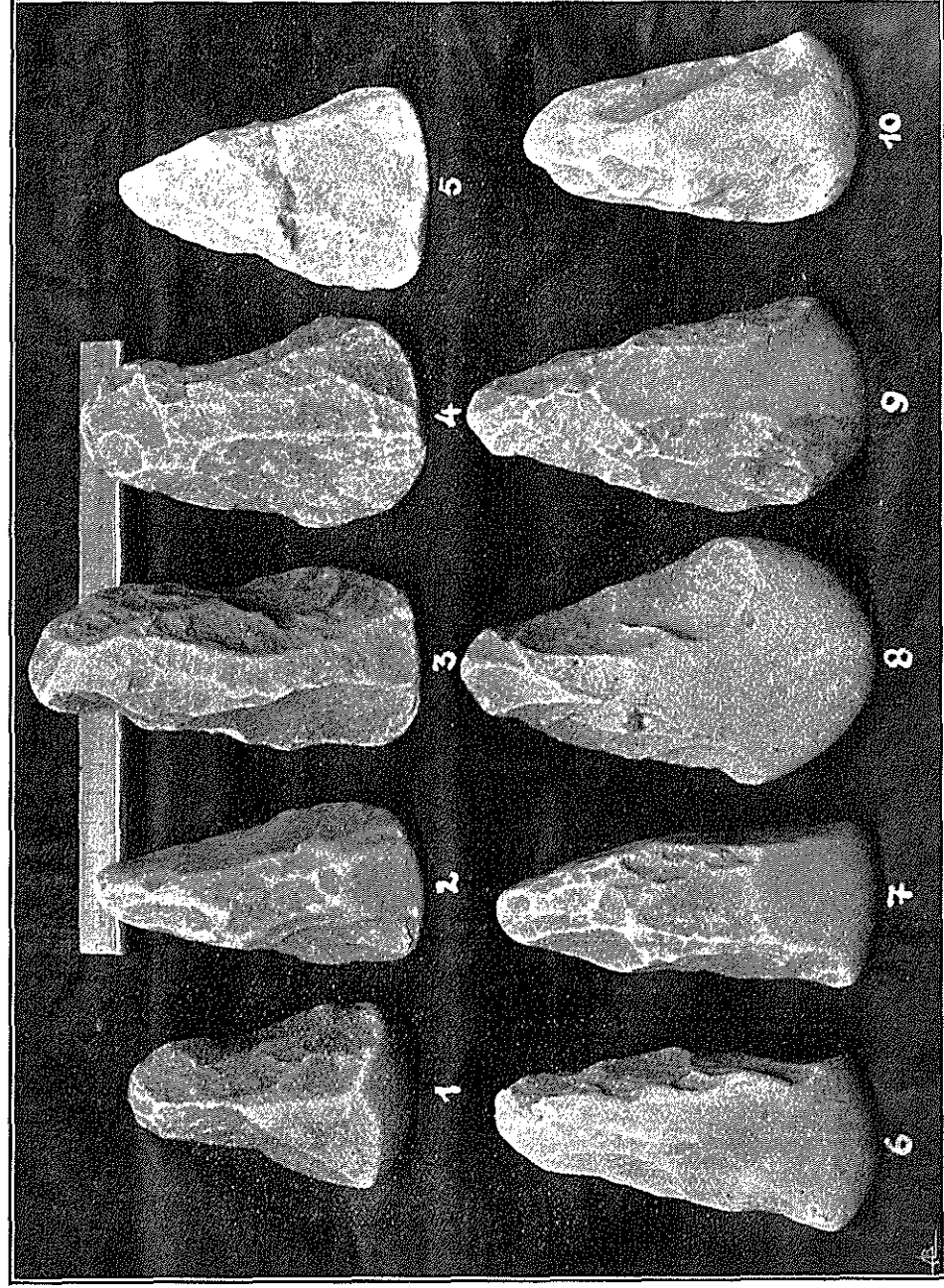
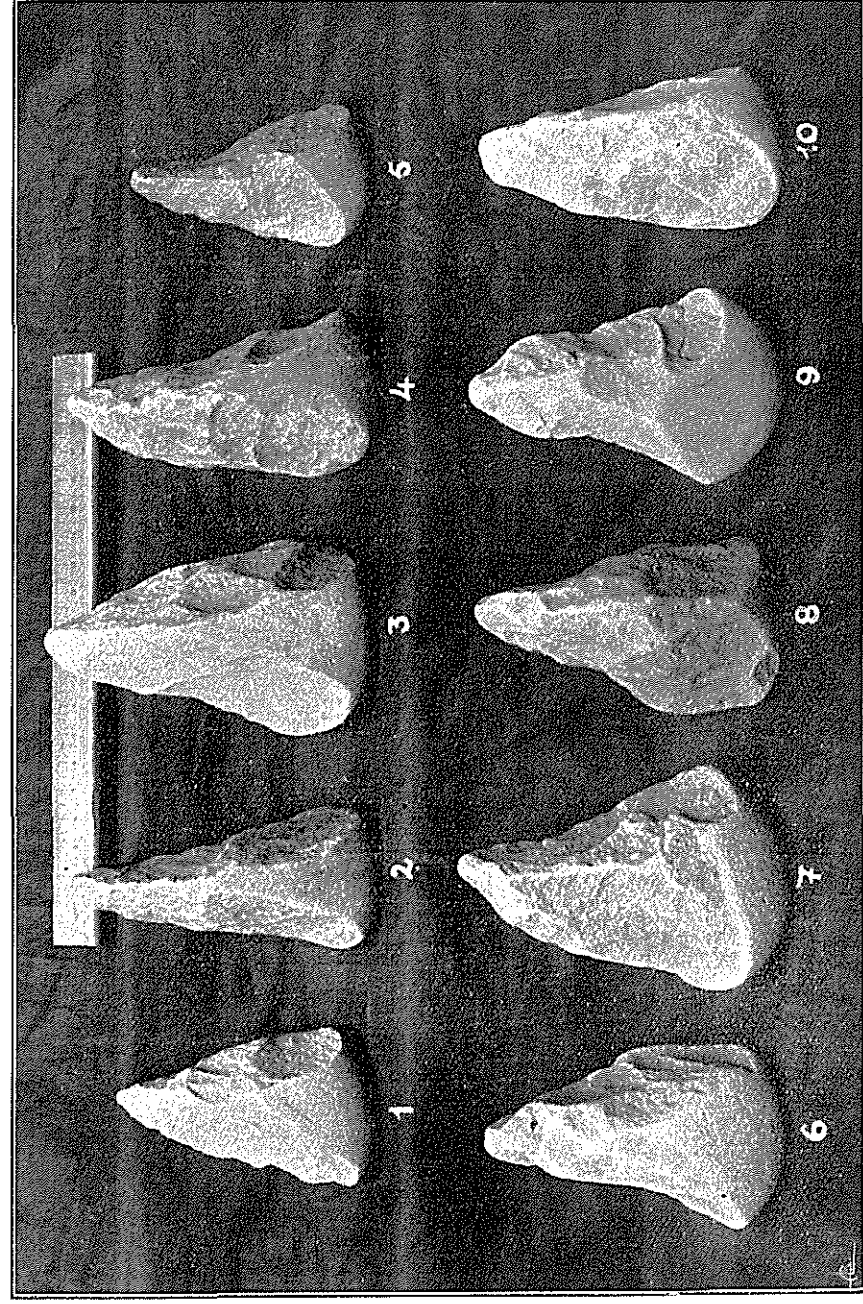
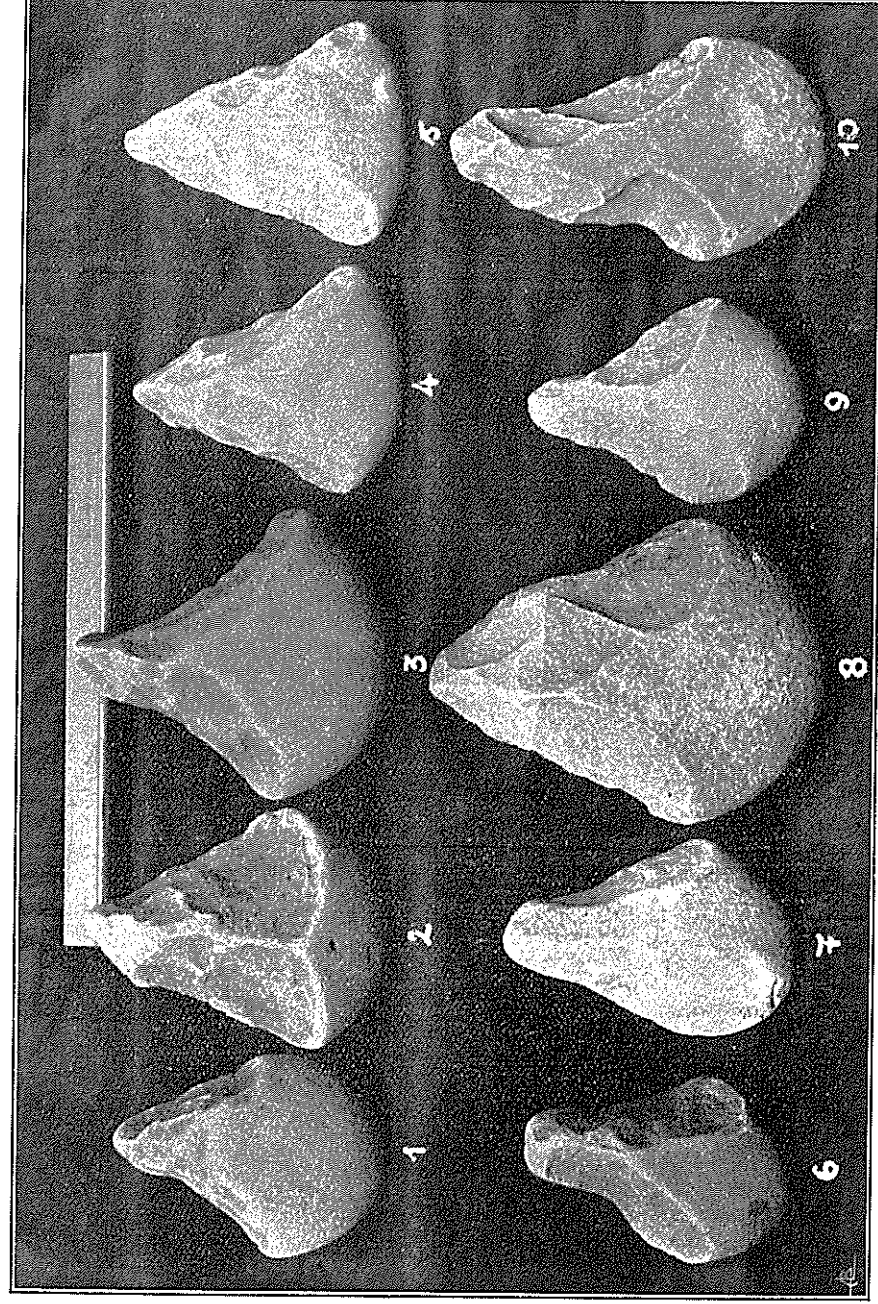
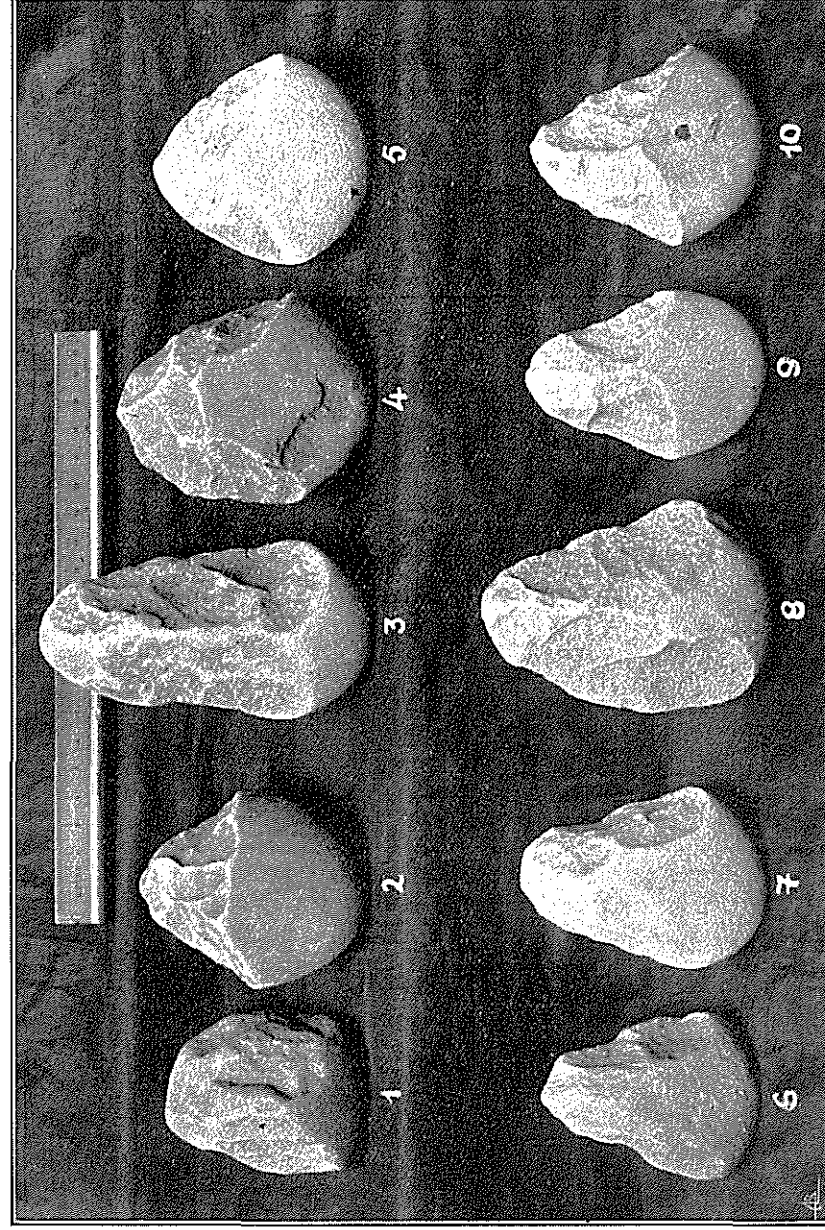


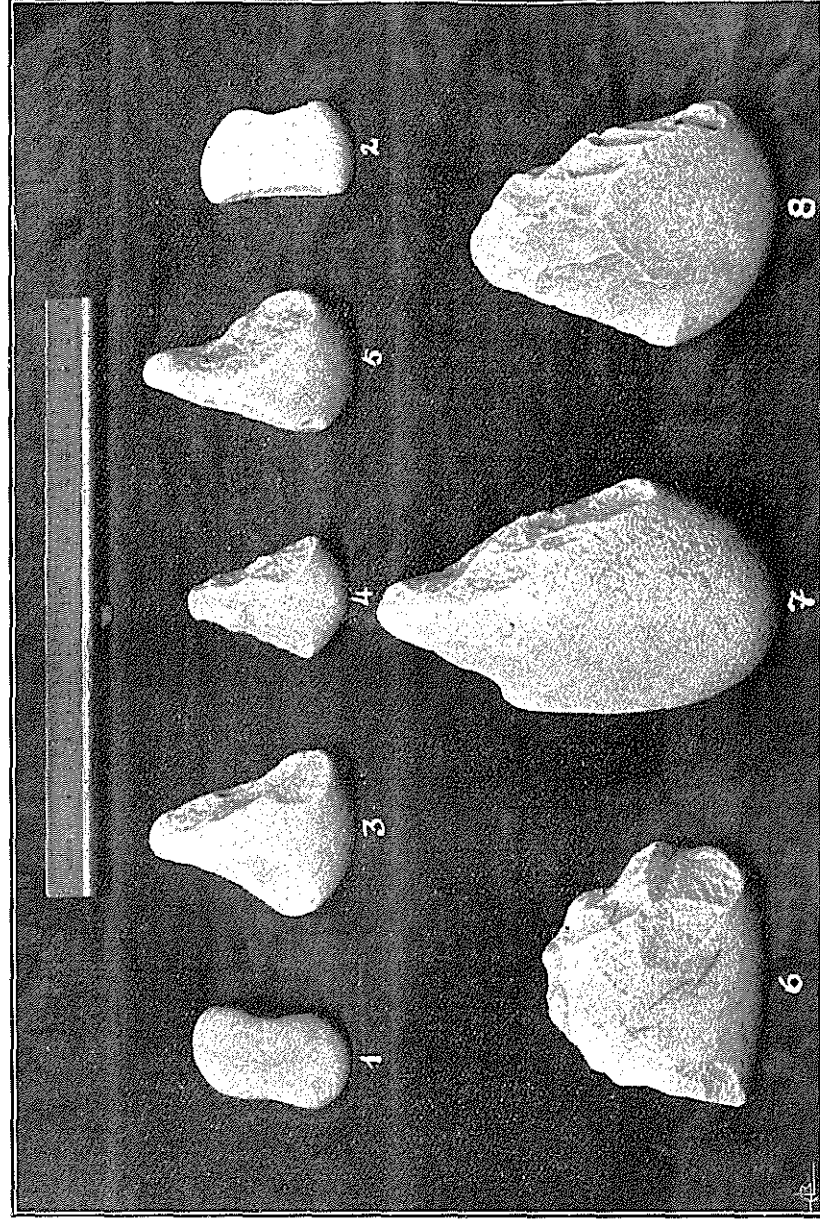
Fig. 2—Estação asturiense de Afife. Ao fundo o Sanatório.













# EXPANSÃO DA CULTURA MEGALÍTICA

NO CONCELHO DE AMARANTE

(SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DO POVO AMARANTINO)

---

Comunicação feita à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia  
em 20 de Maio de 1926

POR

JOSÉ DE PINHO

---

SR. PRESIDENTE E MEUS SENHORES:

Antes de dar início à comunicação que me propuz levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>as</sup> cumpre-me agradecer penhorado aos meus ilustres consócios, ex.<sup>mos</sup> srs. drs. Mendes Corrêa, Alfredo de Ataíde e Carvalho de Almeida, o honroso convite com que se dignaram distinguir-me, para vir aqui à séde da nossa Sociedade fazer uma pequena palestra.

E, permitam-me que lhes diga, a escolha não foi das mais acertadas.

Falta-me o cabedal de conhecimentos necessários para dignamente me apresentar perante tão douta assistência e nem sequer tenho a menor propensão para a oratória, qualidade que às maravilhas serve, para, com geral agrado, mascarar, quando é preciso, pobreza de ideias ou carência de assunto.

Posto isto, desculpem-me V. Ex.<sup>as</sup> as deficiências, e não-de ser muitas, que no decorrer da minha exposição forem surgindo, que da minha parte tratarei de ser breve, a-fim-de que qualquer

de V. Ex.<sup>as</sup>, sôbre o mesmo ou outro assunto, possa dar ainda a esta sessão o brilho que as minhas apagadas palavras não podem nem de modo algum teem a pretensão de lhe dar.

SR. PRESIDENTE E MEUS SENHORES:

Quando em meados do século desanove Alexandre Herculano começou a escrever a sua monumental *Historia de Portugal* a arqueologia portuguesa estava ainda no berço, envolta, por assim dizer, nas faixas da primeira infância.

Sôbre os nossos antepassados corriam então as mais desca-beladas patranhas.

Destas bem procurou livrar-se o espírito lucidíssimo do príncipe dos nossos historiadores; mas, à falta de dados precisos que só a arqueologia lhe podia fornecer, não pôde deixar de servir-se da obra dos clássicos gregos e latinos, para investigar as origens do povo português.

Ora a obra desses autores, a maior parte dos quais nunca na Península pôs pé, não teve inicialmente outra fonte além das narrações dos mercadores fenícios e legionários romanos, eivados da lenda que encobria o povo bárbaro do ocidente e que tanto uns como outros tinham interêsse em fazer correr,—os primeiros por espírito mercantil, os segundos para maior engrandecimento dos seus feitos bélicos.

Tinha de ser forçosamente como é, deficiente, confusa e até contraditória.

E assim o reconheceu o erudito historiador naquela passagem em que diz: «Quem lê desprevenidamente os escritores antigos e os modernos que aproveitaram as suas afirmativas, frequentemente disparatadas e algumas vezes opostas, para sôbre elas edificarem os sistemas mais contraditórios acêrca dos povos de Espanha, só pode tirar uma conclusão sincera: é que em tal

matéria pouquíssimos factos tem o grau necessário de certeza, para serem considerados como históricos».

Mas, embora assim pense, Alexandre Herculano alguma coisa tem de aproveitar da obra dos autores antigos.

Firmado em Estrabão, apresenta-nos como facto histórico indubitável que, «à chegada dos cartagineses à Península, não só as duas raças mais antigas, os iberos e os celtas, se achavam confundidas nos territórios centrais, mas também os das orlas do mar e ainda os celtas e celteiros do sertão se tinham misturado com os fenícios e os gregos, principalmente com os primeiros—cuja influência na população foi tamanha que ficou predominando até hoje no país o nome que elles lhe puzeram».

Pois já em tempos anteriores a Homero, «enquanto colónias gregas se estabeleciam em diversos pontos marítimos, nomeadamente nas margens do Minho e do Douro, subindo pelas suas fozes, os fenícios se haviam apossado da melhor parte de Espanha».

Porém confessa que «há tal confusão na descrição que Estrabão faz do ocidente da Península, ora fazendo os calaicos lusitanos, ora distinguindo-os, ora incorporando debaixo desta denominação uma parte daqueles, que evidentemente se conhece quão incertas eram as suas ideias sôbre as antigas distinções das tribus célticas, depois da conquista romana». Contudo admite ainda que «a Espanha foi primitivamente povoada por duas migrações sucessivas vindas da Ásia—a dos iberos e a dos celtas; que estes povos, demasiado vizinhos da infância do género humano, não podiam ser numerosos; e que, atravessando a Europa sem nenhuns meios artificiais de trânsito, hostilizando-se mútuamente em guerras que mal entram no domínio das afirmativas históricas, não deviam ter multiplicado a ponto de poder a sua individualidade resistir ao contacto das colónias fenícias que lhes trouxeram os primeiros benefícios da civilização».

Chega por fim à conclusão, bem forçada por sinal, que o português actual não é mais que o produto do cruzamento de todos os povos que invadiram a Península, entre os quais depressa se perdeu, como elemento que julga de pequena valia, o sangue para êle indígena de iberos e celtas. E nisto assentou, deixando assim envolto em lenda o primeiro capítulo da nossa história.

Já mais de meio século decorreu depois da sua morte...

E, embora, através de várias descobertas arqueológicas, nem sempre feitas com método, é certo, já se possa ir levantando uma ponta do véu que encobre o nosso passado, a sua reconhecida e indiscutível autoridade de consciencioso historiador faz com que ainda hoje, vulgarmente sejam considerados como ouro de lei os erros em que involuntariamente caíu.

E são dos mais importantes o ter julgado a Península desabitada à chegada dos seus asiáticos iberos e celtas; imaginar que estes viviam nas «raras citánias e castros que então se conheciam; e que imolavam aos seus deuses, quasi desconhecidos, sobre aras brancas a que se deu o nome céltico de dólmens».

Estamos, portanto, sem conhecer ainda bem a árvore genealógica do povo português, a etnologia dos nossos antepassados.

E um povo que se tem por civilizado não pode alegar ignorância sobre tal assunto e muito menos ficar de braços cruzados perante a dificuldade do problema.

Meteu ombros a esta empresa e, duma forma magistral, digamo-lo para honra de nós todos, o nosso ilustre consócio e douto antropologista, sr. dr. Mendes Corrêa, no seu livro *Os Povos Primitivos da Luzitânia*.

Mas, seja embora a obra de S. Ex.<sup>a</sup> o melhor que entre nós existe sobre o assunto e o seu autor tenha a envergadura necessária para levar a cabo empresas de tão grande vulto, ela apresenta-se-nos ainda, por assim dizer, simplesmente em esbôço, porque a vastíssima cultura de S. Ex.<sup>a</sup> não podia suprir a falta

de dados a que precisava de lançar mão, para poder completar o seu trabalho, preenchendo tôdas as lacunas com que de momento a momento devia deparar.

Temos todos o dever, porisso, desde o mais erudito até ao menos culto, de, na medida do possível, contribuir com o nosso esforço, seja êle de que natureza fôr, em prol desta cruzada, de tôdas a mais nobre, já que o Estado não pode, não sabe ou não quer fazê-lo.

Eis a razão porque me atrevo a vir perante V. Ex.<sup>as</sup>, com esta comunicação, e outras que a ela se poderão seguir, mostrá-lhes a forma como tenho tratado, a êste respeito, de cumprir o meu dever.

É insignificante, bem sei, o produto do meu trabalho; mas diz-me a consciência que fiz o que pude, sem auxílio moral ou material de espécie alguma, que concorri pelo menos, para que se não perdesse uma parte, embora pequena, do nosso património arqueológico que, para vergonha de nós todos, nem sequer inventariado ainda está.

Limitei a minha esfera de acção quasi exclusivamente ao meu concelho. A estes trabalhos só tenho podido dispensar o tempo que me deixam livre os cuidados da minha vida oficial ou particular.

E os meus conhecimentos, que são bem poucos, com certeza me hão-de ter deixado escapar factos que não soube interpretar.

Pois mesmo assim, e sem contar com a foice devastadora do tempo e com a ignorância do vulgo, que à porfia se empenham a apagar da superfície da terra as pegadas do homem primitivo, do resultado do meu insignificante trabalho poder-se-há tirar, pelo menos, como vamos ver, a seguinte conclusão:

É que o norte do país, a ajuizar pelo que se dá no concelho de Amarante, (que não tenho a pretensão de ter devidamente estudado), foi durante tôda a prehistória muito mais densamente

povoado do que até agora era lícito supor, e esta população indígena não podia de forma alguma deixar-se absorver nem pelas migrações, algumas de bem pequeno valor, a que os A. A. aludem, nem mais tarde pelas invasões, que assolaram, é certo, grande parte da Península, mas que, na sua maioria, pouca influência tiveram na limitada região de que me ocupo.

E estes factos, quando não fôsem dum alcance geral, como materiais que são, para o estudo do povo português, teem especial interesse para a história da minha terra, pois já é tempo também de desfazer a lenda que envolve as origens do povo amarantino.

\*

\* \*

Nas *Memórias Parochiaes de 1758*, coligidas pelo P.<sup>o</sup> Luís Cardoso, diz-se da vila de Amarante e pela primeira vez, segundo julgo, que... «a sua antiga fundação querem os auctores fosse dos Turdetanos da Lusitania, 360 annos antes da vinda de Christo, sem lhe descobrirem outro nome; athe que ocupando os romanos os poucos Bacraros (sic), a cuja Jurisdiçam esta villa pertencia, o Cappitam Amaranto lhe deu o seu nome que athe o presente conserva».

Em princípios do século XIX, pouco tempo depois das invasões francesas, publicou em Londres o frade beneditino Fr. Francisco de Azevedo Coelho de Magalhães, a *História Antiga e Moderna da Sempre Leal e Antiquíssima Villa de Amarante*, onde se atribui a primitiva fundação da vila, não já aos Turdetanos da Lusitânia, mas simplesmente aos Turdetanos e que a essa povoação os romanos deram o nome de Araduca, ficando a chamar-se Amarante, só a partir do reinado de Augusto.

E, como quem conta um conto acrescenta um ponto, este autor vem comunicar-nos que, antes dos romanos lhe darem o

nome Amarante teve, com tôda a verosimilhança, o de Araduca, de que falam os A. A.

Vem depois Pinho Leal, e no seu *Portugal Antigo e Moderno*, a que serviram provavelmente de fonte as *Memórias Parochiaes*, lá de novo e na mesma data a considera fundada pelos turdetanos da Lusitânia; de Araduca já nos não fala, mas garante que durante o domínio romano sempre se chamou Amaranto (sic).

Enfim, como ninguém, que eu saiba, tratou até hoje de investigar as razões que levaram estes autores a fazerem tão arrojadas afirmações, anda ainda a correr mundo, mascarado de facto histórico, aquilo que os textos antigos não permitem e, a meu ver, não passa de pura e simples fantasia.

Senão vejamos:

No tempo da República, os romanos dividiram a Península, primeiro em duas grandes províncias: a Citerior, que ocupava todo o norte, centro e leste, desde o rio Douro até ao Almanzora, e a Ulterior que ficava entre estes rios e o mar.

Mais tarde, no tempo de Agripa, foi dividida em três: a Bética, a Tarraconense e a Lusitânia; isto é, a antiga província Citerior tomou o nome de Tarraconense e a Ulterior cindiu-se em duas: a Lusitânia, desde o Douro até ao Guadiana e a Bética, desde este rio até ao Almanzor.

A Lusitânia constava do Cinéticum (actual Algarve) e das Mesopotâmias de Entre Tejo e Guadiana e Entre Tejo e Douro.

Mas a Lusitânia primitiva, que ia do Tejo para o norte (parece que até ao extremo norte da Galiza), dividia-se apenas em Mesopotâmia de Entre Tejo e Douro e Callaecia, região que no tempo de Caracala formou com a Astúria uma província à parte.

A Bética que, como já dissemos, ficava mais ao sul da Península, compreendia a Betúria ao norte e a Turdetânia, antiga Tartéssida, ao sul, países estes povoados pelos Bétulos e Turdetanos ou Tartessios.

Junto destes povos ou compreendidos nêles lá habitavam também os Túrdulos e os Bástulos.

Era, portanto, o Anas (actual Guadiana) a linha divisória entre o Cinéticum e a Bética.

Porém, dizendo Estrabão que as cidades cinéticas de Balsa e Ossonoba pertenciam aos Turdetanos, no que está de acôrdo com Justino e Trogo Pompeu, que põe os Cinetes a habitar os bosques dos Tartéssios, ou há confusão nos limites da Turdetânia, ou aquilo dá a entender que os Turdetanos, atravessando o Anas, se foram pouco a pouco infiltrando no país dos Cinetes, chegando a ocupar mais de metade do actual Algarve.

Seriam estes Turdetanos do Cinéticum, região que pertencia à Lusitânia da época romana, aqueles a que os citados autores se referem e consideram como os primitivos fundadores do burgo amarantino?

Não podiam ser. A divisão administrativa da Península, feita por Agripa, em que a Lusitânia se estende do Douro ao Anas, data sòmente do ano de 27 antes de Cristo, e a Lusitânia prees-  
traboniana tinha o Tejo como fronteira sul.

Seriam tomados por Turdetanos os Túrdulos da Betúria que Estrabão nos conta que fizeram uma expedição através da Mesopotâmia de Entre Tejo e Anas e se foram fixar, segundo Plínio, entre o Vouga e o Mondego com o nome de Turduli Veteres?

Ou aqueles que o mesmo geógrafo faz atravessar o Douro, indo estabelecer-se nas margens do Lima nas vizinhanças dos Artabros?

Também não. Não temos o direito de chamar a quaisquer dêstes Túrdulos, Turdetanos da Lusitânia porque, para isso, era necessário pelo menos que a Lusitânia já fôsse conhecida no ano de 360 a. de C., e nós sabemos que a mais antiga referência feita aos Lusitanos, vai só até ao ano de 218 a. de C., quando êles nos aparecem fazendo parte do exército de Anibal.

E, se ainda isto não bastasse, podíamos garantir, sem receio de contestação, que nem os textos antigos, e êles dão para tudo, nos dizem que, neste recanto perdido do Entre Douro e Minho, estadiaram outrora Turdetanos ou Túrdulos, nem a arqueologia nos pôde até agora localizar a tal Araduca de Ptolomeu no aro amarantino.

Releguemos, portanto, para os domínios da lenda tudo o que até agora se tem architectado, referente à fundação da vila de Amarante, e vamos a ver se descortinamos através do labirinto dos textos o fio de Ariadne que nos guie junto do povo que primeiro se acantonou nas espessuras do vale por onde o Tâmega serpeia ou por entre as fragas dos montes que o Marão domina.

\*

\* \*

Os A. A. antigos e grande parte dos modernos, não admitindo a possibilidade da Península ter possuído uma população indígena, consideraram-na primitivamente povoada por migrações vindas de leste e sul (Iberos, Celtas e Lígures), nem todos estando de acôrdo sôbre quais fôssem os que chegaram primeiro.

A estes sucederam-se outros povos que as riquezas da Ibéria atraíam para fins comerciais ou de conquista, de forma que é quási geralmente admitido que nas veias do peninsular corre em maior ou menor grau sangue de todos esses povos, e nem tão poucos êles foram — Iberos e Celtas, Lígures e Fenícios, Gregos e Cartagineses, Romanos e Bárbaros e por último os Árabes ou Mouros.

E duma forma geral assim é, visto que a maior parte da Península, desde a mais alta antiguidade, em tempos que já estão fora do alcance da história, com alguns dêstes povos manteve as mais estreitas relações e durante séculos suportou o jugo dos restantes.

Porém estas diferentes correntes étnicas, com suas culturas próprias, nem tôdas puderam influir duma forma apreciável no primitivo extracto étnico da Hispânia, pois que, se em determinadas regiões todos ou quasi todos os povos citados se fixaram por um largo período de séculos, indo-se sucessivamente misturando, cruzando e confundindo, outras há em que dêesses mesmos povos poucos lá puzeram pé e os que o fizeram não foi em condições de poderem marcar a sua passagem no fundo rácico daqueles com quem mais ou menos tempo travaram lutas ou pacificamente conviveram.

E, como assim é, vamos respigando pelos textos, única fonte boa ou má a que sobre este assunto podemos recorrer, as informações que os AA. nos deram sobre os povos que desde as mais remotas eras invadiram a Península e possivelmente se fixaram no Entre-Douro e Minho, a-fim-de irmos notando o predomínio que deviam ter exercido no vale do Tâmega, na limitada região de que me ocupo, que é, como já disse, o concelho de Amarante.

### Lígures

Segundo alguns autores contemporâneos, e entre eles Schulten, os povos mais antigos da Península foram os Lígures.

E firmam-se para isso numa duvidosa passagem de Hesíodo, clássico grego do século VII a. de C., que julga que eles teriam ocupado particularmente o ocidente e a Mesêta.

Mas diz o nosso autorizado mestre de arqueologia, sr. dr. Leite de Vasconcelos, que, se sobre os Lígures da Ibéria há raras notícias, maior escassez delas encontramos no território português, pois se pode apenas citar um nome na tábula de bronze romana de Aljustrel, onde parece entrar o sufixo *asco* que se supõe ligúrico.

E isto é tão pouco que bem podemos pôr este povo, para o caso que nos diz respeito, fóra da discussão.

### Iberos

Para outros autores, os primeiros que invadiram a Península foram os Iberos que, oriundos da África, segundo Schulten, se estabeleceram em tempos imemoriais entre o Anas e o Iberus, actualmente Rio Tinto, onde Avieno, referindo-se a um périplo do século VI a. de C., os conhece e depois se foram estendendo por tôda a costa, desde as Colunas até além Pirenéus.

Junto do Ebro, também denominado Iberus, os apontam Hecateu, autor do século VI a. de C., Heródoto e Herodoro do século V e Teopompo do século IV para o III, chamando todos estes autores Ibéria ao país que eles ocupavam.

No século III a. de C., Eratóstenes estende o nome de Ibéria a tôda a Península e daí por diante é sempre assim mencionada nos textos, como a terra dos Iberos.

A concepção de Schulten, em que os Iberos vieram da África, quando provavelmente a ela estavam ainda unidas a Hispânia e a Sicília, fixando-se a princípio nas costas mediterrânicas, donde subiram à Mesêta e daí se espalharam por tôda a Ibéria, não passa duma hipótese que os textos não confirmam.

Porém para os AA., diz o sr. dr. Leite de Vasconcelos, a palavra Ibéria, aplicada à Península, designa em geral o conjunto dos povos primitivos dela.

E assim ficarei a considerar também, mais sob o ponto de vista geográfico do que étnico, a população pre-céltica peninsular, que em face da mudez dos textos só a arqueologia nos poderá dizer se alguma influência teve no aro amarantino.

### Fenícios

Dos AA. é Aristóteles do século IV a. de C. o primeiro que fala dos Fenícios de Cádiz e Tartesso, e Estrabão do século I o

que mais largas referências lhes faz, dizendo que já em tempos anteriores a Homero eles estavam de posse da melhor parte da Espanha.

Esta região devia ser só a zona meridional da Ibéria então conhecida, que Schulten calcula ter sido visitada pelos orientais, desde o 3.º milénio a. de C., pois durante muitos séculos os Fenícios não passaram além de Tartesso.

Os antigos não os consideravam, porém, como povo invasor, mas apenas como comerciantes, no que Mommsen concorda, quando diz que as suas colónias eram apenas entrepostos que tinham por fim principal mais trocar mercadorias com os indígenas do que servir de base para a conquista de vastos territórios nos países estrangeiros.

E o que na Península mais os atraía eram os ricos jazigos de estanho e prata de que abasteciam os seus mercados orientais.

A verdadeira colonização da Península data, contudo, da fundação de Gades (Cádiz), no século XII a. de C. e é essencialmente meridional; mas é muito provável que a sua acção, com o decorrer dos séculos, se fizesse também sentir um pouco para Ocidente, embora não haja disso dado algum que o prove.

A parte sujeita ao nosso estudo, no interior da Mesopotâmia de Entre-Douro e Minho, essa é que, a ajuizar pela mudez dos textos e pela sua situação geográfica, parece que nunca esteve, pelo menos directamente, em contacto com a civilização fenícia, e isso é o que, por agora, particularmente nos interessa.

### Gregos

Quem primeiro nos fala da influência grega na Ibéria é Heródoto que sabe que já no século VII, a. de C., os navegantes de Samos visitavam Tartesso.

Depois entre outros, Estrabão diz-nos que eles se estabele-

ceram por tóda a costa marítima, que fundaram feitorias nas embocaduras do Douro e do Minho, que subiram pelas suas fozes e vai até à minúcia de nos contar que na Luzitânia os casamentos se faziam à moda grega.

Porém os arqueólogos, por tantas razões ilustres, srs. Martins-Sarmiento e Leite de Vasconcelos, não teem dúvida em afirmar que nada disto merece crédito.

É natural que, tendo os Gregos colonizado pelo século VII, a. de C., a costa da Cirenaica, onde a cidade de Cirene breve se tornou notável pela riqueza dos produtos do seu solo e como centro de cultura grega, de que ainda hoje nos dão uma nítida ideia as suas grandiosas ruínas, daí começassem a expandir-se por tóda a costa oriental e meridional da Ibéria, entrando em íntimas relações com as colónias fenícias e tentassem estabelecer-se junto delas.

De facto assim foi. Mas diz-nos Mommsen que os Fenícios, cançados de cederem terreno diante da onda avassaladora da imigração helénica, se juntaram aos seus irmãos do norte de África a oferecer barreira aos Cirenaicos. E de tal forma se portou a coligação fenício-cartaginesa, que aqueles ficaram impedidos de avançar para ocidente, alcançando por êste meio os Cartagineses a hegemonia do sudoeste do Mediterrâneo.

### Celtas

Todos os A. A. estão de acôrdo que os Pirenéus eram a barreira natural entre a Céltica e a Ibéria, e dos textos se deduz que foi por alturas dos séculos VI ou V a. de C., que o povo celta principiou a transpor essa barreira e a espalhar-se lentamente pela Ibéria, ora habitando no meio dos Iberos, confundindo-se com eles, ora apartando-se dos indígenas e vivendo em povoados separados, quando estes pela sua rudeza se tornavam intratáveis.

E desta forma foi avançando a infiltração celta até chegar ao seu apogeu no século IV, a. de C.

De modo que, se é verdadeira a informação de Heródoto, já no seu tempo (século V, a. de C.) havia Celtas no extremo ocidental da Península, junto dos Cinetes.

Lá os conhece também Políbio (século II, a. de C.), Plínio (século I, a. de C.) e Estrabão, acrescentando êste que na Mesopotâmia de Entre Tejo e Guadiana habitavam célticos na sua maior parte.

A noroeste da Península sabem da existência dêles Estrabão, Políbio e Plínio.

Porém ao norte do Douro só uma passagem de Pompónio Mela (século I) parece que a êles se refere, e, sendo assim, então lá habitaram os Grovii e os Praesamarchi de origem celta, ficando estes já na Galiza.

Mas, tendo o Douro um tão longo curso de nascente para poente, poder-se há, com precisão, localizar os Grovii?

A Mela, parece-lhe que habitavam a costa entre o Douro e o Minho; porém Plínio coloca-os na região de Tui!

E por isto e pelo já exposto, se vai vendo a ignorância dos antigos a respeito não só dos povos que primeiro habitaram a região de que me ocupo, mas até daqueles que estadiaram por toda a zona ocidental da Ibéria, em que está compreendido o território português.

Por último, e a-pesar-de a *Ora Maritima* se não referir a Celtas, falemos dos Cempses e Sefes, que Schulten quiere que o sejam, e embora ofereça dúvidas esta sua filiação étnica, procuraremos determinar-lhes a precisa localização.

Avieno coloca-os em ásperos montes no campo de Ophiusa, que é a Ibéria; e, como diz que os Cempses habitam junto dos Cinetes e a leste dêstes está a Turdetânia, os Sefes deviam ficar a norte daqueles, passando a sua linha divisória por alturas de

Setúbal, isto para estar de harmonia com os dados geográficos fornecidos pelo mesmo autor, não sendo, porém, possível determinar a estes a fronteira norte que, na melhor das hipóteses, não podia estender-se para além do Mondego.

Mas de Sefes ninguém mais fala, todos os textos ulteriores são mudos a seu respeito e os Cempses são por último colocados perto dos Pirenéus. O sr. dr. Leite de Vasconcelos encontra, porém, no onomástico palavras de origem celta de norte a sul de Portugal.

Conhece-as também no Entre Douro e Minho. Mas tôdas são em inscrições da época romana, são apenas 12 (o que se há-de concordar que é bem pouco), nem tôdas geralmente consideradas de origem céltica e nenhuma pertence ao aro amarantino...

#### Cartagineses

Tendo sido os Cartagineses originariamente uma colónia fenícia e tendo os Fenícios espalhado as suas feitorias por toda a costa sul e leste da Ibéria, não se pode admitir que entre os dois povos fronteiros não tivesse havido desde os tempos mais remotos as mais estreitas relações.

Houve-as de facto. E tanto que já Avieno, Scilax e Justino se referem a estabelecimentos cartagineses na Ibéria, evidentemente na Tartéssida. Mas, como ainda não são mencionados no primeiro tratado romano-púnico em 509 a. de C. e o são no segundo em 348, em que já se estendem por toda a zona costeira, desde Nova Cartago, possivelmente até Cádiz, daí conclui Schulten e com toda a razão, que a ocupação cartaginesa devia ter começado entre estas duas datas.

Com as conquistas de Hamilcar e Anibal, Cartago, ficou a dominar desde o Ebro ao Tejo, chegando no interior, segundo Políbio, até ao país dos Vacceus no Douro médio.

Tito Lívio diz que os soldados de Anibal perseguiram, por



muito tempo, os rebanhos nos montes da Lusitânia e que Lusitanos fizeram parte do seu exército; mas ao que texto algum concretamente se refere é que tropas cartaginesas chegassem a transpor o Douro, entrando na região de Entre Douro e Minho.

E Schulten até diz que a Celtibéria ficou excluída do domínio estrangeiro, assim como a Lusitânia e o noroeste.

### Romanos

Pode dizer-se que a conquista romana da Península se iniciou pelos anos de 215 a 210 a. de C. com as vitórias de Andaluzia contra os cartagineses.

Em 207 tóda a costa oriental estava já em poder dos Romanos, menos Cádiz. No fim da guerra de Anibal em 201 fêz-se a paz e os Romanos dividiram o território conquistado em duas províncias: Espanha Superior e Espanha Ulterior.

Depois começaram a fixar o seu domínio no interior e a pôr barreira às incursões dos Lusitanos; porém, com as indómitas tribus do norte—Calaicos, Astures e Cantabros—nunca os Romanos puderam até aí entrar em contacto.

Em 197 estalou a revolta lusitana e, por mais que os Romanos fizessem para a sufocar, só em 185 houve um pouco de tranqüilidade.

De 178 a 154, há 25 anos de paz. Em 154, os Lusitanos invadem o território romano; os Vetões ligam-se com êles e levam as suas investidas até perto de Cartagena.

Os Romanos mobilizaram então na Península um forte exército para jugular a rebelião, mas reconhecendo-se ainda fracos pediram para Roma mais fôrças e, chegadas estas, puderam avançar até ao Douro, onde tiveram de parar (150 a. de C.).

A perfídia de Galba dá origem ás lutas de Viriato, que só terminaram pela morte traiçoeira do caudilho em 140.

Morto Viriato, a Lusitânia ficou submetida.

Com a tomada de Numância em 133 o domínio romano estendeu-se, pelo menos nominalmente, a tóda a Espanha Superior.

Em 80 chega Sertório à Península a convite dos Lusitanos.

Seguem-se as lutas de Sertório. E, ainda que a Espanha já estivesse há muito, sob o domínio romano, a costa ocidental, mesmo depois da expedição de Brutus contra os Calaicos, era de facto independente e a zona do norte não estava por êles defendida em 61 a. de C.

Finalmente dá-se a campanha de César em 20.

As duas margens do Douro são submetidas e Lusitanos e Calaicos foram obrigados a reconhecer a supremacia de Roma.

Considerada a Calaécia com a Astúrica província romana em 10, foi esta dividida em três conventos: Astúrica, Lucus e Brácara. E diz-nos Schulten que, ao contrário do que se deu nos outros em que foram suprimidas as antigas unidades étnicas e políticas e as suas povoações convertidas em comunidades, nos três conventos do noroeste continuaram a subsistir as gentes e os seus povoados (castella); que tódas as colónias romanas da Tarraconense estavam na costa e no vale do Ebro; e que a Mesêta central, o norte da Lusitânia e todo o noroeste bárbaro, por êste motivo ocupado militarmente, foram as regiões menos colonizadas.

Porém, embora o montanhez do noroeste ainda nos séculos II e III não estivesse completamente subjogado, como diz Mommsen, durante os quatro séculos do domínio romano a cultura latina foi-se espalhando pouco a pouco por tóda a parte e o bárbaro calaico lá se foi romanizando, sem jamais deixar de opôr, na primeira ocasião, uma franca resistência a tudo que viesse coarctar-lhe a sua ânsia inata de liberdade.

### Suevos

Em 409 transpõem os Pirenéus as hostes germânicas dos Vândalos, Alanos e Suevos. Depois de lutas várias, que alguns historiadores exageram, os Vândalos fixaram-se na Bética, os Alanos na Lusitânia e os Suevos na Galícia. Estes aí fundaram um reino que teve Braga por capital; mas a sua independência não foi além de 585, época em que os Suevos foram subjugados por Leovigildo, rei dos Visigodos.

### Visigodos

Estes dominaram até 711. Porém diz um nosso ilustre historiador «que, sendo igual a ascendência tanto duns como doutros, eram idênticos os seus costumes e igual o procedimento com os vencidos a quem são inferiores.

E, se durante três séculos durou o seu domínio e a influência desta gente alguma importância teve pela difusão de algumas gotas de sangue germânico, essas gotas são poucas e o fundo antigo as absorveu».

### Árabes

Em 711 dá-se a invasão árabe. Logo em 712 já Musa está na Galiza.

Mas pequena foi a influência social ou étnica deste povo, porque daí a pouco, em 718, Pelágio declara a guerra santa contra os infieis e Afonso I os expulsa para além do Douro, desde 739 a 757.

É certo, porém, que uma vez ou outra a onda agarena salta por sobre este rio e se espraia pela terra dentro. Mas, diz Alberto Sampaio, o historiador há pouco citado, «que daquela época em

diante nunca mais o inimigo se pôde fixar pacificamente ao norte do Douro, e nunca lá repartiu terras, não assentou colónias, não denominou lugares, nem edificou cidades».

E isto é o que para o nosso caso tem a maior importância.

Em resumo:—Os textos não aludem a povo algum que particularmente habitasse no aro amarantino; neles se não faz a menor referência a esta região nem ao rio que a atravessa; e duma forma concreta e precisa também nos não dizem se por aqui se demoraram os povos invasores.

Portanto só à arqueologia podemos recorrer para investigar as origens do povo amarantino.

Ora, se nos é dado calcular a influência, bem pequena por sinal, que a quasi totalidade dos povos invasores, com excepção dos Romanos, podia ter exercido no meu concelho, o que antes de mais nada devemos procurar saber, é desde quando essa região foi habitada e se dessa época até hoje, lá sempre viveriam descendentes do povo primitivo, que duma forma apreciável pudessem ter contribuído para a massa da população actual. Mas para isso, e primeiro que tudo, analizemos a situação geográfica do concelho e a constituição geológica do seu solo.

\*

\* \*

O concelho de Amarante situado no extremo nordeste da província do Douro e em parte encravado entre as do Minho e Trás-os-Montes, é limitado a norte pelo concelho de Celorico, a leste pelos de Mondim e Vila Real, a sul pelos de Mesão Frio, Baião, Marco de Canavezes e Penafiel e a poente pelos de Felgueiras e Louzada.

Assenta por completo na bacia do Tâmega, rio que o atravessa de nordeste a sudoeste e do qual são tributários directa ou

indirectamente todos os rios, ribeiros e regatos que formam a sua vasta rêde hidrográfica.

De natureza essencialmente montanhosa é constituído por terrenos primários, em que predomina o granito e seus derivados, ocupando o xisto uma facha relativamente extensa de norte a leste, cortada a nordeste por uma apreciável mancha calcárea.

As suas principais serras, que inúmeras correntes de água profusamente sulcam de fundas ravinhas, são o Marão e a Aboboreira, com as altitudes máximas respectivamente de 1:423 e de 1:000 metros.

Ambas dominam tôda a margem esquerda do Tâmega, ficando os terrenos de mais baixas cotas, embora algumas ainda respeitáveis, como as lombadas de Santa Cruz, S. Jorge e Água Leite, na margem direita.

Nas suas montanhas, quási sempre coroadas de largas chãs, tem-se encontrado em maior ou menor abundância minérios vários, sendo o de estanho de todos o mais importante, e tanto assim que a mina de Vieiros ou Avelada, na freguesia de Rebordelo, que já era conhecida na época romana e provavelmente desde os tempos prehistóricos, é considerada hoje uma das primeiras, senão a primeira do país.

O clima é temperado; embora no inverno haja quadras de excessivo frio, e às vezes seja ardente o sol canicular.

O seu solo é fértil, elevando-se as zonas de cultura, especialmente de centeio e trigo, quási até às lombadas das serras. Pelos montes há abundantes pastagens. Tem, portanto, esta região tôdas as condições necessárias para ter sido povoada, desde longa data.

E de facto o foi e muito, desde os tempos prehistóricos, como vou mostrar a V. Ex.<sup>as</sup>.

\*

\* \*

Para dar aos estudos arqueológicos o método necessário e para melhor disposição da matéria, convencionou-se dividir a arqueologia prehistórica em duas grandes épocas ou idades, tirando cada uma o nome na matéria prima predominante na manufactura das armas e instrumentos de então: Idade da pedra e idade dos metais.

A idade da pedra dividiu-se ainda em duas épocas: A paleolítica, ou da pedra lascada, e a neolítica, ou da pedra polida.

A idade dos metais também em duas: A do bronze e a do ferro.

Entre a idade da pedra e a dos metais criou-se ainda uma intermédia ou de transição: A eneolítica, calcolítica ou do cobre.

Cada uma destas épocas ou idades foi subdividida em outras, cujos nomes derivam da estação tipo em que o espólio apresentou particularidades dignas de diferenciação.

Da época paleolítica ainda até hoje não encontrei na minha região estação alguma. Não deve, contudo, deduzir-se disso, duma forma absoluta, que êsse nosso longínquo antepassado da primeira idade lítica por lá não estacionasse.

Há vestígios dêle em Chaves e provavelmente também ali esteve. Mas nada me permite garanti-lo, embora tenha encontrado peças características dessa época em estações de determinadas épocas posteriores.

Outro tanto não acontece da idade neolítica em diante, tal é a expansão que no concelho tomou a cultura megalítica, especialmente nos planaltos da margem esquerda do Tâmega.

Esta cultura, que é essencial ao neolítico, embora dêle não seja privativa, surge-nos com a segunda idade da pedra, em que

especialmente predomina, e vai, pelo menos em algumas regiões, até aos começos da idade do bronze.

Caracteriza-a o megálito, palavra formada de *megas* grande, e *litos* pedra, base essencial de tôdas as suas construções, e estas tomam o nome, segundo a forma e disposição dos seus elementos, de *dolmens*, *menhirs* e *pedras baloiçantes*, dando os menhirs origem pelo seu arranjo, quando agrupados, aos *cromlechs* e *alinhamentos*.

E todos estes megálitos em que se nota, especialmente no nosso país, ausência quasi absoluta de aparelho, pertencem sempre a rochas de natureza granítica.

Os dolmens, verdadeiros monumentos tumulares, a que também se dá, e mais geralmente entre nós, o nome de *antas* e *antelas*, *arcas* e *arcainhas*, *mámoas*, *mamôas* e *mamoinhas* e o vulgo denomina *casas de mouros* e *casas de orca*, são assim designados porque o uso já consagrou a palavra, embora na sua origem céltica (*tol*, buraco, e *men*, pedra) signifique ara ou altar de sacrifícios, como erradamente a princípio foram considerados, e estes monumentos nada tenham que vêr com a cultura céltica.

Em geral constam duma *câmara* com ou sem *galeria* de acesso, affectando a forma de pirâmide truncada, constituída por grandes chapões graníticos, *os esteios*, e coberta por uma lage, grosseiramente circular, às vezes de enormes dimensões, *a mesa dolménica*, que se apoia sobre os esteios, dando assim solidez ao todo.

A *galeria*, formada de lages de menores dimensões, é também coberta, tem quasi sempre uma porta e às vezes duas, e por ela só pode passar um homem agachado. Tôda esta construção é ainda coberta de terra e pedra miúda, apresentando o aspecto mamilar, donde deriva o nome de mamôa ou mámoa que geralmente se dá a este revestimento dolménico.

Os *menhirs* ou pedras de lembrança são grandes monólitos erguidos ao alto, alguns dum tamanho colossal e que, como os

clássicos obeliscos, deviam recordar a êsses nossos longínquos antepassados um grande feito ou a sepultura dum herói.

Os *alinhamentos* e os *cromlechs* são agrupamentos de menhirs de mais reduzidas dimensões, os primeiros dispostos em filas ou numa fila só, às vezes de grande extensão, os segundos em forma circular ou arco de círculo tiram o nome de *crom*, curva, e *leh*, lage, e a sua razão de ser não foi até hoje cabalmente explicada, devido talvez à raridade dêstes momentos.

As *pedras baloiçantes*, como o nome o dá a entender, são blocos graníticos, alguns enormes, colocados de forma que um simples impulso, ás vezes bem pequeno, os faz mover ou oscilar, dispositivo êste a que não foi estranho, creio bem, o homem primitivo, com fins possivelmente religiosos ou mágicos.

\*

\* \*

Poucas são as referências que até agora se teem feito aos megálitos amarantinos.

José Augusto Vieira, em *O Minho Pitoresco*, menciona apenas o dolmen de Chã da Parada, de que dá o desenho a pág. 405, e as mamôas que o cercam, e o P.<sup>o</sup> José Vitorino Pinto de Carvalho, pároco que foi da freguesia de Mancelos, publicou em 1908 na *Enciclopédia das Famílias*, n.<sup>o</sup> 257, pág. 353, um artigo sobre penedos oscilantes, em que pela primeira vez se fala no penedo de Cerquidos da referida freguesia e dêle se dá a fotografia.

Nada mais. A não ser que as tais *sepulturas de ladrões*, *cobertas de pedra miúda*, que o Dr. João de Barros cita na sua *Geografia d'Antre Douro e Minho e Traz-os-Montes* (coleção dos M. M. da Biblioteca Municipal do Porto) e que conhece no alto do Marão sejam, como julgo, verdadeiras mamôas.

Se o são, pois ainda naquela serra as não encontrei, então é essa a mais antiga referência feita aos megálitos do concelho.

Há por lá muitos, mas de duas categorias apenas: dolmens e pedras baloiçantes.

### Dolmens

Quando digo dolmens, sob esta designação reúno todos os monumentos dolménicos, seja qual fôr o seu estado de conservação, muito embora da câmara tumular já nada exista e só os restos da mamôa, com a sua característica depressão central por onde a cripta foi profanada ou mesmo destruída, nos venham atestar da sua existência.

Pois o que para o meu caso essencialmente interessa não é o estado do monumento em si, mas muito em especial o conhecimento preciso do local em que se erguia.

São quatro as necrópoles dolménicas que até à data conheço no aro amarantino: a da Aboboreira na serra do mesmo nome, a dos Outeiros Altos na lombada que domina as freguesias de Lufrei e Vila Chã, a de Cerquidos entre Mancelos e Fregim e a de Corva Chã num contraforte do Marão, na linha de águas vertentes entre Candemil e Bustelo.

Com excepção da primeira, tôdas estas necrópoles constam dum limitado número de monumentos tumulares.

A dos Outeiros Altos tem uma mamôa na chã, junto ao morro da Capela Velha, e distante desta mais quatro entre o marco geodésico e Campo Chão, à margem do caminho que segue para S. Bento.

A de Cerquidos tem duas: uma de cada lado do caminho que do Alto de Pidre se dirige para a Lixa e a 200 metros pouco mais ou menos do penedo oscilante, acima referido.

A de Corva Chã tem também outras duas, a uns 100 metros da capela que no alto se levanta.

E falta falar agora da da Aboboreira.

Essa é simplesmente grandiosa. Espalha-se por tôda a serra, que de norte a sul segue através dos três concelhos de Amarante, Baião e Marco. Pois só na parte pertencente a Amarante pude contar 33 dêsses monumentos dolménicos. E quantos não tem ainda o resto da serral...

Quantos não foram de tal forma arrasados que dêles nem vestígios ficaram!...

Só um se encontra em regular estado de conservação. É o conhecido dolmen de Chã da Parada, cujo desenho vem, como já disse, em *O Minho Pitoresco* e a que os serranos dão o nome de Forno da Moira.

E, como não lhes seria fácil explicar a forma como para ali foi transportada a pesada lage que o cobre, ficam com a sua curiosidade satisfeita, criando a lenda ingénua e bela, que foi uma velha moira a fiar na roca, quem à cabeça a trouxe...

Dos outros, raros são aqueles que ainda conservam esteios, já nenhum tem cobertura e na maioria dos casos só a mamôa os revela.

Porém mesmo assim arruinados como estão e sem lhes ter sido feita a exploração conveniente, que breve espero realizar, pois mal a tenho começada, alguns ensinamentos já se podem tirar das ruínas dêsses túmulos tantas vezes milenários.

São sempre construídos, isolados ou em grupos, no meio duma chã e, facto curioso, nunca junto dos afloramentos graníticos que provavelmente lhes forneceram os materiais de construção.

São de dimensões diversas, e, embora com variantes, obedecem apenas a dois tipos. Os maiores, *antas*, tem galeria sem orientação determinada e são formados por possantes chapões graníticos que só com um grande esforço colectivo, que nos assombra, se podiam arrastar ou erguer. Os menores, *antelas*, não tem galeria de acesso, o material construtivo é de muito mais reduzidas

dimensões e até alguns esteios são quasi verdadeiros pilares. Dá-se, porém, em dois destes um facto digno de registo, que só notamos na necrópole da Aboboreira.

É que a mamôa é delimitada por um círculo de pedras de 0,60 m. a 0,80 m. de altura, enterradas até meio, de cutelo, em todo o redor, círculo que nos casos observados mede de 8 a 9 metros de diâmetro.

Mas tanto antas como antelas tem sempre mamôas a revesti-las, tomando algumas grandes dimensões, quando tem de cobrir galerias que chegam a ter 16 metros de comprimento.

As mamôas são feitas de terra e cobertas duma camada protectora de pedra miuda, com o tamanho aproximadamente dos paralelepípedos das ruas.

Com excepção duma só, tôdas as câmaras tumulares foram devassadas, não pela galeria de acesso, mas sim pelo tecto, destruída préviamente a mesa dolménica.

E não é fácil presumir desde quando data a violação, pois é patente que os remeximentos se succederam com fins e em épocas diversas, ficando reduzidos alguns espólios às lascas de quartzite que em todos abundam, e a uma ou outra peça que escapou à vista dos pesquisadores ou que foi rejeitada como objecto sem valor.

Devido a isso só possuo na minha colecção e provenientes da necrópole dos Outeiros Altos machados de xisto, o que há de mais grosseiro, pontas de seta, lascas de sílex, um triturador e vários percutores, e por êsses objectos se pode já avaliar da rudeza dos instrumentos de trabalho daqueles nossos tão longínquos antepassados, da penúria em que viviam, da miséria que os rodeava.

Mas no meio dessa atmosfera de pobreza em que se debatiam, eram ricos de amor pela fraga da serra, junto da qual nasceram e que os abrigava das intempéries, não lhes faltava vene-

ração e respeito pelos seus mortos queridos, à memória dos quais levantaram monumentos que, se não puderam resistir à ignorância dos homens, zombaram da fúria dos elementos, milénios sem fim...

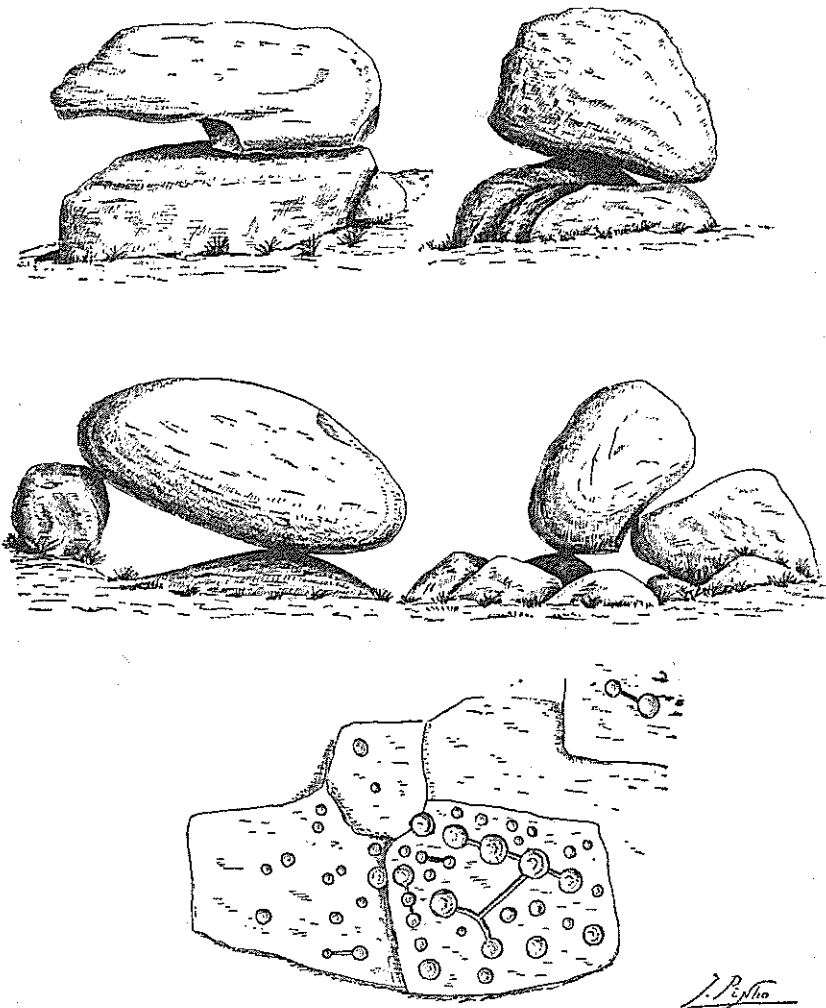
E, como cada dolmen não podia ser, senão a sepultura dum chefe, o túmulo dum herói, ou o necrotério duma família, as quaranta mamôas até agora conhecidas, espalhadas pelos planaltos das serranias do meu concelho, autorizam-me a afirmar que êle já estava habitado na época neolítica e que a densidade dessa população indígena, era bem maior do que até há pouco se supunha.

E chamo-lhe população indígena, porque agora, felizmente, *já se está a dar o seu a seu dono. A miragem oriental*, que tudo e todos fazia vir do oriente, foge em frente da sciência, como tôdas as miragens, quando para elas se avança. Os sábios Wilke e Breuil defendem a origem ocidental dos megálitos, Bosch Gimpera é levado a considerá-la especialmente portuguesa e quem entre nós se entrega a estudos desta natureza sabe bem que o centro da cultura megalítica se fixa ao norte de Portugal.

#### Pedras baloiçantes

De todos os monumentos megalíticos, aqueles que já há muito não ocupam o lugar que, a meu ver, de direito lhes pertence são as pedras baloiçantes. É certo que na tabela dos sinais internacionalmente adoptados para designarem as estações arqueológicas estes megálitos não foram esquecidos e lá figura o sinal que os representa, um triângulo isósceles assente num segmento de recta, passando-lhe pelo vértice um outro oblíquo à base.

Mas devido talvez a serem considerados, já com opinião preconcebida ou terem sido estudados isoladamente e não em conjunto, o que é verdade é que tanto os arqueólogos nacionais



Figs. 1 a 5 (da esquerda para a direita e de cima para baixo): O Penedo Cabano (S. Simão); o Penedo da Bouça (Carvalho de Rei); o Penedo do Avenal (S. Simão); o Penedo do Carral (Bustelo); «fossettes» junto à Pedra que Bole (S. Simão).

como os estrangeiros os estão a pôr de lado e hoje estes monumentos são geralmente tomados por caprichos da natureza.

Permitam-me V. Ex.<sup>as</sup> que não concorde com tal opinião, e vou tentar justificar as razões em que me fundo.

Conheço da geologia a acção erosiva das águas pluviais sobre as rochas de natureza granítica. Bem sei que, desde que as torrentes arrastam as terras e os afloramentos graníticos ficam a descoberto, a acção lenta mas persistente dos elementos os vai desagregando pouco a pouco, polindo-lhes as arestas, dando-lhes a forma arredondada característica destas rochas.

E também sei que, com o decorrer dos séculos, chegam a tomar às vezes as formas mais caprichosas, a fazer até milagres de equilíbrio.

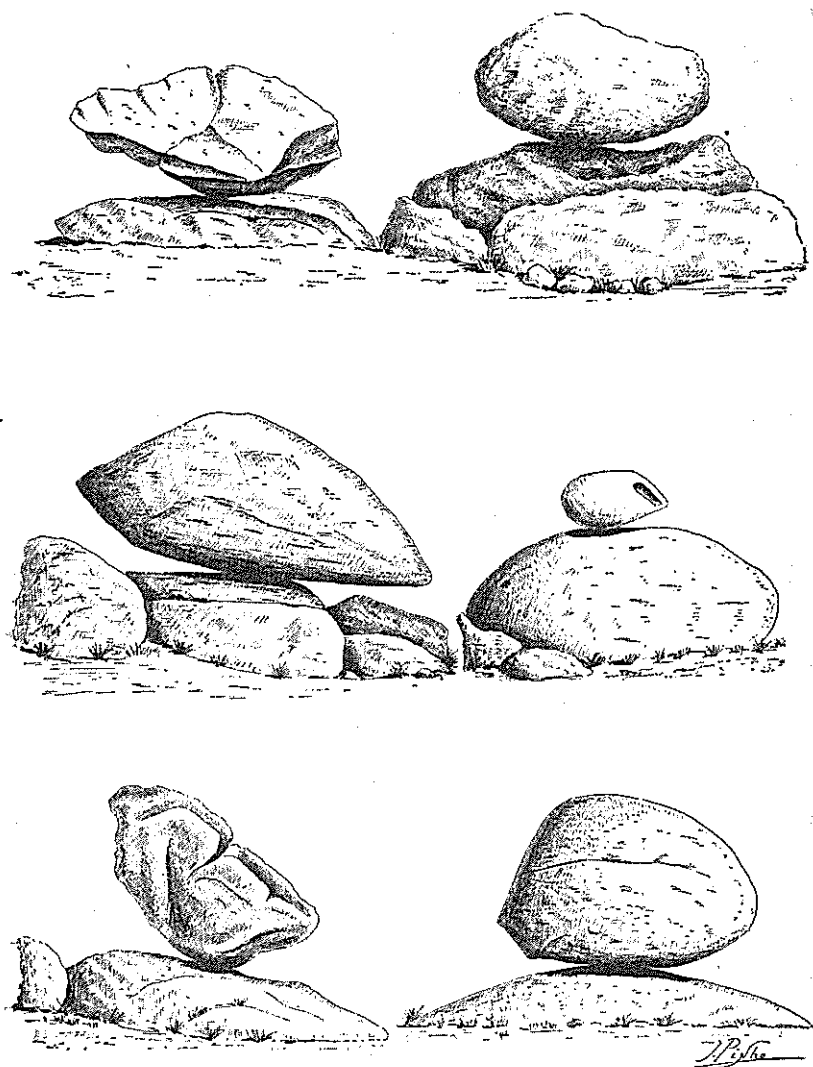
Nada, portanto, me custa a admitir que num solo de natureza granítica, onde êsses afloramentos abundam, um ou outro bloco vá pelo seu próprio pêso reduzindo a terras outros de menor volume em que possivelmente se firmava e, varridas aquelas, êle possa ficar de tal forma equilibrado que um impulso maior ou menor o faça mover.

Mas, por mais caprichosa que seja a natureza, V. Ex.<sup>as</sup> não-deconvir que factos dêstes não podem estar freqüentemente a repetir-se; e, se na verdade se repetem, nos devem pôr de sobreaviso.

Foi o que comigo se deu.

Quando tive ocasião de, pela primeira vez, observar o penedo oscilante de Pé Redondo, da freguesia de Carvalho de Rei, chamado Cabano, corrupção de «Que abana» (fig. 1), logo notei, embora ainda não tivesse visto pedra alguma semelhante, que êle tinha um pequeno sulco no ponto em que se deve exercer a pressão para se produzir o movimento e que êste se não daria, se ao penedo não faltasse pela parte de baixo uma lasca.

E, a-pesar-de me parecerem intencionalmente feitas a falha da lasca e o tal sulco, isto era um caso isolado, não conhecia



Figs. 6 a 11 (da esquerda para a direita e de cima para baixo): A Pedra Artiga (Carvalho de Rei); a de Vale da Moira (Carvalho de Rei); o Penedo do Arenal (S. Simão); a Pedra da Cadeira (Carvalho de Rei); o Penedo do Pombo (Carvalho de Rei); o Penedo de Cerquidos (Mancelos).

mais nenhum penedo oscilante e portanto nada me dava o direito de emitir uma opinião que não só ia de encontro ao já estabelecido, mas de forma alguma podia fundamentar.

Passado pouco tempo vi o penedo de Cerquidos (fig. 11). Nêle há também umas falhas que parecem feitas intencionalmente e num penedo relativamente perto dêste, mas não junto a êle, se podem também notar duas circunferências ligadas por um traço, sinal que várias vezes se encontra em insculpturas rupestres.

Mas estes dois pretensos megálitos estão distantes um do outro muitos quilómetros e não tinha conhecimento que nas proximidades de qualquer dêles houvesse mais algum vestígio de cultura megalítica.

Porisso ainda me não era dado tirar conclusões.

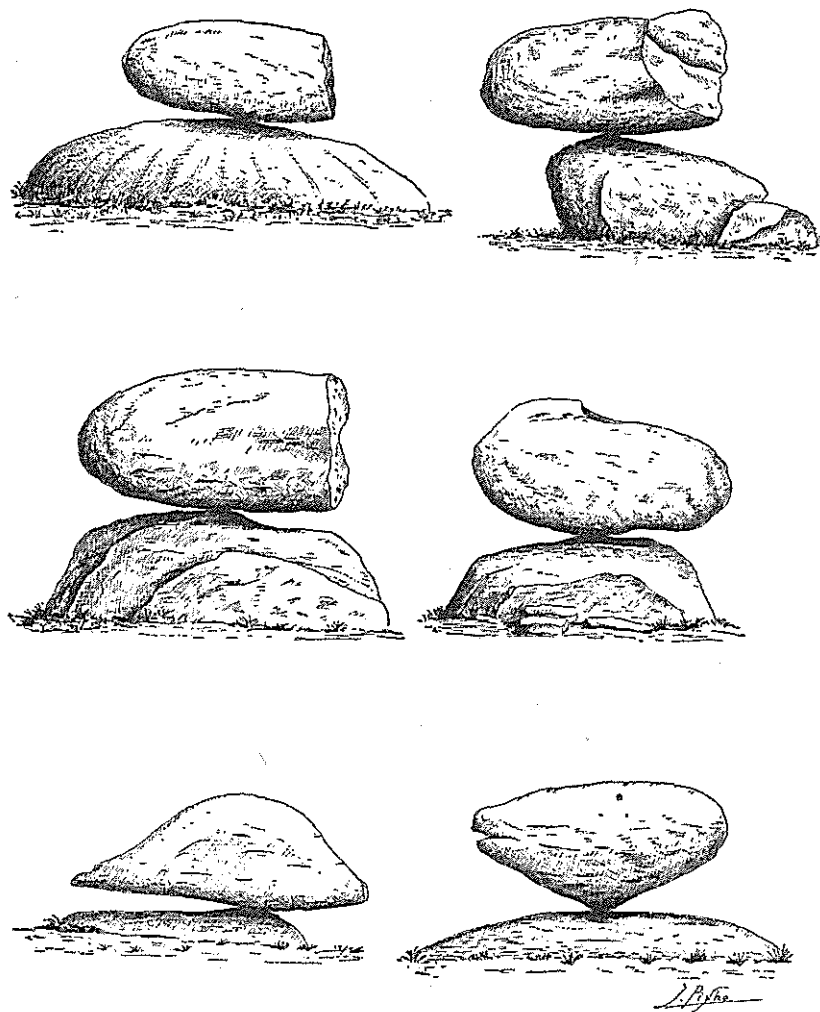
Porém em 1924 tenho ocasião de fazer uma pequena excursão arqueológica pela serra da Aboboreira, onde me demorei dois dias, e então *as pedras oscilantes* surgem-me por tôda a parte, dentro daquela vasta necrópole dolménica, como também próximo de tôdas deparo com mais monumentos megalíticos de que até aí não tinha dado fé.

Vem-me então à memória a hipótese que Filipe Simões apresenta na sua *Introdução à Arqueologia da Peninsula Ibérica* «que as pedras baloiçantes talvez fôsem cipos dum cemitério prehistórico».

E dou-lhe razão. Sim, os penedos oscilantes, pelo menos no que diz respeito à Aboboreira, onde um tem até o sugestivo nome de Pedra do Sol (fig. 12), é possível que sejam cipos ou outro qualquer monumento funerário, simbólico ou mágico.

Mas, se assim fôr, deverá também ser considerado monumento megalítico o penedo de Cerquidos completamente isolado nos altos de Mancelos? Só a vizinhança do petroglifo, de que já falei, nos podia dar êsse direito. Era pouco, e além disso já não podia ser abrangido na hipótese de Filipe Simões.





Figs. 12 a 17 (da esquerda para a direita e de cima para baixo): A Pedra do Sol (Carvalho de Rei); a Pedra que Bole (Castelo Velho—S. Simão); a Pedra que Bole (Chã de Parada—Outil); o Penedo Cavalado (S. Simão); o Penedo de Grêdos (Carvalho de Rei); o Nabôa (Carvalho de Rei).

Porém há pouco o meu velho amigo e ilustrado director da Escola Primária Superior de Amarante, Dr. Mário Monterroso, manifestou-me desejos de o ver. Fui mostrar-lho. Seguimos de carro até ao Alto de Pidre e depois tomamos a pé o caminho que vai para a Lixa.

Nunca por lá tinha ido, mas sabia que o caminho era bom.

Pois assim que deixámos a encosta, um pouco antes da esplanada de Cerquidos e a uns 200 metros do penedo, logo deparamos com duas mamôas, uma de cada lado do caminho, e quem sabe se encontraríamos mais, se tivéssemos tempo de fazer ao monte a devida exploração.

Para o meu caso é que a descoberta tinha a maior importância, porque mais me veio radicar a ideia que entre dolmens e pedras baloiçantes existe uma indubitável relação.

Voltei à Aboboreira. Copiei do natural tôdas as pedras. São 17.

Dividi-as em grupos, segundo a sua base de apoio repousa sobre um ponto ou mais. Estudei-as assim e em conjunto e tive que constatar que é flagrante na quasi totalidade dos casos a intenção que houve de preparar a pedra, a-fim-dela produzir um movimento determinado.

E em face dalgumas, como se vê das figs. 12 a 14 ninguém poderá pôr em dúvida essa intencionalidade.

Se fôsse um caso único, ainda se poderia argumentar com uma hipotética descarga eléctrica; mas como o facto se repete, pelo menos três vezes, temos que concordar que os caprichos da natureza não vão até êste ponto. E, além disso, ós fabricantes destes megálitos (creio que já assim lhes posso ir chamando) deixaram, a meu ver, ao pé dum dêles o seu cartão de visita.

Numa fraga mesmo junto à pedra oscilante (fig. 13) encontram-se várias séries de *fossettes* ligadas algumas entre si por pequenos sulcos (fig. 5).

É um belo exemplar de insculpturas rupestres. E estas, como é sabido, decoram quasi sempre indubitáveis monumentos megalíticos.

Finalmente, de dedução em dedução, creio poder concluir que as pedras oscilantes até agora encontradas no concelho de Amarante, na proximidade de castros, no meio de necrópoles dolmênicas e junto de insculpturas rupestres, com sinais evidentes de terem sido intencionalmente preparadas para oscilar, devem ser consideradas verdadeiros megalitos, possivelmente de carácter funerário, mágico ou simbólico.

E, até autorizada opinião em contrário, nisto assentarei; dando o meu trabalho por bem empregado se daqui em diante, qualquer de V. Ex.<sup>as</sup> dispensar a êstes monólitos um pouco da atenção que até agora lhes não mereciam.

Seja qual fôr, porém, a conclusão a que, sôbre êste assunto se chegar, o que, em face da minha exposição, fica provado é que a cultura megalítica largamente se difundiu pelo aro amarantino e que, sob os dolmens que se espalham pelo alto das suas serras dormiram o último sono antepassados nossos, se, através de tôdas as *étapes* da humanidade, deles até nós pudermos chegar, sem solução de continuidade.

E será êsse o assunto doutras minhas palestras.

Maio de 1926.

## VÁRIA

### L'authenticité d'Alvão: réponse à M. Dussaud

Je ne saurais trop remercier M. le Prof. Jacques Chevalier de la notice qu'il a bien voulu insérer dans le « Bulletin de la Société d'Émulation du Bourbonnais » sur notre entretien à Porto au sujet d'Alvão et de Glozel et sur ses impressions de l'examen des objets d'Alvão déposés au Musée placé sous ma direction.

Le résumé que le « Journal des Débats » du 25 Juin a donné de cette notice, me suggère quelques remarques, auxquelles j'ajouterai quelques considérations sur l'attitude scientifiquement insoutenable que M. Dussaud a prise par rapport à l'inscription d'Alvão, dont j'ai fait récemment une description dans cette même revue (1).

Le « Journal des Débats », résumant dans sa section « Querelles glozéliennes » la notice de M. Chevalier, m'attribue l'affirmation que je tiens les objets d'Alvão « pour parfaitement authentiques, et néolithiques: de l'époque mégalithique finissante, et du début de l'âge du fer: 500 environ avant notre ère ».

En effet, je ne doute point de l'authenticité des pièces d'Alvão, qui ont été déposées au Musée Anthropologique de Porto par M. l'abbé Brenha, et je crois que l'on ne peut pas mettre, non plus, en doute les sculptures en pierre, de la même provenance, que j'ai examinées dans le Musée Ethnologique de Lisbonne. Il aurait été impossible de donner à tous ces objets la patine homogène et nette qu'ils présentent. Il va sans dire que les personnes qui connaissent la contrée ne croient pas qu'elle aurait pu être le théâtre d'une falsification d'objets de cette nature.

Mais sur la date de ces objets, je n'ai pas encore une opinion définitive. Malgré quelques affinités typologiques néo-énéolithiques de ces pièces et malgré la présence de la plupart de celles-ci sur le plancher d'une chambre dolmênique, je ne les tiens pas pour néolithiques et M. Chevalier ne m'a pas attribué cette opinion. Elles

(1) Sur une inscription proto-ibérique d'Alvão — « Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia », t. III, fasc. IV, Porto, 1928.

me semblent, par contre, être post-néolithiques, même post-mégolithiques (la culture mégalithique du pays se poursuivant certainement dans l'âge du bronze) <sup>(1)</sup>, mais cependant antérieures à 500 av. J. C. environ, date du commencement du deuxième âge du fer, la seule période de cet âge qui soit représentée nettement en Portugal. Je les ai appelées vaguement *proto-ibériques*, en attendant qu'une étude plus complète, qui est en préparation, et peut-être de nouvelles trouvailles puissent remplacer ou préciser cette classification provisoire, d'ailleurs nullement arbitraire <sup>(2)</sup>.

Comme moi, le savant auteur de « La formation de la nationalité au Pays de Galles » ne trouve pas inadmissible que l'on doive chercher à l'occident de l'Europe les origines de l'écriture alphabétique et de la civilisation. On connaît déjà dans ces contrées, depuis le paléolithique supérieur, des signes alphabétiformes. On ne saurait donc être assez réservé en ce qui concerne la thèse de l'origine orientale de l'alphabet. L'écriture ibérique, plus variée que l'alphabet phénicien et différente de celui-ci, ne peut pas en être dérivée et elle présente un aspect plus archaïque. Je n'insisterai pas, pour l'instant, sur ces points ni sur les manifestations d'une ancienne civilisation occidentale, lithique et du cuivre, dont l'éclat, sous certains aspects, ne semble pas être effacé par celui des civilisations archéo-métalliques de l'Orient <sup>(3)</sup>.

(1) M. Loth, dans ses lettres sur le sujet, m'affirme qu'il considère de l'âge du bronze le dolmen et les objets.

(2) Par leurs conditions topographiques, par l'absence du métal, par les idoles (?) féminines, par les symboles solaires (?), par les cerfs stylisés, par les pierres à cupules, ces pièces se rapportent aux dolmens, ou mieux, d'une façon plus générale, à la culture néo-énéolithique. Mais les rudes sculptures animalières, l'écriture archaïque, l'aspect du tesson que j'ai publié récemment, les rapprochent de la culture des *castros* portugais et de la culture dite *ibérique*, de l'âge du fer II, dont elles seraient donc peut-être des devancières.

M. Leite de Vasconcelos a récemment appelé mon attention sur une pièce de la collection A. Belino, du Musée Ethnologique Portugais (n.º 1010), qui a été découverte dans le *castro* de Monte Redondo (Braga) et qui ressemble absolument aux objets d'Alvão qui ont été considérés des figurations d'oursins de mer, mais que l'on suppose en général être des symboles solaires. Ce document, qui est de la même nature de ces pièces étranges d'Alvão, a été décrit par M. Belino dans *l'Archeologo Português*, t. XIV, Lisbonne, 1909, p. 27. Sa présence dans le mobilier d'un *castro* vient en appui de mon opinion sur Alvão.

(3) Je suis tout à fait d'accord avec M. Chevalier quand il écrit (*Journal des Débats*, du 2 Juillet) que le sort de l'hypothèse de l'origine occidentale de l'alphabet dépend de ce que l'on prouve que les écritures archaïques occidentales sont *alphabétiques*.

J'admire profondément l'aise avec laquelle la « méthode épigraphique » de M. Dussaud se meut dans ce terrain d'inscriptions en langues inconnues et en signes dont on ne sait pas, au moins, s'ils sont alphabétiques, syllabiques ou idéographiques...

Je me plais spécialement à enregistrer que M. Chevalier, neutre sur Glozel — ce que je reconnais parfaitement légitime — partage absolument mon opinion sur l'authenticité d'Alvão. « J'ai vu les inscriptions d'Alvão, dit-il, je les ai tenues dans les mains; il faut bien reconnaître qu'elles présentent toute la patine et tous les caractères des objets les plus rigoureusement authentiques: je n'en saurais, pour ma part, davantage douter de ce que j'ai vu aux Eyzies, à Font-de-Gaume ou aux Combarelles ». Mon éminent collègue de Grenoble a écrit ces mots *après avoir vu* à loisir les pièces discutées.

\* \* \*

Il est regrettable, au point de vue de la vérité scientifique, que M. Dussaud, dans sa nouvelle brochure contre Glozel <sup>(1)</sup> (sa première brochure n'ayant donc pas réussi à l'enterrer!) déclare, négligeant mon humble témoignage et sans un examen *de visu* de la pièce, que le tesson d'Alvão récemment publié est un faux. Il gênait trop son anti-glozélisme...

Les arguments apportés par M. Dussaud sont: la ressemblance des caractères de ce tesson avec l'écriture glozélienne; leurs différences par rapport aux signes des inscriptions découvertes antérieurement à Alvão; l'apparition de ce document au plus fort de la tourmente de Glozel; son association avec un caillou gravé, que j'ai, moi-même, écarté prudemment de la discussion, parce que je suppose qu'il aurait été retouché; l'impossibilité d'établir objectivement l'authenticité d'une pièce maquillée à l'encre d'imprimerie par un des prêtres qui ont eu l'obligeance de m'en faire l'envoi.

Le premier argument — la ressemblance avec l'écriture glozélienne <sup>(2)</sup> — ne vaut rien pour la démonstration désirée, aux yeux de ceux qui *a priori* ne considèrent faux tout ce qui rappelle Glozel.

Plusieurs <sup>(3)</sup> signes du tesson se trouvent déjà sur les inscriptions antérieurement découvertes dans la contrée. Précisément les signes de la nouvelle inscription qui s'y répètent le plus souvent, se constatent aussi sur les inscriptions antérieures de Carrazedo et Capeludos, par exemple: le point, X, A, etc. Les signes nouveaux n'y paraissent qu'une fois. Ces différences sont parfaitement

(1) R. Dussaud, *Glozel à l'Institut* — Catin éd., Paris, 1928.

(2) Il faut retenir cette constatation épigraphique comme avantageuse pour la thèse glozélienne.

(3) Je n'ai pas écrit *rare*, terme que m'attribue M. Dussaud (*Glozel à l'Institut*, p. 51).

explicables par l'abondance des signes des écritures primitives, par la fréquence de leurs variantes <sup>(1)</sup> et par la petite étendue de la plupart des inscriptions. Mais on ne peut pas contester les affinités (qui ne constituent nullement une identité absolue) de quelques documents trouvés antérieurement à Alvão avec ceux de Glozel.

Ces affinités sont si nettes que M. Elliot Smith, après l'examen des moulages d'Alvão que j'ai apportés au Congrès d'Amsterdam, a déclaré qu'ils ressemblent si étroitement aux objets de Glozel que, si ces derniers étaient faux, il faudrait en dire autant de ceux d'Alvão <sup>(2)</sup>. Il y a un peu d'exagération, mais ces mots montrent bien l'existence des ressemblances entre les objets des deux stations <sup>(3)</sup>.

Les conditions de l'apparition du tesson ont été exposées dans mon article sur ce document et elles m'ont été formellement confirmées dans ces derniers temps, avec des détails absolument convaincants, par M. l'abbé Brenha et par d'autres personnes respectables et impartiales du pays.

Le P.<sup>e</sup> Brenha apporta à son collègue, le P.<sup>e</sup> Rodrigues, habitant aux environs de Carrazedo d'Alvão, les n.<sup>os</sup> du «*Mercure de France*», qui contenaient les articles sur Glozel. Un paysan, qui était présent, regarda les gravures et déclara tout de suite que, dans une maison paysanne de la contrée, on gardait superstitieusement un objet trouvé sous un dolmen et ayant des signes semblables. Les prêtres prirent aussitôt des mesures pour en obtenir la possession et ils réussirent finalement dans leur dessein.

(1) Cejador n'admet, dans son système sur l'ibérique, moins de 30 variantes pour ce qu'il suppose, à tort ou à raison, l'A. Voir ma notice critique de ce système dans cette même revue (t. III, p. 336).

(2) Salomon Reinach, *Ephémérides de Glozel*—Paris, 1928, p. 138.

(3) M. Camille Jullian écrit aussi: «... les fameuses découvertes d'Alvão en Portugal... d'ailleurs assez similaires à celles de Glozel» (*Chronique gallo-romaine*—«Revue des Études Anciennes», t. XXIX, 1927, p. 187). M. Jullian attribue à Alvão une date «très voisine de l'ère chrétienne et des temps romains». M. Franchet, qui partage sur Glozel les vues de l'éminent auteur de l'*Histoire de la Gaule*, vient de publier dans la «Revue Scientifique» (n.<sup>o</sup> du 12 Mai 1928) un article où il donne comme romain le tesson d'Alvão. Cet objet est donc classifié très diversement selon les auteurs: la formule de M. Dussaud est la plus commode, mais la seule tout à fait inadmissible. On ne rejette pas si simplement un document scientifique de cette importance!

Les doutes et les divergences sur la chronologie de ces objets ne constituent pas un motif de discrédit pour la science archéologique. Les faits acquis par celle-ci dans les derniers temps sont très nombreux et d'une haute valeur. Dans le domaine des *interprétations* et des *origines*, on hésite beaucoup, on s'arrête souvent. Mais personne n'oserait contester, par exemple, l'existence des sciences biologiques et médicales, par le fait que l'on ignore beaucoup sur la nature de la vie et sur celle de plusieurs maladies.

C'est à dire: la coïncidence entre la controverse de Glozel et l'apparition de ce nouveau document se trouve parfaitement expliquée. Elle n'est pas une cause de suspicion. On peut dire même que Glozel—qu'il soit considéré faux ou vrai—a eu au moins le mérite de provoquer l'utilisation scientifique d'un remarquable document que l'on ne connaissait pas auparavant.

J'ai écarté, en effet, de la discussion, un caillou sur lequel on aurait peut-être récemment avivé quelques traits, mais dont l'ensemble des gravures présente un aspect ancien. Le cervidé schématique gravé sur ce caillou a des ressemblances frappantes avec les cervidés de la poterie énéolithique de Palmela et de Los Millares. Mais, par ignorance et sous une mauvaise inspiration, on peut facilement aviver un trait d'un caillou. Le tesson et ses signes, par contre, ne pouvaient être fabriqués, avec leur aspect ancien, ni par des paysans contemporains de la région, ni par le faussaire le plus habile.

Nous arrivons au dernier argument, le plus... malveillant. Le déplorable maquillage à l'encre d'imprimerie, que j'ai signalé dans mon article, a été pratiqué de bonne foi par l'un des prêtres, pour me faire l'envoi d'une épreuve des signes gravés. Heureusement une partie de la surface gravée, le fond des traits, les bords du tesson et la surface postérieure de la pièce n'ont pas été atteints par l'encre et *l'on peut y constater fort bien une patine excellente et même, sur la surface gravée, quelques incrustations jaunâtres d'un aspect bien vieux*. Quelle déception pour ceux qui ont accepté les yeux fermés l'assertion de M. Dussaud!

Les traits, comme leur configuration le prouve, ont été gravés *avant cuisson*. Donc, ils ont l'ancienneté incontestable du tesson qui les porte.

Si M. Dussaud *avait vu* cette pièce, comme M. Chevalier l'a vue et comme je l'avais prié de faire lui-même avant d'en juger formellement <sup>(1)</sup>, il reconnaîtrait qu'elle possède, comme je lui ai répété dans mes lettres, des caractères propres d'authenticité et il n'aurait pas brandi triomphalement, pour me confondre, ce pauvre argument d'un prétendu maquillage intégral de l'objet. Ce n'est pas ma faute...

M'attribuant des reproches que je ne lui ai pas adressés et censurant, à son tour, le ton de ma lettre au «*Matin*» et au «*Jour-*

(1) M. Dussaud était libre de ne pas croire à mes yeux, à mes connaissances et à mon sens critique (je ne lui en ferais pas reproche, comme il écrit p. 52). Il était libre d'avoir des doutes, de se montrer réservé, au sujet de l'authenticité du tesson. Mais il a bien vite dépassé cette attitude agnostique, que je trouverais légitime avant un examen direct du fragment.

nal des Débats» du 30 Avril (qu'il proclame «une attaque glozélienne»), le savant orientaliste met en cause mon «sens critique» à propos de ma conviction de l'authenticité de ce tesson que j'ai longuement examiné et qu'il n'a pas vu.

Je ne répondrai à ces allusions personnelles qu'avec l'exposition de l'inanité de ses accusations hâtives contre le précieux document d'Alvão. Les lecteurs seront ainsi à même d'apprécier, non seulement mon sens critique, mais aussi l'esprit scientifique de M. Dussaud, sa méthode et son impartialité.

Porto, Université, le 4 Juillet 1928.

A. A. MENDES CORRÊA.

### Alvão, d'après M. Jullian

M. Mendes Corrêa remet au point les fameuses découvertes d'Alvão en Portugal, jugées préhistoriques par les uns, inquiétantes par les autres, et d'ailleurs assez similaires à celles de Glozel<sup>(1)</sup>. Il n'a pas de peine à montrer que le gisement d'objets est indépendant du dolmen, et que le voisinage en a été utilisé (comme si souvent, je crois), pour quelques rendez-vous magiques de l'époque ultérieure. Car il ne faut pas oublier que menhirs et dolmens ont dû provoquer à l'époque romaine autant de superstitions qu'au Moyen-Age. Je me séparerai cependant provisoirement de M. Mendes Corrêa au sujet de la précision sur la date (je dis provisoirement, car je ne désespère pas de l'amener, après enquête, à mon opinion). Cette date, pour moi, est très voisine de l'ère chrétienne et des temps romains. Les inscriptions me paraissent être de simples variétés, déformées en une demicursive, des alphabets ibériques (tels que je les connais par le recueil de Hübnér). Quant aux gravures, ce sont de ces images plus ou moins fantaisistes dont usaient et abusaient les sorciers des temps classiques: 1.° simulacres de poissons (l'emploi de poissons est habituel en magie; cf. le disque en terre cuite du *Dict. des Antiquités*, fig. 306<sup>(2)</sup>), et le

(1) *Glozel e Alvão*, dans les *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 1926, t. III, fasc. II.

(2) Les trois signes allongés, en haut et au centre, sont certainement des figures de poissons. Ce disque et les disques similaires n'ont jamais été étudiés avec le soin désirable. Il y a là la plus complète série d'objets magiques en usage dans le monde romain. On les retrouve en partie à Glozel: l'échelle, la main, la brique à cupules, la poupée ou la bobine, les pastilles (de verre), etc.

poisson d'Hécate)<sup>(1)</sup>; 2.° le dessin d'une plante, fougère ou presle (même remarque<sup>(2)</sup>; cf. Wünsch, *Seth.*, p. 10); 3.° des images de cervidés (même remarque; cf. ici, p. 168-169); 4.° une image de sanglier aux soies hérissées (c'est, avec le cerf, l'animal préféré des rites de Diane<sup>(3)</sup>); 5.° en particulier une figure humaine tenant un arc (*Seth.*? cf. Wünsch, p. 6) et chevauchant un cervidé. Ajoutez un très grand nombre de pierres à cupules, qui, évidemment, peuvent être de tout âge, mais qui peuvent être aussi parfaitement de l'époque romaine. Remarquez le trou de suspension sur certains objets, bien caractéristique des objets magiques. Je suis un peu intrigué par la figure plus ou moins simiesque de *Portug.*, pl. 38, n.° 66 b: sorcier? singe? chasseur? — Une nouvelle publication s'impose.

(Revue des Études Anciennes, t. XXIX, 1927, p. 32).

CAMILLE JULLIAN.

### Sôbre um documento inédito, relativo à pretensa existência do homem terciário e devido ao dr. Ferraz de Macedo<sup>(4)</sup>

Trata-se de um autógrafo que julgo interessante para a Sociedade de Antropologia, pelo assunto, de novo palpitante, deste documento, que se refere à questão, sempre agitada e inquietante, do *terciarismo*. O autógrafo presente é a cópia ou minuta duma carta escrita reflectidamente pelo dr. Ferraz de Macedo, a propósito do comentário duma obra sobre arqueologia prehistórica, oferecida ao antropologista português, o qual, como é sabido, foi o

(1) A propos d'Hécate: *Καμάρωσαν δὲ καὶ τὴν τρίγλαν αὐτῆ δια τοῦνομα* (Cornutus, *Theologiae graecae compendium*, ch. 34, édit. Lang). Sur l'emploi magique du poisson, qu'il suffise de renvoyer à l'*Apologie* d'Apulée (*maleficio quæri pisciculos*, ch. 29; cf. ch. 25; etc.).

(2) Là encore il s'agit d'un objet à emploi magique. Outre les innombrables figurations de plantes ou rameaux dans les documents de ce genre (par exemple, papyrus de Parthey, II, p. 155), voyez l'*Apologie* d'Apulée à propos des *surculi* (*Ap.*, 30). — Et c'est ici qu'il serait bon de posséder, ce qui nous manque, une étude comparée de ces figurations et des traités de *virtutibus plantarum* (en dernier lieu, *Catalogus codicum astrologorum graecorum*, t. VIII, III<sup>e</sup> p., p. 153 sq.; IV<sup>e</sup> p., p. 254 sq.).

(3) *Setosi caput hoc aprî tibi, Delia, parvus et ramosa Micon vivacis cornua cervi* (Virgile, *Bucol.*, VII, 29-30). Je ne serais pas étonné que le hérissément des soies ait une importance en magie.

(4) Comunicação feita pelo sócio titular J. Bethencourt Ferreira em sessão de 20 de Dezembro de 1927.

patriarca das Ciências Antropológicas em Portugal e constitui pelos seus trabalhos, pelo seu espírito inovador, mesmo pela sua audácia, verdadeira autoridade, tanto no país como no estrangeiro.

Pela natureza e originalidade da sua obra, êle merece sempre o respeito e apreço que se deve ter para com os precursores e criadores de ciência. O dr. Ferraz de Macedo foi realmente o primeiro antropologista português; foi êle quem introduziu entre nós as noções, os princípios e o método desta ciência então nascente, que hoje nos congrega neste recinto. Foi êle o Mestre que deixou discípulos como Costa Ferreira; foi êle que fêz primeiro dêsse ramo novo de saber aplicações de carácter social e estatístico, por exemplo, no emprêgo de elementos fornecidos pelas observações antropológicas nas investigações policiais e na instrução criminalista, para constituir prova perante a justiça. Verifica-se isto nos documentos que aqui trazemos e esclarecem o facto. Segundo a notícia dum jornal da época, vê-se que o dr. Francisco Ferraz de Macedo entrou, cêrca de 1902, na reorganização dos serviços de instrução criminal, em que foi, pela primeira vez, encarregado da fundação do serviço antropométrico. Isto era uma consequência importante de moderna orientação em medicina legal, derivada das teorias de Lombroso, Garofalo, Tarde, Lacassagne e tantos outros, os quais formaram a nova ciência — Antropologia Criminal.

Muitas pessoas desconhecem êste facto da intervenção do primeiro antropologista português na moderna ciência criminalologista. A biografia do dr. F. Ferraz de Macedo ainda não está completamente feita; apenas algumas notícias e comentários dispersos e, em especial, por ocasião do seu falecimento, alguns traços publicados por Costa Ferreira e por mim, em homenagem ao desditoso desaparecido, dizem alguma coisa sôbre a sua vida e trabalhos e acêrca do seu muito valor, como cientista.

O dr. F. de Macedo fôra mal conhecido e pior compreendido; sofrera até perseguição por motivo do seu afincado amor ao saber. Chamaram-lhe «o Ferraz das Caveiras», em razão do aturado estudo que êle se propôs fazer, da craniologia entre nós. O ridículo mal intencionado e mordaz não deixou de pousar nêle, como importuna môsca... A sua coragem, a sua enorme tenacidade triunfou dos obstáculos e deve-se-lhe incontestavelmente a introdução e o desenvolvimento e até mesmo uma das mais importantes aplicações dessa ciência pacificamente revolucionária e generosamente democrática, que é a Antropologia.

O dr. Ferraz de Macedo, que era natural de Agueda, seguiu os seus estudos no Brasil e era formado em medicina, possuindo



F. Ferraz de Macedo

erudição vastíssima e técnica admirável, de que a sua volumosa obra oferece exemplo inegável. O seu alto espírito fortaleceu-se e expandiu-se nos principais centros de cultura europeia, Paris, Londres, Berlim, Estocolmo, Copenhague, Vienna, Roma e S. Petersburgo. Viajou muito e aprendeu principalmente os métodos da escola parisiense, em que Broca pontificava. Privou lá fora com Manouvrier e muitas outras notabilidades ainda hoje veneradas.

\* \* \*

O documento comunicado hoje a esta Sociedade é a minuta de uma carta, com a data de 18 de Julho de 1898, dirigida a Mr. Thieullen, acêrca da obra por êste enviada ao dr. F. de Macedo e intitulada: «Les véritables instruments usuels de l'âge de la pierre», datada da mesma época.

O original desta carta foi escrito pelo autor em francês e posto sob a vista do dr. H. de Courtois (Henri de Courtois?), para ver os erros que tem, segundo a apostila a lápis, escrita no alto da cópia ou rascunho e datada de 14-VII-1898.

O dr. F. M. tinha por hábito anotar a lápis todos os documentos, acompanhando as notas de datas e informações minuciosas, que são o índice da sua exactidão, do seu método, da sua probidade científica de observador e escritor. Essas anotações e informes são, às vezes, curiosos, como documentação e cronologia; elas dão particular interêsse aos manuscritos e publicações do autor. Muitos dos volumes e papéis legados por êle ao Museu Bocage, de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Ciências de Lisboa, encontram-se anotados por êsse modo.

Não se pode dizer que o estilo desta carta seja corrente em boa linguagem francesa; contudo o pensamento que nela se põe em evidência sai claro, como a caligrafia excelente em que é expresso. É natural a correcção com que as letras estão desenhadas, a regularidade das linhas, denunciando a firmeza e a virilidade de carácter. Nesta data, o autor achava-se ainda na plena posse dos seus dotes físicos e recursos intellectuais. Tivemos então o gôsto de conhecer pessoalmente o Mestre e de nos interessarmos pela sua obra, que adquiriu depois notoriedade pública; ficou porém incompreendida de muita gente, que supunha o dr. F. M. apenas um filósofo, um apaixonado pela sciência, um simples devoto e não um criador, como realmente foi, duma obra e duma actividade importantíssima, em domínios apenas defe conhecidos, nesse tempo, em Portugal. Êle era o representante nato, muitas vezes à sua custa, do nosso país e da sciência portuguesa nos

congressos da especialidade, tendo sido bastante apreciado pelos sábios estrangeiros, com os quais mantinha relações amistosas. Era tido por muitos como excêntrico, porém a sua personalidade não deixava transparecer sensível desequilíbrio, que destoasse da gravidade e austeridade do seu carácter. Desiludido das coisas do mundo e da família, entregou-se com estusiasmo à sciencia sua predilecta e pode-se dizer que morreu pensando nela, legando ainda em vida, ao país e à Universidade de Lisboa, as colecções e os livros, manuscritos, desenhos, cálculos e instrumental, que reünira em longos anos de porfiado labor de homem de sciência verídico e sincero. Dele se dirá com inteira justiça que honrou a sua pátria e dela merece a consagração.

\* \* \*

A carta do dr. F. de Macedo a M. Thieullen manifesta as ideias noutros escritos enunciadas por aquele sôbre o homem terciário, assunto que ainda hoje se presta a controvérsia e que de novo atrai as atenções dos arqueólogos, principalmente depois das descobertas de Ipswich. As considerações de F. de Macedo foram suscitadas pela obra de Thieullen, em época já remota, em que a existência do homem terciário era debatida com apaixonada veemência, a pouca distância da descoberta dos pretensos restos humanos de Brescia e dos sílices de Ota, êstes últimos encarados pelo geólogo português Carlos Ribeiro, como demonstrativos do talhe intencional, produzido pelo problemático antepassado.

Conforme era lícito na sua época, o dr. F. de Macedo deixou-se envolver pelo romantismo de então. No século passado, a sciência como a literatura não deixou de ser afectada pelo romantismo. Os sábios não trabalhavam, não raciocinavam tão friamente, tão positivamente como hoje e por vezes se deixavam arrastar pelas discussões excessivamente acaloradas, como sucedeu com as de Lombroso e Benedickt e entre nós com as ideias de Carlos Ribeiro e de F. de Macedo. Não há muito, os sílices de Ipswich e os achados de Glozel provocaram intensas e acendidas polémicas e portanto o documento que ora trago perante a Sociedade de Antropologia não deixou de vir a propósito sôbre o eco das últimas discussões sôbre prehistória.

Nesta carta o dr. F. de Macedo revela-se não simplesmente um sábio, mas um crente. Dela brota com exuberância a sua fé no H. terciário, com a firmeza ao mesmo tempo de uma crença e duma concepção matemática. Haveria de suceder como uma espécie de fatalidade. As suas ideias iluminadas por uma dourada

fantasia acharam uma espécie de confirmação lisongeira na obra de Thieullen e o sábio português apressou-se a expressar o seu agradecimento pela oferta do livro, elogiando o investigador estrangeiro que abundava nas ideias dele.

Salienta-se da carta a explicação teórica de como poderia ser conservado o fóssil humano em camadas argilosas, nas aluviões. É uma concepção engenhosa, que não obteve por ora a sua confirmação. A sua firmeza de convicção traduz-se no trecho em que afirma que as objecções ulteriores não o demovem de acreditar na possibilidade da revelação do H. terciário:

*« Il est possible qu'on trouve le squelette intact de l'homme tertiaire dans une couche alluvionale, de sédiment pulvérulent pliocène, soit en Lombardie, soit dans une autre contrée quelleconque du globe ».*

Para o dr. F. de Macedo, êsse pretensão fóssil humano, mal adivinhado apenas, não seria um Antropoide, mas uma das variedades da espécie humana. Tal conceito, muito prejudicado hoje, por numerosas objecções, constituia naquele tempo uma ousadia de bastante originalidade, que entreteve os sábios e os letrados, sem conseqüências de maior. Dantes tinha sido o memorável achado de Thenay e a descoberta de Boucher de Perthes, a maxilla humana do Valle da Somme (Moulin-Quignon), mais tarde o extraordinário fóssil de Java. Todos estes descobrimentos estimularam o espírito imaginativo e concepção do nosso antropologista e firmaram a sua convicção, a sua fé inabalável no terciarismo, que êle defendeu *à outrance*.

\* \* \*

Contudo a obra científica do dr. F. de Macedo, além da sua grande extensão, é original e variada e também capaz de numerosas applicações. As suas estatísticas, embora inconclusas, as suas inúmeras medidas, fornecem abundantes elementos do maior proveito para o estudo da população portuguesa. É neste ponto uma verdadeira obra nacionalista, de que os continuadores se servem sempre com segurança e proveito.

Êle dedicou-se com afan ao estudo da Antropologia Criminal. Foi entre nós o primeiro tratadista no género, em seguimento das ideias lombrosianas. Os seus trabalhos neste ramo impressionam pela quantidade de observações e de factos recolhidos, de medidas rigorosamente tomadas.

Êste escrito, proveniente de personalidade que tanto se notabilizou na sciência que criou e professou em Portugal, de forma tão original e utilitária, cheio de proficiência e zelo levado até ao



martírio, merece ser conservado e ninguém como a Sociedade de Antropologia, que vive paredes meias com o Instituto e o Museu de Antropologia, pode e deve guarda-lo, visto que hoje êste papel tem um interêsse sobretudo histórico. Ei-lo:

«Original escrito por mim em francês e dado ao dr. H. de Courtois para ver os erros que tem, e só lhe achou os a lápiz vermelho.

14-VII-1898.

(N. F. M.)

Monsieur A. Thieullen.

Cher Monsieur.

Il y a huit jours qu'il m'est arrivé un livre imprimé sous votre garde, avec le titre «Les véritables instruments usuels de l'âge de la pierre».

J'ai lu ce livre avec avidité. Puisqu'il n'apporte offrande autographe, il m'est impossible de juger si c'est à vous même que je dois l'obligeance d'un document si précieux. Toutefois, dans l'incertitude de l'envoyeur, agréez vous, donc, mes remerciements affectueux.

Pour ceux qui sont habitués aux objets préhistoriques travaillés, votre récolte d'outillage rudimentaire en pierre est si copieuse et si scrupuleuse; aussi votre narration est si nette et les deductions qui en decoulent si logiques: qu'à mon avis il n'y aura personne de bonne foi capable de metre en doute les conclusions où vous êtes arrivé, à savoir que, ayant rapport aux époques, les instruments de manieiment journalier étaient plus mal finis que ceux destinés à servir d'objet de luxe ou de parure.

Ainsi, Monsieur Thieullen, vous venez de remplir une omission préhistorique et de dévoiler à l'humanité savante de nouveaux horizons d'investigation pour les recherches positives au point de vue de son ébauche.

Les reflexions que vous developpez aux pages 52-53 et *passim*, sont d'une haute valeur pour moi.

Je crois, Monsieur, avec fermeté, que l'homme à son debut n'avait aucun outillage, et cela a dû se prolonger assez longtemps. Et si, donc, à cette époque un corps humain fût immergé (à dessin ou per accidens) <sup>(1)</sup> dans les eaux calmes d'alluviums trop chargés d'argille *homogène*, dont le dépôt commencé d'avance fût poursuivi jusqu'à la totale vaporisation aqueuse; que le corps sus-dit restât

(1) i. e. à dessein ou par accident.

au milieu de l'argile expurgée de toute humidité, et de toute action météorologique: tout d'abord, ce corps perdrait ses parties molles et son squelette resterait intact; en suite, il garderait ses relations osseuses (comme ceux de Pompée au milieu des cendres du Vésuve) et jamais s'incrousterait ni ne se corromprait, et le même sort auraient les autres espèces animales qui seraient près de lui. La conservation du squelette resterait encore plus assurée, lorsque sept ou huit couches, de grandeurs et qualités variables, parvinssent à se déposer sur la primitive couche sédimentaire pulvérulente, où gisait le corps ou le squelette. Voilà le cas qu'il m'est arrivée d'apercevoir à Brescia, dont le résumé fit l'objet d'une communication au «Congrès International d'Anthropologie et de Archeologie Préhistoriques», tenu à Paris en 1889, inserée aux pages 543-551 du Compte rendu (1891). Les examens locaux postérieures, et les objections soulevées à ce sujet, ne me détournent pas de ma ferme supposition, qui est la suivante:— Il est bien possible qu'on trouve le squelette intact de l'homme tertiaire dans une couche alluvionnelle de sédiment pulvérulent pliocène, soit en Lombardie, soit dans une autre contrée quelleconque du globe. Pour réussir, il faut de la conviction, de la recherche, du temps, du criterium investigateur et de l'obstination.

En mettant en jeu ces éléments, on trouvera assurément les restes osseux de l'homme tertiaire. En plus: selon moi, les signes de l'homme en question ne seront point antropoïdiens, mais ils seront humains, affectant une des variétés de l'homme actuel. J'en suis sûr. Cet homme tertiaire aurait dû créer des instruments pour lui venir en aide à fin de satisfaire ses besoins vitaux. Il les fabriquerait indifféremment en pierre, en bois, en coquilles, ou en autres substances tenaces quelleconques, altérables ou non. Aussi, ces instruments auraient au commencement une façon rude, qui deviendrait moins grossière avec le temps, jusqu'à atteindre aux lames finement retouchées, exquises et fragiles de l'époque néolithique.

Au Congrès International de Lisbonne (1880), Carlos Ribeiro présentait déjà des instruments grossiers en pierre, récoltés à Ota et à Azambuja (Portugal), qu'il réputait façonnés par l'homme tertiaire; mais on ne l'a pas écouté, parce qu'il ne les avait pas mis en ordre systématique comme M. Thieullen.

À l'Université et au Musée de Bologne, Capellini expose des silex intentionnellement cassés, qu'il attache aussi à l'homme tertiaire; mais il a le même sort de Carlos Ribeiro — on ne l'écoute pas. Il est évident qu'il manquait aux deux chercheurs un *quid* pour faire valoir leurs idées. Ce *quid*, cette lacune vient d'être remplie par M. Thieullen.

Dorénavant, les épreuves dans ce sens déborderont, défilées par le travail fécondant de M. Thieullen.

Le témoignage de la vérité, mise en évidence et exposée par M. Thieullen, nous l'avons à Portugal, outre les points nommés, dès le nord à l'Algarve, ainsi qu'à Mugem, déjà exploité, et étudié en partie par moi. En regardant les *alluviums* et *estuaires* du Tage, on voit qu'on foule aux pieds l'outillage en pierre rude et utilisée par l'homme préneolithique, mélangé à d'autres rares pièces intactes plus soignées et d'une extrême délicatesse artistique.

Sans doute, selon vous, nous pourrions ranger par classes les instruments préhistoriques parvenus des parages précédents, depuis le paléolithique initial jusqu'au néolithique pur, malgré qu'ils nous adviennent pêle-mêle, pourvu qu'on mette en regard les alluvions et les diluvions, alliées à leurs provenances. Le travail intentionnel de l'homme tertiaire y sortira évidemment, quand on le cherche par les objets provenant de couches homogènes relatives.

Pour le moment, je cesse de vous ennuyer.

En vous remerciant cordialement de votre précieux cadeau, qui a pour moi une valeur spéciale, puisqu'il est venu remplir une lacune immense au sujet de la description évolutive humaine, je serre la main avec effusion au très distingué chercheur A. Thieullen.

*Dr. F. F. de Macedo.*

N. B. — S. v. p., accusez réception, par une carte postale».

BETHENCOURT FERREIRA.

### Museu Antropológico do Pôrto

O Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto tem continuado a receber numerosas ofertas, de que damos a seguir a lista:

De sr. Joaquim Barbosa, machado polido em rocha de aspecto leitoso, de Vandoma.

Do sr. Damaso P. Constantino, por intermédio do sr. dr. Ruy de Serpa Pinto, um macho polido de Argivai e três moedas portuguesas encontradas na Póvoa do Varzim.

Do sr. dr. Ruy de Serpa Pinto: quatro pesos em pedra, trinta e um picos de vários tipos, um disco raspador de quartzite e duas lâminas de quartzite; todos estes objectos da estação asturiense de Ancora, descoberta pelo ofertante.

Do rev. P. Eugénio Jalhay: pico asturiense de La Guardia (Pontevedra); quatro instrumentos de sílex «omalenses» e dois fragmentos de cerâmica, de Tilice (Liège, Bélgica); dois punções de osso, um deles com sinais gravados, do madalenense superior da gruta de Balmori (Oviedo, Espanha); pico e «tranchet» de Spiennes (Bélgica); dois fragmentos de cerâmica ibérica pintada de La Coma (Fontscalds), Tarragona, Espanha; três fragmentos de cerâmica ibérica pintada do Cabezo d'Alcalá, Azaila (Teruel, Espanha).

Do sr. prof. dr. Vergílio Corrêa, por intermédio do sr. dr. Ruy de Serpa Pinto, dezoito instrumentos de sílex e quartzite da estação paleolítica de Casal do Monte.

Do sr. Filipe Francisco Pereira, machado polido de Pontena, concelho de Anadia.

Do sr. José Bronze Ramos, dezanove postais com aspectos etnográficos dos Índios Botucudos (Amazonas, Brasil).

Do sr. José Alves da Silva Reis, estampa colorida e encaixilhada do Senhor de Matosinhos.

Do sr. J. R. dos Santos Júnior, uma moeda portuguesa (dinheiro de D. Sancho?) do castro *Baniensis* (Vilarica, Moncorvo).

Do sr. prof. dr. Lehmann-Nitsche, da Universidade de Buenos Aires, por intermédio do sr. prof. dr. Bento Carqueja, um crânio e algumas vértebras dum índio do delta do Paraná.

Do sr. A. de Lima Figueirinhas, por intermédio do sr. dr. A. Ataíde, depósito de um machado de bronze de talão com dois anéis laterais e nervura central, dos arredores de Famalicão.

Do sr. rev. José Brenha, depósito dos objectos que seguem: machado votivo de rocha metamórfica de Bragado (Vila Pouca de Aguiar); machado votivo de barro cozido, da freguesia de Soutelo do Vale (Vila Pouca de Aguiar); machado votivo sub-quadrangular do concelho de Chaves; pequeno machado de pedra polida da pedreira de S. Julião (Chaves); machado de pedra polida e raspador de pedra polida de Carrizado de Alvão, dolmens da Chã; uma pedra com oito cõvinhas de Alvão; três machados chatos de cobre (ou bronze) do concelho de Chaves; machado chato de bronze, com o gume curvilíneo, de Barbadães; machado chato de bronze, com o gume curvilíneo e com os bordos levemente revirados, do concelho de Chaves; machado de bronze de alvado e dois anéis, de Boticas; machado de bronze de talão e um anel, do concelho de Chaves; machado de bronze, de talão, com dois

anéis laterais e nervura média, de Boticas; uma conta policroma de vidro (origem púnica?); um *cossoiro* de barro vermelho de Vila Pouca de Aguiar; dois *pondera* de barro vermelho, de Vila Pouca de Aguiar; dois *pondera* de barro róseo, com inscrição, de Três Minas (Vila Pouca de Aguiar); *pondus* feito dum fragmento de barro, de Vila Pouca de Aguiar; *pondus* de barro branco dos arredores de Três Minas (Vila Pouca de Aguiar); uma lança com alvado de ferro (arredores de Chaves).

### Congresso Internacional das Artes Populares

Realiza-se no corrente ano de 1928 em Praga o Congresso Internacional das Artes Populares, que será acompanhado de exposições gerais dessas artes. O Congresso ocupar-se há especialmente da obra tradicionalista do artista (formas, matéria, técnica, movimento) que acrescenta um elemento de beleza ou de expressão à utilidade ou função do objecto. As artes plásticas e decorativas, a música popular, a dança, as representações teatrais, cortejos, etc., serão estudados.

Este Congresso é promovido pela Comissão Internacional de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações. (Secretaria do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual—2, rue de Montpensier, Paris).

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

CAMILLE VALLAUX—*La vie dans les petites îles australes*—  
« Bull. de l'Institut Océanographique », n.º 512. Monaco, 1928.

O sábio geógrafo, numa bela conferência no Instituto Oceanográfico fundado pelo Príncipe de Mônaco, Alberto I, ocupa-se da flora e da fauna nas ilhas, em geral mal conhecidas, que se encontram no grande Oceano Austral numa zona de cêrca de 25.º, entre a orla da zona tropical e a da zona polar. Esta zona, que corresponde às regiões temperadas do hemisfério boreal, está, porém, muito longe de se mostrar tão favorável como estas, ao desenvolvimento não só da vida humana, mas também da vida vegetal e animal terrestre.

Não falando na Nova Zelândia e na Terra do Fogo, que o conferente exclui do seu estudo, só em duas dessas terras austrais o homem efectuou nos últimos séculos colonizações estáveis: em Tristão da Cunha e no arquipélago das Falkland. De resto, a vida, exuberante por vezes nos mares circundantes, apresenta-se, nas ilhas austrais, reduzida a um escasso número de formas vegetais e animais. « Nada mais triste, mais monótono e mais simples, em geral—escreve Vallaux—do que a vegetação das ilhas austrais ». E, sobre a vida animal, diz que, quando os navegadores europeus ali chegaram, ficaram impressionados com o silêncio e com a solidão do interior, que fazia contraste com a riqueza das costas em criaturas vivas.

Pelo que diz respeito ao homem, estas ilhas estavam tôdas desertas à chegada dos descobridores europeus. Mas Vallaux examina a hipótese que recentemente formulámos e que teve já as adesões dos professores Rivet, Schepotieff e outros, duma migração prehistórica da Austrália para a América do Sul, através da Antártida (em condições climáticas diferentes das de hoje) e de algumas ilhas austrais, que, como Auckland, Campbell, Macquarie, poderiam ter servido de escalas. As investigações da missão científica que em 1874 esteve na ilha Campbell, conduziram Bouquet de la Grye a declarar que nenhum vestígio duma civilização primitiva aparecera, de modo a levá-lo a crer que essa ilha

tivesse sido habitada «pelo homem e pelas aves desaparecidas que viveram junto d'ele nos primeiros tempos do quaternário na Nova Zelândia». Sobre variados factos geológicos e biogeográficos, Vallaux entende que o isolamento estabelecido pelo anel marítimo austral em que se encontram aquelas ilhas, vem duma data muito remota na história do globo, como essas mesmas ilhas.

Sem dúvida, êsses factos não parecem favoráveis à nossa hipótese, mas esta apoia-se noutros e, por outro lado, não pode dizer-se que a exploração da Antártida e das ilhas intermediárias já esteja exgotada. Quantas revelações o prosseguimento dessas investigações não trará ainda à ciência!? Embora, opondo aquelas objecções à hipótese referida, o autor conserva uma atitude elevadamente científica: «Certes, je ne prétends pas résoudre la question; j'apporte seulement les données que nous possédons aujourd'hui». E, no final, acrescenta: «Certainement, nos connaissances sur ces terres perdues dans un Océan brumeux et tempétueux, loin des routes maritimes, sont encore incomplètes et fragmentaires».

São também dum grande interesse as passagens que o autor consagra à aclimação de espécies animais transportadas por embarcações europeias e americanas e à história das colonizações humanas nas ilhas Falkland e Tristão da Cunha.

De muito valor científico, a que se associa uma perfeita elegância literária, esta conferência, cheia de factos curiosos e de opiniões sensatas, merece, como os outros trabalhos do autor, a atenção de todos os que se interessam pelo progresso da ciência geográfica, que Vallaux tem a faculdade de expôr tão sugestiva e agradavelmente.

—  
MENDES CORRÊA.

CONDE DE LA VEGA DEL SELLA — Teoria del glaciario cuaternario por desplazamientos polares — Memoria n.º 35. (Comision de investigaciones paleontológicas y prehistóricas), 110 págs. Madrid, 1927.

Com grande erudição e a sua comprovada autoridade em estudos de climatologia, ocupa-se o A. da explicação das oscilações climáticas e variações de pluviosidade no mesmo local durante o quaternário, supondo descrita pelos polos uma curva com quatro espiras, entre os paralelos actuais de 70 e 80 graus.

Duas estampas e várias figuras, acompanhadas dum claro comentário (págs. 29 e segs.) fazem-nos compreender a sucessão dos quatro glaciários e respectivos interglaciários. Segundo a teo-

ria, uma glaciação pode-se definir (pág. 24) como o tempo gasto pelo polo em descrever uma espira entre duas passagens pelo meridiano de origem.

É muito interessante ver como, pela descrição de anéis ligados à espira e quebrando a sua continuidade, se explicam as regressões notadas nos períodos glaciares, bem como verificar pela teoria as correspondências continentais das diversas glaciações.

Termina tão notável trabalho pela consideração dos «efeitos antropológicos das glaciações», enquadrando geologicamente as indústrias paleolíticas.

A revista *Investigación y Progreso* inseriu (ano I, pág. 31, Madrid, 1927) um completo resumo desta teoria, do punho do seu autor.

RUY DE SERPA PINTO.

—  
EDUARDO HERNÁNDEZ-PACHECO — Restos fósiles de grandes mamíferos en las terrazas del Manzanares y consideraciones respecto a estas — Sep. do «Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural», t. XXVII, págs. 449-455, lám. XVI. Madrid, 1927.

Nesse trabalho, da importante série que o prof. H.-P. tem dedicado ao estudo dos mamíferos fósseis de Espanha, é dada a notícia preliminar do achado duma defesa de *Elephas antiquus* e de ossos de *Bos primigenius*. Estes restos encontravam-se na base de aluviões quaternários do terraço de 29 m. da margem direita do Rio Manzanares, junto das oficinas da Companhia dos Caminhos de Ferro de M. C. P., em *Villaverde Bajo*, e a 7 km. da estação prehistórica e fossilífera de Santo Isidro.

A defesa de elefante estava muito bem conservada, e media primitivamente dois metros e meio de comprimento, que foram por inadvertência um pouco reduzidos.

Num terraço adjacente e mais baixo (6 m.) encontrou Pérez de Barradas instrumentos mustierenses.

Juntamente com o histórico dos terraços de aluvião do Manzanares, faz o prof. H.-P. a crítica do seu modo de formação.

Acompanham êste trabalho duas fotografias do A. e três cortes esquemáticos de terreno.

—  
R. S. P.

MILCIADES ALEJO VIGNATI — Una mandíbula de "Typotherium" con vestigios erróneamente atribuidos a la acción de hombre — *Physis*, «Rev. de la Soc. Argentina de Ciencias Natur.», t. VII, 25 de Março de 1924. Buenos-Aires, 1924.

Conquanto o autor esteja convencido intimamente da contemporaneidade do homem e da fauna extinta dos pampas, afirma, depois de minucioso exame, em que se conjugam os métodos mais modernos na ciência, que o objecto apresentado não teria sido trabalhado pelo homem. Os vestígios encontrados, depois de aprofundado estudo, mostram-se resultantes da dentadura de alguns dos carnívoros fósseis. Feita a confrontação com a mandíbula de *Smilodon*, existente no Museu Paleontológico, notou-se a perfeita adaptação dos dentes dêste felino desaparecido aos sinais existentes na mandíbula de *Typotherium*. Não podem êsses caracteres ser devidos à acção do homem e portanto nada dizem quanto à coetaneidade dêste e da fauna pampeana.

O exemplar estudado é da espécie *T. eguiai* Amgh., que o autor figura em fotogravura feita sobre um modelo em gesso, remetido ao Museu de Buenos-Aires pelo dr. Ed. Bosca y Casenoves e que existe no Museu Paleontológico de Valência, proveniente do ensinadense do Rio da Prata.

BETHENCOURT FERREIRA.

MILCIADES ALEJO VIGNATI — Nuevos objetos de la osteotecnica del piso ensinadense de Miramar — *Physis*, «Rev. de la Soc. Arg. de Ciencias Naturales», t. VI, 15 de Abril de 1923.

Não é vulgar o achado de objectos prehistóricos, que denunciam o trabalho do homem primitivo da idade pampeana. Esta descoberta foi dada a conhecer pela comissão geológica argentina enviada a Miramar para estudar os achados desta natureza feitos nesta localidade, no terreno chapadmalense. A autenticidade dêstes achados ficou portanto garantida pela seriedade desta comissão especial, composta de homens de ciência de toda a respeitabilidade, delegados dos Museus de História Natural de Buenos-Aires e de la Plata.

O barranco em que se encontraram os objectos descritos nesta memória é formado pelo *loess* mesopampeano, na parte inferior, e na superior por camadas lacustres pertencentes ao neopampeano. Os achados ter-se-iam verificado, segundo julgavam

Carlos Ameghino e Santiago Roth, professor e chefe da secção paleontológica do Museu de La Plata. A determinação geológica feita pela respectiva comissão coincide com a opinião manifestada em tempo por Fl. Ameghino, que estabelecera que os barrancos de Miramar são constituídos pelo ensinadense nos dois terços inferiores e pelo bonaerense no terço superior, vendo-se nas proximidades da povoação, segundo o mesmo autor, na parte superior do barranco, um depósito esverdeado, abundante em fósseis, provavelmente fundo de antiga laguna, talvez correspondente ao lunajense. O estudo dos fósseis encontrados nessa localidade obrigou a comissão a mudar de opinião e a transferir para o pampeano inferior o depósito lacustre considerado lunajense. A presença de restos como os do *Typotherium cristatum* (Serres) Gerv. evidencia maior antiguidade do depósito. A correspondência do depósito lacustre ao ensinadense ficaria determinada aliás pela circunstância de um dos objectos trabalhados ter sido achado a pouca distância do jazigo lacustre, na base dos barrancos, de natureza *loessica* sub-aérea. Êste facto demonstra que devem ser considerados como facies coetâneas do mesmo andar.

Êste loess calcário é, quanto à sua composição petrológica, rico em quartzo (ensinadense sub-aéreo), emquanto o lacustre constitui depósito arenoso com pequena quantidade de argila. O platense lacustre não oferece diferença do anterior, a não ser pela sua degradação ferrífera.

A fauna do lacustre é pouco variada e até agora representada pelo *Typotherium*, pelo *Hippidion* sp., *Auchenia* sp. e *Lestodon* sp.

Quanto à idade do terreno em que se encontram os fósseis de que se trata, não é fácil determiná-la com exactidão. Pode-se, no entanto, estabelecer que pertence ao plioceno, inferior ou superior, conforme os autores.

Os objectos são em pequeno número, mas de formas muito diversas, são fabricados de osso e todos provenientes do mesmo jazigo; podem reunir-se em um só grupo, que representaria a *Osteotecnica* do ensinadense de Miramar. São instrumentos, armas e adornos. Entre os primeiros figura um anzol, de forma grosseira e curiosa. Os outros são pontas de lança e um punção. Quanto aos mais, trata-se de objectos de adorno.

A indústria primitiva de Miramar foi assimilada à dos aborígenes que habitavam o território argentino, na época dos conquistadores. Tal assimilação, porém, diz o autor, não pode subsistir, perante o exame aprofundado da questão. Existem diferenças de matéria prima, de forma e de técnica, que impedem a confusão.

Os objectos talhados em osso são devidos a uma indústria própria de ensinadense de Miramar. A não ser na província de

Buenos-Aires, a indústria do osso permaneceu desconhecida completamente, ou quasi. Depois de reflectida e bem documentada discussão, o autor conclui que os achados de Miramar, objectos de osso trabalhado, não poderiam pertencer aos aborígenes históricos, e portanto esta indústria pertenceria ao ensenadense, isto é, seria contemporânea d'êste andar. Será possível admitir que, em tão longínqua época, existisse uma raça cuja indústria atingisse êste elevado grau de perfeição?

No estudo actual dos conhecimentos, a resposta terá de ser negativa; mas trata-se de um achado parcial, que forma um dos termos da série de investigações produtivas feitas no chapadmalense, à custa das quais se exhumaram objectos de culturas diversas e restos humanos bem diferenciados, pelo que se não poderá dar resposta categórica, esperando que o tempo permita esclarecer o mistério.

B. F.

BARON DE LOË—*Collection Bernays*—Catalogue abrégé illustré de 15 figures. 20 págs. Bruxellas, 1928.

A secção da Bélgica antiga dos Musées Royaux du Cinquantiennaire de Bruxelas, possui um bem elaborado guia do visitante pelo seu conservador Baron de Loë, ao qual se deve agora a descrição ilustrada da colecção Bernays, por ocasião da sua exposição.

As peças desta colecção foram em grande parte recolhidas nas dragagens do Escalda, destacando-se uma grande ponta de lança em bronze (0,49 m.) de Wichelen. São ainda dignas de menção as séries de objectos em osso, e de machados de pedra e de bronze, um capacete itálico e o mobiliário completo duma sepultura infantil de Trèves (período belgo-romano).

R. S. P.

RAYMOND LANTIER—*Histoire ancienne de la Péninsule Ibérique (1911-1926)*—Extr. de la «Revue Historique», 23 págs. Paris, 1927.

Os investigadores peninsulares percorrerão com utilidade êste boletim, que apresenta uma farta bibliografia, e ao mesmo tempo

teem nêle uma justa consagração as suas importantes descobertas, fruto de quinze anos de trabalho, que tantas revelações trouxeram à arqueologia universal.

Sente-se contudo a omissão de notáveis trabalhos portugueses: entre outros os do dr. J. Fontes e dr. Vergilio Correia sobre o paleolítico, e d'êste último sobre o neolítico de *Pavia* e a necrópole de *Alcácer do Sal*, devendo, porém, notar-se que na *Chronique ibéro-romaine* du «Bulletin Hispanique», alguns desses trabalhos são citados pelo autor.

O A., a quem a arqueologia ibérica mereceu já vários trabalhos, completa a bibliografia com resumos das indústrias pre- e protohistóricas, e da etnologia peninsular, redigidos com conhecimento e clareza. Seguem-se notas sobre o domínio romano, em que teem larga parte os trabalhos de sábios estrangeiros.

R. S. P.

JESÚS CARBALLO—*Bastón de mando prehistórico procedente de la Caverna del Pendo (Santander)*, 51 págs. e 10 figs. Santander, 1927.

Na primeira parte d'êste trabalho o A. estuda as hipóteses emitidas sobre os bastões perfurados, e a sua distribuição em Espanha. Com outros AA. inclina-se a supô-los bastões de comando, pelo seu simbolismo e cuidada ornamentação. Parece-nos contudo digna de ser registada, para o caso de objectos mais simples, a opinião de Burkitt que, baseado na etnografia esquimó, considera os bastões perfurados destinados a dar flexibilidade às correias de couro.

Numa vala aberta na *Caverna del Pendo* encontrou o dr. Carballo uma abundante indústria altamirense (madalenense), de que se destaca o bastão ornamentado que merece esta notícia. É de haste de veado polida, tendo finamente gravados quatro cabeças de cervídeo e uma de equídeo, numa técnica puntiforme análoga à do bastão da *Cueva del Valle* (Obermaier). A relativa proximidade das duas cavernas faz pensar na execução das duas peças por um mesmo artista.

R. S. P.

JULIO MARTÍNEZ SANTA-OLALLA — *Algunos hallazgos prehistóricos de superficie del término de Madrid* — Sep. da «Rev. de la Bibl. Archivo y Museo del A. de Madrid», t. XVII, págs. 77-78, com 7 figs. Madrid, 1928.

Junto do *Paseo de las Yeserías* recolheu o A. um «coup-de-poing» acheulense incompleto, e próximo um instrumento de tipo mustierense.

Num campo de *Portazgo*, numa zona onde já Perez de Barradas tinha efectuado achados post-paleolíticos, explorou o dr. S.-Olalla nove fundos de cabana eneolíticos, que forneceram cerâmica lisa e incisa, um triturador, sílex atípicos e uma interessante serra de sílex, que devia pertencer a uma fouce, juntamente com restos ósseos de veado, javali e dum bovídeo.

R. S. P.

HUGO OBERMAIER e HENRI BREUIL — *Las pinturas rupestres de los alrededores de Tormón (Teruel)* — Extr. do «Bol. de la R. Acad. de la Historia», t. XC, págs. 511-531; sep. de 27 págs., com uma fig. e 16 ests. Madrid, 1927.

Acêrca do artigo de *Los Toros*, descoberto pelo P. Prudencio Garcia perto de Tormón (Teruel), publicou o prof. Obermaier em *Investigación y Progreso* (ano I, n.º I, abril de 1927) uma notícia resumida do estudo realizado em colaboração com o prof. Breuil, o qual nas proximidades descobriu mais dois abrigos com pinturas.

O abrigo de *Los Toros* deve o seu nome popular aos bóvidos pintados num grande friso de 9 metros de comprimento, que se encontra na base corroída dum grande maciço calcáreo. As figuras são de estilo naturalista, pertencendo à zona artística do levante da península, dividindo-as os AA. em seis grupos, que estudam detidamente. Entre as 33 figuras, de que nos dão ideia belas gravuras e um desenho de conjunto, distinguem-se nove bois, cinco veados, dois bisontes duvidosos, um gamo, um equídeo, etc., e dez figuras humanas, algumas das quais esquematizadas. As cores empregadas foram o vermelho claro e escuro, o preto e o branco; podendo-se pela técnica separar nove séries de pinturas.

Nos abrigos de *La Cerrada del Tío José* e de *La Ceja de Piezarrodilla* havia bóvidos pintados do tipo dos de *Los Toros*.

Com o seu apreciado método os profs. Obermaier e Breuil marcam neste trabalho um avanço notável ao estudo comparado das pinturas rupestres peninsulares.

R. S. P.

FERMIN BOUZA BREY TRILLO — *Una estación de arte rupestre en las márgenes de la Ría de Arousa* — Sep. das «Actas y Memorias da Soc. Esp. de Ant., Etn. y Prehistoria», t. VII, 28 págs. e 22 figs. Madrid, 1927.

Nas gravuras rupestres de Meadelo e Ballotes podem separar-se (pág. 20) quatro grupos: figuras humanas e de animais mais ou menos reduzidos, círculos concêntricos com cóvinhas e figurações de ídolos (em Meadelo), que o A. compara com os ídolos-placas.

As insculturas de animais, na maioria cervídeos, manifestam na simplicidade das suas linhas um certo naturalismo que as prende ao grupo mais moderno considerado por Obermaier (Ipek, 1925). As figuras humanas, em pequeno número, teem feição mais primitiva, enquanto que as representações idólicas e problemáticas sinais alfabetiformes (fig. 20) nos transportam a época mais recente.

Com grande cuidado relata o A. as tradições ligadas à «Pedra do Encanto», de Meadelo, e as interpretações populares das suas insculturas, comparando-as com outras de Portugal e Espanha.

R. S. P.

ALBERTO DEL CASTILLO YURRITA — *La cultura del vaso campaniforme (Su origen y extensión en Europa)* — Barcelona, 1928.

Com êste título acaba de publicar o ilustre catedrático barcelonense, D. Alberto del Castillo Yurrita, a melhor obra de conjunto que até à data existe sobre a cultura do vaso campaniforme.

Opulenta de documentação, como é, e escrita com clareza e elegância, pouco vulgares em áridas obras científicas, por tudo se recomenda e há-de servir sempre, creio bem, de elemento de consulta a todo aquele que pretenda ocupar-se em especial do

assunto que ela versa e mesmo, duma forma geral, do período eneolítico peninsular e suas culturas próprias.

A-pesar-de isto seja-me lícito, porém, confessar que acho pouco lógicas algumas das conclusões a que o seu autor pretende chegar e também não concordo com um ou outro modo de ver sobre detalhes secundários que com a tese geral se prendem.

Assim o autor admite que «a cultura do vaso campaniforme não pode reduzir-se unicamente a objectos cerâmicos, mas que nela se integra também, completando-a, uma série de objectos que constituem a sua verdadeira unidade, o seu corpo e que por tal motivo não podem ficar excluídos naquela denominação».

São deste número, entre outros, os ídolos-placas, as setas de sílex de base côncava e as armas de cobre, pelo menos os punhais e lanças de espigão desenvolvido.

Admite mais que a citada cultura surge com o aparecimento do cobre, de forma que a expansão daquela implica a difusão deste.

E por último declara que a característica desta cultura é dum modo geral funerária.

Se assim é, não me parece demasiado justificada a hipótese de tal cultura ser originária de Andaluzia, tendo os seus precedentes no subcírculo de cultura das grutas, quando nesta região, excepção feita da cerâmica, o próprio autor afirma que «os objectos novos que, unindo-se ao vaso campaniforme e suas espécies, formam a cultura chamada do vaso campaniforme, tem, uma grande parte pelo menos, origem megalítica portuguesa» e chega até a confessar que «a cultura do vaso deve (ali) a sua formação, quanto aos elementos que não são cerâmica decorada, às relações com o vizinho círculo de cultura dos megalitos portugueses, do qual geográficamente não está separada e que contém as minas de cobre» que não há no vale do Guadalquivir.

Porque razão, então, se não há-de considerar a cultura do vaso campaniforme originariamente portuguesa se, admitidos que sejam os nove grupos em que o autor divide esta cultura na Península, de todos o mais importante pela densidade das estações que nêle se encontram e pela «insólita riqueza» do material que nos fornece, onde não falta elemento nenhum típico, é sem dúvida alguma o português?

E se «há coisas em Andaluzia que não podem explicar-se sem a base duma influência directa do círculo megalítico português» porque não atribuímos a tal círculo a ascendência desta cultura?

Para mim é ponto assente que foi nesta faixa ocidental da Ibéria, centro incontestável da cultura megalítica, que teve origem

a cultura do vaso campaniforme e depois daqui se difundiu, por mar e por terra, pelos povos com quem mantinham relações os Portugueses de então.

E, sendo assim, tudo se explica e relaciona, tendo a apoiá-lo factos de indiscutível valor. Mas estes diferentes pontos de vista sobre hipóteses mais ou menos fundamentadas, de forma alguma empanam a obra de D. Alberto Del Castillo o valor real que ela tem.

JOSÉ DE PINHO.

J. HAMAL-NANDRIN e J. SERVAIS — *Similitude existant entre l'industrie des stations néolithiques, à sílex, de Fouron-Saint-Pierre, de Fouron-Saint-Martin et de Remersdael (Province de Liège) et celle à grès des Forêts de Fontainebleau et de Montmorency (Départements de Seine-et-Marne et de Seine-et-Oise)* — Sep. da «Revue Anthropologique», 38<sup>e</sup> année. Nos. 1-3, 8 pags. Paris, 1928.

Como indica o título desta notícia, os seus autores propõem-se evidenciar a semelhança morfológica existente entre instrumentos em *sílex* dos arredores de Liège, ditos «campignenses», com instrumentos em *grès* das florestas de Fontainebleau e de Montmorency, cuja cronologia não está perfeitamente determinada (campignense ou neolítico inicial).

As estações belgas, apesar-da sua proximidade de estações neolíticas e omalenses típicas, apresentam uma indústria rudimentar e muito diferenciada; por outro lado os picos, tranchets, furadores, etc. em *sílex*, nelas recolhidos, tem réplicas (figs. 1-3) em *grès* nas estações francesas citadas.

R. S. P.

J. HAMAL-NANDRIN e J. SERVAIS — *Quelques poignards ou pointes de lances en sílex trouvés en Belgique et conservés dans les collections liégeoises* — Sep. de «L'Homme Préhistorique», n.º 1, 10 pags. e 14 figs. Le Mans, 1928.

A distinção entre punhais e pontas de lança em *sílex* é difícil, contribuindo os AA. para o estudo dos tipos menos vulgares na



Bélgica com a descrição de 22 exemplares, metade dos quais em sílex de Grand-Pressigny. Os restantes são lascados ou polidos parcialmente quer numa quer nas duas faces, sendo raríssimos os exemplares polidos.

Uma boa resenha bibliográfica completa êste trabalho.

R. S. P.

CLEMENTE SÁENZ e BLAS TARACENA AGUIRRE—*Exploración arqueológica de la Cueva del Asno (Soria)*—Sep. de «Coleccionismo», n.ºs 136-138, 8 págs. e 5 figs.

A *Cueva del Asno*, conhecida há muito pelas suas belezas naturais, abre-se no calcáreo cretácico dos arredores de Sória.

Sondagens efectuadas pela Comissão de Monumentos de Sória em onze pontos da gruta, tornaram conhecida grande quantidade de fragmentos cerâmicos e alguns restos ósseos de tipo primitivo. Estes objectos encontraram-se à superfície ou a pequena profundidade, e por isso não admira o achado com êles de fragmentos de cerâmica ibérica e romana.

Os ornatos da cerâmica são formados na maioria por saliências mamilares e cordões em relêvo. Pela falta dos ornatos puntiformes e pela escassez de ornatos incisos em zigue-zague, característicos das estações do eneolítico pleno sorianas, a indústria da *Cueva del Asno* deve pertencer ao eneolítico inicial.

R. S. P.

FLORENTINO L. CUEVILLAS e FERMÍN BOUZA BREY—*Prehistoria e folklore da Barbanza*—Pub. do «Sem. de Estudios Galegos», 43 págs., 35 figs. e 1 mapa. Vós, Cruña, 1927.

Estudos como êste revestem grande interêsse para a arqueologia portuguesa, pela identidade que nos aparenta à Galiza.

Apoiam-na os paralelos encontrados na cuidada classificação e estudo das tradições de mouras, de animais e de tesouros encontrados, ligados aos monumentos prehistóricos barbanceiros pela imaginação popular.

São numerosos os dolmens, mamôas e castros dispersos pela península de *Barbanza*, entre as rias de Noya e Arosa, estudados conjuntamente com as suas lendas neste trabalho.

De entre os dolmens destacam-se a «casota» de *Paramo* com uma curiosa inscultura antropomorfa, um esteio dum dolmen de *Noceda* com inscrições alfabetiformes infelizmente destruídas, e a «cova da moura» de *Argalo* pelas suas dimensões.

As mamôas de *Cures*, constituindo o grupo mais importante, com as de *Moldes*, *Camboño*, etc., apresentam grandes afinidades com as minhotas de *Paredes de Coura* e *Ancora* (M. Sarmento). Como particularidade interessante, no esteio da mamôa de *Outeiro Redondo* aparece um orifício semi-circular.

De três machados polidos conservados em Torre de Goians, dois são de fibrolite e um de serpentina. Dêstes machados apenas conhecemos uns oito exemplares no norte de Portugal, conquanto abundem no sul.

R. S. P.

VERGÍLIO CORREIA—*Escavações realizadas na necrópole pre-romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927*—Sep. de «O Instituto», vol. LXXV, n.º 2. Coimbra, 1928.

Em trabalhos anteriores, a que já foi feita referência nesta revista (Mendes Corrêa, *Explorações arqueológicas em Alcácer do Sal*, III, pág. 56), o dr. Vergílio Correia deu a conhecer o espólio das sepulturas, alguns fechos de cinturão e um escaravelho egípcio, da necrópole pre-romana do *Olival do Senhor dos Mártires*, em *Alcácer do Sal*.

Nesta comunicação ao Congresso de Cádiz (1927), descreve o A. os tipos de sepultura de cremação descaminados na necrópole (secs. V-III a. J. C.), ao cabo de dois anos de meticolosas e notáveis explorações. Os espólios são assaz homogêneos, nos quatro grupos seguintes (pág. 8):

1.º—Urna ou vaso-ossuário contendo restos de cinzas e ossos queimados, deposta a pouca fundura sôbre as armas, jóias e outros objectos pertencentes ao defunto, recolhidos após a cremação e colocados em volta do ossuário juntamente com vasos pequenos servindo de unguentários, etc.;

2.º—Vaso-ossuário contendo restos de cinzas e ossos queimados, deposto isoladamente sôbre a rocha do fundo do terreno, ou em cavidade especialmente aberta nesse fundo;

3.º—Depósito funerário composto dos restos da lenha da cremação, resíduos de ossos e cinzas, vasilhas pequenas, armas e

jóias tendo sofrido a acção do fogo, tudo deixado sem resguardo lateral no próprio terreno da combustão do corpo;

4.º — Depósito fnerário composto de ossos carbonizados, carvões e cinzas, dentro do qual jazem vasilhas pequenas, armas, jóias e outros objectos (que todos sofreram a acção do fogo), resguardado superiormente por uma camada de pedras aglutinadas, e inferior e lateralmente por um verdadeiro sarcófago, caixa ou caixão cavado na rocha do fundo».

Não está ainda em certos casos completamente esclarecido se os enterramentos seriam individuais ou colectivos.

O prof. Mendes Corrêa, do estudo de minguados fragmentos ósseos poupados pelo fogo, foi levado a crêr que em algumas sepulturas se encontram restos de indivíduos diferentes.

É muito interessante o facto, contado pelo dr. V. C. ao A. desta análise, de ter aparecido sôbre uma sepultura o crânio e outros restos esqueléticos dum indivíduo que não fôra incinerado. Por êste motivo considerou-o um escravo imolado em obediência a um rito funerário. Ora o estudo antropológico dêstes restos parece confirmar esta opinião, pois, segundo o prof. M. Corrêa, os seus caracteres divergem dos predominantemente reconhecidos até agora na antiga população do território.

Monografias como esta, demonstrando a importância da necrópole — única no género em Portugal — fazem-nos esperar com subido interêsse a sua publicação integral.

R. S. P.

SOCIEDAD PRO-MONTE SANTA TECLA — Su fundación, su labor patriótico y cultural y los fines que persigue, 22 págs. La Guardia, 1928.

Data de 1912 a fundação da Sociedade Pro-Monte, tendo desde então promovido incansavelmente o desenvolvimento do *Monte de Santa Tecla*, na foz do Minho em frente a Portugal. São sobretudo notáveis as explorações realizadas na vasta acrópole, às quais já fizemos referência (*Trabalhos*, III, 359).

Neste folheto resume-se a obra da Sociedade, esclarecendo-a várias gravuras, terminando por chamar as atenções superiores que dela teem andado arredias.

R. S. P.

DR. E. FRHR V. EICKSTEDT — *Zur Technik und Bedeutung der Rumpflängenmessung* — Extr. do «*Anthropologischer Anzeiger*», Jahrg. IV, Heft 1, 1927.

Na Antropometria torna-se muitas vezes difícil a observação de certas medidas. Entre estas encontram-se as que teem como referência o symphision, absolutamente necessário para o estudo das proporções do corpo e fundamental para a determinação das dimensões do tronco.

O autor estudou em diferentes raças humanas a relação entre o symphision e o iliospinal, permitindo-nos só com a altura dum dêstes pontos determinar o comprimento da perna e do tronco.

Para isso basta-nos tirar à altura do symphision 7<sup>cm</sup> no primeiro caso e 4<sup>cm</sup> no segundo, conforme mostram as diferentes tabelas de seriações que o autor nos apresenta no final do seu trabalho.

Esta substituição, como se vê, vem facilitar imenso a determinação das proporções do corpo, principalmente no sexo feminino dos povos civilizados.

A. ATAIDE.

TANEMOTO-FURUHATA — *The difference of the index of finger prints according to race* — Repr. from «*The Japon Medical World*», vol. VII, n.º 6, 1927.

O ilustre professor de Medicina Legal do Medical College de Kanazawa (Japão), sr. Tanemoto-Furuhata, autor de investigações importantes sôbre os grupos sanguíneos, às quais já aludimos nesta revista, ocupa-se, no presente estudo, da proporção, nas várias raças, dos diferentes tipos de impressões digitais, utilizando para isso séries numerosas de criminosos e normais, sobretudo dos países do Extremo-Oriente.

As percentagens dos arcos e deltas aumentam de leste para oeste, e dos braquicéfalos para os doliocéfalos, ao passo que as dos turbilhões diminuem. Estes factos são evidenciados pelo índice dactiloscópico, obtido multiplicando por 100 o quociente da percentagem dos turbilhões pela percentagem dos deltas (internos e externos). Êsse índice é superior a 100 nos Chineses, inferior nos outros grupos. Nos Japoneses, Coreanos e Sumatranos é ainda elevado, mas desce nos Italianos, nos Indianos e sobretudo nos

Ainos e nos povos da Europa central e septentrional (Alemães, Noruegueses, Ingleses e Polacos).

O autor faz uma classificação provisória na qual estes últimos povos aparecem englobados no tipo *européu ocidental* (com índice inferior a 50). Parece-nos que esta designação não será bem cabida. Os Italianos constituiriam outro tipo, com o índice entre 70 e 60. Mas, como faz notar o autor, trata-se duma classificação provisória e seriam para desejar novas investigações. Interessar-nos-hia, por exemplo, saber se os habitantes da Europa ocidental (Portugueses, Espanhóis, Franceses) se avizinham mais do tipo italiano, como seria de supor, ou do tipo imprópriamente chamado europeu ocidental.

M. C.

OTTO AICHEL — *Über Inzucht beim Menschen* — Extr. de «*Reichs-Gesundheitsblatt*», 1926, n.ºs 40 e 41.

Trata o autor, neste seu trabalho, do problema dos casamentos consanguíneos. Depois de expor as opiniões doutros autores, examina algumas genealogias como a dos Ptolomeus (Lágidas), e conclui que só a aplicação da lei de Mendel permitirá uma visão clara neste problema tão complexo. E, no caso do médico ser chamado a dar a sua opinião sobre casamentos entre indivíduos aparentados, aconselha a que analise a sua ascendência e reprove a união caso os noivos sejam heterogametos. Mas se numa tal análise não se encontrar a suspeita da existência de um carácter recessivo desfavorável, será menos perigoso um casamento consanguíneo, do que com um estranho, de ascendência desconhecida.

A. A.

ADÉLIA SEIRÓS DA CUNHA — *Grupos hemáticos nos Portugueses* — Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto. 110 págs. Pôrto, 1926.

Primeiro trabalho de hematologia étnica portuguesa, a tese em questão comporta diferentes capítulos, que enumeramos a seguir: Breve notícia histórica — Considerações gerais — Método empregado — Raças bioquímicas — Distribuição geográfica dos grupos sanguíneos — Reacções hemáticas nos portugueses — Conclusões.

A autora faz nos primeiros capítulos uma, por assim dizer, iniciação hematológica, passando em revista o que se tem escrito sobre tão curioso assunto onde, para explicação de alguns dos seus fenómenos fundamentais, a imaginação toma asas, procurando assim dar ao nosso espírito uma satisfação, embora minguada.

Baseia-se este trabalho sobre 459 observações feitas em sangue de outros tantos soldados, recrutados do regimento de infantaria 6, pertencentes na sua maioria ao distrito do Pôrto.

A técnica seguida é nas suas linhas gerais a de Beth-Vincent, à parte ligeiras modificações impostas pelas condições de observação.

Distribuindo as 459 observações pelos grupos sanguíneos de Hirschfeld, obteve a A. o quadro seguinte:

Grupos	N.º de casos	Porcentagem
A	241	52,5 %
O	176	38,4 %
B	28	6,1 %
AB	14	3 %

Para o índice bioquímico de Hirschfeld obtém 6,07, o que dá para os Portugueses o valor mais alto da escala europeia. Determina os valores de  $p$ ,  $q$  e  $r$ , dos grupos estabelecidos por Snyder, obtendo  $p=33,3$ , o mais elevado obtido na Europa, apenas igualado pelo encontrado em Italianos por Cavalieri (1922) e Mino (1924). Diz a autora: «Esta percentagem se tivesse para a classificação étnica um significado importante, seria mais um traço de união entre os Portugueses e os Italianos, ambos pertencentes ao grupo mediterrâneo».

Compara depois os grupos sanguíneos com os caracteres morfológicos, estatura, pigmentação e índice cefálico. Não encontra diferenças sensíveis entre as estaturas dos diferentes grupos. Quanto à pigmentação verificou que o grupo A parece mais ligeiramente pigmentado do que o grupo B, mas quanto a AB não há concordância entre as tendências cromáticas dos olhos e dos cabelos. No que respeita ao índice cefálico, encontrou uma diferença entre as médias de 1,8, sem valor estatístico, e que indicaria uma tendência braquicéfala no segundo grupo relativamente ao primeiro.

Entre outras, são das conclusões finais as afirmações que se seguem:

«Sob o ponto de vista antropológico, as classificações já feitas, tendo por base o índice bioquímico, as percentagens dos grupos e conseqüentemente os valores de A e B ou de  $p$ ,  $q$  e  $r$ , não pas-

sam de ousadias de espírito, que não dispensam uma confirmação. Mostrando a nossa ignorância sobre a intimidade da iso-aglutinação, e acentuando que as explicações propostas para o fenómeno são em grande parte meramente verbais, não passando os cálculos de Snyder de puros artificios matemáticos, o sr. prof. Mendes Corrêa conclui que deve haver escrúpulos e reservas na aplicação da serologia, quer na genética, quer na etnologia.

Ao examinar os indivíduos, partimos já da hipótese errônea de que a pureza original da sua raça é um facto; as conclusões daí a tirar não poderão, portanto, escapar à influência desse erro.

As ideias do monogenismo ou do poligenismo, sugeridas pelas reacções serológicas, são para nós simples concepções hipotéticas. Não me parece que a teoria de Hirschfeld, considerando a humanidade proveniente de dois troncos distintos — A e B —, ofereça maior interesse antropológico do que as hipóteses de Verhoef e Snyder, o primeiro apresentando três origens diversas A, B e O, e o segundo vendo em A e B meras mutações independentes dum primitivo grupo — O —.

Além disso, as conclusões antropológicas baseadas em trabalhos laboratoriais, efectuados em regiões tão distantes e por observadores tão diversos, não são de molde a resistir a uma crítica serena, pois não é difícil acreditar na variabilidade das propriedades aglutinantes dos soros padrões empregados. Em virtude destas imprecisões de ideias e de resultados laboratoriais, julgamos poder afirmar que a classificação fundada no índice bioquímico de raça se encontra ainda na sua infância.

O nosso estudo feito sobre os Portugueses conduziu-nos a resultados empíricos, que em geral estão de acôrdo com as sínteses bioquímicas de Hirschfeld e Snyder.

Os Portugueses mostram uma alta percentagem do grupo A ou do factor  $p$  e, pelo contrário, uma percentagem muito reduzida do grupo B ou do factor  $q$ . Estão no limite mais acentuado das séries europeias occidentais.

Julgamos que os nossos resultados veem alterar profundamente a carta, em grande parte hipotética, de Steffan, sobre o assunto; pois, nesta carta, Portugal aparece teóricamente intercalado entre as linhas correspondentes a índices bioquímicos (1,8 a 2,7), muito inferiores àquele que determinei (6,1).

Comparando com elementos morfológicos os resultados bioquímicos, não encontramos na nossa série um paralelismo, que claramente indique a existência duma correlação qualquer entre uns e outros.

Se não é possível ainda tirar conclusões etnológicas gerais sobre o exame serológico, nem por isso as observações que rea-

lizámos, deixam de constituir um modesto subsídio para uma futura sistematização, mais segura do que a até agora feita, dos numerosos materiais já recolhidos.

SANTOS JÚNIOR.

V. SUK — On the occurrence of syphilis and tuberculosis amongst Eskimos and mixed breeds of the north coast of Labrador (A contribution to the question of the extermination of aboriginal races) — «Publicat. de la Fac. des Sciences de l'Université Masaryk», Brunn, 1927.

Tôdas as contribuições para o estudo das imunidades ou predisposições especiais de várias raças para certas doenças, e todos os elementos para o conhecimento da marcha e difusão de determinadas manifestações mórbidas em algumas populações, são do maior interesse antropológico, sobretudo no que respeita particularmente às raças em via de eliminação sob o influxo de certos agentes patogéneos.

No presente trabalho, o prof. Suk refere as suas observações médicas sobre os habitantes da costa setentrional do Labrador durante alguns meses do ano de 1926. Estudou especialmente a difusão e as manifestações da sífilis e da tuberculose, comparando os seus resultados com os de outros investigadores na mesma região. A sífilis tem-se propagado intensamente nas populações estudadas e tem nelas uma evolução que não difere essencialmente da dos outros povos. A tuberculose apresenta uma marcha galopante, o que deve explicar-se por uma resistência insuficiente. Tanto esta doença como a sífilis progridem ali, embora aquela mais acentuadamente nas populações misturadas do que nos Esquimós puros.

É muito interessante a resenha, dada pelo autor, de causas de extinção de populações primitivas: pelas armas (Guanches, Tasmanianos, Índios da América, etc.); por mudança brusca do meio; por doenças; pela destruição de recursos naturais necessários para o modo de vida original; pela mestiçagem.

O autor conclui indicando os meios (serviços de sanidade, etc.), para salvar os Esquimós dos perigos que ameaçam destruí-los.

M. C.

HIPÓLITO RAPOSO — *O Berço* — Lisboa, 1928.

O drama em 3 actos que, sob o título de *O Berço*, o ilustre escritor nacionalista, sr. dr. Hipólito Raposo, acaba de publicar, merece especial registo nas páginas desta revista pelo alto interesse etnográfico que possui, a par do seu notável mérito literário. O sr. dr. Hipólito Raposo propoz-se evocar na scena aspectos da vida e da psicologia dos serranos beirões, emoldurados em quadros panorâmicos de enternecedor carácter regional. Num prefácio admiravelmente escrito como o drama, o talentoso homem de letras expõe a sua intenção, historiando com perfeito senso crítico a evolução do teatro em Portugal e citando, em apoio do seu objectivo, o parecer de Ch. Brun sobre o subido interesse do regionalismo nos palcos teatrais.

A existência simples e humilde dos serranos, o seu lar, o seu amor de família, a sua fé, a sua resignação, as suas concepções da virtude, as suas superstições, bruxas, mendigos, pastores, rumores de arraial, amores campesinos, tudo aparece desenhado no *Berço* com naturalidade e brilho numa sucessão de scenas que fecha com um episódio vivamente dramático do assassinato duma bruxa, crime de superstição fatalista e vingadora, que encerra uma psicologia difficilmente acessível a muitos.

M. C.

XOSÉ FILGUEIRA VALVERDE — *A festa dos Maios (Papeletas de folklore galego)* — Separata dos «Arquivos do Seminario de Estudos Galegos», Corunha, 1927.

O devotado secretário da meritória instituição de cultura regionalista que é o Seminario de Estudos Galegos, publica no primeiro volume dos Arquivos dessa instituição um valioso estudo folk-lórico sobre a festa dos Maios na Galiza, fazendo acompanhar a sua explanação de numerosos elementos comparativos e de larga bibliografia, incluindo vários trabalhos portugueses.

Variam bastante as práticas e fórmulas que o povo adopta para, naquela fase do ano, afugentar o inverno e promover a vinda do verão e boas colheitas. Esconjuros, cantigas, desfiles processionais, etc., são utilizados nesse intuito. O A. menciona alguns quadros alusivos de artistas conhecidos e espraia-se num erudito estudo de concordâncias com outros países, entre os quais

Portugal. Entre nós, o enfeite das portas e janelas com *maias* é interpretado por alguns como destinado a evitar a entrada, nas casas, do *Maio*, que, ao contrário do que sucede com o primitivo espírito dessas cerimónias, se identificaria assim com o demónio ou outra entidade malfazeja. Não deve ser este o significado predominante mas uma adulteração do sentido primitivo.

Apaixonado pelos estudos folk-lóricos e de arte românica, o joven investigador sr. Filgueira Valverde pertence a um excelente núcleo de estudiosos galegos, cheios de entusiasmo pela Pátria galaica e de simpatia por Portugal, a que tantas afinidades profundas e remotas prendem a Galiza irmã. O estudo que temos presente e que foi justamente premiado na festa da língua galega de 1924, é uma prova do valor do seu esforço e das suas nobres faculdades.

M. C.

*La prison centrale de Louvain* — Extr. de «L'Ecrou». Bruxelles, 1927.

Temos presente um relatório sobre a prisão central de Louvain, que atesta a importância e a excelente organização deste modelar estabelecimento penal, cuja direcção é desempenhada com a mais distinta proficiência por M. Ernest Bertrand.

Testemunhos encomiásticos, dos mais reputados especialistas dos vários países, sucedem a uma breve história do estabelecimento, que é em seguida descrito minuciosamente, quer pelo que diz respeito à sua instalação, quer pelo que se refere ao seu funcionamento.

O regimen penitenciário ali pôsto em prática é detalhadamente explanado. Dezasseis indústrias diferentes ali funcionam. Há exames médicos e antropológicos frequentes, visitas do director, de capelães e de professores (que registam as suas observações em *fichas de visita*), culto facultativo, ensino primário em francês e flamengo, um jornal dos detidos, uma biblioteca circulante, uma banda de música, uma *Schola gregoriana*, uma comissão de patronato, etc.

A actividade física e intelectual desenvolvida pelos presos, graças às medidas postas em prática para atenuar o seu isolamento, tornou pouco frequentes os casos de depressão. Em dez anos, numa população de meio milhar de presos, contaram-se cinco suicídios. A experiência mostra que nas condições indicadas

a prisão celular «embora conservando um acentuado carácter afilitivo, pode ser suportada sem prejuízo quasi indefinidamente».

No ano de 1926 apenas dois tuberculosos ou pretuberculosos foram transferidos para o sanatório penitenciário de Merxplas.

A duração de internamento celular do detido mais antigo em 1926, era de 32 anos. A média das visitas para cada preso no locutório, no mesmo ano, foi de 3, mas o número de cartas recebidas e escritas por cada preso foi em média de 25.

Ao director desta prisão modelar, sr. Ernest Bertrand, autor de artigos valiosos em «L'Écrou» sobre questões de penologia e de regimen penitenciário, cabem os melhores louvores pelo papel que tem desempenhado, na superintendência do importante estabelecimento penal.

M. C.



TRABALHOS

DA

Sociedade Portuguêsa

DE

Antropologia e Etnologia

*antropos*

VOL. IV — FASC. II

PORTO

IMPRENSA PORTUGUESA

116 — Rua Formosa — 116

1929

I. N. E.  
BIBLIOTECA  
Portugal  
3622

28130

3622

# BRUXAS E MEDICINA

(FOLCLORE DE GUIMARÃES)

1928  
BIBLIOTECA

Comunicação apresentada à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia  
em 27 de Janeiro de 1928

POR

LUÍS DE PINA

Assistente do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto

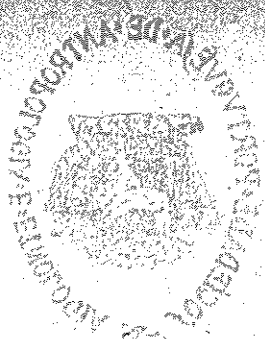
«Guimarães, é terra de bruxas».

*Aforismo popular.*

«A la suite de l'anatomie, de la physiologie et de la pathologie, la science sans laquelle l'anthropologie ne pourrait exister est l'ethnographie». Pondo no limiar deste trabalho essas palavras do grande Topinard (1), assim como legenda de pórtico, eu não tenho outro fim em vista senão o de justificar minha obra perante esta sociedade. Nos derradeiros anos tem sido o Folclore tão divulgado, estudado, e tão abundantemente deitado à letra redonda dos tômos, que nos sentimos em embaraços, peados da inteligência, quando o tentamos dispor em capítulos, isto é, metodizá-lo. E assim é que, intentando fazê-lo, nos esbarramos, na grande cópia de territórios em que teríamos de separá-lo; mas para mim, Médico que sou, encontro no nosso Folclore um filão riquíssimo para explorar: *A medicina na tradição popular.*

(1) P. Topinard, *Elements d'Anthropologie.*

TRABALHOS



Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

88

Antropologia e Etnologia

VOL. IV - FASC. II

PORTO

IMPRESSA PORTUGUESA

116 - Rua Formosa - 116

1928

A colheita, a investigação de tal matéria dar-nos-ia dêle, e só por si, uma muito curiosa parte, necessariamente retalhada em competentes capítulos; catando tradições, quer pessoalmente, quer nas fôlhas das obras especializadas, quer ainda nos informes-seguros de amigos <sup>(1)</sup>, eu possuo já, em variados canhenhos, arroladas e compostas, minhas colheitas etnográficas. E, lendo-as, meditando-as, perscrutando-lhes o fundo, eu tenho delas esta poderosa impressão:—a sua grande parte assente na Medicina, em especial naquele ramo que se chama Terapêutica. Então, no obcecante desejo de trazer para o Folclore e, adei, para o estudo da História da Medicina Lusitana, bastante incompleta ainda, algumas réstias de luz, eu guiei meus trabalhos etnográficos unicamente para esta senda: a Medicina no nosso Folclore, a Folc-Medicina. Felizmente que alguém, e alguém de alto nome, encetou tão curiosa tarefa; muitos são já os médicos portugueses que em tal campo fixaram algumas vezes sua boa canceira <sup>(2)</sup>. Essa obra seria interessantíssima e proveitosa, e lá fora, no sempre citado estrangeiro, não tem conta os trabalhos dessa espécie <sup>(3)</sup>. Dizia H. C. Coote, na crítica à obra de W. G. Black, de Londres, baptizada com o feliz nome de *Folk-medicine* <sup>(4)</sup>: «L'autore di

(1) Entre eles o distinto etnógrafo de Guimarães, Alberto Braga, a quem uma grande amizade me prende. O seu valioso volume *Tradições e usanças populares*, Guimarães, que tem muito completamente relacionado o que o título marca, serviu-me, e servir-me-á sempre que trate das cousas populares daquele concelho, para a elaboração dêste trabalho, tanto quanto eu o podia desejar. Aqui lhe deixo, por suas informações e sua valiosíssima obra, o penhor sincero de meus agradecimentos.

(2) Professores dr. J. Leite de Vasconcelos, dr. J. A. Pires de Lima, e os ilustres médicos drs. Pedro Vitorino, A. Saavedra, Cláudio Basto, Francisco Gonçalves, Barradas, etc., etc.

(3) Entre muitos autores, citarei: Giuseppe Bernoni, Block, Sebillot, Carolina Coronedi, Berti, De Maricourt, Maffei Scipione, etc., etc.

(4) Em *Archivio per le tradizioni popolari*, dirigido por G. Pitré e S. Salomone Marino. Palermo.

questo interessante libro vuol riempire una lacuna importante nell'archeologia demologica, questa sezione importante non avendo ancora ricevuto quel sistematico trattamento che merita nel presente secolo di riflessione; giachè non è a dubitare che la medicina abbia una storia che gioverà di leggere quando sarà stata scritta da un competente autore».

E assim é, de facto. Por mim, tanto quanto possam meu engenho e minha energia, irei organizando os capítulos de Folc-Medicina da região em que o tenho colhido: o concelho de Guimarães.

Êle me dará sobeja vastidão para estudo, já iniciado, aliás, na «Revista Lusitana», do prof. J. Leite de Vasconcelos <sup>(1)</sup>. Que o meu intento seja fructuoso, e de consôlo me sirva, quando não o justo aprêço alheio, ao menos a satisfação do meu espírito, mór prémio de quem trabalha.

\*

\* \*

Da crença no sôbrenatural, da supersticiosa imaginação popular, escólho, desta feita, sômente aquilo que me dá a Medicina no bruxedo, isto é, a Medicina e as Bruxas, a feição curandeira, e pouco mais, dos ensalmos e práticas de tais entidades. Muito se tem trabalhado sôbre tudo o que representa a tendência para o sôbrenatural que o povo denota <sup>(2)</sup>. Apraz-me registar aqui a última obra que sôbre tal conheço: *A Figa*, do prof. L. de Vasconcelos,

(1) *Medicina popular. Segundo a tradição de Guimarães*. 1.º capítulo. *Os Santos Curandeiros*. In «Revista Lusitanã». Lisboa. 1927.

(2) Sôbre êste assunto, mas dum modo geral, sem especialização médica, tem escrito os srs.: J. Leite de Vasconcelos, Consiglieri Pedroso, Tomás Pires, Teixeira Bastos, Adolfo Coelho, Pedro de Azevedo, Cláudio Basto, José de Pinho, etc.



Pôrto, 1925. Para o povo, a doença é um demónio negro que lhe aparece; mas no interpretar a vinda duma enfermidade é que o povo é assombroso de critério: — para si, tudo o que é imaginário, tudo o que é maravilhoso, tudo o que é estranho, origina doenças. A Etiologia de seus males, os gérmens das suas enfermidades têm de ser extraídos do sôbrenatural; a sua Patologia é da mesma raça e na mesma dose, por isso mesmo, extra-humana. As doenças chegam-se à gente de tôdas as formas, por todos os feitios; — aqui, um tuberculoso pulmonar com o diagnóstico de «Chupado das bruxas»; ali, uma desgraçada histérica cujo mal deriva única e indiscutivelmente dum demónio, dous demónios, até uma legião de demónios que do seu malfadado corpo fizeram ninho; acolá, um sífilítico terciário, um coréico, um paraplégico, um hemiplégico, um paralítico geral a quem o Tringlo-Manglo, nem mais nem menos, escadrou os ossos, roeu os nervos, devorou as carnes; ou então um mal de Pott, um torcicolo, uma cefalalgia que foram — deixem lá falar os doutores das Escolas — o efeito dum *arejo*, dum *mau ar*, dum *mau olhado*! E por aí fora, um nunca acabar de diagnósticos *certeiros*, lista sem fim de estranhas etiologias, e, quanta vez, de criminosos prognósticos! O Diabo, as Bruxas, as Mouras, os Bichos peçonhentos imaginários, as Almas Penadas, o ar das Trindades, os Lobis-homens, os Feiticeiros, os Corpos-abertos, o Mau olhado, o Quebranto, o Enguiço, as Beberagens, e mais, e mais, fantástica meada em que, inconsciente e infalivelmente, se vai enrodilhar, perdida e sôfrega, a imaginação popular, no que respeita à perda da sua saúde ou à cura das suas moléstias. Uns, engeridos de extravagantes males, muito aferrados à vida, na poderosa fôrça do espírito de conservação, buscam o Médico, lá trazem o papelinho do *receipe*, lá se apegam à botica salvadora, a tôda a pressa, engolindo pílulas e tisanas; e, se Deus ajuda, aliviam-se, curam. Outros, desiludidos ou não, mais ou menos estúpidos, vão mais perto ou mais longe, a conselho do

vizinho que as exalta: — às Bruxas. E ei-los a caminho, arrastando-se a custo, em padiolas ou carros de bois cobertos de um lençol — por môr da torreira ou das águas da chuva, léguas e léguas, quanta vez! — doidos de esperança no entanto, em demanda da mirífica auréola de tam *santas* mulheres. É ouvir o povo, é ouvi-los, aos doentes curados pela sua poderosa *sciência*: defendem-nas a finca-pé, a sôco, a lodão, *se fizer minga*. E vá lá a gente criticá-las, condená-las: arriscamo-nos a dizerem, com todo o desplante, que somos uns *invejosos como todos os officiais do mesmo officio* (1). E, contudo, o povo que vai às Bruxas, que as respeita, que as defende, é o mesmo povo que contra elas usa amuletos, que as enxota com rezas, que as teme, que foge delas como de pestilência! Contrasenso de espanto é êste, que bem mostra quam vário é o juízo do povo. Mas assim vai êle andando, rente do solo em que nasceu, agarrado à tradição que, às vezes, é a única herança que recebe dos avós, por demais afadigado para nem tempo haver de reflectir sôbre a vida, de modificar a sua inteligência bravia, à falta de pão e à falta de escolas.

Seja Deus louvado! Com culpa e sem culpa, afinal, o ignorante povo. Mas, instruído êle um dia, não seria o que é agora? Modificaria seus juízos, seu pensar, seu critério? É de duvidar que tudo o que lhe povôa a mente respeitante à superstição se varresse por completo: alguma coisa restaria (2). Certas práticas

(1) Contaram-me a respeito do atrevimento dichoteiro do povo e dos próprios curandeiros, o seguinte:

«Um Médico velhote de Guimarães, já do século passado, fracturou o úmero, parece. Pensa que pensa, resolve chamar o «*endiretta*», homenzinho muito «*douto*» e de estimação nos arredores; o homem vê, apalpa, ata, encana, deita-lhe a pomada milagrosa; e quando o Médico, aliviado ou não, lhe pergunta quanto deve, o outro, emproado e brioso na sua ridícula deontologia, sôlta isto: «Ora essa, para colega não é nada!»

(2) «E não se julgue que são apenas as camadas humildes, incultas das

populares misteriosas, sôbrenaturais, são às vezes tão nefastas como nefasto é um bacilo, corroem como tóxicos, matam como verdadeiras infecções; e por vezes os seus ritos e as suas técnicas terapêuticas chegam até à selvageria, à maldade, ao crime. É sob este ponto de vista que eu guiarei o meu trabalho, dando elementos ao Antropologista para que melhor conheça a evolução do homem e ao Médico para que de tudo se defenda, defendendo a humanidade sôbre cuja saúde está sempre alerta e vigilante. Em tôdas estas práticas supersticiosas se vê e conhece — o que é bem compreensível e está bem demonstrado — o homem primitivo, o homem da pré-história, o *Homo* rude dos princípios da civilização (1). Para estudar a bruxa e tradições de Guimarães a elas referentes, terei de tocar, ainda que ao de leve, o que se conhece de superstições, usos e costumes religiosos de outras eras, de um modo geral no território que veio a ser Portugal; a seguir traçarei, em duas palavras, a pré-história religiosa do concelho de Guimarães, muito afim, aliás, da de outros territórios portugueses e estrangeiros, como é óbvio.

« Por mais dum motivo, finalmente, atrai a Medicina Lusitana a atenção dos curiosos; o sôbrenatural que a impregnava, dá-nos, como fonte perene de religião e magia, a explicação de certas ideas supersticiosas que nunca cessaram, nem tão cedo cessarão, de dominar o espírito do vulgo. Ora, investigar a vida psíquica de uma nação, ou como simples trabalho especulativo, ou com intuito pedagógico e disciplinar, todos sem dúvida alguma confes-

---

aldeias, que recorrem às bruxas para tratar doenças ou para afastar malefícios. Conheço pessoas que, apesar de bastante educadas e de viverem em meios citadinos, crêem na eficácia dos ensalmos e não hesitam em ir talhar a erisipela, o trasorelho ou a bretoeja». — Prof. dr. J. A. Pires de Lima, *A Teratologia nas tradições populares*. Com. apresentada ao Congresso da Associação Portuguesa para o avanço das Ciências. Pôrto. 1926.

(1) Dr. J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*. Lisboa. 1925.

« serão ser importante escopo da Ciência », diz o ilustre prof. dr. J. Leite de Vasconcelos (1).

Indo escavar a pré-história geral e vimaranense, no que se relaciona com superstições, nada mais desejo que esmiuçar o melhor possível a relação existente entre os povos de antanho e os hodiernos.

\*  
\* \* \*

Antes de iniciar este assunto um impulsivo dever me obriga a lembrar aqui um nome: — o do prof. Leite de Vasconcelos; e isto porque a sua obra *Religiões da Lusitânia* é fonte procurada por todos os que a trabalhos destes se aventuram, como por mim, e com elevado prazer, o foi. Ao ilustre Mestre, que me tem dado a honra de sua atenção, aqui ficam meus respeitos e cumprimentos de discípulo grato. É, cumprido meu dever, continuarei.

Nos tempos pré-históricos, da *idade paleolítica* — há que rôr de séculos, em conta fantástica para nosso entendimento — miniguado é o que se conhece; todavia, é provada a existência de amuletos (conchas, dentes, placas de ardósia) e ídolos; ligados a religiões bem grosseiras e primitivas, ei-los existentes ainda hoje, em plena civilização do vigéssimo século. Da *idade neolítica*, as ideas religiosas pode dizer-se fundadas no animismo; eis entre os homens desse periodo o uso da trepanação, no intuito de obter o regresso da alma, pela brecha aberta, ao corpo donde se tinha exalado para nêle dar lugar à doença ou como intervenção cirúrgica; eis entre êles o culto da Lua, do Sol, o uso dos amuletos (2) (azeviche, lascas de osso, conchas e dentes

(1) *A Medicina dos Lusitanos*. Lisboa, 1925.

(2) « No periodo neolítico final ou calcolítico, descortinamos algumas idéas mágicas, em amuletos, às quais não é absurdo supor que se subordinassem várias «doenças...» — Prof. L. de Vasconcelos, *A Medicina dos Lusitanos*. Op. cit.

furados) que afinal continuariam em voga no rodar dos séculos vindouros; e ainda o culto dos mortos, o cuidado em deixá-los dormir na paz o sono último, memoriando-os, por gravuras, aos descendentes, e livrando os seus túmulos dos malefícios; o culto pela Natureza, que, no seu belo eterno e nos seus segredos maravilhosos lhes endoidariam mágicamente os olhos e a inteligência deslumbrada (as fontes, as montanhas, as árvores...); sabe-se da existência de danças, feitiços, ídolos, cerimónias, fórmulas mágicas, sortes; imaginem-se os seus bosques sagrados, os *Luci*, onde rudimentares sacerdotes alimentavam o culto, à sombra das copas ou ao clarão das estrelas, deambulando em ritos ao redor das fragas, na adoração de seus deuses grosseiros.

Saltando à *idade dos metais*, as passadas crenças continuam, adornam-se de novas scenas, povoam-se de novas personagens; passa-se assim aos *tempos protohistóricos*. Agora, com a revolução céltica, entra-se propriamente no estudo dos Lusitanos. Derramados pelos corutos dos montes viviam os *Celtici*, dos quais os *Grovii* habitavam Entre Douro-e-Minho, a par dos *Callaici Bracari*; entre o Douro-e-Tejo, fixaram-se os *Lusitanos*, dos *Iberos* «os mais fortes povos», afirma *Diodoro da Sicilia* (1), organizados em *populi*, em *civitates*. Temos, portanto, Entre Douro-e-Minho os *Calaicos Brácaros* ou *Interamnenses*, servidos dos rios *Avus*, *Nebis*, *Celadus*, *Limia*, *Minius* e *Durius*. Seria Guimarães a tão falada

(1) Segundo o prof. dr. Mendes Corrêa, os Lusitanos seriam pré-celtas, e constituíam os povos que os romanos, invadindo os seus territórios, encontraram; eles constituíam uma tribo de grande importância histórica e política.— *Os povos primitivos da Lusitânia*. Pôrto. 1924.

Sobre os Lusitanos, dos quais Viriato é o herói sublime, apraz-me ainda referir aqui a obra *Viriato*, do sábio alemão Schulten, traduzida brilhantemente pelo distinto antropologista dr. Ataíde, a quem vivamente felicito.

*Araduca*, de suposta fundação galo-celta? (1) Não datará simplesmente do tempo de Mumadona, a fidalga devota? Isto parece estar já bem provado (2). *Araduca* seria mais uma lenda pouco inocente de cronistas e historiadores de escasso brio. A crer-se em tais histórias, vêmos Guimarães baptizada também com o nome de *Aradiva*, ou, traduzindo, «lugar de sacrifícios a deuses» (3); se esta denominação tem, efectivamente, real origem, ela virá dar a êste meu trabalho, que visa procurar no passado o *simile* de algumas superstições regionais presentes, um pouco de histórico-auxílio (4).

Guimarães, a ser assim notável pelo que seus antiquísimos habitantes sacrificavam a deuses, conservaria também, melhor que qualquer outro agregado humano, tais apêgos supersticiosos pelo decorrer dos séculos. E, por um lado (5), julgo bem que o fôsse, a não ser que se trate de uma *Aradiva* da mesma raça de *Araduca* e com o mesmo benevolente inventor. A Martins Sarmiento, o

(1) Padre Ferreira Caldas, *Guimarães. Apontamentos para a sua história*. Pôrto. 1881.

(2) Conferência sobre Guimarães, postumamente publicada, do ilustre historiador e professor de Medicina, o vimaranense dr. João de Meira. «Revista de Guimarães». 1913.

Do mesmo: *O concelho de Guimarães*, tese de doutoramento. 1907.

(3) Padre Ferreira Caldas, *op. cit.*

(4) Nas obras de desatêrro que se andam efectuando em volta do Castelo de Guimarães tem sido encontrados vestígios de civilização prehistórica, como penedos de cóvinhas (fossettes) e *tegulae*, fragmentos variados de cerâmica, etc. Ando já procedendo ao estudo dessas relíquias, que se me afiguram de altíssimo valor para a história da fundação de Guimarães, porquanto o local está hoje dentro da cidade, em monte de reduzida altura, onde a Condessa Mumadona erigiu, no século X, a primeira torre de defeza, que hoje já não existe e em cujo lugar se ergueu mais tarde, nas próprias ruínas, o castelo que aí se vê. (Vidê, do autor, *O Castelo de Guimarães*, «Ilustração Moderna», número comemorativo da batalha de S. Mamede. 1927). Essa torre seria construída, a meu ver, sobre as ruínas de antiquíssima povoação. Do que mais aparecer, e do que já apareceu, com respectivos comentários, darei um dia contas, após o seu cuidadoso estudo.

(5) Pelo que na nota precedente deixo escrito.

sábio patriota, deve Guimarães um timbre de seu braço fidalgo; homenageando sua memória, é com tudo aquilo que, gastas riqueza e vida, descobriu por todo o concelho de Guimarães, eu ao diante tentarei, muito incompletamente, reconstituir uma escassa parte da sua arqueologia e, por isso, das suas crenças. De Celtas e Lusitanos sabe-se já muito — sempre pouco todavia — do que respeita a crenças, usos e costumes, e já os arqueólogos o disseram; passando em revista a sua religião, vê-se, que adoravam os Astros e tinham os seus bosques sagrados; a Terra, o Ar, a Água e alguns animais eram outros tantos ídolos ou divindades. Aparece-nos *Endovélico*, deus lusitano, com seus sacerdotes e sacrifícios, talvez de origem precéltica e que, a datar do século V, por ventura passasse ao cristianismo; além de outras virtudes, foi um deus curandeiro; surge *Atégina*, deusa também com seu condão de dar saúde a quem a invocasse; aparecem ainda, no mundo da divinização, *Durbedicus*, *Bormanicus*, etc., e por aí além; e com seus deuses, primaciais ou secundários, arrasta-se o culto dos mortos, dos rios e das fontes; os sacrifícios são os mesmos do passado, com os correspondentes sacerdotes; das vísceras de animais e do fogo, os *Aruspices*, por atento exâme, tiravam seus agoiros; muitas divindades eram prendadas com *ex-votos*, possuíam seus recintos sagrados, onde pela noite fora se reüniam em concílio; de tudo isto nos dão notícia as aras, os cipos, as estelas. Aliás, diz o prof. Leite de Vasconcelos: «o culto de cada divindade não ultrapassava geralmente o local em que ela se adorava» (1); a ser assim, demorar-me-ei somente falando daquelas divindades adoradas na região que posteriormente se tornou em concelho de Guimarães. Dentre êsses Deuses, segundo o que colhi, apontarei *Durbedicus*, com ara de granito encontrado na

(1) Prof. dr. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*. Op. cit.

freguesia de Ronfe, talvez entidade do fôro das águas do rio *Avus*; *Coronus*, de qualidade ainda não definida, aparecido na freguesia de Serzedêlo; e *Bormanicus*, possivelmente Deus tutelar das águas termais de Vizela. Desta época, a denominar-se bem *lusitano-romana* (séc. III A. C. a séc. V da E. C.), nestas terras compreendidas na província *Tarraconense*, onde calhava o *Conventus Bracarum*, além dos cultos dos mortos e deuses que os Romanos trouxeram, conservaram seu apanágio os já existentes, os locais; uns, de procedência puramente romana, outros indígenas, que foram romanizados (1). Dessa época e da romana, além de *Bormanicus*, *Durbedicus* (romanizados?) e *Coronus*, etc., citei *Júpiter*, de que rezam inscrições de S. Tomé de Negrelos e Serzedêlo (2); às *Ninfas Lupianas* apareceu dedicada uma lápide na freguesia de Tãgilde (3); intra-muros de Guimarães, junto à porta de S. Bento, outra lápide dedicada às *Ninfas* se encontrou (4); é ponto de referir que *Bormanicus* era adorado como Deus curandeiro, quasi igual a *Apolo*, por todo o Ocidente; um outro Deus, *Abelion*, cita-se uma inscrição luso-romana desenterrada na Citânia de Briteiros (5); em Vizela, outra inscrição relativa a *Minerva*, aí com fama de médica; nesta povoação teria *Bormanicus* um santuário e seria existente em tempo de Nero; às *Matres* dos gauleses se asseme-

(1) «À medicação hidro-mineral associavam os Lusitano-romanos, como, segundo vimos, o faziam os seus antepassados, e como hoje o nosso povo o faz ainda, a invocação do auxílio do sôbrenatural». — Prof. dr. Leite de Vasconcelos, *Medicina dos Lusitanos*. Op. cit.

(2) Dr. Martins Sarmiento, *Inscrições inéditas*. «Revista de Guimarães», vol. v. 1888.

(3) P.º Oliveira Guimarães (abade de Tãgilde), *Tagilde* (memória histórico-descritiva). «Revista de Guimarães», vol. xi. 1894.

(4) Mário Cardoso, *Consagrado às ninfas*. «Revista de Guimarães», vol. xxxvi. 1926.

(5) Pereira Caldas, *Decifração plausível duma inscrição luso-romana da Citânia de Briteiros*. «Revista de Guimarães», vol. xix. 1902.

Iha uma escultura pequena da Citânia de Briteiros <sup>(1)</sup>, que apresenta grandes tetas (segundo Martins Sarmiento). Além destas divindades, outros vestígios religiosos, outros restos das passadas civilizações se topam a ródos por todo o concelho de Guimarães <sup>(2)</sup>; assim: objectos que lembram amuletos, das Citânias de Briteiros e Sabroso; os *Castros* são abundantíssimos por todo este concelho, estando dêles como que muralhada a cidade (Penha, Senhora do Monte, Santo Amaro, Monte Largo, Polvoreira, Monte de Santo António, Pinheiro, etc., etc.). Não posso deixar de referir uma das mais curiosas e discutidas peças arqueológicas descobertas e estudadas pelo dr. M. Sarmiento: a *Pedra Formosa* da Citânia, removida para o pôço de Ola e depois em bolandas para o adro de S. Estevam de Briteiros, por um enigmático—quanto às intenções—e bem extravagante abade. Segundo a opinião daquele ilustre arqueólogo, seria uma *ara de sacrificio*. Outro ilustríssimo arqueólogo, Emilio Hübner <sup>(3)</sup>, discorda, dando-a como estela ou frontão. A ser ara de sacrificios, fica-me assim mais uma prova dos usos religiosos dos citanienses de Briteiros e, portanto, da região que nos importa neste trabalho. Na mesma Citânia foi achada uma moeda celtibérica, de prata; com essa e outras moedas, Martins Sarmiento cimentou a base

(1) A Citânia de Briteiros seria pré-romana ou céltica. Diz Henri Martin: «Il me paraît probable que Citânia a été fondée par les Celtes ou Gaulois primitifs de la Galice». «Revue Anthropologique», 1880, n.º 11.

(2) Martins Sarmiento, *Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães*, em vários volumes da «Revista de Guimarães».

(3) Dr. F. Martins Sarmiento, *Observações à Citânia do sr. Emilio Hübner*. Pôrto, 1879. Cabré supõe essa pedra relacionada com o culto fálico (*Una nueva hipótesis acerca de «Pedra Formosa» de la Citânia de Sabroso*, «Actas y memorias da Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria». T. I. Madrid, 1922). O sr. prof. Mendes Corrêa parece aceitar essa hipótese e assim dá-lhe a significação dum *accubitus* (*Os povos primitivos da Lusitânia, op. cit.*). Este professor portuense aponta a designação de Sabroso como errada: trata-se da Citânia de Briteiros, e não daquela estação próxima.

para esta opinião: «A população caláica ainda continuou a viver na Citânia, pelo menos até Adriano...» <sup>(1)</sup>. Citânia de Briteiros, citânia de Sabroso, escavações de Santa Iria, quasi juntas, a poucos quilómetros de Guimarães, relacionadas com as últimas descobertas em redor do castelo desta cidade, eis documentos arqueológicos importantes para quem estuda a Etnografia e a Mitologia destas paragens. Apresentar um trabalho como este, que se relaciona intimamente com tais factos prè-históricos, sem dêles falar, seria um pecado ao qual poucos, ninguém talvez, lançariam a compadecida absolvição. Já Hübner, avaliando a importância que em tudo revelava a descoberta da Citânia de Briteiros e outras localidades, convidava o arqueólogo vimaranense a publicar todos os frutos de sua penosa tarefa, dizendo: «Uma publicação destas encontraria o mesmo applauso e o mesmo interesse no velho e no novo mundo; faria, em summa, a maior honra a Portugal». Por tudo o que deixo relatado se verifica, ou se pode verificar, o seguinte: a abundância de povoações prè-históricas no concelho e testemunhos insuspeitos do poder e da variedade religiosos dos povos primitivos, anteriores à fundação de Guimarães, em inscrições, em gravuras, moedas, etc. Não há-de ser a tradição neste concelho muito afincadamente viva na sua população moderna? Não bastarão estes factos para prova real? Mas, há que prosseguir, antes que as digressões me levem a ladear o caminho escolhido <sup>(2)</sup>.

A civilização romana deixou inúmeras relíquias nestas terras: a ponte sobre o Ave, nas Caldas das Taipas; nestas, o célebre

(1) Albano Belino, *Inscrições romanas*. Braga, 1895.

(2) Guimarães pertence ao Minho e ponho esta nota para lembrar o que diz o prof. Leite de Vasconcelos, chamando a essa linda província «a terra clássica das nossas superstições e antigos costumes».—Prof. Leite de Vasconcelos, *Ensaio etnográfico*.

penedo de Trajano, os Banhos velhos, a ara de Nerva; junte-se a isso as Caldas de Vizela, seus mosaicos, suas lápides, e a notável abundância numismática por todo o território vimaranense. A religião dos povos luso-romanos e romanos é por demais conhecida, para aqui se referir; em cotejo com a das passadas épocas, a diferença não espanta. Dum modo vago, podem fixar-se o seu culto dos mortos, a poderosa influência do sobrenatural, e, entre as divindades veneradas, muitas com qualidades salutíferas — sendo a saúde, como a felicidade, a grande ambição dos povos! Conhecem-se os seus deuses guerreiros, os seus génios infernais; e é curiosa a lápide politéa descoberta em Vizela, na casa do Sobrado e já perdida. Segundo Hübner, que a reconstituiu, nela apareceram os nomes de *Lucina, Minerva, Sol, Luna, Fortuna, Mercurio, Genius Jovis, Esculapius, Hygia, Venus, Cupido, Coelus, Ceres, Genius Victoriae, etc.*

Parte importante da sua religião era o exercício cultual, isto é, o sacerdócio. Estes eram constituídos por *flamines* e *flaminicae, sacerdotes-mulieri, sacerdotes-viri*; quer isto dizer, ao lado do homem a mulher exercia o sacerdócio. Havia ainda os *seviros* e os *augustais*. Esta nota de sacerdotes-mulheres cabe nesta altura de palestra para se extrair dela a relação entre tais personagens e os modernos *sacerdotes* dos cultos, das superstições populares: as bruxas, as mulheres de virtude, as feiticeiras! Não serão as bruxas, as bruxas que deitam os ensalmos, que rezam o credo em cruz, que contam até 3 ou até 7 o número das suas repetidas orações, que fazem cruces sôbre as regiões do corpo dos doentes, que levam os meninos para cima de penedos (!) para aí lhes «talhar o ar», não serão as bruxas as legítimas representantes das mulheres-sacerdotes de outras eras? Tudo delas as aproxima, para fixarmos tal idéa de origem e herança!

Os intermediários entre o divino e o profano eram os sacerdotes-homens e mulheres; hoje, no que respeita ao culto

supersticioso popular, clandestino portanto, os intermediários entre o sobrenatural e o humano continuam a ser sacerdotes, com outros nomes e outras práticas: os feiticeiros e as bruxas! Da época romana há que falar-se ainda da fórmula de petição aos deuses, comparada à nossa «a todos os santos da côrte do ceu» e que era entre outras, «*diquae deaeque omnes*».

Todos os santos são rogados, como o eram, entre os filhos de Roma, os deuses de seu Olimpo!

Outras divindades eram adoradas, que simbolizavam idéas abstractas como *Pietas, Concordia*; outras, originárias de África e Ásia, como *Isis, Serapis*; de tôda esta miscelânea, dêste enrodilhar de idéas, de mitos, de deuses, de crenças no espírito do povo, nos costumes dum só território, pelo rodar dos séculos fugitivos, que efeito não resultaria senão êste amálgama, às vezes bem heterogéneo e caprichoso, da superstição popular actual?

Para guardarem os amuletos, usavam os romanos as *Bullas*, espécie de caixa que hoje é vulgaríssimo encontrar, substituídas por saquinhas e medalhões de 2 tampas de vidro, também com os respectivos amuletos dentro! As fôlhas de prata com fórmulas inscritas tem hoje as lídimas descendentes: as de papel com rezas várias contra vários males, que até alguns padres vendem aos devotos por maior ou menor maquia! Sei de um, paroquiano de uma vila de Trás-os-Montes, hoje já falecido, que contra as *coisas ruins* vendia por não sei quanto os *escritos* (assim os chamavam), sôbre os quais, anteriormente, dizia a missa obrigatória! Isto há cêrca de 40 anos; e era tal a venda dos *escritos* que até possuía um copiador, para a distribuição ser mais ampla! O dito padre, além desta sua qualidade, também deitava os diabos fora do corpo da gente! Dizia-me a pessoa informadora que êsse padre — e vai isto agora como nota anatómica — sexualmente não era *homem perfeito*! Lá o sabiam...

Contra o quebranto usavam os conquistadores romanos o

*fascinum* ou *veretrum* ou *phallus*, as númulas, os dentes, algumas moedas. No concelho de Guimarães, que tão fortunosa e abundantemente tem fornecido aos arqueólogos reliquias admiráveis de quasi tôdas as eras, quanto não há ainda soterrado, quanto ainda à espera do alvião e da pá para revelação de novos e preciosos segredos? De tudo o que até agora venho referindo — em relação com as crenças populares gerais e actuais — se vê como foi bastamente povoado outrora o concelho vimaranense. E poderá negar-se a pesada influência de tais crenças pelo passar do rosário infinito dos séculos, sôbre o espírito popular do povo dêste concelho? Não dizem aí mesmo que « Guimarães é terra de bruxas », como a querer afirmar uma especial supremacia em tal *artigo*? Essa supremacia não tem explicação? Julgo encontrá-la em tudo o que de abundante e vário, quanto a prehistória, eu relatei pelo presente trabalho fora. Será ousada a afirmação, ou melhor, será atrevido o meu juízo; a sê-lo, Guimarães m'o perdoará!

No que respeita aos Bárbaros, período suévico, sabe-se pouco referente a êste concelho ou territórios limítrofes; crê-se ter sido em *Bracara* a côrte de alguns dos seus reis e chefes. É tradição que *Bracara* fôra metrópole de igrejas lusitanas. A sua vida religiosa, notando que os Bárbaros entraram como pagãos, evoluciona com três marcas: católica, ariana e outra vez católica, sabendo-se que, quando irromperam na Península, era bem espalhado o catolicismo entre Galeco-romanos e Lusitano-romanos (1). Refiro estes factos passados entre os povos da *Bracara*, a dois passos dos já citados aqui primitivos povoadores do território

(1) É conhecido o cruzamento das raças conquistadoras e conquistadas. Sôbre tal, diz Alexandre Herculano: « A distinção das duas raças, a conquistadora ou gótica e a romana ou conquistada, quasi desaparecera ». E a seguir: « Esta conversão dos vencedores à crença dos subjugados foi o complemento social dos dous povos ». — *Eurico, o presbitero*.

em que, mais tarde — poucos séculos adiante — germinaria o agregado ou vila de Vimaranes (século X), porque os seus costumes se reflectiriam nos dêstes, por aproximação.

Enfim, o que dos Bárbaros se conhece, pode resumir-se, no dizer do prof. L. de Vasconcelos, dêste modo: « paganismo lusitano, paganismo romano, cristianismo com variedades e ortodoxias » (1). Sôbre o combate do clero contra tudo o que representasse opposição às leis canónicas, diz ainda: « deixaram que do passado ficassem uns restos no povo: no próprio catolicismo » (2).

Passaria agora a relatar algumas notas curiosas da Média-Idade, se o não fizesse mais adiante. Resta-me, para terminar esta parte ou, melhor, introdução histórico-arqueológica, citar as seguintes palavras — que fecham bem êstes preliminares — do prof. Leite de Vasconcelos: « Voltando-nos das entidades mitológicas, dos objectos materiais, e do onomástico para as festas, para as superstições, para os usos, não teria fim a enumeração do que na tradição hodierna proclama pristina ascendência » (3).

\*

\* \*

É tempo agora de dizer-se o que são bruxas (4). Objecto de estudo de vários folcloristas, são entidades que, dum modo geral, se dividem ou podem dividir em: *Sôbrenaturais e humanas*.

(1) *Religiões da Lusitânia*, op. cit.

(2) Id.

(3) Id.

(4) A êste respeito poder-se-hão ler os artigos: Consiglieri Pedroso, *Contribuição para uma mitologia popular*. Na revista « O Positivismo », vol. II; *Estudos de mitografia portuguesa*, id., vol. II; *Tradições populares portuguesas*, id., id.; Teixeira Bastos, *Ensaios sôbre a origem das religiões*, id., vol. III; J. Leite de Vasconcelos, *Ensaios etnográficos*; Teófilo Braga, *Costumes e tradições*.

Teme-as o povo, mas procura-as para que com suas artes «curem» certos males e arranjem a satisfação de «desejos especiais».

A bruxa sôbrenatural, que o povo imagina, como imagina os Anjos ou o Diabo, é aquela que aparece de noite nas encruzilhadas e nos carreiros, nas torres das igrejas, nos pinhais ou nos silvedos, nos adros, nas covas e grutas, que voa montada num cabo de vassoura, que tem pacto com o diabo, à volta duma fogueira, em certos dias da semana; enfim, as bruxas são quasi divindades malélicas que chupam o sangue às crianças, que enguicam a gente, que se nos enrodilham nos pés para nos iludirmos nos caminhos, que trazem as doenças e os engaranhos. Mas a bruxa humana, a que o povo aponta na rua a dedo, é gente como nós; quasi que se não teme, antes se procura, chama-se a casa ou a sua casa se vai, quer se trate duma mulher que é preciso prender nas fortes cadeias de Cupido, quer duma criatura que é necessário fazer ir dêste para o outro mundo, ou, o que é mais vulgar, para fazer desaparecer qualquer doença.

Como se vê, as duas qualidades de bruxas são antagónicas, assim como tóxico e antídoto: umas fazem o mal originando as doenças, outras desfazem êsses males, no pensar inocente do povo; claramente que umas e outras causam dano, são sempre prejudiciais, porque o resultado dumas, as imaginárias, é malélico, é certo, mas no juízo popular, visto que são morbigéneas; as outras, as humanas, essas sim, é que são real e verificadamente prejudiciais para nós, embora para o povo o não sejam, pois que o resultado de suas práticas é uma desgraça para o «curado» e, às vezes, para elas, a cadeia ou boa sova de cacete. Não falando na impunidade que, na mor parte dos casos, as premeia! E isto é tão banal que os próprios jornais o relatam de quando em quando.

Vejamos agora como são e quem são as bruxas, duma espécie e doutra. A bruxa sobrenatural é representada nos contos,

na ilustração, na imaginação popular por velhas feionas, desdentadas, grenha solta e farripenta crestada dos fogarêus, magricelas, ossos à vista, rotas e descalças, olhos a fuzilarem coriscos; outras vezes são novas, bonitas até; nisto poder-se-há notar a semelhança com as Fadas e as Mouras, geralmente descritas como mulheres formosas nas variadas lendas populares.

As bruxas da outra espécie, as humanas, as que nos roçam pela rua todos os dias, que pertencem ao mundo a que pertencemos, essas são geralmente velhas, não deixando também algumas mulheres novas de pertencer à casta. Como se verifica, as duas espécies são semelhantes; e não se verifica também a afinidade entre estas entidades modernas e as antiquíssimas sacerdotizas dos «Luci», como já referi, as Druidezas da Gália, as Sibilas? As bruxas, repito, são bem as suas herdeiras! (1)

O cristianismo quasi tudo submeteu e destruiu do temperamento supersticioso popular:—mas o que é oculto ou obscuro, o que é proibido ou escandaloso, o que é perseguido ou condenado, ficou e ficará existindo, porque, lá diz o anexam: «fruto proibido é mais desejado!»

Bem que as bruxas vimaranenses sejam do mesmo molde que as de tôda a parte, possuem algumas práticas, alguns ensalmos, alguns ritos particulares, dos quais apresentarei adiante os mais vulgarizados entre a «classe», na impossibilidade de os referir todos; mesmo porque, num dos capítulos da obra de Alberto Braga *Uzanças e Tradições populares*, se poderão ler, assim como tudo o que há de geral na bruxaria daquela região. Como vivem, onde e como aparecem as bruxas? Segundo o aforismo que en-

(1) «As divindades pagãs acham-se principalmente representadas nos nossos costumes pelas mouras encantadas, talvez pelas Fadas e Bruxas, também pelas Virgens, pelos Santos, pelo Cristo, pelo Diabo».—Prof. Leite de Vasconcelos, *Ensaio etnográfico*, op. cit.



cima êste trabalho, em Guimarães teriam sido aos rodos, noutros tempos, visto que o originaram. No tempo actual contam-me dezenas de casos passados com elas, e esta curiosíssima nota: numa das ruas da cidade, com duzentos metros de comprido ou pouco mais, havia nada menos de vinte e duas bruxas!

Longe de mim a idéa de, com isto, querer povoar as outras ruas com tal quantidade, dando ássim a entender que Guimarães é realmente, no exagerado aforismo popular, «Terra de Bruxas». O que no entanto se torna notável é a passada vida religiosa da terra, excepcionalmente grande; se relacionássemos tal facto com o enorme caudal das superstições locais, talvez se chegasse a interessantes conclusões. Só isso daria novo e fornido trabalho. Como disse e é sabido, a bruxa tem ligação com o diabo; êste entrou-lhe no corpo, apossou-se dela, deu-lhe o poder da arte. A par da Bruxa anda a Feiticeira, a Mulher de virtude, o Corpo-aberto (1). E, de facto, tôda esta mágica família é bem procurada pelo povo, que lhe deixa nas algibeiras pecúlio suficiente para vida farta e regalada! Nem só a bruxa é danosa, nem só ela espalha males pelo mundo: sabe-se que o mesmo fazem o diabo, as mouras, alguns animais, as fadas más, os lobis-homens, os monstros, etc. (2). Tôdas estas entidades são irmãs colaças ou próximas parentes! O diabo surge em tudo o que é

(1) Consiglieri Pedroso distingue assim a Feiticeira das Mulheres de virtude: «Pouco se distanciam das nossas mulheres de virtude, a não ser pela extensão dos seus poderes». — *Contribuições para uma mitologia popular*, «O Positivismo», vol. II.

Deve notar-se que, segundo o que observo, essas três entidades, Bruxas, Mulheres de virtude e Feiticeiras são muito confundidas pelo Povo em seu poder e sua personalidade.

(2) A respeito de monstros, sua origem e sua significação, veja-se *A Teatologia nas tradições populares*, do prof. dr. J. A. Pires de Lima. (Comunicação apresentada ao Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Separata. Coimbra. 1926).

mau, tem suas artes, «artes do diabo», tudo persegue e tudo estraga, o porco-sujo; as mouras tentam o desprecatado viajante com seus encantos, à bôca das minas, dentro do rochedo onde estão encerradas; o lobis-homem papa os meninos e aterra-nos! Quando o diabo entra no corpo de alguém, o exorcismo é santo remédio: lá está o padre quando a isso se sujeita ou a bruxa ou bruxo (também há os bruxos) na falta daquele.

Não resisto a transcrever aqui a descrição, incomparavelmente melhor do que poderia eu fazê-la, da personagem «Diabo», que traçou Antero de Figueiredo (1): «Está em toda a parte. Vive na luz e é negrume; veste-se de verdade e é negação. Tem mil nomes. Êle é o Tanso que apalerma; o Carochio que sorna; o Enguiço que tolhe; o Azango que encanzina; o Onzoneiro que engoda; o Diacho que zaranza; o Nico que nos aborrece; o Careca que nos rala; o Dianho que nos enreda; o Tição-Negro que enfarusca; a Cousa-Má que ataranta; o Caipira que conspira; êle é o Mafarrico-perturbador; o Demo-descaminhador; o Malasartes-enrodilhador; o Tatro; o Trado, o Tardo que nos agasta, nos atíça, e nos obriga a impeticar com tudo e com todos. O porco-sujo imundo; o Cão-tinhoso repelente; o Tisnado, o Zarapelho, o Fusco, o Cornudo, que entende com a gente, nos tira a paciência, nos impertina, nos arrelia. O Demónio que nos tenta e perde; o Barzabu que nos engana e corrompe; o Satanaz que nos arrasta e lança nas profundas dos Infernos!»

Ê com esta entidade que a bruxa tem suas relações, seus conciliábulos. A História aponta-nos, como a Literatura, o que têm sido as bruxas nos séculos atrás. Bruxas e feiticeiras deixaram seus nomes, muitas até, nos temidos volumes do Tribunal da Inquisição. Foi Pedro de Azevedo, já falecido, ilustre conservador

(1) *Senhora do Amparo*. 5.ª ed. Lisboa. 1920.

do Arquivo e Biblioteca Nacionais, quem nos referiu ou trouxe à luz tais factos (1). Reis e clero consentiam que algumas vivessem da credulidade pública exercendo a sua medicina religiosa, para a qual tinham devida e registada licença! Os crimes de que fôram acusadas eram variados e por êles o Santo Tribunal as condenava. Ontem, como hoje: só quem não conhece as fórmulas, as rezas, as práticas de muitas bruxas, autênticas alcaiotas, no que respeita ao bruxedo de amor:—desde o enfeitiçar o cubicado ou cubiçada, até andar a «caír da bôca aos cães», como é costume dizer-se, ao desbaste do fruto de tão embruxado amor—o abôrto criminoso! Fabricam beberagens tais que, no intuito de bruxedo ou pretendida cura, são verdadeiros venenos. E quanta vez, citam-se casos e casos, não se aponta uma bruxa como causadora da morte de alguém! Recordo as palavras do dr. Júlio Dantas a respeito dos bruxedos de amor do século XVIII, em Portugal, para se verificar a que ponto certas pessoas ilustres são arrastadas pela crença supersticiosa: «—O Doutor Curvo Semedo, cubiculário do rei, observador dos mais ilustres que tem tido a medicina portuguesa, médico ilustre que num dos seus livros previu claramente a origem microbiana da tísica, não se envergonhou de tomar a sério, como casos clínicos, anedotas vulgares de bruxedo amoroso, e aconselhou, nas suas *Observações Médico-Doutrinárias*, a infalibilidade de certa bruxaria feita às palmilhas dos sapatos dos maridos...» (2).

Muitas das sentenças dadas no século XVI contra os sortílegos abrangiam-os na classe dos alcoviteiros e abortadores, e os juntavam, na citação, aos assassinos e ladrões. O mais antigo documento que proíbe as superstições populares portuguesas dêsse

(1) *Superstições portuguesas do século XVI*, «Revista Lusitana». 1900.

(2) *O amor em Portugal no século XVIII*. Pôrto. 1916.

«quilate é datado de 1385 (1). *Em pleno século XX, a legislação sobre tal não se cumpre ou finge cumprir-se!* Ao bruxedo são comparáveis o quebranto, o encantamento, o enguiço, o engarinho, o feitiço, e mais e mais! Na nossa literatura se encontram referências a alguns dêsses males.

Gil Vicente, em muitos dos seus autos, a êles se refere; na comédia *Rubena*, lá está a beata dizendo a Cismena:

«Dou-vos ao Espírito-Santo,  
meu amor, minha pombinha:  
Deus vos guarde do quebranto».

Na *Farça de quem tem farelos*, diz uma velha a Aires Rosado, que dela mofa:

«Má cainça que te coma,  
mao quebranto te quebrante» (2).

Tomás Pires, ilustre investigador etnográfico, cita versos de Belmiro Transtaganano (3) que se referem a filtros, à mirra, a bruxedos, ao môcho, aos esconjuros, etc., assim como o prof. L. de Vasconcelos aponta poesias de Couto Guerreiro, o famoso médico de Setúbal; dentre elas esta alegórica quadra:

«Ali lhe vai pregando cataplasmas  
de bruxas, lobishomens e fantasmas  
de defunto que tem aparecido  
a gente, que com mêdo tem morrido».

(1) Pedro de Azevedo, op. cit.

(2) Maximiano Lemos, *Auto dos Físicos*. 1921.

(3) *Tradições e costumes populares*. «Rev. Lusitana», 1900.

e este belo epigrama:

« Não sei com que parecer  
benzedeiros aturais  
sendo uns ignorantes tais,  
que não se sabem benzer  
e querem benzer os mais ».

Com seu especial raciocínio e sua especial crítica de médico, foca Braz Luís de Abreu, no exquisito *Portugal Médico*, alguns aspectos supersticiosos da medicina portuguesa, na parte referente a Bruxas, Feiticeiros, Mulheres de Virtude, etc., . . . A Medicina, a própria Medicina do século XVIII foi, indubitavelmente, muitíssimo supersticiosa. Leiam-se suas farmacopeias! Quem não conhece as prescritas saquinhas de relíquias ao pescoço, indicando sangue de certos animais extraído vivo e tomado em jejum, as pedras preciosas muito referidas para variados males? E as vísceras de animalejos prescritas na terapêutica de há dois, três séculos (1)? Hoje, um dos processos ou técnicas de bruxedo a fazer a uma pessoa mal querida é coser a bôca dum sapo, metendo-o depois pela porta dentro do infeliz enguiçado! Um dos unguentos ainda muito usado em certas chagas ou equimoses é o fabricado com moscas esmagadas. Que representa isto tudo — e mais Nossa Senhora aparecendo, por transparência, num dos ossinhos da cabeça da pescada — senão vestígios dos antigos sacrifícios pagãos, dos exames das vísceras dos animais?

« Nihil novi sub sole » e é bem certo o salomónico ditado do

(1) « Estas credences vêm de muito longe, e Fabre pasma da antiga farmacopeia que leu nas obras de Plínio, e em que figuram dentes de cão negro, focinhos de ratos, olhos de lagartos verdes, corações de serpentes, etc. » — Nota 1 a pág. 147 da obra *Origens da Cirurgia Portuguesa*, do prof. dr. Hernâni Monteiro. Pôrto. 1926.

*Ecclesiastes*! No afamado *Fausto*, de Goethe (tradução de Castilho, 2.<sup>a</sup> edição), pode ler-se, imaginada pelo sábio poeta de Francfort, a reunião do diabo com génios maléficos, como bruxas, feiticeiras, etc. . . . O conciliábulo realiza-se na noite de Santa Valburga, sôbre as montanhas de Harz, regiões de Schirke e Elend (quadro XXI); êste concílio assemelha-se ao que por aqui se conhece entre o diabo e as bruxas, certo dia da semana, a sexta-feira. Não tem a nossa noite de S. João seu sabor mágico, no que respeita às sortes que se deitam, ao alho pôrro que se vende extraordinariamente — bom para afugentar malefícios — etc? O nosso grande Camilo, nalgumas das suas obras apresenta quadros magistralmente traçados, em que as bruxas se enrodilham nas principais personagens (« Brasileira de Prazins », « O Sangue », a « Bruxa de Monte Córdova », etc.) (1). Na « Brasileira de Prazins », para quem quiser conhecer bem o deitar os exorcismos, leia-se o modo como o faz Frei João a Marta, considerada pelo broncofrade como possessa do demónio!

Outros escritores imaginaram, por ventura mais fantasiosamente que o ignorante povo, as bruxas, o diabo, o inferno. Dante, na sua *Divina Comédia*, idealizou terrivelmente os sete círculos do reino de Lucífer, onde quem entra tem de deixar cá fora « ogni speranza! »

Shakespeare, no seu *Macbeth*, dá-nos a gruta das Feiticeiras idealizada a seu modo; e por aí fora, sem conta o número de autores e pintores (Goya, etc.) que a seu belprazer, seguindo ou não a tradição popular, imaginaram lugares e entidades sobrenaturais. E se às vezes, como é observado, o sobrenatural tenta os espíritos cultos, o que acontecerá aos espíritos bárbaros?

(1) Alberto Braga, *Usos e costumes, tradições e bruxaria, nas obras de Camilo Castelo Branco*. « Revista de Guimarães ». N.º XXXV e seg.

De tôdas estas superstições e histórias nos carregam a imaginação desde meninos, com demónios, lobishomens, papões e fadas; e trememos de mêdo, enrodilhados nos lençóis, as noites dormidas em sobressaltos, sempre a vermos quando as garras dos dragões ou as chamas do demónio entram pelo quarto, para nos desfazerem ou levarem pelos ares fora! Eu vejo, neste hábito dos contos, um dos mais poderosos meios de, se não criá-la, ao menos arreigar no nosso espírito a tradição supersticiosa! Como se viu as nossas bruxas são em geral maldosas (1). Para as afugentar tem o povo seus amuletos e suas fórmulas; servem êstes também contra o feitiço por elas produzido. O feitiço, a fascinação (*Jettatura* dos italianos) eram conhecidas dos gregos e dos romanos, dêles falando Ovídio, Plínio, Plutarco (2).

O nosso povo crê que os sapos enfeitiçam ou fascinam com o olhar as doninhas, e de tal forma que estas lhe vão cair na bôca! E ainda que as cobras, da mesma forma, enfeitiçam os passarinhos que caem das árvores, perdidos de todo! Contra o feitiço, cita o sr. Pedro de Azevedo algumas substâncias extraídas duma obra do século XVIII, de receituário diverso, intitulado *Rimas de varios autores — Diversas cousas curiosas* (3); entre elas, raiz de argibo ou cebola albarrã pendurada da ombreira da porta! Sabe-se também da crença que há no poder curativo das pedras preciosas.

Num rol de botica que copiei dum «Livro de Termos do Hospital da Misericórdia de Guimarães», datado do século XVIII,

(1) Alberto Braga, *As bruxas de Pencêlo*. «Revista Gil Vicente», n.ºs 5 e 6. Guimarães. 1926.

(2) Giovanni Pansa, *Jettatura*, em «Archivio per le tradizioni popolari», vol. III.

(3) Pedro de Azevedo, *Receitas de Medicina popular portuguesa do século XVII*, «Revista Lusitana». 1896.

encontrava-se grande número delas. Contra as bruxas, usa-se em Guimarães:

— Lançar no primeiro banho duma criança alguns objectos de aço.

E também esta oração:

S. João Baptista  
assista, consista, resista,  
derredor da minha casa assista.  
(3 vezes).

Ou ainda:

Oca, marnoca,  
tres vezes oca;  
pé no pé, freio na bôca  
Tista, contista,  
tres vezes tista:  
S. Pedro, S. Paulo, S. João Evangelista  
— Derredor da nossa casa assista.

Com a variante:

S. Pedro, S. Paulo  
S. João Evangelista  
em redor da minha casa assista,  
que se alguma bruxa,  
ou feitiçeira ou meigueira,  
comigo quizer entrar,  
conte primeiro as areias do mar  
E Jesus manadícula dómene  
Deus de Arrael.

Como se verifica por algumas fórmulas, quem ensina tais ensalmos é Nossa Senhora, é S. Silvestre, é Cristo! Mais existem,

abstendo-me de as mencionar para que se não alongue demasiadamente êste trabalho. As bruxas são capazes de tolher a gente por tôdas as formas:—metem-se com quem passa nos caminhos, entram pelas chaminés, esbofeteiam a cara do tolhido, correm atrás dêle, fazem-no perder o tino dos carreiros, etc., etc.; e tudo isto, no entanto, sem sêrem vistas! E, se calha de morrer o embruxado algum tempo depois, lá estão as bruxas a pagar pelo acontecimento. Amuletos e substâncias que usam contra elas (1):

— O alecrim, a arruda e o trevo de 4 fôlhas, ao qual alude a desanimada e pessimista quadra popular:

O trevo de quatro folhas  
Quem o achar tem fortuna;  
Apezar de o ter achado  
Inda não fivè nenhuma!

Além do referido, aí vai o seguinte: a ferradura, o azeviche, o sino-saimão, a regra de S. Bento (2), medalhões de Santos, cruces, figas, cornichos de vaca-loira, contas, reliquias de santos, escapulários, etc.

Não me refiro, neste trabalho, a tudo o que se pareça a *sanciprianismo*, visto êste não ter sabor popular algum.

Com o livro de S. Cipriano anda também à venda uma certa literatura de cordel, à qual igualmente me não refiro. Como já disse, o povo traz geralmente os amuletos em saquinhos-correspondentes às *Bullas* pagãs —; êles afugentarão as bruxas, mas o melhor seria que o povo não fôsse procurá-las ou que elas, contra o povo, usassem também amuletos especiais!

(1) Podem ler-se, por semelhança com as de Guimarães, as *Tradições populares de Santo Tirso*, pelo dr. A. C. Pires de Lima. «Revista Lusitana». N.º XVIII e seg. Lisboa.

(2) Um exemplar que possôo traz no final, contra os demônios, uma oração a Santo Anastácio e outra a S. Roberto.

\*

\* \*

Aqui estou chegado ao ponto principal dêste estudo: a parte médica dos bruxedos. Além da sua arte em questões de bruxedos de amor, a bruxa tem esta suprema qualidade:—curar as doenças com as suas fórmulas, seus ensalmos, suas práticas. Vejamos de que espécie é a sua terapêutica mais importante; a forma vulgar dos *recipes* é o ensalmo:—com algumas palavras, tanta vez sem nexo, nem sentido, das quais é impossível, a cada passo, procurar a origem, entremeadas de nomes de santos e mais certos gestos e atitudes, está tudo feito! Têm fórmulas medicamentosas, se assim se lhes pode chamar e de que é também impossível, às vezes, obter o segredo da constituição. Entre certas substâncias componentes dos remédios, conheço: ossos moídos, plantas várias (alecrim, sabugueiro, etc.) e cabelos cortados em pequeninos fragmentos! Vejamos agora qual a Patologia que está na alçada da sua Terapêutica. Em primeiro lugar, vêm as doenças do sistema nervoso; quási só a estas se poderia resumir a ciência mágica da bruxa. Dentre elas, aparecem vulgarmente a histeria e a epilepsia, seguindo-se-lhes a demência, a neurastenia, a idiotia, delírio melancólico, paranóias. E quando o sistema nervoso não é o culpado do mal, ou melhor, o molestado, a bruxa tem na sua fantástica botica *alivio* para outros órgãos e aparelhos sofredores:—assim, o clorótico, o anémico e o tuberculoso são olhados pela bruxa como tomados de mau ar, ar ruim ou do demónio. Por seu lado, o povo crê êstes doentes, muita vez, empeçonhados por elas! Eis uma das muitas inexplicáveis opiniões populares! Isto é: Bruxa fêz, bruxa curou! *Similia similibus curantur!*

Nas moléstias nervosas é maior o exercício do Bruxaísmo; o povo não atina com a explicação de casos tam exquisitos, não

procura o médico; em seu entender são obras de *Tranglo-Manglo* ou de um «ar que apanhou» e disto êle não percebe. O mesmo povo diz que o «nervoso é parente direito do diabo». Se o médico por acaso é ouvido e o seu prognóstico é sombrio, a família resolve em vez de gastar um dinheirão em mexorifadas de botica, gastar menos e ir à bruxa, optando assim pelo tema «não vale a pena»! Lá vão de romagem a casa da grande *médica*; seus ares sibilinos, graves, seduzem; suas palavras doces são como o visgo, prendem facilmente a imaginação; o doente é defumado, crivado de ensalmos, segue à risca as suas prescrições, acomoda-se e, por segredos do acaso, começa a melhorar daí por diante, quando melhora! E eis a fama da bruxa a crescer, porque a cura foi um facto, foi mesmo «dito e feito»! Há algumas mulheres muito devotas, aliás, na religião cristã, que se dedicam à cura de certos males, sem serem pròpriamente bruxas:— são então as mulheres de virtude. Mas as bruxas, sim senhor, como essas não há, essas sabem tudo. Terra de cemitérios colhida em 3 sepulturas, fôlhas de arruda e alecrim, fogueiras, cogitações sôbre sebatas cartas de jogar, o sapo, a cobra, a cãveira, o azeite, os ossos de defuntos, etc., eis o arsenal de sua reduzida botica.

Se o doente não pode ir à bruxa, também não é preciso, o diagnóstico faz-se de longe, e a terapêutica também:— uma camisa, umas calças, um lençol bastam, desde que pertençam ao enfêrmo. Lembram os uromantes antigos, que só pelo aspecto da urina diagnosticavam a entidade mórbida do padecente.

Nem sempre a bruxa usa da sua farmácia:— às vezes só o ensalmo é empregado. Os seus ensalmos são variadíssimos; num capítulo, o primeiro do estudo «Medicina Popular» que estou publicando na *Revista Lusitana* do prof. Leite de Vasconcelos, intitulado *Santos Curandeiros*, já referi bastantes. Dum modo geral, pode dizer-se, segundo observo, que as orações e ensalmos que andam na sabe-

doria de todo o povo, são os usados também pelas bruxas; mas só ditos por elas é que são benéficos! Na impossibilidade de dar aqui o rol de todos os conhecidos, passarei a citar alguns mais vulgares, e com sabor mais ou menos mágico, transcritos da obra já citada *Usanças e Tradições Populares de Guimarães*, por Alberto Braga:

— A filha de uma mulher de Santa Leocádia foi ferida de um ar ruim por se conservar à porta de casa, ao tanger das Trindades. Consultada uma feiticeira, ditou a seguinte receita: cortar um mônho (punhado) de lã duma ovelha preta, deitar-lhe três pingos de azeite e dizer, por cada uma das vezes:

Ovelha preta  
em ti tens virtude,  
tira-me êste mal  
junta-o com êste lume.

Depois passar a lã três vezes pelo fôgo e aplicar o mônho sôbre a parte doente.

— *Contra os cães danados:*

Homem encomendado à luz  
e à santa bela cruz  
e à Santíssima Trindade  
e ao Rei da Virgindade  
e ao glorioso S. Romão  
que tem o corpo em Roma  
e a cabeça em Portugal:  
que me livre de cão danado,  
por danar, bicho achado,  
por achar, homem morto,  
mau encontro; homem vivo  
com perigo; S. Romão  
seja comigo.

— *Oração à lua (para livrar dos males):*

Benza-te Deus, lua nova;  
 vou-vos pedir uma esmola,  
 vós bem ma podeis fazer,  
 que sois tanto como a aurora;  
 livrai-me dos males  
 que vem de fóra  
 e do lume ardente  
 e da língua da má gente.

— *Ensalmo para talhar o ar:*

Fazer o sinal da cruz e depois saber o nome da pessoa a quem se vai talhar: Fulano, se tens ar eu to vou talhar. Ar da noite, ar do dia, ar do pino do meio-dia, ar do pino da meia-noite, ar da manhã, da trindade, ar das estrêlas, ar das portas, ar de travêssos e janelas; ar das encruzilhadas, ar de feitiçaria, ar de bruxaria, ar de encanhos e engaranhos, ar de esterparço, de mal de inveja, ar corrupto moribundo, ar atrevido, ar remido e de espírito requerido, ar de morto, ar de vivo excomungado, ar de morto excomungado e de todos os males e ares e males que te empeceram e pelas unhas dos pés te foram botados, para o mar sem fundo sejam degredados. (Repetir 6 vezes).

— *Para talhar a má olhadura:*

Molha-se o dedo polegar no azeite da lamparina, fazem-se 3 cruces na testa enquanto se vai dizendo:

De dous (os olhos) to deu,  
 três to tiraram  
 que são o Padre, o Filho e o Espírito Santo.

Dito isto, o operante defuma-se com alecrim verde.

— *Para talhar o ar às crianças:*

Queimam-se: 1 pé de alhos, 3 pedras de sal, 3 bocados de alecrim, bosta sêca de tapar o forno e passa-se a criança 3 vezes pelo fumo, dizendo:

Ar e arejo  
 para trás das costas o despejo.

— *Para defumar uma criança:*

Tendo algumas brazas num têsto, deita-se-lhes palhas alhas e romeiro (alecrim); passa-se a criança 3 vezes em cruz, dizendo-se de cada vez:

Assim como Nossa Senhora  
 defumou seu adorado filho  
 para ele medrar  
 assim eu defumo o meu menino  
 para ele sarar.

\*

\* \*

Ponto final na transcrição, que seria longa, a fazer-se tôda. Como se vê, os ensalmos são de vária ordem, com defumadoiro ou sem êle, com Santos à mistura ou sem Santos. A histeria e a epilepsia são tidas geralmente como resultantes de diabos que entraram no corpo do doente; para êstes padecimentos há os exorcismos que podem ser lidos por um padre ou por uma bruxa. Claro que são variáveis dêste para aquele; a maneira como tal se faz, aliás bem conhecida, pode lêr-se ainda na citada obra de Antero de Figueiredo, com algumas variantes (e que eu próprio observei uma vez); figura e modos do *Enxota-Diabos* são característicos. Claro que o que actua na leitura dos exorcismos é a

sugestão, nada mais, e posso aqui transcrever as palavras que Antero de Figueiredo põe na bôca do seu *Enxota-Diabos*, que são bem expressivas: «Não são possessos, são doentes, quem os cura sou eu e só eu». Assim é a superstição popular, a crença no sobrenatural; pelo que disse até aqui, as bruxas ficam conhecidas; de resto, nada mais a dizer. O povo continuará a procurá-las, enquanto a inteligência se lhe não abrir com a alvorada dum raciocinar firme e ansioso de verdades.

Emquanto tal não acontecer, as bruxas continuarão a sugá-lo no juízo e na algibeira. Quanta vez, arrecadadas no bôlso da saia folhuda as moedas da consulta, a bruxa não rirá, escarninha e gozoza, do doente que acaba de lhe saír a porta, alcunhando-o de «grande tôlo»; se o enfêrmo, voltando atrás, colar a concha do ouvido ao buraco da sua fechadura, ouvirá ainda o estalar soturno, mas justo, das gargalhadas da bruxa que acaba de... curá-lo!...

## CARACTERES RÚNICOS E CARACTERES IBÉRICOS

POR

LUÍS CARDIM

Professor da Faculdade de Letras do Pôrto

Estácio da Veiga, no capítulo terminal das suas *Antiguidades Monumentais do Algarve*, manifestando-se a favor da tese ocidentalista da origem das escritas lineares, aproxima os caracteres rúnicos dos caracteres ibéricos (1), e o mesmo faz Ricardo Severo no seu conhecido artigo da revista *Portugalia*, sôbre os achados de Alvão (2). Ricardo Severo apresenta já um quadro comparativo de vários dos alfabetos antigos mais importantes, em que figura uma coluna de runas, mas sem a pretensão de fazer um estudo sistemático do assunto. É o problema da possibilidade desta aproximação — entre caracteres rúnicos e caracteres ibéricos — que vamos tentar precisar um pouco mais; não podemos, todavia, avançar ainda tanto quanto desejaríamos, devido à falta de material, mesmo bibliográfico, baseando-nos sobretudo nas conclusões dos cientistas mais autorizados.

Já na comunicação que sôbre êste assunto, por um cativante convite do seu ilustre presidente, o nosso presado amigo e colega Dr. Mendes Corrêa, tivemos a honra de apresentar à «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia» (3), salientamos, como se tornava necessário, as grandes deficiências bibliográficas que

(1) Vol. IV, pág. 306 e segs.

(2) Tomo I, pág. 745 e segs.

(3) Sessão de 20 de Dezembro de 1927.



se nos tinham deparado, em particular quanto às inscrições rúnicas; felizmente essa dificuldade foi em seguida um pouco remediada, o que nos permitiu refundir o nosso modesto trabalho. Os resultados a que então chegamos não se alteraram: dentro do estado actual da runologia, as afinidades que melhor se defendem para as runas são ainda as gregas ou as latinas. Porém, a nosso ver, embora se apresentem obstáculos consideráveis para fundamentar a sua filiação directa nos sinais ibéricos, ou numa escrita nascida no ocidente, de que ambos os sistemas proviessem, esta solução não é ainda totalmente impossível perante as aquisições actuais, seguras e definitivas, das várias sciências que nêle têm de intervir.

Para o nosso trabalho utilizamos em primeiro lugar, quanto às inscrições rúnicas, o artigo *Runenschrift*, de Otto von Friesen, no *Realexikon der germanischen Altertumskunde*, de Hoops (obra adquirida, bem como os albuns de inscrições rúnicas de Stephens e Henning, pela «Biblioteca Municipal do Pôrto»); êste artigo não só é considerado presentemente a melhor exposição geral do assunto, como encerra, na sua forma simplificada e corrigida, as ideias do autor sôbre a origem grega das runas, tese de que êle é o principal defensor. Para a tese duma origem latina servimo-nos da versão francesa dum artigo de Holger Pedersen sôbre *L'origine des runes* <sup>(1)</sup>, originariamente aparecido nos *Aarboeger for nordisk Oldkynd og Historie*, 1923, que, renovando as ideias de Wimmer, é um estudo muito consciencioso e nos forneceu elementos mesmo sôbre outras hipóteses. Finalmente, quanto aos caracteres ibéricos, além da obra bem conhecida de Hübner, *Monumenta Linguae Ibericae*, aproveitamos também o curioso artigo do prof. Júlio Cejador, *Alfabeto e inscripciones ibéricas*, publicado no *Butlleti de l'Associació Catalana de Antropologia, Etnologia i*

(1) Edição da livraria «Thiele», de Copenhague.

*Prehistòria*, vol. IV, 1926. Mas pelo que respeita às leituras das inscrições ibéricas adoptadas por Hübner e Cejador, consignamos desde já a devida reserva.

Uma advertência temos ainda a fazer para quem porventura se dê ao confronto entre o quadro de Ricardo Severo e as aproximações morfológicas que adiante registamos. Ricardo Severo, tomando para base da sua tabela os sinais alfabetiformes de Alvão e Capeludos, foi apenas buscar as runas que mais se lhe assemelhavam, não nos dizendo mesmo onde as colheu; por outro lado recorreu confessadamente a vários alfabetos, e não apenas ao nórdico primitivo, isto é, ao que hoje se considera quasi unânimeamente o mais antigo. Êsse alfabeto compunha-se de 24 letras, e as respectivas inscrições, segundo a maioria dos especialistas, datam-se, sobretudo por motivos arqueológicos, desde o século III. Os alfabetos anglo-frísio e alemão ocorrem em inscrições cujo início se marca dois a três séculos mais tarde, aceitando-se correntemente que derivam do primeiro; o alemão conserva o mesmo número de 24 letras, mas o inglês aumenta-o sucessivamente para 28 e 33. Além dêstes ainda houve o segundo alfabeto nórdico, de 16 letras, iniciado no século IX, e o alfabeto pontuado, iniciado no século XI. Ricardo Severo, que utilizou certamente o conhecido livro de Taylor, *The Alphabet*, diz-nos ter recorrido aos alfabetos gótico, escandinavo e angliano; afigura-se-nos mais legítimo, pelos motivos dados, comparar a escrita ibérica apenas com o primeiro, que é na nomenclatura de Taylor o correspondente ao nórdico primitivo, qual acima o definimos. Ê esta além disso, a prática usual quando se estuda a origem das runas.

Pôsto isto, vejamos até que ponto o parentesco sugerido se pode estabelecer com mais precisão; mas ainda antes carecemos de afastar uma questão prévia: se dentre as teorias mais correntes da origem das runas, alguma ou algumas se não encontram já fundamentadas ao ponto de excluir por completo qualquer outra

possibilidade. É a êsse estudo preliminar que vamos em primeiro lugar proceder.

\*

\* \*

Tem-se procurado filiar as runas nos alfabetos semita, grego e latino, ou ainda em certos alfabetos antigos da Itália, em particular da Itália setentrional, havendo igualmente quem as tenha julgado uma criação germânica, seja numa época muito remota, seja em tempos mais recentes. De tôdas estas hipóteses, porém, as únicas que ainda congregam em sua volta os especialistas mais autorizados são as duma origem latina, ou grega, ou mixta; mas deve igualmente dizer-se que a hipótese norte-italica não tem deixado de impressionar runólogos de nome, como era Sophus Bugge. Voltaremos a êste ponto.

A arqueologia tem sido invocada em favor da tese grega. São largamente aceites, e até mesmo entre os opositores desta tese, as conclusões de Bernhard Salin, baseadas principalmente na ornamentária, de que no século II da nossa era floresceu nas regiões ao norte e noroeste do Mar Negro uma cultura germânica de moldes clássicos, e de que esta cultura já cêrca do ano 200 se tinha propagado à margem sul do Báltico, desde a Prússia oriental até ao Schleswig. Ora é no Schleswig, na Dinamarca e no sul da Escandinávia que se encontra a maioria das inscrições rúnicas mais antigas — em geral muito breves, duma ou de duas palavras, em pedras, em tésseiras (medalhas de ouro, prata ou bronze, gravadas dum só lado, usadas como adôrno ou amuleto) e ainda em jóias, em armas ou em utensílios de metal, ôsso ou madeira. Mas algumas inscrições do mesmo estilo e da mesma época apareceram também para o oriente, como em Kowel, na Volínia e em Pietroassa, perto de Bucarest, semeadas entre o Mar Negro e o Báltico; a invenção das runas teria pois sido feita

no oriente, propagando-se em seguida para o ocidente, integrada nesta corrente cultural.

Quando, nos meados do século IV, se interromperam estas relações entre o oriente e o ocidente, o centro ocidental desta cultura era o Hannover, donde se propagou mais tarde em duas correntes, uma para a Grã-Bretanha e outra para o sul ao longo do Reno até aos Alpes e à bacia do Danúbio superior e depois na direcção da Itália. Esta última via é o domínio das inscrições rúnicas alemãs: Hesse, Nassau, Wurtemberg e a Baviera, até à região de Pressburg na fronteira austro-húngara.

O número daquelas inscrições rúnicas orientais é de-certo ainda mais diminuto que o das ocidentais mais antigas, mas isso não invalidaria a hipótese: que a escrita rúnica era bem conhecida entre os godos, quando estabelecidos na Mesia, prova-o o facto do bispo Wulfila, no século IV da nossa era, ao criar um alfabeto baseado no grego <sup>(1)</sup> para a sua tradução da Bíblia, ter recorrido às runas para a representação de certos sons; ora Salin julga que essa cultura germânica oriental do século II já era gótica. Por outro lado, porém, é para notar que as constatações de Salin não implicam necessariamente a origem grega, nem mesmo a oriental, da escrita rúnica: se, como hoje se admite, ela deve ter nascido numa região onde os dois alfabetos, grego e latino, estavam em concorrência, tendo o alfabeto rúnico ou uma base grega com algumas letras latinas, ou uma base latina com algumas letras gregas, aquela condição tanto se poderia verificar no oriente como, numa data compatível com os dados do problema, na própria Itália; e a transmissão da escrita pode não ter seguido a linha de maior influência cultural, mas outra secundária, qual a que na Itália terminava. Não conhecemos directamente os trabalhos de

(1) É esta a opinião actual, fundada em trabalhos de Friesen; anteriormente julgava-se que a base fôsse latina.

Bugge, mas Hirt <sup>(1)</sup>, abonando-se com o seu nome, defende uma origem greco-italica, donde se deduz que Bugge a achava possível.

A origem latina é portanto, dentro das condições expostas, tão defensável como a grega, e a hipótese ocidental tão boa como a oriental. Para o caso de se admitir para as runas a base dum alfabeto da Itália, as inscrições rúnicas alemãs testemunhariam também a via de propagação, simplesmente num sentido inverso ao da hipótese oriental; entretanto continua em geral a aceitar-se que estas inscrições são mais tardias. Todavia, além de ser muito provável, como veremos, que a escrita rúnica em madeira fôsse bastante mais antiga e de haver igualmente quem negue as ideias de Salin <sup>(2)</sup>, contra a hipótese duma origem oriental no século II, parece existir hoje um argumento ainda mais ponderoso, que só nos admira não vermos adoptado por Holger Pedersen. Com efeito na *Grammatik der urnordischen Runeninschriften*, de Johannesson, versão alemã de Schröder (1923), encontramos, adicionada pelo tradutor <sup>(3)</sup>, a menção dum amuleto com uma inscrição rúnica, escrita da direita para a esquerda, e achada, segundo parece, em 1917, que é atribuída à primeira idade do ferro; ora esta, para a Escandinávia, vai do século V a.-C. até ao princípio da nossa era. É o amuleto de Utgaard, Stod, na Noruega. Só podemos imaginar que o silêncio de Pedersen sobre este achado importante se baseará em quaisquer dúvidas sobre a cronologia.

Das duas principais hipóteses que se defrontam, a duma origem latina foi a primeira a atingir um grau suficiente de maturação

<sup>(1)</sup> *Geschichte der deutschen Sprache*, págs. 104-105.

<sup>(2)</sup> V., por ex., Van Gennepe, *Religions, Mœurs et Legendes*, 2<sup>ème</sup> série, págs. 249 e segs.

<sup>(3)</sup> A pág. 117. V. também o prefácio do tradutor, que fez na obra algumas modificações.

com o trabalho célebre de L. Wimmer, apresentado originalmente em 1874 sob o título de *Runeskriftens oprindelse og udvikling i norden* (Origem e evolução da escrita rúnica no norte), e em 1887 numa versão alemã, revista e melhorada pelo autor, sob o título de *Die Runenschrift*.

Wimmer faz derivar as runas do alfabeto monumental latino dos primeiros tempos do império, e explica as suas deformações em relação a êsse alfabeto pela hipótese plausível de se terem inscrito primeiro em madeira, ponto a que tornaremos. Muitas das suas pretensas deformações têm contudo deixado de se considerar, assimilando antes os caracteres rúnicos a outros alfabetos epigráficos mais antigos, onde as curvas, por exemplo, também se evitam. A única deformação que ainda geralmente se admite é a que explicaria a ausência de traços horizontais, porquanto os entalhes ao longo do veio da madeira seriam deléveis ou indistintos.

A tese grega tomou vulto um pouco mais tarde nos sucessivos trabalhos de Sophus Bugge e sobretudo de Otto von Friesen, atingindo os dêste a forma definitiva no seu artigo do *Reallexikon* de Hoops. Bugge parte ainda da escrita epigráfica, o que parece razoável, visto as inscrições rúnicas terem nitidamente êsse carácter; mas Friesen, apoiando-se na descoberta de certos papiros dos séculos II e III com cursivos gregos, procurou derivar as runas desta escrita e não da monumental. Notemos de passagem que Grienberger, em 1900, fêz idêntica tentativa de derivar os caracteres rúnicos dum cursivo, mas, desta vez, latino. Friesen, na última forma da sua tese, reconhece para certos sinais a necessidade duma proveniência latina, ao mesmo tempo que admite a possibilidade dumas runas derivarem de cursivos gregos ou latinos e outras da escrita monumental.

Modernamente, por fim, a hipótese latina reavigorou-se também, sendo esta a que Holger Pedersen defende no seu artigo;

mas, pelo seu turno, reconhece-se nela igualmente para certas letras a necessidade duma origem grega.

As concordâncias, ao mesmo tempo de forma e de valor fonético, entre as runas e os alfabetos grego e latino são realmente notáveis em grande número de casos. Contudo o próprio facto de se conhecerem suficientemente estes alfabetos, mesmo nas suas variantes antigas, constitui de-certo também uma vantagem para as referidas hipóteses.

O estado actual da questão, quanto a estas hipóteses, pode resumir-se como segue. Um pequeno número de runas entre as quais se afirmam especialmente as dos valores *f*, *u* e *r*, só se explicam bem, quanto a forma e som, pelo alfabeto latino; outro pequeno grupo, em que se destacam as dos valores *g*, *ng* (a nasal velar, como no inglês *sing*) e *w*, pelo grego; ao primeiro ainda se acrescentam o *c*, o *h*, o *j* e o *s*, e ao segundo o *e*, o *o*, o *p* e o *z* ( $>R$ ), mas quanto a tôdas estas letras há já mais divergências; o que afinal quere dizer que para estes casos, bem como para o resto do alfabeto, se procura uma base grega ou latina conforme a hipótese que se defende.

Nestas aproximações atende-se, como temos dito, ao mesmo tempo à forma e ao valor fonético, mas deve acrescentar-se que o relacionamento parece por vezes bastante forçado (embora se invoquem exemplos da história dos alfabetos), e muito especialmente no que respeita a configuração. Mesmo a quem nunca tenha abordado o assunto bastará examinar o alfabeto rúnico primitivo para ver como bastantes das suas letras diferem das lapidares de igual valor fonético dos alfabetos gregos e latinos. E a sua derivação dum cursivo grego tentada por Friesen, merece comentário idêntico.

E no entanto, diga-se desde já, semelhanças só de forma há-as bem maiores entre as runas e os sinais doutras escritas, como as

do norte de Itália e as ibéricas. Hirt, que acentua, criticando a teoria de Wimmer, o facto de todos os investigadores da origem e parentesco dum alfabeto antigo partirem do princípio que um alfabeto se transmite dum povo a outro relativamente pouco alterado (1), noutro ponto, confessando ignorar a origem das runas aponta o *d* como ocorrendo apenas em certos alfabetos da Gália, e o *E* como unicamente no lémnico e no ibérico (2). E afinal o próprio sinal *d* do rúnico também no ibérico se encontra, não se sabe ao certo com que valor fonético, mas de configuração absolutamente idêntica.

Que conclusões devemos pois tirar, em relação ao nosso problema? As hipóteses duma origem grega ou latina impõem-se de tal modo como necessárias que impossibilitem definitivamente procurar-se outra solução?

Sem entrarmos em investigações para que não estamos especializados, mas apenas consultando as discussões dos runólogos, cremos que se pode responder pela negativa.

Em primeiro lugar o próprio facto de ainda se degladiarem as duas hipóteses, bem como o de uns fazerem derivar as runas da escrita epigráfica e outros da cursiva, ou simultaneamente duma e doutra, parecem-nos indícios de imaturidade. Depois, a necessidade de, em qualquer caso, se admitir para alguns sinais uma origem diferente daquela que fornece a base do alfabeto, é também de-certo um ponto fraco. Como observa Holger Pedersen, a hipótese mixta só se deve tentar em último caso; mesmo fazendo nascer as runas em regiões onde existissem ao mesmo tempo os dois alfabetos, grego e latino, não há razão poderosa para lhes

(1) Ob. cit., pág. 105.

(2) Ob. cit., pág. 282.

postular êsse modelo duplo. Finalmente não poderá deixar de nos impressionar o facto de se terem de fazer intervir invenções engenhosas, como a duplicação de sinais, para explicar a forma de certos caracteres, que afinal nos aparecem já com perfeita identidade de configuração em outras escritas anteriores, como as do norte de Itália; e é do alfabeto etrusco que se faz hoje derivar o próprio alfabeto latino.

Finalmente a descoberta de Utgaard, a que porventura se juntarão outras, se não exclui ainda a possibilidade duma origem grega ou mesmo latina, leva-nos pelo menos a esperar a remodelação mais ou menos profunda das respectivas hipóteses, ao mesmo tempo que poderá aumentar a sua incerteza.

\*

\* \*

Uma vez que nem a hipótese grega nem a latina se têm de considerar ainda definitivamente estabelecidas, ou prováveis ao ponto de excluir qualquer outra, nada nos impede de examinar agora, conquanto os materiais sejam aqui menos bem definidos, a duma aproximação íntima entre caracteres rúnicos e caracteres ibéricos; e dizemos íntima, pois algumas semelhanças eram já de esperar, desde que, como vimos, se tem pretendido derivar ambas estas escritas dos alfabetos semita, grego ou latino, o que se não poderia fazer sem uma base mínima. De resto é bem sabido que certos sinais nos aparecem um pouco por tóda a parte, e até desde épocas remotíssimas, assunto sôbre o qual já se pronunciaram nestas páginas os nossos ilustres colegas drs. Mendes Corrêa e Teixeira Rego, sendo também na grande antiguidade dêssas concordâncias que se fortalece a teoria duma origem ocidental das escritas lineares. À semelhança do que fizemos para as hipóteses grega e latina procuraremos em primeiro lugar as possibilida-

des de transmissão e só em seguida notaremos quais são de facto as semelhanças que existem entre as duas ordens de caracteres.

A dificuldade da resolução dêste problema foi reconhecida por Estácio da Veiga, que, embora defendendo a ideia de ser a escrita ibérica o modelo de todos os alfabetos antigos, incluindo o fenício, escreve, quanto aos caracteres rúnicos, que «se não pode indicar o trajecto terrestre ou marítimo que a epigrafia peninsular seguiu até às regiões bálticas». Não temos também a pretensão de o solucionar, mas cremos que pelo menos para um determinado trajecto se conseguem encontrar alguns elementos de apoio.

No estudo da questão temos de encarar sucessivamente as possibilidades duma transmissão directa e duma transmissão indirecta, tendo em consideração as épocas que é lícito atribuir-lhes e aproveitando de preferência as hipóteses que integrem elementos fornecidos por inscrições ou que por qualquer forma se liguem simultaneamente às duas escritas; isto é, dando-lhes maior valor do que a quaisquer possibilidades prè-históricas ou históricas sem nenhum apoio epigráfico ou linguístico. Escusado será acrescentar que, sendo êste aspecto do assunto muito complexo, e exigindo uma alta especialização, se trata da nossa parte, quanto às relações culturais entre os povos, apenas duma consulta aos respectivos cientistas—um modo de lhes submeter os dados da questão.

Como temos visto consideram-se em geral os mais antigos documentos rúnicos como sendo do século III da nossa era, isto áparte do amuleto de Utgaard. A cronologia dos achados baseia-se tanto na linguística como na arqueologia: além dos objectos com inscrições rúnicas encontraram-se muitos outros análogos, e o conjunto permite datar arqueològicamente as inscrições. Há ainda,

segundo igualmente dissemos, quem julgue as runas uma criação germânica muito antiga, mas esta opinião não tem atraído o consenso dos cientistas; e há também o facto curioso de, até Wimmer, se considerar o alfabeto de 16 sinais como mais antigo do que o de 24, invertendo-se então esta ordem, o que poderia traduzir incerteza, se não fôsse devida aos progressos da ciência. Mas, salvo a tendência dos runólogos dinamarqueses para considerar aqueles achados ainda mais tardios, a opinião geral coloca-os no século III.

A aceitarmos que a escrita rúnica tivesse nascido por essa época, ou pouco antes—como apesar do achado de Utgaard, se continua repetindo—as dificuldades para uma transmissão directa seriam grandes, senão insolúveis, visto que a Península Ibérica já estava de há muito romanizada. Naquela época, ou mesmo nos séculos imediatamente anteriores, não nos parece que se deva sequer formular a hipótese, nem pelo nosso lado nem pelo lado nórdico, visto que se algum alfabeto os nórdicos aqui pudessem ter vindo buscar nesse tempo, seria de-certo também o latino.

Mas a escrita rúnica pode ser bastante anterior aos seus mais antigos documentos subsistentes; sem mesmo nos apoiarmos no amuleto de Utgaard, há outras razões, que muitos aceitam, para o supôr. Já vimos que para explicar certas particularidades da configuração das runas, e em especial a ausência de traços horizontais, se alega a razão de terem sido primeiro escritas em madeira. O costume de escrever em madeira aparece-nos em muitos outros povos, do que dão testemunho vocábulos como o latim *liber*, «casca», o grego *biblos*, «casca de papiro», o sânscrito *bhurja*, «casca de bétula», e ainda *tabula*, *codex*, etc.; não seria pois de estranhar que o mesmo se desse entre os germanos. Mas há referências directas a que também entre êles existiu de facto êsse uso, e numerosas palavras, igualmente, cuja evolução semântica é em geral assim explicada.

Que numa época, é certo, relativamente tardia para o nosso caso, os germanos escreviam mensagens em ramos de árvores, informando-nos o historiador latino Venantius Fortunatus (século VI) confirmado por numerosas alusões dos poetas nórdicos; não se sabe porém desde quando dataria êsse costume. Mas há também uma referência de Tácito (cap. X da *Germania*), que, não dizendo respeito a mensagens, já pode aludir a runas; ocupando-se das suas práticas divinatórias, diz que êles as faziam cortando em bocados um ramo de árvore frutífera, marcando-os com sinais e lançando-os ao acaso sôbre um estôfo branco; o sacerdote ou o chefe de família levanta depois cada fragmento por três vezes, e, conforme os sinais que se apresentam, explica se se deve ou não praticar o acto projectado, que determinara a consulta. Ora muitos julgam que essas *notae impressae* já deviam efectivamente ser runas.

A lingüística, segundo opinião geral, confirma estas ideias; é com aquelas práticas que se relaciona a semântica de certos vocábulos germânicos. O velho nórdico *run* tinha a dupla significação de «mistério» ou «segrêdo» e de «letra rúnica», a primeira das quais é ainda hoje testemunhada pelo alemão *raunen*, «segredar», a que correspondeu em inglês antigo *runian*, em inglês médio *roun* ou *round*; e *Alraun* era o nome dado à mandrágora, em cuja raiz se julgava existir um espírito que presidia ao lançar das runas. Os verbos *raten* (alemão) e *read* (inglês) derivam também ambos dum verbo germânico primitivo, que, qualquer que seja a sua origem, juntava os dois sentidos de «ler» e de «aconselhar», «explicar»; e do mesmo modo o alemão *lesen* tinha primitivamente a acepção de «escolher», «juntar»—os ramos com as runas mágicas. Por outro lado *book*, *Buch* e *Buchstabe* explicam-se como tendo significado primitivamente «faia» e «ramo de faia», enquanto *write* vem dum verbo primitivo que queria dizer «riscar», como ainda o testemunha o al. *reiszen* e seus afins (*schreiben* é um

empréstimo tardio do latim *scribere*; êste porém é que, bem como *exarare*, se explica do mesmo modo que o antigo *writan*) (1).

Há portanto tôdas as probabilidades de a escrita rúnica ser bastante mais antiga que o século III da nossa era; mas até que ponto será lícito recuá-la? Apenas pelas razões acabadas de expôr, isto é, sem tomar em conta o amuleto de Utgaard, o máximo que em geral se recua é até ao século I a. C., embora se possa talvez ir ainda um pouco além. O amuleto de Utgaard é da primeira idade do ferro, ou seja, como vimos, do período entre o século V a. C. e o comêço da nossa era, segundo os scien-tistas escandinavos e para o seu país; mas tanto poderá ser do seu início como do fim. Suponhamos porém que nos é lícito recuar até ao século V a. C.: facilitar-se-ia assim a hipótese duma transmissão directa?

Os especializados dirão; mas, pelo que nos foi dado ler, cremos que uma tal hipótese poucos elementos encontra em que se apoiar. Assinalam-se de facto, em tempos muito remotos, relacionamentos arqueológicos entre a região das runas primitivas e a da escrita ibérica; trata-se, porém, segundo opinião corrente, de influências indirectas transmitidas mediante a Armórica, a Irlanda e a Grã-Bretanha (2); e alguns escassos elementos para um relacionamento mais directo, certas aproximações isoladas de ornamentária, ou certas conjecturas, como a de Loth, de que os machados-martelos líticos da Escandinávia imitariam directamente os machados-martelos de Portugal (em lugar de, segundo julgava Déchelette, se ter dado o inverso), são igualmente duma época

(1) Sôbre a etimologia dos vocábulos acima e sua ligação com a passagem citada da *Germania* de Tácito, ver, por ex., o *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, de Kluge, a obra mais categorizada da sua classe.

(2) Ver, por ex. Loth, no *Bulletin de la Société d'Histoire et d'Archeologie de Bretagne*, 1926, pág. 1 e segs. e Bosch Gimpera, nas *Atti del Convegno Archeologico Sardo*, 1926.

demasiado afastada. E quanto à possibilidade de, considerando as runas uma sobrevivência, remontarmos a essas velhas idades — o que, em princípio, seria autorizado pelo grande poder de conservação da escrita rúnica evidenciado em tempos históricos, pois a sua utilização é ainda bastante extensa até aos fins do século XVI, e ocasional até ao século XVIII, em plena concorrência com a escrita ordinária — essa possibilidade já vimos que é em geral mal acolhida, não tendo nós conseguido sôbre êste ponto bibliografia suficiente. Mas ainda que, pelo lado nórdico, alguma coisa nos aparecesse de aproveitável, já não seria com a escrita ibérica prôpriamente dita que se teriam, neste caso, de fazer as comparações, mas sim com a *proto-ibérica* (Alvão, Parada, etc.), como lhe chama apropriadamente o prof. Mendes Corrêa.

As possibilidades duma transmissão directa da escrita entre a nossa Península e a região das runas primitivas são, dêste modo, parece-nos, difíceis de estabelecer; nada encontramos certamente de comparável à corrente de cultura defendida por Salin, e aproveitada pelos partidários da hipótese oriental. Resta-nos examinar a viabilidade duma transmissão indirecta.

Baseando-nos em certas aproximações feitas pelos runólogos, duas delas fora das hipóteses grega ou latina e a terceira associada com esta última, mas dela talvez desligável, encontramos três elos entre runas e caracteres ibéricos, em que porventura se poderá vir a fundamentar uma transmissão ibéro-rúnica. E empregamos o termo «elos», tanto por êste motivo de se tratar ainda de simples sugestões, como pelo de que não exigem verdadeiramente a prioridade ibérica; isto é, poderia nesse elo estar a origem das duas escritas. Deve também acrescentar-se desde já que duas destas ligações assentam em bases realmente muito ténues, tomando no entanto algum valor pelo facto curioso de haver entre

tôdas três certos pontos de contacto que, de algum modo, as fundem numa só.

A primeira e mais importante destas possibilidades é-nos fornecida pelos Lígures. Já Ricardo Severo, abonando-se com uma tese conhecida e com o nome de Martins Sarmiento, sugere uma transmissão ligúrica; mas, consultando nós os trabalhos de ambos, ficamos em dúvida sobre quais seriam exactamente as ideias de Severo, que é pouco explícito. Por um lado parece indicar-nos uma transmissão directa por via marítima; por outro, uma transmissão terrestre pelos vales do Ródano, Danúbio e Reno, via que cita de Martins Sarmiento como sendo a da penetração da cultura micénica no centro e norte da Europa. E quanto às opiniões de Martins Sarmiento (1), quer sobre a estada dos Lígures até ao século VII a. C. nas margens do Báltico e talvez na Escandinávia, quer sobre o seu estabelecimento, uma vez rechassados do norte pelos Celtas, na Península Ibérica—onde seriam representados pelos Lusitanos, persistindo mesmo a sua civilização ao lado da romana—cremos que estão longe de se confirmar. Além disso levantar-se-iam aqui, em qualquer caso, as mesmas dificuldades, ou históricas—pelo lado da Península Ibérica e quanto a uma transmissão tardia—ou cronológicas—pelo lado das runas e quanto a uma transmissão remota—que já salientamos a propósito da não viabilidade duma transmissão directa ibero-báltica.

Para a ligação indirecta que julgamos susceptível de ser fundamentada em dados epigráficos, é-nos indiferente, pelo contrário, a própria questão, ainda debatida, da vinda dos Lígures à Península Ibérica; basta-nos saber que estiveram com ela em contacto íntimo, e êste, com maior ou menor extensão, todos o admi-

(1) *Portugalia*, tomo I, pág. I e segs., e também *Ora Marítima*, *Argonautas*, etc.

tem. Ora esta possibilidade encontra o seu outro ponto de apoio naqueles alfabetos da Itália setentrional, a que já nos referimos.

Vimos, com efeito, que se tem igualmente tentado filiar as runas nalguns dos alfabetos não latinos da Itália, em particular da Itália do norte, e que essa hipótese ainda conseguia impressionar runólogos de categoria, como foi Bugge. Julgam muitos que êstes últimos alfabetos derivam todos do etrusco, e por isso os englobam na designação de norte-etruscos, mas Pauli, o ilustre autor das *Altitalische Forschungen*, discorda. Ora entre as respectivas inscrições encontram-se também as dos Lepontinos, que seriam Lígures celticizados (1). Holger Pedersen, combatendo aliás a hipótese norte-italica, acha que as maiores analogias entre o alfabeto rúnico primitivo e os norte-etruscos se dão com o veneto; contudo outros têm opinião diversa, justificando-se principalmente com certas semelhanças flagrantes de forma e orientação dos caracteres.

Seja como fôr, encontramos aqui populações lígures e, quando não uma escrita propriamente ligúrica, pelo menos um grupo de alfabetos estreitamente aparentados entre si e de notável semelhança ao mesmo tempo com as escritas ibérica e rúnica; e em apoio desta ligação há ainda a circunstância de, como veremos, os caracteres rúnicos terem mais analogias com a escrita ibérica citerior—cujas inscrições se estendem até ao território da Gália Narbonense. A região chamada *Hispania Citerior* pelos romanos é, com efeito, desde tempos recuados, a de mais provável

(1) Herbig, in *Reallexikon* de Hoops, s. v. *Ligurer*. V. também Vetter, in *Real-Encyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, de Pauly-Wissowa, e o mesmo Herbig, in *Reallexikon der Vorgeschichte*, de Ebert. Todos êstes magníficos instrumentos de trabalho se encontram actualmente na Biblioteca Municipal do Porto, cuja direcção é, por êste facto, digna do maior encómio e reconhecimento dos estudiosos.



contacto com os Lígures (1); por outro lado a escrita citerior julga-se mais nova que a ulterior, quer dizer, a aproximação com as runas facilita-se mesmo cronologicamente. E quanto à transmissão desde a Itália do norte até às regiões bálticas, já vimos que tem sido largamente admitida, seguindo ao longo do caminho comercial que pelo Salzburg se dirigia ao Schleswig.

Sobre as duas aproximações restantes pouco nos demoraremos. A segunda possibilidade que se nos oferece é a da transmissão por intermédio da Gália. Holger Pedersen fala-nos efectivamente de certas afinidades, não de forma mas de estrutura interna (2), entre o alfabeto rúnico e o alfabeto ogâmico da Irlanda, cuja antiguidade é debatida, conjecturando alguns que seja do século II da nossa era, outros do IV. Este alfabeto é dividido em secções de cinco letras cada, assim como o rúnico é dividido em três secções de oito letras (mais tarde 6-5-5); essas secções chamam-se em ambos os alfabetos «famílias»; a ordem das letras é também em ambos diferente da dos alfabetos grego e latino; em ambos há um sinal especial para a nasal velar; finalmente em ambos as

(1) O prof. Mendes Corrêa escreve na *História de Portugal* dirigida pelo prof. Damião Peres, em publicação: «A vinda dos Lígures em tempos remotos a estas regiões... é muito verosímil, tanto mais que, segundo o périplo suposto de Scylax (séc. IV a. C.) e outros, os Iberos se misturaram com os Lígures (constituindo os *Misgetas* de Hecateu, segundo Schulten) entre os Pirineus e o Ródano, sendo de admitir que esta expansão ibérica para leste tivesse sido antecedida alguns séculos por uma expansão ligúrica em sentido contrário». (Vol. I, pág. 163).

(2) Os sinais ogâmicos constam dum certo número de hastes, ladeando ou cortando uma linha média; conforme o seu número, a sua unilaterialidade ou bilateralidade e a sua inclinação em referência àquela linha média — perpendiculares ou oblíquas — assim o seu valor fonético.

O principio das letras ogâmicas oferece deste modo alguma analogia com o de certas runas criptográficas, as chamadas runas de ramos; estas, porém, consideram-se muito mais tardias.

letras têm denominações longas, o que se dá também com o alfabeto rúnico.

A opinião corrente sobre a origem do ogâmico, quanto ao valor dos símbolos, é a de que provém do alfabeto latino, mas já tem havido quem o pretenda derivar do grego, e também quem o suponha uma invenção mais remota sobre uma base fenícia. Encontramos portanto uma situação análoga à dos alfabetos rúnico e ibérico; o que mais interessa, todavia, para o nosso problema, é o facto de Pedersen se inclinar a deduzir daquelas aproximações que tanto os Irlandeses como os Germanos aprenderam as suas escritas com os Gauleses. Já Wimmer tinha apontado a possibilidade de os Germanos terem aprendido a sua com os Gauleses da Itália do norte; se isto assim fôsse voltariamos de certo modo à hipótese anterior, visto que o alfabeto destes Gauleses é o mesmo que o dos Lepontinos. Mas Pedersen julga que seria junto do Reno, e partindo do alfabeto latino, que os Gauleses teriam ensinado a escrita aos Germanos.

Abstraindo pois da presunção duma origem latina, encontramos aqui porventura uma nova possibilidade conectiva, a da Gália, bastando para isso que novas investigações viessem a mostrar o ogâmico como igualmente relacionável, por qualquer forma, com a escrita ibérica; e também o norte da Gália, como já vimos, parece ter sido, desde tempos recuados, um intermediário natural entre a Península Ibérica e as regiões setentrionais da Europa (1).

Finalmente a terceira possibilidade, ainda mais vaga, mas de-certo interessante para nós, depara-se-nos no Oriente, aliada

(1) Segundo Salomão Reinach, que se apoia em Belloguet, Müllenhof, D'Arbois de Jubainville e em autores antigos, os Lígures ocuparam a Gália inteira. Estas ideias, porém, encontram grandes relutâncias; se acaso se provassem, esta possibilidade e a anterior poderiam novamente coincidir. (V. *Cultes, Mythes et Religions*, 1, 213-214).

possível de outras hipóteses quer orientais, quer ocidentais. Bugge, que por um lado procurou nos Galatas, que tem por Celtas, a possibilidade duma aprendizagem oriental da escrita pelos Germanos, por outro aproxima os nomes longos de certas runas de nomes de letras do alfabeto georgiano. Ora há tôdas as probabilidades de o vasconço ser a língua dos antigos Iberos ocidentais <sup>(1)</sup>, mas tem-se feito também, desde a antiguidade, a aproximação entre os Iberos do ocidente e os Iberos do oriente, e modernamente tem-se procurado relacionar as duas línguas, que hoje alguns consideram componentes duma nova «família jafetítica». As línguas desta família, em que se incluíam curiosamente o etrusco, o rético e o ligúrico, seriam as descendentes directas da língua falada por tôda a Europa antes das indo-germânicas <sup>(2)</sup>, e a esta hipótese não faltaria mesmo uma base antropológica e pre-histórica. Eis portanto uma nova e um tanto inesperada possibilidade de aproximação. É certo que os mais antigos manuscritos georgianos existentes são do século IX ou X, e os seus caracteres muito diferentes dos ibéricos ocidentais, mas há notícia de os Iberos do oriente possuírem uma escrita desde o século II <sup>(3)</sup>, escrita que se teria modificado bastante. Deve contudo dizer-se que Hirt, embora ache concebível que tenha havido uma unidade linguística

(1) Hirt, *Indogermanische Grammatik*, vol. I, pág. 106.

(2) Já, entre outros, o grande filólogo inglês Roberto Ellis e o alemão Winckler tinham feito esta aproximação, mas ultimamente a questão foi retomada com desenvolvimento nas duas obras seguintes: Friedrich Braun, *Die Urbevölkerung Europas und die Herkunft der Germanen* (1922); Nikolaus Marr, *Der Japhetische Kaukasus und das dritte ethnische Element im Bildungsprozess der mittelländischen Kultur* (1923). Crit. in S. Feist, *Indogermanen und Germanen* (1924), pág. 52 e segs.

(3) V. Taylor, *The Alphabet*, vol. II, pág. 268 e segs. Segundo o historiador arménio Moses, de Korene, uma velha tradição dava a paternidade dos alfabetos arménio e georgiano a S. Mesrob, que viveu no século V da nossa era. Há porém moedas anteriores, e o testemunho de Philostrato, acima citado. Taylor julga que S. Mesrob apenas remodelaria um alfabeto já existente, juntando-lhe algumas letras gregas.

basco-caucásica, e que na perda da flexão indo-europeia se deverá ter de reconhecer uma influência da população primitiva do ocidente da Europa, entende também que estas aproximações linguísticas «jafetíticas» assentam ainda em material tão restrito que talvez nunca venham a poder provar-se <sup>(1)</sup>.

Cejador sustenta igualmente a ideia de ser o vasconço a língua dos Iberos, mas vai até considerá-lo como o ascendente das línguas indo-europeias, e entre nós João Bonança defendia uma tese do mesmo alcance. Se o prof. Trombetti, que já se inclina para uma aproximação etrusco-caucásica, lograr satisfazer cabalmente a sua promessa de apresentar em breve a leitura das inscrições etruscas, com certeza êstes problemas se esclarecerão notavelmente, embora de-certo não se chegue tão longe como pretendem aqueles entusiásticos iberistas.

Examinemos por fim as semelhanças entre caracteres rúnicos e caracteres ibéricos.

Em primeiro lugar deve notar-se que nos temos de limitar aqui a semelhanças de forma, visto que da escrita ibérica, pela deficiência de inscrições bilingues, não há ainda uma leitura que se imponha. Delgado e Hübner, partindo da hipótese de uma origem fenícia, atribuíram determinados valores fonéticos aos vários símbolos, organizando assim com as letras mais frequentes dois alfabetos, o ulterior e o ceterior, e dando os restantes sinais como variantes daquelas. Mas, apresentando transliterações, não conseguiram apresentar traduções, o que levou compreensivelmente à dúvida e ao abandono das próprias transliterações, como fez o ilustre numismata espanhol Vives.

Dificuldade capital do problema é a de não se conhecer a língua em que estarão essas inscrições. Ultimamente Júlio Cejador,

(1) *Indog. Gram.*, vol. I, págs. 106 e 107.

retomando a ideia de ela ter sido o vasconso, que se teria falado por toda a Península, assim as pretende ler; a sugestão já vem de Humboldt, e parece ir ganhando algum terreno; mas as leituras de Cejador, embora possam conter alguns elementos de verdade, afastam-se tanto do habitual em documentos análogos que também não têm logrado impor-se. Além disso as próprias bases em que assentam surpreendem, umas por demasiada simplicidade, outras por demasiado engenho: supor uma língua una falada em toda a Península por tão longo período, mais, conservada quasi sem alterações no basco actual (mesmo dado o seu conhecido arcaísmo), representa uma exigência tão grande como, por outro lado, o número elevado de variantes a admitir para o sinal de cada som, e de valores diferentes para vários dos sinais.

Não podemos pois aproximar as duas séries de caracteres ao mesmo tempo quanto à forma e valor fonético, e portanto não podemos também fazer, como nas teorias grega ou latina das runas, a comparação entre o rúnico primitivo e as inscrições ibéricas, mostrando as coincidências perfeitas sob ambos os pontos de vista, e procurando explicar as discordâncias mais ou menos graves que nos restassem. Mas as simples concordâncias de forma são quasi sempre perfeitas, em muito maior grau, cremos, do que se dá entre as runas e qualquer alfabeto grego ou latino.

Tomando por base, apenas quanto à forma dos sinais, os trabalhos de Hübner e Cejador, verifica-se facilmente que das 24 letras do alfabeto rúnico, 20 se encontram, em geral com a mesma forma, em reduzido número com pequenas dissemelhanças, nas inscrições ibéricas. Dêste facto não se deve porém concluir, diga-se desde já, que as duas escritas quasi coincidam, e bastará examinar algumas inscrições ibéricas para se lhe compreender a razão. É que o número de sinais ibéricos diferentes (embora contando ligeiras variantes) anda por duzentos, de modo que só se logrará em geral encontrar, em cada palavra das inscrições, alguns sinais

concordantes com as runas: digamos, frequentemente cerca de metade.

No quadro que acompanha este artigo, ou nas obras em que se baseia, poderão aqueles a quem o assunto interessar fazer a verificação das nossas asserções. Aceitando, só quanto à forma das letras, os alfabetos ulterior e citerior de Hübner — o que, nestes termos, se faz hoje correntemente — podemos resumir do seguinte modo os argumentos a favor e contra as possibilidades duma aproximação ibero-rúnica:

A favor:

O número avultado de concordâncias perfeitas de forma, sobretudo tomando em conta as variantes.

O maior número de concordâncias com a escrita citerior, o que facilita a hipótese dum «elo» lígure.

São coincidências análogas às que se dão com os alfabetos norte-italicos, e já vimos como isto poderá também fortalecer aquela hipótese.

Contra:

O facto de, entre as concordâncias com o alfabeto citerior, figurarem certos sinais que andam com a mesma forma em muitos alfabetos antigos, como o *i*, o *l*, o *h*, e o *s*.

O facto de algumas das variantes do alfabeto citerior utilizadas serem duma ocorrência pouco frequente, o que aliás se dá também com certas runas.

A base da primeira destas objecções poderá porventura ter igualmente a sua significação, mais geral em todo o caso que a do problema que nos propusemos.

\*

\* \*

Qual a conclusão a tirar de todos os dados resumidamente expostos quanto ao problema duma aproximação entre os carac-

teres rúnicos e os caracteres ibéricos? Talvez a de que, neste trabalho de paciência que é a reconstituição dum passado remoto e complexo com alguns fragmentos isolados e de significação incerta sob vários pontos de vista, os materiais gregos ou latinos são os que fornecem um conjunto mais harmónico para uma hipótese da origem das runas; mas também que os elementos já colhidos para uma aproximação íbero-rúnica nos dão o direito de esperar que, com os progressos das sciências na questão interessadas, esse estado de coisas se possa vir a modificar em favor da tese dos nossos ilustres compatriotas.

Uma transmissão directa afigura-se-nos, em todo o caso, pouco provável, não só pela falta de outros elementos a atestarem, suficientemente e em época adequada, relações directas entre os dois povos, como também pela existência de discordâncias ainda importantes entre o velho alfabeto nórdico e o alfabeto ibérico citerior propriamente dito, formado por Hübner com os caracteres ibéricos mais frequentes nessa região — isto é, sem apelarmos para as variantes dêste.

Uma conexão indirecta, talvez ligúrica, parece-nos mais viável; e, como dizemos acima, o facto de se poder fundamentar melhor uma origem grega ou latina não quererá dizer que uma delas seja necessariamente a verdadeira, mas, simplesmente, que essas hipóteses são hoje em dia as melhor documentadas.

---

## Comparação morfológica dos caracteres ibéricos e rúnicos

(Os valores fonéticos atribuídos aos caracteres ibéricos por Hübner e Cejador dão-se apenas a título complementar)

Alfabeto ibérico ulterior (Hübner)	<sup>(13)</sup> a	<sup>(7)</sup> c	<sup>(17)</sup> o	e	<sup>(2)</sup> z	<sup>(5)</sup> h	th	l	k	l	<sup>(15,16)</sup> m	<sup>(10,11)</sup> n	o	<sup>(12)</sup> p	<sup>(28)</sup> q	r	<sup>(4)</sup> s	<sup>(21,23)</sup> M	<sup>(16)</sup> ↑	u
Variantes aproveitáveis						<sup>(5)</sup> H	<sup>(11)</sup> l	<sup>(24)</sup> l						<sup>(28)</sup> X			<sup>(19)</sup> z		<sup>(17)</sup> Y	
Alfabeto ibérico ciliar (Hübner)	<sup>(8)</sup> a	<sup>(6)</sup> c	<sup>(17)</sup> d	<sup>(15)</sup> e	<sup>(1)</sup> z	<sup>(5)</sup> h	th	l	<sup>(18)</sup> k	<sup>(24)</sup> l	<sup>(13,14)</sup> m	<sup>(10,11)</sup> n	o	<sup>(12)</sup> p	<sup>(28)</sup> q	r	<sup>(4)</sup> s	<sup>(21,23)</sup> M	<sup>(17)</sup> Y	<sup>(20)</sup> ↑
Variantes aproveitáveis	<sup>(5)</sup> P	<sup>(10)</sup> N		<sup>(2)</sup> F		<sup>(5)</sup> Z	<sup>(17)</sup> O	<sup>(11)</sup> l	<sup>(27)</sup> X		<sup>(15,16)</sup> J				<sup>(28)</sup> X					Y
Alfabeto ibérico primitivo (Cejador)	<sup>(2)</sup> a	<sup>(11)</sup> i	o	v	e	p	<sup>(24)</sup> l	n	c	z	X	z	o	m	d	x	k			<sup>(16)</sup> tom
Variantes aproveitáveis	<sup>(20)</sup> ↑	<sup>(25)</sup> O	<sup>(17)</sup> Y	<sup>(22,27)</sup> F	<sup>(5)</sup> P		<sup>(10,11)</sup> Z	<sup>(6)</sup> C	<sup>(17)</sup> X	<sup>(19)</sup> S	X		<sup>(22)</sup> M				<sup>(21)</sup> B (Alcoy)			
Alfabeto rúnico primitivo	<sup>(1)</sup> u	<sup>(2)</sup> v	<sup>(3)</sup> h	<sup>(4)</sup> p	<sup>(5)</sup> r	<sup>(6)</sup> c	<sup>(7)</sup> s	<sup>(8)</sup> t	<sup>(9)</sup> n	<sup>(10)</sup> h	<sup>(11)</sup> l	<sup>(12)</sup> j	<sup>(13)</sup> e	<sup>(14)</sup> p	<sup>(15)</sup> p	<sup>(16)</sup> p	<sup>(17)</sup> r	<sup>(18)</sup> k	<sup>(19)</sup> s	
	<sup>(20)</sup> ↑	<sup>(21)</sup> b	<sup>(22)</sup> c	<sup>(23)</sup> m	<sup>(24)</sup> l	<sup>(25)</sup> ng	<sup>(26)</sup> ng	<sup>(27)</sup> o	<sup>(28)</sup> d											

Os números dentro de parenteses curvos indicam as concordâncias perfeitas de forma. Levam parenteses quadrados certas concordâncias aproximadas. Mas entre os restantes sinais há ainda semelhanças aproveitáveis

## VÁRIA

### Nótulas asturienses

#### I

Como apêndice ao artigo *O asturiense em Portugal*, publicado no último número dos *Trabalhos* (vol. IV, fasc. I), damos uma primeira série de breves nótulas arqueológicas e bibliográficas, que serão continuadas sempre que haja oportunidade.

PORTUGAL— Como teve a deferência de me comunicar, o R. P. Alphonse Luisier encontrou um grande pico em 17 de Junho de 1928, entre *Ancora* e *Afife*, a uns cem metros acima da estrada.

Depois das nossas explorações em *Molêdo*, *Ancora* e *Afife* (Fevereiro-Março de 1928), os srs. Abel Viana, Tenente Afonso do Paço e Tomás Simões Viana procederam a pesquisas na costa, que levaram à descoberta das estações de *Carrêço*, *Areosa* e *Viana do Castelo* (Agosto ou Setembro de 1928 a Abril de 1929).

Fica assim estabelecida a prevista continüidade de estações entre o Minho e Lima, pois, como pude observar num passeio arqueológico a *Areosa* e *Viana* (Janeiro de 1929), a indústria é a mesma em tôdas elas e encontra-se quási ininterruptamente na praia, estendendo-se para o interior.

É extremamente notável a abundante colheita de instrumentos, que atinge já alguns milhares.

Pelo sr. dr. Felix Alves Pereira foi-nos penhorantemente transmitida uma carta do Rev. P. João Lourenço Loução, onde se descrevia o aparecimento de calhaus roliços lascados, semelhantes aos instrumentos paleolíticos de *Camposancos* (Galisa), na margem esquerda do Rio Minho, desde a ponte de *Esteiro* ao *Cabedelo*. Em Janeiro de 1929 não os pude descobrir, devido talvez à maré cheia encobrir as margens. Apanhei contudo pedaços amorfos de sílex, de que o homem pré-histórico poderia servir-se para as suas armas, e que há muito são empregados para ferir lume.

ESPAÑA— Em Setembro de 1928 examinei no *Museu Prehistórico de Santander* os picos asturienses recolhidos pelo seu director

dr. Jesus Carballo numa sepultura de *Colombres* (LI). Do esqueleto, que foi encontrado em péssimo estado, conservam-se poucos fragmentos.

O R. P. Eugénio Jalhay, a quem se deve o estudo do « asturiense » ocidental, e o sr. Manuel F. Costas descobriram novas estações no Sul da Galiza (LIII, LVI).

FRANÇA — Na sala I, vitrina 14, do *Musée des Antiquités Nationales* de Saint-Germain-en-Laye, vi em Setembro de 1928 instrumentos talhados em seixos rolados de quartzite dos vales do *Sausse* e *Ceillonne* (Haute-Garonne), e outros de *Côtes-du-Nord*, *Loir-et-Cher* e *Vienne*, que morfológicamente parecem picos asturienses. Alguns destes instrumentos são considerados do tipo de St.-Acheul, observando o sábio prof. Salomão Reinach que a sua classificação se teve de fazer por comparação, por se tratar de achados de superfície (1).

Na ilha *Téviec* (Morbihan) foi explorado por M.<sup>me</sup> e Mr. de Saint-Just Péquart um notável *kjökkenmödding* mesolítico (2). Além duma numerosa indústria lítica onde se notam formas tardenoisenses; instrumentos ósseos; candis de veado e colares de conchas (*Cypraea europaea*, *Littorina obtusata*, *Trochus*, *Patella vulgata*, etc.), encontraram-se bastantes esqueletos que serão estudados pelo prof. Boule.

Entre os utensílios fabricados de seixos, há « pesos de rede » como os das estações costeiras galegas e portuguesas.

Os mesmos arqueólogos encontraram em *Er Yoh* (Morbihan) destes pesos (que os pescadores actuais ainda empregam), havendo nesta estação quartzites lascadas semelhantes às de *Ancora*.

Registemos ainda a descoberta de cerâmica neolítica nas terras negras litorais de *Sables d'Olonne* (Vendée) (3), *Moulligna* (Basses-Pyrénées) (4) e *Bidart* (5). Na praia de *Moulligna* foi reconhecida indústria asturiense (LXIII).

(1) Salomon Reinach, *Catalogue illustré du Musée des Antiquités Nationales au Château de Saint-Germain-en-Laye*, II, págs. 11 e 13. Paris. 1921.

(2) Marthe et Saint-Just Péquart, *Un gisement mésolithique en Bretagne*. Extr. de « *L'Anthropologie* », XXXVIII, Paris. 1928.

(3) F. Ydier, *Poterie néolithique des Sables d'Olonne* (Vendée). « *Bull. de la Soc. Préhistorique Française* », XXVI, pág. 150. Paris. 1929.

(4) E. Passemard, *L'industrie des Tourbes de Moulligna* (Basses-Pyrénées). Extr. du « *Bull. de la Soc. Préh. Française* », XVIII, Paris. 1921. Na bibliografia deste artigo figuram títulos de onze trabalhos sobre o assunto. Pode-se consultar sobre a prehistoria da região o livro do mesmo autor — *Les stations paléolithiques du Pays Basque et leurs rapports avec les terrasses d'alluvions*. Bayonne. 1924.

(5) H. Breuil, *Institut Français d'Anthropologie*, vol. II, Paris. 1914.

IRLANDA — A bibliografia e a crítica dos pseudo-instrumentos asturienses de *Antrim* pode ver-se num documentado trabalho de C. Whelan (LXV).

EGITO — Sandford e Arkell relacionam com o asturiense instrumentos encontrados *in situ*, de colaboração com G. Brunton, num abrigo rupestre, juntamente com cerâmica dinástica primitiva, trituradores, furadores e outros utensílios (LXII).

BIBLIOGRAFIA — Continua a numeração da bibliografia apresentada em *O Asturiense em Portugal*, mas preferiu-se a disposição por ordem alfabética dos autores, visto não se poder manter a cronológica:

XLVI — BARRADAS (Dr. J. Perez de) — *La civilizacion asturiense en Portugal*. (El Debate. 13 Set. 1928. Madrid).

XLVII — BREUIL (Ab. Henri) — *Algunas observaciones acerca de la obra de D. Juan Cabré, titulada El arte rupestre en España*. (Extr. del Bol. de la R. Soc. Española de Hist. Nat., XVI, págs. 253-269. Madrid. 1916).

XLVIII — BURKITT (Prof. Miles C.) — *Our early ancestors* (págs. 24-26 e est. I. Cambridge. 1926).

XLIX — CABRÉ (J.) — *El arte rupestre en España*. (Memória n.º 1 da C. I. P. P. Madrid. 1915).

L — CARBALLO (Dr. Jesus) — *Prehistoria universal y especial de España* (pág. 138. Madrid. 1924).

LI — CARBALLO (Dr. Jesus) — *El esqueleto humano mas antiguo de España*. (Santander. 1926).

LII — CARBALLO (Dr. Jesus) — *Baston de mando prehistórico procedente de la caverna del Pendo. Santander*. (Santander. 1927).

LIII — COSTAS (Manuel F.) — *As industrias liticas d'A Guardia. Novas estações*. (Nós. Tomo VI, n.º 64, pág. 67. A Cruña. 1929).

LIV — CUEVILLAS (Florentino L.) — Análise de LXIII. (Nós. n.º 56. A Cruña. 1928).

LV — FONTELA (J. Dominguez) — Análise de LXIII. (Bol. A. C. P. M. H. A. O., VIII, n.º 179. Orense. 1928).

LVI — JALHAY (P.º Eugénio) — *La estación asturiense de La Guardia. Galicia*. (Bol. A. C. P. M. H. A. O., VIII, n.º 179. Orense. 1928).

LVII — JALHAY (P.º Eugénio) — Análise de LXIII. (Brotéria, VII, fasc. III, pág. 193. Caminha. 1928).

LVIII—MENDES CORRÊA (Prof. A. A.)—*A Lusitânia pre-romana*. (Historia de Portugal, vol. I. Barcelos, 1928).

LIX—OBERMAIER (Prof. Hugo)—Artigos: *Asturias-Stufe, Diluvialchronologie e Klima-Optimum*. (Realexikon der Vorgeschichte her. v. Max Ebert, vols. I, II, VII. Berlin. 1924-26).

LX—PASSEMARD (Dr. Emanuel)—*L'industrie des Tourbes de Mouligna. Basses-Pyrénées*. (Extr. du Bull. de la Soc. Preh. Française, XVIII. Paris. 1924).

LXI—RELLINI (Prof. Ugo)—*Sulla nomenclatura delle culture quaternarie*. (Extr. del Bull. di Paleontologia Italiana, XLVII. Roma. 1929).

LXII—SANDFORD (K. S.) and W. J. ARKELL—*On the relation of palaeolithic man to the history and geology of the Nile Valley in Egypt*. (Man. XXIX, n.º 4, pág. 65. Londres. 1929).

LXIII—SERPA PINTO (R. de)—*O asturiense em Portugal*. (Extr. dos Trab. S. P. A. E., IV, fasc. I. Pôrto. 1928).

LXIV—VIANA (Abel)—*A estação asturiense de Areosa. Viana do Castelo*. (Portucale, vol. II, n.º 7. Pôrto. 1929. Em publicação).

LXV—WHELAN (C. Blake)—*The implementiferous raised beach gravels of south-east Antrim*. (Man. XXVIII, n.º 11, pág. 136. Londres. 1928).

Pôrto. Maio. 1929.

R. DE SERPA PINTO.

### Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica em Portugal

Está definitivamente resolvido que a 4.ª assembleia geral do Instituto Internacional de Antropologia se realizará em Setembro de 1930 em Portugal (Coimbra e Pôrto), reatando-se nessa oportunidade a tradição dos antigos Congressos Internacionais de Antropologia e de Arqueologia Prehistórica, que tinham deixado de se realizar após a Grande Guerra. Para êste efeito, estabeleceu-se um pleno acôrdo entre o Comité director do Instituto e o Comité dos antigos Congressos.

Assim, a reunião de Portugal será não só a 4.ª sessão plenária do referido Instituto — que tem sucessivamente efectuado essas sessões em Liège (1921), Praga (1924) e Amsterdam (1927) — mas também o XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica, o último dos quais fôra o de Genebra, de 1912. É interessante recordar que em 1880, isto é, precisamente meio

século antes do Congresso que vai realizar-se, reuniu em Lisboa um desses Congressos Internacionais, que foi muito brilhante.

O núcleo português do Instituto Internacional de Antropologia tem a sua sede em Coimbra. Resolveram, entretanto, os Comités internacionais e o Núcleo que o programa do Congresso de 1930 se repartisse com o Pôrto, sede da «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», a qual está pronta a colaborar activamente nos trabalhos preparatórios da reunião.

É para desejar que esta tenha o maior êxito, prevendo-se já a afluência de grande número de congressistas estrangeiros e falando-se na realização de excursões a Lisboa, Guimarães e Briteiros, Figueira, etc.

Constituir-se há uma Comissão de Honra, além da Comissão Executiva, formada pela Direcção do Núcleo e por elementos que esta agregar, e da Comissão local do Pôrto.

### Museu Antropológico do Pôrto

Continuando a publicação das ofertas e depósitos no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto (Ver *Trabalhos*, IV, pág. 92), damos a lista resumida dos objectos recebidos de Outubro de 1928 a Maio de 1929:

Do sr. dr. Liberal de Sampaio, por intermédio do sr. prof. dr. Mendes Corrêa; fragmento de cerâmica ornamentada do tipo da Penha, da Quinta do Salvador (Outeiro Sêco. Chaves).

Do Rev. P. Rafael Rodrigues, por intermédio do mesmo professor, os seguintes objectos do dolmen VIII da Chã das Arcas, Carrazedo de Alvão: Machadinho de pedra polida tendo gravado um cervídeo ferido; figura zoomórfica, afim dos «berrões», com um sinal asteriforme gravado (publicados na «Portugalia», vol. I, fasc. IV); três calhaus inéditos tendo gravados respectivamente uma figura zoomórfica rudimentar, um sinal alfabetiforme (?) e uma cabeça de cervídeo (?).

Da sr.ª D. Maria Emília Moreira Gonçalo, por intermédio do sr. dr. R. de Serpa Pinto: parte dum grande vaso com faixas pintadas (vermelho e branco) e com um grafito; dois pratos de barro e um pequeno vaso com asa, da necrópole luso-romana de incineração (séc. IV) do Campo da Tôrre, da freguesia de Sardoura, Castelo de Paiva.



Da família Amorim, por intermédio de R. de S. P., fragmento de trave de carvalho e tijolo com marca digital do *Balneum* luso-romano de S. Vicente do Pinheiro, Penafiel.

Do sr. Eng. H. Mendes Corrêa, «imbrex» com marcas digitais do Castelo de Guifões, Matozinhos.

Do sr. dr. R. de Serpa Pinto: «coup-de-poing» de quartzite de Ancora; picos asturienses de Viana do Castelo e Areosa; quartzite lascada de Santa Cruz do Bispo; cerâmica ornamentada da Penha, Guimarães; roca, correia e fuso de Guimarães.

Do sr. dr. Luís de Pina, cerâmica de Lapinha, Guimarães.

Do Rev. P. Francisco Tavares, por intermédio do sr. dr. J. R. dos Santos Júnior, machadinho de pedra polida de Estevais de Mogadouro; e uma cestinha feita dum caroço de ameixa utilizada em Carviçais como passador para o fio da meia.

Do sr. dr. Joaquim R. dos Santos Júnior: fragmentos cerâmicos ornamentados de Cigadonha (Carviçais), Baldoeiro (Vilariça) e Cabeço dos Carneiros (Moncorvo); reduções de arado, grade e jugo feitos por um pastor de Moncorvo.

Do sr. dr. R. de Serpa Pinto, depósito de dezóito instrumentos paleolíticos de quartzite descobertos nos arredores de Elvas pelo sr. Leren Antunes Barradas.

Do sr. Joaquim Ferreira Barbosa, «corta-favas» e «puxavante», instrumentos de veterinária, de Vandoma, Paredes.

Do Rev. Ab. Vasco Moreira: pesos de pedra, machado de pedra polida, etc. de Castro Rei, Tarouca.

Da família Braga Júnior, por intermédio do sr. prof. Augusto Nobre, dois crânios e um frontal de índios do Brasil.

Do sr. Armando de Matos, por intermédio do sr. dr. R. de Serpa Pinto: balanças e pesos de ourives, colecção de rótulos de garrafas, etc.

Do sr. Eng. Duarte Pereira, por intermédio do mesmo, telha de rebôrdo com ornatos digitais e impressão duma pata de galinha, que, com outras, fazia parte duma sepultura vasia (medieval?) encontrada no lugar da Pousada, freguesia de S. Tomé de Vade, Ponte da Barca.

Do sr. Pedro de Aguiar, por intermédio do sr. dr. Alfredo Ataíde, dois exemplares de *Hapale jachus* (sagui do Brasil).

Da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, depósito de doze machados de pedra polida dos arredores de Elvas, oferecidos pelo sr. Leren Antunes Barradas.

Do sr. dr. Humberto Pinto de Lima: quatro vasos ornamentados de barro negro de Ossela, Oliveira de Azeméis; duas peças de cerâmica popular, e um chapéu de mulher de Oliveira de Azeméis.

## Excavações arqueológicas em Espanha

O diário madrileno *El Sol*, de 23 de Abril de 1929, publica uma «Real orden» concedendo numerosos créditos, na importância total de 124.000 pesetas, para excavações arqueológicas em vários pontos de Espanha, devendo as somas respectivas ser entregues aos delegados directores das excavações, mencionados naquele diploma. Estes terão depois de apresentar as contas e publicar o relato dos seus trabalhos, para o que são também arbitradas verbas. Serão realizadas explorações em Mérida, Medina-Az-Zahara (Córdova), Tarragona, Itálica (Sevilha), Cabezo d'Alcalá (Teruel), Sagunto, Cogotas (Avila), Sória, Logroño, Cádiz, Toledo, Cáceres, Baleares, Serra de Córdova, castros e citânias galegos, Simancas, Cerro Pozo (Guadalajara), etc.

Uma medida desta natureza honra quem a subscreve.

## Eugenia no Brasil

Precedendo a fundação dum Instituto Brasileiro de Eugenia que vai inaugurar-se brevemente, começou a publicar-se no Rio de Janeiro, sob a direcção do ilustre eugenista e nosso consócio dr. Renato Kehl, um *Boletim de Eugenia*, que sai mensalmente. Já apareceram alguns números desse *Boletim*, que é uma bem orientada e útil publicação de propaganda.

Como nova demonstração do alto e justificado interêsse que no Brasil se consagra aos estudos eugénicos, regista-se a notícia da realização no Rio de Janeiro, no fim de Junho de 1929, por ocasião do Centenário da Academia Nacional de Medicina, do 1.º Congresso Brasileiro de Eugenia.

Transcrevemos do «Jornal dos Clínicos», daquela capital, alguns dos temas anunciados para o referido Congresso:

1. Movimento eugénico moderno — Conceito da eugenia. — Organização prática da acção eugénica.
2. Tipos da população do Brasil.
3. Índice de Lapique — Rádio-pélvico e Índice tibio-pélvico.
4. Estado actual da questão dos grupos hemáticos.
5. O conceito da espécie.
6. Escama, pele, pena.
7. Genética vegetal.
8. Sports em Zea-Mais.
9. Metabolismo básico nas raças.
10. Aplicação humana das leis do cruzamento.

11. Os preconceitos anti-raciais.
12. Variação e herança no homem.
13. A raça no ponto de vista antropológico e no ponto de vista sociológico.
14. O feminismo e a raça.
15. Educação moral e eugenia.
16. Educação eugénica em geral. Consciência da responsabilidade eugénica na família, nas escolas, nas universidades.
17. Educação sexual e eugenia.
18. A esterilização eugénica dos tarados e criminosos.
19. Regulamentação eugénica do casamento — Idade, consanguineidade, mistura de raças, estado físico e mental — Exame pre-nupcial e certificado médico — Divórcio.
20. Regulamentação económica do casamento — Seguro contra doenças, instituição do pecúlio de educação — O lar cooperativista.
21. As mães solteiras, sua protecção e dignidade — Pesquisa da paternidade — Penalidade pecuniária na fecundação extra-legal.
22. A maternidade consciente.
23. O lar adoptivo.
24. Delito de contaminação.
25. Protecção fiscal e administrativa dos lares sadios.
26. Protecção social da maternidade — Refúgios, cantinas, abrigos, maternidades, o seguro da procreação.
27. O aborto perverso e industrial.
28. Aplicação das leis de Mendel às doenças.
29. O controle dos nascimentos (birth-control).
30. O problema eugénico da imigração.
31. A mortalidade infantil.
32. Da selecção social.
33. Registro individual e registro genealógico da família.
34. Política eugénica.
35. Luta contra os venenos da raça.
36. Luta contra as doenças venéreas.
37. Luta contra as doenças mentais.
38. Estatística dos tarados no Brasil (cegos, surdos-mudos, débeis mentais e atrasados, epilépticos, toxicómanos, alienados, vagabundos).

Tôda a correspondência sôbre este Congresso deve ser endereçada à sede da Academia Nacional de Medicina: Rio de Janeiro (Brasil) — Avenida Augusto Severo, n.º 4.

### Instituto Arqueológico da Alemanha

Em comemoração do centenário desta importante instituição, realizaram-se ultimamente solenidades e sessões científicas a que concorreram representantes dos estabelecimentos congêneres e sociedades da especialidade das diferentes nações. A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, convidada a tomar parte nessa comemoração, associou-se às justas homenagens prestadas, e, como, ao contrário do que sucedeu com as entidades oficiais e científicas dos outros países, não pôde enviar à Alemanha um seu delegado especial, pediu ao ilustre arqueólogo dr. Gerhard Bersu para a representar nas cerimónias projectadas, incumbência de que o investigador alemão amavelmente se desempenhou.

#### «Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos»

Já depois de impresso este artigo, tivemos conhecimento de que o ilustre runólogo norueguês Carl Marstrander defendeu recentemente, na revista *Norsktidsskrift for Sprogvidenskab*, a derivação das runas dos alfabetos «etrusco-celto-latinos das regiões alpestres». Vamos procurar obter a nova contribuição do eminente epigrafista, que leremos com um interesse facilmente compreensível, mas seja-nos permitido salientar desde já o apoio importante que esta renovação da hipótese norte-italica deve trazer às ideias por nós defendidas neste mesmo fascículo.

L. C.

#### Afinidades galaico-portuguesas de Folclore

Os drs. Fermin Bouza Brey e Luis Brey Bouza, em publicação da secção folclórica do Seminário de Estudos Galegos, apresentaram uma curiosa notícia intitulada: «O cancionero das ribeiras do Tea»<sup>(1)</sup>. Li este trabalho com cuidado e logo me impressionou a semelhança entre muitas das quadras apresentadas e algumas das que tenho apontadas no meu canhenho folclórico.

Cotejando umas e outras, o paralelo estabelecido foi além da expectativa, e daí nasceu esta nota, pequena contribuição para o

(1) A Cruña, 1929.

estudo das afinidades folclóricas entre a Galiza e o norte de Portugal.

A alma dum povo como o nosso, sentimentalista em extremo, exterioriza-se por diferentes formas, e entre estas não deixam de ocupar lugar de destaque as cantigas que reflectem aspectos vários do seu sentimento, desde o amor aos queixumes, humorismos, e impressões da realidade, em que não faltam muitas vezes sentenças e conceitos profundos.

Os desejos, as alegrias, as tristezas, os mais variados estados psicológicos perpassam nas composições poéticas que a alma simples do nosso povo deixa escoar pelos lábios, ao som do rítmico tanger das violas em noites luarentas de esfolhadas, ao som rouco do bater das espadelas nos cortiços, acompanhando assim os trabalhos agrícolas com descantes que os aligeiram.

Se é certo que as mensurações antropológicas com o estabelecimento de numerosos índices, nos fornecem elementos preciosos para o estudo das afinidades étnicas ou sua destrição, é certo também que as manifestações psíquicas e morais não devem ser desprezadas. E assim é, que povos afins devem exteriorizar sentimentos colectivos com pontos de contacto, quer por criação de formas semelhantes, quer por adopção comum daquelas que melhor se coadunam com o seu espírito e modo de ser.

O temperamento, a sensibilidade, o feitio moral, que as mais das vezes escapam a uma observação directa, podem perscrutar-se através das manifestações de natureza psíquica que nos é dado comparar. Neste campo as composições poéticas, os cantares, os romances, entre outras tantas manifestações do modo de ser de cada agregado étnico, constituem excelente elemento de estudo para apreciação de possíveis contactos ou influências recíprocas.

Sem dúvida que cada região tem as suas cantigas próprias em função de causas várias. Todavia, a musa aldeã de agregados próximos deve apresentar, e apresenta, criações afins, de analogia maior ou menor, formando por assim dizer um substracto comum sobre o qual assentam as modalidades regionais.

É ponto assente que as populações galega e minhota teem afinidades bem marcadas e não é portanto de estranhar que o mesmo se observe no que se refere às cantigas populares, quasi sempre exteriorizações sinceras dos mais variados estados de alma.

Apresentaremos lado a lado algumas das quadras registadas por Bouza Brey e Brey Bouza e aquelas que num bosquejo rápido aos nossos apontamentos, verificámos apresentarem maiores semelhanças, já pela forma, já pelo conceito. Mingua-me o tempo para

nesta altura rebuscar nos trabalhos dos investigadores portugueses que teem recolhido avultado número de quadras populares, outras analogias ou até identidades.

As quadras portuguesas que não levam indicação de localidade, fôram por mim colhidas em Barcelos.

\* \* \*

Donde hai piñeiros hai piñas,  
donde hai piñas hai piñóns,  
donde hai amores hai celos,  
donde hai celos hai pasiós.

Quem tem pinheiros tem pinhas,  
Quem tem pinhas tem pinhões;  
Quem tem amores tem zelos,  
Quem tem zelos tem paixões.

Teño de subir, subir,  
que do alto vexo ben  
pra mirar os meus amores  
si me falan con alguém.

Eu hei-de subir ao alto,  
Qu'eu do alto vejo bem;  
Quero ver se o meu amor  
Namora com mais alguém.

Amores, meus amoriños,  
en qué viñestes a dar...  
Algún día tanto gusto  
agora tanto pesar.

Algum dia por te ver  
Eu ia de noite à fonte;  
Agora peço a Deus  
Que nem de dia te encontre.

(Mogadouro).

Dentro do meu peito teño  
dous muiños a moer,  
un moe outro desmoe...  
así fai o ben querer.

Tenho dentro do meu peito  
Duas zenhas a moer;  
Uma anda, outra desanda,  
Assim faz o bem querer.

O amor cando pretende  
anda con firme cuidado,  
depois de facel-a sua  
fai o papel de olvidado.

O amor enquanto novo,  
Ama com todo o cuidado;  
Depois des'que está velho  
Já dá parte de enfadado.

O meu amor dixome onte  
que me había de ver hoxe,  
por agora inda non tarda  
que ten a pousada lonxe.

O meu amor disse-me hontem  
Que me havia de ver hoxe;  
Ele por ora não tarda  
Que ele vem de muito longe.

Teño carta no correo  
e non sei de quen será.  
Si é de Xosé non-a quero,  
si é de Manuel veña xa.

Tenho carta no correio,  
Ai Jesus de quem será;  
Se é de José não a quero,  
Se é de António vou lá já.

O loureiro raís de ouro  
bota folliñas de prata...  
Coller amores non custa  
olvidalos si que mata.

O loureiro é pau verde,  
Bota folhinhas de prata;  
Tomar amores não custa,  
Deixá-los é o que mata.

Fuches falar mal de mín  
a xunta dos meus amores,  
fai de conta que botache  
auga por riba de frores.

Dissestes mal de mim  
A um bem que me adora;  
Se éle me queria ben,  
Inda mais me quer agora.

Amores ô lonxe, ô lonxe  
que preto calquera os ten...  
Eu tamén os teño lonxe  
e correspóndenme ben.

De alá da banda do río  
tem meu pai un castiñeiro  
que da castañas no Agosto  
i-uvras brancas no Xaneiro.

Teño un cento de cantigas  
todas n-unha saquetiña  
e cando as quero cantar  
desátolle a baraciña.

San Antonio de Canedo,  
casamenteiro das vellas,  
porque non casas as novas  
que mal che fixeron elas.

Dende a miña casa á túa  
hai o salto de unha cobra...  
Inda lle penso chamar  
á tua nai miña sogra.

Casaime, meus pais, casaime,  
namentras son rapariga  
que o millo sachado tarde  
non da pondón nin espiga.

Non te cases c-un ferreiro  
que é moi malo de lavar;  
cásate c-un mariñeiro  
que ven lavado do mar.

Os ollos brancos son falsos  
os negros namoradeiros,  
vivan os ollos castaños  
por firmes e verdadeiros.

Os mocións que hai agora  
son moitos e tratan ben;  
si estrenan unha chalina  
xa non falan con ninguén.

Portadore das raíñas,  
volta atrás que vas perdido:  
esa muller que ahí levas  
é casada e ten marido.

Amores ao longe, ao longe,  
Ao perto quem quer os tem;  
Quanto mais ao longe, ao longe,  
Quanto mais lle quero bem.

Da outra banda do río  
Tem meu pai um castanheiro,  
Dá castanhas em Abril  
E uvas brancas em Janeiro.

Sei um cento de cantigas  
E mais uma taleiguinha,  
Quando as quero cantar  
Desato-le a baracinha.

S. Gonçalo de Amarante  
Casamenteiro das velhas,  
Porque não casas as novas?  
Que mal te fizeram elas?

Da minha janela à tua  
É o saltinho duma cobra,  
Eu inda espero chamar  
A tua mãe minha sogra.

(Mogadouro).

Minha mãe case-me cedo  
Emquanto sou rapariga,  
O milho sachado tarde  
Não dá palha nem dá espiga.

Eu casei-me c'um ferreiro  
Sorte tinha de passar,  
Já gastei o dote todo  
Em sabão para o lavar.

Os olhos verdes são falsos,  
Os azúis são lisonjeiros;  
Os olhos acastanhados  
São os leais, verdadeiros.

Fui ao monte buscar carqueja,  
Puz o pé no verde tojo;  
Estes mocinhos de agora  
De aceados metem nojo.

(Mogadouro).

Oh! pescador da barquinha  
Olha que tu vais perdido;  
Essa mulher que aí levas  
É casada e tem marido.

Raparigiña do gando,  
que herba lle botas ô pelo  
—Bótalle unha herba do monte  
que lle chaman trementelo.

Teño unha mazán na ucha  
que ma deu un carpinteiro;  
hai un ano que a teño  
inda non perdeu o cheiro.

María lavaba,  
Xosé estendía,  
o neno choraba,  
¡atura María!

Que piñeiros mais altos,  
que piñas tan amarelas.  
As palabriñas dos homes  
quen che se fiara de elas.

Rosa branca que tiveche  
para mudar de color.  
Ou che é señal de morte,  
ou é señal de outro amor.

O anelo que me deche  
foi no día do Señor  
Heme grandíño do dedo  
e pequeniño en amor.

Xa comín e xa bebín,  
xa botei auga no vaso;  
xa tomei amores novos  
e de tí non fago caso.

Pensache que porque ría  
que xa me tiñas na man;  
inda tés que dar mais voltas  
que dá o muiño en van.

O anelo que me deche  
heino de pisar cos pés.  
Antes de casar contigo  
hei de saber quen ti és.

Cálate, vaite calando,  
cara de Sardiña cruda,  
que parecees o meu porco  
cando come a lavadura.

Menina se quer saber  
Com que se trata o cabelo,  
Com a ervinha do monte  
Que se chama tromentelo.

Minha maçã vermelhinha  
Que m'a deu um carpinteiro,  
Há seis anos que a tenho  
Inda não perdeu o cheiro.

Maria lavava  
José estendia,  
Menino chorava  
Com frio que tinha.

Oh! que pinheiros tão altos!  
Oh! que pinhas tão côradas!  
Assim são as raparigas,  
Emquanto não são casadas.

Rosa branca toma cor,  
Não sejas tão desmaiada;  
Que não digam as mais rosas,  
Rosa branca não vales nada.

O anel que tu me deste  
Era de vidro, quebrou;  
O amor que tu me tinhas  
O anel o demonstrou.

Já comi e já bebi,  
Já molhei minha garganta;  
Sou como o pintasilgo  
Assim que bebe logo canta.

Cuidavas que por m'eu rir  
Já me tinhas na mão;  
Eu não sou tão rabaceira  
Que coma a fruta do chão.

O anel que tu me deste  
Era de vidro, quebrou-se;  
E a amizade que t'eu tinha  
Era pouca, acabou-se.

(Mogadouro).

Cala-te ó cantadeira,  
Cara de sardinha crua;  
Pareces a regateira  
Que vende sardinha na rua.

Cando quixen non quixeches,  
ora queres i-eu non quero,  
levarás a vida triste  
que eu ven alegre cha levo.

Oivídacheme por probe,  
i-eu por rico che deixei;  
vale mais probe con honra  
que rico de mala ley.

Quen fala de mín, quen fala,  
quen fala de mín quen é.  
Será algún zapato veilo  
que non me sirve no pé.

Chamácheme moreniña  
blanquiña vai te lavar.  
Dicés que non teño amores  
¡inda chos podos emprestar.

¡Canta laranxa madura!  
¡Canto limón pol-o chan!  
¡Canta rapaza bonita,  
ningunha na miña man!

Hai que alta vai a Lúa,  
mais alto vai o luar,  
mais alta vai a fortuna  
que Dios ten para me dar.

Miña nai, miña naiciña,  
que boa nai teño eu:  
vendeu o seu coletinho  
para me mercar o meu.

Manuel fixo unha fonte,  
púxolle o bico de prata;  
as mozas non van a ela  
Manuel todo se mata.

Miña nai por me casar  
prometeume unha galiña,  
e despois de me casar  
dixome que non-a tiña.

Quando eu quis tu não quiseste,  
Tiveste opinião;  
Agora queres, eu não quero,  
Tenho minha presunção.

Você diz que me não quer,  
Diga-me a razão porquê.  
Você diz eu que sou pobre...  
Que dinheiro tem você?

Quem fala de mim, quem fala,  
Quem fala de mim, quem é,  
Quem fala de mim não chega.  
Para a sola do meu pé.

Chamaste-me moreninha,  
Eu não me escandalizei;  
Moreninha é pimenta  
E vai à meza do rei.

Tanta laranja partida,  
Tanto limão pelo chão,  
Tanta menina bonita,  
Nenhuma na minha mão.

Vai alta a lua vai alta,  
Mais alto vai o luar;  
Mais alta vai a ventura  
Que Deus tem para nos dar.

Minha mãe, minha mãezinha,  
Que linda mãe tenho eu.  
Vendeu o seu coletinho  
P'ra me dar a mim o meu.

S. João p'ra ver as moças  
Fêz uma fonte de prata;  
As moças não vão a ela,  
S. João todo se mata.

Minha mãe p'ra me casar  
Prometeu-me quanto tinha,  
Depois de me ver casada  
Deu-me um fole sem farinha. (1)

(1) Variante destes dois últimos versos:

«Quando foi ao dar do dote  
Disse-me que nada tinha.»

— Eu queríame casar,  
miña nai, non teño roupa.  
— Cala, miña filla, cala  
que unha perna tece a outra.

Eu ben vin estar o moucho  
enriba de un cacho de uvas;  
vaite de ahí morte negra  
desamparo das viudas.

A subir o alcipreste  
cheguei o medio e caín,  
o alcipreste é a morte  
i-eu para morrer nacín.

Esta noite e mais a outra  
e mais a outra pasada  
abalei unha pereira  
que nunca fora abalada.

Silva verde, non me prendas  
mira que non me aseguras,  
mira que xa levo rotas  
outras cadeas mais duras.

Pontevedra é boa vila  
dá de beber a quen pasa,  
a fonte da Ferrería  
San Bartolomé na praza.

Eu quería-me casar,  
Minha mãe não tenho roupa;  
Cala-te, minha filha, cala-te,  
Que uma perna cobre a outra.

Eu já vi a morte negra  
No adro a comer uvas;  
Vai-te daí morte negra  
Desamparo das viúvas.

Ao subir ao arcipreste  
Cheguei ao meio, caí;  
O arcipreste é morte,  
Ai de mim que já morri.

Vou-me por aqui abaixo  
Como quem não vai a nada,  
Abanar uma pereira  
Que inda não foi abanada.

Silva verde não me prendas,  
Olha que me não seguras  
Porque já tenho quebrado  
Outras algêmas mais duras.

Moncorvo é boa vila,  
Dá de beber a quem passa;  
Para quem não traz dinheiro  
Está o chafariz na praça.

(Moncorvo).

Pelo que fica dito, verificam-se grandes afinidades folclóricas galaico-portuguesas, especialmente no que diz respeito às quadras que recolhi em Barcelos. Poderia acrescentar outros confrontos. Mais de 30 % das quadras galegas publicadas por Bouza Brey e Brey Bouza são afins de quadras portuguesas. Esta maior ou menor semelhança, por vezes quasi identidade, tem sem dúvida como causa primacial a origem comum, remontada a tempos antigos, mas não deixa porisso de ser um sintoma de parentesco revelado nas mesmas inclinações e tendências, conseqüência lógica de sensibilidade e gostos semelhantes ligados com ideias morais afins.

Os hábitos comuns ou idênticos, as condições geográficas semelhantes, a própria paisagem, são factores externos que sem dúvida exercem forte influência nêsse sentido.

Escreve Van Gennep <sup>(1)</sup>: «Os agentes de transmissão e de difusão das canções são... os cantores profissionais, sedentários ou ambulantes, os peregrinos, os ciganos e outros nómadas, os soldados e até os homens de ciência». Descrevendo o modo como um operário dos Cevennes semeou por toda a França uma canção local, o eminente folclorista diz: «O que se passou para esta cantiga cevennola devia ter-se repetido muitas vezes e teria frequentemente bastado um homem a percorrer em pequenas jornadas uma grande parte do país para difundir uma canção que se enraizava onde quer que encontrasse espíritos favoravelmente dispostos» <sup>(2)</sup>.

Num trabalho há pouco publicado na «Revista de Guimarães» os srs. Bouza Brey e Florentino Cuevillas <sup>(3)</sup>, a propósito duma prática tradicional que registei em Traz-os-Montes, mostram que essa prática tem analogias com factos folclóricos da Galiza, e, aludindo ao cancionero popular, afirmam as semelhanças a tal respeito entre esta região e as nossas províncias do norte. Anunciam para uma oportunidade futura um trabalho comparativo. A presente notícia constitui uma singela contribuição para uma tarefa dessa ordem.

Esclarecerei, como me cumpre, que muitas das trovas que colhi em Barcelos, teem sido já arquivadas por diferentes autores noutras localidades minhotas.

SANTOS JÚNIOR.

(1) Arno van Gennep. *Le Folklore*, pág. 71, Paris, 1924.

(2) Id., pág. 72.

(3) *Paralelos galegos a unha práctica popular trasmontana*. «Rev. de Guim.», xxxviii, pág. 115, 1928.

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

W. KOHLER — *La théorie de la forme* — Réponse à la critique de M. Rignano — E. RIGNANO — *La théorie de la forme* — Réponse à l'anti-critique de M. Köhler — Extr. de «Scientia», Maio de 1928.

A uma crítica severa da teoria da forma, feita pelo prof. Rignano, respondeu extensamente na própria revista dirigida por este professor, que com a maior galhardia lhe facultara essas páginas, o prof. W. Köhler, do Instituto de Psicologia da Universidade de Berlim. A separata que temos presente, contém, em seguida, a resposta a esta anti-crítica dada na mesma revista pelo prof. Rignano.

Não é possível recapitular nalgumas linhas as teses que os dois ilustres contraditores perfilham, e os argumentos que mutuamente se opõem. A discussão estabeleceu-se sobre a teoria da forma (*Gestalttheorie*) que o filósofo italiano combate e o seu colega berlinês defende. Para este último as unidades e os grupos («formas no sentido restrito») que nos aparecem relativamente destacados do ambiente, são percebidos globalmente e não como constituindo o resultado da soma ou associação de múltiplas sensações elementares. Pelo contrário, o prof. Rignano entende que as «formas» são secundárias, derivando da composição ou integração de elementos sensoriais primários e isolados. À *subjectividade* da percepção, que, segundo os «Gestaltistas», depende não só das condições exteriores da excitação mas também das condições internas do individuo, opõe o prof. Rignano a tese da *objectividade* e da mútua autonomia dos elementos sensoriais propriamente ditos, das sensações já produzidas. O filósofo alemão combate o método introspectivo, que para o seu colega italiano é o método por excelência em psicologia, e preconiza com exclusivismo o método experimental, que, objectivo e exterior, se contenta segundo Rignano, com o registo analítico dos factores em acção no momento da experiência e despreza a visão sintética do factor principal, o qual escapa à investigação e à explicação sem o auxílio das demonstrações obtidas por via introspectiva.

Na sua anti-crítica, o prof. Köhler acusa o seu opositor de ignorar a evolução realizada na psicologia alemã depois de 1910,

de desconhecer muitos livros e estudos e de confundir a significação de várias expressões técnicas alemãs, entre as quais a própria *Gestalt, Sinn*, etc.

A resposta do prof. Rignano é um novo libelo cerrado contra a teoria da forma. Acusando, com razão, o seu antagonista de obscuridade na exposição da sua doutrina e em muitas passagens do seu artigo, o autor mostra a contradição do prof. Köhler, quando, negando a existência dos dados sensoriais primários e múltiplos e a sua associação, define a «Gestalt» como um «grupo». Grupo de quê? A palavra «grupo» implica a existência de partes. Estas são a mesma coisa, quer se lhes chame, como os associacionistas, «sensações elementares», quer, como o próprio Köhler, «particularidades locais da percepção».

A objectividade das constatações perceptivas decorre da *unanimidade* das observações dos factos exteriores. As sensações brutas são as mesmas para todos. As diferenças nas percepções resultam de «complementos perceptivos» momentâneos e variáveis dum indivíduo para outro, em virtude da entrada em jôgo de evocações mnemónicas diferentes. Mas, corrigidas essas diferenças, (único facto que parecia dar apoio aos gestaltistas), obtém-se a unanimidade completa de observações.

O argumento dos cegos de nascença que, operados, conseguiram ver, e que logo compreendem muito bem a pergunta do médico «o que é isto?», embora não identifiquem de pronto os objectos, é empregado por Köhler para demonstrar que eles veem «grupos-unidades» sem a interferência de quaisquer experiências afectivas. A isso responde Rignano que o conceito de objecto já fôra adquirido graças a sensações tacteis, acompanhadas de qualquer tendência afectiva. Ora, se o cego operado verifica que um dado grupo de sensações fica sempre unido e, quando pôsto em movimento pelo médico, se destaca pouco a pouco das outras sensações, imediatamente compreende que êsse grupo constitui um objecto. Assim, as *Gestalten* não se formam primária mas secundariamente, graças ao movimento dos objectos e à intervenção das tendências afectivas que êsses objectos podem satisfazer ou contrariar.

O prof. Köhler contestara a asserção de que a «Gestalttheorie» era uma tentativa de rejuvenescimento da teoria kantista das formas pre-estabelecidas. O seu opositor esclarece que não confundiu as duas doutrinas, mas que ambas são susceptíveis duma mesma objecção: a de não explicarem como formas produzidas espontaneamente no nosso espírito correspondem tão bem à realidade.

Defendendo o método introspectivo, sem o qual a psicologia

chamada experimental, desde os «behavioristas» e os reflexólogos até Bechterev, até aos psico-fisiologistas e aos gestaltistas, não poderia conduzir a qualquer resultado utilizável no estudo da alma, o prof. Rignano diz que os fenómenos vitais e psíquicos, dos mais elementares aos mais complexos, teem uma feição teleológica ou finalista, que os distingue dos factos do mundo inorgânico. Aqueles fenómenos são os resultados duma série de acumulações e de evoluções que mergulha as suas raízes num passado mais ou menos longínquo. Não se trata de misteriosas causas finais, mas dum impulso de acumulações mnemónicas que actuam como causas actuais, como «vires a tergo» não como «vires a fronte». Os experimentalistas não vêem que, renunciando à introspecção em psicologia, procedem como aquele que, lendo um livro, se limitasse a examinar a forma objectiva e exterior dos símbolos gráficos, sem se importar com a sua significação.

A lúcida teoria mnemónica e neo-finalista da vida que o prof. Rignano já tem exposto noutros livros e publicações, oferece-nos porventura, sob alguns aspectos, apenas mais algumas soluções verbais, sobretudo nas inferências morais que dessa teoria o ilustre filósofo se propôs tirar, como, por exemplo, no último capítulo do seu livro *Qu'est ce que la vie?* (Paris, 1926) ou no artigo *Science et Morale* («Revue de Métaphysique et de Morale», Paris, 1927). Mas há naquela doutrina um grande fundo de verdade e de justo equilíbrio.

Estas mesmas qualidades se manifestam nas críticas feitas pelo prof. Rignano à *Gestalttheorie*. À erudição pesada e por vezes nebulosa do autor alemão opõe êle uma simplicidade e uma clareza que lhe dão vantagens na polémica. Às múltiplas citações bibliográficas opõe argumentos claros, tirados do simples exame dos factos positivos. E dessa controvérsia cavalheiresca e sábia desprende-se, pelo menos, que é sempre perigosa uma visão exclusivista e unilateral dos factos. A «Gestalttheorie» é mais um edifício doutrinário, com uma fachada feita de nomes técnicos e com uma complicada arquitectura erudita, que pretende em vão abranger o problema das formações perceptivas. O associacionismo não marca também nitidamente os limites entre as percepções globais e as unidades sensoriais. O que é o elemento, a parcela, e onde começa o grupo, nas aquisições sensoriais?

No entanto, a razão inclina-se mais, a nosso vêr, para o lado dos associacionistas, para os quais a percepção é uma integração, e o prof. Rignano está também no bom campo quando proclama a insuficiência da psicologia experimental sem a introspecção. Tal parecer não deve implicar, porém, a eliminação daquela, cujo carácter puramente objectivo, despojado de várias causas de êrro,

como certas inclinações pessoais e ideias *a priori*, lhe outorga um subido valor desde que na crítica dos seus resultados sejam devidamente ponderadas as indicações da psicologia introspectiva e as diferenças entre os factos do mundo inorgânico e os fenómenos vitais e psíquicos.

MENDES CORRÊA.

LOUIS GERMAIN — *L'origine et les caractères généraux de la faune malacologique terrestre et fluviatile des îles du Cap Vert* — Extr. des « Comptes-rendus du Congrès des Sociétés Savantes en 1926 ». Paris, 1927.

O ilustre malacologista do Muséum, de Paris, faz neste trabalho uma bela síntese dos materiais que sobre a sua especialidade tem sido reunidos, relativamente às nossas ilhas de Cabo Verde. Depois duma descrição sumária destas ilhas sob os pontos de vista geográfico, geológico, climatológico e biogeográfico, enumera os estudos já realizados sobre a sua fauna de Moluscos terrestres e fluviais, não esquecendo nessa enumeração a monografia publicada em 1909 pelo prof. A. Nobre, da Universidade do Pôrto.

Em seguida estabelece uma lista das 60 espécies já conhecidas, entre outras que uma exploração mais ampla das ilhas deverá fornecer, desses Moluscos de Cabo Verde, e indica a sua repartição nas diferentes ilhas, quer na actualidade, quer no estado fóssil, quer ao mesmo tempo vivas e fósseis, e a sua representação, pelas mesmas formas ou por formas vizinhas, nas ilhas dos Açores, Madeira e Canárias e na Europa e África continentais. Muitas espécies foram introduzidas numa época mais ou menos recente: proveem das regiões circum-mediterrâneas, da África tropical ou da América. Outras são autóctones, pertencendo as mais características às famílias dos *Endodontideos*, dos *Helicídios* e dos *Pupilídeos*. Alguns conglomerados das ilhas do Sal e de S. Tiago forneceram moluscos fósseis quaternários.

Caracterizando a fauna malacológica determinada, o autor considera-a, como a dos outros arquipélagos, essencialmente continental e, incluindo-a na região paleártica, afirma ser mais afim da ilha da Madeira, do que da das Canárias, e, como a dos outros grupos insulares, uma continuação da da Europa média na era terciária (sobretudo oligoceno e mioceno superior), apresentando também analogias importantes com a fauna das Antilhas.

Destas conclusões o prof. L. Germain depreende que as ilhas do Cabo Verde, sem relações com a África equatorial vizinha, teriam pertencido a uma antiga massa continental, ligada à África septentrional, à Europa meridional, às Antilhas e ao norte da América do Sul, fazendo parte dessa « Atlântida » terciária também os arquipélagos dos Açores e da Madeira. Quando muito, desde o princípio do mioceno médio, as ilhas de Cabo Verde se teriam separado dessa massa continental e evolutivo independentemente dos outros arquipélagos atlânticos, vindo juntar-se à sua fauna autóctone espécies estrangeiras, que penetraram pelas mais diversas vias. A acção do homem intervem na descaracterização da fauna malacológica primitiva.

O prof. Germain, ao contrário de tantos devaneadores e fantasistas que se teem proposto solucionar o problema da Atlântida de Platão, vem de há muito trazendo para o debate desse problema, sempre palpitante e sugestivo para os países ocidentais, uma grande quantidade de elementos rigorosamente científicos, que se não confundem com os romances architectados sobre bases movediças e incertas por aqueles devaneadores e fantasistas. Não dão ainda êsses elementos uma solução definitiva do problema, mas nem por isso êles deixam de possuir o maior interesse e um autêntico valor científico.

Quando em 1920 numa breve explanação sobre o assunto (*Um problema paleogeográfico* — Sep. da « Revista da Faculdade de Letras do Pôrto », 1, Pôrto), nos ocupámos de vários aspectos da questão da Atlântida platónica, aludimos, entre outros, aos estudos malacológicos do falecido professor da antiga Academia Politécnica do Pôrto (hoje Faculdade de Ciências), Barão de Castelo de Paiva, e escrevemos que, embora este investigador afirmasse que entre a fauna malacológica das Canárias e Cabo Verde havia mais afinidades do que entre as destas últimas ilhas e Madeira, a análise das listas de espécies por êle mesmo fornecidas nos levava a supor que não era assim. A monografia de M. Germain vem dar inteiro fundamento a essas dúvidas.

O trabalho do ilustre malacologista francês possui, além do seu mérito intrínseco, o subido interesse especial para nós, Portugueses, que deriva de se referir a um nosso domínio colonial e de se relacionar com a questão dum antigo continente atlântico.

M. C.



MARTHE et SAINT-JUST PÉQUART — *Technique et Fouilles Pré-historiques* — Extr. da «Revue des Musées et Collections Archéologiques», n.ºs 14 a 18, 19 págs. e 16 figs. Dijon, 1928.

Neste interessante estudo os AA. resumem os métodos de investigação científica que tão proficuamente teem aplicado nas suas explorações prehistóricas na Bretanha.

Em abundantes ilustrações, que provam a importância do registo fotográfico, segue-se a excavação por camadas horizontais, de tanto proveito estratigráfico; a libertação e limpeza de peças e de construções; a passagem ao crivo e lavagem de terras, etc. Com tóda a razão é frisada a vantagem de conservar testemunhos de terreno; de enterrar *in loco* as peças inúteis (juntamente com uma moeda de cobre para datar o remeximento), e, por último, de deixar o terreno no seu estado primitivo.

RUY DE SERPA PINTO.

UGO RELLINI — *Sulla nomenclatura delle culture quaternarie* — Extr. do «Bulletino di Paleologia Italiana», anno XLVII, 1927, 16 págs. Roma, 1929.

Crítica das designações escolhidas para as diversas épocas prehistóricas, levando à elaboração dum esquema com as divisões: eolítico, protolítico, paleolítico, miolítico (inferior e superior) e protoneolítico; que é comparado ao esquema de Menghin (protolítico, miolítico e neolítico).

O ciclo das amígdalas do miolítico superior é constituído, sob reserva, pelo asturiense e maglemosense. Nos «picos» portugueses de Ancora o A. reconhece uma técnica semelhante à dos amigdalóides materanos.

R. S. P.

HUGO OBERMAIER — *El paleolítico del África menor* — Extr. de «Homenaje a Bonilla y San Martín», t. I, Madrid, 1927; *El paleolítico del Marruecos español* — Extr. de «Bol. de la Real Soc. Españ. de Hist. Nat.», t. XXVIII, Madrid, 1928.

Na primeira publicação, o ilustre prehistoriador faz uma síntese e uma crítica dos materiais existentes que se referem ao

paleolítico da «África menor» dos antigos, ou seja, dos países situados ao norte do Saará, entre o Oceano Atlântico e o Egito.

Depois de autorizadas considerações sobre glaciologia dessa área e da enumeração duma lista das espécies diluviais da mesma área, o A., prescindindo dos eólitos, estuda o paleolítico inferior que coincide nas linhas gerais com o da Europa ocidental e da Ásia menor. Com «o chelense tóscico, o acheulense fino e o mustierense de tipos pequenos», semelhantes aos europeus, agrupam-se várias facies regionais, como a chamada Sbaikiense e a Ateriense. O paleolítico superior, dentro da cultura capsense, evoluciona lentamente, abandonando os tipos aurignacenses e preferindo os microlitos geométricos. As estações mais típicas são as «escargotières». O capsense aparece raras vezes em abrigos. O paleolítico continua a S., no Saará, mostrando como as condições de existência se modificaram ali com o tempo.

Da arte rupestre, registaram-se muito poucas pinturas e numerosas gravuras. No grupo prehistórico destas representações, distingue-se um subgrupo naturalista e outro, mais recente, semi-naturalista. O búfalo antigo gigante (*Bubalus antiquus*) aparece muito nas representações primitivas, bem como o elefante, talvez o moderno *Elephas africanus*, aclimatado na região até ao princípio da era cristã. Aparecem também o leão, a pantera, gazelas, caprídios, avestruzes, equídios selvagens, bovídeos também selvagens, etc. Faltam hipopótamos, camelos, cervos. Haveria algumas figurações relacionadas com o culto líbico do carneiro, propagado ao Egito. As figurações humanas não teem interesse e seriam talvez neolíticas. Mas Obermaier, sem se fixar numa cronologia definitiva para a arte rupestre prehistórica norte-africana, julga verosímil que uma parte seja relacionada com o quaternário, embora diferindo da arte paleolítica do sudoeste da Europa, o que testemunha uma evolução independente.

A cronologia do paleolítico antigo norte-africano não diferiria sensivelmente do europeu, o que leva o A. a afirmar que o ocidente do Mediterrâneo teria então formado uma unidade cultural, a despeito da abertura do estreito de Gibraltar no princípio do quaternário. O ateriense e o sbaikense, africanos, ter-se-iam propagado à Península Ibérica, como mais tarde o capsense espanhol se teria esporadicamente infiltrado nalgumas estações francesas (aurignacense superior de La Font-Robert).

O segundo trabalho do prof. Obermaier é uma nota preliminar dos resultados arqueológicos duma sua exploração, em Setembro de 1927, da região do Marrocos espanhol, banhada pelo Atlântico, Tanger e comarca de Tetuan e Xauen. Essa região, como todo o Marrocos espanhol, estava quasi virgem duma exploração siste-

mática. Em contraste com Marrocos francês, Tunísia e Argélia, não fornecera ainda mais do que achados soltos de machados polidos. Nem uma só estação paleolítica ali se registara.

As investigações valiosas do sábio prehistoriador conduziram ao conhecimento de numerosas estações paleolíticas, achando-se representadas na lista o chelense (Quitizán), acheulense (El Mogote II), mustierense (Arcila, Cuesta Colorada, Zeguelet, El Mogote I), capsense antigo (Cuesta Colorada), capsense superior ou final (Zinatz). Outros jazigos apareceram além destes, como o do terraço quaternário do rio Lucus, em Uhla Harnid, ao norte de Alcácer Kibir, com quartzites do paleolítico inferior, etc., sendo de registar também achados neolíticos.

Esta simples resenha mostra a importância das descobertas do prof. Obermaier que veio revelar o alto interesse duma zona até então inexplorada e de que anuncia uma descrição detalhada, estratigráfica e arqueológica, numa publicação ulterior.

Aos investigadores peninsulares não podem ser indiferentes pesquisas tão valiosas nas regiões africanas próximas.

M. C.

**Bulletin of the American School of Prehistoric Research** — Report by the director on the work of the sixth season, March 1927; Report by the director on the work of the seventh season, etc., March 1928.

Em 1926 a Escola Americana, fundada em 1921, trabalhou na Inglaterra, Holanda, Alemanha, Tchecoslováquia, Áustria, Suíça e França. Os seus membros visitaram numerosos museus e muitas estações, tendo-lhe sido feitas 56 conferências especiais pelo seu ilustre director prof. Mac Curdy Grant e por numerosos investigadores eminentes da Europa.

O relatório de 1927 refere-se largamente à questão de Glozel, declarando o prof. Mac Curdy não poder dizer se dois objectos que ali encontraram, estavam *in situ* ou não, porque fazia um tempo péssimo a quando das suas escavações. Nesse ano houve 50 conferências e foram visitadas 63 estações prehistóricas importantes e 35 museus e colecções. Houve 25 dias de escavações, que deram material para as colecções americanas.

O segundo relatório, como o primeiro, muito ilustrado, é acompanhado dum estudo de Mr. J. Russel, membro da Escola, sobre achados prehistóricos da região de Civray, França.

M. C.

TELESFORO DE ARANZADI y JOSÉ MIGUEL DE BARANDIARÁN — Nuevos hallazgos de arte magdalenense en Viscaya — Extr. del «Anuario de Eusko-Folklore», t. V, 6 págs. e 4 figs. 1927.

Continuando a publicação das suas notáveis explorações nas províncias bascas, de que vimos alguns materiais no Museu de S. Sebastian, os AA. descrevem um calhau rolado da gruta de *Santimamiñe*, em que se distingue a gravura dum quadrúpede, e uma placa de hematite com um cavalo gravado da gruta de *Lumentxa*.

A primeira estação já era conhecida por um completo estudo dos AA. em colaboração com D. Enrique de Eguren (Bilbao, 1925).

R. S. P.

E. PASSEMARD et H. BREUIL — La plus grande gravure magdalénienne à contours découpés — Extr. da «Revue Archéologique», XXVII, 4 págs., 1 est. e 1 fig. Paris, 1928.

Em duas galerias da gruta de *Isturitz*, afastadas mais de 100 metros, descobriu o dr. Passemard os fragmentos duma bela gravura madalenense de bisonte, com o contorno recortado, que é a maior que se conhece (0,22<sup>m</sup>). A traço firme estão gravados os detalhes da figura nas duas faces da placa, sendo notável a naturalidade da cabeça.

A associação dos dois fragmentos foi feita pelo Ab. Breuil, que publica uma reconstituição do conjunto.

R. S. P.

MICHEL ROUDYNSKY — Sur la question du mésolithique en Ukraine — Extr. de «Anthropologie». Annuaire du Laboratoire d'Anthropologie de Th. Vovk de l'Académie des Sciences Ukrainienne, págs. 73-94, 15 figs. e 9 ests. Kyiv, 1928; **Monuments de l'île Lokhan** — Extr. d'«Anthropologie», págs. 143-168 e ests. I-IV. Kyiv, 1928.

No primeiro destes estudos o prof. Roudynsky contribui valiosamente para o conhecimento das estações epipaleolíticas ukra-

nianas, e faz a crítica de alguns trabalhos de síntese, e da concepção do mesolítico.

A estação de *Ohhtyrka* (Kharkiv) apresenta uma indústria tardenoisense, afim dos achados da bacia do *Donetz*, que o A. considera duma fase primitiva pela raridade de instrumentos trapezoidais típicos. Contudo é individualizada por instrumentos ultramicrolíticos, de grande variedade de formas, fabricados de sílex ou grés mal patinados.

Na margem direita do *Smiatcka*, nos arredores de *Novhorod-Siversky*, o prof. M. R. descobriu uma indústria do tipo de *Font-Robert*, compreendendo instrumentos típicos de sílex.

\* \* \*

Nas praias da ilha *Lohkan* foram registados 20 polidores fixos neolíticos, que constituem uma novidade de grande interesse para a prehistória da *Ukrânia*. Os sulcos deixados pelo atrito, num total de 55, apresentam-se com a forma de dois arcos ligados nos topos ou de cavidades circulares com uma protuberância central.

O prof. M. R. compara estes polidores com outros da *Finlândia* e países escandinavos, e mostra quanto se afastam dos tipos clássicos franceses, só encontrando paralelos nas gravuras consideradas como representações de cascos de equídeos.

R. S. P.

P. EUGÉNIO JALHAY — *La estación asturiense de La Guardia (Galicia)* — «Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos de Orense». VIII, n.º 179, págs. 169-186, 3 figs. e 4 ests. Orense, 1928.

Tradução espanhola dum notável artigo já analisado (*Trabalhos*, III, pág. 357).

Juntamente com *El asturiense en Galicia* («Bol. de Orense», VII, n.º 165), o seu A. marca o início de numerosas descobertas dum período ignorado na costa ocidental da Península, cuja honra lhe cabe.

R. S. P.

ZACHARIE LE ROUZIC — *Les monuments mégalithiques de Carnac et de Locmariaquer. Leur destination. Leur âge* — 48 págs., 5 ests. e 1 mapa arqueológico desdobrável. 4.ª ed. Vannes.

Com o seu comprovado saber o A., ilustre conservador do «Museu Miln de Carnac», publicou um modelar guia que pode prestar bons serviços aos especialistas. Haja em vista o cuidado pôsto na escolha das estampas e no desenho do mapa (escala 1 : 80000).

Depois duma introdução prehistórica destinada a orientar o excursionista, o A. define sete categorias de monumentos megalíticos, que descreve em detalhe, estudando a sua função e idade (quadro esquemático a pág. 44).

R. S. P.

ISMAEL DEL PAN Y FERNÁNDEZ — *Notas para el estudio de la Prehistoria, Etnología y Folklore de Toledo y su provincia* — 56 págs., 17 figs. e 2 ests. Toledo, 1928.

Este trabalho constitui o discurso de recepção do seu ilustre A. na Real Academia de Toledo.

Reünem-se nêle valiosos dados inéditos, como os instrumentos paleolíticos de *Valdembos* e *Buenavista*, machados neolíticos de *San Pablo de los Montes*, etc., a outros já publicados pelo infatigável académico.

A vida e costumes da população toledana passam numa viva descrição, com seus maus olhados, *salvadoras*, festas e romarias.

No final chama-se a atenção para o estudo científico da região, para o qual, sem dúvida, o dr. I. P. carregou importantes materiais.

R. S. P.

ABÍLIO M. ROSEIRA — *O bronze em Liceia* — «Cultura» Revista de Letras, 1.ª série, n.º 2, págs. 36-38 e 2 figs. Lisboa, 1926.

As previsões de Carlos Ribeiro e dr. Leite de Vasconcelos, de que o povoado prehistórico de *Liceia* (Lisboa) conhecerá o uso do cobre, são confirmadas, e até excedidas, pelo aparecimento dum machado de bronze, de alvado e com duplo anel (bronze IV), infelizmente partido.

A importância do achado é grande, por alargar a área de

distribuição destes machados, pouco vulgares em Portugal, acompanhando a sua descrição uma boa bibliografia e excelente crítica.

R. S. P.

**Catálogo dos Castros Galegos** — Fasc. II. Terra de Celanova. 28 págs., 15 figs. e 1 mapa. Publicacións do Seminario de Estudos Galegos. Seizón de Prehistoria. A Cruña, 1928.

Catálogo de dezasseis castros, continuando a benemérita tarefa encetada pela publicação de *Val de Vilamarín* (fasc. I, 1927).

Acompanha o esquema das fortificações de cada castro, a sua descrição, dimensões e localização; e notícia dos achados arqueológicos e tradições que lhe andam ligadas. O material exumado é parco, destacando-se um machado de ferro de alvado de *Castromao*.

Um mapa (escala?) com o provável traçado da via romana, de que se encontraram miliários, patenteia a distribuição das estações castrejas que, tirando dois grupos, se apresentam com pequena densidade.

Deve-se o catálogo quasi exclusivamente ao ilustre arqueólogo ourensano D. Florentino López Cuevillas, devotado presidente da Secção de Prehistória do Seminário de Estudos Galegos.

R. S. P.

**MÁRIO CARDOSO — Citânia (Um problema de etimologia)** — Sep. do fasc. 1-2 do vol. XXXVIII da «Revista de Guimarães». 15 págs. Guimarães, 1928.

Neste brilhante artigo o sr. Cap. Mário Cardoso, que conhece como ninguém a Citânia de Briteiros, estuda as funções dos aglomerados primitivos como introdução a um documentado estudo sobre a obscura etimologia de *Citânia*, donde se conclui a actualidade destas palavras de Adolfo Coelho: *Citânia fica ainda um enigma*.

Contudo, além doutras hipóteses, este filósofo e o prof. Leite de Vasconcelos aventaram a derivação de *civitas*, pela forma intermédia *civitania*, à qual talvez possã servir de justificação a existência em Trás-os-Montes de lugares com o nome de *Cidadonha* ou *Cigadonha*, que nela parecem filiados.

R. S. P.

**ALFREDO DIAS PINHEIRO — Os celtas e povos com êles relacionados** — 484 págs. Guimarães, 1928.

Este livro é uma compilação confusa duma bibliografia antiquada e heterogénea (por ex.: F. Mendes Pinto; Bibl. do Povo e das Escolas; Apólogos de Coelho Neto), não merecendo uma citação os trabalhos basilares de A. Bertrand, Bosch Gimpera (*Los celtas*, 1921, etc.), Déchelette, H. Hubert, Loth, Obermaier e Schulten, entre outros. Notam-se além disso inexactidões facilmente evitáveis, devidas talvez ao A. não ter podido «trabalhar com o método preciso» (p. XIV), *v. g.*, os dolmens atribuídos ao neolítico, aos druídas e aos celtas (págs. 250, 319, 373); cerâmica no paleolítico! (p. 321), etc.

Estranhamos a afirmação de que: «Em português pouco há, para não dizer que nada há, que interesse muito ao caso. Por isso este livro vem, até certo ponto, preencher uma lacuna» (p. VII), esquecendo assim os trabalhos de M. Sarmiento, J. Leite de Vasconcelos, Felix Pereira e Mendes Corrêa, nem todos citados no texto e por vezes em questões secundárias.

R. S. P.

**ADOLF SCHULTEN — Cauca (Coca) una ciudad de los celtiberos** — «Universidade Popular Segoviana», 13 págs. e 4 figs. inums. Segovia, 1928.

Este curioso artigo entra na valiosa série de mais de vinte estudos do autor sobre antigas cidades da Península (Cf. *Adolf Schulten und seine Forschungen in Spanien*. Sond. aus Grosse, Deutsche Altertumsforschung in Spanien. Bamberg, 1929).

Da antiga *Cauca*, mencionada nos textos a partir do séc. II a. C., encontram-se raros vestígios de muralhas, moedas, cerâmica, e dois «toros» ou «cerdos» que se conservam na Praça de Coca.

Com os seus profundos conhecimentos, o prof. Schulten descreve as campanhas de Lúculo e Scipião, os achados arqueológicos dos arredores e por último as ruínas do castelo dos Fonsecas (séc. XV).

R. S. P.

JOSÉ DE PINHO — *A ara de Marecos* — Sep. de «Penha-Fidelis». 30 págs. e 2 figs. Penafiel, 1928.

Leitura e interpretação da inscrição duma ara que serviu de pia de água-benta na capela da *Senhora do Desterro*, de Marecos (Penafiel).

A inscrição, que é muito longa e se reparte por três faces da ara, contém uma dedicatória à deusa indígena *Nabicca*, propondo o sr. J. P. a restituição de algumas letras e desdobramento de siglas duvidosas.

O A. estuda ainda as qualidades da deusa, o santuário e o culto em face da crítica da epígrafe, parecendo-nos um pouco ousada a sua afirmação de que «jamais admiti que a cultura céltica tivesse no Entre-Douro e Minho apreciável influência».

R. S. P.

BARBOSA SUEIRO — *Note sur l'hyperextension et l'hypo-extension du coude chez d'autres Mammifères que l'Homme* — «Arquivos de Anatomia e Antropologia», vol. XII, 4 págs. Lisboa, 1928.

Nesta nota o A. apresenta os resultados das investigações sistemáticas realizadas em 85 esqueletos de Mamíferos, no que respeita ao ângulo formado pelo eixo do cúbito com a flexa prolongada da chanfradura sigmoideia ao osso. A hiperextensão bastante rara apenas foi observada no elefante, no orangotango e no chimpanzé; em todos os outros se verificava a hipo-extensão. Conclui o A. que não há relações etiológicas entre a hiperextensão do cotovelo dos Mamíferos e a existência da perfuração olecraniana, e que a hiperextensão e hipoextensão de articulação do cotovelo dos animais resultam não só da conformação óssea das duas superfícies articulares, mas também do desvio para diante ou para trás das superfícies articulares do humero. Conclui também que o ângulo mencionado é o melhor elemento para conhecer o grau de extensibilidade da articulação do cotovelo.

SANTOS JÚNIOR.

BARBOSA SUEIRO — *Note sur l'hyperextension et l'hypo-extension du coude humain* — «Arquivos de Anatomia e Antropologia», vol. XII, 4 págs. Lisboa, 1928.

O sr. dr. Sueiro nega à presença do buraco olecraniano correlação com a hiperextensibilidade do antebraço sobre o braço, conclusão a que chegou num trabalho anterior, atribuindo este facto que alguns autores explicam como consequência da pequenez do bico do olecrânio, a causas várias, às quais não são estranhas as relações entre os eixos do braço e do antebraço, a conformação das superfícies articulares do cotovelo e o estado dos ligamentos articulares e músculos motores da articulação. Nesta ordem de ideias estabelece a relação da direcção da chanfradura do cúbito com o eixo deste osso, medindo o ângulo formado pelo eixo com a flexa prolongada da chanfradura sigmoideia.

Este ângulo é, segundo o A., o melhor elemento para conhecer a extensão do antebraço sobre o braço, apesar de elemento falível, pois que, para os valores desse ângulo compreendidos entre 115° e 120°, tanto pode tratar-se dum cotovelo normal como dum caso de hipo-extensibilidade. Este facto filia-o no carácter anatómico do desvio para diante, mais ou menos acentuado, das superfícies articulares do humero.

Várias são, pois, as causas aduzidas para a explicação das variações na mecânica articular do cotovelo, e parece à primeira vista estranha a afirmação de que a hiperextensão do cotovelo humano não tem relações etiológicas com a perfuração olecraniana. E tanto mais que não repugna acreditar que a presença do buraco olecraniano, embora quasi sempre fechado por uma lâmina fibrosa, alguma coisa deve concorrer, pelo menos em alguns casos, para o exagêro do movimento de extensão do braço. O grau de extensibilidade dum braço, conservando-se constante o tamanho do olecrânio, será certamente aumentado desde que a lâmina óssea que separa as duas fossetas olecraniana e coronoideia, seja substituída por uma membrana, embora de natureza fibrosa e pouco extensível.

Contudo as conclusões dum trabalho anterior levaram o sr. dr. Sueiro a negar ao buraco olecraniano este papel.

Nos movimentos da articulação do cotovelo interveem indubitavelmente os factores enunciados pelo A., em graus por certo diversos, mas, conquanto por si só o buraco olecraniano não baste para nos explicar a hiperextensibilidade, deverá talvez, pelo menos em alguns casos, ser tido como um elemento acessório que pode contribuir para um certo grau de extensibilidade.

S. J.

G. E. GENNA — *La posizione degli assi dei piani trasversi dell'arto inferiore nell'Uomo e negli Antropoidi* — «*Rivista di Antropologia*», vol. XXVII. Roma, 1927.

Quási sempre se teem estudado, no seu significado funcional, os caracteres morfométricos de cada um dos ossos dos membros inferiores, em vez de se apreciarem as diferenças de conjunto do esqueleto d'esses membros. O autor, abandonando a interpretação morfofisiológica feita isoladamente carácter por carácter, ôsso por ôsso — interpretação, a seu ver, insuficiente e errada —, examina o esqueleto inteiro dos membros inferiores, confrontando especialmente as variações dos ângulos formados entre si pelos eixos dos diferentes ossos, desenvolvidos num dos três planos fundamentais, o transversal. Estuda também a razão mecânica que regula a posição recíproca dos vários elementos do membro no plano referido.

O dr. Genna sucessivamente considera as relações angulares dos eixos para cada ôsso, para todo o esqueleto do membro, e em relação ao corpo inteiro.

Alguns eixos tendem a apresentar a mesma posição nos antropóides e no homem, como o eixo do colo femoral e os do calcâneo e 4 últimos metatarsianos, mas outros, como o do joelho e os das articulações astragálicas, do tarso anterior e do 1.º metatarsiano, tendem a posições diferentes. A diferença no joelho é em sentido contrário das outras.

Segundo Genna, ao passo que as duas extremidades superior e inferior do membro mostram obedecer a uma mesma necessidade mecânica quer no homem quer nos antropóides, os eixos intermédios do membro comportam-se em relação com a função diversa dêste e conforme o modo de vida do animal.

É de grande interêsse antropozoológico e fisiológico êste estudo que sái do Instituto de Antropologia de Roma, proficiente-mente dirigido pelo ilustre professor Sergio Sergi.

M. C.

GIUSEPPE SERGI — *Gli indigeni americani (Ricerche antropologiche)* — I vol. de 262 págs., 79 figs. e 25 estampas fora do texto. Roma, 1928.

O venerando antropólogo italiano, prof. G. Sergi, continua, com a mais perfeita juventude de espírito, a acrescentar novos trabalhos de valor à lista magnífica de publicações que, com uma

admirável intensidade de produção científica, tem dado à estampa na sua longa e gloriosa carreira de investigador.

O volume que temos diante de nós é o desenvolvimento de estudos já esboçados noutras oportunidades, especialmente no Congresso de Americanistas de Roma, em 1926. O prof. Sergi começa por aludir aos seus anteriores trabalhos antropológicos sôbre Foguinos e Esquimós e ao seu estudo do crânio americano em geral, que encontramos exposto, por exemplo, no seu livro bem conhecido *L'Uomo*.

Em seguida, apresenta novas observações, quási tôdas de morfologia craniana, que o conduzem a crer que o *Paleoanthropus rhodesiensis* (Broken-Hill) teria originado dum lado o ramo pacífico *tasmânio* e doutro o *Hesperanthropus*, um e outro caracterizados sobretudo por uma particularidade morfológica, a eminência ou crista sagital do crânio, que o A. designa por *lofo*. A antiguidade do *Hesperanthropus* seria muito grande e a penetração dêsse ramo do tipo africano de Broken-Hill na América ter-se-ia feito por via ocidental, atlântica. Outros elementos terão colaborado na etnogenia americana, como Negritos, Melanésios, alguns tipos asiáticos ainda mal determinados.

O prof. Sergi diverge de Hrdlicka quanto às opiniões do ilustre antropólogo de Washington da ausência do homem fóssil na América e da unidade antropológica e origem mongólica dos indígenas americanos. «Il Dr. Hrdlicka — escreve, por exemplo, quanto à primeira tese — ha sempre giudicato che gli scheletri in qualunque modo scoperti abbiano i caratteri degli indigeni viventi e quindi sono recenti; può egli avere giudicato esattamente, ma se si ammette, come io credo, che i recenti indigeni americani siano i discendenti degli antichi, essi devono avere gli stessi caratteri di quelli dai quali derivano». Há, de facto, uma petição de princípio na opinião de Hrdlicka.

Quanto ao parecer dêste relativamente à origem asiática dos Americanos, escreve Sergi: «Io non posso che confermare l'affermazione di Ehrenreich sul non-mongolismo dei Botocudi secondo gli esemplari che ho in mano... Io affermo che l'Asia ha dato il suo contingente alle popolazioni indigene americane, ma bisogna stabilirlo con dimostrazioni evidenti che finora non si sono date. Io stesso vedo, ne son convinto, che molti elementi sono d'origine asiatica, soprattutto quelli di tipo brachicefalo; ma di qual parte d'Asia, di quale ramo asiatico esistente non è facile scoprire;... la prova offerta da Hrdlicka di aver trovato nelle popolazioni mongoliche elementi di tipo americano, è molto superficiale, per non dire che non ha valore alcuno, quella di altri è fantastica».

Como dissemos, a afinidade do ramo ou ramos americanos

com o Paleantropo da Rodésia e com alguns ramos do Pacífico, Tasmanianos, Australianos, Moriori, é baseada sobretudo no *lofo*, mas Sergi cita outros caracteres comuns do crânio e da face, como: o grande desenvolvimento ósseo, a forma geral e característica da curva fronto-occipital; o nariz na sua raiz com sulco profundo e ossos nasais pouco salientes e geralmente pequenos; face grande e larga nos malares e nos arcos zigomáticos, mas sem forte saliência da linha esfenognática. Porém alguns destes caracteres são pouco marcados.

Algumas diferenças morfológicas, sobretudo da morfologia externa (forma dos cabelos, côr, etc.), explica-as o autor por influências mesológicas ou por cruzamentos.

Nas últimas páginas do seu livro o prof. Sergi procura relacionar algumas culturas americanas antigas, como as dos *Basket-Maker* e dos *Cliff-Dweller*, do Arizona e do novo México, com as raças. Ainda, a propósito, diverge de Hrdlicka, que, procurando determinar, por exemplo, os autores da civilização peruviana, traduziu os elementos raciais do Perú apenas nos termos de braqui e dolicocefalos, e tudo isso é demasiado vago e até, acrescenta Sergi, inexacto.

O volume do sábio italiano é notavelmente documentado e rico em factos e em pontos de vista originaes. Algumas das suas críticas são, a nosso ver, justas. Mas julgamos que uma particularidade, embora importante, de morfologia craniana não basta para erigir, sem um pecúlio simultâneo doutros caracteres antropológicos dessa e doutras regiões, e não apenas esqueléticos, um edificio scientifico como aquele que o eminente professor italiano confiadamente construiu sobre a origem dos Americanos.

Sou um pouco scéptico sobre a certeza de tais demonstrações, mormente atendendo à dificuldade que há em distinguir os caracteres primordiais das raças dos resultantes de adaptações accidentais. É por este motivo que há vantagem em substituir, tanto quanto possível, para tais construções, os caracteres isolados por associações de caracteres, principio fundamental duma boa taxinomia.

Aos exageros métricos contrapôs Sergi preferências cranialógicas descritivas que sem dúvida merecem atento exame e séria ponderação mas que não devem converter-se em exclusivismos nem dispensam uma crítica do valor diferencial de cada carácter utilizado. As amplas oscilações, a incerteza de limites, a diagnose vaga, dalguns tipos estabelecidos na classificação de Sergi, mostram os perigos dum método, que, dentro de certa medida, encerra aliás também grandes vantagens.

Apesar destas objecções, *Gl'Indigeni Americani* constitui um

dos mais importantes e documentados estudos que teem sido publicados a tal respeito. Apresentamos ao seu ilustre autor as homenagens da nossa admiração e do nosso respeito.

M. C.

H. LUNDBORG — *Rassenkunde des Schwedischen Volkes* — I vol. em grande formato, de 160 págs., 3 retratos, 15 cartas, 8 diagramas e 51 estampas fora do texto. Iena, 1928.

Já nesta revista enaltecemos merecidamente a admirável publicação *The racial characters of the swedish nation (Anthropologia suécica)* que, sob a direcção do prof. H. Lundborg e do dr. F. J. Linders, foi dada à estampa há poucos anos pelo Instituto sueco de Biologia da Raça. Mas este Instituto, e particularmente o seu eminente director, o prof. Lundborg, não esmorecem da sua notável actividade. Temos presente, em edição da casa Gustav Fischer, de Iena, um novo volume, em proporções menos grandiosas do que o anterior, mas inegavelmente de grande importância scientifica e ainda de magnifico aspecto material.

A *Rassenkunde des schwedischen Volkes*, depois duma introdução sobre as bases da Antropologia, as raças da Europa, a demografia da Suécia e a história da Antropologia — e em especial do Instituto de Biologia das Raças — naquele país, insere ainda diferentes estudos sobre questões importantes como o berço dos Indogermanos (por G. Ekholm), a paleogeografia e a prehistória da Suécia (por H. Larsen), o problema dos braquicefalos louros, a questão das relações da raça de Dalarne ou «Dal-Rasse» com o Cro-Magnon, etc. Suscitam especial interesse o trabalho de Larsen e o estudo sobre a «Dal-Rasse», a respeito da qual tão diferentes opiniões teem sido emitidas, sendo a de Lundborg de que se trata duma variação dentro da raça nórdica, podendo aqui e ali ter-se dado uma mistura da raça nórdica com as raças de crânio curto, como a raça báltica oriental.

O pecúlio de observações sobre que assenta essencialmente o presente volume é deveras importante: 47.387 soldados entre 20 e 22 anos. As investigações foram feitas por assistentes do Instituto, sobretudo pelo dr. W. Krauss, sendo expostos em detalhe as observações realizadas, os métodos usados, a distribuição geográfica dos observados, os resultados estatísticos relativos aos diferentes caracteres. Comparações com outras séries e com outros povos são muito elucidativas. Alguns gráficos mostram a variação dos caracteres. Também se procuram algumas correlações.

Nas suas conclusões gerais, o prof. Lundborg afirma ter encontrado seis grupos, os tipos *uberwiegend nórdicos*, os tipos bálticos orientais, os tipos mixtos loiros, os mixtos de pigmentação média, os mixtos escuros, e os tipos propriamente escuros. As maiores proporções pertencem ao 1.º, 3.º e 4.º grupos, a menor ao último grupo. A frequência de cores menos claras acentua-se de sul para norte.

Boa bibliografia e uma bela documentação fotográfica completam este volume que honra não apenas o seu autor e o Instituto que o promoveu, mas a cultura sueca.

M. C.

DR. FRHR. VON EICKSTEDT — *Die Negritos und das Negrito-problem* — Extr. do «*Anthropologischer Anzeiger*», Jahrg. IV, Heft IV, 1927.

O autor começa por delimitar as regiões ocupadas pelos Negritos, expondo, em seguida, as investigações antropológicas feitas sobre este grupo étnico e as controvérsias a respeito dos problemas dos Negritos. Trata depois de fixar a posição destes relativamente aos outros agrupamentos humanos. Para isso divide a humanidade em três raças (branca, negra e mongol) e cada uma destas em sub-raças (respectivamente, polinésia, melanésia e americana), formas especiais (vedas, pigmeus, árticos) e formas intermediárias (australianos, boschimanos, ainos).

A forma especial dos pigmeus é dividida em três variedades (pigmeus africanos, tipo melanésio papuano e os negritos no sentido lato). Da variedade negritos tira o autor três formas locais, andamanos, semang e negritos no sentido restricto.

É um novo aspecto do problema dos Negritos que bastante concorre para a sua elucidação.

A. ATHAYDE.

GERTRUD GRUETZNER — *Koerperwachstum und Koerperproportionen 15-19 jaehrigen Schweizerinnen* — Dissertação inaugural apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade de Zuerich. 1928.

A autora observou 225 raparigas suíças entre os 15 e os 19 anos, que dividiu em 4 grupos por idades, tomando 32 medidas segundo a técnica indicada por Martin no *Lehrbuch der Anthropo-*

*logie*, e calculando 48 índices, bem como médias, desvios padrões, erros prováveis das médias e ainda 22 coeficientes de correlação.

Dos resultados tirou, entre outras, as seguintes conclusões: Estatura, I grupo 1597<sup>mm</sup>,7; II grupo 1598<sup>mm</sup>,5; III grupo 1625<sup>mm</sup>,3; IV grupo 1614<sup>mm</sup>,0. No III grupo encontram-se casualmente alguns indivíduos de estatura elevada que fizeram subir a média. A envergadura é maior do que a estatura, mas menor do que as observadas noutros países. A largura biacromial, relativamente à estatura, é pequena; e a largura da bacia é de cerca de  $\frac{4}{5}$  da biacromial. O crescimento da caixa craniana parece estar terminado numa idade depois da qual a face ainda aumenta. Índice cefálico 82,5 (63 % dos indivíduos eram braqui e hiperbraquicéfalos).

Os caracteres que apresentam maiores coeficientes de correlação com a estatura, são: a altura do umbigo (+0,9198), a altura da sínfise (+0,8522), comprimento dos membros superiores (+0,8504) e o dos inferiores (+0,8525). Das medidas faciais apresentam maior correlação a altura facial e a nasal (+0,5258).

Repartindo os indivíduos por três classes sociais, notou o A. algumas diferenças, principalmente nos perímetros e no péso.

Por este pequeno resumo se vê a minúcia e o cuidado com que este trabalho foi elaborado, pelo que não podemos de deixar de felicitar a autora e o prof. Schlaginhaufen, director do Instituto de Antropologia de Zuerich.

A. A.

HERMAN TEN KATE — *Osservazioni sulle macchie turchine congenite nei ragazzi tunisini ed algerini* — Extr. da «*Rivista di Antropologia*», vol. XXVIII, Roma, 1927.

Já noutros trabalhos o eminente antropólogo holandês se ocupou das manchas azuis congénitas, erroneamente chamadas mongólicas, em diferentes populações, dando conta dos seus importantes resultados pessoais. No presente estudo, fornece uma síntese das investigações a que sobre o assunto procedeu em crianças argelinas e tunisianas, durante as suas longas estadas no norte de África. Alude também a observações feitas ali por outros investigadores, englobando todos os resultados para o cálculo das percentagens do interessante carácter.

Depois de expôr os números obtidos, refere-se à frequência da mancha azul congénita noutras populações e mostra que o facto dela aparecer em 99 % dos recém-nascidos japoneses não justifica de modo algum que ela seja chamada «mancha mongólica».



Eis as conclusões principais que provisoriamente o A. extrai da sua explanação proficiente:

1.º—A mancha azul congénita é uma *isospiloforia histológica das raças pigmentadas*;

2.º—Ela encontra-se em proporções desiguais em todos os grupos étnicos dos países mediterrâneos que pertencem à raça mediterrânea (Sergi, Deniker) e à raça ibero-insular de Deniker;

3.º—As raças alpina e dinárica de Deniker teem igualmente uma proporção de indivíduos que apresentam essa mancha;

4.º—A mancha constitui macroscopicamente um carácter distintivo entre as raças negras e morenas e a raça loira de olhos claros;

5.º—Definitivamente poderão dividir-se as raças em *espilóforas* e *aspilóforas*, segundo apresentam ou não a mancha.

Num interessantíssimo apêndice o dr. ten Kate trata a questão sob o aspecto etnográfico e folklorístico, citando os nomes e as interpretações populares dadas em várias regiões à mancha azul congénita e as superstições com ela relacionadas. Na Berberia e na Guiana prevalece a explicação por uma causa natural ou fisiológica; na China, em Java, na Costa Rica, etc., admite-se, de preferência, uma causa sobrenatural.

Para os confrontos dos resultados a extrair duma série de observações que tem sido feitas, por nossa iniciativa, na clínica obstétrica do prof. Morais Frias do Hospital da Misericórdia do Pôrto, pelos drs. Aloísio Coelho e Gonçalves de Azevedo (filho), e que abrangem já mais de 1.000 recém-nascidos, não podem ser postergados os elementos fornecidos pelos trabalhos do dr. H. ten Kate, cujas qualidades de observação, crítica e saber estão já assinaladas numa notável e variada bibliografia antropológica, que assenta sobre investigações por êle realizadas em diversas regiões do globo.

M. C.

ALBERTO GERMANO DA SILVA CORRÊA — *Les Lusos-Descendants de l'Inde Portugaise (Étude anthropologique)* — 130 págs. Bastorá, 1928.

O sr. dr. Alberto Germano da Silva Corrêa, tenente-coronel médico e professor da Escola Médica de Nova Goa, tomou, a convite do Instituto Internacional de Antropologia de que é membro titular, o encargo de fazer o estudo antropométrico dos indígenas, mestiços e populações brancas da Índia Portuguesa e prin-

cipalmente de Nova Goa, onde os diferentes grupos étnicos vivem lado a lado sem se confundirem por cruzamentos.

O excelente trabalho que analizamos, é o primeiro da série que o A. se propõe publicar, desbravando tão curioso como importante assunto. Ainda bem que ao prof. Germano Corrêa sobejam qualidades para o bom desempenho da tarefa que a si mesmo talhou, como se conclui da leitura do seu estudo sobre os luso-descendentes.

Os luso-descendentes ou sejam os descendentes dos portugueses europeus, nascidos em Goa, Damão e Diu, na sua maioria ainda não cruzados com os indianos, foram estudados numa série de 100 indivíduos, número bastante para avaliarmos dos caracteres étnicos dum agregado populacional que orça por cerca de 1:500 indivíduos dos dois sexos, com um ligeiro predomínio do feminino.

O A. reparte o seu trabalho pelos seguintes capítulos: Introdução; História; Fisiografia e Climatologia; Nosografia; Demografia; Morfologia; Antropometria; Etnografia; Resumo e conclusões.

É feito debaixo destes diferentes pontos de vista um estudo consciencioso e pormenorizado, tendo como era natural particular desenvolvimento o capítulo que se refere à antropometria. Nêle se registam os resultados da observação dos 100 indivíduos, seguindo os métodos preconizados pelos congressos de Mônaco (1906), Genebra (1912) e Liège (1921). Dá-nos o A. as médias, máximos e mínimos das medidas feitas, não só da face e crâneo, mas também do pescoço, tronco e membros, e numerosas são elas, permitindo estabelecer um grande número de índices, que, como aquelas medidas, êle vai comparando a par e passo com os valores determinados por vários antropologistas que teem feito estudos semelhantes nas diferentes províncias de Portugal. Com os elementos obtidos, se estabelecem por último as conclusões seguintes:

Os luso-descendentes são de nutrição média, relativamente fortes, pele dum branco pálido, cabelos e olhos castanhos, estatura superior à média, mesatisquélicos, dolicocefalos, ortocéfalos (pelos ind. vértico-longo e vértico-transverso), metriométricos, medianamente frontalizados (pelo ind. fronto-zigomático), com módulo de Schmidt de valor médio, leptoprósopos, leptorríneos e meso-otólicos.

Em face destes atributos étnicos, escreve: «De tout ce qui je viens de noter précisément, sous tous les aspects anthropologiques, on peut parfaitement conclure, que les luso-descendants de l'Inde Portugaise présentent le type morphologique tout-à-fait semblable, ou même presque égal à celui des Portugais Européens».

Afirma o A. que aos luso-descendentes está reservado um futuro de acentuado e contínuo progresso, para o qual são garantia os caracteres étnicos aludidos, que não são certamente os duma raça em via de extinção.

S. J.

ALBERTO GERMANO DA SILVA CORRÊA — *Les Ranes de Satary* (Étude anthropométrique) — Mémoire présenté au « Congrès International de Médecine Tropicale et d'Hygiène du Caire ». 72 págs. Bastorá, 1928.

Neste trabalho o prof. Germano da Silva Corrêa dá-nos os resultados do estudo feito sobre os Ranas de Satary, pequeno agregado populacional em via de extinção, formado pelos representantes dos antigos nobres Radjpouts, de quem descendem em linha recta. Compreende o estudo os seguintes capítulos: Introdução; História; Fisiografia e climatologia de Satary; Demografia; Morfologia; Antropometria; Resumo e conclusões.

Trata-se de 25 Ranas, número sobre o qual se podem elaborar conclusões apreciáveis, visto que o número de Ranas puros de Goa não deve ir além de 300 indivíduos de ambos os sexos. Estes Ranas, descendentes dos Radjpouts, a mais perfeita das raças que povoam o Indústão, são actualmente pouco numerosos em Goa, devido a causas várias, e entre elas, às deportações sucessivas em consequência das rebeliões por elles fomentadas. Basta lembrar que no século passado por oito vezes se revoltaram contra a suzerania do governo português.

Este trabalho foi elaborado dentro dos moldes que serviram para o estudo dos luso-descendentes, de modo que as nossas considerações acerca deste último, no que respeita a mensurações e elaboração do quadro dos respectivos índices, poderiam repetir-se aqui.

O tipo médio dos Ranas pode estabelecer-se em face das observações do prof. Alberto Germano Corrêa como sendo de nutrição média e relativamente forte, pele moreno-clara, cabelos castanhos, olhos em *noisette*, estatura superior à média, envergadura quasi normal (comparada com a média das raças caucasóides asiáticas), mesatisquélicos com tendência para a macrosquelia, sub-dolicocéfalos, hipsicéfalos (pelos índices vert. longo e vert. transversal), módulo de Schmidt relativamente elevado, sub-leptoprosopos, leptorríneos e meso-otólicos.

Como conclusão, o dr. Germano Corrêa escreve: « De tout ce que je viens de dire, on peut facilement conclure que les Ranes

goanais présentent, dans leur majorité un type anthropologique intermédiaire entre le type radjpout proprement dit et celui que caractérise la plupart des mahrattas goanais; les ranes ayant le type radjpout pur sont relativement rares ».

S. J.

VOICUNTA CAMOTIM — *Os Bramanes Sarasvatas de Gôa* (Estudo antro-po-social) — 64 págs. Gôa, 1929.

Tese inaugural apresentada à Escola Médica de Nova Gôa e elaborada sobre as mensurações antropológicas de 100 indivíduos da casta Bramane Sarasvata. Trabalho sugerido pelo ilustre antropologista sr. prof. dr. Germano Corrêa, que concorre deste modo, como com os seus numerosos trabalhos pessoais, para o conhecimento da população hindustânica.

Começa o estudo pelo capítulo de história e etnografia em que se fazem considerações sobre a origem dos Sarasvatas e da fragmentação destes em sub-castas, citando-se a propósito curiosas lendas; trata-se igualmente da alimentação, sob o ponto de vista religioso. Termina este capítulo por uma explanação sobre o casamento e sobre a vida profissional e intelectual entre os Bramanes Sarasvatas.

Vem a seguir o capítulo da Antropometria, o mais vasto, no qual, depois duma ligeira exposição prévia sobre a antropometria através do tempo e seu valor, se nos dá conta das observações respeitantes à estatura, peso, dinamometria, grande envergadura, ind. crucial, ind. crural, ind. cefálico horizontal, ind. vértico-longo, ind. vértico-transverso, módulo de Schmidt, largura bucal, ind. fronto-parietal, ind. fronto-zigomático, ind. crânio-facial n.º 1, ind. crânio-facial n.º 2, ind. gónio-zigomático, ind. facial total, ind. otólico, ind. nasal, etc. Figuram as médias, máximos e mínimos, das diferentes medidas. Conclui a parte antropométrica pela seriação, máximo, média e mínimo de 18 medidas feitas no tronco e membros.

O último capítulo trata da etnologia: o A. enumera os 7 grupos e respectivos caracteres étnicos, que Risley estabeleceu nos povos da Índia, pondo a seguir o problema: em qual dos grupos de Risley se poderão incluir os Bramanes Sarasvatas? Filia-os no grupo scito-drávida. Preguntando se a designação scito-drávida será própria, entra em considerações várias sobre as origens ariana e scítica, terminando por afirmar: « Considerada sob todos os pontos de vista, portanto, a origem scítica dos povos da

Índia ocidental nas suas castas e graus elevados é insustentável. As classes mais baixas, dolicocefalas e platirríneas, são certamente dravídicas. A braquicefalia das castas mais elevadas não se pode considerar como indicativa da origem scítica, porque a sua leptorrínia e a sua manifesta proopia negam a possibilidade de origem scítica ou mongólica».

Valorizaria mais este trabalho a inclusão de caracteres descritivos, que, embora por vezes de apreciação difícil, porquanto tem de admitir-se um coeficiente pessoal na aplicação das nomenclaturas, não deixam de ter interesse no estabelecimento dos caracteres étnicos. Igualmente concorreria para valorizar este estudo uma apreciação matemática dos resultados obtidos, pois que o conhecimento do máximo e mínimo duma série não basta para nos dar ideia da variabilidade dum carácter.

O A. poderia ter determinado o desvio padrão e com este elemento calcular o erro provável da média. Bibliografia e um quadro das mensurações fazem igualmente falta.

Este trabalho representa, porém, um esforço louvável feito pelo seu autor, que assim concorre, como Sarasvata que é, para dar à sua casta o devido lugar no emaranhado étnico daquelas regiões indianas.

S. J.

P. GUGLIELMO JAZZETTA—*Sullo scheletro dell'arto superiore dei Fuegini*—Extr. de «Atti del XXII Congr. Intern. degli Americanisti». Roma, 1928.

O estudo detalhado de 14 esqueletos de Foguinos, existentes no Instituto de Antropologia da Universidade de Roma, conduziu o autor a numerosas conclusões que o levam a atribuir aos Foguinos muitos caracteres próprios, interessantes sob o ponto de vista étnico.

Assim, por exemplo, estes esqueletos mostram um grande desenvolvimento do diâmetro transversal da cabeça humeral, uma torsão humeral vizinha da dos australianos, uma cúpula olecrânica mais alta do que a de qualquer outro grupo étnico, olecrânio mais profundo do que largo, notável diferença sexual do índice rádio-humeral, etc.

M. C.

PROF. C. G. SELIGMAN—*Some little-known tribes of the Southern Sudan (Presidential Address)*—«Journal of Anthropological Institute», vol. IV. January-June, 1925.

Estudo antropológico e étnico das tribus dos Acholi, Lotuko, Madi, etc., que habitam na margem oriental do Nilo Branco, perto dos Dinka.

Apresenta um bem elaborado quadro das principais medidas antropométricas calculadas: estatura e medidas cefálicas. Graças a este quadro, redigido de forma a permitir a comparação dos resultados obtidos com os das tribus vizinhas, chega o A. à conclusão de que um pouco a S. da região dos Dinka, os povos que habitam as margens ocidentais do Nilo Branco tornam-se mesaticéfalos, ao passo que na margem oriental o índice cefálico cresce até ao S. do Bari, predominando a mesaticefalia no Bahr-el-Ghazal. Uma zona de árabes nómadas separa estes mesaticéfalos dos núbios mesaticéfalos do Kordofan do Sul. Tanto os núbios como os braquicéfalos meridionais usam pedras-de-chuva.

Os braquicéfalos meridionais deslocaram-se de ocidente para oriente, mas na região onde habitam as tribus falando os dialectos Bari, esse movimento foi contrariado pelo dos povos falando os dialectos Masai, cuja influência ainda é mais nítida na própria região Bari e Lotuko, que se encontra a oriente, onde o índice cefálico se mantém na dolicocefalia, posto que estas tribus usem ainda as pedras-de-chuva dos seus vizinhos ocidentais.

Tomando as pedras-de-chuva e a linguagem como guias é possível reconstituir a história dos Acholi e provavelmente de algumas tribus falando os dialectos Shilluk. As tribus Bari e Lotuko diferem ainda quanto à sua organização, apresentando as primeiras uma organização de *clan* exogâmico, enquanto que a organização das outras, mantendo o princípio da exogamia, é fundada no *clan* totémico.

Os ritos fúnebres, os usos e costumes são também cuidadosamente descritos como o emprego do «nametere», do «nelanga», do «joktuel», etc.

Este trabalho, notável pelo método claro e preciso com que está feito, é ornado com belas fotografuras e alguns mapas, além de vários desenhos esquemáticos.

H. PINTO LIMA.

V. SUK — Health status of students after physical training and after brain work — «Anthropologie», VII. Prague, 1929.

O ilustre professor da Universidade Masaryk, de Brünn, tem-se consagrado a importantes investigações sobre as conseqüências do exercício físico e do trabalho mental sobre o organismo humano. Assim, já em 1925 apresentou à Academia das Ciências da Boémia um estudo sobre as relações da quantidade de açúcar no sangue com as duas formas da actividade. A presente memória, que foi publicada no volume da *Anthropologie*, de Praga, consagrado ao dr. Ales Hrdlicka, tem muito maior amplitude do que o trabalho anterior.

O prof. V. Suk examinou dezenas de estudantes de cursos superiores, antes e depois de treinos físicos de verão e antes e depois de períodos de intenso e exclusivo trabalho cerebral. Aprecia em detalhe os resultados das suas observações relativamente ao pêso do corpo, circunferência do braço, cintura, perímetro torácico mamilar à inspiração e à expiração, pressão dinamométrica, respirações, pressão sanguínea, pulso, quantidade de açúcar no sangue e número de eritrócitos. As conclusões são interessantíssimas, embora já fôssem presumíveis à face doutras constatações. Evidencia-se que o trabalho mental afecta o organismo não só relativamente às actividades nervosas reguladoras das funções do corpo, mas também quanto ao metabolismo deste, dum modo diverso do trabalho físico, e há casos em que se mostra nitidamente a influência do psiquismo na actividade física. Por outro lado, parece legítimo asseverar que a fadiga e o exaurimento mentais são, *pelo menos*, tão pesados como a fadiga e o exaurimento do trabalhador manual.

Entre os resultados de detalhe, mencionaremos o facto da percentagem de açúcar diminuir consideravelmente com o trabalho mental ficando quasi a mesma com o exercício físico, e ainda a superioridade da média dinamométrica dos melhores alunos sobre a dos piores.

Quinze tabelas, vários gráficos, algumas fotografias e uma lista bibliográfica acompanham este valioso estudo.

M. C.

PROF. ALFREDO NICEFORO — La Statistica sanitaria demografica del cancro en Italia — Milão, 1928.

O ilustre professor da Universidade de Nápoles tem o condão de dar à estatística uma tal amenidade, que é com agrado e grande

interêsse que se percorrem as páginas de todos os seus trabalhos.

Lamentamos não poder dar uma notícia detalhada das conclusões, tiradas pelo prof. Niceforo, dos diferentes tratamentos estatísticos a que sujeitou as suas observações, como por exemplo: as que dizem respeito à mortalidade segundo a idade, sexo e estado civil, à maior ou menor probabilidade de morrer de cancro ou de tuberculose, aumento da mortalidade do cancro (o qual se dá em tôdas as idades), métodos para avaliar este aumento, geografia dos tumores malignos em Itália, relações entre cancro e raça, antecedentes pessoais dos mortos por tumores malignos, abuso da carne, alcool e tabaco, duração dos tumores desde o início à morte dos pacientes; intervenção cirúrgica e curas não cirúrgicas; frequência de metastases; tempo decorrido entre a intervenção cirúrgica e a metastase; questão de hereditariedade dos tumores malignos; etc., etc.

Como se vê, é um importante trabalho que não só auxilia os investigadores especializados na magna questão estatística e social do cancro, como interessa aos cirurgiões e aos clínicos em geral.

A. A.

R. OTERO PEDRAYO — Problemas de Xeografia Galega. Notas encol das formas de poboazon labrega — Pubricazons de «Seminario de Estudos Galegos». A Cruña, 1927.

Resposta ao questionário feito pelo Congresso Internacional de Geografia do Cairo de 1925. Divide-se este trabalho em duas partes: na primeira o A. reproduz o questionário e procura responder duma forma clara e precisa; na segunda procura aplicar os resultados à pequena «parroquia» de Trasalba.

Considera o A. como modo de habitação rural as diferentes formas de agrupamento dos homens que vivem predominantemente do trabalho directo do solo, e ainda das indústrias que dele derivam, como o fabrico do vinho, de laticínios, a cultura do linho, etc. Na primeira parte inclina-se o A. para um rígido determinismo geográfico e étnico, mas principalmente geográfico, ao afirmar que as condições naturais determinam a forma inicial da povoação, sendo o tipo concentrado característico das regiões de pouca água, dos terrenos fortemente arborizados ou sujeitos a inundações, etc. Considerando a «parroquia» galega, como a unidade geográfica antiga e vital, faz o A. a descrição da «parro-

quia» de Trasalba, estudando a sua posição geográfica, os tipos de casas, as construções anexas e os elementos artísticos.

Por esta descrição vemos que há muitos pontos de contacto entre as habitações rústicas galegas e as das nossas aldeias miñotas: casas rectangulares de pedra solta e telhado de duas águas, os cabaceiros, os cobertos, etc., o que torna esta pequena monografia um valioso auxiliar para as pessoas que se queiram dedicar ao estudo do assunto em Portugal.

H. P. L.

ALFREDO ELLIS JÚNIOR — Pedras lascadas — 1 vol. de 404 págs. S. Paulo, 1928.

Volume em que o autor reuniu, em miscelânea, numerosos ensaios e artigos seus a respeito de assuntos variados: questões militares e navais, antropologia, história geral e brasileira, problemas demográficos e sociais, questões económicas, etc. Os estudos sobre eugénia, migrações, paleo-antropologia, demografia e outros teem cabido registo numa revista da índole da nossa.

O autor mostra-se possuidor duma ampla informação bibliográfica, de distintas faculdades intelectuais e de apreciável visão crítica. É merecido o relêvo que dá nas suas páginas ao esforço científico de Roquette Pinto, Oliveira Vianna, Affonso d'E. Taunay, e outros ilustres investigadores da nação brasileira.

M. C.

S. FRÓES ABREU — Sambaquis de Imbituba e Laguna (Santa Catharina) — Sep. da «Rev. da Soc. de Geogr. do Rio de Janeiro», Rio, 1929.

*Sambaquis* é, como se sabe, a designação indígena dos «Kiökkenmöddings» no Brasil. Em Santa Catarina chamam-se também *casqueiros*, na capitania de S. Paulo chamavam-lhe *ostreiros*. Já o padre Fernão Cardim se lhes referia, atribuindo-os aos Índios antigos. Em 1847, três dinamarqueses Forchhammer, Steenstrup e Worsaae procederam ao seu estudo. São bem conhecidas as explorações então feitas. As opiniões estiveram muito tempo divididas a respeito da origem dos *sambaquis*. Alguns consideravam estes como formações naturais, outros como acumulações artificiais de conchas, ossos, terra, carvões, objectos líticos, etc.

Segundo o sr. Fróes Abreu, que estudou vários sambaquis de Santa Catarina, há possivelmente «pseudo-sambaquis», montículos naturais, com muitas conchas. Mas os sambaquis propriamente ditos resultaram da acção e da presença do homem. Sem que admita uma *raça dos sambaquis*, o autor entende que os esqueletos nêles achados parecem mais modernos do que o homem de Lagoa Santa, mas não se trata duma conclusão segura por falta de elementos. No entanto, não há dúvida de que os *sambaquis* correspondem a uma população primitiva, sendo, porém, impossível estabelecer-lhe, por enquanto, uma cronologia segura.

O consciencioso trabalho do sr. Fróes Abreu é digno de interesse para todos aqueles que se consagram ao estudo das antiguidades americanas.

M. C.

MICHEL VULPESCO — Les coutumes roumaines périodiques — 1 vol. de 303 págs., ilustrado. Paris, 1927.

M. Vulpesco, prémio do Conservatório e laureado da *Schola Cantorum* de Paris, divulgador entusiasta e proficiente das canções populares romenas nos outros países, publicou um belo volume em que descreve numerosos costumes tradicionais dos camponeses da sua pátria, distribuindo-os pelas várias épocas do ano, fixando com precisão as localidades em que aparecem, e dando, de acôrdo com a sua predilecção artística, particular relêvo à letra e à música das canções executadas. Desenhos de Ionel Ionid, cheios de interesse, e outros, bem como algumas fotografias, acompanham o texto, recheado de factos e redigido numa linguagem sugestiva e singela.

Depois de descrever os costumes que teem uma data fixa, o autor consagra um extenso capítulo aos que a não teem, como a *Hora* (danças várias de roda), *Nunta* (o casamento), *Claca* (trabalho colectivo gratuitamente prestado ao padre ou a outras pessoas), etc.

O autor apresenta algumas considerações sobre a origem e a interpretação de vários costumes. Ligando estes em geral a factos religiosos, entende, porém, que eles não são devidos à influência *organizadora* da Igreja, como não resultam da inspiração dos trovadores. A necessidade de distracções e divertimentos no isolamento das aldeias os teria sugerido. Tal isolamento e os frios rudes do inverno teriam dificultado a sua propagação. A antiguidade dalguns costumes seria, segundo o autor, muito remota.

É interessante registar que, se a maioria dos factos expostos marca nítidas diferenças folclóricas entre os camponeses romenos e os ocidentais, há algumas analogias, como no *Ignatul* (matança do porco) e na forma geral dalguns dramas ou mistérios populares, dos *Irozii* (os Herodes), que lembram os nossos antigos autos.

Uma bela bibliografia completa o valioso trabalho, que é precedido dum prefácio justamente elogioso do notável folclorista, A. Van Gennep.

M. C.

JAIME LOPES DIAS — *Etnografia da Beira* — Vol. III, 176 págs. Vila-Nova de Famalicão, 1929.

Os *Trabalhos* apreciaram já os outros volumes da obra do sr. L. D. (vol. III, págs. 275 e 375), apresentando êste o sub-título do primeiro: «Lendas. Costumes. Tradições. Crenças. Superstições».

Chega-se com agrado ao último capítulo pela elegância da redacção, que por vezes mesmo prejudica o valor da colectânea por lhe tirar o sabor popular, sentindo-se ainda a falta de bibliografia.

Por se tratar duma região raiana são curiosas as lendas de fundo patriótico, como as do cêrco de Monsanto, Senhora do Almurtão, Malpica e Senhora do Bom Sucesso. A primeira conheciamo-la, com pequenas variantes, das *Memorias parochiaes de 1758*, de que P. de Azevedo publicou extractos em *O Archeólogo Português* (v, 301), e tem paralelos numerosos em Portugal e no estrangeiro (dr. J. L. de Vasconcelos. *O Arch. Port.*, II, 64).

Como nótula arqueológica-etnográfica vemos em Monsanto a tradição de «treze tigelas cavadas na rocha onde a *fidalgua* diariamente mitigava a fome aos pobres» (p. 30).

R. S. P.

PEDRO CHAVES — *Rifoneiro Português* — 1 vol. de 282 págs. + 1 de erratas. Pôrto, 1928.

Valiosa colectânea de 7.380 adágios portugueses, assim distribuídos: de tempo 50; dos meses 411, e por ordem alfabética 6.919.

O sr. P. C. justifica, perante a abundância de material, a disposição escolhida. Parece-nos contudo que não haveria inconveniente em desmembrar parte dos provérbios por ordem alfabética a favor de classes de toponímicos e antroponímicos, médicos, por dias de semana, etc., a exemplo do que fêz para os do tempo e dos meses.

Já lá cita o A.: «quem tem casas na praça, uns as acham altas, outras baixas».

R. S. P.

ALBERTO V. BRAGA — *Curiosidades de Guimarães. I. Mulheres, jôgo, festas e luxo* — Sep. da «Rev. de Guimarães», 80 págs. Guimarães, 1927.

Conhecedor profundo do *Arquivo da Colegiada* e dos numerosos arquivos paroquiais do concelho de Guimarães, o A., nestes quatro capítulos, fornece elementos curiosos para o estudo duma sociedade depravada e folgazã, encontrando-se de permeio interessantes observações etnográficas.

R. S. P.

ALBERTO V. BRAGA — *De Guimarães: Tradições e usanças populares* — I, 473 págs. Espozende, 1924.

Com o sub-título: «*Da Terra, do Trabalho, da Mulher, do Amor, do Casamento, da Morte, do Céu-Vária*» publicou a *Colecção Silva Vieira* um dos mais interessantes de quantos livros teem sido ultimamente dedicados ao estudo no nosso Povo, e do qual se faz esperar o segundo volume anunciado: «*De quadras, modilhos e linguagem*».

Apresentado de maneira feliz e com forte cunho popular, a sua leitura é amena, coisa que não sucede em geral em trabalhos desta natureza, e fácil a consulta dos seus dez capítulos, o que o torna duplamente proveitoso.

Costumes e tradições, adágios e perlengas, orações e ensalmos são animados pelo comentário vivo e singelo do distinto etnógrafo vimaranense, que em boa hora dedicou o seu livro «a Guimarães e à gente humilde dos campos».

R. S. P.

J. MANCELOS SAMPAIO e AUGUSTO SOUCASAUX — *Barcelos. Resenha histórica-pitoresca-artística* — 98 págs. e numerosas est. inums. Barcelos, 1927.

Não cabe na índole da nossa Revista a análise detalhada deste livro, e para isso mesmo seria mister buscar alguém competente.

Contudo não queremos deixar passar sem protesto a absurda origem e etimologia cartaginesas atribuídas a *Barcelos*. Infelizmente quasi todos os AA. de monografias locais desprezam os estudos arqueológicos sérios; e se muitas vezes não se conhecem, ou há dúvidas, sobre os primórdios duma povoação, nem por isso é razoável embarcar em hipóteses indocumentadas e falíveis.

Entre muita coisa boa, registemos uma estampa com diversos tipos cerâmicos locais e outra com jugos.

R. S. P.

## LISTA DOS MEMBROS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

(EM JUNHO DE 1929)

---

### PRESIDENTE DE HONRA

Prof. José Leite de Vasconcelos.

---

### CONSELHO DIRECTOR

Presidente — Prof. António Augusto Esteves Mendes Corrêa.

Vice-presidente — Prof. Hernani Basto Monteiro.

Secretário — Dr. Alfredo Mendonça da Costa Athayde.

Tesoureiro — Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior.

Vogal — Dr. Ruy de Serpa Pinto.

---

### SÓCIOS HONORÁRIOS

1 — Adolf Schulten, prof. da Universidade de Erlangen — 6 de Março de 1926.

2 — Giuseppe Sergi, prof. da Universidade de Roma — 22 de Janeiro de 1920.

3 — Hugo Obermaier, prof. da Universidade de Madrid — 1 de Maio de 1929.

4 — José Leite de Vasconcelos, prof. da Universidade de Lisboa — 13 de Fevereiro de 1922.

5 — Marcellin Boule, prof. do Museu de História Natural de Paris — 6 de Março de 1926.

6 — Salomon Reinach, membro do Instituto de França — 22 de Janeiro de 1920.

---

## SÓCIOS CORRESPONDENTES

1—Dr. Ales Hrdlicka, conservador da Secção Antropológica do Museu Nacional dos Estados Unidos, Washington—26 de Dezembro de 1918.

2—Prof. Alfredo Castellanos, Rosário (Argentina)—6 de Março de 1926.

3—Prof. Alfredo Niceforo, Roma—20 de Dezembro de 1920.

4—Prof. Arthur Keith, prof. do Real Colégio dos Cirurgiões de Londres—26 de Dezembro de 1918.

5—Dr. Bernhard Strück, Dresden—6 de Março de 1926.

6—Dr. Ch. Korsinski, assistente da Faculdade de Medicina de Vilno—1 de Maio de 1929.

7—Conde Béguen, prof. da Universidade de Toulouse—13 de Junho de 1922.

8—Prof. Eduardo Hernandez Pacheco, prof. da Universidade de Madrid—26 de Dezembro de 1918.

9—Prof. E. Loth, prof. da Universidade de Varsóvia—1 de Maio de 1929.

10—Prof. E. Roquette Pinto, Museu Nacional, Rio de Janeiro—6 de Março de 1926.

11—Dr. Eugenius Frankowski, assistente da Universidade de Cracóvia—2 de Junho de 1919.

12—Prof. Fabio Frassetto, prof. da Universidade de Bolonha—11 de Junho de 1920.

13—Prof. Francisco de las Barras d'Aragon, prof. da Universidade de Madrid—11 de Junho de 1920.

14—Prof. Georges Hervé, prof. da Escola de Antropologia de Paris—2 de Junho de 1919.

15—Prof. G. Paul-Boncour, prof. da Escola de Antropologia de Paris—6 de Março de 1926.

16—Dr. Henri Fischer, assistente da Faculdade de Medicina de Bordeus—1 de Maio de 1929.

17—Prof. Henri Vallois, prof. da Universidade de Toulouse—1 de Maio de 1929.

18—Prof. Henri Breuil, prof. do Instituto de Paleontologia Humana, Paris—26 de Dezembro de 1918.

19—Dr. H. ten Kate, Villa Tanit, Cartago, Tunísia—2 de Junho de 1919.

20—Prof. J. Loth, prof. do Colégio de França—1 de Maio de 1929.

21—Prof. J. Matiegka, prof. da Universidade Carlos, de Praga—6 de Março de 1926.

22—Prof. J. P. Kleiweg de Zwaan, prof. da Escola Colonial de Amsterdam—4 de Maio de 1923.

23—Prof. Luiz Pericot y Garcia, prof. da Universidade de Valência—1 de Maio de 1929.

24—Prof. Manuel Anton y Ferrandiz, prof. da Universidade de Madrid—2 de Junho de 1919.

25—Prof. Mário Carrara, prof. da Universidade de Turim—11 de Junho de 1920.

26—Prof. Nello Puccioni, prof. da Universidade de Pavia—11 de Junho de 1920.

27—Prof. Otto Schlaginhaufen, prof. da Universidade de Zurich—20 de Dezembro de 1920.

28—Prof. Pedro Bosch Gimpera, prof. da Universidade de Barcelona—6 de Março de 1926.

29—Prof. Quintiliano Saldaña, prof. da Universidade de Madrid—11 de Junho de 1920.

30—Dr. Raymond Lantier, conservador do Museu das Antiguidades Nacionais, St. Germain-en-Laye—1 de Maio de 1929.

31—Prof. Renato Biasutti, prof. da Universidade de Florença—6 de Março de 1926.

32—Dr. Renato Kehl, Rio de Janeiro—4 de Maio de 1923.

33—Prof. René Verneau, prof. do Museu de História Natural, Paris—26 de Dezembro de 1918.

34—Prof. Sergio Sergi, prof. da Universidade de Roma—22 de Janeiro de 1920.

35—Prof. Telesforo de Aranzadi, prof. da Universidade de Barcelona—26 de Dezembro de 1918.



## SÓCIOS EFECTIVOS

- 1 — Prof. Dr. Aarão Moreira de Lacerda, Pôrto.
- 2 — Dr. Adalberto Teixeira, Chaves.
- 3 — Alberto Oscar Pinto Figueirinhas, Pôrto.
- 4 — Dr. Alberto de Sousa, Pôrto.
- 5 — Prof. Dr. Alfredo Machado e Costa, Lisboa.
- 6 — Dr. Alfredo Mendonça da Costa Ataíde, Pôrto.
- 7 — Dr. Álvaro António Pinheiro Rodrigues, Pôrto.
- 8 — Dr. Amândio Tavares, Pôrto.
- 9 — Prof. Dr. Américo Pires de Lima, Pôrto.
- 10 — Prof. Dr. António de Almeida Garrett, Pôrto.
- 11 — Eng. António Augusto Fortes Lima, Pôrto.
- 12 — Prof. Dr. António Augusto Mendes Corrêa, Pôrto.
- 13 — Dr. António Corrêa da Costa e Almeida, Ermezinde.
- 14 — Major António Leite de Magalhães, Bolama (Guiné).
- 15 — P.<sup>e</sup> António Miranda Magalhães, Loanda (Angola).
- 16 — António Pereira Cardoso, Bolama (Guiné).
- 17 — Dr. António Simões Pina, Pôrto.
- 18 — Dr. António de Sousa Pereira, Pôrto.
- 19 — Prof. Dr. Aristides de Amorim Girão, Coimbra.
- 20 — Dr. Artur de Magalhães Basto, Pôrto.
- 21 — Dr. Augusto de Carvalho e Almeida, Pôrto.
- 22 — Dr. Augusto Henrique Maia de Medina, Chaves.
- 23 — Prof. Dr. Bento Carqueja, Pôrto.
- 24 — Bertino Daciano, Pôrto.
- 25 — Dr. Carlos de Passos, Pôrto.
- 26 — Dr. Cláudio Basto, Viana do Castelo.
- 27 — Dr. Cláudio Ferreira, Pôrto.
- 28 — Dr. Constâncio Mascarenhas, Pôrto.
- 29 — Capitão David Magno, Pôrto.
- 30 — Dr. Eduardo de Sousa Soares, Pôrto.
- 31 — Dr. Domingos Rosas da Silva, Pôrto.
- 32 — Arq. Emanuel Pedro Vitorino Ribeiro, Pôrto.
- 33 — Prof. Dr. Eusébio Tamagnini, Pôrto.
- 34 — Dr. Fermin Bouza Brey y Trillo, Lerida, Viella (Espanha).
- 35 — Fernando Carlos Pires de Lima, Pôrto.

- 36 — Florentino L. Cuevillas, Orense (Galiza, Espanha).
- 37 — Fran Paxeco, Cardiff (Inglaterra).
- 38 — Coronel Francisco Lacerda Machado, Portalegre.
- 39 — Capitão Francisco M. Oliveira Santos, Lunda (Angola).
- 40 — Dr. Francisco Nunes Guimarães Coimbra, Pôrto.
- 41 — Capitão Guilherme Sarsfield, Pôrto.
- 42 — Dr. Henrique de Almeida Miranda, Paris (França).
- 43 — Prof. Dr. Henrique de Vilhena, Lisboa.
- 44 — Prof. Dr. Hernani Bastos Monteiro, Pôrto.
- 45 — Eng. Humberto Mendes Corrêa, Pôrto.
- 46 — Dr. Humberto Pinto de Lima, Pôrto.
- 47 — Prof. Dr. Indalêncio Froilano de Melo, Gôa (Índia Portuguesa).
- 48 — Dr. J. A. Ferreira da Fonseca, Lisboa.
- 49 — Dr. Jaime Alberto de Castro Moraes, Pangim (Índia Portuguesa).
- 50 — Dr. Jaime Lopes Dias, Castelo Branco.
- 51 — Dr. João Crisóstomo de Egipsy Sousa, Gôa (Índia Portuguesa).
- 52 — Dr. João Gualberto de Barros e Cunha, Coimbra.
- 53 — Prof. Dr. Joaquim Alberto Pires de Lima, Pôrto.
- 54 — Dr. Joaquim Costa, Pôrto.
- 55 — Prof. Dr. Joaquim Fontes, Lisboa.
- 56 — Dr. Joaquim Pedro Vitorino Ribeiro, Pôrto.
- 57 — Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, Águas Santas.
- 58 — Dr. José Alvares de Sousa Soares, Pôrto.
- 59 — Dr. José Augusto Castelo Branco e Castro, Pôrto.
- 60 — Dr. José do Carmo Vaz, Pôrto.
- 61 — Dr. José Maciel Ribeiro Fortes, Pôrto.
- 62 — Prof. Dr. José Maria de Oliveira, Pôrto.
- 63 — Dr. José Marques de Anciães Proença, Coimbra.
- 64 — Dr. José Maximiano Corrêa de Barros, Vila Real.
- 65 — Prof. Dr. José Pereira Salgado, Pôrto.
- 66 — José de Pinho, Amarante.
- 67 — Prof. Dr. José Teixeira Rêgo, Matozinhos.
- 68 — Dr. Júlio Bettencourt Ferreira, Pôrto.
- 69 — Lerenô Antunes Barradas, Elvas.

- 70 — Luís António Abranches Couceiro do Canto Moniz,  
Pôrto.
- 71 — Dr. Luís António Rodrigues Lobo, Pôrto.
- 72 — Dr. Luís Bastos Viegas, Pôrto.
- 73 — Dr. Luís José de Pina Guimarães, Pôrto.
- 74 — Dr. Manuel Alves da Cunha, Loanda (Angola).
- 75 — Dr. Manuel Barbosa Soeiro, Lisboa.
- 76 — Dr. Manuel da Silva Gaio, Coimbra.
- 77 — Dr. Manuel Valadares, Lisboa.
- 78 — Capitão Mário Cardoso, Guimarães.
- 79 — Dr. Mário Lopes Gonçalves, Pôrto.
- 80 — Dr. Mário de Moraes Afonso, Pôrto.
- 81 — Ramiro Mourão, Granja.
- 82 — Dr. Ricardo Severo, S. Paulo (Brasil).
- 83 — Dr. Ruy Corrêa de Serpa Pinto, Pôrto.
- 84 — D. Sebastião Pessanha, Lisboa.
- 85 — Dr. Simeão Pinto de Mesquita, Pôrto.
- 86 — Dr. Tomás Lobo, Leça de Palmeira.
- 87 — Dr. Tomás Lopes Cardoso, Pôrto.
- 88 — Dr. Vasco Nogueira de Oliveira, Pôrto.
- 89 — Prof. Dr. Vergílio Corrêa, Lisboa.
- 90 — Visconde de Guilhomil, Foz do Douro.

## INSTITUIÇÕES

EM INTERCÂMBIO COM A SOCIEDADE DE ANTROPOLOGIA

### Pôrto:

Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências.  
Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina.  
Biblioteca da Faculdade de Medicina.

### Lisboa:

Academia das Ciências de Lisboa.  
Sociedade de Geografia.  
Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais.  
Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina.  
Instituto de Criminologia.  
Museu Etnológico Português.  
Associação dos Arqueólogos Portugueses.  
Agência Geral das Colónias.  
Brotéria.  
Serviços Geológicos de Portugal.  
Revista de História.

### Coimbra:

Biblioteca da Universidade de Coimbra.  
Instituto de Coimbra.  
Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina.

### Guimarães:

Sociedade Martins Sarmiento.

### Nova-Goa:

Escola Médico-Cirúrgica.

### Amsterdam:

Koloniaal Institut.

### Barcelona:

Associació Catalana d'Antropologia, Etnografia i Prehistoria.  
Institut d'Estudis Catalans.

### Castellón:

Sociedad Castellonense de Cultura.

### A Cruña:

Nós.

### Florença:

Instituto Geografico Militare.  
Società Italiana di Antropologia e Etnologia.

### Kharcov:

Institut Psychoneurologique Ukrainien.



## Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Séde:—Rua de Santa Catarina, 261-1.º

PORTO

### Sumário dêste fascículo:

Luis DE PINA:

**Bruxas e Medicina** (Pág. 117).

Luis CARDIM:

**Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos** (151).

**Vária:**—Nótulas asturienses (R. DE SERPA PINTO); Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica em Portugal; Museu Antropológico do Porto; Excavações arqueológicas em Espanha; Eugénia no Brasil; Instituto Arqueológico da Alemanha; «Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos» (L. C.); Afinidades galaico-portuguesas de folclore (SANTOS JÚNIOR) (175).

**Revista bibliográfica:**—KÖHLER (191); GERMAIN (194); M. & S. J. PÉQUART (195); RELLINI (196); OBERMAIER (196); AMERICAN SCHOOL (198); ARANZADI & BARANDIARÁN (199); PASSEMARD & BREUIL (199); ROUDYNSKY (199); JALHAY (200); ROUZIC (201); PAN Y FERNÁNDEZ (201); ROSEIRA (201); CATÁLOGO DOS CASTROS GALEGOS (202); M. CARDOSO (202); DIAS PINHEIRO (203); SCHULTEN (203); JOSÉ DE PINHO (204); SUEIRO (204 e 205); GENNA (206); SERGI (206); LUNDBORG (209); EICKSTEDT (210); GRUETZNER (210); TEN KATE (211); SILVA CORREA (212 e 214); CAMOTIM (215); JAZZETTA (216); SELIGMAN (217); SUK (218); NICEPORO (218); PEDRAYO (219); ELLIS JUNIOR (220); FRÓES ABREU (220); VULPESCO (221); LOPES DIAS (222); P. CHAVES (222); A. BRAGA (223); SAMPAIO & SOUCASAU (224).

**Lista dos membros da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia** (225).

**Instituições em intercâmbio com a Sociedade de Antropologia** (231).



# TRABALHOS

DA

## Sociedade Portuguesa

DE

# Antropologia e Etnologia

VOL. IV—FASC. III

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

PORTO

IMPRENSA PORTUGUESA

116—Rua Formosa—116

1930

I. N. E.  
BIBLIOTECA  
Portuguesa  
3622

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Séde:—Rua de Santa Catarina, 261-1.º

PORTO

Sumário dêste fascículo:

LUÍS DE PINA:

Bruxas e Medicina (Pág. 117).

LUÍS CARDIM:

Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos (151).

**Vária:**—Nótulas asturienses (R. DE SERPA PINTO); Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica em Portugal; Museu Antropológico do Porto; Excavações arqueológicas em Espanha; Eugenia no Brasil; Instituto Arqueológico da Alemanha; «Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos» (L. C.); Afinidades galaico-portuguesas de folclore (SANTOS JÚNIOR) (175).

**Revista bibliográfica:**—KOHLER (191); GERMAIN (194); M. & S. J. PÉQUART (195); RELLINI (196); OBERMAIER (196); AMERICAN SCHOOL (198); ARANZADI & BARANDIARÁN (199); PASSEMARD & BREUIL (199); ROUDYNSKY (199); JALHAY (200); ROUZIC (201); PAN Y FERNÁNDEZ (201); ROSEIRA (201); CATÁLOGO DOS CASTROS GALEGOS (202); M. CARDOSO (202); DIAS PINHEIRO (203); SCHULTEN (203); JOSÉ DE PINHO (204); SUEIRO (204 e 205); DENNA (206); SERGI (206); LUNDBORG (209); EICKSTEDT (210); GRUETZNER (210); TEN KATE (211); SILVA CORRÊA (212 e 214); CAMOTIM (215); JAZZETTA (216); SELIGMAN (217); SUK (218); NICEFORO (218); PEDRAYO (219); ELLIS JUNIOR (220); FRÔES ABREU (220); VULPESCO (221); LOPES DIAS (222); P. CHAVES (222); A. BRAGA (223); SAMPAIO & SOUCASAU (224).

**Lista dos membros da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia** (225).

**Instituições em intercâmbio com a Sociedade de Antropologia** (231).



TRABALHOS

DA

Sociedade Portuguesa

DE

Antropologia e Etnologia

VOL. IV—FASC. III

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

PORTO

IMPRESA PORTUGUESA

116—Rua Formosa—116

1930

I. N. E.  
BIBLIOTECA  
Portuguesa  
3622

INSTITUTO DE ANATOMIA DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

Director—Prof. J.-A. Pires de Lima

## DISSECÇÃO DUM NEGRO DE MOÇAMBIQUE

por

ÁLVARO RODRIGUES, LUÍS DE PINA e SOUSA PEREIRA

Assistentes

As populações indígenas de Moçambique têm sido pouco estudadas sob o ponto de vista antropológico. O primeiro investigador português que se ocupou dêsse assunto foi o prof. Américo Pires de Lima <sup>(1)</sup> que, estando mobilizado naquela colónia por ocasião da Grande Guerra (1916-1917), teve ocasião de observar 169 indivíduos vivos. Antes dele, diversos antropologistas estrangeiros estudaram 58 crânios e 6 indivíduos vivos <sup>(2)</sup>.

O segundo trabalho nacional sôbre Antropologia de Moçambique deve-se ao prof. J. A. Pires de Lima e ao dr. Constâncio Mascarenhas <sup>(3)</sup> que, em 1924, procederam ao estudo de 14 crânios de indígenas do sul daquela nossa Província africana.

Que nós saibamos, sômente tinham sido, até agora, dissecar-

(1) Américo Pires de Lima, *Contribuição para o estudo antropológico dos indígenas de Moçambique*. «Anais Scientificos da Faculdade de Medicina do Porto» IV, 3-1918.

(2) Quatrefages & Hamy, *Crania Ethnica*. Paris, 1882; Struck, *Versuch einer Karte des Kopfindex in mittleren Afrika*. «Zeitschrift für Ethnologie», 1922.

(3) J. A. Pires de Lima & Constâncio Mascarenhas, *Contribuição para o estudo antropológico de Moçambique*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», IX, 1924-25.

dos dois negros daquela região (1). No Congresso de Londres da Association des Anatomistes (1927) o prof. Loth (2), de Varsóvia, propôs que se organizasse uma comissão internacional encarregada de fomentar o estudo sistemático da antropologia das partes moles (músculos, vísceras, vasos e nervos) das diversas raças (C. I. R. P.). No congresso seguinte da mesma Associação, o prof. Loth (3) desenvolveu a sua idéa e, a seguir, distribuiu um questionário destinado a promover sistematicamente aquelas investigações. Recentemente Sir Arthur Keith, fazendo a história da C. I. R. P., mostra como é absolutamente essencial a cooperação internacional para poder chegar-se a estudar a Anatomia das Raças (4).

Tendo entrado neste Instituto, em 13 de Setembro de 1928, um Negro (A. C.), de 25 anos, mendigo, natural de Lourenço Marques, Moçambique, procedemos à sua dissecação, seguindo cuidadosamente o referido questionário, procurando dêste modo colaborar na obra que se propôs realizar a C. I. R. P. Vimos hoje aqui apresentar o resultado do nosso estudo (5).

(1) Cuvier (cit. por Loth, Chudzinski, etc.), *Anatomie comparée*—Récueil de planches de myologie (dessinées par Cuvier ou exécutées sous ses yeux par Laurillard). Paris, 1850-1856; E. Duchesne, *Notes sur quelques anomalies régressives observées sur les viscères d'un nègre mozambique*. «Bulletin de la Société d'Anthropologie de Paris», t. IV, 5.<sup>a</sup> série. Paris, 1881.

(2) E. Loth, *Sur la nécessité de l'organisation d'un comité international pour les recherches sur les parties molles des indigènes primitifs*. «Comptes Rendus de l'Association des Anatomistes», 22.<sup>me</sup> Réunion. Londres, 1927.

(3) E. Loth, *Le comité international pour les recherches sur les parties molles*. «Comptes-Rendus de l'Association des Anatomistes», Prague, 1928.

(4) Sir Arthur Keith, *Comité international des recherches des parties molles (parties non osseuses)*. «Journal of Anatomy», vol. LXIV, part. I. October 1929, Londres.

(5) Já foi publicado um resumo dêste trabalho: A. Rodrigues, L. de Pina & Sousa Pereira, *Dissection d'un Nègre de Mozambique* («Folia Morphologica», vol. I, n.ºs 2-3. Warszawa, 1929).

*Cabeça:*

Risório de Santorini—existe.

Transverso do mento—existe.

Transverso da nuca—existe.

Epicraniano parietò-temporal—ausente.

Auricular posterior—existe.

*Pescoço:*

Ômò-ioideu—adiante nos referiremos a êste músculo.

Esternò-clidò-ioideu—normal.

*Tronco:*

Prèesternal—ausente.

Parte abdominal do Grande peitoral—não existe, estendendo-se sòmente até à 5.<sup>a</sup> costela e 5.<sup>o</sup> intercostal interno.

Costelas onde se insere o Grande dentado—à direita, até à 9.<sup>a</sup> costela; à esquerda, até à 10.<sup>a</sup> costela.

Número de intersecções aponevróticas do Recto anterior do abdome—3 de cada lado, sendo duas acima do umbigo.

Costelas em que se insere o Grande recto do abdome—5.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> e apêndice xifoideu.

Costelas de inserção do Grande oblíquo—7 últimas costelas.

Costelas de inserção do Pequeno oblíquo—8.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup> costelas.

Costelas de inserção do Transverso—6.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup>, 9.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup>.

Piramidal—existe.

*Dorso:*

Última inserção espinhosa do Trapézio—8.<sup>a</sup> dorsal.

Inserções do Grande dorsal nas apófises espinhosas das vértebras dorsais—da 6.<sup>a</sup> dorsal à 5.<sup>a</sup> lombar.

Inserções costais do Grande dorsal—6 últimas costelas.

Dorsò-epitrociano—ausente.

Apófises transversas que recebem fibras do Angular da omoplata — 5 primeiras apófises transversas.

Apófises espinhosas cervicais e dorsais onde se insere o Esplénio — inferiormente, até à 5.<sup>a</sup> apófise espinhosa dorsal e superiormente nos  $\frac{2}{3}$  inferiores do ligamento cervical posterior.

*Membro superior:*

Feixes supranumerários do Bicipite — ausentes.

Feixe coronoideu do Redondo pronador — existe.

Palmar cutâneo — existe.

Inserção inferior do Curto extensor do polegar — na 1.<sup>a</sup> falange.

Inserção inferior do Longo extensor do polegar — na 2.<sup>a</sup> falange.

O Longo extensor recebe refôrço do curto extensor? — não.

Inserções e disposição dos Lombricais — normais.

*Membro inferior:*

Pequeno psoas — falta.

Piramidal da bacia — existe.

Qual a parte carnosa dos Gémeos da perna que desce mais? — a do Gémeo interno (2 cm. de diferença).

Plantar delgado — existe.

Tendões do Flexor peronial — um, para o hallux.

Tendões do Flexor tibial — cinco, contando-se um acessório, que adiante se descreverá.

Peronial anterior — existe.

Curto flexor dos dedos — normal.

*Aparelho digestivo:*

Número de cristas da abóbada palatina — Torus palatino.

Papilas calciformes dispostas em V.

Comprimento do intestino delgado — 4<sup>m</sup>,60.

Comprimento do intestino grosso — colons transverso, ascendente e descendente, 1<sup>m</sup>,14; colon ileo-pélvico, 56 c.; total, 1<sup>m</sup>,70.

Comprimento do apêndice — 11 centímetros.

Divertículo de Meckel — ausente.

Pêso do fígado — 795 gramas.

Pêso do baço — 122 gramas.

*Aparelho respiratório:*

Número de cornetos nasais — normal.

Ossificação das cartilagens laringeas — não existe.

Cricó-tiroideas unidas ou separadas? — separadas.

Tamanho do ventrículo da laringe — esquerdo, 17<sup>mm</sup> × 4<sup>mm</sup>; direito, 15<sup>mm</sup> × 3<sup>mm</sup>.

Número de lobos pulmonares — à direita, dois lobos quasi inteiramente separados (fig. 1); à esquerda, foi impossível verificar a lobulação, devido às extensas lesões patológicas do órgão.

Pêso da glândula tiroidea — 7<sup>gr</sup>,7.

*Rins:*

Forma do bacinete — ramificado, de ambos os lados, mais à direita que à esquerda (fig. 2).

*Sistema vascular:*

Pêso do coração — 190 gramas.

Ramificação do tronco bráquio-cefálico — normal.

Origem da carótida primitiva — normal.

Origem das artérias vertebraes — normal.

Origem da artéria sub-clávia direita — normal.

Origem da artéria tiroidea superior — normal.

A artéria laringea não perfura a cartilagem tiroidea, mas sim a membrana tiroidea.

Artéria mediana e *corona-mortis* — não se pôde verificar a sua existência.

Como se vê, as variações anatómicas que respondem ao questionário do prof. Loth não são em grande número, nem muito importantes. Contudo, algumas delas merecem especial referência,



aínda que muito breve, reservando mais latas considerações para as variedades que se observaram em músculos não incluídos no referido questionário. Sem dúvida que não deixaremos de cotejar as que se nos afiguraram mais notáveis com as investigações em



Fig. 1

Negros, devidas ao prof. Loth, confrontando-as também com as observadas na raça branca, especialmente em indivíduos portugueses. Não podemos fazê-lo com as registadas por Cuvier num outro Negro de Moçambique, em seu Atlas de Anatomia Comparada, porquanto não nos foi possível consultá-lo, o mesmo dizendo para algumas que vêm citadas em volumes e revistas cuja leitura não pudemos fazer. Passaremos já ao estudo do

### M. Transverso da nuca

À direita, o *m. Transverso da nuca* (fig. 3) apresentava-se sob a forma de uma massa carnosa triangular, situada entre as inserções dos *m. Occipital* e *Grande complexo*. Naseia para fóra da protuberância occipital externa, havendo a distância de 2 centímetros entre essa origem e a do seu homólogo esquerdo. Pela sua parte mais afilada, isto é, anterior, ligava-se por uma delgada fita ten-

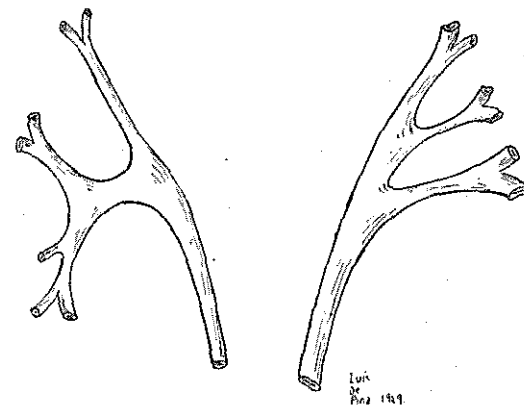


Fig. 2

dinosa às fibras carnosas do feixe inferior do *m. Auricular posterior* do mesmo lado; o músculo em questão, a-pesar-de dificilmente o dissecarmos, apareceu bem evidenciado, sem relação de espécie alguma com os *m. Occipital*, *Trapézio*, *Esternó-clidó-mastoideu* e *Grande complexo*, que o avizinham. A máxima largura acusava  $1\frac{1}{2}$  centímetros; a mínima (extremidade anterior) 3 milímetros. A fita tendinosa que o punha em relação com o músculo auricular posterior media de comprimento  $1\frac{1}{2}$  centímetros, por 3 milímetros de largo.

A esquerda, a forma, a disposição e as relações com outros músculos vizinhos eram semelhantes às referidas do homólogo

direito, e sensivelmente do mesmo tamanho (fig. 4). Estava também unido ao feixe superior do *m. Auricular posterior*, mercê dum conjunto de fibras tendinosas idêntico ao do lado direito.

O *m. Transverso da nuca* (*Transversus nuchae*) ou *Occipital transverso*, também estudado por Schultze, que o descreveu pela primeira vez, varia em frequência segundo as raças. Assim, nos *Maldaios* (Koster) aparece 100 %; nos *Japoneses* (Kudo), 50 %; falta nos *Hotentotes* e *Melanésios* (Fetzer, Hanlem, Riemschneider) (1). O prof. Loth apresenta a estatística de 36,7 % nos Euro-

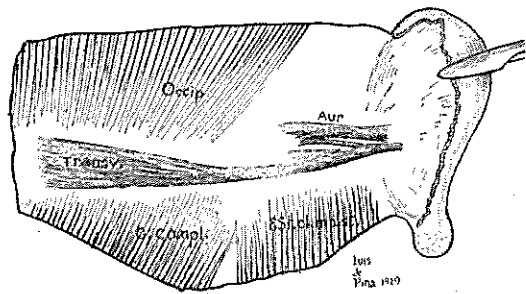


Fig. 3

peus e 58 % nos *Negros* (Chudzinski, 9 vezes em 13 indivíduos; Eggeling, 2 em 6; Loth, 2 em 2; Turner, 1 em 1; Hartmann e Popowski, tendo cada um dissecado um indivíduo, não o encontraram). A estatística dos Europeus é dada por Le Double, que o assinalou 8 vezes em 34 indivíduos; Macalister (?) 7 em 30; e Schultze, 18 em 25 (total: 33 vezes em 89 indivíduos) (2). Devemos mencionar neste lugar o nome do sr. prof. Henrique de Vilhena, a quem se deve, não só o valioso trabalho sobre músculos

(1) L. Testut, *Traité d'Anatomie Humaine*, huitième édition, par A. Latarget, t. I. Paris, 1928.

(2) E. Loth, *Beiträge zur Anthropologie der Negerweichteile (Muskelsystem)*. Stuttgart, 1912.

subcutâneos do crânio (1), mas também a dissecção de dois indivíduos negros das nossas colônias, uma mulher de Angola (Loanda) e um homem de Cabo Verde (S. Tiago). À dissecção efectuada nesses cadáveres dedicou algumas páginas dos seus *Arquivos de Anatomia e Antropologia*. Tratando do Negro, André R., de 60 anos, observado por aquele anatómico no Hospital de Práia, descreve um *m. Transverso da nuca*, bilateral, que do lado esquerdo se continuava com as fibras tendinosas da inserção occipital do *m. Esternoclavicular* e com o *m. Auricular posterior* por meio de

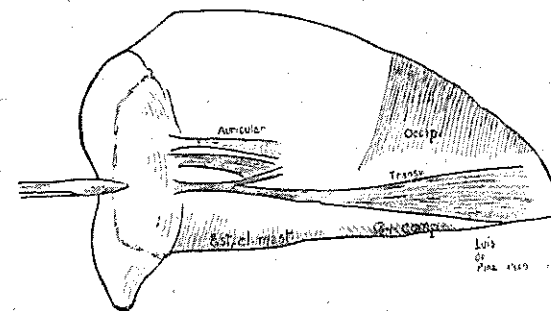


Fig. 4

fibras aponevróticas; à direita, simplesmente aderira por fibras idênticas ao primeiro daqueles músculos. Como não pôde dissecar a cabeça e o pescoço da Negra Emília M. do C., de 30 anos, nada refere sobre a respectiva musculatura. O Negro foi dissecado em 1913, a negra em 1914 (2). Outras observações de diferentes músculos têm sido observadas em indivíduos de cor por anatómicos portugueses, mas não sistematicamente, nada se tendo registado, à parte um caso de bifurcação inferior do *m. Bicipite*

(1) H. de Vilhena, *Os músculos subcutâneos do crânio estudados no tipo português humilde*, fasc. I. Lisboa, 1911.

(2) H. de Vilhena, *Observações anatómicas, v. Notas da dissecção muscular de dois negros*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. VII. Lisboa, 1921-22.

*braquial*, descrito pelo sr. prof. Pires de Lima, visto no cadáver dum Negro da Ilha de S. Tomé (1). Vallois regista a ausência do m. Transverso da nuca num Negro da Martinica (2); Turner, num outro negro, verificou a sua existência, dizendo serem indeterminadas as inserções; estava em íntima relação com o m. Trapézio (3). Le Double (4) descreve pormenorizadamente as variações do músculo de que estamos falando; cita as suas relações íntimas com os m.ºs Auricular posterior e esternò-clidò-mastoideu; no caso de haver união entre o primeiro destes dois músculos e o m. Transverso da nuca, o conjunto parece formar um músculo digástrico; essa disposição apareceu Negro que dissecamos. Aponta ainda aquele anatómico a relação que pode ter com o m. Trapézio, citando casos de Gibson, Vallet, Henle, etc.; Walter, Theile, Schultze, Macalister, etc., segundo indica, observaram as suas relações directas com os m.ºs Esplénio, Auricular posterior, Esternò-clidò-mastoideu e Trapézio. Mais diz aquele autor que, a ser bilateral a existência do músculo em questão, os dois Transversos se unem ao nível da protuberância occipital externa, dizendo Testut (cit. por Le Double) que não conhecia « *aucun fait en désaccord avec cette dernière assertion* ». No nosso caso, os músculos Transversos direito e esquerdo encontravam-se separados um do outro por um espaço que media 2 centímetros; desta maneira a nossa observação está em desacôrdo com a de Le Double e Testut. No que respeita à frequência do músculo, e para completar os

(1) J. A. Pires de Lima, *Nova série de observações portuguesas de anomalias musculares*. « Arquivo de Anatomia e Antropologia », vol. I. Lisboa.

(2) H. Vallois, *Dissection d'un noir de la Martinique*. « *Révue Anthropologique* ». Paris, 1926.

(3) Turner, *Notes of the dissection of a negro*. « *The Journal of Anatomy and Physiology* », vol. XIII, 1879.

(4) Le Double, *Traité des variations du système musculaire de l'Homme et de leur signification au point de vue de l'anthropologie zoologique*. Paris, 1897.

dados sobre ela já atrás referidos, aqui deixamos esta estatística: Le Double e Schultze, 18 vezes em 20 indivíduos; Flesh obteve uma percentagem menor; Knott observou aquele músculo 7 vezes em 28 indivíduos e o próprio Le Double, como já se disse, 8 vezes em 34; segundo êle, a estatística de Macalister, atrás referida, deve ser a mais exacta. Testut, no seu tratado sobre *Les anomalies musculaires* (1), refere-se em muito breve discurso ao m. Transverso da nuca; Eisler aponta-o mais ou menos conformado como os citados autores o descreveram (2).

#### M. Auricular posterior

À direita (fig. 3) êste pequeno músculo encontrava-se formado por 2 curtos e pouco desenvolvidos feixes, um superior, outro inferior, que se fixavam, a par e dum lado, na base da apófise mastoideá; de outro lado, sem auxílio de tendão, na convexidade do pavilhão da orelha, sendo um pouco mais anterior a inserção do feixe inferior. Dêste, desprendia-se um delgado ramo muscular que se juntava ao feixe superior, muito perto da sua inserção no osso; o feixe inferior media 3 centímetros de comprimento e 5 milímetros de largura máxima; o superior, respectivamente 2 1/2 centímetros e 4 milímetros. O comprimento do feixesinho proveniente do inferior, verdadeira anastomose carnosa entre os referidos dois feixes, era de 1 1/2 centímetro por 1 milímetro de largo. Como dissemos, a propósito do m. Transverso da nuca, os Auriculares direito e esquerdo estavam em relação íntima com êste músculo por meio de fibras tendinosas.

(1) L. Testut, *Les anomalies musculaires chez l'Homme expliquées par l'anatomie comparée*. Paris, 1884.

(2) P. Eisler, *Die muskeln des stammes*. Iena, 1912.

À esquerda (fig. 4), o m. Auricular compunha-se de 3 feixes, a que poderemos chamar superior, médio e inferior; as suas inserções faziam-se segundo uma linha vertical, e a par, na convexidade da concha do pavilhão, dum lado, e na base da apófise mastoideia, do outro. O médio era o mais forte, e o inferior o mais delgado, desdobrando-se êste a pouca distância da sua terminação posterior; dos dois ramos assim produzidos, o inferior unia-se ao m. Transverso da nuca pelas fibras tendinosas já mencionadas. A fixação dos 3 feixes na convexidade da concha realizava-se com a ajuda de curtos tendões, o que se não verificou no Auricular direito. As medidas dos 3 feixes são:

Superior — Comprimento: 3<sup>cm.</sup> × largura máxima, 3<sup>mm.</sup>;

Médio — Comprimento: 2 1/2<sup>cm.</sup> × largura máxima, 6<sup>mm.</sup>;

Inferior — Comprimento do corpo único: 1 1/2<sup>cm.</sup> × largura máxima, 2<sup>mm.</sup>; comprimento do ramo de bifurcação superior: 1<sup>cm.</sup> × largura máxima, 2<sup>mm.</sup>; comprimento do ramo de bifurcação inferior: 1<sup>cm.</sup>,3 × largura máxima, 3<sup>mm.</sup>.

Ao nível da inserção na concha o feixe médio estava mais próximo do superior que do inferior.

Segundo o prof. Loth (1), a constituição do m. Auricular posterior, quanto ao número de feixes, é variável: 1 só feixe, 40 0/0; 2 feixes, 36 0/0; 3 feixes, 25 0/0. Observações do m. Auricular posterior monofasciculado devem-se a Chudzinski (2), Eggeling (8), Loth (2); bifasciculado a Chudzinski (4), Eggeling (3), Flower e Murie (2), Popowski (2); trifasciculado, a Chudzinski (4), Eggeling (1) e Loth (2), num total de 30 observações. O comprimento, diz aquele anatómico, varia entre 23 e 50 milímetros. Nas nossas observações, como se viu, o músculo era bifasciculado à direita, trifasciculado à esquerda, variando o comprimento dos feixes entre

(1) E. Loth, *ob. cit.*

25 e 30 milímetros; Popowski (1), num Negro achanti, observou um caso de m. Auricular posterior formado por dois feixes cilíndricos e desiguais, próximo um do outro; um, inferior, de 3<sup>cm.</sup>,5 de comprimento; outro, inferior, de 2<sup>cm.</sup>,4. Esta observação, pelo que se lê, é muito semelhante à que encontramos no nosso Negro, à direita; Vallois (2), no Negro Simeón, da Martinica, disseçou um m. Auricular posterior idêntico, com 2 feixes, indo do occipital à convexidade da concha, medindo um 23 milímetros de comprimento, outro 44, com a largura respectivamente de 7 e 4 milímetros. Em Portugal, registamos o trabalho do sr. prof. Vilhena sobre êste músculo, onde nos apresenta vários casos por si colhidos; êste autor chegou a esta conclusão: nos indivíduos entre 20 e 60 anos era maior a freqüência de m. Auriculares posteriores constituídos por 2 feixes; seguiam-se, na ordem, os formados por um sòmente e depois os trifasciculados; em sua opinião, os primeiros são os mais freqüentes; refere as relações com os m.<sup>os</sup> Occipital e Transverso da nuca. No Negro de Cabo Verde disseçou aquele anatómico os m.<sup>os</sup> Auriculares: o direito que possuía com um só feixe e o esquerdo com dois (3). Le Double di-lo raramente ausente; constituído por 2 feixes observaram-no Whinie, Walther, Soemmering, etc.; por 3, Casserio, Sandifort e Albino, que lhes chamou *tres retrahentes auriculam* (4); refere ainda alguns casos em que o músculo se compunha de 4 feixes (Valsalva, Morgagni, Haller e Soemmerring); da sua divisão em 5 e 6 feixes fala Duverney, que a observou, mas que Le Double nunca viu. Chudzinski, citado por êste autor, diz que o m. Auricular posterior é mais comprido nos brancos que nos mongolóides.

(1) J. Popowski, *Les muscles de la face chez un nègre Achanti*. «L'Anthropologie», t. I. Paris, 1890.

(2) Vallois, *op. cit.*

(3) H. Vilhena, *ob. cit.*

(4) Le Double, *ob. cit.*

## M. Ómò-ioideu com feixe de refôrço clavicular

O ómò-ioideu direito (fig. 5) do Negro que dissecamos apresentava-se com forma e constituição normais, à parte esta pequena particularidade: do bôrdo anterior do seu ventre posterior, 3 cen-

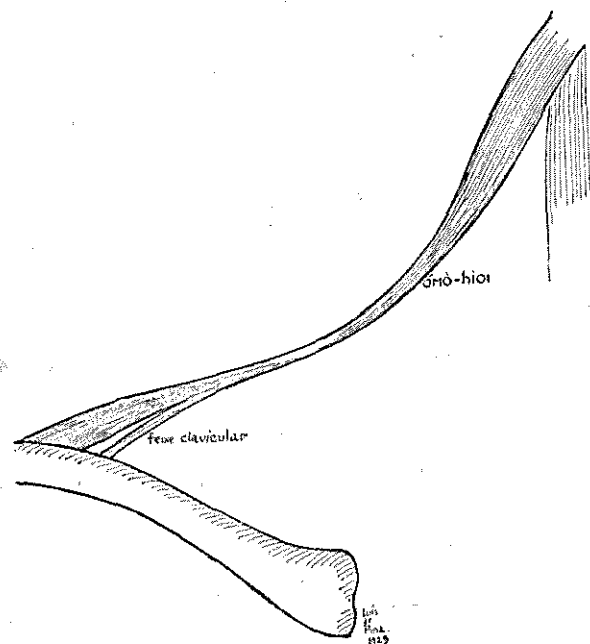


Fig. 5

tímetros abaixo do tendão intermediário, destacava-se um delgado feixe muscular de 3 centímetros de comprimento por 3 milímetros de largura, feixe que se prendia no bordo posterior da clavícula com a ajuda dum pequeno tendão; esta inserção fazia-se no ponto-limite dos terços externo e médio daquele osso. À esquerda, tal feixe não existia.

Diferentes anomalias dêste músculo apareceram já registadas em trabalhos portugueses. O sr. prof. Pires de Lima já em 1911

descrevia um caso de variação do seu ventre anterior (1). Mais tarde, apresentava novas observações, acompanhadas dum curto estudo sobre certas modalidades do músculo, especialmente daquela que primeiramente registou; aí cita os nomes de Henle, Turner, Gegenbaur e Albrecht, que lhes andam ligados, e repete a opinião do penúltimo anatómico que dizia ser o *Clidò-ioideu* mais vulgar nos Negros (2). O sr. prof. Hernâni Monteiro, nas suas *Notas Anatômicas*, conta da existência dum m. Ómò-ioideu esquerdo sem tendão intermediário, o que aconteceria, segundo Wood, uma vez em 30 cadáveres (3). Por seu turno, o sr. prof. Amândio Tavares apresentou um caso de ausência de tendão intermediário; fazendo várias considerações sobre as variedades do músculo e sobre a duplicidade do seu ventre anterior, citando a percentagem de 7% (Wood, cit. por Le Double), refere-nos uma observação de ventre anterior duplo: um dos feixes considerou-o normal e ia prender-se no osso ióide; o outro perdia-se no m. Esternò-clidò-ioideu (4). Grande número de anomalias do músculo registou o sr. prof. Vilhena, dizendo que as respeitantes aos músculos infra-ioideus são mais frequentes no homem que na mulher.

Os casos que descreveu são variados: ómò-ioideu trigástrico (à direita), monogástrico, ómò-clidó-ioideu, ausência do ventre anterior (clidò-ioideu), fusão com músculos vizinhos, um esternò-biclidò-ioideu, um esternò-clidò-ómò-ioideu, feixes supranumerá-

(1) J. A. Pires de Lima, *Notas de Anatomia. II. Sobre algumas variações musculares e sua importância antropológica e cirúrgica*. «Gazeta dos Hospitais do Pôrto», n.º 7, 1911.

(2) J. A. Pires de Lima, *Algumas observações de anomalias musculares*. «Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Pôrto», n.º 1, vol. I. Pôrto.

(3) H. Monteiro, *Notas Anatômicas, XXXIV-XLVII*. «Anais da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro», ano IV, 1920.

(4) A. Tavares, *Variações anatómicas*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. X. Lisboa, 1926.

rios, etc. Os que, todavia, se aproximam do que observamos, são aqueles que possuíam um feixe clavicular, o que ainda não tinha visto até à data, a-pesar-de ser muito freqüente (1). O prof. Loth enumera alguns casos de feixe clavicular apontados por vários dissecadores: Gegenbaur (1 em 12 cadáveres) e Le Double (1 em 30); nos Negros, Chudzinski e Giacomini observaram também essa divisão, obtendo a proporção de 6,6 % (2). Turner refere-se a alguns casos de ausência do ventre posterior, um dos quais num Negro (3); Chudzinski, num Negro, notou a ausência do tendão intermediário e numa Negra a duplicidade de inserção inferior: no bordo superior da omoplata e na clavícula; numa mulher Anamita viu um feixe destacado do tendão intermediário, que se prendia na cartilagem trioidéa (4). Noutra Negra, senegalense, dissecou um m. Ómò-ioideu muito semelhante ao que encontramos: da mesma forma possuía um feixe supranumerário que, nascido um pouco acima da clavícula, nela se prendia numa extensão de 8 milímetros (5). Um dos casos de Giacomini é idêntico ao nosso (6). No Teatro Anatómico do Instituto de Anatomia, um de nós (Álvaro Rodrigues), dissecou este ano dois exemplares, ambos à direita, que apresentavam um feixe clavicular e ausência de tendão intermediário (7).

(1) H. de Vilhena, *Observações anatómicas*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. I. Lisboa, 1912-14; II, vol. III, 1915-17; V, vol. VII, 1921-22.

(2) E. Loth, *ob. cit.*

(3) Turner, *ob. cit.*

(4) Chudzinski, *Contribution à l'étude des variations musculaires dans les races humaines*. «Révue d'Anthropologie», t. V. Paris, 1882.

(5) Chudzinski, *Quelques notes sur l'anatomie de deux nègres*. «Révue d'Anthropologie», t. VII. Paris, 1884.

(6) G. Giacomini, *Annotations sur l'anatomie du nègre* (3.º mémoire). «Archives Italiennes de Biologie», t. V. Turim, 1884.

(7) Luís de Pina, *Variações musculares*, II. A publicar nos «Arq. de Anat. e Antrop.», Lisboa.

Le Double diz ser rara a ausência total do músculo; refere as diversas modalidades de forma, de inserção, etc.; no que respeita ao feixe clavicular êle próprio verificara 5 vezes em 56 indivíduos a sua presença; Wood, 8 vezes em 373; Hallett, uma vez em 15; Schwege, 2 vezes em 100; Gegenbaur, um só caso em 12 e Walsham também um só em 20. Termina dizendo que o reforço do ventre posterior do m. Ómò-ioideu por um feixe clavicular é a mais comum das suas anomalias (1). O tratado de Testut informa ainda que êsses feixes de reforço podem provir do ligamento coracoidéu, da apófise coracoidéa, do acrómio ou da primeira costela (2).

#### M. Esternò-clidò-mastoideu com 2 feixes claviculares

O m. Esternò-clidò-mastoideu esquerdo (fig. 6) apresentava-se superiormente dividido em 3 porções: uma esternal e duas claviculares; a divisão fazia-se 12 centímetros acima da clavícula; o terceiro feixe, que chamaremos acessório, vinha inserir-se, em baixo, na face superior e bordo anterior da clavícula, adiante e um pouco para fóra da inserção do feixe clavicular, por meio de um tendão disposto em leque; media 12 centímetros de comprimento e 5 milímetros de largura máxima. O homólogo direito era normal.

É já grande o número de observações portuguesas de músculos Esternò-clidò-mastoideus anómalos. Com 2 feixes claviculares, já um descreveu o sr. prof. Pires de Lima; um dêles seria o *Clidò-occipital de Wood*, não completamente independente; esta observação deve assemelhar-se muito à nossa (3). Ao sr. prof. Hernâni

(1) Le Double, *ob. cit.*

(2) L. Testut, *Traité d'Anatomie Descriptive*. *Ob. cit.*

(3) J. A. Pires de Lima, *Variações musculares, vasculares e nervosas*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. II. Lisboa, 1914-16.

Monteiro deve-se o registo de meia dúzia de casos de variações do músculo, quatro dos quais dizem respeito a desdobramento do feixe clavicular (1); são estes os que mais se parecem

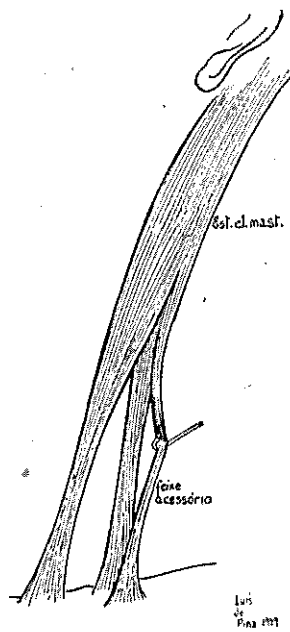


Fig. 6

com aquele que descrevemos. O sr. prof. Amândio Tavares estudou também 10 variedades de m. Esternò-clidò-mastoideu; três dêles podem considerar-se análogos ao que registamos, pois se trata duma divisão do músculo em 3 feixes; dos restantes, 3 dizem respeito a um desmembramento em 4 porções; outro em 5 e outro ainda em 6 feixes; duas das suas observações dizem respeito à fusão dos tendões esternais (2). O sr. prof. Vilhena registara também alguns casos: 1 de trifurcação unilateral e 3 outros bilaterais, semelhantes (3). Um de nós (Luís de Pina) descreveu já um outro caso de divisão do músculo em quatro feixes (4). Giacomini

dissecou numa Negrinha da Abissínia um m. Esternò-clidò-mastoideu

com desdobramento da porção clavicular (4). Chudzinski verificou numa Negra de Angola um terceiro feixe clavicular (2); além dêste, cita mais alguns casos de feixes clidò-occipitais acessórios em indivíduos de côr, nenhum dos quais se assemelha ao nosso (3). O prof. Loth refere-se às variações dêste músculo, principalmente das que se relacionam com o *Clidò-occipital de Wood* (4). Le Double, tratando de outras variações do m. Esternò-clidò-mastoideu faz várias considerações sôbre aquele feixe a que Wood deixou ligado o seu nome, e de que o segundo clavicular por nós dissecado é um incompleto representante. Êste feixe, observado e descrito por inúmeros dissectores, foi encontrado por Wood 37 vezes em 102 indivíduos e por Gruber, completamente independente, 2 vezes em 40; unido à porção clidò-mastoidéa, 1 vez em 3 e ao m. Trapézio, 7 vezes em 70 (5).

#### M. Subclávio

O m. Subclávio esquerdo (fig. 7) apresentava a seguinte variedade na sua inserção externa: em vez de prender-se totalmente na goteira própria da face inferior da clavícula, resolvia-se a sua parte carnosa em dois poderosos tendões, chatos e largos, um superior, outro inferior, que se fixavam respectivamente na face superior e bordo interno da apófise coracoidéa, e na face inferior e igual bordo da citada apófise. Entre êles deslizava o tendão do m. Pequeno peitoral. O superior enviava algumas fibras para a

(1) H. Monteiro, *Notas anatómicas*, XXXIV-XLVII. *Ob. cit.*; XIX-XXXIII. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. V. Lisboa, 1919; «Anais Scientificos da Faculdade de Medicina do Pôrto», n.º 4. Pôrto, 1917-18.

(2) A. Tavares, *Variations du muscle sterno-cléido-mastoïdien*. «Annalles d'Anatomie Pathologique et d'Anatomie normal médico-chirurgicale», n.º 6, 1926; *Variações anatómicas*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. X. Lisboa, 1926.

(3) H. de Vilhena, *Observações anatómicas*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. I. Lisboa, 1912-14; II, vol. III. Lisboa, 1915-17.

(4) Luís de Pina, *Variações musculares*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. XIII. Lisboa, 1929.

(1) G. Giacomini, *Ob. cit.*

(2) Chudzinski, *Contribution à l'anatomie du nègre*. «Revue d'Anthropologie», t. III. Paris, 1873.

(3) Chudzinski, *Contribution à l'étude des variations musculaires dans les races humaines*. *Ob. cit.*

(4) E. Loth, *Ob. cit.*

(5) Le Double, *Ob. cit.*

parte mais alta da cápsula articular da espádua e para o tendão comum dos ms. Córaco-braquial e curta porção do Bicípite, no ponto em que êle se fixa à apófise coracoidéa; semelhante disposição se notou a direita.

O prof. Loth regista idêntica variação nos Negros, não apresentando estatística (1). Giacomini viu, na Negrinha da Abissínia, o

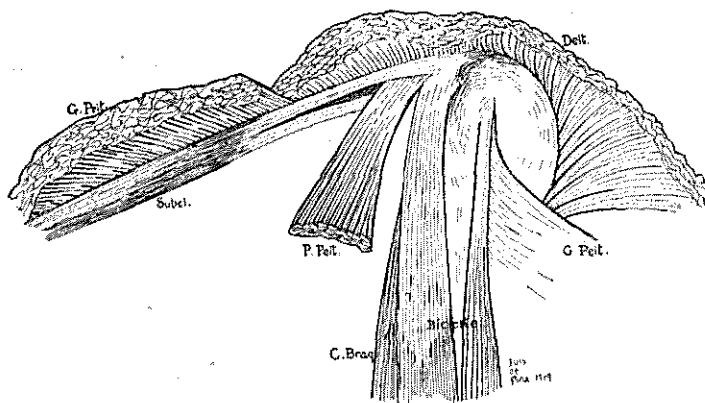


Fig. 7

m. Subclávio prender-se à base daquela apófise, citando um caso análogo de Testut (2). Diz Giacomini que ao músculo que assim se apresenta bem pode chamar-se *Costo-coracoideu*; em muitos animais o m. Subclávio está unido ao m. Pequeno peitoral, dizendo aquele anatómico que em tal facto se encontra a explicação daquela anomalia. Conhecem-se outras disposições anormais do m. Subclávio e outros músculos que com êle estão relacionados directamente, chamados *Claviculares supranumerários*. O sr. prof. Hernâni Monteiro ocupou-se bastante desenvolvidamente desses músculos periclaviculares, descrevendo um caso pessoal que con-

(1) E. Loth, *ob. cit.*

(2) G. Giacomini, *ob. cit.*

sidera uma variedade dos ms. Esternò-condrò-escapulares (1). Noutro lugar mencionamos um m. Supra clavicular descrito pelo sr. prof. Pires de Lima (2), adicionando a êsse caso duas observações de m. Subclávio (3). Um de nós (Luís de Pina), teve já ocasião de descrever uma observação de m. Subclávio que se prendia no punho do esterno, próximo da articulação esternò-clavicular, por um tendão de 2 centímetros de comprimento (4). Eis os casos que podemos acusar de variações do m. Subclávio em indivíduos portugueses e mais em relação com o do Negro de Moçambique. Cloquet viu o m. Subclávio inserir-se nos ligamentos conóide ou trapezóide, apófise coracoidéa ou acrómio (5). Testut notou a sua terminação naquela apófise, bem como um outro caso em que da aponevrose própria do músculo se originava um tendão mais ou menos resistente que ia fixar-se na citada apófise; pelo mesmo anatómico foi vista a quasi completa inserção do músculo naquela eminência óssea (6). Até ela viram-no chegar Boehner e Sandifort (7). Le Double marca o nome de Kölliker numa observação de m. Subclávio substituído por um ligamento; Gruber viu 7 exemplares de m. Esternò-condrò-escapular no lugar do m. Subclávio. Le Double inclinou-se a acreditar que muita vez se enganaram os dissectores chamando Subclávio ao m. Condrò-escapular, sempre que a inserção se fazia no acrómio, na apófise coracoidéa, no bordo supe-

(1) Hernâni Monteiro, *Notas anatómicas*, xxxiv-xlvii. *Ob. cit.*

(2) J. A. Pires de Lima, *Variações musculares, vasculares e nervosas*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. II. Lisboa, 1916.

(3) Hernâni Monteiro, *Sur le muscle chondro-epitrochlearis. Sur les muscles periclaviculaires surnuméraires*. «Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles», t. IX. Lisboa, 1921.

(4) Luís de Pina, *Variações anatómicas*. *Ob. cit.*

(5) L. Testut, *Les anomalies musculaires*. *Ob. cit.*

(6) L. Testut, *idem*.

(7) L. Testut, *Traité d'Anatomie humaine*. *Ob. cit.*



rior da omoplata, etc. (1). No caso que observamos tratava-se realmente dum m. Subclávio, a-pesar-de a sua inserção na face inferior da clavícula ser pouco extensa.

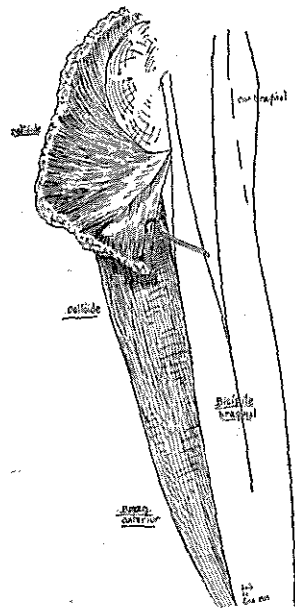


Fig. 8

#### Fusão dos Ms. Deltóide, Braquial anterior e Grande peitoral

Esta disposição particular dos três músculos notava-se dos dois lados e consistia na ausência de espaço deltó-peitoral, na inserção da mór parte dos feixes claviculares do m. Deltóide no tendão do m. Grande peitoral e na ausência de linha separativa entre a inserção inferior do m. Deltóide e a superior do m. Braquial anterior, encontrando-se ambos confundidos a êsse nível (fig. 8).

Um de nós (Luís de Pina) já se referiu a um caso muito semelhante a êste, tendo-se nessa altura afirmado não existir na bibliografia portuguesa mais algum citado (2). O mesmo dizemos hoje. Le Double (3) não aponta uma fusão tão completa; no entanto fala-nos da que a observaram algumas vezes alguns dissecadores (Haller, Macalister e Testut); por êle próprio e seus discípulos, foi notada a fusão dos ms. Braquial anterior e Deltóide. Algumas vezes alguns feixes claviculares do m. Deltóide podem

(1) Le Double, *op. cit.*(2) Luís de Pina, *ob. cit.*(3) Le Double, *ob. cit.*

inserir-se no tendão do m. Grande peitoral, como nós também observamos no Negro. No Chimpanzé a conexão dos ms. Deltóide e Braquial anterior tem sido verificada; no Gorila tem-se como normal (1).

#### Feixe de reforço do M. Grande complexo

À esquerda, do bordo interno da intersecção aponevrótica da parte denominada *Biventer cervicis*, destacava-se um feixe de 5 centímetros de comprimento e 5 milímetros de largura máxima (fig. 9); dirigindo-se para baixo e para o *raphé* médio, ia prender-se no vértice da apófise espinhosa da 7.<sup>a</sup> vértebra cervical e ainda por algumas fibras na face anterior do m. Esplénio, ao nível da sua inserção na mesma apófise. À direita não existia tal feixe.

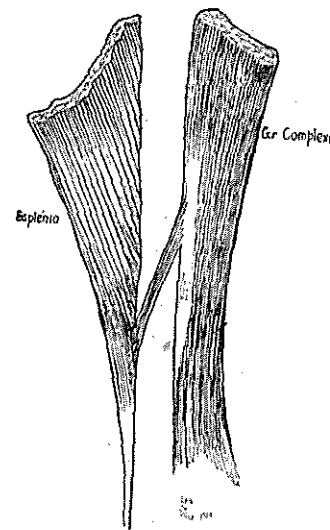


Fig. 9

Nem todos os autores, ao descrever o m. Grande complexo, se referem a feixes de reforço que se prendem às apófises espinhosas de algumas vértebras cervicais (2). Os que a êles se reportam, dão-nos originários das apófises espinhosas da 7.<sup>a</sup> cervical e das da 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> vértebras dorsais (Poirier-Charpy, Beaunis-Bouchard, Gérard, Le Double, Eisler, etc.). O prof. Loth (3),

(1) Le Double, *op. cit.*(2) H. Vallois, *Les muscles spinaux chez l'Homme et les Anthropoïdes. Contribution a l'étude de l'adaptation a l'attitude verticale.* « Annales des Sciences Naturelles » (Séries Botanique et Zoologie). 10.<sup>a</sup> série. T. xi. 1928.(3) E. Loth, *ob. cit.*

num quadro esquemático e de rápida leitura, representa os feixes provenientes das apófises espinhosas, nos Europeus e nos Negros. Nestes últimos eles se destacam: segundo Chudzinski, se são 2, da 7.<sup>a</sup> cervical e 1.<sup>a</sup> dorsal; se um só da 1.<sup>a</sup> dorsal; da 7.<sup>a</sup> ou da 4.<sup>a</sup> cervicais; segundo Turner, que observou 3 feixes, desprendiam-se da 7.<sup>a</sup> cervical, 1.<sup>a</sup> ou 2.<sup>a</sup> dorsais. Um de nós (Luís de Pina), tendo notado algumas vezes esse feixe, resolveu estudá-lo com cuidado e sistematicamente (1), observando, ao fim de 100 disseções do m. Grande complexo (50 indivíduos, 34 do sexo masculino, 16 do sexo feminino) as seguintes particularidades: esses feixes de refôrço faltavam 24 vezes dos dois lados, numa percentagem de quasi 50 0/0; ora eram ascendentes, ora descendentes e por vezes muito delgados; somente uma vez encontrou 4 feixes, sendo quasi normal a existência de um só; a sua inserção nas apófises espinhosas faz-se raramente, sendo freqüente prenderem-se ao ligamento cervical posterior, ao m. Esplénio ou ao ligamento supra-espinhoso; unicamente 13 indivíduos apresentavam um feixe de refôrço em cada m. Complexo. Por aqui se vê que a existência de tais feixes não pode considerar-se normal, como alguns a fazem, nem tampouco as inserções respectivas são como vulgarmente se descrevem, pois que a altura, correspondente às apófises espinhosas das vértebras, a que eles se inseriam nos 38 cadáveres em que dissecamos o m. Grande complexo, varia muito (no nosso caso desde a 2.<sup>a</sup> cervical à 4.<sup>a</sup> dorsal). Como exemplares de inserção dum feixe de refôrço no m. Esplénio, há já dois casos publicados em Portugal (2).

(1) Luís de Pina, *Os feixes de refôrço do m. Grande complexo* (a publicar).

(2) Luís de Pina, *Variações musculares*, ob. cit. e *Anastomose charnue entre les muscles Grand complexus et Splénius*. Com. apres. à Société Anatomique de Paris (Séance du jeudi 7 Juin 1928), ins. in «Annales d'Anatomie pathologique et d'Anatomie normale médico-chirurgicale». 5.<sup>e</sup> année, n.º 6. Junho 1928.

Como se vê, no Negro que dissecamos o referido feixe não se prendia somente à apófise espinhosa da 7.<sup>a</sup> cervical, mas também à face anterior do m. Esplénio. Há várias observações em indivíduos de côr. Chudzinski viu num negro um feixe que se prendia na apófise espinhosa da 7.<sup>a</sup> cervical; noutro, um mais delgado e curto fixava-se na da 3.<sup>a</sup> cervical (1); noutros cadáveres notou inserções nas 5 primeiras apófises espinhosas dorsais (Mulata Ehende), nas das 3 primeiras dorsais (Negro Etienne); em 7 indivíduos também Negros, na da 1.<sup>a</sup> dorsal; em 3 outros não existiam inserções espinhosas. Também colheu observações de inserções no *raphé* médio: à altura da apófise espinhosa da 5.<sup>a</sup> cervical (Negro Tom Blaise) e da 6.<sup>a</sup> cervical (Negro Fatalari). Na mulata Ehende, já referida, à esquerda a inserção do feixe de refôrço fazia-se por meio de tendões, desde a 5.<sup>a</sup> à 7.<sup>a</sup> apófises espinhosas cervicais; da face profunda do músculo e do áxis destacava-se um outro feixe que se prendia na 7.<sup>a</sup> apófise espinhosa cervical (2); numa Anamita viu ainda um feixe que se desprendia do *biventer cervicis* para ir terminar na apófise espinhosa do áxis. Emfim, na Negra Kéruca (Senegal) outro feixe existia que terminava nas referidas apófises da 7.<sup>a</sup> cervical e 1.<sup>a</sup> dorsal; noutro Negro (Bloh) idêntico feixe se inseria na da 1.<sup>a</sup> dorsal (3).

#### Feixe supranumerário do M. Curto flexor do polegar

Na mão esquerda (fig. 10) observou-se um curioso feixezinho muscular que se destacava do bordo interno do m. Curto flexor do

(1) *Nouvelles observations sur le système musculaire du nègre*. «Révue d'Anthropologie», t. III, Paris, 1874.

(2) Chudzinski, *Contributions à l'étude des variations musculaires dans les races humaines*. Ob. cit.

(3) Chudzinski, *Quelques notes sur l'anatomie de deux nègres*. Ob. cit.

polegar, 1 centímetro abaixo da inserção superior dêste músculo. Ésse feixe, que se dirigia para baixo e para o bordo interno da mão, ia adelgçando até se resolver num fino tendão que se prendia na bainha do tendão do m. Flexor comum superficial que vai para o

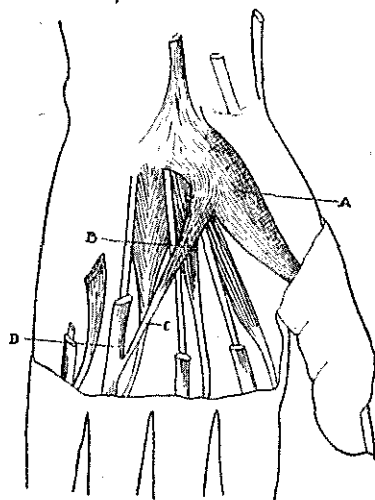


Fig. 10

dedo anular. O comprimento da parte carnosa dêste músculo era de 2 centímetros; a da parte tendinosa, de 3 centímetros; largura máxima da massa muscular, na sua origem, 7 milímetros. Não conhecemos, na literatura anatómica percorrida, caso algum análogo a êste, quer em Brancos, quer em Negros. Um de nós (Luís de Pina) apresentou êste caso à Sociéte Anatomique de Paris. (Séance de 6-6-1929) (1).

(1) *Faisceau surnuméraire du muscle Court Fléchisseur du Pouce.* « Ann. d'An. pathol. et d'An. norm. med. chir. ». 6.º année, n.º 6. Junho 1929.

### Tendão acessório do M. Flexor tibial

Esta particularidade verificou-se de ambos os lados. A esquerda, da anastomose tendinosa existente entre os ms. Flexores tibial e peronial, ao nível do seu cruzamento, desprendia-se um delgado tendão de 2 milímetros de largura por 12 centímetros de comprimento; seguindo paralelamente àquele que do m. Flexor tibial vai para o 5.º dedo, prendia-se junto dêle na extremidade posterior da 3.ª falange (fig. 11). À direita, a disposição era idêntica.

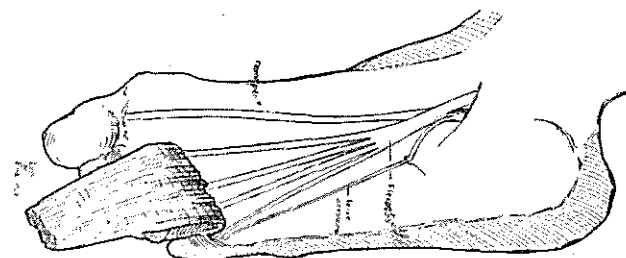


Fig. 11

Também não encontramos em trabalhos portugueses observação alguma que desta se aproxime. Sòmente Le Double, ao tratar das connexões muito freqüentes entre os referidos músculos flexores, menciona um caso que nos interessa por ser encontrado numa Negra de Angola: tratava-se dum tendão perfurante que emanava do m. Flexor peronial (1). De resto, êste anatómico não aponta, entre as muitas observações colhidas por diversos autores, uma só que se assemelhe à que vimos no Negro moçambicense. Dos casos que o prof. Loth regista nenhum se lhe pode comparar.

(1) Le Double, *ob. cit.*

Resta fazermos algumas considerações sobre o comprimento dos intestinos, porquanto, havendo algumas observações em negros, descritas por Giacomini e Chudzinski, poderemos confrontar as nossas notas com as dêsses anatómicos. O que imediatamente se depreende dos números que apresentamos é a curta extensão do tubo intestinal. O tratado de Testut (1) dá-nos as seguintes medidas consideradas normais:

Intestino delgado, 6 a 8 metros (4 a 5 vezes a estatura); duodeno, 26 centímetros; jejuno-íleon, 5<sup>m</sup>,80 a 7<sup>m</sup>,80;

Intestino grosso, 1<sup>m</sup>,40 a 1<sup>m</sup>,70; apêndice cecal, 8 a 10 centímetros.

A totalidade de comprimentos será, portanto, 7<sup>m</sup>,40 a 8<sup>m</sup>,70; no Negro em que os medimos êstes números baixaram muito, pois que o comprimento de todo o intestino era de 6<sup>m</sup>,30. Por seu lado, o apêndice era mais longo que o considerado normal: 11 centímetros. Giacomini, em quatro indivíduos de côr, obteve medidas de totalidade aproximadas das nossas, algumas mesmo mais baixas: 5<sup>m</sup>,46, 7<sup>m</sup>,32, 4<sup>m</sup>,81 e 7<sup>m</sup>,97 (2). Chudzinski colheu os seguintes números: 8<sup>m</sup>,791 (Negra), 7<sup>m</sup>,110 (Negra), 9<sup>m</sup>,088 (média de 7 Negros), 11<sup>m</sup>,120 (Árabe), 8<sup>m</sup>,860 (Anamita) e 8<sup>m</sup>,150 (Peruano) (3). Como se vê, são mais elevados que os já referidos. Giacomini (4) cita ainda os números obtidos por Alezais e Fallot num Índio da América e num Negro da Martinica: 8<sup>m</sup>,76 e 8<sup>m</sup>,28; por Murie e Flower numa Boshimane: 5<sup>m</sup>,790; por Bishoff numa indígena da Terra do Fogo: 10<sup>m</sup>,71. No que respeita ao pêso do

(1) L. Testut, *Traité d'Anatomie humaine*. Paris, 1924.

(2) G. Giacomini, *Annotations sur l'anatomie du nègre* (5<sup>e</sup> mémoire). *Ob. cit.*

(3) Chudzinski, *Quelques notes sur la splanchnologie des races humaines*. «*Révue d'Anthropologie*», t. II. Paris, 1887.

(4) G. Giacomini, *Annotations sur l'anatomie du nègre* (5<sup>e</sup> mémoire). «*Archives italiennes de biologie*», t. XVII. Turim, 1892.

figado, Chudzinski dá como média nos Negros: 1<sup>kg</sup>,386 (1); o figado do nosso Negro pesava quasi metade: 795 gramas! À falta de mais observações sobre a esplanchnologia da raça negra, que pudéssemos cotejar com as nossas, limitamo-nos a estas considerações. O desejo seria acompanhar tôdas com as que lhe são devidas; a não se poder fazer assim, por motivos de vária ordem, entre os quais a vontade de não sermos pesados e a falta de material bibliográfico, resta-nos dizer que do esforço empregado apenas nos fica a honra de termos contribuído, ainda que muito modestamente, para a grande obra a construir-se sobre a Antropologia das Partes Moles, à qual o prof. Loth consagra tanta dedicação e tanta canceira.

(1) Chudzinski, *Quelques notes sur la splanchnologie des races humaines*. *Ob. cit.*

## NOVAS CERÁMICAS DAS ANTAS GALEGAS

POR

F. LÓPEZ A.-CUEVILLAS

---

*Circunstanzas do achádego.* — No derradeiro vran, uns obreiros que traballaban na construción da estrada que dende Bande vai bater a raia portuguesa de Torei, desfixeron a entrada mesmo da aldea de *Calvos de Randín*, situada a dous kilometros da fronteira, tres ou catro mamoas que sealcontraban emprazadas na direción do trazado do camiño que andaban a abrir.

A xuntar según nos contaron apareceron en todas istas mamoas, que non sabemos se acochaban ou non pedras das antas, vasixas de difrentes formas e tamaños, que os obreiros, despois de convencerse de que non contiñan ouro nin cousa de valor abandonaron en mans dos rapaces da aldea pra que lles servisen de enredo. Afortunadamente a notiza do achádego chegou a conocimiento do culto segretario do concello de Calvos, D. Vicente Texada, quen acudiu rapidamente o sitio e conseguiu rescatar e recoller unha vasixa case enteira e anacos de outras duas, que coidadosamente gardou na sua casa.

Pol-o noso amigo, o abogado e publicista Edmundo Estevez, enteirámonos do sucedido e por intermeio de outro querido amigo, Xosé Lamas, que mais de unha vez nos ten axudado nas nosas laborías arqueolóxicas, conseguimos entrevistarnos co Sr. Texada, quen amabelmente e facendose acreedor a nosa gratitude, cedeunos as pezas por él recollidas, que de eiqui en adiante figurarán nas vitrinas do Museu Arqueolóxico de Ourense.

*O emprazamento das mamoadas.*—Situase a aldea de Calvos de Randín no val medio do Salas, río que nace ô pé da serra galego-trasmontana de Larouco e que vai, seguindo un curso case paralelo a raia fronteiriza, a desaugar no Limia.

O val do Salas alcontrase flanqueado por fortes macizos montesíos; o Larouco pol-o abrente, o pico da Aguioncha e unha serie de altos penicháns pol-o norte e as serras de Fontefria, Pena e Xurés pol-o sul, que o pechan e fan que sexa pouco accesible, sendo as súas comunicacións naturais máis doadas os penicháns que pol-o norte o separan das terras do concello de Muíños e sobre todo o val do Limia co que entra en contacto na rexión baixa, quente e rica de Lovios, rexión por completo ribeirán onde medran vizosamente a vide e as oliveiras e que dende antigo debeu manter unha poboación próspera e densa.

Precisase advertir agora que toda esta bisbarra da Limia baixa ten oxe e tivo seguramente con maior razón nos tempos anteriores a formación do Estado portugués, relacións íntimas, frecuentes e continuadas cos países minhotos de Braga, Ponte do Lima e Viana, ós que se chega facilmente atravesando, como o facía a vía romana, a Portela do Homen, ou baixando pol-o Acebedo e Lindoso, a rentes das augas do Limia, sendo pol-o tanto máis que probabele que o comercio, tratos e vieiros das xentes que habitaban no val do Salas na época das mamoadas, orientáranse no senso imposto pol-a dirección dos cursos dos ríos cara as terras abrigadas e fértiles do sul e que viraran as costas a aquelas outras terras con que limitaban pol-o leste e norte, moito máis probes e frías e das que quedaban ademais afastadas por altos penicháns ou por serras bravas e fragosas.

Non é esta a primeira vez que nos temos ocupado da arqueoloxía prehistórica do val medio do Salas, nin será posibelmente a última. Na primavera do 1927 esproramos no lugar das Maus, a moi poucos quilómetros de Calvos un grupo de mamoadas con anta,

que diron como único mobiliario un muiño de man non circular e algúns testos de cerámica lisa <sup>(1)</sup>, e recentemente tivemos novas da existencia de outras necrópoles emprazadas así mesmo perto de Calvos, que tencionamos escavar en canto pase o tempo das invernías.

Vese pol-o dito que o val do Salas é unha bisbarra rica en xacementos prehistóricos que renderon xa e que agardamos han render aínda frutos interesantes. Ora pra o bo estudo e comprensión dos feitos de que agora imos tratar, e dos que no futuro podan presentarse, compre non esquecer as condicións xeográficas do país, e insistir tamén na orientación minhoto dos seus vieiros naturais de comunicación.

*As cerámicas asoelladas.*—Pertencen os testos tan afortunadamente recollidos pol-o Sr. Texada a tres vasos distintos, decorados os dous primeiros, e ô parecer completamente liso o terceiro. As características das tres pezas son as seguintes:

Vaso n.º 1—Conservanse de il sete anacos, correspondentes catro, ô borde, cuello e comenzo da panza e tres ô fondo (Lamina I).

Está feito c-un barro pardacento, con mistura de algúns graniños de seixo, presentando na superficie unha coor máis anegrazada que a que se olla nas fracturas. A cara exterior achábase coidadosamente polida, e o groso das paredes é de 5 mm. no cuello e panza e de 4 mm. no fondo.

A forma, que pode deducirse con certa exactitude, é a que aparez dibuxada na fig. 1, que dá unha vasixa de uns 20 centímetros de alto, con boca de borde recto e de 9 centímetros de diámetro, con cuello alto de perfil soave, panza ô parecer ben desenvolta, que chegaría a atinguir máis de 16 centímetros de diámetro, e con fondo semiesférico.

(1) *Doas estazóns dolménicas.* Boletín «Nos», n.º 44, 15 Agosto, 1927.

A decorazón (fig. 2) que se olla somente por baixo do borde, na parte mais estreita do cuello e no comenzo da panza, e que quizais non continuaria cara o fondo, que é completamente liso, consiste en tres zonas hourizontaes, afastadas entre si por espazos lisos, de 1 centimetro de ancho as duas superiores e de 2 e medio a inferior. Na primeira, contando de enriba pra abaixo, aparez unha serie de triangulos colocados en posizón alternada i-entre-iles unhas liñas oblicuas paralelas ós lados dos triangulos conti-

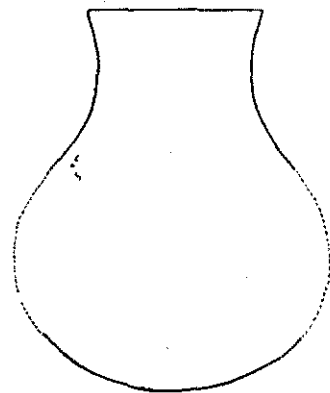


Fig. 1—Perfil do vaso n.º 1 de Calvos. 1/4

guos; na segunda vese unha ringleira de triangulos co vertice pra enriba e unidos pol-as bases, e na terceira voltan aparecer os triangulos en posizón alterna, anque sen liñas oblicuas intermeias, e cheos, en troques por tres riscos hourizontaes.

A tecnica de ista decorazón é un puntillado moi regular e fino executado c-un istrumento propio pra tal obxeto, seguramente c-unha rodiña, a xuzgar pol-o dereito das liñas e pol-a feitura dos puntos, mais afundidos todos na direizon da marcha da roda.

O mesmo a forma, que a tecnica do puntillado, que os motivos decorativos obrigannos a incluir iste vaso na especie campainiforme.

Vaso n.º 2 — Conservase case enteiro, fallando apenas unha asa e poucos anacos do borde (Lamina II).

Está feito c-un barro que contén moitos granciños de seixo, de coor negra nas fracturas e marela crara na superficie. As paredes teñen 4 mm. de groso, notandose o mesmo no interior que no exterior do vaso, e principalmente na parte do fondo, siñas de polido.

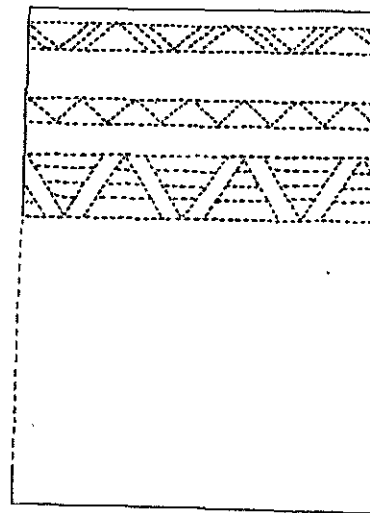


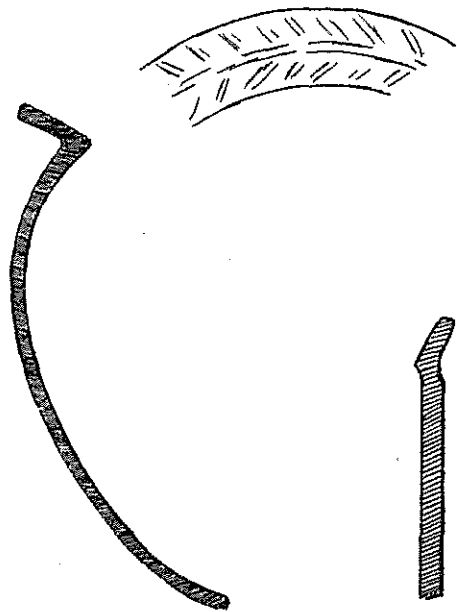
Fig. 2—Planificazon dos ornatos do vaso n.º 1 de Calvos. 1/3

A forma é a de un cazolo grande, que mede 22 centímetros de boca por 16 centímetros de alto. Ten borde con revira de 3 centímetros de ancho incrinada fortemente de fora a dentro e por baixo de ela apreciase o cuello, estreito e non moi fondo. Lateralmente e partindo do cuello, saen dúas asas pequenas, de 2 centímetros de abertura e lixeiramente concavas no exterior, que van parar ó comenzo da panza. O fondo ten feitura semiesférica.

A decorazón acháse somente na revira do borde, consistindo n-unha serie de riscos, anchos, dispostos ó xeito do motivo cha-

mado de folla de acacia, e tan tenuemente impresos no barro que pra dexergalos con nitidez compre que sexan mirados con luz oblicua (fig. 3).

Vaso n.º 3 — Conservanse de il tan soio dous anacos correspondentes o borde, o cuello e ô comenzo da panza (fig. 4).



Figs. 3 e 4 — Ornamentazon do vaso n.º 2 e perfís dos vasos n.ºs 2 e 3 de Calvos

Costruise o vaso c-un barro de coor roxiza que se olla algo anegrazada no centro das fracturas. O groso das paredes, que están alisadas mais non polimentadas, é de 5 mm.

A forma supomos que debia ser cilíndrica, e a revira do borde semellante ô do vaso n.º 2 e o seu tamaño menor que o de iste, a xuzgar pol-a curvatura dos anacos.

Creemos así mesmo que ista vasixa tería pol-o menos unha asa, cúa inserzón semella dexergarse no borde de un dos testos.

Nin na revira, nin no cuello e panza, observase o menor sinal de decorado.

*Comentarios.* — O vaso campaniforme de Calvos de Randín é o decimo atopado en Galiza, e o terceiro cúa forma, siquera sexa de un xeito aprosimado, nos é conecida.

Compre pol-o tanto que denantes de cousa ningunha o poñamos en comparanza co aquilo eisemprares galegos que denantes citamos.

A localización e características de tales pezas cerámicas é a seguinte:

Nas Pontes de Garcia Rodriguez, A Cruña, i-en dúas mamoaas sen anta, atopou D. Santiago de la Iglesia, dous vasos de perfil duro e fondo baixo, feitos de barro roxo e decorados do borde ô fondo; un con sete zonas hourizontaes cheas de riscos oblicuos en direizón alterna, e o outro cas mesmas sete zonas e seis liñas que se entremeian entre zona e zona. A técnica é un puntillado irregular e defectuoso (1).

Na mesma estazón das Pontes de Garcia Rodriguez, alcontrou Federico Maciñeira restos de tres vasos. Apareceron os dous primeiros n-unha mamoa ô parecer sen anta, e o terceiro n-unha cista alongada i-en compañía de un machado de pedra. Teñen os tres decorazón de zonas cheas con liñas oblicuas. A técnica é un puntillado defectuoso, agás n-un eisemprar que o presenta executado con bastante finura.

Nas gándaras de Budiño, moi perto da vila pontevedresa do Porriño, e n-unha mamoa cuas características desconecemos, asoellou D. Xesús Palacios, xuntamente c-un machado de pedra, catro testos de un vaso, que están no Museu Arqueolóxico de

(1) Luis Pericot, *Los vasos campaniformes de la colección La Iglesia*. A Cruña, 1927. Separata do «B. de la R. A. Gallega», tomo XVI.



Ourense, e que ostentan unha decorazón de zonas, probabelmente alternas de liñas paralelas e de liñas onduladas. A técnica é o riscado e a execución tosca e descoidada.

Na bisbarra de Fisterre, A Cruña, atoparonse en unión de un puñalción de cobre, testos pertencentes pol-o menos a tres vasos. Inoramos as circunstancias do achádego e sabemos soio que a decorazón dos testos é igual, ou pol-o menos de un tipo semellante, ô que se olla nos eismprares das Pontes de Garcia Rodriguez (1).

Vese craramente pol-o que queda dito, que o vaso de Calvos pol-a situazón do seu xacemento e pol-a súa feitura e decorado constitue un feito enteiramente novo entre as cerámicas galegas da mesma especie.

Ata de agora todol-os achádegos de campaniformes verificáranse en Galiza en sitios prósimos a veiramar do oeste (Budiño e Fisterre) ou a veiramar do norte (As Pontes), e o eismprar que nos ocupa ven aparecer n-un lugar arredado da costa mais de cen kilómetros en liña de aire.

Os vasos da colección La Iglesia, únicos cuia forma nos é conocida, son baixos, de fondo chato, boca ancha e perfil duro e o vaso de Calvos ten contrariamente feitura alta, perfil soave e fondo bastante ergueito.

As decorazóns rexistradas deica o día son, case que de cote, liñas sinxelas, ou zonas cheas con liñas oblicuas, presentándose soio esporadicamente as zonas de liñas paralelas ou onduladas, e o vaso que andamos a estudar ollase adornado escrusivamente con zonas de triángulos, motivo que aínda non se sinalara en Galiza, podendo notar samente como caracteres comúns de iste

(1) Notiza do sabio arqueólogo Anxel del Castillo que ten istas pezas en estudo.

eismprar e dos outros galegos a disposición alterna de faixas decoradas e faixas lisas e a técnica do puntillado, predominante entre nós, mais que sealcontra executada no vaso de Calvos con maior regularidade e finura que nos seus compañeiros.

A orixinalidade de ista peza destaca aínda con maior forza ô comparala con cerámicas da mesma especie da Península e de fora de ela. A súa feitura é moi pouco frecuente afectando unha deformación semellante a de un dos dous vasos madrileños de San Isidro, que ten tamén a boca estreita con relación ô ancho da panza e o perfil soave; i-en canto a decorazón debemos decrar que, apesar de ter revisado coidadosamente o compretísimo material recollido na súa magnífica monografía por Alberte del Castillo (1), non lle atopamos por ningures un paralelo exacto.

É certo que os triángulos, por veces lisos e maior xeneralmente cheos de riscos hourizontaes, oblicuos ou verticaes, abondan de xeito estraordinario na decorativa dos campaniformes, aparecendo no val do Guadalquivir, en Portugal, na Meseta Inferior, no Sistema Ibérico central, na Cataluña Nova, no Pireneo Oriental, nas Baleares, no Meiodia de Francia, na Bretaña, no Rhin Central, na Saxonia e na Gran Bretaña, dispostos formando ringlas como na zona central do vaso de Calvos, colocados en liñas paralelas i-en posición alterna, ocupando o remate do espazo decorado ou facendo faixas de triángulos contiguos alternando os lisos cos riscados, mais non ollamos en ningunha parte triángulos eistos en posición alterna como os que ostenta o eismprar que nos ocupa, nin tampouco liñas oblicuas no espazo valeiro entre dous triángulos, lembrando soio iste derradeiro motivo a decorazón de unha vasixa dexenerada que apareceu en Avila, no borde da Meseta Superior.

(1) A. del Castillo, *La cultura del vaso campaniforme*. Barcelona, 1928.

Ista singularidade do campaniforme de Calvos constitue un serio incomente pra resolver un dos problemas mais intresantes que pranteia, o problema da sua procedenza, ou millor dito da procedenza da corrente cultural que lle deu orixe. Galiza, como xa n-outra ocasion indicamos (1) achase arrodeada por áreas considerabeles de terreo, limpas de todo vestixio de cerámica campaniforme, que pol-o sul chega soio ô val do Mondego, pol-o sueste para na raia das provincias de Avila e Salamanca (El Berrueco) e na provincia de Palencia, estendose o valeiro pol-o leste, por Asturias e Cantabria deica ô pais vasco, fallando pol-o tanto en todas direizóns a cadea de achádegos que se precisaria pra unha boa interpretazón xeografica do fenomeno que estudamos.

Non queda pol-o tanto outro procedemento de elucidar a cuestión que o eisame comparativo do vaso de Calvos cos vasos pertencentes a cada un dos grupos que mais se aveciñan ca Galiza, e que son, seguindo a nomenclatura de Alberte del Castillo, o da Meseta Superior, o do Pireneo occidental e o de Portugal.

O primeiro, que se representa por cerámicas atopadas en lugares distantes de Galiza (Berrueco, Avila, Palencia e covas da provincia de Burgos) é, asegún espresion de aquil arqueologo, un grupo final e non de paso e de enlace. En efecto, non achamos n-il mais que formas dexeneradas, case escrusivamente cuncas, adornadas con liñas continuas, liñas onduladas, follas de mimosa, liñas paralelas cheas ou cortadas por outras verticaes ou liñas toscas verticaes, non aparecendo os triangulos mais que no eisemprar de Avila de que denantes falamos. A tecnica é sempre o riscotoscamente executado.

Coidamos que non compre esforzar-se pra demostrar que

(1) *Os Oestrinios, os Saefes e a Ofiolatria en Galiza*. Arquivos do Seminario de Estudos Galegos, II. A Cruña, 1929.

nada hai n-iste grupo, nin en formas nin en tecnica, nin no decorado que poda paralelizarse co vaso de Calvos, nin ca maoria dos campaniformes galegos, mais ainda engadiremos que en ningunha época prehistórica aparez Galiza avencellada cas terras da Meseta Superior. No eneolitico atopanse a fartura, entre nós, as antas que son ali desconecidas; no Bronce os escasos machados de talón alcontrados nas provincias de Leon e Palencia e na serra de Bexar, semellan seren, pol-a localización dos achádegos, cousas escoadas dende as Asturias e Cantabria e dende a Beira Alta; e nos tempos do Ferro, a cultura das necropoles e das cidades casteláns no pasa no noroeste da divisoiria entre o Tamega e o Tua, afectando soio a rexión de Braganza, na que se sinalan numerosas esculturas de *berrões* e algunhas fibulas de tipo mesetano.

Algo mais complicado se presenta o problema no que toca ô grupo do Pireneo Occidental. Os vencellos entre as culturas megalíticas de iste pais e de Galiza distan moito de estaren solidamente estabrecidas, pois a mais de eisistir entre ambos unha considerabele soluzón de continuidade non hai grandes coincidencias na forma das antas nin nos seus moblarios. En Vasconia predominan as cistas e rexistranse algunhas galeirias cobertas, sendo escasas as cámaras con corredor i-en Galiza en troques non se atopan galeirias cobertas e as cistas son pouco numerosas e predominan de xeito absoluto as cámaras poligonaes sinxelas ou con corredor inizado. Nos moblarios galegos aparecen costantemente os machados, que son rarissimos no Pireneo e as puntas de frecha de base convexa ou triangular, ali desconecidas, podendose sinalar tan soio como caracteres comuns dos dous paises, o megalitismo, as cerámicas lisas, os vasos campaniformes e sobre todo a presenza n-algunhas sepulturas de cristaiños de seixo.

Ora, os campaniformes vascos, que son dous, asoellados en Pagobakoitza i-en Gorostiarán, ollanse adornados con zonas para-

lelas feitas por apricazón de un cordel e cheas de riscos puntillados, non aparecendo n-iles o triangulo, e ainda a forma de perfil duro do eiseprer de Pagobakoitza, único reconstruído, non se imita ren a do vaso de Calvos.

Por outra parte o pais vasco é o mesmo na época da cultura megalítica que posteriormente, moi probe en obxectos de cobre e bronce, tan ben representados en Galiza, e os que saíron nas antas son furadores, aneis e braceletes, que ostentan feitura primitivas non sinaladas na nosa terra.

Creemos pol-o tanto que o campaniforme que andamos a estudar é por complot alleo a toda influencia vida do Pireneo Occidental, e aínda coidamos que os vasos das Pontes de Garcia Rodriguez, apesares das semellanzas que presentan cos vascos, deberon de zugar a súa inspiración en outras fontes.

Queda agora por eisaminar o grupo de Portugal. É sabido que a civilización das antas galegas, ou con mais precisión das antas galego-minhotas, forma dentro do megalitismo do ocidente peninsuar, unha rexión cultural, dotada de certa autonomía. Partindo posibelmente de un fondo idéntico as terras occidentaes do norte e do sul do Douro diversificanse n-un momento, que temos que colocar xa no eneolítico, desenvolvéndose nas segundas unha viva evolución nas antas e introducíndose ou creándose na súa área elementos novos, namentras que nas primeiras seguen perdurando os tipos máis anterios o mesmo na feitura das cámaras que no material, máis sen que deixen de conservarse n-unha e n-outra rexión cousas comúns como son as puntas de frecha de base convexa ou triangular, a abundosidade de machados, que teñen ademais formas igoaes ou moi imitantes, as cerámicas lisas e as doas de callaite. O esmorecemento dos contactos entre as terras citadas, ocasionado quizais por ourentarse cara o val do Guadalquivir os vieiros de trato do centro de Portugal, non deben durar moito tempo e vemos, que logo penetran no circo do no-

roeste, seguramente co primeiro cobre, cousas tan tipicamente portuguesas como a punta de frecha de base concava e o idolo-cilindro.

Ora, pode referirse a iste fenómeno a presenza do campaniforme de Calvos? Avertiremos primeiro que contrariamente ô que pasa nos grupos da Meseta Superior e do Pireneo Occidental, os triangulos lisos ou cheos de liñas alcontranse a fartura en Portugal, aparecendo en cerámicas de Palmela, Cascais, Furadouro, Rotura, Óbidos, Pragança e San Martinho, e que na aquíl pais como en Galiza predomiña o puntillado sobre o riscado, non rexistíndose en ningunha das dúas terras a técnica de apricazón de cordeles.

Por outra parte o valeiro aberto entre o extremo sul da provincia de Ourense, límite meridional dos achádegos galegos e a Beira, límite setentrional dos achádegos portugueses, enchese en certo modo pol-a aparición da interesantísima cerámica da Penha, ben merecente de que lle adiquemos algúns comentarios.

Tense alcontrado, pol-o de agora ista cerámica, semente en dous lugares: no monte da Penha, situado na serra de Santa Catarina e por riba mesmo de Guimarães, e na serra case fronteiriza das Motas, en Lobeira, Ourense. O primeiro xacimento é sen dúbida un poboado no que se atoparon tamén moas manuais, machados de pedra, un machado de cobre, bolos de hematites roxa, e machados e unha lanza da segunda metade do Bronce; e o segundo achádego verificouse n-unha mamoa con anta da que saíu así mesmo cerámica lisa e unha punta de frecha de seixo cristiño.

A idéntidade entre os anacos minhotos, moi abundosos, de decoración variadísima e pertencentes a distintas vasixas e os anacos galegos, poucos en número, de decoración máis uniforme e procedentes seguramente de un soio vaso, establecece, pol-a forma dos bordes, pol-a coincidencia n-alguns dos motivos deco-

rativos mais comumente empregados, como son os riscos fondos, seguidos e paralelos que se abren en serie por baixo dos bordes, o reticulado fino e as liñas verticaes fondas e anchas e ainda pol-a tecnica e xeito do riscado, pol-a coor anegrazada do barro e ata pol-o groso dos testos.

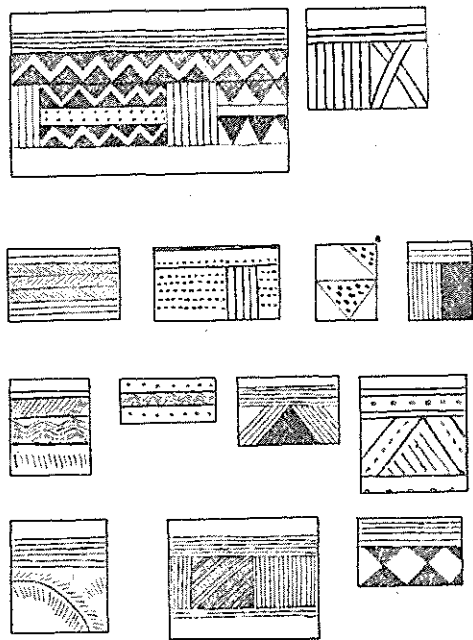


Fig. 5 — Cerámica da Penha, Guimarães (Aségun J. L. de Pina)

Como dixemos as decorazóns dos anacos recollidos no monte da Penha son de unha grande variedade (fig. 5), dexergandose series de liñas hourizontaes, anchas e fondas, postas por baixo dos bordes; zonas de zizás ou de triangulos, cheos por un reticulado moi fino; espacios ô parecer rectangulares, cheos do mesmo reticulado fino e limitados por series de riscos fondos que se unen en angulo recto; follas de mimosa dispostas de xeitos diversos; metopas cruzadas por liñas verticaes, por pares de liñas en cruz

ou por series de liñas diagonaes; triangulos axuntados pol-o vertice, cheos de reticulado e deixando entre si rombos lisos; zonas rectangulares punteadas, liñas de puntos ou triangulos punteados interiormente.

Os motivos decorativos da cerámica das Motas (fig. 6) son moito mais sinxelos, reducindose ás series de liñas hourizontaes e paralelas, anchas e fondas, colocadas por baixo dos bordes; ôs espacios ô parecer rectangulares cheos de reticulado fino e limi-

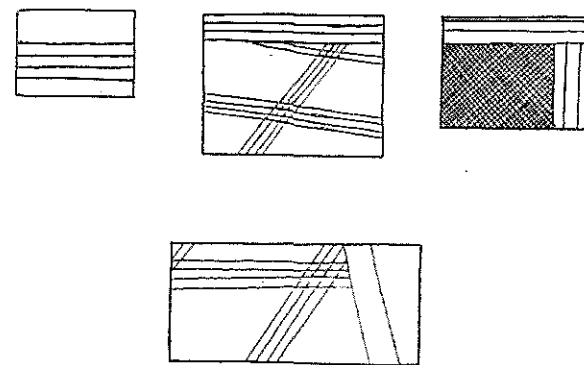


Fig. 6 — Motivos decorativos da cerámica das Motas

tados por series de riscos fondos que se unen en angulo recto; a series de liñas diagonaes que se cortan; a sulcos concavos e moi anchos e sobre todo ô reticulado fino que enche a mor parte dos testos.

A forma dos vasos non está esactamente determiñada, mais o mesmo dos fragmentos das Motas que de outros da Penha semella deducirse unha vasixa de borde non revirado, de cuello moi alto e estreito, de perfil soave e de panza pouco ancha con relación a boca (fig. 7).

Anque non matinamos facer agora un estudo comreto de ista cerámica, cuios eisemprares portugueses conecemos soio por apuradas visitas ôs museus da Sociedade Martins Sarmento, de

Guimarães e da Faculdade de Ciências, de Pôrto, e pol-a breve nota que lles adicou José Luís de Pina <sup>(1)</sup>, faremos notar que as suas coincidencias cos tipos campaniformes son tan grandes, que pol-o menos temos que considerala como unha interpretazón local das cerámicas de tal especie.

A forma a que atrás aludimos unica conecida, siquera sexa de un xeito aprosimado, non sealcontra no centro de Portugal,

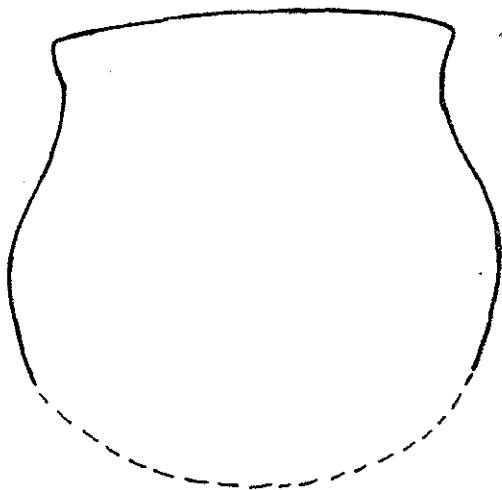


Fig. 7—Vaso da Penha

mais pode derivarse sen demasiado esforzo das cazolas altas de Palmela, e por outra parte imitase bastante a vasixas dos arredores de Numancia, de Saint Vellier, do Morbihan e de Anghelu Rujú. Os motivos decorativos mais correntemente usados, os triangulos, zizas, series de liñas verticaes, rombos lisos e zonas reticuladas abundan moito nos campaniformes portugueses e ollanse

(1) *A Penha ñeolítica*. «Revista de Guimarães», vol. XXXVIII, p. 135. Xulio ó Nadal, 1928.

incruso adornando idolos-pracas e idolos glandiformes, parecendo que en conxunto os vasos do tipo da Penha derivan directamente de aquiles campaniformes, suposto que se axeita perfectamente ca posizón xeografica dos xacementos, cos vieiros constantes de relación das bisbarras onde están situados e cas características e posizón dos grupos que mais se lle aveciñan.

É certo que non podemos arriscar ningunha hipotese sobre algo tan principal como é a causa ou conxunto de causas que diren lugar a formazón de istas cerámicas, que dentro das coetaneas do oeste peninsuar, destacanse c-un acento persoal, pol-a sua forma, pol-as liñas anchas e fondas que se abren por baixo dos bordes, pol-o predomiño da tecnica do riscado, pol-a feitaura espaciada e grosa de certos punteados, moi semellante ô que se olla en vasos do Sistema Iberico e da Cataluña Nova, e distinta de puntillado mais fino e xunto corrente en Portugal i-en Galiza e pol-a novidade de algunhas decorazóns, mais non é menos certo que os testos da Penha veñen a mostrar que a especie campaniforme entorgou con tanta forza no Minho portugues, que chegou a producir unha interpretazón local notabilisima pol-a sua abundosidade e pol-a riqueza da sua decorativa.

O centro de produción e de inzamento de tal cerámica é posible que fora nas imediazons de Guimarães ou quizais en toda a rexión de Braga. Ora, ista rexión queda tan pouco afastada do val do Salas que a distancia entre Calvos e Guimarães non chega ôs setenta kilometros, falandonos a prol de unha relación eneolítica entre ambas terras, a presenza nas Motas, lugar desviado de Calvos pouco mais de quince kilometros, de testos que nidamente se identifican con outros de Guimarães.

Apesares de todo elo debemos confesar que o vaso galego diferenzase notabelmente dos da Penha pol-a forma e pol-a tecnica do decorado, diferenzas que apenas si atenua a semellanza das zonas de triangulos que ambos ostentan. Será acaso aquela vasixa

compañeira dos elementos inspiradores das cerámicas minhotas? É posíbele, mais cos datos de que dispomos non é doado o demostralo.

De todos xeitos o campaniforme de Calvos presenta, asegún atrás deixamos consinado, maores similitudes cos campaniformes do centro de Portugal que cos casteláns ou cos vascos, e isto, como tamén a situazón do seu xacemento, obríganos a apor unha orixe portuguesa a corrente cultural que o trouxe a nosa terra, corrente que os testos de Guimarães fan supor que pasaría pol-a rexión minhota.

Pra o problema xeneral da cerámica galega do eneolítico o mesmo o vaso de Calvos que os da Penha veñen encher o valeiro aberto entre Galiza e o Portugal de alem Douro, estabrecendo dous eslabóns xeográficos ben precisados, anque tipoloxicamente haxa disparidades fortes entre os eisemprares da Penha e de Calvos, entre iste e os das Pontes de Garcia Rodríguez e de Fisterre, i-entre todos íles e o das gándaras de Budiño.

Parecenos así e todo que pra un bo enfoque de tal custión, aínda non acrarada satisfactoriamente, non debe esquecerse o feito de que todol-os campaniformes galegos teñan antecedentes en Portugal, nin tampouco a posibilidade de aportazóns sucesivas chegadas do mesmo país e así mesmo de localismo, sempre fáciles n-unha rexión como o noroeste peninsuar, que durante unha boa parte do eneolítico parece desenvolverse con certo isolamento e autonomía.

O vaso n.º 2 ten unha forma completamente nova entre as cerámicas das mamoas galegas, que deica agora non tiñan dado, a mais dos campaniformes, outros tipos que o pote globular con borde lixeiramente revirado, a cunca alta e un vaso de xeito cilíndrico, ergueito e de fondo semiesférico.

No Minho portugués a forma de unha vasixa, procedente de unha mamoa, e que está no Museu da Sociedade Martins Sar-

mento, de Guimarães, parez relazoarse ca feitura do eisemprar de Calvos, mais as cerámicas que presentan co-íl maores analoxias son sen dubida os vasos semiesféricos ou troncocónicos, providos de unha asa e con reborde ancho, case sempre decorado, que foron descritos primeiro por José Fortes (1), publicados logo por Nils Aoberg (2) que os deu como de época indeterminada, e dos que se ocupou recentemente o sabido arqueólogo Ruy de Serpa Pinto (3), asinandolles unha data castrexa e unha tradición eneolítica.

Conta iste tipo de vasixa, con trece pezas procedentes todas do Minho litoral (Arcos de Valdevez, S. Paio Dantas, Guidões, Terroso e Touguinha), das que nove, ostentan a revira do borde decorada con puntos ou riscos dispostos de xeitos diferentes e frecuentemente ordenados en zonas, sendo pra nós particularmente intresante o eisemprar de Guidões, adornado con trazos anchos colocados a xeito de follas de mimosa ou de espiña de peixe, e cuio aspecto imitase moito ô que presentan os riscos do vaso que nos ocupa.

Conven agora advertir que ista caste de cerámicas non ten antecedentes craros nin no centro de Portugal nin no resto da Península, lembrando tan soio pol-a decorazón do borde e pol-a semellanza de algúns motivos, a certas cuncas e a determinados adornos da especie campaniforme que debeu indudabelmente in-fruir n-ela, parecendo en secuencia que se trata de un tipo local de longa perduranza, desenvolto no litoral do Minho portugués e propagado, pol-o menos, ás terras raianas da provincia de Ourense, fenómeno de inzamento ben a xeito cas condizóns xeográ-

(1) *Vasos em forma de chapéu invertido*. «Portugalia», II, p. 662. Pôrto, 1908.

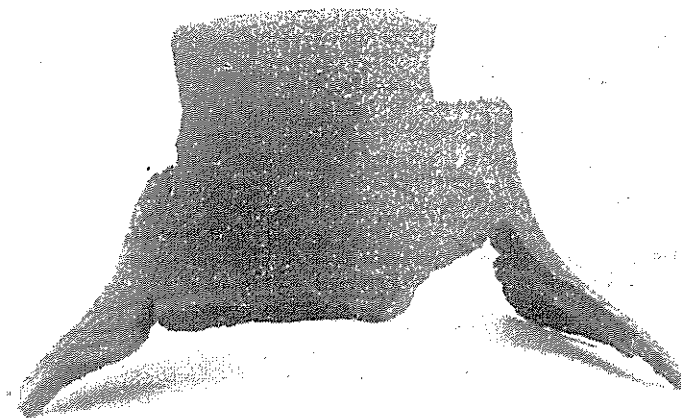
(2) *La civilisation énéolithique dans la péninsule ibérique*, p. 34.

(3) Artigo en «A Voz do Crente», de Póvoa de Varzim, n.º de 6, Xulio, 1928.

ficas dos vales do Limia e do Salas, e que por outra parte concorda ca presenza na serra das Motas de testos semellantes ós da Penha e co camiño que postulamos pra corrente cultural que trouxo a nosa terra o campaniforme de que vimos de falar.

Respecto ó vaso n.º 3, a catividade dos testos conservados non consiste maores comentarios, podendose arriscar samente a posibilidade de que pertenceran a un tipo cilíndrico ou troncocónico, imitante a outros rexistrados xa en Galiza e Portugal.

O mesmo o campaniforme que a decorazón e polimento do vaso n.º 2, obrigannos, pol-o que toca a cronoloxía, a colocar istas dúas pezas n-un momento do eneolítico pleo.



Lám. I—Vaso ornamentado de Calvos (n.º 1)



Lám. II—Vaso n.º 2 de Calvos (apr. 1/4)

## VÁRIA

---

### De una relación tradicional de cuello a cabeza

En el «Boletín de la R. Sociedad Española de Historia Natural» (1912) publiqué una nota sobre una relación antropométrica tradicional en Indo-China y Alcarria, señalada en el primer país por Jeanselme para resolver el tránsito de la adolescencia al estado adulto en el varón, e indicada por mí en el centro de España para ciertas interpretaciones picarescas <sup>(1)</sup> en el sexo femenino.

En vista de la identidad de procedimiento identifiqué la interpretación en el sentido de la escasa probabilidad de solución positiva en este por la escasa proporción de solteras adultas en tal provincia; por ello añadí que «es muy dudoso que tal proceder se pudiera seguir, ni en broma, en un país en donde hubiese muchas solteras de más de 30 años; no por la mayor frecuencia de la ilegitimidad, sino por la del ajamonamiento, no menos que por el desarrollo muscular consiguiente a la participación activa en las labores del campo». También lo puede excluir en casos la relativa frecuencia de indicios de bocio.

Mi amigo D. Francisco Viñals, a quien envié mi original para que lo presentara en sesión, me escribió llamándome la atención sobre que no consignaba el que «fué popularísima costumbre de las matronas romanas y que ha quedado fijo en los países de su dominación; la gestación se llamó por eso *incincta* y de aquí la locución castellana *encinta*». Por su parte Littré equivocadamente interpreta *enceinte (incincta)* como «no ceñida o sin cinturón»; de modo que, aunque costumbre popularísima, merecía la pena de citarla por olvidada por ciertos sabios lingüistas y no sé si médicos.

Publicada mi nota y enviado un ejemplar, entre otras cosas, al Dr. Bertholon, residente en Túnez, me escribió lo siguiente:

«Ce procédé est courant chez les indigènes du nord de l'Afrique (plus spécialement en Kabylie). Je vous cite un anthropologiste, qui s'est occupé de cette question: «Il est, dit-il, une coutume encore fort en honneur dans nos régions; elle consiste à recourir

---

(1) Si la moza ha parido ó no.



à un marabout, qui déterminera la majorité par un procédé anthropométrique très empirique, qui est le suivant: à l'aide d'un fil prendre la circonférence du cou, doubler cette longueur, placer les deux chefs entre les dents du sujet que l'on observe. Si la boucle ainsi formée passe par dessus la tête, la majorité est légalement constatée. Preengruber: *La détermination de l'âge des indigènes en Kabylie*, Alger. Jourdan. 1888 ».

« Ce procédé a été aussi décrit par Hanoteau et Letourneau dans un ouvrage sur la Kabylie. D'autre part, je relève dans la *Chronique médicale* du 1 juin 1913, p. 350: « Si on met un cordon autour du cou de la jeune fille vierge, la veille du mariage, qu'on le mesure très exactement, et si, le lendemain on procède à la même mensuration, le cordon est plus long: le cou a donc augmenté. Dans certaines campagnes, on fait encore usage de ce procédé ». Cette note, non signée, montre une coutume semblable ayant existé en France ».

« D'après Letourneau (Bull. Soc. d'Anthrop. de Paris, 1888, p. 458, 461, 472, 473, *Les mensurations du cou en Bretagne et en Kabylie*) la coutume du fil passé au cou existerait en Bretagne. M. Manouvrier cite à l'appui de cette communication les vers suivants de Catullus:

Non illam nutrix orienti luce revisens  
Hesterno collem poterit circumdare filo  
Epithalamium Thesei et Thelidos

« Comme vous le voyez ce procédé d'appréciation de l'évolution de la puberté peut être relevé en France, en Espagne, en Afrique septentrionale, en Italie ». Hasta aquí el Dr. Bertholon.

También parece que tratan de ello H. Gaidoz et M. Perdrizet: *La mesure du cou* (« Mélusine », t. VI, 1893, n. 10), y « The American Anthropologist », VI, 1893, p. 408.

Los filólogos clásicos explicarían la existencia del procedimiento en los países latinos y el Africa del Norte por difusión romana; pero es inverosímil el traspaso folklórico de un estado fisiológico en la moza a la simple mayoría de edad en el mozo en Berberia; y aún más inverosímil es la influencia romana en Indochina. Lo probable es que los citados sean casos particulares de una costumbre más difundida y más antigua que las matronas romanas, no debida a ellas por tanto. Merece, pues, una investigación en otros países no latinos y con referencia a los dos sexos, investigación, que no me encuentro en condiciones de realizar, pero que sería hacedera para los colonistas.

TELESFORO DE ARANZADI.

## O sardão nas tradições populares

O povo português conhece dois lacertídeos. Um, grande, que compreende duas espécies: a *Lacerta viridis* e a *Lacerta ocellata*, à qual chamam *Sardão* (Santo Tirso) e *Lagarto* (Bragança); e outro, pequeno, que compreende a *Lacerta muralis* e algumas espécies que teem sido estabelecidas recentemente. Aos pequenos lacertídeos chama *largatas* (lagartas), sardoniscas ou lagartixas.

Ao estudar, sob o ponto de vista morfológico, dois exemplares de lacertídeos de cauda bifurcada <sup>(1)</sup>, tive ocasião de colher algumas curiosas tradições populares relativas aos sardões. Vou expo-las sumariamente.

Tanto no Minho como em Trás-os-Montes, o povo crê que os sardões são amigos dos homens e as cobras são afeiçoadas às mulheres.

Em Santo Tirso, os rapazes desafiam os sardões, cantando:

Sardão,  
Pão quente;  
Eu c'o pau  
E tu c'o dente,  
A ver qual é o mais valente! <sup>(2)</sup>

Em Penafiel (informação do dr. Sousa Pereira), mais tímidos, exclamam:

Sardão,  
Gailão,  
Come pão quente,  
E salta à gente!

Em Cête, os rapazes entreteem-se a caçar sardões. Mas, quando vêem algum com dois rabos, fogem, porque os consideram perigosíssimos (informação de Albino Cunha).

Em Bragada (concelho de Bragança) (informação do dr. Aníbal Silva), é também sabido que o sardão é amigo dos homens e que a cobra tem um affecto especial pelas mulheres.

<sup>(1)</sup> J. A. Pires de Lima, *Queue bifurquée chez les « Lacertidae »*. « Comptes Rendus de l'Association des Anatomistes », vingt-quatrième réunion. Bordeaux, 25-27 mars, 1929.

<sup>(2)</sup> Cf. A. C. Pires de Lima, *Trad. pop. de Santo Tirso*, v-54. « Revista Lusitana », XVIII, 1915.

Uma vez um lagarto mordeu uma orelha a um homem que dormia. Êle acordou e quis matar o sardão, mas desistiu de tão mau intento ao ver uma grande cobra, que queria ofende-lo. Ê claro que o lagarto mordeu o dorminhoco para o avisar do perigo em que estava.

Esta lenda é muito mais bonita contada em verso. Ê assim:

Estava o *durme-durme* (homem)  
Debaixo do *pende-pende*; (castanheiro)  
Vem o *curre-curre* (lagarto)  
E acorda o *durme-durme*,  
Que vai matar o *ruge-ruge*. (cobra)

Já Teófilo Braga <sup>(1)</sup> colheu, em tempo, em Leça de Bálho, uma lenda relativa à aversão dos sardões pelas mulheres. Ê a seguinte:

«No princípio falava a serpente, o sardão, o sapo, etc. Deus perguntou-lhes se queriam ter pernas e não falar. A serpente disse que não queria ter pernas, mas ferrar. O sardão disse que não queria ter pernas e não ferrar, mas ser avêso às mulheres. O sapo disse que não queria ter pernas nem ferrar, mas ter o corpo feio e os olhos bonitos».

E o prof. Leite de Vasconcelos <sup>(2)</sup> arquivou em 1882, a propósito de sardão: — «Ê amigo dos homens e inimigo das mulheres <sup>(3)</sup>.

Estando uma vez um homem a dormir e vindo uma cobra para lhe entrar pela bôca dentro, o sardão começou a bater com a cauda na cara do homem para êste acordar (Beira Alta, Douro, etc.).

Um sardão atacou uma tecedeira, que se defendeu atirando-lhe com novelos, que êle enguliu.

No princípio do Mundo, o Senhor perguntou aos sardões se êles queriam pernas. Êles disseram que sim. Para quê? Para fugir dos homens. O Senhor deu-lhes pernas (Cabeça Santa).

Para encantar os sardões, diz-se o Padre Nosso às avessas e atira-se-lhes uma moeda de dez réis; êles mordem-na quebrando-se-lhes os dentes (Portelo, Régua)».

Em Mogadouro (informação do dr. Santos Júnior) e em Bragança (informação do dr. Aníbal Silva), são procurados com

(1) Teófilo Braga, *Contos tradicionais do povo português*, II.

(2) Leite de Vasconcelos, *Tradições populares de Portugal*, Pôrto, 1882.

(3) Cf. A. C. Pires de Lima, *loc. cit.*, v-55.

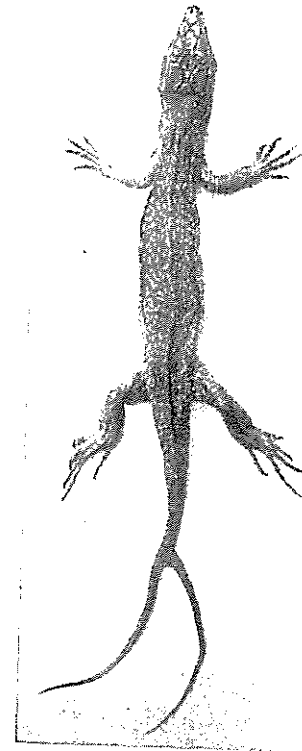


Fig. 1  
Sardão de duas caudas

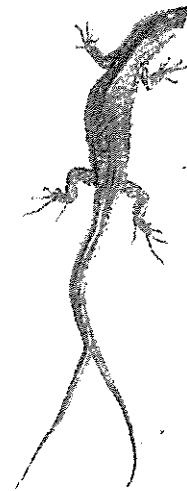


Fig. 2  
Sardonisca de duas caudas

grande diligência os lagartos de dois rabos, que são ótimos para adivinhar o número da sorte grande. Quando conseguem apanhar um vivo, prendem-no dentro de uma arca com farinha, cuja superfície alisam previamente.

Deixam-no ali passar uma noite e, pela manhã, vão ver os traços que o lagarto desenhou com a dupla cauda. Afigurando-se-lhes que está esboçada uma carta de jogar, vão logo arriscar à batota quanto dinheiro teem. Se aparecerem números desenhados, vão comprar bilhetes da lotaria com o número indicado.

Já Tomás Pires <sup>(1)</sup> tinha arquivado a seguinte credence alentejana: «Quem encontra um lagarto de duas caudas, deve apanhá-lo e metê-lo numa arca em cujo fundo haja uma pequena camada de areia ou farinha. O lagarto, com as caudas, escreve aí o número do prémio grande da lotaria próximamente a extrair-se».

O mesmo etnógrafo também colheu no Alentejo a lenda que atribui ao sardão a amizade pelos homens e às cobras a afeição pelas mulheres.

Em Bragada (informação do dr. Aníbal Silva), o sardão tem certas aplicações terapêuticas: quem tiver dores de dentes, deve caçar um sardão vivo, feri-lo na cabeça e colher num pouco de algodão em rama umas gotas de sangue, soltando depois o animal. Em seguida, aplica-se a pelotasinha de algodão, embebida em sangue de cabeça do lagarto, sobre o dente que doe, e a dor passa.

O sardão também é eficaz no tratamento das maleitas. Apanha-se um vivo e mete-se dentro dum segmento de cana, arrolhado nas duas extremidades. Depois deve traze-lo, pendente do pescoço, o individuo que sofre de sezões.

D. Maria C. Portugal Dias <sup>(2)</sup> colheu esta superstição em Ourique: «Agarra-se um lagarto vivo e golpeia-se tantas vezes quantas sejam as necessárias para que êle deite sangue. Logo que isto suceda, unta-se a quebradura com êle e deixa-se o lagarto em liberdade. Conforme êste se fôr curando, assim se curará o quebrado».

Prática terapêutica muito mais fundamente arreigada na tradição popular, é o uso dos excrementos de sardão em doenças oculares.

Diz o dr. Santos Júnior <sup>(3)</sup> que em Maçores (concelho de

(1) Tomás Pires, *Investigações etnográficas*. «Revista Lusitana», XI-XII; *Superstições, crenças, usos e costumes alentejanos*. Lisboa, 1908.

(2) Trad. pop. do Baixo Alentejo. «Revista Lusitana», XX, 1917.

(3) Santos Júnior, *Notas de medicina popular transmontana*. Porto, 1929.

Moncorvo) usam tratar as belidas com *lixa* de lagarto, curativo que consiste no emprêgo de excremento daquele animal. Os lagartos, diz o dr. Santos Júnior, depõem sôbre as pedras dos muros as suas fezes, que são fáceis de reconhecer pelos entendidos. A massa central escura é despresada; apenas aproveitam a parte periférica, de côr branca, que pulverizam e metem dentro duma palha, soprando em seguida para o ôlho doente.

Este tratamento é igualmente aplicado nos animais domésticos.

Os drs. Justiniano A. Miranda e Mário C. Miranda, num seu trabalho inédito sôbre medicina popular no distrito de Bragança, também registam como colírio sêco usado em Moncorvo, *lixa* (excremento moído), de lagarto, apanhado em Maio.

Na minha dissertação inaugural <sup>(1)</sup> refiro-me a uma rapariga, que eu vira com um extenso leucoma da córnea, e que me afirmou ter tratado a moléstia causadora daquela cicatriz com sujidade de sardão.

Onde iria o povo buscar a ideia para usar o imundo e ingênuo remédio?

Curvemos humildemente o nosso ráquis aprumado de filhos legítimos de Esculápio e abramos um manual português de oftalmologia publicado em fins do século XVIII por um Lente Oculista do Hospital de S. José <sup>(2)</sup>.

Joaquim José de Santa Ana, professor de oftalmologia na velha Escola de Cirurgia de Lisboa, preconisa a pág. 259 do seu, aliás, valioso tratado, as seguintes receitas:

## N.º XXIV.

## Pós Ophthalmicos, ou collyrio secco simples.

Açucar cande do mais puro . . . . .	oitava huma.
Licho de lagarto . . . . .	grãos seis.
Osso de Ciba . . . . .	grãos tres.
	misture.

(1) J. A. Pires de Lima, *Estudos sôbre a conjuntivite granulosa*. Famalicão, 1903.

(2) Joaquim José de Santa Anna, *Elementos de Cirurgia ocular offerecidos a sua alteza real o senhor D. João principe do Brazil*. Lisboa, M.DCC.LXXXIII.

## N.º XXV.

## Collyrio secco composto.

Açucar cande do mais puro . . . . .	oitava huma.
Licho de lagarto . . . . .	grãos oito.
Osso de Ciba . . . . .	grãos quatro.
Cal de cascas de ostras . . . . .	grãos seis.
	Misture.

«Depois de reduzir os simples destes dois Collyrios a pós impalpaveis, diz o mestre Santa Anna, se usará delles do modo seguinte. Situado o doente com a cabeça para traz, seguras as palpebras se toma na pá de hum palito, huma modica porção, e levando defronte do globo do olho, voltará o palito, deixando cahir os pós em sima da molestia; e fechando depois as palpebras, se mandarão remover os globos até se desfazerem os pós, a limpando depois os angulos e frizos das palpebras com hum pincel de fios, molhado em agua fria.

Este modo de deitar os pós he melhor, que o de serem soprados por canudo de papel, ou penna, pois a força do ar, que os impelle, os espalha de tal sorte, que poucos ficão em sima da molestia, para a sua utilidade, como a experiencia me tem feito ver».

O famoso livro de S. Cipriano <sup>(1)</sup> fala do seguinte modo da «Mágica do lagarto vivo, sêco no forno»: Toma-se um lagarto vivo, dos de lombo azul, e mete-se numa panela nova bem tapada e leva-se a um forno para torrar. Logo que esteja bem sêco faz-se em pó e deita-se numa caixa de sândalo. A mulher ou homem que deseja cativar o coração de qualquer pessoa, basta dar-lhe uma pitadinha dêste pó em vinho ou café, e terá essa pessoa sempre às suas ordens. Diz Jerónimo Cortez que êste pó é maravilhoso também para tirar dentes sem dor, esfregando com êle as gengivas.

O dr. Luís de Pina <sup>(2)</sup> informa que, na romaria de Santa Luzia, em Guimarães, se vendem sardões e pássaros de uma massa coberta de açúcar. Os rapazes oferecem sardões às raparigas e estas passarinhos àqueles. São dádivas maliciosas, relacionadas com o antigo culto fálico.

J. A. PIRES DE LIMA.

(1) *O grande livro de S. Cipriano ou thesouro do feiticeiro*. Pôrto, 1921.

(2) Luís de Pina, *Vimaranes*. Tese da Faculdade de Medicina do Pôrto, 1929.

**Alguns aspectos da vida portuguesa  
no «Cancioneiro de S. Simão de Novais» (1)**

Já há alguns anos que vou dedicando grande parte dos meses de Agosto e Setembro à colheita e ao estudo dessas deliciosas cantigas que brotam aos milhares por todo o nosso Portugal.

É na tradição que podemos melhor estudar a psicologia do velho e honrado povo português.

Foi numa minúscula aldeia do Minho, muito perto da antiga e nobre cidade de Guimarães, berço em que foi embalado o Reino de Portugal, que ouvi cantar as lindas e saudáveis raparigas do campo e os musculosos e fortes moços da lavoura.

Que melhor gente poderia ter escolhido para apreciar os usos e os costumes do nosso povo, do que esta, onde pela primeira vez vibrou a alma da nossa Raça?

Não é no ar impuro da cidade, nem entre as pessoas ricas e ilustradas que podemos escolher o tipo característico do nosso povo: é, pelo contrário, escutando o camponês analfabeto destes lugares que se pode analisar o verdadeiro sentimento nacional.

Foi desta maneira que o genial Camilo, ouvindo a gente humilde de S. Miguel de Seide, conseguiu escrever páginas das mais brilhantes da literatura pátria.

Muito teriam a lucrar os nossos poetas e compositores, se ouvissem cantar os trabalhadores do campo, para poderem criar música e poesia verdadeiramente nacionais. Nas cantigas populares, simples composições de quatro versos, condensa-se todo o modo de ser e de pensar da nossa gente. Umhas são tristes e fatalistas, outras irónicas e alegres. Umhas discutem maliciosamente o amor, outras cantam o sentimento religioso e patriótico.

Quanto mais antigas, mais bem feitas são estas pequenas composições líricas. É a prova do que afirmo terá o leitor ocasião de encontrar nas quadras que adiante vão publicadas. Algumas são recentes, e portanto ainda precisam de ser convenientemente aperfeiçoadas, o que só se conseguirá com o decorrer do tempo. O cantor popular tem muitas vezes uma notável intuição poética, e, com a repetição sucessiva, as quadras vão sendo lentamente

buriladas até ficarem autênticas obras primas como muitas que tenho colhido.

E, algumas bastavam, por si só, para imortalizar um poeta.

Na minha longa série de quadras populares — pois que possuo para cima de 1.100 composições — o sentimento amoroso é o que domina. No entanto, este estudo foi motivado por determinadas tendências que certas quadras apresentam e que já foram notadas em trabalhos que publiqui anteriormente. (Vide «Cancioneiro de S. Simão de Novais», *Revista de Guimarães*, 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> séries).

E, assim, achei que era do meu dever principiar a estudar separadamente determinadas quadras que versam temas de importância para o estudo da psicologia da gente portuguesa. Não se queira ver, nestas modestíssimas notas, mais que um subsídio para trabalho de maior fôlego, que possivelmente amanhã alguém tentará levar a efeito, englobando em grosso volume o estudo comparativo das quadras de todas as províncias do nosso País. Trabalhos dêsse género teem tentado diversos etnógrafos e ultimamente o sr. dr. Luís Chaves.

Parece-me também que, no momento em que a versalhada de revista, desprovida de todo o senso poético e moral, invade, duma forma impertinente, todas as regiões do País, desmoralizando e pervertendo o sentimento generoso da nossa gente, não se devem deixar perder essas admiráveis composições poéticas que, por si só, erguem muito alto o nível mental do povo que as produziu.

Tem sido pois de salvação o trabalho que me propus levar a efeito; e suponho ter conseguido já alguma coisa de útil, como bem o prova a minha colecção folclórica.

Seria injusto se neste momento não lembrasse os nomes dos drs. Augusto César Pires de Lima e Gomes Pereira que, nos concelhos de Santo Tirso e Barcelos, fizeram valiosas colectâneas, em regiões próximas da minha, cancioneiros que foram dados à estampa na «Revista Lusitana», dirigida pelo eminente prof. dr. Leite de Vasconcelos.

Nas quadras que se vão seguir, encontram-se nitidamente gravados os sentimentos do nosso povo: a tristeza, a dor e a própria alegria que a resignação lhe confere, mesmo nos momentos mais trágicos.

Em poucas palavras resumem-se perfeitamente longos tratados de psicologia.

E, nas quadras populares, que belos exemplos nós temos para demonstrar o que acabo de dizer...

(1) Comunicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Sessão de 7 de Fevereiro de 1930.

## A política

Vão iniciar a série aquelas que se referem à política. O povo das aldeias não tem tendências políticas. Êste ou aquele homem público, que vai tomar conta do poder, deixa-o geralmente indiferente. A própria mudança do regime, pode afirmar-se que não o interessou. A nossa gente é pacata e resignada. Cumpre sem hesitações o que lhe mandam e os portugueses rústicos são trabalhadores admiráveis, desde que os saibam convenientemente dirigir e orientar.

Um estadista da monarquia serve de tema para duas quadras curiosas, que rezam assim:

J. F. veio ao Pôrto;  
Vinha muito asseado:  
Calcinhas de pano cru,  
Casaquinha de riscado.

J. F. veio ao Pôrto  
De bôtinhas amarelas;  
Vai-te embora, J. F.,  
Senão tu ficas sem elas...

A primeira foca ingenuamente e com simpatia a personalidade referida. A segunda, crivada de ironia, é uma alusão nítida à vinda dêste célebre político à capital do norte, onde sofreu certos dissabores.

Outro vulto monarquico também serviu de motivo para a fértil inspiração popular, e assim:

Anda na marinha,  
Vai ser marinheiro;  
Hei-de perguntar  
Ao P. C.

O P. C.  
É um grande ladrão  
Que nos quer roubar  
A nossa nação.

A segunda quadra que diz respeito àquele militar é irreverente; mas o poeta, num arripio de contrição, soltou os seguintes cantares, nos quais combate um vulto e o próprio regimen republicanos:

Ó Laurindinha,  
Casca de sobreiro!  
Morra o A. C.  
Viva o C.!

Ó Laurindinha!  
Bolacha Maria!  
Morra a República!  
Viva a Monarquia!

Nestas duas composições são feitas alusões políticas, que a mim não compete discutir. Um dia a História dirá se ao poeta que estas quadras produziu, assistia ou não razão.

Por fim o mesmo discutido chefe republicano A. C., é alvejado também irônicamente na seguinte quadra:

O A. é um homem;  
Veio cá buscar as notas.  
Assim qu'as pilhou no bôlso,  
Logo lhe virou as costas.

E, para terminar a primeira parte dêste trabalho, vou apresentar uma, em que é uma mulher quem fala, tôda envaidecida por o seu namorado estar no exército. Diz ela:

O meu Amor é soldado,  
Anda em Braga a passear;  
O servir o rei é honra:  
Meu Amor, deixa-te andar.

## O serviço militar

Mas aquilo que mais preocupa e aflige a alma do trabalhador português, é certamente o ter de fazer serviço militar.

Encaram tudo com uma certa filosofia, até com serenidade e alegria; menos, repito, o terem de fazer o serviço militar.

As mulheres choram e os homens ficam acabrunhados. Mas, desde que sejam encorporados, imediatamente esquecem as tristezas passadas e cumprem sem tibiezas o seu dever.

Há quadras em que o cantor é um homem, outras em que é a mulher.

Falam os homens:

Quando eu assentei praça,  
Meu destino foi chorar;  
Tirei a roupa à paisana  
Vesti a de militar.

Meu Pai chora que se mata  
Por eu chegar ao 'stalão;  
Não chore, meu Pai, não chore,  
Que eu hei-de ter livração.

Quando eu assentei praça  
No oito de Infantaria,  
Cortaram-me os meus cabelos;  
Lá foi a minha alegria...

Já fui capitão de cabras,  
Agora vou p'ra major,  
Agora vou p'ra Valença  
Tomar ordens de maior.

Ai, adeus, que eu vou p'ra-Lixa  
Adeus, eu vou-me lixar!  
Ai adeus, rapaziada,  
Eu cá vou p'ra militar!

Meu Pai chora que se mata  
Por eu chegar ao 'stalão!  
Não chore, meu Pai, não chore:  
Os homens para que são?

Sou soldado artilheiro  
Da artilharia do Pôrto;  
Agora vou p'ra Viana  
Acabar de ser garoto.

Sou soldado, sirvo o rei,  
Também sirvo a rainha;  
Também faço sentinela  
A' tua porta, Rôsinha...

Na hora da partida tudo são lamentações, depois vem a resignação, em seguida o hábito e por fim ficam satisfeitos e nunca mais se lembram das tristezas passadas. Estas quadras demonstram com clareza a evolução sentimental do nosso galucho.

Falam as mulheres:

Não quero amor soldado,  
Não no tenho como gente;  
Antes quero capitão,  
Ou alferes, ou tenente.

Meu amor é militar,  
Toca corneta na tropa;  
Também toca cornetim  
Quando passa à minha porta.

Todos os dias eu rezo  
A' Senhora do Pilar,  
Que me livre o meu amor  
Da vida de militar.

Ó comboio d' hora e meia,  
Não te posso ver passar!  
Levaste-lo meu amor  
P'ra vida de militar...

O meu amor era António,  
Do oito de Infantaria;  
Era o soldado mais lindo  
Que o regimento trazia.

Eu hei-de ir p'ra a Santa Marta  
De joelhos a rezar,  
Que me livre o meu amor  
Da vida de militar.

Para a mulher portuguesa, a ida dos seus namorados, ou filhos, ou maridos para o serviço militar ou para a guerra, é o mesmo que a partida para o outro mundo. Não lhes podemos querer mal por isso; é um sentimento bem nacional, talvez pouco vulgar na psicologia de tôdas as nacionalidades.

O papel admirável desempenhado pela portuguesa, quer como mãe, quer como esposa, é digno dos maiores elogios. Muito lhe deve a história gloriosa do nosso País. Grandioso tem sido o seu papel em tôdas as emergências nacionais, quer nas horas gloriosas, quer nas horas de tragédia. É bem da mulher portuguesa o grito lancinante traduzido nesta quadra:

Senhora da Livração!  
Livrai o meu namorado,  
Livrai o meu amorzinho  
Da má vida de soldado!

### A guerra

Da guerra também se fala nas trôvas populares, e no meu «Cancioneiro» algumas se encontram discutindo êste motivo, preocupação constante de todos os tempos e de todos os países. Qual a maneira como a nossa gente encara êste magno problema, é fácil adivinhá-lo para quem tivesse lido com atenção as quadras referentes ao serviço militar.

São as mulheres chorosas, pedindo a Deus que lhes traga livres de perigo os seus maridos e os seus filhos. São as raparigas solteiras que anseiam pelos seus noivos, como deixam transparecer nas seguintes trovas:

O meu amor 'stá p'ra França,  
'Stá p'ra França, vem aí...  
Anda meu amor, oh, anda,  
Que estou à espera de ti.

Antes queria morrer,  
O meu corpo dar à terra,  
Do que ver o meu amor  
Ir combater para a guerra!

A primeira é alegre, denotando satisfação pelo regresso há tanto tempo esperado. A segunda é de horror, com receio que aquele que tanto amava fôsse encontrar a morte nos campos de batalha. A psicologia da mulher portuguesa fica perfeitamente focada nesta última quadra.

Finalmente, e para completar estas notas, vamos ver como o homem encara o problema:

Adeus, meus queridos Pais  
Vou p'ra guerra, vou morrer;  
Adeus meus queridos Pais  
Que não vos torno a ver.

Tu que tens, ó soldadinho,  
Que andás tam triste na guerra?  
Ou te morreu Pai ou Mãe  
Ou gente da tua terra.

Nem me morreu Pai nem Mãe,  
Nem gente da minha terra:  
Morreu-me *onte* a minha amada,  
É hoje o enterro dela.

Soldado que vais p'ra guerra,  
Viste lá o meu João?  
Êsse soldado, senhor,  
Já foi nosso Capitão.

Soldado que vais p'ra guerra,  
Viste lá o meu Luís?  
Êsse soldado, senhor,  
Não veio porque não quis.

Minha Mãe, que nos criaste,  
Minha Mãe, com tais carinhos!  
Eu agora vou p'ra guerra  
Morrer como os passarinhos!...

Lá que as mulheres assim pensem, dirá o leitor, está certo porque são mulheres. Agora os homens... pode reparar alguém, pondo em dúvida a coragem do português. Nada de mais errado. A nossa História basta por si só para mostrar quanto são grandes as possibilidades guerreiras do lusitano. É que, para êle, o ser-se valente não é qualidade especial, mas sim o dever que tem todos de bem desempenhar o seu lugar. Ser militar é um emprêgo como outro qualquer. E é preciso não esquecer que foi desta região que partiu a célebre «Brigada do Minho» que, na Grande Guerra, tam alto levantou o nome de Portugal.

O sentimentalismo tam próprio da nossa gente em nada tem influido para o seu enfraquecimento; antes pelo contrário, tem sido um estímulo digno de registo no heroísmo quasi lendário da nossa Raça.

## O mar

O nosso povo foi sempre influenciado pela longa costa marítima de Portugal.

As lendas terroristas, que na Idade Média corriam, apresentando o mar como um dragão que devoraria todos aqueles que o tentassem desbravar, foram desfeitas pelos portugueses. No entanto essas lendas tiveram, como facilmente se pode compreender, uma forte repercussão nas camadas populares, como nos prova a quadra seguinte:

No meio daquele mar  
Tenho uma pedra comprida;  
Tem um letreiro que diz:  
Quem lá fôr, arrisca a vida.

E realmente muitas vidas se arriscaram nas águas do mar. O Atlântico e o Índico, na verdade, são um grande cemitério de portugueses. No entanto, nem a fome nem a doença, nem a própria morte foram capazes de modificar as características, aliás únicas no mundo, dos portugueses. E, por mais que descobrissem e conquistassem, nunca se encontravam satisfeitos. Essa característica de insatisfação aparece-nos perfeitamente definida na composição que passo a transcrever:

Ó alegria do mundo,  
Por onde é que tens andado?  
Tenho corrido mil terras  
Não te tenho encontrado...

E assim é. E só assim foi possível terem os portugueses atingido as mais remotas paragens do mundo. E só assim se compreende que o nosso Rei D. Manuel I, orgulhosamente se pudesse intitular: «Rei de Portugal e dos Algarves, de Aquém e de Além-Mar, em África senhor da Guiné e da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia».

E o que é verdade é que o mar serve de motivo a muitas quadras populares que recolhi. Tais são:

Se o mar tivera varandas,  
Ia-te ver a Lisboa;  
Mas o mar não tem varandas:  
Quem não tem asas não voa...

O mar pediu a Deus peixes,  
Para andar acompanhado.  
Quando o mar quer companhia,  
Que fará um desgraçado?

O mar pediu a Deus peixe,  
E o peixe pediu fundura;  
O homem pediu ciência,  
A mulher a formosura.

A água clara vai turva,  
Chega ao mar *enquelarece*;  
As mulheres são como a chuva:  
Aos três dias *aborrece*.

Quando eu peguei a amar  
Lada não era pecado,  
Nem o mundo era mundo,  
Nem o mar era sagrado!

Eu hei-de ir, e hei-de vir,  
Falas te não hei-de dar:  
Hei-de-te fazer moer,  
Como o navio no mar.

Moro à beira do rio,  
Moro mesmo à beirinha:  
Da janela do meu quarto  
Ouço cantar a sardinha.

Da minha casa p'ra tua,  
Do meu coração para o teu...  
Trago navios no mar;  
Quem os governa sou eu.

Fui-me confessar ao Pôrto,  
A' terra dos marujinhos:  
Deram-me por penitência  
Mais abraços que beijinhos.

A cana verde no mar  
Também tem a sua dor;  
Eu também tenho a minha,  
Seja ela como fôr.

A cana verde no mar  
Dá-lhe o vento, balanceia;  
Também tu, minha menina,  
O teu juízo *vareia*.

A cana verde no mar  
Navega no caracol.  
Também tu, minha menina,  
És como a ressa do sol.

De noite tanto chorei...  
A lágrima chegou ao mar,  
Que me deram por notícia  
Meu amor ir-me deixar.

Ó mar largo, ó mar largo,  
Ó mar largo sem ter fundo!  
Mais vale andar no mar largo  
Do que nas bôcas do mundo.

Aquele navio novo,  
Aquele novo navio,  
o que me há-de levar:  
Passou as ondas do rio.

O mar também é casado,  
Também tem sua mulher:  
É casado c'ò a areia  
Dá-lhe beijos quando quer.

No meio do mar 'stão rosas,  
Eu bem lhes vejo os botões;  
Eu bem vejo caras lindas:  
Mas não vejo corações...

Lá vem o barco à vela,  
Lá vem a sardinha boa;  
Lá vem o meu amorzinho  
Assentadinho à proa...

Aquele navio novo  
Jura que me há-de levar;  
Eu juro que não hei-de ir  
Passar as ondas do mar.

A cana verde no mar  
Navega por onde quer:  
É como o moço solteiro,  
Enquanto não tem mulher.

A cana verde no mar  
Arrebenta ao nascer;  
Assim *arrebente* os olhos  
A quem não me pode ver.

A cana verde no mar  
Navega, não vai ao fundo.  
Inda que eu queira, não posso  
Tapar a bôca ao mundo.

A cana verde no mar  
Pega depois de torcida;  
Também os amores pegam  
No peito p'ra toda a vida.

Ondas do mar, abrandai;  
Que eu qu'ria pilhar peixe:  
Eu qu'ria deixar o mundo,  
Antes que me ête a mim deixe.

Não há navio sem rêmo  
Nem rio sem corta-mar  
Nem donzela sem amor:  
Só se o não quer tomar.

A Senhora da Saúde  
Tem um manto que reluz,  
Que lho deu um brasileiro  
Que se viu no mar sem luz.



Quantos peixes tem o mar?  
Não sei que não fui ao fundo.  
Também quero que me digas  
Quantos olhos tem o mundo.

Fui ao mar p'ra ver as ondas,  
Ao jardim p'ra ver as flores,  
Ao Céu p'ra ver as estrelas,  
Aqui p'ra ver meus amores!

Já fui ao mar de joelhos,  
De joelhos fui ao fundo:  
Por tua causa, menina,  
Já fui ao cabo do mundo.

Menina, que vai no barco,  
Tire o pé, que molha a meia!  
Vá casar à sua terra,  
Não case na terra alheia.

Não quero amor pedreiro,  
É muito ruim de lavar;  
Antes quero marinheiro,  
Que se vai lavar ao mar.

No meio daquele mar  
'Stá uma pombinha verde;  
Nem é pomba, nem é nada;  
É raiz da cana verde.

Da minha janela rezo  
A' Senhora das Areias,  
Que me mande o meu amor,  
Que anda por terras alheias...

Fui ao mar caçar um peixe  
Cacei uma rapariga:  
Se eu assim caçara sempre,  
Arranjava a minha vida.

Anda na marinha,  
Vai ser marinheiro;  
Hei-de perguntar  
Ao Paiva Couceiro.

Minha vida! Minha vida!  
Minha vida é como um cesto.  
Ando de porta em porta:  
Quem compra chicharro fresco!

Na praia da Galileia  
S. João foi pescador:  
Deixou barca, deixou remos,  
Seguiu a Lei do Senhor!

S. João, ó S. João!  
Ó meu belo marinheiro!  
Levai-me na vossa barca  
Para o Rio de Janeiro!

Em tôdas estas composições, encontramos retratada a vida marítima dos portugueses. É claro que hoje o mar, como aliás bem o demonstram as quarenta quadras que atrás ficam, não interessa sob o ponto de vista da descoberta e conquista de novas terras. Contudo, as tendências marítimas do nosso povo não se extinguíram, apenas tomaram rumo diferente. Hoje o problema marítimo apresenta-se-nos sob o aspecto meramente comercial. A pesca e o Brasil são duas grandes aspirações do nosso povo, como o provam algumas quadras. Evidentemente na maioria das composições poéticas o mar surge-nos apenas como palavra necessária, quer para completar a rima, quer como complemento para acompanhar o motivo principal, que é outro absolutamente diferente. Não nos devemos admirar disso, porque a quasi totalidade das quadras da minha colecção referem-se a assuntos de amor, sentimento êste que preocupa constantemente os poetas anónimos que as produziram.

A par das composições referentes pròpriamente ao assunto que me propus tratar, achei que não deveria esquecer aquelas

cujos motivos se prendem directamente ao mar, à vida do marinheiro, etc.

### O Brasil

Ao concluir o meu estudo, devo referir-me ao Brasil em especial. Na verdade, se procurarmos nas numerosas poesias de quatro versos, não encontramos quasi nada a respeito das nossas actuais possessões. No entanto, existe uma, no meu «Cancioneiro de S. Simão de Novais», referente à Índia, que reza assim:

Fui degredado p'ra a Índia,  
Não foi por nenhum ladrão:  
Por dar abraços e beijos.  
Na Índia também se dão...

A respeito desta quadra dizia eu no prefácio da 1.ª série do meu «Cancioneiro»: «Algumas devem ser bem antigas, como a do n.º 86, que fala em degredo para a Índia». Dias depois tinha a grande satisfação de receber uma nota do sábio prof. Leite de Vasconcelos, nos seguintes termos: «A sua observação acêrca da cantiga 86 (Índia) é feliz».

É esta a única quadra que faz referência a uma colónia portuguesa. Outra antiga possessão ficou, porém, para sempre, gravada no coração dos lusitanos: O Brasil! E êle aí está a mostrar a todo o mundo o valor do génio nacional.

As quadras sôbre motivos brasileiros que se encontram na minha colectânea, são as seguintes:

Vila Nova já foi Vila,  
Agora é um charqueiro.  
Quem quiser moças bonitas,  
Vá ao Rio de Janeiro.

Você diz que me não quer,  
Eu que não tenho dinheiro?  
Tenho meu pai no Brasil,  
Sou filha dum brasileiro.

Não são calças, meu amor,  
São saias à brasileira;  
São môdinhas e bailares  
Que andam na brincadeira.

Quero um amor alfaiate,  
Nem trolha, nem sapateiro;  
Antes quero ir p'ra o Brasil,  
P'ra casar co'um brasileiro.

Oliveira do Brasil,  
Deita para cá um cano!  
O meu amor é teimoso;  
A teima dura-lhe um ano.

Dizeis que já não há rosas  
Lá no Rio de Janeiro?  
Eu 'inda ontem vi uma  
Ao peito dum brasileiro.

O meu pai é brasileiro,  
Minha mãe é Carolina;  
Foram ambos ao passeio  
Tocados a gasolina.

Rosa, que está na roseira,  
Deixa-te estar até ver,  
Que eu vou ao Brasil e venho,  
Inda te hei-de vir colher!

Meu pai estava no Brasil,  
Minha mãe morreu no mar,  
Agora levo a vida  
No terreiro a dançar.

S. João, ó S. João!  
Ó meu belo marinheiro!  
Levai-me na vossa barca  
Para o Rio de Janeiro.

As terras de Santa Cruz continuam, como sempre, a despertar um grande interesse na nossa gente. Brasil e mina de ouro são, para o nosso povo, sinónimos. E o que é verdade é que, apesar da desilusão que sofrem quando desembarcam em terra brasileira, verificando que para vencer é preciso trabalhar muito e durante longo tempo, os portugueses se resignam e, com um esforço hercúleo, conseguem ser alguém e honrar o nome da sua Pátria.

A-pesar, repito, do espírito de aventura da nossa gente, aqueles que emigram nunca esquecem a terra que lhes foi berço. É bem frisante o cantar que, um dia, um poeta, traduzindo o pensamento colectivo, recitou:

Hei-de cantar, hei-de rir,  
Neste nosso Portugal:  
A gatinha é tóda boa,  
Aqui ninguém me faz mal!

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA.

### Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos

Pouco depois de publicado nestas colunas o nosso exame sumário do problema dum possível parentesco entre caracteres rúnicos e caracteres ibéricos, já abordado por Estácio da Veiga e Ricardo Severo, vimos na *Revue Archéologique* uma breve referência a um estudo do prof. Carl Marstrander, da Universidade de Oslo, intitulado *Sobre a origem das runas e dos seus nomes*, em que se defendia a hipótese de as runas derivarem dos alfabetos celto-latinos da Alta-Itália. O assunto interessava-nos evidentemente, visto que também fomos levados a apontar as antigas escritas conhecidas por *norte-etruscas* como um possível elo entre a escrita ibérica e a rúnica; o trabalho do prof. Marstrander parecia à primeira vista, é certo, desviar-nos da ideia por nós aventada de que esse elo seria lígure, mas restava o facto de a escrita lepontiana ter estado, pelo menos, ligada a populações lígures.

Infelizmente a revista onde aquele artigo apareceu, *Norsk Tidsskrift for Sprogvidenskap*, Oslo, 1928, não conseguimos nós obtê-la por intermédio dos livreiros, talvez por se tratar dum primeiro número; e só a amabilidade do seu director, o próprio autor do artigo em questão, a quem por isso tivemos de recorrer, nos permitiu finalmente confrontar as duas hipóteses.

Entre elas não há com efeito incompatibilidade alguma, antes nos parece sustentarem-se mutuamente. Se as runas derivam dos alfabetos celto-latinos, conforme o autor pretende, como as inscrições ibéricas nos aparecem sobretudo a sul e a leste, isto é, na zona *ibérica* propriamente dita, e em contigüidade, na Gália Narbonense, com populações lígures, a tese do prof. Marstrander só nos pode levar a introduzir mais um elo na cadeia, que ficaria deste modo constituída por iberos, lígures, celtas e nórdicos—qualquer que tenha sido o seu ponto de irradiação.

As ideias do autor podem resumir-se como segue:

O prof. Marstrander reconhece *ab initio* que o alfabeto rúnico se não pode explicar inteira e cabalmente nem pela hipótese grega nem pela latina. Quanto à primeira, a sua cronologia não se adapta bem aos factos: só depois da tomada de Olbia e de Tyras pelos Godos do mar Negro é que estes entraram em relações estreitas com a civilização grega, o que faria remontar a origem das runas, quando muito, à primeira metade do século III. Ora o alfabeto rúnico parece ter estado já em uso, na Escandinávia, desde a segunda metade do mesmo século, o que não daria tempo suficiente para a transmissão, apresentando os caracteres rúnicos, para mais, vestígios evidentes de um desenvolvimento interno em solo germânico.

A origem das runas deve pois procurar-se, não no oriente, mas ao sul, e ser mais remota; é então que o prof. Marstrander põe em relêvo as concordâncias flagrantes entre a maioria dos caracteres rúnicos e as escritas celto-latinas das regiões alpestres. Estas proviriam dos arcaicos alfabetos norte-etruscos, mas com influências crescentes do alfabeto latino, que se podem seguir passo a passo, sobretudo nos alfabetos de Sondrio e de Lugano, «cujas inscrições foram redigidas umas em língua céltica, outras em língua lepontiana». E são estes alfabetos também, e não o veneto, como Pedersen pretende, que o autor considera mais próximos do rúnico. Do alfabeto latino, entretanto, teriam sido tirados directamente apenas três sinais: os de valor *f*, *h* e *r*.

Realçando em seguida as relações entre as runas e o alfabeto ogâmico da Irlanda, e integrando tódas as suas inferências, o autor conclue que a origem do alfabeto rúnico deve ser recuada até ao início da nossa era, tendo desaparecido as respectivas ins-

crições por serem então apenas gravadas em matérias pouco resistentes, tais como a madeira e os ossos, e para fins mágicos, isto é, reservadas a uma pequena casta; e que o local mais adequado aos dados do problema é o império marcomano de Marabodvus, onde as influências célticas são em tudo bem visíveis. E é assim que «heterogéneo na sua composição como o meio em que nasceu, o alfabeto rúnico reflete pois a última e decisiva luta entre as escritas latina e celto-etrusca».

Não nos pertence a nós nem criticar nem elogiar o trabalho, evidentemente valioso e probo, do eminente runólogo norueguês, mas registar somente quanto êle vem favorecer a aproximação entre runas e caracteres ibéricos. Citaremos apenas, para terminar, a opinião repetidamente expressa de Salomão Reinach, de que, a pouco e pouco, se há-de ir fortalecendo a tese da existência duma escrita linear no ocidente da Europa antes da vinda dos fenícios, escrita da qual os alfabetos peninsulares, ligúricos, rúnicos, etc., seriam os descendentes.

LUÍS CARDIM.

### Prehistória angolense

Na representação do Instituto de Antropologia do Pôrto na Exposição Colonial de Antuérpia (1930) figura a reprodução dum instrumento de sílex lascado do *Dundo* (Lunda), trazido de Angola, no regresso da Missão universitária de 1929, pelo prof. dr. Castro Portugal. Creio ser a mesma peça a que se refere em carta o dr. Oliveira Boléo, como tendo sido encontrada «nos terrenos revolvidos para a exploração dos diamantes».

Este instrumento pertence morfológicamente à cultura de *Tumba* (Congo Belga), estudada por Taramelli (1901-02) e por O. Menghin (1925), à qual nos parece referível outro achado de *Quifandongo* (Luanda), descrito pelo prof. dr. Leite de Vasconcelos.

O dr. Oliveira Boléo examinou também sílices lascados do *Huambo* na colecção da Missão Geológica.

Pela escassez de bibliografia prehistórica das nossas colónias seria louvável que estas e outras peças fossem remetidas para estudo aos museus da metrópole.

Bibliografia: P. Choffat. Échantillons de roches du district de Mossamedes. Comunicações da Dir. dos S. Geol. de Portugal. IV, págs. 190-194. Lisboa. 1900-01; A. Taramelli. Quelques sta-

tions de l'âge de la pierre découvertes par l'ingénieur Pietro Gariazzo dans l'État Indépendant du Congo. Congrès Int. d'Anthr. et d'Arch. Préh. Paris. 1900, pág. 248. Paris. 1902, e L'Anthropologie. XII, pág. 396. Paris. 1901; J. L. de Vasconcellos. Instrumentos preistóricos da África Portuguesa. O Archeólogo Português. XVIII, pág. 174. Lisboa. 1913; O. Menghin. Die Tumbakultur am unteren Kongo, etc. Anthropos. XX. 1925; U. Rellini. Sulla nomenclatura delle culture quaternarie. Estr. dal Bulletino di Paleontologia italiana. XLVII. 1927. Roma. 1929.

R. DE SERPA PINTO.

### Nótulas asturienses

#### II

A área do «asturiense» encontra-se por ora restrita ao anel formado pelas costas de *Portugal* (Minho), *Galiza*, *Espanha*, *França* e *Irlanda*, e ainda à *Catalunha*, *Estónia* (?) e *Egito* (?), notando-se uma evolução na indústria à medida que nos afastamos de Portugal (1).

Não estando porém assentes as relações cronológicas entre os achados dos diversos países, são prematuras as hipóteses fundadas apenas nas suas características externas. Assim o entenderam os distintos arqueólogos galegos D. Florentino Cuevillas e dr. Bouza Brey ao comparar as culturas do noroeste peninsular com as da Bretanha.

Já acentuamos as analogias de certos instrumentos de tipo asturiense de *Ancora* com os instrumentos de quartzite de algumas estações paleolíticas portuguesas, tendo também o R. P. Eugénio Jalhay, numa conferência, atribuído às estações galaico-portuguesas maior antiguidade que às das Asturias.

Conquanto o «asturiense galaico-português» seja difícil de situar cronologicamente, pois a falta de dados estratigráficos é complicada pela mistura com instrumentos típicos do paleolítico e por possíveis sobrevivências, parece tratar-se duma indústria indígena com tradições paleolíticas, adaptada às circunstâncias do

(1) R. de Serpa Pinto, *O Asturiense em Portugal*. «Trabalhos da S. P. A. E.», IV, pág. 5. Pôrto, 1928; id., *Nótulas asturienses*, I. «Trabalhos, etc.», IV, pág. 175. Pôrto, 1929.

meio e do clima, dada a sua larga distribuição na costa atlântica e notável unidade morfológica, manifestadas em alguns milhares de instrumentos recolhidos.

Ao estudar os picos de *Ancora* consideramos algumas variedades tipológicas para facilidade de descrição, reconhecendo que por vezes deviam resultar mais da configuração dos seixos empregados no seu fabrico do que obedecer a um destino diferente.

É de crer porém que nem todos os instrumentos fôsem utilizados na recolha dos mariscos, tanto mais que concomitantemente aparecem raspadores, lâminas, etc., devendo algumas variedades de picos ser empregadas em usos guerreiros, cinegéticos ou domésticos. Estarão provavelmente neste último caso alguns «picos arredondados» e «picos sub-rectangulares» que apresentavam um gume desenvolvido como o dos «coups-de-poing».

PORTUGAL — Aos investigadores do asturiense minhoto juntou-se o sr. Serafim Neves, que possui na sua colecção excelentes exemplares de *Viana do Castelo*, segundo informações obsequiosas do R. P. Jalhay e tenente Afonso do Paço.

Em *Manhufe* (Matozinhos), na margem esquerda do rio Leça e próximo do mar, encontrou minha Irmã um pico muito grosseiro em Março de 1930, que, relacionado com o achado doutra quartzite lascada em *S. Braz* (Santa Cruz do Bispo), permite trazer muito para o sul a zona do asturiense português.

ESPAÑA — O R. P. Jalhay explorou com o tenente Afonso do Paço um concheiro em *A Guardia* (Galiza).

Na gruta de *Parpalló* (Valencia) refere D. Isidro Ballester o aparecimento de «alguna pieza parecida a los picos asturienses».

As peças de *Montgri*, que vimos em Barcelona, pareceram-nos tipologicamente asturienses, mas formando um grupo distinto como sucede com as minhotas.

IRLANDA — Numa nota posterior serão descritos os picos e outros instrumentos de sílex da *raised beach* de *Larne, Glenarm* e *I. Magee*, que mercê do elevado desprendimento de Mr. C. Blake Whelan podem ser estudados no Museu Antropológico do Pôrto.

Algumas destas peças foram apresentadas em sessão da «S. P. A. E.» de 13 de Dezembro de 1929.

ESTÓNIA — Um «pico» da Estónia, apontado pelo R. P. Jalhay num artigo de M. Ebert, é por ora um enigmático documento a juntar às supostas afinidades asturienses encontradas por Sandford e Arkell no Egito.

BIBLIOGRAFIA — Continuação dos *Trabalhos*, IV, pág. 178:

LXVI — BALLESTER TORMO (Isidro) — *Las excavaciones del Servicio de Investigación en «Còva del Parpalló»*. (Cultura Valenciana. IV, pág. 88. Valencia. 1929).

LXVII — BOSCH GIMPERA (Prof. P.) — *Pyrenäenhalbinsel*. (Max Ebert. Reallexikon der Vorgeschichte. X, Berlin. 1927-28).

LXVIII — BOSCH GIMPERA (P.) y SERRA-RAFOLS (J. de C.) — *El museo arqueológico de Barcelona*. (IV Congreso Int. de Arqueología. Barcelona. 1929).

LXIX — BOULE (Prof. Marcellin) — Análise de LXIII. (L'Anthropologie XXXIX, pág. 170. Paris. 1929).

LXX — CUEVILLAS (Florentino L.) e BOUZA BREY (Fermin) — *Os Oestrinios, os Saefes e a Ofiolatria en Galiza*. (Extr. dos Arquivos do Seminário de Estudos Galegos. II. 1929, pág. 7. A Cruña. 1929).

LXXI — EBERT (M.) — *Die baltischen Provinzen Kurland, Estland* (Praeh. Zeitschrift. V, pág. 499, 1913). Apud LXXIII.

LXXII — JALHAY (R. P. Eugénio) — Análise de LXIV. (Broteria. IX, pág. 271. Lisboa. 1929).

LXXIII — JALHAY (R. P. Eugénio) — *Os Estrinios, os Saefes e a Ofiolatria na Galiza*. (Broteria. IX, pág. 311. Lisboa. 1929).

LXXIV — MELIDA (Prof. José R.) — *Arqueologia española*. (Col. Labor. n.ºs 189-190, pág. 20. Barcelona. 1929).

LXXV — MENGHIN (Prof. Oswald) — *Die mesolitische Kulturentwicklung in Europa*. (Deutsches Arch. Institut. 17 er. Bericht. 1927, págs. 154, 158, 161, 188, 189 e 195. Frankfurt-am-Mein. 1929).

LXXVI — OBERMAIER (Prof. Hugo) — *Palaeolithikum und Steinzeitliche Felskunst in Spanien*. (Sond. aus der Praeh. Zeitschrift. XIII-XIV. 1921-22).

LXXVII — PAÇO (Tenente Afonso do) — *Estação paleolítica de Carreço*. (Sep. da Broteria. IX. Lisboa. 1929).

LXXVIII — PAÇO (A. do) — *Estação asturiense de Carreço*. (Em publ. Broteria. X, pág. 160. Lisboa. 1930).

LXXIX — SERPA PINTO (R. de) — *Nótulas asturienses*. I. (Sep. dos Trabalhos da S. P. A. E. IV. Pôrto. 1929).

LXXX — VAUPREY (R.) — Análise de LXI. (L'Anthropologie. XXXIX, pág. 482. Paris. 1930).

Pôrto. Páscoa de 1930.

R. S. P.

### Machados de bronze das margens do Ave

Na colecção do falecido arqueólogo *Rev. Joaquim A. da Fonseca Pedrosa*, exposta no claustro do convento de S. Bento em Santo Tirso, examinamos recentemente três machados de bronze inéditos, cujas características são:

1). Machado de talão e um anel, com duas caneluras no gume. Comprimento 0,190 m. Encontrado próximo da *Citânia de Briteiros*. Assemelha-se a um machado de Barcelos, existente no Museu Municipal do Pôrto (Cf. J. Fortes. *Portugalia*. II, pág. 662), sendo ambos de aspecto franzino.

2). Machado de talão e dois anéis, com duas caneluras no gume. Tipo vulgar. Compr. 0,235 m. Da *Serra da Saia*, Louro. No Museu M. do Pôrto há um machado de talão e um anel e outro de alvado e um anel da mesma freguesia. (Cf. J. Fortes. *Loc. cit.*).

3). Parte central dum machado de talão e dois anéis, com três nervuras finas no gume. Da *Chã da Presa*, Santo Tirso. Comparável a um exemplar de Viatodos. (Cf. *Portugalia*. II, pág. 421).

O inventário da colecção fica para nota posterior mais desenvolvida. Citaremos contudo as principais peças, que devem estar inéditas: machado de schisto diorítico (?) polido com furo de suspensão, do Monte da Assunção (Santo Tirso); fragmento dum pequeno ídolo-placa (?) ou amuleto da Quinta da Devesa (Santo Tirso); quatro vasos de fabrico manual do Castro do Corvilho; curiosos objectos de bronze e um machado de ferro do Castro de Alvarelos; foice roçadeira de ferro do Castro de Moutinho; 33 vasos e pratos de barro luso-romanos, 5 dos quais pintados, dos cemitérios de S. Cristóvão de Muro e da Quinta da Devesa (Santo Tirso).

R. S. P.

### Bibliografia do prof. Mendes Corrêa. I Aditamento (1929)

Em publicação do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto demos a *Bibliografia do Professor Mendes Corrêa* (56 págs., Pôrto, 1929) <sup>(1)</sup> com o sumário das suas publicações científicas até 1928 inclusivè.

(1) A *Bibliografia* foi reproduzida parcialmente em: «Junta de Educação Nacional. Relatório dos trabalhos efectuados em 1929», págs. 61-74. Lisboa. 1929; e analisada por: P. Eug. Jalhay. «*Broteria*». IX, pág. 72. Lisboa. 1929, e F. L. Cuevillas. «*Nós*». VI, n.º 68, pág. 141. A Cruña. 1929.

Seguindo a numeração desse trabalho, eis a nota complementar relativa a 1929, e a indicação de alguns artigos omitidos:

96-A — Tomaz Ribeiro. «*In Memoriam*», págs. 32-33. Viseu. 1924.

123-A — Humberto de Passos Freitas. «*Trabalhos da S. P. A. E.*», III, fasc. 2, págs. 171-172. Pôrto. 1927.

124-A — Coronel Alexandre José Sarsfield. «*Trabalhos da S. P. A. E.*», III, fasc. 3, págs. 249-252 com um retr. Pôrto. 1927.

140 — La minorité brachycéphale chez les Portugais et l'origine de la brachycéphalie. 2 págs. Extr. des «*C. rendus des séances de la Soc. de biologie*». Vol. C, pág. 526. 1928.

Parece admissível supor a braquicefalia derivada de flutuações individuais dos dolicoídeos primitivos, fixando-se depois em novos ramos humanos. Ver 43, 57, 94 e 117.

141 — Conveniência de as Misericórdias manterem na sua orientação beneficente e caritativa os princípios doutrinários que inspiraram e animaram a sua fundação. 3 págs. II tese apres. ao «*II Congresso das Misericórdias*» (19 a 22. V. 1929). Pôrto. 1929.

*Cit.*: J. S. Tavares. «*Broteria*». IX, pág. 59. Lisboa. 1929.

142 — Art rupestre en Traz-os-Montes (Portugal). 1º Pétroglyphes de la vallée de l'Avelames. 2º Le Sanctuaire d'Outeiro Machado. 16 págs. e 12 figs. Sep. da «*Revue Archéologique*». 5º série. XXIX, págs. 121-136. Paris. 1929.

O rochedo sagrado de *Outeiro Machado* (Chaves) está coberto de algumas centenas de gravuras, atribuíveis ao neolítico final ou começo da idade do bronze, destacando-se representações de machados encabados.

*An.*: F. L. Cuevillas. «*Nós*». VI, n.º 68, pág. 142. A Cruña. 1929.

*Cit.*: R. de Serpa Pinto. *Petroglifos de Sabroso, etc.* A Cruña. 1929; J. Rodrigues dos Santos Júnior. *As ruínas castrejas da Cidadonha*, pág. 12. Pôrto. 1929; J. R. dos Santos Júnior. *Pinturas megalíticas, etc.* pág. 22 e 34. Pôrto, 1930.

- 143 — A cronologia das mais antigas inscrições do noroeste da Península. 26 págs. Discurso inaugural da subsecção de «Ciencias historicas» do Congr. de Barcelona da Asoc. Esp. para el Progreso de las Ciencias, págs. 31-56. Madrid. 1929.

Reflexões sôbre os petroglifos galaico-portugueses, e especialmente sôbre as estações de *Parada* (Pontevedra) e *Alvão* (Vila Pouca de Aguiar), que permitem considerar «as inscrições respectivas como as mais antigas do noroeste peninsular». Ver 115, 129 e 134.

An.: E. Jalhay. «Broteria». x, pág. 190. Lisboa. 1930.  
Cit.: J. R. dos Santos Júnior. *Pinturas megalíticas, etc.*, pág. 23. Pôrto. 1930.

- 144 — Geologia e Antropologia em Portugal. 28 págs. e 11 grav. inums. Exposição Portuguesa de Sevilha. Lisboa. 1929.

Resumo histórico dos trabalhos geológicos e antropológicos realizados em Portugal e nas províncias ultramarinas.

An.: E. Jalhay. «Broteria». x, pág. 190. Lisboa. 1930.

- 145 — A Geografia da Prehistória. 80 págs. e 22 figs., com resumo em francês. Publ. do Instituto de Antropologia da U. P. subsidiada pela Junta de Educação Nacional. Pôrto. 1929.

Capítulos: Legitimidade e âmbito da «Geografia da Prehistória»; História, critérios, cartas; Técnica e interpretação das cartas; A Paleografia física; Factos de Antropogeografia prehistórica. Os três primeiros capítulos foram publicados nos «Anais da Faculdade de Ciências do Pôrto», vol. XVI, págs. 29-62. Pôrto. 1929.

An.: C. Vallaux. «Mercure de France». ccxvi, n.º 756, pág. 692. Paris. 1929.  
Cit.: J. R. dos Santos Júnior. *Pinturas megalíticas, etc.*, pág. 26. Porto. 1930.

- 146 — Prefácio de: «Terras da Beira. Cernancelhe e Seu Alfoz», pelo Ab. Vasco Moreira. Pôrto. 1929.

Pôrto. Março de 1930.

R. S. P.

### Prof. Leite de Vasconcelos

Pelo decreto n.º 16624, de 18 de Março de 1929, foi mudado o nome do «Museu Etnológico Português» para «Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos», e nomeado director honorário o ilustre professor que promoveu a sua fundação e o dirigiu durante 35 anos.

A S. P. A. E. regista gostosamente tão justa homenagem ao seu venerando presidente de honra.

### Congresso Internacional de Antropologia

Está fixada a data de 21 de Setembro de 1930 para a sessão inaugural, em Coimbra, do XV.º Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica e da quarta sessão do Instituto Internacional de Antropologia. Na tarde do dia 23 haverá uma excursão a Condeixa-a-Velha e no dia 25 uma excursão à Figueira da Foz, seguindo nesse mesmo dia os congressistas para o Pôrto, onde se realizará a sessão de encerramento (27 de Setembro). No dia 28 haverá uma excursão a Guimarães e à Citânia de Briteiros, regressando-se à tarde ao Pôrto. No dia seguinte partem os congressistas para Lisboa, onde se realizará uma sessão comemorativa do 50.º aniversário do Congresso de Lisboa de 1880, sob a presidência do Chefe do Estado, que já foi convidado para aceitar o alto patronato do Congresso, pedido a que acedeu.

Do programa constam várias sessões de trabalhos das secções, sessões plenárias, recepções, festas, banquete de gala, etc.

O *Comité* de Honra é constituído pelos srs. Presidente do Conselho de Ministros, Ministros dos Estrangeiros, Instrução e Comércio, presidente do Instituto Internacional de Antropologia, director geral do Ensino Superior, reitores das três Universidades, Prof. Marcelin Boule, Presidentes das Câmaras Municipais do Pôrto, Coimbra e Lisboa, Governadores Civis das três cidades, Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, Presidente da Associação Comercial do Pôrto, Director Geral dos Caminhos de Ferro Portugueses, Presidente da Comissão de Iniciativa de Coimbra, Presidente da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra, Ministros Plenipotenciários dos Estados aderentes e representados.

O *Comité* organizador é presidido pelo sr. prof. Leite de Vasconcelos, presidente de honra da Sociedade Portuguesa de Antro-

pologia e Etnologia, o secretário geral do Congresso é o sr. dr. Alberto Pessoa, da Faculdade de Medicina de Coimbra, e o tesoureiro o sr. dr. António Temido, assistente do Instituto de Antropologia de Coimbra.

A Comissão Executiva está distribuída por um *Comité* de Coimbra e outro do Pôrto. O primeiro é presidido pelo sr. prof. Eusébio Tamagnini, sendo vice-presidente o sr. dr. Barros e Cunha, secretários os srs. drs. Eduardo Santos e Mário Trincão e membros os srs. profs. Virgílio Correia e Maximino Correia. O segundo é assim constituído: Presidente, sr. prof. Mendes Correia; vice-presidente, sr. prof. Hernáni Monteiro; secretários, srs. drs. Alfredo Ataíde e Luís de Pina; membros, srs. drs. Álvaro Rodrigues e Rodrigues dos Santos J.<sup>or</sup>.

O Congresso reparte-se por quatro secções: 1.<sup>a</sup> Antropologia morfológica e funcional, Etnologia, Etnogenia—Presidente, sr. prof. Joaquim A. Pires de Lima, do Pôrto; 2.<sup>a</sup> Paleontologia humana e Arqueologia Prehistórica—Presidente, sr. prof. Amorim Girão, de Coimbra; 3.<sup>a</sup> Hereditariedade, Eugénica, Grupos sanguíneos, Psico-sociologia, Criminologia, Criminalística—Presidente, sr. prof. Beleza dos Santos, de Coimbra; 4.<sup>a</sup> Etnografia, Folklore, Linguística, Religiões, Geografia Humana—Presidente, sr. prof. Silva Teles, de Lisboa.

Para tomar parte na sessão, é necessário ser membro do Instituto Internacional de Antropologia ou enviar a sua adesão apenas para esta sessão (com a soma de 40 frs. franceses)

Todas as informações devem ser pedidas ao sr. dr. Alberto Pessoa, secretário geral do Congresso, Alpenduradas (Coimbra).

---

### Lutuosa

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia prestou oportunamente sentida homenagem à memória de três sábios ilustres, recentemente falecidos, um dos quais pertencia ao número dos seus sócios correspondentes: os professores L. Capitan, Ch. Depéret e Manoel Anton y Ferrandiz.

O dr. Capitan era membro da Academia de Medicina de Paris, professor de Arqueologia Prehistórica na Escola de Antropologia da mesma capital e de Antiguidades Americanas no Colégio de França. Legou a sua valiosa colecção de arqueologia prehistórica ao Museu de Saint-Germain. Tinha uma grande reputação como historiador. Foi um dos principais organizadores do Ins-

tituto Internacional de Antropologia e, pouco antes de morrer, mostrava o maior entusiasmo pelo Congresso de Setembro próximo em Portugal. Infelizmente não lhe foi dado tomar parte nesse Congresso por cuja realização tanto se interessara.

O prof. Depéret era professor de Geologia e Paleontologia na Faculdade de Ciências de Lyon, decano da mesma Faculdade e membro da Academia das Ciências de Paris. Paleontologista de alto mérito, ligou também o seu nome a algumas explorações de arqueologia prehistórica. Devem-se-lhe alguns estudos sobre fósseis de Portugal, tendo sido um colaborador especializado da nossa Comissão dos Trabalhos Geológicos. Vai-lhe ser erigido um monumento na Universidade de Lyon.

O prof. Manoel Anton y Ferrandiz professou o ensino da Antropologia na Universidade de Madrid e era director do Museu Antropológico Nacional daquela cidade. Membro de várias Academias e autor de numerosos estudos antropológicos, foi seguramente um dos iniciadores da moderna ciência antropológica em Espanha. Estava há anos retirado da sua cátedra mas mantinha a sua actividade de director do Museu e de publicista. É uma nobre figura da ciência espanhola que desaparece. Anton era um dos mais antigos sócios correspondentes da nossa Sociedade.

Esta colectividade perdeu também um sócio dedicado e talentoso com a morte do dr. Armando Almeida Prisco, professor auxiliar e naturalista de Mineralogia e Geologia da Faculdade de Ciências do Pôrto. O dr. Armando Prisco foi ainda membro do Conselho Director da Sociedade, mas uma doença prolongada o afastara, havia muito, dela e das suas actividades científicas e pedagógicas em que mostrara tão brilhantes aptidões.

A Sociedade de Antropologia associa-se novamente aos testemunhos de pesar que a morte de personalidades científicas tão meritórias provocou.

---

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

---

CH. DEPÉRET — *Dolichopithecus arvernensis* Depéret — «Travaux du Lab. de Géol. de la Fac. des Sc. de Lyon», fasc. XV, mém. 12. Lyon, 1929.

É o último trabalho elaborado pelo eminente paleontologista francês e saiu já em edição póstuma, feita pelos cuidados do seu colaborador de muitos anos prof. F. Roman, como êle conhecido entre nós pelos seus estudos de paleontologia portuguesa.

Trata-se da descrição duma espécie nova de Catarrínio, descoberta há perto de cinco anos nos depósitos flúvio-vulcânicos do plioceno superior de Senèze (Alto Loire) por M. Philis, em escavações mandadas fazer pelo saúdoso professor. Os documentos encontrados são um crânio e uma mandíbula, que o A. descreveu minuciosamente e comparou com outras formas pitecóides, com a sua altíssima proficiência de paleontologista.

Para o prof. Depéret, *Dolichopithecus arvernensis* seria um descendente directo do *D. ruscinensis*, espécie cujo conhecimento se lhe deve também. A transformação teria sobretudo incidido na estatura, que no *D. arvernensis* aumentou, e na especialização maior do alongamento da face. Este ramo filético é, porém, — até agora — especial do plioceno, não tendo raiz conhecida no mioceno e não possuindo descendentes após o plioceno.

O Laboratório de Geologia de Lyon publicou, com esta valiosa brochura, o retrato do falecido professor e, numa expressiva *plaque*, reproduziu os discursos pronunciados no seu funeral por altas individualidades científicas. É uma justa homenagem ao Mestre saúdoso, que na publicação que analizamos, revelava ainda tôda a pujança das suas faculdades e do seu saber. A sua morte súbita veio interromper brutalmente um labor fecundo e porfiado, que honrou a ciência francesa e a Universidade de Lyon.

MENDES CORRÊA.

---



HERMANN LAUTENSACH — Die eiszeitliche Vergletscherung der Serra da Estrela (Portugal) und ihr Formenschatz — «Verhandlungen und Wissenschaftliche Abhandlungen des 23. Deutschen Geographentages zu Magdeburg 21, bis 23. Mai 1929». Breslau, 1929; *Eiszeitstudien in der Serra da Estrela (Portugal)* — «Zeitschrift für Gletscherkunde», bd. XVII. Berlin, 1929.

O dr. Lautensach, «privat-dozent» em Giessen, fez em Portugal investigações geográficas de grande interesse. Uma parte delas refere-se à costa marítima do nosso território metropolitano e constituiu já o assunto duma importante monografia anterior. Outras suas investigações, não menos interessantes, dizem respeito às glaciações quaternárias da Serra da Estrêla, assunto de que, entre nós, se ocuparam Frederico de Vasconcelos, Nery Delgado e, mais recentemente, o prof. Fleury, do Instituto Superior Técnico.

O A., que, nos seus trabalhos, mostra um conhecimento perfeito da bibliografia portuguesa, expõe os resultados daqueles autores e modifica ou amplia êsses resultados com os das suas próprias investigações. As presentes memórias são acompanhadas de quadros, gráficos, cartas e fotografias originais, que permitem ajuizar da extensão, importância e efeitos das glaciações pleistocenas na mais alta serra de Portugal.

Não daremos, sequer em síntese, as importantes conclusões do dr. Lautensach. Queremos apenas chamar a atenção dos portugueses cultos para estes trabalhos que fornecem novos materiais para o conhecimento dum dos capítulos mais interessantes da nossa paleogeografia.

Registe-se que na vizinha Espanha os estudos glaciológicos têm tomado grande desenvolvimento e interessam numerosos investigadores. Se é certo que, pela menor extensão territorial e pelas condições climáticas do nosso país, não se deve esperar, entre nós, igual intensidade desses estudos, nem porisso as glaciações quaternárias portuguesas são de somenos interesse. Os trabalhos do dr. Lautensach veem enriquecer notavelmente a escassa bibliografia sobre a matéria.

M. C.

JOSÉ PÉREZ DE BARRADAS — *Estudios sobre el terreno cuaternario del Valle del Manzanares (Madrid)* — 135 págs., LIV ests. e 2 mapas geológicos a cores. Madrid, 1926.

Esta importante Memória foi publicada pelo Ayuntamiento de Madrid, por ocasião do XIV Congresso Internacional de Geologia reunido em Madrid.

Depois duma introdução geográfica e geológica, são estabelecidos rigorosamente os limites dos terrenos terciários e quaternários.

O estudo minucioso de numerosos cortes e das estações paleolíticas é feito com uma extraordinária profusão de gravuras e abundante bibliografia, constituindo uma excelente obra de consulta.

R. DE SERPA PINTO.

R. BIASUTTI — *L'utilizzazione preistorica delle grotte da parte dell'Uomo e la storia della loro evoluzione fisica* — Extr. da «Rivista Geografica Italiana». Firenze, 1930.

Os estudos espeleológicos em Itália entraram, de há alguns anos a esta parte, numa fase não só de grande actividade mas também de mais segura interpretação dos factos, graças aos progressos da paleontologia e dos métodos de exploração.

O eminente geógrafo, antropólogo e prehistoriador, prof. Renato Biasutti, faz na nota a que se refere esta análise, uma exposição sumária das novas orientações nos estudos espeleológicos italianos e ocupa-se em seguida, dum modo geral, do trogloditismo humano, tão frequente nas épocas prehistóricas, muito raro na actualidade. Examina o assunto sob os pontos de vista estatístico, cronológico, climático, etc. Na sua opinião, as razões de defeza contra as feras e contra as intempéries explicam o fenómeno em graus diversos segundo as épocas, mas a menor proporcão de cavernas habitadas em certos períodos explica-se também pelo menor número delas e sobretudo das habitáveis. Assim, a evolução física das cavidades subterrâneas tem de ser considerada num estudo do trogloditismo.

M. C.

**Manuel de recherches préhistoriques** — Publié par la Société Pré-historique Française — 416 págs., 161 figs. e XXXIV ests., 3 quadros desdobráveis. 2.<sup>a</sup> ed. Paris, 1929.

Divide-se em duas partes, relativas à técnica geral e especial a seguir nos estudos prehistóricos, ilustradas com centenas de gravuras.

Ainda que bastante elementar em alguns assuntos, este Manual, compilado por Ed. Hue, pode prestar bom serviço quando se não dispuser de artigos especializados, que deviam figurar numa lista bibliográfica. (Ver «Trabalhos», IV, pág. 196).

R. S. P.

**CARL SCHUCHHARDT — Alteuropa, eine Vorgeschichte unseres Erdteils** — 2.<sup>a</sup> ed., 307 págs., 164 figs. e 42 ests. Leipzig, 1926.

Apesar do valor real da obra, reflexo do estudo directo das fontes, merecem reparo as ligeiras e escassas referências a Portugal (págs. 39, 51, 63 e 273).

Só as casas circulares de *Briteiros* e *Sabroso* (fig. 19) chamam imperfeitamente a atenção do A. (págs. 54 e 79), que as relaciona com os *talayots* baleáricos. A cabana moderna de Montignac (est. XIII), e o portal do *nuraghe* de S. Vittoria di Serri (fig. 36), fornecem importantes elementos de comparação para o seu estudo.

Os ídolos tessálicos e malteses reproduzidos na fig. 44 e est. XX permitem-nos dar uma nova interpretação aos ídolos cilíndricos portugueses, que, em alguns casos, seriam apenas as cabeças de figuras com o tronco de barro ou de pedra.

R. S. P.

**GEORGE GRANT MAC CURDY — Old-World Prehistory in retrospect and prospect** — Repr. from the Proceedings of the Amer. Philosophical Soc. — Vol. LXVIII, n.º 2, págs. 95-106. Lancaster, 1929.

Recorda-se que a Prehistória está no comêço do seu desenvolvimento, ainda que passe em 1930 o centenário da proposição dum sistema de cronologia prehistórica por Thomsen.

A-par da evocação do trabalho dos primeiros prehistoriadores, encontram-se precisas reflexões sobre o sentido da Prehistória e os factos adquiridos.

No «Bulletin of the American School of Prehistoric Research» (v, pág. 11, New Haven, 1929) publica o A. um artigo sobre o mesmo assunto, intitulado: *The past, present, and future of Old-World Prehistory*.

R. S. P.

**JOSÉ R. MÉLIDA — Arqueologia española** — 418 págs., 210 figs., XXXII ests. a negro e 4 policromas. Col. Labor., n.ºs 189-190. Barcelona, 1929.

Valiosa obra de conjunto sobre a arqueologia peninsular, que, pela documentação gráfica excederia o quadro dum simples livro de vulgarização se a bibliografia fôsse mais completa, pois assim é difícil verificar algumas referências.

São especialmente cuidados os capítulos sobre a idade do ferro (144 págs.) e época romana (124 págs.). O último representa um trabalho de mão de mestre, e prestará grandes serviços por constituir uma síntese que fazia falta, e em que o texto acompanha seguramente as gravuras.

R. S. P.

**HUGO OBERMAIER — El paleolítico del Marruecos español** — Extr. do «Boletín de la R. Soc. Española de Historia Natural», t. XXVIII, 1928, págs. 269-272. Madrid, 1928.

Deve-se aos ilustres prehistoriadores H. Obermaier e Perez de Barradas o estudo, em novos moldes, do paleolítico peninsular, relacionando-o com as culturas africanas.

Em *Die Kleinafrikanische Felskunst im Lichte der Vorgeschichtsforschung* (Hadschra Maktuba, München, 1925), e *El paleolítico del Africa menor* (Madrid, 1927) tinha já o prof. Obermaier examinado o paleolítico inferior e superior e a arte rupestre da África setentrional, com uma extensa bibliografia. A falta de elementos sobre o protectorado espanhol animou-o a uma visita de estudo às regiões costeiras, cujos fructuosos resultados apresenta nesta nota preliminar.

Além da esperança de futuras descobertas líticas e de arte rupestre, ficou assegurada a existência de indústrias do chelense, acheulense, mustierense, capsense antigo e superior, que colocam este território num lugar de destaque, natural por se tratar de um

«gran punto de convergencia de las corrientes migratorias y culturales de aquellos tiempos primitivos, que procedentes del Nordeste africano, se dirigían por el Estrecho de Gibraltar a Europa, y de las que a su vez, procedentes de nuestra Península, pasaban al Continente Negro».

R. S. P.

K. ABSOLON — *New finds of fossil human skeletons in Moravia* — J. MATIEGKA — *The skull of the fossil man Brno III and the cast of its interior* — Sep. de «*Anthropologie*». VII, págs. 79-107, figs. e ests. inums. Prague, 1929.

Os restos humanos da raça aurignacense da Moravia, descobertos no loess de Vestonice, Predmost e Brno, são o resultado das metódicas investigações do prof. Absolon e dos seus colaboradores.

A estação de *Vestonice*, que se revela como uma das mais ricas do mundo, deu cinco dentes, um crânio cortado em forma de taça e fragmentos dum esqueleto infantil.

Os restos do esqueleto encontrado em *Predmost* teem vestígios de descarnamento, provando o canibalismo prehistórico.

O prof. Matiegka descreve cuidadosamente o crânio dum esqueleto quasi completo (Brno III), que fornece valiosos elementos para o estudo da raça de *Brno*.

R. S. P.

COMMANDANT BÉNARD LE PONTOIS — *Le Finistère préhistorique* — Publ. do Instituto Internacional de Antropologia (n.º 3). 1 vol. de 337 págs., 374 figs. e várias cartas. Paris, 1929.

Seria um lapso imperdoável não registar, com o devido elogio, numa revista portuguesa como a nossa, uma publicação tão importante sobre a prehistória bretã, pois, a ém do interesse geral deste livro, êle possui para nós também o alto interesse especial que resulta da existência averiguada de relações ante-históricas entre Portugal e a Bretanha.

O sr. comandante Bénard le Pontois, que sucedeu ao saído do dr. Capitan no secretariado do Instituto Internacional de Antropologia e na regência da sua cátedra da Escola de Antropologia de Paris, é uma individualidade dum ampla cultura e de distintas

faculdades de investigação científica. O seu livro, como no prefácio escreveu justificadamente o dr. Capitan, é cheio de ideias e factos inéditos, moderno nos métodos, dum documentação precisa e abundante.

Estudou-se nesse volume sucessivamente a geologia e fisiografia da Bretanha, a sua mais remota ocupação humana, o neolítico da região, a era monumental, a idade do bronze e a idade do ferro, até ao final da independência gaulesa. É impossível nesta notícia sumária acompanhar a exposição cuidada e sugestiva do autor através dum estudo tão rico e detalhado. Salientaremos o interesse particular que para nós possuem os capítulos sobre os «*Kiökkenmøddings*» sobre os megálitos e sobre a época do bronze na Bretanha. O autor foca as afinidades entre os «*Kiökkenmøddings*» bretões e os de Muge. A respeito dos megálitos, expõe pontos de vista originais sobre a sua significação. Pelo que diz respeito às comparações com Portugal, a informação bibliográfica é, porém, pouco extensa e um tanto antiquada. Na sua recente visita ao nosso país — visita que se renovará, com o maior júbilo dos seus amigos portugueses, no próximo Congresso — o sr. comandante Bénard interessou-se de-veras pelas nossas colecções e pela bibliografia portuguesa recente.

Teem também grande interesse as considerações do autor sobre a Atlântida e sobre a ampliação do domínio marinho nas costas bretãs. Não deixaremos de lamentar que na bibliografia da Atlântida faltem alguns trabalhos científicos, como os de Lucas Navarro, Mahoudeau, Couissin, vários de L. Germain, etc., etc., e seja, por exemplo, citado o livrito de Roger Devigne, que não tem nenhum valor científico.

Longe de mim com estes pequenos reparos pretender diminuir o mérito real do livro do sr. comandante Bénard. Como disse no princípio desta breve análise, entendo mesmo que se trata dum importante trabalho que não interessa apenas ao estudo da prehistória geral e da prehistória bretã, mas que deve ser constantemente compulsado pelos investigadores peninsulares da especialidade.

Documentação regional rica, muitas ilustrações, desenhos e cartas, minúcia, originalidade, método, são factos que distinguem o livro em questão, tornando o seu ilustre autor digno de rasgado encómio.

M. C.

NICOLAI NIC. MOROSAN — *O Statiune paleoliticé în Dobrogea-Topalu* — Memórias da Academia Romena. Bucarest, 1928.

O autor, licenciado em Ciências Naturais e investigador do Laboratório de Geologia e Antropologia da Universidade de Jassy, estuda neste trabalho uma estação paleolítica que descobriu na região de Topalu, no Dubrudja. É uma gruta, em parte obstruída por depósitos em que o autor encontrou restos de fauna e indústria atribuíveis ao pleistoceno superior.

A fauna identificada é a seguinte: *Elephas* sp.; *Equus caballus fossilis*; *Cervus* cf. *megaceros*; *Cervus* sp.; *Bos* cf. *priscus*, carnívoros vários, etc.

A indústria, pouco abundante e constituída por objectos de pedra e osso, é por êle referida à época aurignacense. Um bom resumo em francês e boas figuras facilitam a compreensão deste trabalho a quem não conheça ou conheça mal a língua romena.

M. C.

NICOLAI NIC. MOROSAN — *Noi contributiuni preistorice asupra Basarabiei de Nord* — Memórias da Academia Romena. Bucarest, 1929.

Resenha dos resultados de explorações prehistóricas, realizadas no verão de 1928, sobretudo na Bessarábia do norte, particularmente nas margens do Pruth, do Cinhur e do Dniester.

Estão representados por várias estações o mustierense, o paleolítico superior, o mesolítico, o neo-eneolítico. Revestem especial interesse os achados mesolíticos de diferentes jazidas da margem direita do Dniester. Uma destas, a de Naslavcea, forneceu mais de mil objectos, alguns dos quais se assemelham aos do paleolítico inferior, outros a modelos neolíticos, especialmente campignienses.

O sr. Morosan está apresentando valiosas contribuições para o conhecimento da prehistória, tão interessante, do seu país.

M. C.

J. KOSTRZEWSKI — *Nouvelles fouilles et découvertes en Poméranie polonaise* — Separ. da «Revue Anthropologique». Paris, 1929.

Os mais antigos vestígios humanos na Pomerânia polaca são da cultura swideriense, contemporânea do madalenense final. De-

pois veem as culturas mesolíticas, representadas pela maglemosense e pela tardenoisense. Esta última, descoberta na região por L. Sawicki e pelo autor, abrange nada menos de 25 estações descobertas no ano de 1928, perto da costa báltica. O sr. Kostrzewski, professor da Universidade de Poznan, ocupa-se neste trabalho com especial desenvolvimento da indústria lítica ali encontrada, a qual é do maior interesse, mas trata também muito desenvolvidamente das culturas do neolítico e megalítica, em especial da distribuição da cerâmica «rubané».

A resenha feita pelo autor, o qual lhe juntou numerosas figuras que representam variados objectos, dá a medida da importância das explorações já realizadas e é de indispensável consulta para qualquer estudo de conjunto sobre as épocas e culturas ali encontradas.

M. C.

PIERRE BOURRINET — *Mes dernières fouilles à la grotte de la Mairie, à Teyjat (Dordogne)* — Extr. do «Bull. de la Soc. Historique et Archéol. du Périgord». Périgueux, 1929.

O autor, que já em 1908 publicara em colaboração com Capitán, Breuil e Peyrony um estudo sobre as pesquisas na gruta de la Mairie, dá neste trabalho a notícia dos resultados das escavações a que êle mesmo procedeu à entrada da gruta, completando as explorações anteriores. Descreve assim três objectos que encontrou: um amuleto formado por um espongiário fossilizado, com orifício de suspensão; uma estalactite gravada; e o fundo duma lâmpada de grés com algumas gravuras de partes de animais.

Trata-se duma estação da época madalenense.

M. C.

COUNT BÉGOUEN — *The magic origin of prehistoric art* — Repr. from «Antiquity». March, 1929.

Lúcida e documentada exposição da conhecida doutrina da origem utilitária, mágica, de arte paleolítica. O ilustre arqueólogo de Toulouse tem apenas dúvidas sobre a significação mágica da arte nalguns pequenos objectos, mas entende poder afirmar que a magia determinou a arte prehistórica preponderantemente em relação a quaisquer outros factores, embora em graus vários.

M. C.

JOSÉ F. MENENDEZ — *La Cueva de El Pindal y sus pinturas rupestres* — Covadonga, 1929.

Novo trabalho, bem ilustrado, sobre a gruta de El Pindal, descoberta em 1908 por Alcalde del Rio e de cujas pinturas também se ocupou já o eminente prehistoriador Breuil.

O infatigável arqueólogo asturiano dá uma descrição sugestiva e pormenorizada da gruta, das condições de acesso e dos seus documentos de arte pré-histórica.

M. C.

HENRI BREUIL, M. C. BURKITT and SIR M. POLLOCK — *Rock Paintings of Southern Andalusia. A description of a neolithic and copper age art group* — XII + 88 págs., XXXIII ests., 2 ests. policromas, 54 figs. e 7 mapas. Oxford, 1929.

Mercê do auxílio de esclarecidos beneméritos, os profs. Breuil, Burkitt e Sir M. Pollock reuniram em luxuoso volume (ed. limitada de 400 exemplares) um magnífico repertório das pinturas rupestres neo-eneolíticas da Andaluzia meridional, esperando mais tarde realizar idêntica obra para outras províncias espanholas.

Com especial detalhe é estudada a *Cueva de las Figuras*, com mais de meio milhar de pinturas de seis técnicas distintas, dando em duas estampas policromas o aspecto dos painéis da gruta principal e da passagem que a ela conduz.

De nada menos de 80 grutas ou abrigos se ocupa o resto da obra, apresentando fotografias, estampas, mapas e uma útil seriação dos tipos humanos e animais reconhecidos nas grutas (págs. 5-9 e 29-34).

R. S. P.

COMTE BÉGOUEN — I. *De l'authenticité des objets d'Alvao* (Portugal). II. *A propos des galets coloriés du Mas d'Azil* (Ariège). Extr. du «Bulletin de la Société Préhistorique Française», 8 págs. e 1 est. Le Mans, 1929.

O ilustre prehistoriador tolosano, na primeira nota, reivindica a prioridade, entre os franceses, do reconhecimento por autêntico do espólio de Alvão (dólmen VIII), negando que êle possa justificar os achados de Glozel.

Na segunda nota defende a autenticidade dos seixos pintados azilenses, com a intervenção de Ad. de Mortillet e Vayson de Pradenne.

R. S. P.

A. MORLET — *Glozel* — 1 vol. de 292 págs. e 437 figs. Paris, 1929 — SALOMON REINACH — *Ephémérides de Glozel* — t. II. Paris, 1930.

Depois da decisão da Comissão Internacional do I. I. A. sobre Glozel, das publicações dos srs. Champion, Vayson de Pradenne, Dussaud e Favret, e por fim do relatório do falecido perito policial, sr. Bayle, sobre algumas *tablettes* que teriam sido apreendidas no Museu Fradin, estabeleceu-se indubitavelmente na opinião pública e mesmo em quasi todo o mundo científico a convicção da inautenticidade dos achados de Glozel, que haviam sido proclamados como a mais notável descoberta arqueológica do nosso século.

Apenas os *Cahiers de Glozel*, o livro de Voeltzer, alguns artigos de Cartereau, de Constantinescu, de Tricot-Royer, do *Mercure de France* e do *Aesculape* faziam excepção à regra, quebrando o silêncio desdenhoso que se formara em torno dos famosos achados do Bourbonnais. As descobertas portuguesas de Alvão, que, proclamadas havia anos uma pura mistificação por alguns arqueólogos de nomeada, tinham voltado à tela do debate por causa de Glozel, essas iam ganhando defensores, mesmo entre os anti-glozelianos mais caracterizados, como o conde Bégouen.

Mas Glozel parecia um caso liquidado, se bem que o assunto tinha ainda aspectos obscuros e se não havia chegado a condenar o suposto falsário nos tribunais franceses, embaraçados, a-pesar-de tudo o que se disse e escreveu, para encontrar provas contra o jóven Fradin.

O dr. Morlet — que é inegavelmente um homem inteligente embora os seus adversários o dêem como um obcecado, de longa data iludido por um rude camponês — não se rendeu, entretanto. Temos presente o seu livro documental sobre os achados de Glozel, muitos dos quais eram ainda inéditos. O livro é puramente descritivo e profusamente ilustrado: 437 figuras, nada menos.

Entre estas, encontram-se as de peças que, em vista da atmosfera de desconfiança que se formou, exigiriam um exame imparcial e metuculoso sobre o seu valor documental. A indústria lítica, por exemplo, é escassa, pobre e atípica. Muitas peças cerâmicas apresentam, como sempre dissemos, um estado de conservação

que surpreende. E a abundância de certos grupos de exemplares inspira estranhezas legítimas, embora não dê de pronto certezas senão àqueles que, em vez duma opinião scientificamente rigorosa, tem um mero «parti-pris».

Mas extranho falsário êsse que, para acreditar as suas mistificações, ousaria incluir no conjunto os «ídolos» mono- ou bi-sexuados! De resto, por mais inverosímeis que nos apareçam alguns objectos, há, entre êles, muitos cuja concepção seria prodigiosa em quem não tivesse uma desenvolvida erudição arqueológica. Será êste ou aquele o caso do moço camponês Fradin?

Seja como fôr, certas figuras como as de n.ºs 14, 22, 65, 68, 84, 85, 279, 323, 324, 388, etc., etc., não inspirariam porventura suspeitas se aparecessem em trabalhos sôbre estações arqueológicas incontestadas. Não é certamente o exame de simples ilustrações que pode permitir um juízo, mas a impressão não é desfavorável.

O que concluir? Que se impõe um exame desapassionado e rigoroso sôbre tôdas as peças — sôbre as que parecem falsas e sôbre as que parecem verdadeiras. Algumas destas últimas teriam sido submetidas ao sr. Bayle? O relatório dêste é inatacável?

O sr. Salomão Reinach prosseguiu na publicação das *Éphémérides de Glozel*. Saiu agora o tomo II. O tom polémico, por vezes vivo, substitui-se aí à calma descritiva do livro do dr. Morlet. Entretanto, trata-se dum trabalho interessantíssimo para a história dum debate científico em que, dum lado e doutro, não falta quem mantenha irreduzíveis as posições assumidas no comêço da discussão. Amor próprio, paixão, cegueira, de qualquer das partes? Não fazemos a uns ou outros a injustiça de os supormos todos incapazes duma *amende honorable*, inspirada no reconhecimento da evidência duma demonstração científica. O que tem havido, a nosso ver, é muito barulho e pouca serenidade. Ainda não se esgotou o exame dos variadíssimos aspectos da questão. Ora, a unanimidade não se estabelecerá, não se poderá estabelecer, sem êsse exame. Foi o que sempre pedimos.

No seu novo volume, o sr. S. Reinach refere-se-nos em várias passagens. Surpreende-nos que êle escreva «rien de nouveau» (p. 12) a propósito duma inscrição *inédite* que tivemos a satisfação de publicar. Desejaríamos saber onde é que o eminente conservador encontrou a opinião do nosso sábio compatriota, Leite de Vasconcelos, que o sinatário teria apenas reeditado (p. 12). Também devemos dizer que os artigos da *Voz*, de Lisboa, que nos atribui a pp. 34 e 53, não são da nossa autoria, mas da dum redactor científico do jornal, que não conhecemos, mas que é culto e criterioso. Há também um lapso a p. 116: o autor do

artigo dos *Débats*, assinado P. L. não é Philéas Lebesgue, se bem que êste illustre escritor se tenha ocupado muito amavelmente dos nossos trabalhos no *Mercur de France* (p. 52 das *Éphémérides*).

Estas observações não restringem, de modo algum, o interesse real do livro, mas era nosso dever de lealdade fazê-las, embora com todo o respeito que nos merece o autor.

Não nos ocupámos em formular iguais reparos às análises que o sr. Vayson de Pradenne fez a trabalhos nossos sôbre Alvão e Glozel, no Boletim da Sociedade Prehistórica Francesa. Não valia a pena. O arqueólogo francês mimoseava-nos com o juízo de que estávamos sob o domínio dum «delírio de interpretação». Temos da psiquiatria as noções bastantes para enquadrarmos, se quizermos, no domínio da especialidade a paixão do sr. Pradenne.

M. C.

MARTHE et SAINT-JUST PÉQUART et ZACHARIE LE ROUZIC — *Corpus des Signes Gravés des Monuments Mégalithiques du Morbihan* — 108 págs., 138 ests. e 22 plantas. Paris, 1927.

Esta magnífica obra, equivalente aos *Corpus* epigráficos, apresenta 138 reproduções fotográficas, sem retoque, de petroglifos megalíticos, e 22 planos dos monumentos onde êles se encontram. Para facilitar o exame das fotografias, e a sua leitura, 70 estão recobertas de decalques em papel transparente.

O texto, dos arqueólogos St. Just-Péquart, é prefaciado por C. Jullian; e, sistematizando os sinais recolhidos, expõe e discute as hipóteses da sua interpretação.

Indispensável aos interessados no estudo da glíptica rupestre galaico-portuguesa, muito diferente contudo da arte megalítica bretã, êste compêndio presta óptimo serviço por fornecer documentos autênticos, muitos dêles inéditos, livres da interpretação pessoal inevitável nos desenhos.

R. S. P.

R. P. EUGÊNIO JALHAY — *Algunos ejemplares de arte rupestre en los alrededores de Oya*. (Província de Pontevedra). Boletim de la Com. Prov. de Mon. de Orense. VIII, págs. 305-312, 5 figs. Ourense, 1929.

Como aditamento a um artigo já analisado («Trabalhos», III, pág. 352) o R. P. Jalhay publica mais insculpturas inéditas dos arredores de Oya.

Do já conhecido penedo de *Viladesuso* são reproduzidos: uma figura humana estilizada, cruces simples e uma bipartida, e còvinhas. No monte do Castro encontram-se três grupos de sinais cruciformes, alguns com os braços terminados por còvinhas; e perto de Portucelo há curiosas combinações de figuras circulares.

Deve-se ao ilustre investigador a descoberta de muitas gravuras inéditas nas duas margens do Minho, cuja publicação seria oportuna, para evitar que outros chamem a si a prioridade do achado.

R. S. P.

FLORENTINO L. CUEVILLAS e F. BOUZA BREY — *Os Oestrimnios, os Saefes e a Ofiolatria em Galiza* — 167 págs., figs. e ests. inums. Extr. dos Arquivos do Seminario de Estudos Galegos. II. A Cruña, 1929.

Não cabe numa curta nota bibliográfica a análise dêste excelente volume, ao qual o R. P. Jalhay dedicou o artigo *Os Etrimnios, os Sefes e a Ofiolatria na Galiza* (Broteria, IX, pág. 311. Lisboa, 1929).

Na parte arqueológica são tratados com largos conhecimentos e pontos de vista originais, a cultura dolmênica, arte rupestre, idade do bronze e cultura castreja da Galiza e do norte de Portugal. Valorizam o trabalho numerosos inventários, sendo apenas para lamentar a falta dos necessários índices analíticos.

Os AA. focam as relações das culturas do bronze com as da Bretanha e Irlanda, emitindo a hipótese de se basearem em afinidades étnicas (pág. 84); e afirmam o «carácter marcadamente hallstático da cultura castreja», introduzido pela invasão céltica (pág. 120).

Estes capítulos, que são verdadeiramente notáveis, colocam o livro entre os mais apreciados tratados de arqueologia peninsular.

A última parte estuda a ofiolatria na Galiza, examinando o papel da serpente nas religiões, a iconografia e numerosas lendas castrejas. Do desenvolvimento das conclusões parece resultar que «os Saefes associaram o seu vello totem a um deus-sol por eles venerado que mais tarde assimilouse com Xúpiter» (pág. 166).

R. S. P.

*Catálogo dos Castros Galegos. Fasc. III — Terra do Carballiño*, 20 págs., 10 figs. e 1 mapa. Publicazóns do Seminario de Estudos Galegos. A Cruña, 1930.

Já elogiamos o aparecimento dos anteriores fascículos dêste catálogo («Trabalhos», III, pág. 202), e seria excelente seguir esta iniciativa em Portugal.

Desta vez foi escolhida a Terra de Carbalhinho, onde a pequena densidade castreja (8 castros em 53 freguesias) formula interessantes problemas de geografia humana.

No castro de *Cameixa* apareceu cerâmica indígena lisa e ornamentada (círculos concêntricos, dentes de lobo, cordões em relêvo), e na *Cidá* e em *Soutelinho* fôram registadas curiosas portas. Nota-se na região grande abundância de mamôas e uma forte romanização; o folklore é rico.

R. S. P.

W. BUNAK — *The iron age skulls from Sevan district (Armenia)* — «Journal Russe d'Anthropologie», t. XVII. Moscou, 1929.

Tendo como redactor principal o prof. V. Bunack, continua regularmente a sua publicação o «Jornal Russo d'Antropologia». Ele dá bem a medida da actividade desenvolvida no domínio da Antropologia nos meios científicos russos, especialmente no Instituto d'Antropologia da Universidade de Moscou, cuja direcção pertence igualmente ao ilustre professor Bunack.

Os n.ºs de 1929 da importante revista conteem, além de pequenas comunicações, notícias e análises bibliográficas, trabalhos originais de antropologia anatômica, antropologia étnica e arqueologia de V. Sergeiev, A. Gabinsky, M. Voyevodsky, W. Stefko, A. Jarcho, E. Lalaian e W. Bunak. Êste último ocupa-se, num dos seus artigos, duma série de crânios arménios da idade do ferro encontrados em escavações arqueológicas das quais também, na mesma revista, trata pormenorizadamente o sr. E. Lalaian.

Os crânios em questão são nitidamente europeus, dolicocefalos, leptoprósopos, leptorrínicos e mesoconcos. Comparados com os tipos nórdico e mediterrâneo, aproximam-se mais do primeiro, o que leva o prof. Bunak a dizer que a teoria de antigas migrações de elementos nórdicos para leste e sudeste encontrou agora uma confirmação craniológica.

A importância duma tal constatação é evidente, mas o prof. Bunak prudentemente declara que a participação dêsses elementos

na formação ulterior das raças da Ásia anterior deverá ser estabelecida por futuras investigações craniológicas.

M. C.

LUÍS JOSÉ DE PINA GUIMARÃES — *Vimaranes (Materiais para a história da medicina portuguesa — Arqueologia, antropologia, história)* — Dissertação de doutoramento — 1 vol. de 336 págs. e 66 figs. Pôrto, 1929.

O belo volume, publicado pelo sr. dr. Luís de Pina mediante um bem justificado subsídio da Junta de Educação Nacional, é uma notável afirmação do mérito do autor e um documento honroso do nível científico atingido pelos centros de investigação em que esse trabalho foi proba e metodicamente elaborado pelo nável doutor.

O sr. dr. Luís de Pina, como vimaranense, propôs-se estudar um aspecto interessantíssimo da vida local, a história da medicina na região, desde as épocas mais remotas da prehistória de que há materiais susceptíveis de exame, até aos tempos modernos. Já o saúdoso professor João de Meira, também vimaranense, esboçara há anos alguns capítulos sobre o assunto, mas a presente monografia abrange mais latamente a questão, e naturalmente com elementos de que o ilustre professor não pudera então dispôr.

Na parte pre- e proto-histórica, o A. entra em desenvolvimentos que bem cabidos são para um investigador que é conterrâneo de Martins Sarmento. Verifica êle que na medicina popular actual do concelho algumas práticas mergulham as suas raízes em longínqua ascendência. Alude com detalhe à utilização das águas minero-medicinais da região desde a época romana, porventura mesmo desde uma época anterior e afirma que já antes da fundação da monarquia, havia uma *albergaria* junto do burgo de Vimaranes, o qual nasceu no século X duma antiga *villa* romana.

Mas os primeiros *hospitais* propriamente ditos, citados em documentos, datam da época do Conde Henrique. As confrarias e ordens locais sustentariam e administrariam os mesmos, havendo também no concelho *gafarias* para os muitos leprosos.

No século XVI fundou-se o Hospital da Misericórdia de Guimarães, cuja história o autor traça, referindo-se também às epidemias que grassaram na região e às figuras mais notáveis de médicos e cirurgiões vimaranenses ou que ali exerceram a sua profissão ou altos cargos. Entre elas destaca-se Pedro Hispano

ou Pedro Julião, depois Papa sob o nome de João XXI, que foi D. Prior da Colegiada de Guimarães.

Enriquecido por uma séria documentação, por ilustrações numerosas e por uma larga bibliografia, o livro do sr. dr. Luís de Pina recomenda-se também pelo seu valor literário, que torna particularmente atraente a sua leitura.

M. C.

RUI DE SERPA PINTO — *Museu de Martins Sarmento (I-III)* — Sep. da «Rev. de Guimarães», vols. XXXVIII e XXXIX, 27 págs. e 1 fig. Guimarães, 1929.

O dr. Rui de Serpa dá-nos neste trabalho notícia dos *machados de pedra polida*, dos *machados de bronze* e da *terra sigillata*, que fazem parte da excelente colecção arqueológica do Museu da Sociedade Martins Sarmento.

O estudo compreende uma série de notas judiciosas sobre as peças referidas, algumas das quais inéditas.

Trata o dr. R. de Serpa do problema da localização dos centros de fabrico de machados polidos, e apresenta uma interessante sugestão a respeito dos machados de fibrolite.

Ao iniciar o estudo da *terra sigillata*, dá-nos um proveitoso resumo sobre este interessante tipo de cerâmica, nomeadamente sobre a sua cronologia. Por último, estuda várias marcas de oleiro de Briteiros, do Monte da Searinha (Freixo), Portalegre e S. Torquato, dando em gravura a reprodução de algumas delas.

SANTOS JÚNIOR.

MÁRIO CARDOSO — *A Pedra Formosa, do Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento* — 36 págs., 7 figs. e 1 est. Sep. da «Rev. de Guimarães», vols. XXXVIII-XXXIX. Guimarães, 1929.

O notável monumento de Briteiros logrou finalmente a divulgação merecida através deste minucioso estudo. De facto, das quatro dezenas de publicações que se referem à Pedra Formosa, nenhuma dá uma reprodução fiel ou a sua descrição detalhada.

O sr. Cap. Mário Cardoso dividiu o seu trabalho nos capítulos: Proveniência; descrição e uso, seguidos duma valiosa bibliografia.

Reconhecendo o carácter indígena da ornamentação, o A. encontra «profundos indícios da influência greco-romana; e, da



análise das opiniões sobre o destino da Pedra Formosa, conclui pelas de mesa de oferendas religiosas ou ara de sacrifícios. Parece-nos contudo que, dentro deste critério, não deve ser totalmente arredada a hipótese de Cabré.

R. S. P.

JOSÉ DE PINHO — A Cidade de Eja — «Penha-Fidelis». Penafiel, 1929.

O proficiente arqueólogo amarantino refere-se neste artigo à Cidade de Eja, próxima de Entre-os-Rios. A capelinha medieval da Senhora da Cidade ocupa hoje o alto da colina em que se erguia o castro, no qual o autor encontrou percutores, pedras com cõvinhas, cacos de cerâmica indígena com impressões digitais e linhas incisas, e restos de cerâmica romana.

Examinando duas inscrições da secção lapidar do Museu Martins Sarmento, estudadas pelo dr. Leite de Vasconcelos, o sr. José de Pinho supõe admissível que uma delas consagrada a *Tameobrigus*, deus do Tâmega, e encontrada nos fins do século XVIII, à beira Douro, nas faldas da Cidade, seria proveniente daquela cidade, que teria o nome *Tameobriga*.

A hipótese do sr. José de Pinho é, sem dúvida, engenhosa, mas carece ainda de demonstração decisiva. Não haverá, de facto, outra cidade à qual a inscrição possa ser atribuída?

Quanto à outra inscrição referida pelo sr. José de Pinho, o próprio autor exprime dúvidas. Na verdade, sendo dada como proveniente de Delães, Famalicão, onde existe o castro de S. Miguel-o-Anjo, pode, aliás, perfeitamente ser originária doutro castro.

Estas dúvidas não restringem o grande interesse do estudo do ilustrado arqueólogo, um dos raros colaboradores da *Portugália*, que ainda sobrevivem felizmente, em plena labuta científica.

M. C.

RUI DE SERPA PINTO — Nótulas ceramográficas — Sep. de «O Arqueólogo Português», vol. XXVII, 8 págs., 2 figs. Lisboa, 1930.

Nota sobre um vaso luso-romano pintado, de Lamego, que juntamente com outros foi em tempos oferecido ao Museu Antropológico do Porto pelo sr. dr. Vasco Nogueira de Oliveira.

Além de três faixas pintadas de castanho avermelhado, com desenhos diferentes, este vaso, que o A. inclui na categoria das

*ampullae*, apresenta um grafito em que se lê RVFINII, vendo-se em seguida uns sinais um tanto delidos, que o sr. dr. Rui de Serpa Pinto supõe diriam (cognomen?).

S. J.

A. SCHULTEN e P. BOSCH GIMPERA — *Fontes Hispaniae Antiquae* — II — 500 a. de J. C. hasta César. Barcelona, 1925.

O segundo fascículo da publicação valiosa que Schulten e Bosch Gimpera empreenderam, com o auxílio da Universidade de Barcelona, para reunir e comentar os mais antigos textos relativos à Península Ibérica, contém trechos de dezenas de autores da antiguidade, alguns dos quais do mais elevado interesse para a proto-história peninsular.

Do primeiro fascículo era a parte mais importante o poema «Ora Maritima», de Avieno, com o comentário de Schulten. O sábio iberólogo alemão revela mais uma vez, no segundo fascículo, a sua erudição extraordinária e uma grande sagacidade crítica na apreciação do valor documental de textos e edições sobre a Península. É possível que alguns dos seus pontos de vista não sejam susceptíveis de adopção sem reservas, mas é negável que a ciência e a visão histórica de Schulten imprimiram um forte avanço aos conhecimentos sobre a antiguidade peninsular.

Merecem todo o elogio o eminente professor Bosch Gimpera e a Universidade de Barcelona pela divulgação dada à notável tarefa de investigador de Numância.

M. C.

AB. VASCO MOREIRA — *Terras da Beira. Cernancelhe e seu Alfoz* — 354 págs. e 39 figs. Porto, 1929.

Os assuntos etnográficos são tocados ao de leve, referindo o A. algumas lendas e superstições conhecidas, entre elas o tratamento da quebradura.

Nos arredores de Cernancelhe encontram-se antas em Quintela da Lapa, Carapito e Orquinha, regista-se o topónimo Antas e tem aparecido alguns machados de pedra polida, o que documenta a fase neo-eneolítica do concelho.

As referências a ruínas castrejas são pouco precisas.

São muito abundantes os restos romanos: troços duma *via*; miliários da Faia, Quinta da Lagoa e Vide; vestígios de vilas; moedas, etc.

Recordemos que já as «Memorias parochiaes de 1758» (O Arch. Port. VII, pág. 238), ao tratar de Cernancelhe, se referem à antiguidade da vila, citando a tradição de ter sido habitada pelos mouros e a existência de ruínas, de muralhas e da Porta do Sol.

R. S. P.

CARLOS DE PASSOS — Pôrto — *Monumentos de Portugal*, n.º 3, 115 págs., 44 ests., 1 planta e 28 figs. inums. Pôrto, 1929.

Descrição pormenorizada da Sé e igrejas de Cedofeita e S. Francisco, baseada em observações pessoais e consulta bibliográfica.

Escasseando documentos arqueológicos que esclareçam a primitiva história do burgo portucalense, não será de extranhar que assinalemos o aparecimento desta contribuição ao estudo dos seus mais antigos monumentos.

A-propósito do «Signum Salomonis» gravado numa pedra da torre setentrional da Sé (pág. 20), e por se tratar de primitivas insculpturas, recordaremos o facto citado por outros AA. de terem ido ricos materiais do Pôrto para Santiago de Compostela (v. g. A. del Castillo. «Bol. de la R. Ac. Galega», ano XXIII, pág. 258).

R. S. P.

SOUSA PEREIRA — *Nervi Splanchnici* (Dissertação de Doutoramento) — 1 vol. de 344 págs. + 20 inumeradas, ilustrado com 168 figs. Tip. Pôrto Médico, L.<sup>da</sup>. Pôrto, 1929.

No Instituto de Anatomia da nossa Faculdade de Medicina, de que é assistente desde 1927, o autor, — numa série de 50 cadáveres, de fetos e adultos, de indivíduos portugueses (além de outros), que dissecou cuidadosamente, — reuniu valiosos materiais que lhe permitiram precisar a origem, percurso, terminação e relações dos nervos esplâncnicos, assunto que servira já de tema a uma sua comunicação apresentada ao III Congresso Nacional de Medicina, em Lisboa reunido em 1928.

No capítulo I da sua obra, menciona o que sobre a morfologia destes nervos escreveram os anatómicos de diferentes épocas, desde Vesálio a Hovelacque e Rossi, para depois estabelecer

a comparação entre as modalidades que observou e as que se encontram descritas nos tratados clássicos.

No capítulo II expõe a técnica empregada nas suas investigações, e no III arquiva a descrição de todos os casos que observou, terminando com uma série de conclusões em que estuda, separadamente, a cadeia ganglionar, os nervos esplâncnicos (*major, minor, imus* e *accessorius*) e sua frequência.

O capítulo IV é consagrado à Anatomia comparativa destes nervos, que o autor dissecou em algumas Aves (Águia, Gaivota e Galinha) e variados Mamíferos, das ordens dos Insectívoros, Roedores, Carnívoros, Artiodáctilos e Primatas, alguns dos quais bastante raros no nosso clima.

Estudados assim os esplâncnicos sob o ponto de vista anatómico, o dr. Sousa Pereira, no capítulo V e último da sua exaustiva monografia, baseando-se numa rica bibliografia e nas suas próprias observações, salienta a importância fisiológica e cirúrgica daqueles nervos, merecendo-lhe especial atenção a sua analgesia e as raríssimas intervenções que sobre eles tem sido efectuadas.

Neste capítulo o autor, havendo realizado estudos detalhados sobre as vias de acesso aos esplâncnicos, apresenta um novo método de acesso, por via infra-diafragmática, o qual, pela facilidade e inocuidade que parece possuir, deve oferecer vantagens ao processo proposto e seguido por Cino Pieri, distinto clínico italiano que muito se tem dedicado à cirurgia do sistema nervoso simpático.

O método que o dr. Sousa Pereira preconiza, fôra já por êle descrito num artigo publicado na «Presse Médicale».

A bibliografia com que fecha o volume compreende 228 números, e as expressivas figuras que ilustram a obra, luxuosamente editada, reproduzem primorosos e artísticos desenhos originais dos assistentes do Instituto de Anatomia srs. drs. Alberto de Sousa e Luís de Pina, e do hábil desenhador sr. Manuel Ferreira.

Para levar a cabo, e com tanto êxito, um estudo desta natureza, são necessárias qualidades de trabalho, de método, de pertinácia e de inteligência, que, continuando a ser aproveitadas pelo autor, lhe permitirão enriquecer notavelmente a literatura científica portuguesa.

O valor da obra, de cujo plano demos o resumo, é de tal ordem que a «Junta de Educação Nacional» subsidiou a sua publicação, concedendo, além disso, ao seu jovem autor uma bolsa de estudos no estrangeiro para que êle possa prosseguir os seus trabalhos, sobre cirurgia experimental do simpático, em

Estrasburgo, com o prof. René Leriche e seu chefe de clínica dr. R. Fontaine, os quais, desde há alguns anos, se tem especialmente dedicado a investigações desta natureza. »

Ao dr. Sousa Pereira enviamos as nossas felicitações.

H. MONTEIRO.

ÁLVARO RODRIGUES — *Ansa Hypoglossi* (Dissertação de Doutoramento) — 1 vol. de 326 págs. + 16 inumeradas, com 196 figs. Tip. Pôrto Médico, L.<sup>da</sup>. Pôrto, 1929.

Para realizar o estudo da Ansa do hipoglossa no português (assunto de que já se havia ocupado numa comunicação ao III Congresso Nacional de Medicina), o autor, assistente do Instituto de Anatomia da nossa Faculdade de Medicina, dissecou, de ambos os lados e cuidadosamente, o pescoço de 50 cadáveres de indivíduos, pertencentes a fetos, crianças e adultos.

Os capítulos I e II foram destinados, respectivamente, para um apanhado bibliográfico (em que são referidas as diversas interpretações e descrições da ansa, desde Vesálio até aos nossos dias) e para uma exposição da técnica seguida pelo autor nas suas numerosas disseções.

No capítulo III encontramos a descrição pormenorizada de tudo quanto foi observado em cada caso, mencionando-se sempre a identidade do indivíduo e lado em que a observação foi colhida. Da conjugação dos resultados, o dr. Álvaro Rodrigues elaborou um resumo, em que aprecia, em conjunto, diversas particularidades, tais como: as anastomoses que o grande hipoglossa contraí com o plexo cervical e pneumogástrico, as características do «descendens hypoglossi» e «descendens cervicalis», as conexões do simpático com este último, os diversos modos de formação da ansa e os ramos desta.

O capítulo IV é dedicado ao exame dos trabalhos anatómo-fisiológicos que vieram revolucionar antigas concepções e demonstrar a estranha proveniência das fibras que constituem a ansa do hipoglossa.

Com o fim de apreender a sua evolução filogénica e interpretar certas disposições encontradas no Homem, dissecou ainda o autor variados mamíferos; estes resultados são incluídos no capítulo V, em que às descrições dos diversos casos acrescenta uma rápida exposição do que apurou através da série animal.

É extensa a bibliografia compulsada e muito belos os dese-

nhos que ilustram o livro, devidos à competência dos drs. Alberto Sousa e Luís de Pina e do desenhador sr. Manuel Ferreira.

O trabalho do dr. Álvaro Rodrigues, cuja publicação foi subsidiada pela «Junta de Educação Nacional», é deveras notável e oportuno, neste momento em que os anatómicos, a exemplo do prof. Loth, se entregam a investigações de Antropologia das partes moles, para cujos progressos ainda há pouco, no Congresso de Londres, se organizou uma Comissão especial.

Reconhecendo as qualidades de inteligência e de trabalho que se reúnem no dr. Álvaro Rodrigues, a quem sinceramente felicitamos, a Junta de Educação Nacional concedeu-lhe também uma bolsa de estudos no estrangeiro, a fim de poder continuar com as suas investigações sobre cirurgia nervosa, nos serviços do prof. Leriche e dr. Fontaine, na Faculdade de Medicina de Estrasburgo.

H. M.

KARLO HILDEN — *Zur Kenntnis der Erbfaktoren der menschlichen Nasenform* — Sep. de «Hereditas». Helsingfors, 1929.

A forma do nariz, expressa pelo índice nasal, é um dos mais importantes caracteres étnicos e, apesar da sua determinação estar feita para quasi todos os grupos humanos, muito pouco se tem feito quanto à sua hereditariedade. Só Fischer e Salaman lhe dedicaram atenção, não tendo podido contudo chegar a resultados definitivos. Para a sua investigação, serviu-se o autor da população da pequena ilha de Runö, na baía de Riga. Depois de estudar os resultados isolados das duas dimensões com que é construído o índice nasal, bem como este mesmo nos dois sexos, passa o autor a estudar a hereditariedade deste carácter antropológico.

Comparando as alturas e larguras nasais de pais e filhos, conclue que estas duas medidas estão condicionadas por vários factores polímeros, dos quais um actua sobre estas dimensões com uma certa intensidade, o que nos indica tratar-se duma polimeria típica cumulativa, segundo a terminologia de Johannsens. Não encontrando correlação entre a altura e a largura nasal, conclue o autor que os factores que condicionam estas medidas são herdados independentemente um do outro.

As diferenças entre estas conclusões e as que chegou Fischer, atribui-as o autor à diferença de métodos empregados.

A. ATHAYDE.

J. A. PIRES DE LIMA — *Vícios de conformação do sistema urogenital* — 1 vol. de 212 págs. + 12 inumeradas, ilustrado com 115 grav. — Araújo & Sobrinho, Suc.<sup>tes</sup> — Pôrto, 1930.

Sob o título acima, o prof. Pires de Lima, director illustre do nosso Instituto de Anatomia, acaba de dar à estampa, em luxuosa e artística edição, um curioso estudo, que dedica aos seus colegas profs. Froilano de Melo e Hernâni Monteiro.

Como o autor refere no prefácio, em todas as línguas cultas (francês, italiano, espanhol, inglês, tcheque, alemão, etc.) se encontram obras de conjunto sobre anomalias e monstruosidades. Só em língua portuguesa é que não havia nenhum trabalho de tal índole. Isso o levou a publicar, em 1927, na « Colecção Natura », um volume intitulado *As anomalias dos membros nos portugueses*, e a editar agora um novo trabalho, desta vez no desejo de dar ideia da contribuição portuguesa para o estudo dos vícios de conformação do aparelho urogenital. E assim, através das páginas do seu belo livro, vemos citado tudo quanto sobre tal assunto há escrito na nossa língua, incluindo várias memórias de autores brasileiros.

No primeiro capítulo, sobre cujo assunto o prof. Pires de Lima fizera já uma conferência na Associação Médica Lusitana, é estudado o hermafroditismo e a inter-sexualidade na literatura, e aqui encontramos interessantíssimas citações desde os livros sagrados até aos prosadores e poetas contemporâneos, com as seguintes palavras finais:

« As mulheres que obedecem à moda procuram disfarçar as suas formas, deprimindo os seios, que já não dão leite para criar os filhos, deixando de salientar a delicadeza da cinta e a amplidão das ancas; não usam brincos; cortam o cabelo, deixando avultar uma espessa madeixa na região massetéica, como que a similar as suíças dos homens de há cinqüenta anos; usam saias travadas, fumam e às vezes empunham uma bengala.

Por outro lado, os homens rapam a barba, perfumam-se, usam cabelo tão crescido como o das mulheres; trazem pulseira; usam calças mais largas do que as saias actuais; e não há muito que ostentavam, sem corar, uns casaquinhos cintados, largos em cima, tufando aos lados da tábua do peito como para receber certos órgãos que tanto realçavam outrora a beleza do outro sexo.

Não há dúvida, não, que a moda vai atrás das aberrações psico-sexuais em que abunda o nosso século. Tem razão o professor belga Winiwarter: a moda actual é bem própria desta época de mulheres feministas e de homens efeminados. E assim se expli-

cará a indigência de tantas manifestações intelectuais e artísticas, a que estamos assistindo ».

O capítulo II é inteiramente consagrado às anomalias dos rins e seus vasos: multiplicidade de artérias, ectopia do rim, rim em ferradura, rim concrecente unilateral, e rim em bolo.

Seguem-se as variações dos ureteres (capítulo III) — duplicidade parcial ou total; e da bexiga (capítulo IV) — divertículo e extrofia, — terminando este capítulo com algumas referências à lei de Pieraccini sobre a maior fixidez somática da mulher e maior variabilidade do homem. E a tal propósito refere o prof. Pires de Lima:

« Souvent femme varie », é certo. « La donna e mobile », com efeito. Mas é incontestável que o homem, sob o ponto de vista morfológico ao menos, é mais variável ainda que a mulher.

A volubilidade feminina foi sempre verificada pelos poetas e o nosso grande Camões assim a exprime tão belamente:

« Nunca ponha ninguém sua esperança  
Em peito feminino, que de natura  
Sòmente em ser mudável tem firmeza ».

Se fôsse dado a uma poetiza cantar a inconstância dos homens, talvez encontrasse bem mais fortes razões ».

O capítulo imediato é inteiramente consagrado às variações da uretra e pénis, apresentando o autor diversos e curiosíssimos casos de mulheres-homens ou seja de pseudo-hermafroditismo masculino.

Estuda a seguir as variações dos testículos (atrofia, criptorquídia, etc.), e dos órgãos genitais femininos (imperfuração do hímen, soldadura dos pequenos lábios, fistulas recto-vaginais, úteros duplos, vaginas duplas, etc.).

De anomalias do períneo posterior apresenta o illustre anatómico portuense alguns casos de imperfuração e de duplicidade do ânus, e interessantíssimas observações de cauda humana.

Num último capítulo são estudados os caracteres sexuais secundários: ginecomastia, polimastia, amastias e hirsutismo feminino, referindo a este propósito a curiosa lenda da Santa Liberata, ou Santa Vilgeforte, da Lusitânia, muito venerada em diversos países da Europa.

O livro termina com um índice alfabético dos autores citados e dos cooperadores.

Grande número de observações registadas nesta obra (a maior parte pessoais) foram utilizadas pelo prof. Pires de Lima, para documentar uma brilhante conferência sobre « As malformações

do sistema uro-genital e a eugénica», pronunciada em 29-XI-1929 na Universidade do Pôrto, a convite da Liga de Profilaxia Social.

Este livro, rico e profusamente ilustrado e em que se destacam as reproduções dos belos desenhos dos drs. Alberto Sousa e Luís de Pina, é mais uma manifestação da incessante actividade científica do erudito prof. Pires de Lima, cuja obra é tão justamente apreciada nos centros universitários nacionais e estrangeiros.

H. M.

LÉON NICOLAEFF — *L'Anthropologie de l'Ukraine* — Tome IV — «Travaux de l'Institut Psychoneurologique Ukrainien et de l'Institut de la Protection de la Maternité et de l'Enfance». Kharkow, 1928.

Trata-se do quarto tomo duma importante série de monografias que dr. Léon Nicolaëff e alguns colaboradores estão publicando sobre a Antropologia da Ucrânia. O primeiro tomo (1926) estudava as crianças ucranianas de idade escolar. Nêle colaboraram L. Nicolaëff, G. Tchoutchoukalo, G. Tchistiakoff, V. Baron, O. Nedrigoloff, M. Fercht e B. Nikitsky, ocupando-se do desenvolvimento físico em geral daquelas crianças, do seu desenvolvimento dos tecidos subcutâneo e muscular, da sua força muscular, dos seus coeficientes de Pignet, do seu desenvolvimento torácico e cefálico, da prega mongólica, etc.

No segundo tomo, os mesmos e outros investigadores trataram das diferenças nacionais e sociais nos caracteres físicos da população da Ucrânia, ampliando êsse estudo com observações sobre operários, camponeses, soldados, criminosos, etc., sendo particularmente interessantes os estudos sobre a influência da fome em certos caracteres físicos.

O terceiro volume engloba vários trabalhos sobre correlações de caracteres físicos, entendendo-se, porém, algumas destas correlações com factos doutra ordem, como as faculdades intelectuais, certas actividades, a idade, etc.

Emfim, o presente volume refere-se às crianças de idade antecessor, publicando estudos de Nicolaëff, M.<sup>me</sup> Nedrigayloff e M.<sup>me</sup> Tchoutchoukalo, sobre o desenvolvimento infantil em vários períodos até aos 8 anos. Uma nota de M.<sup>me</sup> N. Rodd sobre um caso de pseudo-hermafroditismo masculino externo completa êste tomo. Resumos em francês e a tradução francesa das legendas dos quadros estatísticos e das gravuras facultam o conhecimento

dêstes trabalhos a todos aqueles que, como o sinatário, ignoram o russo.

Conclusões valiosas se tiram destas investigações, feitas com métodos adequados e com um tratamento criterioso dos dados estatísticos. Para se ajuizar da importância dos estudos em questão, basta dizer, por exemplo, que, na memória de Nicolaëff sobre a antropometria dos recém-nascidos, os resultados obtidos assentam sobre um belo pecúlio de 17:020 observações, sendo 1:967 judeus, 1:479 ucranianos, 13:574 russos. A idade das mães, a ordem dos nascimentos, as diferenças sociais, etc., são devidamente ponderadas neste trabalho rico em informações de real importância científica e sociológica.

A «Antropologia da Ucrânia» honra o seu principal redactor, os investigadores que com êle colaboram, e os institutos em que tão valiosas pesquisas são levadas a efeito.

M. C.

BARBOSA SUEIRO — Segunda nota sobre a apófise supra-epitrocLEAR — «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. XIII, págs. 143-156. Lisboa, 1929.

Com a descrição de 3 casos portadores de apófise supra-epitrocLEAR, retoma o A. o assunto que já em 1923 tratara, também no «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. VIII, num trabalho denominado «Algumas considerações sobre a apófise supra-epitrocLEAR».

O sumário do trabalho que analisamos, é:

- I — Dois casos de existência da apófise supra-epitrocLEAR unilateral, verificados em cadáveres e um caso de apófise supra-epitrocLEAR bilateral observado no vivo.
- II — A apófise supra-epitrocLEAR nos degenerados, delinquentes e loucos.
- III — Sobre a importância cirúrgica e clínica da apófise supra-epitrocLEAR; a sua pesquisa no indivíduo vivo.
- IV — Sobre o significado morfológico da apófise supra-epitrocLEAR.

Bibliografia com mais de quarenta números e um resumo final em francês valorizam êste trabalho.

S. J.

BARBOSA SUEIRO — *Sôbre a chanfradura e o buraco coracoideus* — «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. XI, págs. 219-254. Lisboa, 1927.

Trabalho baseado no estudo feito em 416 omoplatas humanas de adulto e criança, e nas omoplatas de algumas centenas de esqueletos de Mamíferos do Museu Bocage. A probidade científica dêste trabalho revela-se mesmo na extensa lista bibliográfica final; nada menos de 116 trabalhos referidos e consultados.

Transcrevemos o sumário dêste estudo que consta dos seguintes capítulos:

- I — A chanfradura coracoideia: sua forma, suas variações segundo o sexo e a idade, estatísticas. O ligamento coracoideu: suas variações. O conteúdo do buraco coracoideu osteo-fibroso.
- II — O buraco coracoideu de contôrno ósseo: sua forma, suas dimensões, suas variações segundo o sexo e a idade, seu conteúdo, estatísticas.
- III — O buraco coracoideu de contôrno ósseo, noutros mamíferos, além do homem.
- IV — O significado morfológico da chanfradura coracoideia, do ligamento coracoideu e do buraco coracoideu de contôrno ósseo.
- V — Súmula sob a forma de conclusões.

É curioso frisar que o A. encontrou um caso de canal infra-coracoideu de A. Tavares numa omoplata direita. Esta curiosa disposição anatómica foi pela 1.<sup>a</sup> vez descrita e estudada pelo sr. prof. dr. Amândio Tavares num exemplar do Instituto de Anatomia do Pôrto e a ela já fizemos referência nos «Trabalhos», vol. III, pág. 366.

Uma tradução francesa das conclusões completa êste valioso estudo.

S. J.

OTTO SCHLAGINHAUPEN — *Zur Anthropologie der Mikronesischen Inselgruppe Kapingamarangi* — «Archiv der Julius Klaus-Stiftung für Veresbungsforschung, Sozial-Anthropologie und Rasenhygiene», vol. IV, fasc. III, 1929.

O autor, ilustre professor da Universidade de Zurich, apresenta-nos um bem elaborado trabalho sôbre os indígenas das ilhas

Kapingamarangi. Depois de muito conscienciosamente e com tôda a minúcia caracterizar a mencionada população, analisa as suas afinidades com as populações vizinhas.

Combinando alguns caracteres, encontrou uma correlação significativa entre a forma da face e a forma do nariz; examinando ainda como variava a forma da cabeça com êstes dois caracteres, pôde distinguir nesta população dois grupos: o elemento A, mesocéfalo, com tendência braquicéfala, face larga e baixa, e nariz largo; e o elemento B, mesocéfalo com tendência dolicocefala, e de face e nariz menos largos. E, depois de verificar que as tradições das origens dêstes indígenas não conferem com as investigações feitas, conclue afirmando que a população das ilhas de Greenwich é de origem micronésica ou polinésica, e que só quando possuímos mais material de comparação da Polinésia e uma limitação mais perfeita entre o tipo polinésico e micronésico é que poderemos destrinçar, com segurança, a sua origem.

É uma importante contribuição para o estudo das populações das ilhas do Oceano Pacífico, que o método e a técnica segura do ilustre director do Instituto de Antropologia de Zurich muito valorizam.

A. A.

DR. H. J. T. BIJLMER — *Outlines of the Anthropology of the Timor-Arquipelago* — 1 vol. de 234 págs. e 99 ests. Weltevreden, 1929.

Esta importante monografia do infatigável antropólogo holandês baseia-se em perto de 800 observações sôbre indígenas dos dois sexos das ilhas de Timor, Flôres, Iumba e outras mais pequenas do arquipélago timorense. O estudo descritivo e métrico é consciencioso e detalhado, as estatísticas bem elaboradas e utilizadas, as ilustrações excelentes.

O autor formula conclusões sôbre as proporções diversas dos elementos malaios e melanésio nas várias ilhas visitadas, aventando opiniões sôbre as origens dos malaios e sôbre a possibilidade de relações dos melanésios com os australianos. Um estudo pelo dr. K. Saller, de Kiel, sôbre 137 espécimes de cabelos da mesma proveniência completa o trabalho do dr. Bijlmer, o qual não deixa de fazer confrontos com os resultados de H. ten Kate nas mesmas regiões.

Na ilha de Timor, o autor fêz observações sôbre os Atoni e os Belos. Estes últimos ocupam sobretudo a parte portuguesa, mas o autor efectuou as suas observações em Atamboca, na parte

holandesa, comquanto perto da fronteira. Teriam sido de oportunidade uma referência aos trabalhos portugueses a respeito dos timorenses e o confronto com os resultados respectivos. O pecúlio de observações de Fonseca Cardoso em Okussi-Ambeno, que utilizámos em trabalhos nossos, é importante. O dr. Bijlmer não menciona sequer essas investigações. Esta omissão, injusta e lamentável num livro tão valioso, não a praticou o eminente professor de Amsterdam, Kleiweg de Zwaan, ao ocupar-se da antropologia das regiões em questão.

M. C.

ALFRED NICEFORO — *La Race et le cancer en Europe* — Extr. da *Rapport présenté au Congrès International du Cancer de Londres*. Juillet, 1928.

Perante as estatísticas, pareceria que o *H. nordicus* é mais atingido pelo cancro do que o *H. alpinus* e este mais do que o *H. mediterraneus*. Mas os materiais existentes e o método estatístico são insuficientes para dar como assente uma relação entre o cancro e as raças.

O sábio italiano aventa a ideia de se estudarem também as relações do cancro com os tipos morfológicos (e endocrinológicos).

Entristece-nos uma passagem, aliás bem justa, do trabalho do eminente professor, ao registar a percentagem da mortalidade pelo cancro em Portugal: «ela é muito baixa, mas como há regiões inteiras em que o número de mortes não certificadas pelo médico e inscritas sob a rubrica causa desconhecida é muito elevado, aqueles números não nos dizem nada».

O estudo a que nos referimos, é o resumo dum importante volume elaborado pelo prof. Niceforo e pelo prof. Pittard e publicado em 1926 pela Sociedade das Nações.

M. C.

EUGENJUZ FRANKOWSKI — *Hakenpflüge in Polen* (texto bilingue polaco e alemão) — Publications de l'Institut d'Ethnologie à l'Université de Poznan (Pologne). N.º 1, 22 págs., 33 ests. e 2 mapas. Poznan, 1929.

Na Polónia encontram-se quasi todos os tipos fundamentais de charruas, designados pelos nomes eslavos *sochy* e *plugi*, e pelo greco-latino *radlo* (arado).

Estudadas as suas características e distribuição geográfica, termina a memória por cuidadas conclusões etnográficas e medidas dos exemplares representados nas estampas fotográficas.

R. S. P.

ALBERTO V. BRAGA — S. Gonçalo. *Culto e lenda das bandas do seu berço* — Sep. de «Gil Vicente». 35 págs. e 2 figs. Lisboa, 1929.

O A., incansável regionalista, sem fazer um Agiológio, conta-nos desta vez a vida de S. Gonçalo comentada pelo culto, lendas e tradições que lhe andam ligadas, revestindo uma das formas mais originais da etnografia portuguesa.

O popular santo tem o seu nome lembrado por pègadas em penedos; lenda da *bengalinha*; cantigas populares, dirigidas ao Santo casamenteiro e por vezes com certa malícia; fontes santas e curiosos ex-votos vendidos na grande romaria de Amarante.

R. S. P.

TENENTE AFONSO DO PAÇO — *Cancioneiro de Viana do Castelo* — 275 págs. (Capa com motivos regionais). Braga, 1928.

Colecção de 1.500 quadras começadas a coligir no outono de 1916 entre os soldados de Infantaria 3, e completadas com o registo de outras no concelho.

Esta importante achega para o Cancioneiro Geral, além do abundante material que coloca ao dispor dos estudiosos, fornecerá de-certo assunto para novos trabalhos do ilustre compilador.

R. S. P.

TENENTE AFONSO DO PAÇO — *Cartas às Madrinhas de Guerra* — 182 págs. Pôrto, 1929.

Não é só o capítulo «Gíria da malta» (pág. 28) que anima os conscienciosos estudos do A. sobre as *Gírias militares portuguesas* (I-III, Pôrto, 1926, e IV, Lisboa, 1928).

Por todo o livro, que constitui uma sentida narração, aparecem abundantes elementos de folklore militar.

As páginas vivas da guerra e do cativo mostram bem «o estado de alma dos combatentes das linhas e dos prisioneiros da Alemanha», o que as torna duplamente apreciáveis sob os pontos de vista literário e documental.

R. S. P.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA — *Cancioneiro popular de Vila-Real* — 239 págs. e 1 retr. Pôrto, 1928.

Colectânea, por ordem alfabética, de 1.179 quadras, recolhidas pelo dr. L. Esteves Pereira na freguesia de Parada.

No prefácio é justificada a disposição seguida e são comentadas algumas das melhores quadras.

R. S. P.

JOSÉ DA SILVA VIEIRA — *Cancioneiro Minhoto* — Vol. I, 157 págs. Colecção Silva Vieira. Espozende, 1917.

Já tivemos ensejo de louvar esta colecção («Trabalhos», IV, pág. 223), digna de aprêço pela desinteressada iniciativa que representa, publicar desde 1890 uma série de colectâneas etnográficas em meio tão ingrato. Talvez por isso o seu director dedica «aos inimigos das tradições» este «rosário de canções do povo, colhidas da tradição oral».

São 700 quadras, quasi todas amorosas, cuja distribuição não obedeceu a princípio prévio. Contam-se algumas com alusões regionais e variantes doutras já registadas.

R. S. P.

PAIXÃO BASTOS — *Cancioneiro Lusitano* — 127 págs. Colecção Silva Vieira. Espozende, 1928.

Arquivo de 522 quadras populares, recolhidas na maioria no Minho. Pena é que grande número se encontre já publicado, até em volumes da mesma colecção, pois, não pretendendo o colector apresentar as melhores quadras portuguesas ou um cancionero regional, dispensável seria a repetição, tão grande é a sua abundância e tanto material permanecendo ainda inédito.

R. S. P.

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA — *Cancioneiro de S. Simão de Novais* (segunda série) — Sep. da «Rev. de Guimarães», 53 págs. Guimarães, 1929.

Sei um cento de cantigas  
e mais uma sacalhada:  
se as canto hoje todas,  
p'ra amanhã não fica nada...

Quadra n.º 1052.

Muitos centos de cantigas, mais dum milheiro, uma verdadeira sacalhada como diz a quadra que transcrevo do «Cancioneiro de S. Simão de Novais», apresenta, neste trabalho, o jóven mas diligente folclorista sr. F. de C. Pires de Lima.

Foi durante as férias grandes de alguns anos a fio, que o A. colheu em S. Simão de Novais, pequena aldeia minhota do concelho de V. N. de Famalicão, tão abundante como interessante material folclórico.

Na primeira série já publicada há anos também na «Rev. de Guimarães», deu-nos o A. o registo de 478 quadras, seguidas duma rápida, mas curiosa, comparação com trinta e tantas quadras galegas de Ballesteros.

Nesta segunda publicação foi a série elevada a nada menos de 1153 quadras. O registo folclórico elaborado por F. de C. Pires de Lima, fica sendo um dos mais ricos que se tem realizado no Minho.

Esta valiosa colecção de cantigas, é apresentada nesta segunda série por ordem alfabética, disposição muito útil para aqueles que desejem proceder a estudos de comparação.

Oxalá que em trabalhos futuros o A. continue a manifestar o interesse que os assuntos folclóricos lhe tem merecido, como o provam as publicações já feitas.

S. J.

ALBERTO PESSOA — *Ideas médicas de Eça de Queiroz* — (A morte de Amélia e a morte de Luísa), 35 pág. Sep. de «O Instituto», vol. 75.º, n.º 4. Coimbra, 1928.

São tema dêste curioso estudo duas histórias clínicas, como lhe chama o A., que são elaboradas com substancioso rebusco feito em «O crime do Padre Amaro» e em «O primo Bazilio».

No caso da morte de Amélia o sr. prof. Alberto Pessoa mostra-nos, respigando aqui e ali em «O crime do Padre Amaro», que todos os sintomas por Eça de Queiroz apontados levam a



concluir que Amélia morreu manifestamente de eclâmpsia. A origem nervosa da eclâmpsia, que Eça de Queiroz admite e faz transparecer, é inadmissível hoje, mas era ao tempo ainda aceite. «Eça de Queiroz estava pois dentro das ideias do seu tempo escrevendo o que escreveu» como afirma o A.

O caso da Luísa é analisado igualmente à face de trechos reproduzidos de «O primo Bazílio» e que o A. vai ordenando em disposição conveniente.

Este caso, mais complexo que o da Amélia, é por Eça de Queiroz tratado com uma patologia um tanto antiquada.

Os sintomas clínicos da doença são pelo sr. prof. Alberto Pessoa, pesados e discutidos com acêrto. A terapêutica é igualmente analisada. Aquela terapêutica é a que os livros do tempo recomendam no tratamento das meningites. O tratamento relatado, combinado com a evolução da doença, poderia, com um pouco de boa vontade, como diz o A., lembrar um caso de meningite tuberculosa. Afinal, Eça termina por dar Luísa como morta não com uma meningite, como seria lógico perante os sintomas e terapêutica referidos, mas, como diz o prof. Alberto Pessoa, «com uma inverosímil febre causada por um desgosto, entidade mórbida afinal já desacreditada ao tempo em que o autor escrevia».

O sr. prof. Pessoa frisa, ao terminar as judiciosas considerações sobre os casos de Amélia e Luísa estudados, que «as ideias médicas de Eça de Queiroz não são de molde a aumentar nem a diminuir a glória do escritor».

S. J.

ALBERTO PESSOA — S. Pantaleão — 26 págs. Sep. do vol. 74.º, n.º 5 de «O Instituto». Coimbra, 1927.

História dum santo que foi médico, e cujos ossos vieram parar ao Pôrto, trazidos à volta de 1453 por uns arménios cristãos.

S. Pantaleão é o padroeiro da Cidade Invicta. Porisso aos portuenses interessa particularmente o trabalho que sobre a vida, martírio e relíquias daquele santo elaborou o sr. dr. Alberto Pessoa.

S. J.

J. LEITE DE VASCONCELOS — Os «Fieis de Deus». Sep. da «Lingua Portuguesa», vol. I, 3 págs. Lisboa, 1929-1930.

Neste opúsculo, o sábio prof. dr. Leite de Vasconcelos faz algumas observações a um artigo do dr. Luís Chaves inserto na

revista «Lingua Portuguesa» no qual foram emitidas opiniões acerca das pedras chamadas «Fieis de Deus», que parece não serem mais do que montículos de pedras que serviam para fazer pêso sobre os cadáveres, obrigando-os assim a não ressuscitar e não poderem mais importunar os vivos.

A-pesar-de ter três páginas apenas de texto, êste estudo é indispensável, principalmente para aqueles que leram o trabalho de Luís Chaves sobre êste curiosíssimo assunto.

F. C. PIRES DE LIMA.

LUÍS CHAVES — Páginas Folclóricas (I), sep. do vol. XXVI da «Revista Lusitana», 67 págs. Lisboa, 1927; idem (II), sep. da «Nação Portuguesa», 37 págs. Lisboa, 1929.

O sr. Luís Chaves dia a dia vem enriquecendo a etnografia portuguesa. Na primeira parte das suas «Páginas Folclóricas» faz o estudo da «Canção do Trabalho» tratando sucessivamente do «Trabalho Agrícola», «Pão Nosso», «Azeite Santo» e «Vinho Alegre».

Nestas notas etnográficas discute com felicidade a maneira como o nosso povo encara o problema agrícola, sem dúvida o trabalho que mais de perto interessa a alma nacional. E para êsse fim faz-nos passar pelos olhos uma série de provérbios e quadras populares.

Com a publicação do capítulo II das suas «Páginas Folclóricas», que tem por subtítulo «A sinfonia das côres ou o arco-iris da gama popular», o A. veio prestar mais um notável serviço à etnografia portuguesa. Mostra-nos nessas judiciosas notas a maneira como o nosso povo interpreta o fenómeno das côres. As suas diferenças, de terra para terra; as modificações nítidas que as côres sofrem de província para província e mesmo da planície para a montanha, tudo isto, e com muito acêrto, Luís Chaves estuda neste seu curioso opúsculo.

É bem como o próprio autor diz: «O esbôço de um capítulo para uma estética etnográfica».

F. C. P. L.

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.

SUBSÍDIOS  
DA  
JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

---

NOS ANOS ECONÓMICOS DE 1928-29 E 1929-30, CONCEDEU A JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL SUBSÍDIOS PARA A PUBLICAÇÃO DESTES «TRABALHOS». TANTO O PRESENTE FASCÍCULO COMO O ANTERIOR FÔRAM EDITADOS GRAÇAS A ÊSSES SUBSÍDIOS.

Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Séde:—Rua de Santa Catarina, 261-1.º

PORTO

Sumário deste fascículo:

ÁLVARO RODRIGUES, LUÍS DE PINA e SOUSA PEREIRA:  
Dissecção dum Negro de Moçambique (Pág. 233).

F. LÓPEZ A.-CUEVILLAS:  
Novas cerâmicas das Antas Galegas (Pág. 263).

Vária:—De una relación tradicional de cuello a cabeça (TELESPORO DE ARANZADI); O sardão nas tradições populares (J. A. PIRES DE LIMA); Alguns aspectos da vida portuguesa no «Cancioneiro de S. Simão de Novais» (FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA); Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos (LUÍS CARDIM); Prehistória angolense (R. DE SERPA PINTO); Nótulas asturienses (R. S. P.); Machados de bronze das margens do Ave (R. S. P.); Bibliografia do prof. Mendes Corrêa (R. S. P.); Prof. Leite de Vasconcelos; Congresso Internacional de Antropologia; Lutuosa (283).

Revista bibliográfica:—DEPÉRET (313); LAUTENSACH (314); PÉREZ DE BARADAS (315); BIASUTTI (315); MANUEL DE RECHERCHES PRÉHISTORIQUES (316); SCHUCHHARDT (316); MAC CURDY (316); MÉLIDA (317); OBERMAIER (317); ABSOLON & MATIEGKA (318); LE PONTOIS (318); MOROSAN (320); KOSTRZEWSKI (320); BOURRINET (321); BÉGOUEN (321 e 322); MENENDEZ (322); BREUIL, BURKITT & POLLOCK (322); MORLET (323); REINACH (323); SAINT-JUST PÉQUART & LE ROUZIC (325); JALHAY (325); CUEVILLAS & BOUZA BREY (326); CATÁLOGO DOS CASTROS GALEGOS (327); BUNAK (327); PINA GUIMARÃES (328); SERPA PINTO (329 e 330); MÁRIO CARDOSO (329); JOSÉ DE PINHO (330); SCHULTEN & BOSCH (331); VASCO MOREIRA (331); CARLOS DE PASSOS (332); SOUSA PEREIRA (332); ÁLVARO RODRIGUES (334); HILDEN (335); J. PIRES DE LIMA (336); NICOLAEFF (338); BARBOSA SUEIRO (339 e 340); SCHLAGINHAUFEN (340); BIJLMER (341); NICEFORO (342); FRANKOWSKI (342); ALBERTO BRAGA (343); AFONSO DO PAÇO (343); A. PIRES DE LIMA (344); SILVA VIEIRA (344); PAIXÃO BASTOS (344); F. PIRES DE LIMA (345); ALBERTO PESSOA (345 e 346); LEITE DE VASCONCELOS (346); LUÍS CHAVES (347).

Subsídios da Junta de Educação Nacional (348).



TRABALHOS

DA

Sociedade Portuguesa

DE

Antropologia e Etnologia

VOL. IV—FASC. IV

SUBSIDIADO PELA JUNTA DE EDUCAÇÃO NACIONAL

PORTO

IMPRENSA PORTUGUESA

116—Rua Formosa—116

1930

I. N. E.  
BIBLIOTECA  
Portugal  
3622

INSTITUTO DE ANATOMIA DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

Director—*Prof. Dr. J.-A. Pires de Lima*

---

## **A PROPÓSITO DALGUMAS VARIAÇÕES ARTERIAIS DO MEMBRO SUPERIOR**

POR

**AMÂNDIO TAVARES**

Prof. auxiliar, Encarregado dos Cursos de Histologia e Embriologia e de Anatomia Patológica  
na Faculdade de Medicina do Porto

---

É já apreciável a contribuição portuguesa para a renovação de que vem sendo alvo a Anatomia, pelo estudo das variações. Atestam-no de sobêjo os trabalhos que os nossos anatomistas teem dado a lume e nos quais essas variações são encaradas, umas vezes sob o ponto de vista meramente anatómico, procurando-se outras evidenciar a importância que o seu conhecimento reveste para clínicos e cirurgiões.

Entre essas variações, por certo não ocupam lugar de menor relêvo as que respeitam ao sistema circulatório e, particularmente, à distribuição arterial do membro superior. A propósito dalguns novos casos que tive o ensejo de observar, afigura-se-me proveitoso fazer uma resenha, tão completa quanto possível, de observações análogas entre nós publicadas, relacionando-as com as idéas que desde há tempo os autores teem emitido no intento de esclarecer o significado morfológico de disposições que mais ou menos se afastam dos esquemas traçados pelos clássicos. Tal é meu propósito.

## I

*O tronco axilar.* — Como mostrou Dubreuil-Chambardel (1), os ramos colaterais da artéria axilar manifestam certa tendência à constituição dum tronco comum, susceptível de revestir modalidades muito diversas, ao qual atribuiu a designação de tronco axilar (1). Com as variedades de tronco axilar, já conhecidas dos anatomistas e algumas delas apontadas pelos professores Vilhena, Pires de Lima e Hernâni Monteiro — a maior parte das vezes sob a rubrica de divisão da artéria axilar em dois ramos terminais — forma Dubreuil-Chambardel dois grupos: no primeiro, o tronco fornece exclusivamente vários ramos da axilar; no segundo, além dos ramos que a esta competem, dá também origem a alguns próprios da humeral (humeral profunda e colateral interna superior). Compreende o primeiro grupo várias modalidades, desde o tipo mais simples constituído pelo tronco escapulo-mamário, ao mais perfeito, em que todos os ramos da artéria axilar proveem dum tronco comum de considerável volume, traduzindo-se pela divisão daquela artéria, logo abaixo da clavícula, em dois ramos: axilo-humeral e tronco axilar. Este dispõe-se segundo uma curva que pela convexidade fornece a torácica superior, a acrómio-torácica, a torácica posterior, a mamária externa e a infra-escapular, e termina dando as circunflexas. No segundo grupo considera também diversos casos, desde o mais simples (nascimento, por um tronco comum, da humeral profunda e da circunflexa posterior) ao mais completo, em que se vê o tronco axilar separar-se da

(1) Dubreuil-Chambardel ocupou-se deste assunto na 21.ª reunião da « Association des Anatomistes » (Liège, 1926), mas a nota preliminar, objecto da sua comunicação ao aludido Congresso, não foi publicada, por motivos que ignoro, nos respectivos *Comptes Rendus*. Pode ler-se uma breve referência a esse trabalho in *Annales d'Anatomie pathologique et d'Anatomie normale médico-chirurgicale*, t. III, n.º 8. Paris, 1926.

artéria dêste nome logo abaixo da clavícula e, depois de fornecer sucessivamente a torácica superior, a acrómio-torácica, a torácica posterior, a mamária externa, a escapular inferior e as circunflexas, se continua pela humeral profunda.

Mas o tronco axilar pode ir mais longe, estender-se até ao punho, embora raramente. Dubreuil-Chambardel viu em dois casos o ramo posterior da humeral profunda, proveniente do referido tronco, continuar-se pela artéria interóssea posterior, substituindo o ramo posterior da interóssea anterior.

Assim se constitui um longo vaso, satélite do nervo radial, com sua origem na axila e terminação no punho, ficando sob a sua dependência a irrigação de todo o plano de extensão do membro, zona de irrigação esta perfeitamente sobreponível à zona de inervação dependente do nervo rádio-circunflexo ou nervo da extensão; à artéria axilo-húmero-interóssea reserva-se a irrigação do plano de flexão, correspondente ao nervo mediano e seus ramos (músculo-cutâneo, cubital e braquial cutâneo interno).

Dêste modo pode resumir-se a concepção exposta pelo malogrado professor turonense no seu citado livro; e tal modo de ver tem a justificá-lo não só a morfologia como a embriologia humana e comparada. Existem dois planos vasculares, um anterior e outro posterior, primitivamente ligados a diversas alturas, por anastomoses múltiplas; o vaso posterior atrofia-se entre essas anastomoses, de sorte que os ramos que a princípio dêle nasciam, na região axilar, passam a destacar-se do anterior, subsistindo do primeiro apenas alguns segmentos, tais como « o sistema anastomótico humero-circunflexo, a artéria humeral profunda, a interóssea posterior, o ramo posterior da a. interóssea anterior ».

Ao lado dêstes casos de *tronco axilar verdadeiro* — em que a artéria axilo-humeral ocupa no braço a situação que lhe compete, posterior em relação ao n. mediano — Dubreuil-Chambardel dispõe,

estabelecendo uma nítida separação entre uns e outros, os casos de *falso tronco axilar* criado pela conservação, no braço, do sistema arterial superficial, isto é, pela presença, naquele, duma artéria superficial desprovida de veias satélites e anterior em relação ao nervo, fornecendo no cotovêlo as artérias do antebraço, numa das quais se lança, a esse nível, a axilo-humeral, que dá as colaterais habituais, embora se apresente com um volume bastante reduzido.

Esta disposição recorda, de facto, a do tronco axilar: em ambos os casos se observa a divisão da axilar em dois ramos de volume quasi igual, um dos quais origina as colaterais axilares, mas não só a forma da curva axilar é diversa (de convexidade inferior para o verdadeiro, superior para o falso), como diferem também as relações nervosas: no primeiro a artéria axilo-humeral ocupa a sua situação normal atrás do n. mediano, no segundo fica-lhe anteriormente colocada.

Uma e outras permitem estabelecer a distinção. O verdadeiro tronco axilar existe, pois, com uma disposição normal da artéria humeral, não havendo artéria superficial no braço.

A estas condições obedecem as seguintes modalidades de tronco axilar que encontrei descritas na literatura anatómica portuguesa.

O prof. Vilhena (2), na sua I série de «Observações anatómicas», relata um caso de tronco axilar observado, à direita, num cadáver de homem; dêle se originavam a artéria circumflexa posterior e um ramo que correspondia ao interno ou torácico da escapular inferior; do lado esquerdo existia um tronco comum para as circumflexas, conformação que o autor não considera rara e encontramos referida num dos seus trabalhos posteriores (3). Neste insere-se um grande número de variedades das artérias axilar, humeral, radial e cubital, entre as quais destacamos as que, por agora, nos interessam.

No cadáver dum indivíduo do sexo masculino, à direita, dos 3 ramos colaterais destacados da face anterior da axilar, o 3.º era um tronco relativamente volumoso que terminava dando uma artéria escapular correspondente, pelo seu trajecto descendente e distribuição, ao ramo inferior da escapular inferior, depois de ter fornecido, como colaterais, a mamária externa e um ramo equivalente ao ramo torácico da escapular inferior.

Em outro cadáver, igualmente à direita, as artérias circumflexas, humeral profunda e escapular inferior provinham da axilar por um tronco comum, observando também (lado esquerdo) um caso de tronco de origem comum à humeral profunda e circumflexa posterior, sendo digno de menção que neste indivíduo a humeral, depois de dar os ramos colaterais mais vulgares, não se bifurcava e ia formar a cubital; a disposição coincidia com uma anomalia das artérias do antebraço e mão: a radial propriamente não existia e a irrigação do antebraço fazia-se apenas à custa da cubital e seus ramos. Noutro caso, a axilar fornecia, a 2 cm. da clavícula, um tronco donde se destacavam como ramos colaterais, além dum raminho para o pequeno peitoral, uma acrómio-torácica complicada, duas artérias torácicas (uma correspondente à torácica inferior, outra ao ramo torácico da escapular inferior) e ainda a circumflexa posterior, terminando por constituir uma artéria escapular (r. escapular da escapular inferior).

Estas observações são todas relativas a indivíduos do sexo masculino; ao sexo feminino pertencia o indivíduo em que o professor lisbonense observou um tronco axilar bilateral: à direita, nasciam por um tronco comum as circumflexas, havendo outro de origem comum da humeral profunda e colateral interna superior; à esquerda, o tronco, originado na humeral, fornecia estas duas artérias e ainda a circumflexa posterior. Viu ainda noutro cadáver, dum e doutro lado, um tronco axilar de que se destacavam a escapular inferior, as circumflexas, a humeral profunda, a colateral

interna superior e uma artéria de terminação idêntica à colateral interna inferior.

Entre as anomalias registadas em 1913 pelo então aluno da Faculdade, Alfredo Veiga (4), conta-se um caso de tronco axilar observado, de ambos os lados, num cadáver do sexo masculino e que o autor olhou como uma bifurcação da axilar no meio do seu percurso, como pode ver-se pela descrição que nos dá: «Vejo então a artéria axilar, que normalmente atravessa em diagonal o cavado da axila, dividir-se no meio do seu trajecto em dois ramos volumosos. O interno, a principio colocado para dentro da raiz interna do mediano, cruza-o em X na parte media do braço para ocupar o seu lado externo na prega do cotovelo. O ramo externo dirige-se de cima para baixo e de dentro para fora, passa entre as duas raízes do mediano e termina logo depois dando origem á humeral profunda, circunflexas e escapular inferior. Estes troncos nascem aproximadamente á mesma altura. A disposição a que me venho referindo é a que se encontra no membro direito. No esquerdo a artéria axilar comporta-se da mesma forma».

À amabilidade do prof. Pires de Lima devo a consulta dum relatório apresentado pelo aluno A. Sobrinho e outros, em Dezembro de 1912, e no qual se faz referência a esta disposição registada por Alfredo Veiga e que coincidia com outras anomalias vasculares da mão; o desenho, ainda inédito, que acompanha o mesmo relatório, vai reproduzido, segundo cópia de Manuel Ferreira, na fig. 1.

Caso muito semelhante a êste é o observado e descrito pelo prof. Pires de Lima (5) também como bifurcação da axilar, «dando dois ramos do mesmo calibre: a humeral propriamente dita e a humeral profunda. Desta última nasciam as circunflexas e a escapular inferior, ficando a axilar apenas com duas colaterais».

O prof. Hernâni Monteiro (6) viu, à esquerda, nascer por um tronco comum a humeral profunda, a circunflexa posterior e a

escapular inferior e, num cadáver do sexo masculino (7), um tronco axilar descrito como bifurcação da artéria axilar a 2 cm. acima do bôrdo inferior do m. infra-escapular: o ramo interno ia formar a humeral, enquanto o externo, de maior calibre, passando entre as 2 raízes do mediano, se bifurcava ao nível do bôrdo inferior

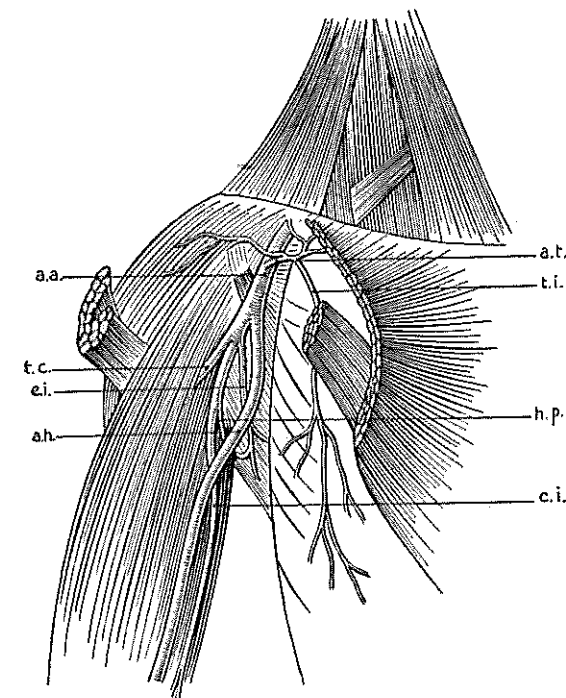


Fig. 1

do referido músculo; dos dois ramos, que desta bifurcação resultavam, um era a escapular inferior, o outro dava por trifurcação as circunflexas e a humeral profunda.

Ao mesmo professor (8) devemos o registo de mais dois novos casos de tronco axilar, sob a designação de bifurcação da axilar, ambos relativos a indivíduos do sexo masculino. No primeiro, a disposição observava-se à direita e coincidia com outras anomalias

vasculares e nervosas, destacando-se do tronco a mamária externa, uma artéria para o infra-escapular, um ramo que pelo seu percurso representava o ramo interno da a. infra-escapular, a circunflexa posterior e um ramo correspondente ao ramo externo ou escapular da infra-escapular. No segundo, a anomalia era bilateral, partindo do tronco as seguintes colaterais: mamária externa dupla, a circunflexa posterior e a escapular inferior; a radial direita cruzava superficialmente os tendões do longo abdutor e curto extensor do polegar.

A estas observações portuguesas acrescentarei a que por mim foi colhida, em 26-10-928, no cadáver de Alfredo I. M., de 38 anos de idade, natural de Paços de Ferreira. As artérias do membro superior direito foram preparadas, após prévia injeção, pelos Assistentes de Anatomia, drs. Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira.

Como mostra a fig. 2, da artéria axilar, a 3,5 cm. do bordo inferior do pequeno peitoral, nascia um tronco de grosso calibre do qual se destacavam: a circunflexa posterior a 15 mm. da origem e, em seguida, aproximadamente ao mesmo nível, a escapular inferior, a torácica inferior, um ramo que se perdia no m. grande dorsal e um outro ramo que, seguindo um trajecto ascendente, terminava no m. infra-escapular.

A cubital era contida num desdobramento da aponevrose antebraquial, funcionando a radial, no braço, como humeral e fornecendo na parte média do antebraço a artéria do nervo mediano; esta era mais desenvolvida do que de costume, mas não ultrapassava o punho, sendo a arcada superficial da mão normalmente conformada.

## II

*Divisão prematura da artéria axilo-humeral.* — No caso que acabo de descrever, encontra-se associada a um tronco axilar a *divisão*

*prematura da axilo-humeral*, designação esta que, como diz Dubreuil-Chambardel no seu livro, deve reservar-se para a variação que consiste na existência dum ramo colateral fornecido pela citada artéria e que no antebraço substitui uma das artérias deste segmento do membro superior. Delas, é a radial que mais frequentemente (em 58 % dos casos segundo a estatística do professor de Tours)

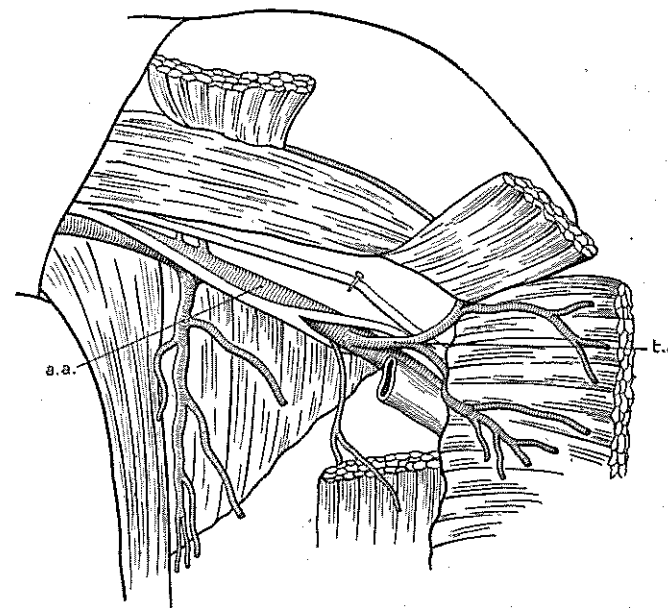


Fig. 2

tem uma origem elevada ou precoce; no antebraço segue um trajecto superficial ou, raras vezes, dispõe-se profundamente, encontrando-se no primeiro caso contida num desdobramento da aponevrose. Em regra, caminha isoladamente sem veias satélites e fornece, por vezes, no antebraço a recorrente radial anterior. A variedade cubital aparece mais raramente (em 24 % dos casos, proporção deduzida pelo mesmo autor).

Testut (9) aponta como bastante frequente (1 vez em 8 indivíduos) a divisão precoce da artéria humeral, verificando-se, na



maioria, no terço superior do braço. Nos 61 casos observados por Quain (10) existia 43 vezes dum só lado e 18 dos dois. Segundo se depreende desta estatística, a anomalia seria unilateral a maior parte das vezes. Testut assinala também a circunstância das artérias (assim prematuramente separadas) se tornarem com freqüência superficiais ao nível do cotovêlo.

Gérard e Breucq (11) citam a proporção de 1/33, Fontan e Lheureux (12) a de 5/40.

Numerosos são os casos desta variação descritos entre nós.

O prof. Vilhena (3) viu, em ambos os membros superiores dum cadáver do sexo masculino, a axilar, depois de dar a acrómio-torácica, dividir-se junto ao bôrdo inferior do m. pequeno peitoral em 2 ramos: um, interno, mais volumoso, que por sua continuação no braço constituía uma artéria humeral pròpriamente dita (principal) com os seus ramos colaterais habituais, mas que no cotovêlo gerava apenas, por continuação, a cubital; o outro, externo, espécie de humeral acessória ou secundária, formava no antebraço a radial. Do primeiro desprendia-se um tronco donde saíam como colaterais as circunflexas, os ramos torácico e escapular da escapular inferior e a mamária externa. Dêste pode aproximar-se um outro caso do mesmo autor, no qual a bifurcação da humeral se fazia a 7 cm. do m. grande peitoral, dela se destacando, como colateral, um tronco de origem comum à humeral profunda, circunflexa posterior e colateral interna superior.

É curiosa esta coincidência dum tronco axilar com a origem elevada duma das artérias do antebraço, coincidência que Dubreuil-Chambardel declara ter notado várias vezes nas suas disseccões e que o prof. Hernâni Monteiro observou também, como veremos.

Registou ainda o professor lisbonense (2 e 3) vários casos de origem elevada, quer da radial, quer da cubital. Num dêles (2) a radial provinha da parte superior da humeral, de que nasciam a recorrente radial anterior e o tronco das recorrentes cubitais,

bifurcando-se por fim em cubital e tronco das interósseas; noutro, a cubital saía da parte inferior da axilar, enviava uma anastomose oblíqua à parte média da humeral e seguia no antebraço um trajecto supra-aponevrótico. O mesmo autor (2) viu o tronco das interósseas nascer, colateralmente, do início da humeral e fornecer logo depois a humeral profunda e, mais abaixo, a colateral interna superior; em outro caso a artéria humeral dividia-se em radial e tronco das interósseas, originando-se dêste o tronco das recorrentes cubitais: a cubital, proveniente da humeral, seguia um trajecto supra-aponevrótico; noutro a bifurcação desta artéria em radial e cubital observava-se na parte superior do braço, a 2 cm. do grande redondo; por último (3), caso de cubital proveniente da axilar, perto do seu limite inferior, com bifurcação da humeral em radial e tronco de origem das interósseas e recorrentes cubitais.

O prof. Pires de Lima (5) descreveu alguns casos de desdobramento prematuro da humeral; em dois coincidia êste com múltiplas anomalias e operava-se logo abaixo do tendão do grande peitoral, acompanhando, num dêles, a cubital o nervo mediano numa botoeira anómala do redondo pronador; noutro caso, fazia-se a bifurcação a 2 cm. acima da linha da flexura, passando a radial por detrás da expansão aponevrótica do bicípíte e a cubital adiante dos músculos epitrocleanos. No antebraço esquerdo dum cadáver do sexo masculino viu o mesmo professor uma cubital superficial situada adiante do redondo pronador; os ramos superiores, que habitualmente por ela são originados, dava-os a radial.

Ao prof. Pires de Lima (13) se deve ainda o relato dum caso de ramificação insólita da humeral observado em ambos os membros superiores dum cadáver de mulher. A artéria bifurcava-se logo abaixo do tendão do grande peitoral, dando um ramo mais delgado e mais superficial, que era a sua verdadeira continuação, e outro, mais profundo e mais grosso, o qual, apesar de ser cru-

zado, a meio do braço, pelo nervo mediano e de ter as habituais relações da humeral, não era mais que o tronco comum das interósseas», fornecendo «um grande número de ramos que habitualmente são colaterais da humeral, da radial e da cubital». O ramo superficial dividia-se em radial e cubital na flexura, sendo ambas de calibre inferior ao que por via de regra possuem.

Alfredo Veiga, no seu trabalho já citado, regista igualmente um caso de bifurcação precoce da humeral na origem, constituindo, dos dois ramos, o externo a radial, o interno, mais volumoso, a cubital. Esta disposição observava-se à esquerda, à direita o desdobraimento fazia-se apenas a meio do braço. O mesmo autor viu também uma humeral esquerda fornecer, na união do terço superior com os dois terços inferiores do braço, um ramo que no cotovêlo ficava logo para dentro da epitroclea e no antebraço caminhava paralelamente ao seu bordo interno e num plano superficial (adiante dos músculos); êste ramo descia para a mão e terminava por três ramos: o posterior contribuía para a formação da arcada palmar profunda, dos dois restantes (interno e externo) provinham as colaterais interna do médio, as do anular e as do mínimo.

Entre as observações de anomalias arteriais registadas pelo prof. Hernâni Monteiro (6 e 7) encontram-se as seguintes relativas à bifurcação insólita da humeral: 1) bifurcação alta da artéria, a 3 cm. do bordo inferior de grande peitoral, dando a cubital e um tronco comum à radial e interósseas (tronco rádio-interósseo), seguindo a cubital um trajecto superficial, adiante dos músculos epitrocleanos; 2) desdobraimento em tronco das interósseas e tronco rádio-cubital, sendo a cubital sub-aponevrótica mas colocada adiante daqueles músculos; 3) desdobraimento em radial e tronco cúbito-interósseo, com trajecto profundo da cubital; 4) bifurcação no terço superior do braço, ocupando a cubital, no cotovêlo, o lugar da humeral; 5) bifurcações no terço médio e terço

superior em radial e tronco cúbito-interósseo, acompanhando êste, como se fôra a humeral normal, o nervo mediano, com o qual passava entre os dois feixes do m. redondo pronador.

O mesmo professor viu ainda a radial nascer como colateral da axilar (7): «Daqui resultava que no braço se encontravam duas artérias a que podemos dar o nome de humeral e humeral acessória. Com efeito, a primeira, directa continuação da axilar, representava, por êste facto e também pelas suas relações ao longo do seu trajecto, a humeral propriamente dita; ao passo que a segunda, nascida da axilar, como ramo colateral dela, representava uma artéria humeral acessória. Esta, continuando-se pelo antebraço, ocupava o lugar da radial, ao passo que a cubital era a directa continuação da humeral propriamente dita». Esta observação é análoga a uma das que adiante registarei; em outra do prof. Hernâni Monteiro, era a cubital que provinha, colateralmente também, da humeral, a 6 cm. do bordo inferior do grande peitoral, passando adiante da camada dos músculos epitrocleanos e fornecendo a humeral, por bifurcação na flexura, a radial e o tronco das interósseas.

Passo a descrever os casos de bifurcação prematura da humeral que eu próprio tive ocasião de observar.

I. — Obs. em 16-11-926. Cadáver dum indivíduo do sexo masculino. Dissecção pelo aluno Porfírio A. Silva.

A humeral esquerda bifurcava-se na origem, ao nível do bordo inferior do grande peitoral e a cerca de 20 cm. duma linha transversal passando pela epitroclea. Dos dois ramos que dêste desdobraimento resultavam, o interno, mais volumoso, fornecia as várias colaterais da humeral, comportando-se no antebraço como artéria cubital que era; o ramo externo, representando a radial, cruzava adiante o nervo mediano, para fora do qual em seguida se colocava. Também o ramo interno cruzava o referido nervo,

mas passando-lhe por detrás, e vinha igualmente ocupar no cotovêlo o seu lado externo; as duas artérias eram ligadas, nesta altura, por uma anastomose transversal, curta e grossa, de 15 mm. de comprimento, da parte média da qual se destacava, posteriormente a recorrente radial anterior. Esta anastomose, cruzada, a seu turno, adiante pela veia radial, lançava-se na cubital a 3,5 cm. da epitróclea, partindo da radial a 24 cm. da sua origem axilar.

Devo notar que, sendo neste caso a radial superficial, colocada entre a aponevrose e a pele, como muitas vezes se verifica quando a humeral se bifurca precocemente, ela foi tomada pelos alunos e por mim mesmo, à primeira vista, pela veia radial superficial que ao nível do cotovêlo deixava escapar a respectiva veia comunicante.

Por via de regra, as artérias provenientes da bifurcação prematura do tronco axilo-humeral conservam a sua independência recíproca; contudo, por vezes entre elas se estabelecem comunicações no decurso do seu trajecto, quer à custa dum ramo anastomótico mais ou menos desenvolvido, como na observação precedente, quer pela união lateral das duas artérias na parte inferior do braço, de molde a constituírem um tronco único que pouco depois volta a dividir-se, dando os dois ramos habituais da artéria braquial: a radial e a cubital. Esta última disposição, muito mais rara do que aquela, foi observada, não só por Quain, mas ainda por Mauclair (14) e Lawrence (15). O caso d'êste autor constitui uma forma intermediária entre as duas formas principais apontadas: não havia um vaso distinto a estabelecer a anastomose e as duas artérias em contacto comunicavam por uma abertura existente nas paredes contíguas; curioso será também notar que entre a veia mediana basilíca e um dos ramos provenientes da bifurcação se constituíra um aneurisma artério-venoso em consequência da lesão da artéria ao praticar-se a flebotomia.

Àcêrca das anastomoses a que me referi pode consultar-se também o trabalho de Forster (16).

II. — Num feto do sexo feminino que me serviu para a preparação da axila na prova prática de Anatomia do meu concurso

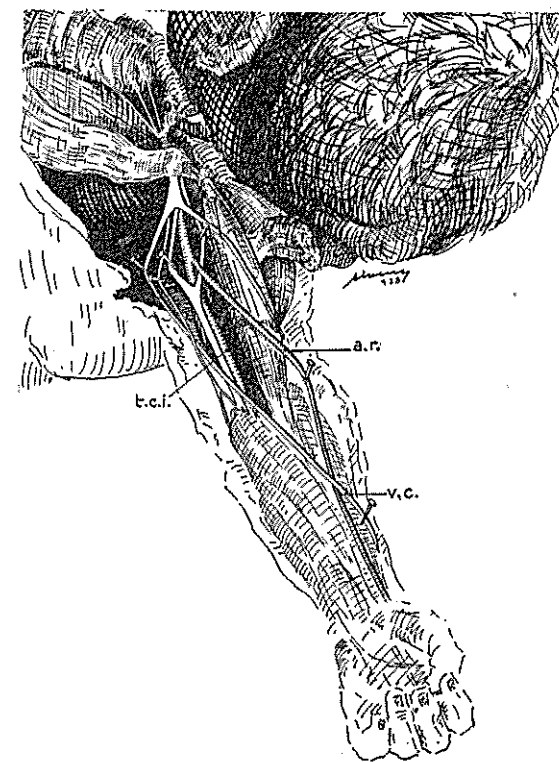


Fig. 3

para 1.º Assistente, observei, em 20-5-927, a seguinte disposição do lado esquerdo (fig. 3):

A artéria axilar, depois de fornecer, muito próximo umas das outras, as circunflexas anterior e posterior, a escapular inferior e a humeral profunda, bifurcava-se a cêrca de 1 cm. acima do bôrdo superior do tendão do m. grande peitoral, dando: 1.º um ramo (*t. c. l.*) colocado a princípio por detrás e, pouco depois, para dentro da

raiz externa do n. mediano e que no braço seguia o trajecto peculiar à humeral, cujas colaterais dava, comportando-se na flexura como tronco cúbito-interósseo; e 2.º outro ramo (*a. r.*) que se dirigia para diante, passava entre as duas raízes do n. mediano, cruzava destas a externa e vinha colocar-se depois para fora do referido nervo, assim se conservando no resto do seu percurso e do nervo se afastando cada vez mais. Ao nível da região da prega do cotovêlo, passava adiante do tendão bicipital e seguia d'oravante o trajecto habitualmente oferecido pela radial, ocupando, porém, um plano mais superficial, supra-aponevrótico.

Este ramo arterial apresentava na sua distribuição a seguinte particularidade: não fornecia para a mão a rádio-palmar, sendo tôdas as digitais dadas pela cubital; as três últimas destacavam-se numa arcada de convexidade súpero-externa formada por aquela artéria, que terminava constituindo a primeira digital.

A artéria radial anómala, que acabo de descrever, era acompanhada, na parte braquial do seu trajecto, pela veia cefálica (*V. c.*) com ela contida numa bainha comum análoga às que envolvem os feixes vásculo-nervosos.

III. — Em 12-9-927 ofereceu-se-me o ensejo de injectar as artérias do membro superior direito do cadáver dum individuo do sexo masculino, procedendo à sua disseccção os Assistentes drs. Álvaro Rodrigues e Sousa Pereira. Descrevo a seguir as múltiplas disposições anómalas que observei.

Como mostra a fig. 4, a humeral bifurcava-se a 14 cm. da epitroclea; dos troncos resultantes desta bifurcação, um é interno, o outro externo. Dêste último, que inferiormente vem constituir a radial, nasce, a cerca de 1 cm. da sua origem, um ramo relativamente volumoso que pela maior parte vai perder-se no m. bicipite. Quanto ao ramo interno cruza, passando-lhe por detrás, o nervo mediano à altura da parte média do braço, encontrando-se no cotovêlo externamente colocado em relação ao mesmo nervo.

Pelo seu trajecto, relações e distribuição ulteriores, o referido ramo interno comporta-se como tronco cúbito-interósseo.

Anòmalamente se fazia também a distribuição dos ramos arteriais na mão. A cubital (fig. 5), ao chegar à região palmar, inflecte-se para o bôrdo radial descrevendo uma curva de concavidade súpero-externa; ainda nas proximidades do ligamento anular anterior, deixa escapar a 1.ª digital e pouco depois a 2.ª, destacando-se as outras três de pontos muito vizinhos uns dos outros, a 3.ª isoladamente, as restantes provenientes da bifurcação do vaso. Dêstes ramos, o superior e externo anastomosa-se com a rádio-palmar anómala a que vou referir-me.

A radial — que, diga-se de passagem, ao contrário do que se verificava no caso precedentemente descrito, era separada do plano superficial pela aponevrose — depois de atravessar a tabaqueira anatómica (fig. 6), perfura o primeiro interósseo dorsal e, no interstício que separa este músculo do adutor do

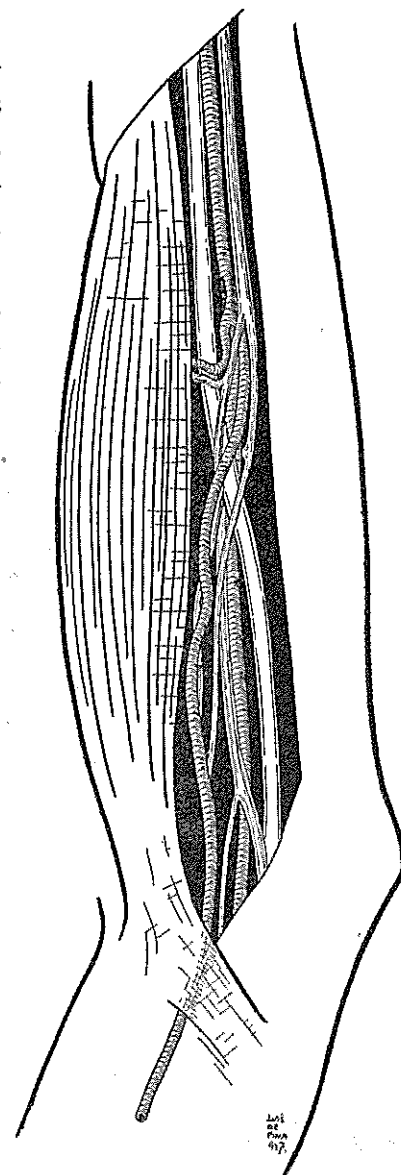


Fig. 4

polegar, divide-se em dois ramos: um, externo, caminha na face posterior daquele último músculo, desce encostada ao 1.º meta-

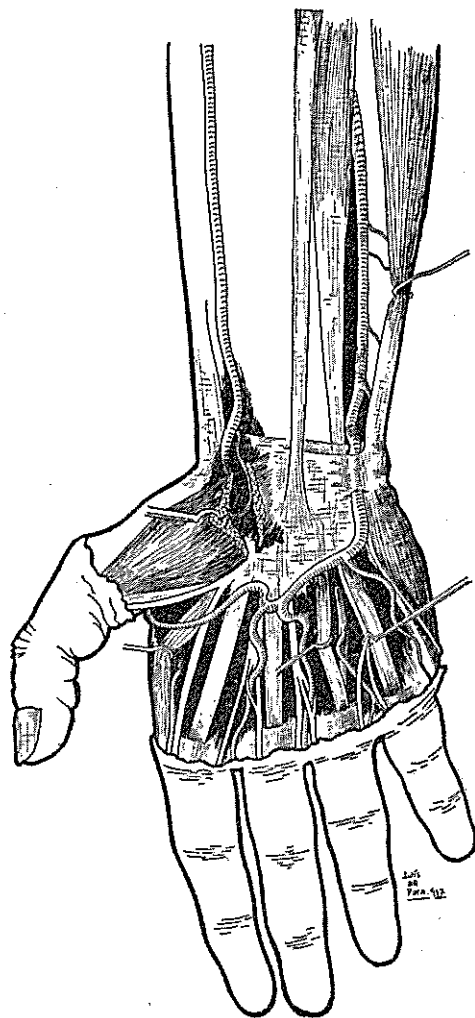


Fig. 5

cárpico, inflecte-se na extremidade anterior, contorna o bôrdo inferior do adutor e anastomosa-se na região palmar com o ramo

superior e externo de bifurcação da cubital; o outro ramo, interno, segue encostado ao lado externo da face anterior do 2.º metacárpico, conservando-se na face dorsal do adutor e vai, finalmente, formar a colateral externa do indicador.

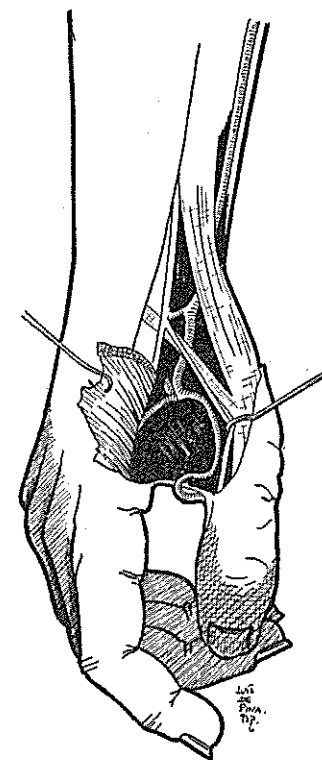


Fig. 6

A rádio-palmar da descrição clássica não existe pròpriamente, sendo representada pelo ramo interno dos dois que a radial fornece. Como tal o considero, a despeito do seu caprichoso trajecto, porque na palma contribui para a formação duma arcada, por sua anastomose com um dos ramos terminais da cubital.

Notem-se, como disposição curiosa, as botoeiras ou fendas longitudinais oferecidas à passagem da 3.ª e 4.ª digitais pelos

nervos colaterais externos do médio e do anular. A existência destas botoeiras abertas nos ramos terminais do mediano e do cubital, foi entre nós assinalada pelo dr. Barbosa Sueiro (17); num cadáver em que observou a bifurcação alta da humeral, viu o prof. Hernâni Monteiro (6) a 3.<sup>a</sup> digital passar numa botoeira que lhe oferecia o 6.<sup>o</sup> nervo colateral palmar.

Nos casos de bifurcação precoce da artéria axilo-humeral que pude observar, não havia vestígios de apófise supra-epitrocleana, anomalia que, como se sabe, tem sido vista frequentemente associada à primeira; esta concomitância, considerada regra por Farabeuf (18) e Testut (19 e 20), verificava-se em dois dos casos de apófise supra-epitrocleana estudados pelo prof. Hernâni Monteiro (21 e 22) em cadáveres, coexistindo também as duas variações num indivíduo vivo observado pelo mesmo professor (23). Da divisão precoce da humeral, naqueles dois casos, resultava «a artéria radial e um tronco cúbito-interósseo, o qual passava, juntamente com o nervo mediano, num canal supra-epitrocleano que, em parte, a apófise limitava».

É esta a disposição que se observa quando uma apófise supra-epitrocleana coincide com o nascimento prematuro duma das artérias do antebraço: a humeral (ou o tronco que como tal se comporta) passa com o mediano no anel ósteo-fibroso, homólogo do canal humeral dalguns mamíferos, e, por fora dêle, o vaso superficial.

A propósito posso referir que o prof. Hernâni Monteiro (22) viu num Sagui (*Crysothrix siurea*) oriundo do Brasil e cujo esqueleto está no nosso Museu Anatómico, a bifurcação da artéria axilar na axila; o ramo externo (radial) caminhava no braço costeando o bôrdio interno do bicípite, o interno (cubital) passava entre as duas raízes do n. mediano e, juntando-se a êste, com êle atravessava o canal humeral.

Da apófise supra-epitrocleana se ocupou também, entre nós,

o dr. Barbosa Sueiro (24) num documentado trabalho, tendo observado igualmente um caso da referida apófise no vivo (1).

Já que falo da superficialidade das artérias do antebraço, devo citar o caso de cubital superficial observada pelo prof. Pires de Lima (5) no antebraço esquerdo dum cadáver (a referida artéria, situada adiante do redondo pronador, não dava os habituais ramos superiores, os quais provinham da radial), e bem assim as suas observações de anomalias arteriais no vivo, entre as quais se contam dois casos de trajecto supra-aponevrótico da artéria cubital, um deles num indivíduo ectrodáctilo, e outro em que aquela se apalpava nos dois terços superiores do antebraço.

Também o dr. Alberto de Sousa (25), numa comunicação apresentada, em 1925, a esta Sociedade, relatou seis casos de anomalias da radial estudadas no vivo.

A propósito das anomalias da a. radial, posso acrescentar duas observações entre algumas de disposições da tabaqueira anatómica colhidas em 1926 no Instituto de Anatomia.

I. — Cadáver dum indivíduo do sexo masculino, de identidade desconhecida.

À direita, o tendão do longo abdutor do polegar apresentava-se dividido em dois encostados em tôda a extensão do seu trajecto, e o tendão do curto extensor caminhava um pouco distante daqueles. M. longo extensor normal. A artéria radial, com

(1) Já depois de redigida a presente comunicação, registou o colega lisbonense [Vid. Barbosa Sueiro, *Anotações anatómicas*, VII. Segunda nota sobre a apófise supra-epitrocleana (*processus supracondyloideus BNA*). «Arquivo de Anatomia e Antropologia», vol. XIII. Lisboa, 1929] mais três casos da anomalia, sendo um dêles, bilateral, observado no vivo, os restantes verificados em cadáveres. Num dêstes pôde constatar que pelo anel ósteo-fibroso supra-epitrocleano passava um vaso aberrante anómalo (anastomótico da humeral com a cubital) juntamente com o n. mediano, fazendo o tronco da humeral o seu trajecto ordinário.

as duas veias satélites, não era cruzada pelos tendões dos radiais, que lhe ficavam para dentro em todo o percurso na tabaqueira. À esquerda, a referida artéria fornecia a dorsal do polegar e a 1.<sup>a</sup> interóssea dorsal no momento em que ia perfurar o 1.<sup>o</sup> espaço interósseo.

II.—Cadáver de António M., de 49 anos, moço de lavoura, de Sinfães. Do lado direito, também a artéria não era cruzada pelos tendões dos radiais, que ocupavam o seu lado interno, e atravessava obliquamente a parte média da tabaqueira anatómica, fornecendo ao nível do 1.<sup>o</sup> espaço interósseo um ramo que originava as 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> interósseas dorsais. Do lado oposto, as relações da artéria com os tendões dos radiais eram idênticas, observando-se um desdobramento do tendão do longo extensor próprio do polegar.

Este indivíduo possuía um sesamoideu no m. rombóide esquerdo, o qual se descreve em outro trabalho (26).

### III

Passo a referir algumas disposições pouco vulgares na irrigação arterial da palma da mão.

I.—Em 13-12-926, num cadáver do sexo masculino, de identidade desconhecida, notei que à esquerda (fig. 7) não existia artéria rádio-palmar nem arcada palmar superficial. A artéria cubital (*a. c.*) terminava dando quatro ramos que se separavam a diferentes alturas e eram, indo de cima para baixo e de dentro para fora, as 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> digitais, podendo esta última considerar-se como verdadeira terminação do tronco arterial. A artéria do nervo mediano (*a. n. m.*), de exagerado desenvolvimento, descia até à mão, onde constituía a última digital, nela se originando um raminho que ia formar a colateral externa do polegar.

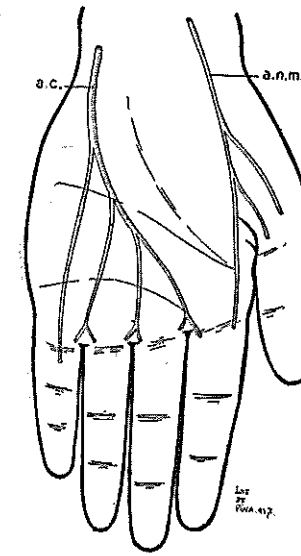


Fig. 7

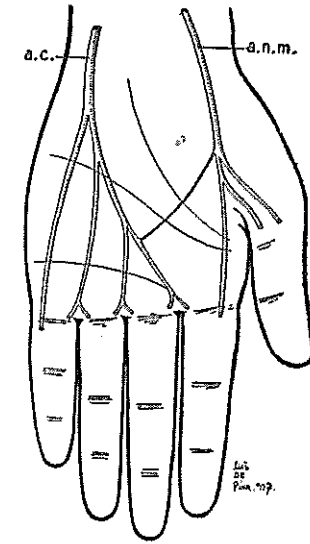


Fig. 8

II.—No membro superior direito do cadáver de António P. do F., de 73 anos, azilado, natural de Gôvo (Baião), que possuía um preesternal já descrito (27), existia um tronco axilar muito curto (cêrca de 1 cm.) que servia de origem comum às circunflexas e escapular inferior, e da cubital, que na mão descrevia uma ligeira curva de concavidade voltada para cima e para fora (fig. 8), provinham as quatro primeiras digitais. A artéria do

nervo mediano (*a. n. m.*), mais volumosa do que habitualmente, dava um pequeno ramo para a eminência ténar e terminava pela 5.<sup>a</sup> digital, depois de se anastomosar, por intermédio dum delgado raminho obliquamente dirigido de cima para baixo e de fora para dentro, com a cubital (*a. c.*), a êsse nível representada já pela 4.<sup>a</sup> digital, sua directa continuação. Devo acrescentar que a artéria do nervo mediano nascia, superiormente, por dois ramos: um, principal, que da cubital provinha directamente, e outro, acessório, que se originava na humeral um pouco acima do cotovêlo.

Como na precedente observação, não havia rádio-palmar.

III.—Descreverei agora as disposições observadas nos membros superiores de Fernando G., de 30 anos, solteiro, padeiro,

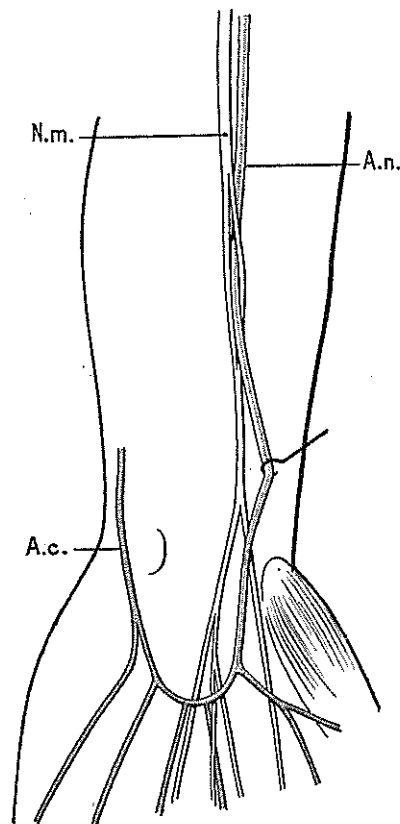


Fig. 9

natural de Miragaia (Pôrto), dissecados em 23-1-929 por uma turma de alunos de Anatomia topográfica.

Do lado esquerdo (fig. 9), a artéria do nervo mediano (*a. n. m.*), nascida da humeral imediatamente acima da prega do cotovêlo, apresentava excepcional desenvolvimento, igualando seu calibre o da cubital (*a. c.*). Logo depois da origem juntava-se ao aludido

nervo e um pouco abaixo da parte média do antebraço atravessava de trás para diante uma fenda longitudinal ou botoeira, com 4 cm. de extensão, que o mediano lhe oferecia.

Prosseguindo o seu trajecto descendente em companhia do nervo, passava por debaixo do ligamento anular anterior do carpo e ao chegar à palma da mão anastomosava-se tampo a tampo com a cubital, formando uma extensa arcada de concavidade superior (arcada palmar superficial), que fornecia sucessivamente tôdas as digitais. Não existia artéria rádio-palmar.

Do lado direito, apenas pude ver que a artéria mediana, também de avultado calibre, se dispunha na palma da mão dum modo idêntico, constituindo com a cubital a arcada palmar superficial, de que provinham os mencionados ramos.

Como acaba de ver-se, em todos estes casos a artéria do nervo mediano participava na irrigação da palma da mão, substituindo a rádio-palmar, que não existia; no primeiro conservava-se independente da cubital, no segundo era a esta ligada por uma anastomose oblíqua, e no terceiro os dois vasos, anastomosando-se tampo a tampo, formavam a arcada palmar superficial. Em todos a artéria se apresentava mais desenvolvida do que é costume.

Num dêles nascia da humeral, noutra provinha desta e da cubital.

Desde muito se referiu o desenvolvimento exagerado que esta artéria, por via de regra de limitada importância, pode assumir, e bem assim a sua contribuição para a vascularização da região palmar. Cruveilhier (28) aponta estes pormenores e depois dêles outros autores, como Delorme (29), mas foram, sobretudo, os trabalhos de Gérard (30 e 31) que os evidenciaram de modo notável.

A referida artéria—que os clássicos, em regra, apontam como filha da interóssea anterior—pode ter variadas proveniências: nascer das interósseas, de qualquer das artérias do antebraço (cubital



ou radial), da humeral ou mesmo da axilar. Gérard mostrou que nos casos raros em que ela provém directamente da humeral, substitui a radial e a cubital, que são rudimentares. Essa origem braquial encontrar-se-ia, segundo a estatística de Dubreuil-Chambardel, na proporção de 2 % e, no que respeita à sua participação na formação da rede palmar superficial, notada 4 vezes em 52 preparações pelo professor de Tours, numerosas modalidades ela reveste, em detrimento das artérias cubital e radial, que descem por vezes à modesta condição de colaterais da mediana. Num dos casos recentemente publicados por Yatzouta (32), a mediana, proveniente da interóssea e dum diâmetro considerável (4,5 mm.), dava a cubital e tomava parte na formação de metade da arcada palmar superficial.

H. Fisher (33) viu, num cadáver com bifurcação alta da humeral, provir a artéria do nervo mediano do tronco das interósseas e fornecer na mão as duas digitais externas.

As observações registadas na literatura anatómica portuguesa dão clara conta dessa grande variabilidade.

Alfredo Veiga (*loc. cit.*) viu a artéria do nervo mediano, mais desenvolvida do que normalmente, descer para a mão e originar a colateral externa do médio e a interna do indicador; neste caso existia a rádio-palmar, que dava as colaterais do polegar, mas faltava a arcada palmar. Esta era a disposição observada no membro direito; à esquerda, as 2 colaterais do polegar e a externa do indicador eram dadas pela artéria do nervo mediano, a qual contribuía para formar uma arcada palmar rudimentar.

Das que o prof. Vilhena (2 e 3) publicou, destacarei as seguintes: Num cadáver do sexo masculino e à direita, a referida artéria igualava em calibre a cubital, desta se separando em seguida à origem do tronco das interósseas e constituindo na mão a 1.ª digital. Do lado direito também e num indivíduo do mesmo sexo, a artéria do n. mediano, excepcionalmente desenvolvida e

nascida da cubital, atravessava detrás para diante aquele nervo e com êle seguia até à mão, onde por bifurcação constituía a 4.ª e a 5.ª digitais; as três primeiras eram dadas pela cubital, que nenhuma anastomose contraía com a rádio-palmar nem com a mediana. De outra vez (m. d.) viu a humeral dar por bifurcação a radial e um tronco donde nascia a artéria do nervo mediano; a cubital aparecia como ramo colateral da humeral e anastomosa-se na mão com a mediana. Pelo contrário, num cadáver de mulher não pôde reconhecer esta artéria nem a radial, dependendo a arcada palmar superficial exclusivamente da cubital.

No caso de ramificação insólita da humeral, descrito pelo prof. Pires de Lima (9), era muito volumosa a artéria do nervo mediano, sobretudo à direita. O mesmo professor (5) observou anomalias desta artéria em três cadáveres. Num deles, a artéria, também muito desenvolvida, nascia à esquerda do tronco das interósseas, a seguir passava numa botoeira que o respectivo nervo lhe oferecia, e na mão anastomosava-se com a cubital, formando-se dêste modo a arcada palmar superficial. Noutro cadáver, de ambos os lados, igualmente o nervo mediano formava no terço médio do antebraço uma botoeira para a passagem das respectivas artérias; não havia arcadas palmares superficiais, sendo as duas digitais mais externas dadas pela mediana, que à esquerda nascia directamente da cubital. Finalmente, no terceiro caso, também não existia arcada, fornecendo a aludida artéria as duas digitais mais externas.

Os dois primeiros casos são muito curiosos pela existência da botoeira aberta no n. mediano para a passagem da sua artéria, disposição que se verificava também numa das minhas observações (III) e que Gérard diz ter verificado em metade dos seus casos.

Idêntica disposição se observava num dos casos registados pelo prof. Hernâni Monteiro (6), que viu várias vezes a artéria

em questão entrar na constituição da arcada superficial. No caso a que me refiro, a cubital, de reduzido calibre, provinha como ramo colateral da humeral, que na flexura do cotovêlo se bifurcava em radial e tronco das interósseas; dêste nascia, além doutros ramos, a artéria do nervo mediano, quasi tão volumosa como a radial e que atravessava uma botoeira que o nervo lhe oferecia, formando inferiormente com a cubital a arcada palmar. A rádio-palmar, de calibre muito pequeno, perdia-se nos músculos da eminência ténar.

Barbosa Sueiro (17), no seu trabalho sobre arcadas arteriais palmares, baseado em 100 preparações pessoais, refere que em 12 a artéria mediana engrossada contribuía para a vascularização da palma da mão, fornecendo-lhe digitais, mais frequentemente a 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> (6/12), anastomosando-se (3/12) ou não (9/12) com a cubital.

Vê-se, pois, que a artéria do nervo mediano, de limitada importância a maior parte das vezes, pode aparecer-nos exageradamente desenvolvida, possuir uma origem elevada e descer até à mão, tomando parte na irrigação desta. Nestes casos, a rádio-palmar atrofia-se ou, como nas minhas observações, chega a desaparecer, comportando-se aquela como esta. Isto não quer dizer, porém, que as duas não possam concorrer simultaneamente para a formação da arcada, como acontecia nos casos de Soulié (34). Em todo o caso, constitui uma regra a coincidência do desenvolvimento da mediana e dum tronco das artérias antebraquiais, recordando a disposição observada em embriões muito novos, nos quais a referida artéria forma, durante um curto período, a artéria principal do antebraço e da mão.

As variações arteriais que passamos em revista no presente trabalho encontram-se frequentemente associadas no mesmo indivíduo, facto êste bem conhecido já e calorosamente pôsto em relêvo por Dubreuil-Chambardel no seu citado livro. Entre as

observações colhidas sob a direcção do sábio anatomista e registadas por discípulos seus após a publicação do 2.<sup>o</sup> volume do seu Tratado das Variações Arteriais, contam-se (35) algumas de disposições muito curiosas e que confirmam mais uma vez as idéas além defendidas acerca do sincronismo de variações arteriais, idéas que tendem a provar que uma disposição arterial anómala raras vezes se apresenta isolada e, em regra, se encontram no mesmo indivíduo diferentes variações associadas, reconhecendo tôdas a mesma causa, que exerce a sua influência no mesmo período embrionário; são, pois, síncronas, neste sentido que datam tôdas do mesmo período da vida fetal.

Mas há mais. Em algumas observações de variações arteriais que ao prof. Vilhena se devem, havia coincidência destas com disposições anómalas do sistema muscular, e o anatomista lisboense, generalizando com muita razão e propriedade, acentuava o facto do concurso, no mesmo indivíduo, de diferentes variações, não só para o sistema arterial, mas em mais do que um sistema anatómico, e chamava particularmente a atenção para o que as suas investigações lhe tinham mostrado: «a coincidência de anomalias arteriais com disposições não vulgares do sistema muscular».

Para a interpretação das anomalias arteriais do membro superior facilitaram elementos a Embriologia, a Anatomia comparada e a Teratologia, dando a conhecer que as mesmas correspondem a tipos normais em diversos estados do desenvolvimento e em certos grupos da série animal.

É assim que muitos dos tipos de tronco axilar atrás apontados se encontram reproduzidos na série zoológica; é assim que a coincidência dum tronco axilar de origem elevada e dum tronco axilar constitui o tipo regular em certos Macacos [vêr, a propósito da circulação arterial do membro superior em alguns dêstes animais, Rojecki (36)]; é assim que, em muitos Mamíferos, a artéria me-

diana aparece como o vaso principal do braço, como o é durante um curto período em embriões humanos muito novos, contemporaneamente à existência dum sistema arterial superficial no membro superior.

As pesquisas embriológicas têm demonstrado que a maior parte dos troncos vasculares do membro superior adulto são formações secundárias, pois que os vasos primitivos desapareceram ou converteram-se em ramos de reduzida importância. Como bem acentuou De Vriese (37) no seu excelente trabalho sobre o assunto, nos primeiros tempos da vida embrionária, os vasos das extremidades dispõem-se em redes ou plexos que acompanham fielmente os nervos principais; mais tarde, algumas delas dão lugar aos vasos definitivos, outras transformam-se em artérias nutritivas de troncos nervosos, o que explica a significação particular que elas adquirem sob o ponto de vista da formação de anastomoses ou de anomalias.

A Anatomia comparada, por um lado, e por outro a Embriologia e o estudo das variedades de origem das artérias do antebraço levaram a considerar um eixo arterial do plano de flexão do membro superior, constituído pela artéria humeral no braço continuada, no antebraço, pela artéria do nervo mediano; a distribuição desta grande via arterial primitiva sobrepõe-se à distribuição nervosa dependente do mediano: num caso de Foix, que Dubreuil-Chambardel cita e que foi observado num monstro hemímelo direito, não havia rádio-palmar e a cubital fornecia apenas três colaterais, originando-se tôdas as outras da artéria do nervo mediano.

Da mesma sorte, haveria uma via arterial primitiva posterior ou da extensão, satélite do nervo rádio-circunflexo, da qual existem normalmente simples fragmentos: no braço a a. humeral profunda, no antebraço as artérias recorrente radial posterior, interóssea posterior e o ramo posterior da interóssea anterior. As variações

descritas pelos autores reduzem-se a uma simples conservação ulterior doutros segmentos deste vaso primitivo. E, assim, Dubreuil-Chambardel concluía: «Il existe primitivement une voie artérielle d'extension et une voie artérielle de flexion, celle-ci formée de deux réseaux, l'un superficiel et l'autre profond. Entre ces trois plans vasculaires s'établissent de bonne heure des anastomoses d'une grande fixité de situation. C'est par ces anastomoses que vont s'établir des courants artériels nouveaux qui, progressivement, vont constituer la formule habituelle de l'adulte. Les variations des artères du membre supérieur s'expliquent par la conservation en tout ou en partie des plans ou réseaux vasculaires primitifs».

Acaba de ver-se como a Embriologia permite deduzir a significação morfológica das variações arteriais e «nas investigações embriológicas, diz o prof. Vilhena, achar-se há também um dia, provavelmente, alguma explicação da simultânea concorrência de variedades arteriais e musculares».

Desde muito, com I. Geoffroy Saint-Hilaire (38) e Sappey (39), se tem apontado a grande frequência das anomalias das artérias, chegando-se mesmo a afirmar a maior variabilidade do sistema arterial em confronto com os outros sistemas; da exactidão precisa desta maneira de ver discorda o prof. Vilhena, reconhecendo-lhe por fundamento um defeito de interpretação.

Em todo o caso, não menos certo se me afigura o valor do registo das diversas modalidades que se observam, quando mais não seja, pelas deduções práticas derivadas do seu conhecimento; e a tal respeito, inútil me parece encarecê-lo, numa época em que as simpaticectomias estão na ordem do dia.

## BIBLIOGRAFIA

- (1) DUBREUIL-CHAMBARDEL — Variations des artères du membre supérieur. Paris, 1925.
- (2) HENRIQUE DE VILHENA — Observações anatómicas. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, vol. I. Lisboa, 1912-1914.
- (3) IDEM — Observações anatómicas, III. *Idem*, vol. IV. Lisboa, 1915-1918.
- (4) ALFREDO VEIGA — Anomalias arteriaes. *Gazeta dos Hospitais do Porto*, 1913.
- (5) J. A. PIRES DE LIMA — Variações musculares, vasculares e nervosas. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, vol. II, n.º 4. Lisboa, 1916.
- (6) HERNANI MONTEIRO — Notas anatómicas. *Anais Scientificos da Faculdade de Medicina do Porto*, vol. IV, n.º 1, 1917.
- (7) IDEM — Notas anatómicas. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, vol. V. Lisboa, 1919.
- (8) IDEM — Notas anatómicas. *Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Anno IV. 1920.
- (9) TESTUT — *Traité d'Anatomie Humaine*, tome II. Paris, 1911.
- (10) QUAIN — *Quain's Elements of Anatomy*, vol. I. London, 1882.
- (11) GÉRARD & BREUCQ — Anomalies artérielles. Sur un cas de bifurcation précoce de l'artère humérale. *Bibliographie Anatomique*, 1905.
- (12) FONTAN & LHEUREUX — Description et essais d'interprétation de quelques anomalies du bras. *Journal de l'Anatomie et de la Physiologie*, 1911.
- (13) J. A. PIRES DE LIMA — Ramificação insólita da artéria humeral. *Revista dos Estudantes da Universidade do Porto*, 1 ano, n.º 2. 1916.
- (14) MAUCLAIRE — De la présence fréquente d'un tronc nerveux au niveau d'une bifurcation ou d'une collatérale artérielle normales ou anormales. Branches nerveuses artérielles de la paume de la main. *Bull. et Mém. de la Société Anatomique de Paris*, 1894.
- (15) LAWRENCE — Proceedings of the Anatomical Society of Great Britain and Ireland. *The Journal of Anatomy and Physiology*, 1901.
- (16) FORSTER — Über zwei Fälle einer seltenen Arterienvarietät an der Ansatzsehne des Biceps brachii. *Anatomischer Anzeiger*. 50 Bd., 1917-1918.
- (17) BARBOSA SUEIRO — Arcadas arteriais palmares. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, vol. II. Lisboa, 1916.
- (18) FARABEUF — *Précis de Manuel opératoire*. Paris.

## BIBLIOGRAFIA

381

- (19) TESTUT — Les anomalies musculaires considérées au point de vue de la ligature des artères. Paris, 1892.
- (20) TESTUT & JACOB — *Traité d'Anatomie Topographique*, vol. II. Paris, 1911.
- (21) HERNANI MONTEIRO — Duas observações portuguesas de apófise supra-epitrocleana. *Portugal Médico*, n.º I de 1922.
- (22) IDEM — A importancia das anomalias anatómicas em Cirurgia. *Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Ano VII, 1923.
- (23) IDEM — Um caso de apófise supra-epitrocleana no vivo. *Portugal Médico*, n.º 4 de 1927.
- (24) BARBOSA SUEIRO — Anotações anatómicas II — Algumas considerações sobre a apófise supra-epitroclear. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, vol. VIII. Lisboa, 1923.
- (25) ALBERTO DE SOUSA — Anomalias arteriais no vivo. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, fasc. III, tomo II. Porto, 1925.
- (26) HERNANI MONTEIRO & AMANDIO TAVARES — Sesamoideus e corpos estranhos articulares. *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, vol. XIII. Lisboa, 1929.
- (27) HERNANI MONTEIRO, AMANDIO TAVARES & ÓSCAR RIBEIRO — Quatre nouveaux cas Portugais de muscle présternal. *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, tome X. Lisbonne, 1928.
- (28) CRUVEILHIER — *Traité d'Anatomie descriptive*, tome III. Paris, 1867.
- (29) DELORME — Ligature des artères de la paume de la main et de la plante du pied. *Mémoires de l'Académie de Médecine*. Paris, 1882.
- (30) GÉRARD — Anomalies artérielles. L'artère du nerf médian à la paume de la main. *Bibliographie Anatomique*, 1897.
- (31) IDEM — Anomalies artérielles. Considérations sur les anomalies de l'artère du nerf médian. A propos de trois nouveaux cas. *Idem*, 1905.
- (32) YATZOUTA — Quelques cas de variations artérielles de l'avant-bras. *Bulletin et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, 1927.
- (33) HENRI FISHER — Disposition anormale des artères du membre supérieur. *Annales d'Anatomie pathologique et d'Anatomie normale médico-chirurgicale*, tome III, 1926.
- (34) SOULIÉ — Sur les rapports des plis cutanés avec les interlignes articulaires, les vaisseaux artériels et les gaines synoviales tendineuses. *Journal de l'Anatomie et de la Physiologie*, 1901.
- (35) DUBREUIL-CHAMBARDEL — Variations artérielles rares. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, 1927.
- (36) ROJECKI — Sur la circulation artérielle chez les *Macacus cynomolgus* et le *Macacus sinicus* comparée à celle des Singes anthropomorphes et de l'Homme. *Journal de l'Anatomie et de la Physiologie*, 1889.
- (37) DE VRIESE — Recherches sur l'évolution des vaisseaux sanguins des membres chez l'Homme. *Archives de Biologie*, tome XVIII, 1902.
- (38) L. GEOFFROY SAINT-HYLAIRE — Histoire générale et particulière des anomalies de l'organisation chez l'Homme et les Animaux, tome III. Paris, 1836.

- (39) SAPPEY — *Traité d'Anatomie descriptive*, tome II. Paris, 1888.  
 (40) RODRIGUEZ CADARSO & BARCIA GOYANES — *Sur la valeur morphologique des variations artérielles du membre supérieur. Archives d'Anatomie, d'Histologie et d'Embryologie*, t. IV, 1925.  
 (41) VIALLE — *Le tronc axillaire*. Tours, 1926.  
 (42) B. ADACHI — *Das Arteriensystem der Japaner*, bd. I. Kyoto, 1928.

---

Em algumas das obras citadas se encontrará uma bibliografia estrangeira mais desenvolvida sobre este importante capítulo das variações arteriais.

---

(Desenhos dos drs. Alberto de Sousa e Luis de Pina).

## ETNOGRAFIA DOS LUSÍADAS

POR

LUÍS LOBO

---

Há assuntos que parecem velhos e são, contudo, sempre novos.

Tal é o do movimento artístico, literário e científico dos decantados séculos XV e XVII, movimento esse a que impròpriamente se deu o nome de Renascença, mercê da ilusão de que os humanistas repetiram as lições do passado helénico-romano, quando, na verdade, formas novas despontaram na arte e na literatura, quando novas doutrinas vieram sistematizar a filosofia.

Tôda a curiosidade intelectual da Renascença com os seus sonhos de glória e de progresso indefinido, com o seu entusiasmo pela beleza e pela ciência, desabrochou numa pleiade de espíritos de tal modo privilegiados pela natureza, que difícil é encontrar-se na história da humanidade outra época de maior brilho e de tamanho esplendor, que ofuscadas ficaram as de Péricles e de Augusto.

Os sábios e artistas da Renascença, pôsto que se inspirassem na antiguidade clássica, manifestaram individualmente uma tal variedade de conhecimentos e de aptidões que só a verdadeiros Proteus se podem comparar.

Conseqüência do humanismo, provocado na Europa ocidental pelos sábios gregos emigrados de Bizâncio, a Renascença encontrou na Itália o meio mais propício e mais fecundo para se desenvolver e para de lá se expandir.

É que ali pulsava sempre a tradição do mundo latino de que falavam os monumentos, ou pelo menos, as suas ruínas.

É que ali dominava a Roma papal, enérgica e avisada, impondo-se à cristandade, já na consagração do império de Carlos Magno, já na salvação do Catolicismo abalado pelo rude embate da Reforma.

Foi sem dúvida o Papado o mais inteligente impulsor da Renascença com a protecção desvelada aos sábios e aos artistas, que, no seu afan idealista, despertaram nas multidões todos os encantos da beleza, tôdas as blandícias da devoção e do êxtase.

\*

\* \*

Não deixaram de se reflectir em tôda a Europa os efeitos da civilização que da península dos Apeninos irradiava. Mas, em Portugal, é justo dizer-se, êsses efeitos fizeram-se sentir mais intensa e mais brilhantemente do que noutros países por o nosso estar talvez melhor preparado do que qualquer outro, fora de Itália, para mais facilmente se interpor na nova corrente civilizadora.

Concorria para isso o alargamento do horizonte da nossa inteligência, à qual se ofereciam os maravilhosos aspectos das terras e dos mares, que as caravelas lusitanas, sob o gesto pertinaz do Infante D. Henrique, iam descortinando.

Desta sorte, Portugal, cujos descobrimentos tinham atraído as vistas do mundo culto, entrara no movimento da Renascença como um factor importante e de tão subido valor que nas universidades de Paris, de Salamanca, de Bordeus, de Tolosa, de Montpellier, de Grenoble, de Alcalá, de Valladolid, de Gandia, de Roma, de Bolonha, de Palermo, de Nápoles, de Lovaina, de Ferrara, numa palavra, nos institutos mais proclamados da Itália,

da França e da Espanha, o ensino científico e literário era ministrado por sábios portugueses.

D. Afonso V, como seu pai e como seus tios, preza, não só as sciências e as letras, honrando os que as cultivam, mas ainda as artes, e isso com uma constância e uma consciência com que até então nenhum outro rei português fizera.

D. João II, com o seu pensamento humanista e imperial, estende igualmente a sua boa sombra aos escritores e aos artistas. Relacionado com Lourenço de Médicis o Magnífico, o Príncipe Perfeito dá vigoroso impulso às fontes eruditas convidando sábios italianos para virem escrever-lhe as histórias dêstes reinos.

A tipografia, esta feliz invenção, poderoso instrumento da difusão do saber, teve entre nós rápido acolhimento, pois Leiria jactava-se de ser a quarta cidade europeia, depois de Mogúncia, Bamberg e Subiaco, onde o invento de Gutemberg entrou em scena.

Depois, grande foi a protecção que o Rei Venturoso lhe deu na pessoa do alemão João Cromberger, inteligente impressor de livros, a quem foram concedidos privilégios e graças por um alvará, documento de muitíssima valia, historicamente considerado.

\*

\* \*

A exuberância de erudição, que a Renascença, com o auxílio da imprensa provocou, foi até exercer notável influência nas princezas e damas da côrte, que chegaram a compor a celebrada Academia Feminina, na qual se distinguiram Hortênsia de Castro, a Infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel, e D. Leonor, filha do Marquês de Vila Real.

E, além destas, não devem ser esquecidas Joana Vaz, dama

da rainha D. Catarina, Paula Vicente, filha do preclaríssimo Gil Vicente, e D. Maria, princeza de Parma.

O Paço da Ribeira encheu-se da fina flor da elegância, da riqueza, da arte, da poesia e do talento; tudo quanto se distinguia por merecimentos e dotes de alma, coração e inteligência, fôrça e formosura, alegria e juventude, entrara nos sarãos da Côrte, nesses ócios encantadores em que o espírito esfusiava e o sorriso entontecedor das princezas e das fidalgas embriagava nobres e poetas.

E, dessa côrte saíram os reformadores das Ordenações afon-sinas: Rui Boto, Rui da Grã e João Cotrim.

E dessa côrte saíram também o reformador dos velhos forais portugueses — Fernão de Paiva — e o cronista-mor do reino — Damião de Gois.

E dessa côrte levantaram vôo para a África, Ásia e América todos os grandes guerreiros e navegadores.

E a essa côrte afluíram as especiarias, o oiro, os diamantes, os tributos de vassalagem de povos remotos e de raças tão diversas.

\*

\* \*

As individualidades substituem sempre as colectividades por uma espécie de concentração reflexa das impressões, das ideas e dos sentimentos, que constituem o feitio psicológico dos povos num dado momento.

É que a espontaneidade da natureza viva, no dizer de Claude Bernard, não é senão uma falsa aparência, e, portanto, as manifestações do pensamento, da arte e da literatura não nascem de per si, não surgem por um acto de vontade própria, mas sim por efeito dessa longa série de coeficientes extrínsecos, tais como o

clima, as mil relações e atritos que têm lugar no grupo social ou na família em conflito com o grau de energia psíquica do individuo.

O meio, no céu, ora azul ou nublado; no ar, ora perfumado e alegre, ora húmido e tristonho; na paisagem, já encantadora com as suas colinas e seus ribeiros, já carrancuda e sombria com as suas montanhas abruptas e escalvadas ou as suas planícies áridas e desertas; no mar, com o espelho das suas águas e a espuma das suas ondas; nos costumes, nas leis e nas crenças com o seu pitoresco, a sua justiça e a sua fé; nas acções dos homens com o seu feitio etológico, isto é, o seu carácter, umas vezes nobre e alevantado, outras mesquinho e perverso; na tradição, emfim, que paira sôbre tudo isso como um véu de misticismo e de sonho; o meio é, pois, o crisol donde saem tôdas as inspirações.

Por isso é que cada poeta tem o seu elemento.

Homero, que bordejara por entre as numerosas ilhas gregas, é o poeta do mar.

Virgílio e Teócrito são os poetas da terra habitada, agricola ou pastoril.

Dante é o poeta das noites e das sombras, das aparições que erram na obscuridade e dos sonhos que assaltam a imaginação enquanto as trevas nocturnas pesam sôbre a terra.

Milton é o poeta do ar; nêle penetra com o seu pensamento de cego como a ave que não se arreceia de quebrar as asas nas barreiras do éter.

Camões, o grande cantor lusitano, é o poeta dos descobrimentos e da audácia do homem para terminar a conquista do globo terrestre.

Todavia, Camões excede-os a todos, não só pela feição múltipla do seu talento, característico de muitos génios da Renascença, como também pela universalidade de noções e conhecimentos de que é riquíssimo o seu poema.

Luís de Camões, com a sua educação humanista, actor e espectador do grandioso drama de que a misteriosa Índia foi para nós teatro, possuidor de vasto saber adquirido nas suas viagens à África e ao Extremo Oriente, Luís de Camões não podia deixar de se mostrar um génio múltiplo à semelhança dos Vinci, dos Miguel Ângelo, dos Galileu, dos Descartes e de tantos outros, em quem *poder não teve a morte*. Foi poeta lírico, autor dramático, poeta épico e se teve a *mente às musas dada*, teve também o *braço às armas feito*.

No seu poema — os Lusíadas — em que tão bem se alia a arte com a ciência, em que há uma penetração íntima de realismo e de idealismo, a verdade transparece sempre envolta, segundo a frase de Eça, no véu diáfano da fantasia.

Vasta enciclopédia do saber no século XVI, o poema camoneano tem sido abundoso manancial donde se têm tirado monografias bastantes para constituírem uma biblioteca de análise lusidiaca.

A essas, se a *tanto me ajudar o engenho e arte*, mais uma pretendemos acrescentar — qual é a da etnografia dos Lusíadas.

\*  
\* \*

Nos cantos I, II, IV, V e VII insinua o poeta factos de carácter etnográfico de muito interêsse, nos quais, além de fina observação, se revela como que uma presciência da antropologia, ciência constituída ainda não há um século.

Ora, de tódas as sciências concretas, susceptíveis de apaixonarem o explorador, ou até o simples excursionista, a etnografia ou estudo descritivo dos povos sob os pontos de vista biológico e social, é provávelmente a que, para qualquer observador das coisas exóticas, deve ter a primazia sôbre tódas as outras sciências, à excepção, bem entendido, da história e da geografia.

Hamy qualifica a etnografia de estudo de tódas as manifestações materiais da actividade humana.

A etnografia occupa-se do estudo de costumes, hábitos, caracteres morais e lingüísticos. Ela estuda a alimentação, a casa, o vestuário, as jóias, os adôrnos, os instrumentos de lavoura, as armas de caça e de guerra, os aparelhos de pesca, as culturas, as indústrias, os meios de transporte, os artigos de comércio, as moedas, as lendas, as tradições, as festas e cerimónias religiosas, as artes de tóda a espécie, em suma, tudo o que diz respeito à existência material e psíquica dos indivíduos, das famílias e das sociedades.

Assim apresentada, a etnografia aparece como um ramo da antropologia, que engloba tódas as manifestações da inteligência humana.

Considerando o poema de Camões como o mais curioso diário de viagem desde o Tejo a Calicut, seguindo o contôrno do Continente Negro até se chegar à Índia dos rajás, dos brâmanes e dos faquires, é natural que o poeta nos depare povos em graus diferentes de civilização.

\*  
\* \*

Para início, na estância LXV do canto IV, referindo-se Camões a Afonso de Paiva e Pero da Covilhã, mandados pela impaciência de D. João II como exploradores dum novo caminho para a Índia, já aqui se aponta a influência climatérica a subordinar os meios biológico e social.

«Viram gentes incógnitas e estranhas  
da Índia, da Carmânia e Gedrosia,  
vendo vários costumes, várias manhas  
que cada região produz e cria».

Na realidade, são os factores climatéricos, especificados na



temperatura, nos ventos, na altitude, na maior ou menor proximidades do mar e na latitude, os que determinam o género de vida, as ocupações ordinárias, a alimentação, coisas duma grandíssima influência nos usos e costumes. Augusto Comte chegou a reconhecê-la incontestável sôbre os fenómenos políticos. Por isso, não erramos considerando a história e a etnografia como funções da geografia e da metereologia.

Os portugueses, como anteriormente gregos, fenícios e cartagineses, foram grandes navegadores em consequência da situação geográfica dos respectivos países.

A preguiça não é o vício que domina num solo ingrato e sob um céu rude, como os da Dinamarca e da Holanda. Onde a vida é fácil, em que a terra dá com profusão os seus frutos não exigindo cultura, são raras as virtudes fortes, que exigem uma grande e contínua tensão.

Duma justeza flagrante são, pois, os versos:

«Vendo vários costumes, várias manhas  
que cada região produz e cria».

Na estância VII do canto V duas perífrases nos ensinam que a frota de Vasco da Gama tinha passado o trópico de Câncer e que as gentes ora encontradas eram de raças negras.

«Passamos o limite onde chega  
o sol, que passa o Norte os carros guia,  
onde jazem povos a quem nega  
o filho de Clymene a côr do dia;  
aqui gentes estranhas lava e rega  
o negro Sanagá a corrente fria».

Transpostos depois o Equador e o trópico de Capricórnio, chegam os portugueses à Baía de Santa Helena, e aí

«desembarcaram logo na espaçosa  
parte, por onde a gente se espalhou,  
de ver cousas estranhas deseja  
da terra que outro povo não pisou».

De 8 a 16 de Novembro de 1497 ali estiveram os nossos navegantes que muito se esforçaram por se entenderem com os indígenas, *todos nus e da côr da escura treva, gente bestial, bruta e malvada*. No *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* os indígenas da baía de Santa Helena são descritos como «homens baços», que falavam «aos soluços», se cobriam de peles de animais, se alimentavam de carne de animais, de raízes e de mel colhido nos cortiços. Os *Lusíadas* referem-se a êste último facto, mas indevidamente (*aliquando dormitat...*) dão como preto o indígena:

«Vejo um estranho vir de pele preta,  
Que tomaram pela fôrça, enquanto apanha  
De mel os doces favos na montanha.

Torvado vem na vista, como aquele  
Que não se vira nunca em tal extremo;  
Nem êle entende a nós, nem nós a êle,  
Selvagem mais que o bruto Polifemo.»

Regista-se o primeiro contacto de Europeus com os Bochimanes-Hotentotes, reconhecíveis pela côr diferente da dos negros Bântus, pela fala «aos soluços», diferente da dêstes que os Portugueses tinham já ouvido, pela própria timidez, pela alimentação de raízes, pelo estado de selvajaria, etc.

Dobrado o Cabo Tormentório, três dias depois arribaram as lusas naus à Angra de S. Braz, já na costa oriental da África.

«A gente que esta terra possuía,  
pôsto que todos etíopes eram,  
mais humana no trato parecia  
que os outros que tão mal nos receberam.  
Com bailes e com festas de alegria  
pela praia arenosa a nós vieram,  
as mulheres consigo e o manso gado,  
que apacentavam, gordo e bem criado».

As mulheres queimadas vêm em cima  
dos vagarosos bois, ali sentadas,  
animais que êles têm em mais estima  
que todo o outro gado das manadas.

Cantigas pastoris, ou prosa ou rima,  
na sua língua cantam, concertadas  
co doce som das rústicas avenas,  
imitando de titico as camenas ».

O poeta acentua o contraste entre os aborígenes de Santa Helena e os da Angra de S. Braz: de facto, aqueles eram bochimanes, numa fase ainda primitiva, de todo selvagem; os segundos cafres, já num grau mais elevado de condição social.

A 10 de Janeiro de 1498 chegaram os portugueses à Aguada da Boa Gente, onde só *refresco* ali tomaram e nenhuma informação da Índia obtiveram por não compreenderem a linguagem dos naturais, *povo quasi mudo*, conforme o diz Camões na estância LXIX do canto V.

Penetrando pouco tempo depois

Num rio que ali sai ao mar aberto,  
bateis à vela entravam e saíam.  
Alegria mui grande foi por certo  
acharmos já pessoas que sabiam  
navegar, porque entre elas esperamos  
de achar novas algúas, como achamos ».

Era êste rio um dos braços do Zambeze, denominado pela nossa gente de Rio dos Bons Sinais por aí haver colhido alguns dados ainda vagos dessa tão almejada Índia.

Como se demorassem nesta arribada trinta e dois dias para se limparem as naus, que *dos caminhos longos do mar vêm sórdidas e imundas* e ainda para se dar sepultura aos companheiros arrebatados pela *doença crua e fria* — o escorbuto —, vem a propósito na estância LXXVI do canto V esboçar o poeta a fâcies etnográfica do gentio desta paragem.

« Etipos são todos, mas parece  
que com gente melhor comunicavam;  
palavra algú arábica se conhece  
entre a linguagem sua que falavam;

e com pano delgado, que se tece  
de algodão, as cabeças apertavam;  
com outro que de tinta azul se tinge  
cada um as vergonhosas partes cinge ».

Largando da Aguada dos Bons Sinais, entrou a lusa frota de singrar entre a costa etiópica e a famosa Ilha de S. Lourenço, denominada agora Madagascar, e ao pôr do sol do dia 7 de Abril de 1498 *na dura Moçambique emfim surgia*.

Ao verem aparecer uns *pequenos bateis cortando o longo mar com larga vela*, os nossos, cheios de ansiedade, perguntavam: *Que gente será esta? Que costumes, que leis, que rei teriam?*

Encontra-se a resposta a tais perguntas nas estâncias XLVI e XLVII do canto I.

« As embarcações eram na maneira  
mui velozes, estreitas e compridas;  
as velas, com que vem, eram de esteira  
de hūas fôlhas de palma bem tecidas;  
a gente da côr era verdadeira  
que Phaeton nas terras acendidas  
ao mundo deu, de ousado e não prudente  
— o Pado o sabe, e Lampetusa o sente — ».

Os quatro versos finais da estância formam uma perífrase com que o poeta quiere significar serem negros estes embarcações.

« De panos de algodão vinham vestidos,  
de várias côres, brancos e listrados;  
uns trazem derredor de si cingidos,  
outros em modo airoso sobraçados;  
das cintas para cima vêm despídos;  
por armas têm adagas e terçados,  
com toucas na cabeça, e navegando  
anaís sonorosos vão tocando ».

« Mal as naus portuguesas ancoraram,  
logo a gente estranha pelas cordas já subia;  
mostrava-se alegre e curiosa  
perguntando *pela arábica lingua: donde vinham?*  
*quem eram? de que terra? que buscavam?*  
*ou que partes do mar corrido tinham?* »

Satisfiez-lhes Vasco da Gama a curiosidade, dizendo-lhes:

« Os portugueses somos do Ocidente;  
imos buscando as terras do Oriente ».

Por seu turno lhes perguntou:

« Quem sois? que terra é esta que habitais?  
Ou se tendes da Índia alguns sinais? »

« Somos (um dos das ilhas lhe tornou)  
estrangeiros na terra, lei e nação;  
que os próprios são aqueles que criou  
a natureza, sem lei e sem razão.  
Nós temos a lei certa que ensinou  
o claro descendente de Abraão ».

« Esta ilha pequena que habitamos  
é em tôda esta terra certa escala  
de todos os que as ondas navegamos  
de Quiloa, de Mombaça e de Sofala:  
e por ser necessária, procuramos  
como próprios da terra de habitá-la;  
e porque tudo emfim vos notifique  
chama-se a pequena ilha Moçambique ».

Da leitura destes versos concluem-se os indícios etnológicos e etnográficos seguintes: os moçambicanos falavam árabe, não eram aborígenes da ilha de Moçambique e seguiam a religião de Maomet.

A vista de tais atributos fácil é de explicar os motivos determinantes da perfídia deste povo e da traição do de Mombaça para destruírem a armada portuguesa.

Bastava apenas o belamente expresso na estância LXV do canto I como proferido por Vasco da Gama:

« A lei tenho daquele a cujo império  
obedece o visível e invisível,  
aquele que criou todo o hemisfério,  
tudo o que sente, e todo o insensível;

que padeceu desonra e vitupério,  
sofrendo morte injusta e insofribil,  
e que do céu à terra emfim desceu,  
por subir os mortais da terra ao céu ».

\*  
\* \* \*

A 15 de Abril, domingo de Páscoa do ano de 1498, *chegava a frota àquela parte onde o reino Melinde já se via.*

« Enche-se tôda a praia melindana  
da gente, que vem ver a leda armada,  
gente mais verdadeira e mais humana  
que tôda a de outra parte já deixada ».

Nove meses são já passados depois que a frota lusitana largara do formoso Tejo. Durante tão longo percurso, em que os nossos audazes marinheiros tiveram de arrostar com incidentes de tôda a espécie, uns de origem metereológica, outros provocados pela maldade humana, não faltando também os da *pálida doença e triste morte*, só aqui, pela vez primeira, é que os novos Argonautas acharam repouso e doce conforto e recebidos são como amigos.

Pitoresco é o quadro que o poeta delineou nas estâncias XCIII a XCVIII, quando o rei melindano vai visitar a frota portuguesa.

Ei-lo:

« Viam-se em derredor ferver as praias  
da gente, que a ver só concorre leda;  
luzem de fina púrpura as cabaias,  
lustram os panos de tecida sêda.  
Em lugar de guerreiras azagaias  
e do arco que os cornos arremeda  
da Lua, trazem ramos de palmeira  
dos que vencem, coroa verdadeira ».

« Um batel grande e largo, que toldado  
vinha de sêdas de diversas côres  
traz o rei de Melinde, acompanhado  
de nobres de seu reino e de senhores.

Vem de ricos vestidos anornado,  
segundo seus costumes e primores:  
Na cabeça hũa fota guarneçada  
de ouro, e de sêda e de algodão tecida.»

«Cabaia de damasco rico e dino,  
da tyria côr, entre elles estimada;  
um colar ao pescoço, de ouro fino,  
onde a materia da obra é superada;  
cum resplendor reluze adamantino;  
na cinta a rica adaga bem lavrada;  
nas alparcas dos pés, em fim de tudo,  
cobrem ouro e aljofar ao veludo.»

«Com um redondo emparo alto de seda,  
nũa alta e dourada ástea enxerido,  
um ministro á solar quentura veda  
que não ofenda e queime o rei subido.  
Música traz na proa, estranha e leda,  
de áspero som, horrisono ao ouvido,  
de trombetas arcadas em redondo,  
que sem concerto fazem rudo estrondo.»

«Não menos guarneçado o Lusitano,  
nos seus bateis da frota se partia  
a receber no mar o Melindano  
com lustrosa e honrada companhia.  
Vestido o Gama vem ao modo hispano,  
mas francesa era a roupa que vestia,  
de setim da adriatica Veneza,  
carmesi, côr que a gente tanto preza;

«De botões de ouro as mangas vem tomadas,  
onde o sol reluzindo a vista cega,  
as calças soldadescas recamadas  
do metal, que fortuna a tantos nega,  
e com pontas do mesmo delicadas  
os golpes do gibão ajunta e achega;  
ao italico modo a aurea espada,  
pruma na gorra um pouco declinada.»

Nesta tão minuciosa descrição de nada se esqueceu o poeta:  
do vestuário é o feitio, é a côr, é o tecido, são os enfeites, são

as joias; das embarcações é o formato e as toldas preservativas  
do sol tropical; da cerimónia tôda é o ar alegre da gente que  
assiste das praias ao extraordinário espectáculo, são as sonoro-  
sas trombetas do concerto com as horrisonas bombardas a cele-  
brarem um dia de grande gala naquelas paragens do Índico.

\*

\* \*

É de notar a gradação que o poeta vai marcando nos tipos  
etnológicos dos Africanos desde a Baía de Santa Helena até Me-  
linda. Primeiro que tudo, embora supondo errôneamente negros  
os bochimanés-hotentotes, não deixa de assinalar diferentes graus  
de civilização, que parece progredir vindo da costa sud-occidental  
para a levantina.

Assim, quanto à indumentária os aborígenes a princípio en-  
contrados andavam todos nus; os do Rio dos Bons Sinais já tra-  
zem tanga e na cabeça delgado pano de algodão; os de Moçam-  
bique, esses usavam panos daquele tecido, mas brancos e listrados,  
andando despidos das cintas para cima e cobrindo-lhes a carapi-  
nha um turbante.

Porém, nos Melindanos a vestidura já não era tão rudimen-  
tar, tão singela. Estes vestiam *cabaia*s de purpúrea sêda, isto é,  
túnicas que desciam até o joelho e abriam ao lado; traziam na  
cabeça fotas de sêda e algodão, de várias côres.

Pelo que respeita às armas de guerra, marcou Camões fases  
análogas nesses diferentes povos: emquanto que os da Costa  
Atlântica atacavam Fernão Veloso a setas e pedradas, os de Mo-  
çambique, além do arco encurvado e seta ervada, munidos anda-  
vam de adaga e de azagaia.

Camões não faz menção alguma de qualquer espécie de em-  
barcação antes da chegada dos Portugueses ao Rio dos Bons

Sinais, onde grande surprêsa foi a deles quando acharam já pessoas que soubessem navegar.

Depois é que aparecem tipos diferentes de barcos, tais como os pangaios e as almadias, aqueles feitos de tábuas unidas por cordas e as segundas cavadas num tronco de árvore, tendo o comprimento de 27 metros por 3 de largura.

Para completar êste esbôço de etnografia comparada, cabe tratar da língua, isto é, do modo como Vasco da Gama e seus companheiros se entendiam com os indígenas.

Quanto aos bochimanês da Baía de Santa Helena, diz Camões na estância XXVIII do canto V:

«Nem êle entende a nós nem nós a êle.»

Só por mímica é que esta gente *bestial, bruta e malvada*, mostrou querer um barrete vermelho e alguns *soantes cascaveis pequenos*.

Na Angra de S. Brás, onde a lusa armada lançou ferro a 25 de Novembro de 1497 e onde se demorou até 7 de Dezembro, a-pesar dos naturais serem de mais humano trato, a-pesar-de as suas mulheres entoarem cantigas pastorís acompanhadas pelos sons de flautas rudes, nunca os nossos valentes marinheiros palavra alguma inteligível alcançaram dêstes negros que desse qualquer sinal do caminho para a Índia procurada.

O mesmo aconteceu na Aguada da Boa Gente, em que o povo *quási mudo* se mostrára.

No Rio dos Bons Sinais, onde um *padrão nesta terra alevantamos*, grande foi a alegria dos nossos por encontrarem quem os informasse, como se infere da estância LXXVII do canto V:

«Pela arábica lingoa, que mal falam,  
e que Fernão Martins mui bem entende,  
dizem, que por náos que em grandeza igualam  
as nossas, o seu mar se corta e fende;

mas que lá donde sai o sol se abalam  
para onde a costa ao sul se alarga e estende  
e do sul para o sol, terra onde havia  
gente assim como nós, da côr do dia.»

Os árabes, que na sua expansão proselitica e comercial se tinham estabelecido em tôdas as costas do Oceano Índico, impuzeram a sua religião e a sua língua.

Daqui resultou Camões considerar como têrmos sinónimos mouro e musulmano, e ter sido a língua arábica corrente em tôda a costa a partir do Rio dos Bons Sinais.

A 24 de Abril de 1498, a frota portuguesa *as velas dando*, para a terra da Aurora se partia, e a 20 de Maio da

«Celsa gávea os marinheiros  
enxergáram terra alta pela proa.»  
«Dizendo — alegre o piloto melindano:  
terra é de Calecu, se não me engano.»  
«Esta é por certo a terra que buscais  
da verdadeira Índia, que aparece;  
e se do mundo mais não desejais  
vosso trabalho longo aqui fenece.»

\*  
\* \*  
\*

Emfim, chegados são à Índia os Portugueses, à Índia, a êsse imenso reservatório da humanidade, à Índia, livro aberto onde cada qual pode encontrar os têmas de sua predilecção.

Assim, ao filósofo descobre a península indostânica um campo ilimitado de horizontes novos, de pensamentos, de conceitos, onde se podem respigar mil ensinamentos de ética ou de metafísica pura.

Ao etnógrafo, a Índia aparece porventura como um berço da humanidade, donde teriam acaso derivado quási tôdas as raças europeias e asiáticas, e cuja história, a religião, os costumes se perdem lá muito longe na infinidade dos tempos.

O médico aí se documentará no que respeita às taras supre-

mas do nosso pobre invólucro cárnal em volta das quais como que pairam a sugestão, a fascinação, a interposição de imagens, as curas por contacto ou por telepatia.

O teósofo e o espírita aí estudarão no vivo os mais extraordinários fenómenos de hipnose.

O artista pasmará diante do vigor dos altos e baixos relêvos, como à vista da delicadeza das estampas e da minúcia das velhas miniaturas; e não menos assombrado ficará ao contemplar o arco-boião gigantesco das architecturas.

Luís de Camões, não só pelo que da terra indiana mágica, maravilhosa e enigmática, lhe ensinaram as *Décadas* de João de Barros, mas também pelo que dela aprendeu *de visu*, tinha naturalmente de, no seu poema, dar maior relêvo à descrição desta parte do continente asiático, como efectivamente deu.

Em seis estâncias apenas, e isso com uma exactidão admirável, Camões descreve geográfica e etnograficamente o Indostão, indicando-lhe a forma, os rios e montanhas principais, bem como os seus habitantes com as suas religiões e suas lendas.

Eis como a tal propósito se exprime o poeta:

« Alem do Indo jaz e aquem do Gange  
um terreno mui grande e assaz famoso,  
que pela parte austral o mar abrange  
e para o norte o Emodio cavernoso  
jugo de reis diversos o constringe  
a varias leis; alguns o vicioso  
Mafoa, alguns os idolos adoram,  
alguns os animais que entre elles moram.»

« Entre um e o outro rio, em grande espaço  
saí da larga terra hũa longa ponta,  
quasi pyramidal, que no regaço  
do mar com Ceylão insula confronta;  
e junto donde nasce o largo braço  
gangetico, o rumor antigo conta  
que os visinhos, da terra moradores,  
do cheiro se mantem das finas flores.»

« Mas agora de nomes e de usança  
novos e varios são os habitantes:  
os Deliis, os Pátanas, que em possança  
de terra e gente são mais abundantes,  
Decaniis, Oriás, que a esperança  
tem de sua salvação nas resonantes  
agoas do Gange, e a terra de Bengala,  
fertil de sorte, que outra não iguala.»

Sintetisa o épico, como era óbvio, as várias seitas religiosas espalhadas na Índia, de que são inumeráveis as referentes ao *induismo*, cujo culto consiste numa veneração demasiadas vezes desordenada de fetiches e de ídolos, acompanhada de toques de sinos, de iluminações, de juncadas de flores; depois a música ulula ou suspira; as bailarinas dansam, as cabeças desvairam e o horrível quadro dos suplícios do inferno induista não consegue inspirar aos fiéis o respeito da moralidade.

Tôdas as superstições tem pululado e pululam na Índia. O animismo manifesta-se pelo culto dos antepassados, dos corpos celestes, das montanhas, dos rios, especialmente do Ganges, em cujas águas infectas vão banhar-se em massa os fanáticos Indianos.

O culto animista estende-se ainda às árvores, às conchas, às pedras, etc.

O totemismo também deixou vestígios não só em certas interdições alimentares, tal como a da vaca, mas ainda no culto muito espalhado duma multidão de deuses sob forma animal, nos mitos da criação e do dilúvio.

Quanto a lendas da Índia não tem conta; tantas e tantas são elas que Gaspar Corrêa deixou sobre isso uma obra composta de quatro volumes.

Camões cita apenas uma de muito sabor poético — qual a de certo povo das margens do Ganges se sustentar com o cheiro de finas flores.

Porém, curiosas e confusas são as que dizem respeito à origem do mundo e dos homens, sendo umas de transcendente misticismo a par de outras pueris e extravagantes.

Dentre elas citaremos: a que faz sair as coisas da Unidade primitiva dividida pelo poder do Desejo; e estoutra em que um gigante teria sido sacrificado pelos deuses e, dos seus membros, teriam procedido todos os seres; e ainda aquela na qual a alma primitiva do mundo se teria desdobrado num homem e numa mulher, depois num touro e numa vaca, em seguida num garranhão e numa égua, e assim sucessivamente, produzindo-se todos os seres até às formigas; e, por fim, a de tôdas a mais interessante: a natureza tôda teria saído dum ôvo de ouro, que produziu o primeiro homem, o qual com a palavra criou os deuses.

\*  
\* \*

Quis a fortuna que os Portugueses encontrassem em Calecut um mouro tunisino, de nome Monçaide e falando a *lingua hispana*, o qual de *cicerone* lhes serviu, mostrando-se tão bom amigo que até regressou com os nossos a Portugal, onde se converteu ao cristianismo.

Em dez estâncias, da XXXI à XLI do canto VII, faz Camões falar Monçaide, que desta arte fica Vasco da Gama sabendo a história e costumes dos Malabares.

«Sabei que estais na Índia, onde se estende  
diverso povo, rico e prosperado  
de ouro luzente e fina pedraria,  
cheiro suave, ardente especiaria.»

É uma sinopse tal bosquejo.

«Esta provincia cujo porto agora  
tomado tendes, Malabar se chama,  
do culto antigo os idolos adora,  
que cá por estas partes se derrama;

de diversos reis é, mas de hum só fôra  
noutro tempo segundo a antiga fama:  
Saramá Perimal foi derradeiro  
rei que este reino teve unido e inteiro.»

«Porém como a esta terra então viessem  
de lá do seio Arábico outras gentes  
que o culto Mahometico trouxessem,  
no qual me instituiram meus parentes,  
succedeu que prégando convertessem  
o Perimal; de sábios e eloquentes  
fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto  
que presupôs de nela morrer santo.»

Resumindo as estâncias XXXIV, XXXV e XXXVI narra Monçaide que o Perimal fôra de vez para Meca e que, antes de partir, pelos parentes partilhara o seu reino poderoso, distribuiu pelos pobres as riquezas, e a um mancebo, que muito estimava, deixára Calecut, *cidade já por trato nobre e rica*, e De Samorim se ficou intitulado o novo soberano.

Continuando, diz o Monçaide:

«A lei da gente toda, rica e pobre,  
de fábulas composta se imagina;  
andam nós, e sómente hum pano cobre  
as partes que a cobrir natura ensina.  
Dous modos ha de gente, porque a nobre  
Naires chamados são; e a menos dina  
Poleás tem por nome, a quem obriga  
a lei não misturar a casta antiga.»

«Porque os que usaram sempre hum mesmo officio,  
de outro não podem receber consorte,  
nem os filhos terão outro exercício  
senão o de seus passados, até morte.  
Pera os Naires é certo grande vício  
dêstes serem tocados, de tal sorte  
que quando algum se toca por ventura,  
com cerimónias mil se alimpa e apura.»

«Desta sorte o judaico povo antigo  
não tocava na gente de Samária;  
mais estranhezas inda das que digo  
nesta terra vereis de usança vária:

os Naires sós são dados ao perigo das armas; sós defendem da contrária banda o seu rei, trazendo sempre usada na esquerda a adarga e na direita a espada».

«Brâmenes são os seus religiosos, nome antigo e de grande preeminência; observam os preceitos tão famosos de hum que primeiro pôs nome à sciência: Não matam cousa viva, temerosos das carnes têm grandíssima abstinência; sòmente no venéreo ajuntamento tem mais licença e menos regimento».

« Gerais são as mulheres, mas sòmente para os da geração de seus maridos: ditosa condição, ditosa gente que não são de ciúmes ofendidos! Estes e outros costumes variamente são pelos Malabares admitidos. A terra é grossa em trato em tudo aquilo que as ondas podem dar da China ao Nilo».

Assim falava Monçaide, instruindo minuciosamente os portugueses acêrca dos usos e costumes malabares, dum modo geral pouco diferentes dos de outros povos da Índia, onde o regimen das castas é o fôssso insuperável que obsta implacavelmente à passagem duma casta para outra, bem como a tôda a occidentalização.

Êsse regimen, que domina 75 % de população indiana, resiste a tôdas as evangelizações cristãs, quere sejam católicas, quere sejam protestantes.

Os cristãos da Índia andam apenas por uns cinco milhões numa população total de trezentos e tantos milhões, de que 21 % são maometanos.

Os livros sagrados da mais alta antiguidade são concordes em afirmar que tão imprescritível regimen emanou do próprio *Brama*, dêsse deus supremo dos antigos hindús, o qual tirou os

*brâmanes* da cabeça ou da bôca, os *kchatryas* dos braços, os *vaisyas* do ventre e os *sudras* dos pés.

Esta origem anatômica das castas indica-lhes desde já a ordem hierárquica: o *brâmane* superior ao *kchatrya*, êste ao *vaiśya*, que ainda está acima do *sudra*.

Fora desta hierarquia, como escória social, refugio impuro, sinónimo de vergonha e de infâmia, o *pária* é deitado à margem como se fôsse um zero da existência, como se fôsse pestilento vírus, do qual ninguém se deve aproximar.

As denominações de *naire* e de *poliá*, de que se serve o poeta, usadas na parte meridional do Indostão, são equivalentes às de *kchatrya* e de *pária*, de uso corrente no norte.

Mas, como aparece o *pária*? Qual é a sua origem?

O *pária* ou *poliá* resulta sempre duma transgressão à lei de Manú, código teocrático dos brâmanes, espécie de catecismo religioso, moral e cívico, em que tudo se acha regulamentado.

Essa lei proíbe o casamento entre individuos que não sejam da mesma casta.

Essa lei não permite o uso de certos alimentos.

Essa lei não perdoa o esquecimento de certas práticas religiosas.

Essa lei obriga a que cada individuo permaneça tôda a vida no mesmo officio ou mister que os filhos herdarão.

O castigo ao que infringe qualquer destas prescrições é a degradação da casta a que pertencia, é a repulsa por tôdas as castas do réprobo tornado *pária*, cujo contacto é preciso evitar para o contagiado não incorrer em igual castigo.

A condição da mulher hindu é de tôdas as mulheres do mundo a mais deplorável, a mais humilhante, a mais desumana.

A lei de Manú regulamentou-lhe a sorte de forma tal que a infeliz criatura mal respira dentro dum círculo de prescrições draconianas e crueis, muitas das quais, para honra da Inglaterra,



têm desaparecido, como, por exemplo, a do *sati*, costume bárbaro, em consequência do qual tôda a viúva tinha de ser queimada sôbre o túmulo do marido.

Parece que por a mulher hindu ser tão injustamente tratada pelas leis bramânicas, a natalidade feminina é inferior à masculina, porquanto os dois sexos estão na proporção de 903 mulheres para 1.000 homens.

Será em virtude desta desproporção que se pratica nas Índias uma tal ou qual poliandria, ou casamento de grupo, como no caso a que Camões se refere, dizendo: *gerais são as mulheres, mas sômente para a geração dos seus maridos?*

\*

\* \*

Os mouros de Calecut alvoroçados ficaram com o inesperado advento dos portugueses, nos quais nunca tinham pensado e muito longe estavam de prever um tão extraordinário acontecimento.

Os mouros adivinharam logo o perigo que para o seu comércio e seu proselitismo lhes adviria da parte dos portugueses, cuja provável concorrência iria com certeza ferir os interesses comerciais e religiosos da gente maoméica. Por isso procuraram em breve pôr entaves ao estabelecimento de relações entre os nossos e o Samorim, a quem diziam serem os portugueses *gentes inquietas*

« Que os mares discorrendo ocidentais  
vivem só de piráticas rapinas,  
sem rei, sem leis humanas ou divinas ».

Os mouros, à vista de quem de tão longe e tão ousadamente vinha, tiveram o natural receio de perder o tráfico das riquezas do Oriente, consistindo em pérolas de Ceylão, rubis de

Birmânia, diamantes de Punnah, e nas excitantes e perfumadas especiarias — o cravo, a pimenta, a canela e a noz moscada.

Mas, a-pesar-de tôdas as resistências, de todos os obstáculos, de tôdas as dificuldades, os fados determinaram que o Império das Índias sob o domínio português fôsse uma realidade, pôsto que efêmera, na qual se vincularam as energias tôdas duma nação pequena como a nossa, mercê dos *temidos Almeidas por quem sempre o Tejo chora*, mercê do terrível Afonso de Albuquerque, diante do qual *o mar roxo tão famoso se tornava amarelo de enfiado*, mercê dum D. João de Castro, cujos pêlos da barba valiam mais do que ouro.

Foram essas almas enérgicas e duras, quási sempre sem escrúpulos e sem compaixão, vontades autoritárias e fortes, importando-se mais com fazer-se temer do que com fazer-se amar, foram essas almas que deram maior realce às nossas cruzadas ao Oriente, mais admiráveis e mais proficuas, sem dúvida, do que as dirigidas na Idade-Média à Terra Santa, onde o crescente mussulmano ficou dominando a cruz cristã.

E o resultado das cruzadas medievais foi tão pouco brilhante em comparação das nossas que para aquelas não apareceu uma obra de arte ou de literatura que as exaltasse, ao passo que para as dos portugueses nasceu um Luís de Camões que, sublimando-as em *estilo grandiloquo e corrente*, as imortalizou.

Ditosa pátria que se orgulha de ser das poucas cujos feitos foram dignos duma epopeia.

Ditosa pátria que se ufana com ter sido berço dum personagem, que as batalhas assinalaram, cujos amores por Natércia deram causa ao mais formoso soneto da nossa língua, a quem as viagens ao Oriente inspiraram os imortais *Lusiadas*, personagem que enfim se revelou ao mesmo tempo sábio e poeta.

\*

\* \*

Que ensinamento se pode colhêr de tão modesta conferência?  
Que concluir da exposição feita?

Dividido o nosso trabalho em duas partes bem distintas, tem a primeira parte um carácter puramente literário, ao passo que o da segunda é científico.

Pretendemos salientar naquela primeira parte o valor da Renascença em Portugal, em que Camões se distinguiu como um produto natural daquela época de tamanho fulgor intelectual, de tanta emoção artística, de tão ofegosa curiosidade em ressuscitar o passado como em devassar o desconhecido.

Pretendemos na segunda parte demonstrar que o poema camoneano, à vista das monografias verdadeiramente científicas dêle extraídas, é mais uma obra de ciência do que exclusivamente uma obra de literatura.

Da análise desses extractos lusidiacos vê-se que nêles se encontra sempre um critério de rigor e de verdade, critério êsse só próprio de verdadeira ciência.

Assim, descrevendo o poeta os vários fenómenos metereológicos, não o faz ao acaso, em qualquer tempo ou num lugar qualquer de sua fantasia; a flora da Ilha dos Amores, que se crê ser a ilha da Madeira, não é uma enumeração de plantas que não sejam próprias daquele clima insular; os tecidos da indumentária que cita Camões falando dos indígenas da África e da Índia são tão somente de algodão e sêda e não de lã ou linho por serem textéis desconhecidos nessas regiões.

Tal proibidade científica não se encontra, por exemplo, em Vitor Hugo, o génio verbal do século XIX, pois que, com a sua abundante aparência de documentação, não se importou de trocar

a verdade e de cometer êrros, como aqueles de que está cheio o prefácio do Cromwell, como o de tomar uma *barcarola*, canção de barqueiro, por uma embarcação, o de atribuir ao junco chinês uma velocidade que nunca pode ter, e muitos mais, o que não impede ser a sua obra duma factura maravilhosa, mas, na opinião de Zola, música e nada mais.

Os *Lusiadas* estão em desacôrdo com as recomendações da antiga Academia Francesa, segundo as quais o poeta deveria trabalhar, tendo só em mira a beleza universal que deve agradar a tôda a gente.

O nosso épico soube conciliar a arte com a sciência, adornando esta com os atavios daquela, não deturpando a segunda por amor da primeira.

Ora, uma nação, que assim possui um tesouro inexaurível de sciência e de arte, tem forçosamente de reagir contra o presente tôrvo e indeciso, caminhando ativa para um futuro de paz, de verdade e de amor.

11-11-929.

## Um caso invulgar de criminalidade infantil

POR

A. A. MENDES CORRÊA

Director do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto

---

Em meados de 1928 o meretíssimo juiz-presidente da Tutoria Central da Infância do Pôrto, sr. dr. Matias de Azevedo Moura, chamou obsequiosamente a minha atenção para um caso invulgar e monstruoso de delinqüência infantil, que estava aguardando julgamento naquele organismo judicial, onde anteriormente, durante alguns anos, eu desempenhara as funções de juiz-adjunto médico e de médico-antropologista do Refúgio anexo.

Apressei-me a examinar o menor em questão e, embora circunstâncias de momento me não permitissem levar o meu estudo tão longe como desejaria, entendi que o caso não seria porventura mais amplamente esclarecido com a intensificação do meu inquérito, e que as notas por mim obtidas no exame directo do delinqüente, numa leitura do processo e numa colheita de informações realizada junto do próprio pessoal do Refúgio, eram dignas de publicidade, como uma sumária contribuição documental para o estudo dum capítulo importante da criminologia infantil e da psiquiatria da perversidade moral.

O crime consistira no seguinte, em face da reconstituição feita pelas autoridades: O menor acusado, que contava 14 anos de idade à data do crime, Abril de 1927, e servia então, como criado dum moleiro, no lugar de Noval, freguesia de Sandiães, concelho de Ponte do Lima, encontrara no campo uma pequena

de 7 para 8 anos de idade, vizinha do moleiro a cujo serviço estava. A pequena, de nome Rosa, guardava umas cabras e, na proximidade, brincavam outras crianças. Como as cabras se afastassem, o acusado propôs à Rosa que fôsem, os dois, um por um caminho e outro por outro caminho, procurá-las. A Rosita aceitou o alvitre e adiante encontrou-se de novo, então a sós, com o rapaz. Era num valado solitário, encoberto por arvoredos espessos. O criminoso precipitou-se sobre ela, derrubou-a e violou-a. Em seguida, a pequena, levantando-se, afirmou talvez que se queixaria aos pais. Tanto bastou para que o jovem delinvente lhe deitasse as mãos ao pescoço e a estrangulasse. Após isto, limpou com o avental da vítima as matérias fecais que esta expulsara em consequência do estrangulamento, teve novamente relações sexuais com ela, introduziu-lhe violentamente um pau no anus e arrancou-lhe os brinços que ela trazia nas orelhas. Cobriu o cadáver com fôlhas e ramos, afastou-se e foi esconder os brinços numa parede da casa em que habitava.

Dando pela falta da menor, os respectivos pais começaram a procurá-la. O criminoso que tinha conhecimento dessas buscas e da inquietação dos vizinhos, guardava impassivelmente o silêncio. Dias depois, suponho que três dias depois, o cadáver é casualmente encontrado. O crime era patente, as autoridades começam a procurar activamente o criminoso. São presos alguns rapazes do lugar, nenhum deles o verdadeiro criminoso. Faz-se a autópsia da vítima, acusando o relatório pericial os factos seguintes: que a morte datava de 4 dias pouco mais ou menos; que resultara de estrangulamento; e que houvera violação pela vagina e pelo anus. Faz-se o funeral da infeliz Rosita. Às prisões, ao levantamento do cadáver, ao entêrro, a tudo assiste, impassível e mudo, o criminoso. Mas vem a saber-se que este se encontrara com a menor antes do crime, pois, como se disse, algumas crianças brincavam perto do local.

Preso enfim, o delinvente, ao ser ouvido na administração do concelho, nega *durante dias sucessivos* a sua pesada culpa. Por último, confessa o monstruoso feito, mas as suas declarações, em diferentes oportunidades, apresentam variantes e contradições. Não nega, porém, que tivesse estrangulado a pequena, que tivesse tido relações com ela depois de morta, que lhe tivesse introduzido o pau no ânus, que lhe tivesse roubado os brinços. Estes fôrão encontrados no esconderijo revelado pelo menor.

A combinação do estupro com o homicídio é freqüente nos anais criminológicos. Jovens violentos praticam por vezes o duplo delito (1). Mas raro se encontrará a associação de tantos e tamanhos crimes numa criança: violação, assassinato por estrangulamento, violências e relações sexuais com o próprio cadáver, roubo. É de arripiar tal selvajaria!

\*

\* \*

Luís A. R., de alcunha «O Melro», nasceu a 16 de Agosto de 1912, em Falão, concelho de Barcelos. É filho de pai incógnito; a mãe, de constituição fraca, é criada de servir no Porto. A avó materna sofre do coração. Apurei no Refúgio que a mãe fôra ali uma vez saber do filho, mas não mostrara desejo de o ver e dera aos funcionários do estabelecimento impressão de leviandade e de indiferença pelo filho e pela situação d'este.

O menor passou a sua infância quasi tóda em companhia da avó, a qual assumira o encargo da sua sustentação e educação, visto os pais não quererem saber d'ele. Fugiu, porém, segundo diz,

(1) R. Garofalo, *Criminologia* (trad. portuguesa de Júlio de Matos), 2.<sup>a</sup> ed., pág. 488. Lisboa, 1918.

uma vez da casa dela, que, acrescentou, lhe batia muito. Fugiu também da Tutoria, mas voltou espontaneamente.

Acusa, na sua antecedência pessoal, apenas uma doença grave: umas *cambras*, diz, produzidas pela ingestão de muita fruta verde. Recebeu em tempos um traumatismo craniano: um boi feriu-o na frente com um chifre. Conserva a cicatriz.

A avó obteve o seu internamento, alguns anos antes do crime, na Escola-oficina ou Colónia Agrícola de Santo Tirso. Esteve aí catorze meses, mas, tendo cometido um furto de 750\$00, foi por esse motivo expulso. Afirma êle que restituiu aquela importância ao dono, «por se lembrar de que êste era pobre». Mais tarde entrou ao serviço do moleiro de Noval. Êste, chamado a depor após o crime, declarou que o rapaz era diligente e cumpridor. Segundo o próprio menor, muitas vezes êle fôra incumbido de tomar conta dos filhos do moleiro e dos do vizinho, pai da vítima.

Segundo os informes colhidos pelo delegado de vigilância do Refúgio, o «Melro» fugia de casa, era alegre, obediente, pouco falador e possuía aptidões para o trabalho.

Dentro do Refúgio, à parte a fuga já referida, o Luís não praticou, segundo informação do respectivo director, actos que denotassem mau carácter.

No exame somático registei a pele de tom pálido terroso, os cabelos e olhos escuros, o crânio bastante alto e levemente escafocéfalo, aderência do lóbulo da orelha. Ulteriormente, pelo seu retrato, que amavelmente me enviou o sr. dr. João Gonçalves, médico sub-director da Colónia Correccional de Izeda, tive a impressão de que o menor possui um certo desenvolvimento bigoniaco, o qual, aliás, eu não notara no exame directo. Por ocasião dêste, a puberdade revelava-se já nos caracteres sexuais secundários, no timbre da voz, no *buço* que marginava o lábio superior, nos pêlos púbicos, estes um tanto desenvolvidos para a idade (como os órgãos sexuais externos) embora não extraordi-

nariamente. Ao exame externo o menor não acusava entretanto qualquer fácies endocrínica bem marcada.

Em Maio de 1928 o médico-director do Refúgio, sr. dr. Mesquita Paúl, efectuou no menor Luís as seguintes mensurações: Estatura 1<sup>m</sup>,49; pêso 40 k.; grande envergadura 1<sup>m</sup>,48; perímetro torácico axilar, à inspiração 80 cent.; à expiração 75 cent.; capacidade pulmonar 115; circunferência horizontal da cabeça 53 cent.; diâmetro cefálico ântero-posterior máximo 185 mm.; diâmetro transversal máximo 141 mm.; índice cefálico 76,2; pressão dinométrica, na mão direita 22 k., na esquerda 14 k. Pude assim calcular o índice bário (*Index der Körperfülle*) de 1,21 e a relação centesimal de 99,3 entre a braça e a estatura.

O menor é de estatura mais baixa do que, em média, a série portuguesa de 15 a 16 anos de idade, obtida por Alves dos Santos (1), reunindo os números de várias séries (1<sup>m</sup>,605); o seu pêso é também um pouco menor (na série portuguesa referida é de 46,30). Mas o seu índice bário é um pouco superior ao obtido com os números relativos à série em questão (2). A relação da

(1) Alves dos Santos, *O crescimento da criança portuguesa*. Extr. do «Bol. Bibliogr. da Biblioteca da Universidade de Coimbra», vol. VIII, págs. 13 e 14. Coimbra, 1917.

(2) Referindo-se ao índice bário nos delinquentes, Giuffrida-Ruggeri (*L'indice bario in certe sezioni di popolazione e nei due sessi*, «Rivista di Antropologia», XXIII, Roma, 1919, pág. 8 do extr.) diz que «tem por certo pouco que vêr com a delinquência». «O encarceramento é que pode reflectir-se naturalmente no estado físico dos delinquentes». O factor antropológico — acrescenta — é, porém, sempre o mais importante.

Os números obtidos para o índice bário, pela sr.<sup>a</sup> D. Raquel Braga em trabalho realizado no Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, sob a minha direcção (Mendes Corrêa, *Antropologia Aplicada*, «Trabalhos da Soc. Port. de Antr. e Etn.», III, pág. 18 do extr. Porto, 1926), são, para os 13 anos, mais elevados do que os das estatísticas antes referidas. Assim, a média seria de 1,25, pouco superior ao índice bário do caso em estudo. Mas o erro provável dessa média é muito elevado, o que sucederá talvez nas das outras séries, restringindo o valor destes confrontos.

braça com a estatura é, no menor, inferior à que determinei em portugueses adultos, mas aproxima-se da média determinada por D. Laura Passos (1) em crianças de 12 e 13 anos (97,85), excedendo-a.

O perímetro torácico do delinquenté que estamos estudando, é relativamente desenvolvido. O perímetro torácico *mamilar* em alunos do Colégio de Campolide de 15 e 16 anos (2) era, em média, de 79,1, à inspiração, e à expiração 70,3 cent. A amplitude respiratória é que, no caso em estudo, era somente de 5 cent.

A média do índice cefálico obtida por Alves dos Santos em estudantes do Liceu de Coimbra (3) foi de 79, perto de três unidades superior à do nosso observado, o qual se aproxima da média geral portuguesa para adultos. Mas, além das diferenças regionais, há que levar em conta a amplitude das variações individuais deste índice.

O perímetro craniano do Luís é normal. Em alunos marinheiros de 16 e 17 anos (4), isto é, um pouco mais velhos, o perímetro médio era de 55,2 cent., levemente superior, o que deve resultar das diferenças etárias.

Emfim, sob o ponto de vista antropológico, o Luís não differia sensivelmente das crianças normais da sua idade, não apresentando outros estigmas morfológicos além talvez duma leve tendência escafocefala, do desenvolvimento bigoniaco e da aderência do lóbulo auricular, o que é decididamente muito pouco ou nada para nêle se ver um anormal morfológico.

Do lado fisiológico, não me foi dado também encontrar ano-

(1) Mendes Corrêa, *Curso de Antropologia da Universidade do Porto — Trabalhos dos alunos*, pág. 12. Porto, 1922.

(2) Pedro Ferreira, *La gymnastique médicale au Collège de Campolide*, 1910 (cit. por A. dos Santos, op. cit., pág. 48).

(3) A. dos Santos, op. cit., pág. 78.

(4) *Ibid.*, pág. 81.

malias apreciáveis. O exame sumário dos aparelhos digestivo, respiratório e circulatório nada forneceu acusando anormalidade. Os órgãos dos sentidos e a sensibilidade geral parecem normais. Distingue perfeitamente as cores principais, vê e ouve bem. A motricidade e reflexos são normais. A pressão dinamométrica é regular.

A sua affectividade parece muito reduzida ou nula. Não mostra interesse nem pela avó nem pela mãe nem por qualquer outra pessoa.

Na esfera intelectual, não apresenta aparentemente defeitos ou perturbações dignas de registo, mas o seu intellecto não parece exceder a mediana. Raciocina com lógica. Responde claramente às perguntas que lhe são feitas, de molde a demonstrar que as compreende. Efectua alguns cálculos simples, resolvendo facilmente alguns problemas muito singelos que lhe apresento. Fala com relativa correcção.

Ao falar, não baixa os olhos. Interrogado sobre o seu crime, não mostra embaraço algum. Inquirido sobre se sente ou não arrependimento, responde muito serenamente que está arrependido. O meritíssimo juiz-presidente pergunta-lhe se pediria perdão à Rosinha, se ela pudesse aparecer. Diz que sim, mas reconhece que não tem perdão.

A uma pergunta do magistrado «se desejava ou não que a pequena ressuscitasse», responde afirmativamente. — Para que desejavas que ela ressuscitasse? inquiriu o juiz. — Para ver se chego à liberdade, responde o menor!

Sobre o crime, diz que «deitou as mãos ao pescoço» da Rosita e a derrubou, mas que a não violou antes de a matar. Não tinha outra intenção — assegura — senão matá-la. Com que fim, não o diz, mas depois afirma que era para lhe tirar os brincos. Quando ela estava quasi morta, «ainda se lembrou de a deixar». A introdução do pau no ânus, não a explica. Primeiro

diz que procedera assim «para nada», mas depois que era «para acabar de matar» a sua vítima.

Preguntando-se-lhe se tinha tido ou não pena da pobre criança, declarou que *três ou quatro dias depois* «já se lembrava»! Acentuando-se-lhe demoradamente a monstruosa abominação do seu crime, acaba por exteriorizar comoção, contraindo-se-lhe a face e embargando-se-lhe um pouco a voz, não chegando, porém, a verter francamente lágrimas. Os olhos, apenas humedecidos, logo secam e a serenidade restabelece-se.

Mas, insistindo o magistrado na evocação do crime e recordando o espectáculo da vítima no caixão, do funeral, da dor dos pais da Rosita, etc., o Luís tem nova explosão de máguia, logo, porém, acalmada. O pulso perturbou-se um pouco — o que um esfigmograma acusaria também — mas de pronto serenou. O menor corou muito levemente, na fase mais violenta das palavras do magistrado. Preguntando-lhe êste se reza todos os dias pela alma da sua vítima, responde afirmativamente.

Confessa ser violento nas disputas com companheiros, mas só quando provocado.

Interrogado sobre o seu passado sexual, revela que apenas dos 10 para os 11 anos recebera uma iniciação duma rapariga de 17 anos. Nega que tivesse perseguido rapazitos para práticas homossexuais, de que o acusaram.

\*

\* \*

Se, sob o ponto de vista somático, o menor Luís se pode considerar normal, o seu crime, os seus antecedentes e o exame a que procedemos, permitem considerá-lo psiquicamente anormal. Uma certa antecedencia hereditária, um traumatismo craniano antigo, as fugas, o furto na Escola de Santo Tirso, os crimes

praticados contra a Rosita, a sua atitude subsequente, a sua reduzida emotividade, a sua restricta ou nula affectividade, a sua impulsividade, autorizam-nos a estabelecer essa anomalia.

Seria acaso interessante uma pesquisa endocrinológica, se bem que pelo exame externo se não pudesse definir neste individuo, como dissemos, uma fácies endocrínica especial. Certamente a psico-análise revelaria, entretanto, nêle anomalias do instinto genésico, ligadas porcerto com o funcionamento das glândulas de secreção interna e com factos do seu passado infantil.

Trata-se evidentemente dum anormal por *deficit* affectivo e moral. A anestesia moral, o sadismo, a necrofilia e certas manifestações de aspecto epileptóide bastariam a muitos criminologistas e psiquiatras para o proclamar sem restrições um perverso moral, um degenerado psíquico, insusceptível de qualquer correcção. Mas sobre as suas taras psíquicas indiscutíveis teria provavelmente exercido uma acção intensificadora o defeituoso regímen educativo em que viveu.

Áparte talvez o desenvolvimento bigoníaco, atribuído na verdade aos violentos (e aos *digestivos* da escola de Morfologia médica de Lyon), a morfologia externa do Luís está em desacôrdo com o tipo lombrosiano do criminoso nato. Ela não corresponde às suas anomalias psíquicas, aliás marcadas quasi exclusivamente na esfera affectiva e moral.

Laurent (1) cita o caso dum rapaz de 13 anos, Merlay, que foi julgado no Morbihan por ter violado e depois assassinado às pedradas uma pequenita de cinco anos, fugindo em seguida. Perante os juizes, Merlay ficou impassível, respondendo tranquillamente a tudo: «Eu desejava há muito a Maria Margarida» (nome da vítima). Segundo o criminologista francês, era um débil com

(1) Émile Laurent, *Le Criminel*, pág. 207. Paris, 1908.

sexualidade precoce e hipertrofiada. A debilidade mental é frequentemente acompanhada de impetuosidade genital.

O delinquente Luís manifestou uma sexualidade igualmente precoce e hipertrofiada, mas sem verdadeira debilidade intelectual, e com requintes de sadismo que culminam na violação do cadáver e na laceração do ânus dêste com um pau. Acrescem o roubo dos brincos e o furto antigo, a testemunhar a extensão do *deficit* afectivo e moral, que nêle abrange sentimentos de piedade e de probidade, sem relação — repitamo-lo — com um enfraquecimento intelectual.

O professor Basílio Freire <sup>(1)</sup> aludiu ao caso de Menesclou, sádico referido também por Laurent. Menesclou violara uma criança de tenra idade e cortou-a depois aos pedaços, mostrando em versos eróticos, escritos em seguida, o prazer que tudo lhe causara. Mas êsse criminoso não era uma criança, como o Luís.

Também não era uma criança o necrófilo, citado pelo professor Egas Moniz na «Vida Sexual» <sup>(2)</sup>, que, sendo cozeiro em Ponte de Sôr, tivera relações com o cadáver duma mulher inumada no cemitério em que prestava serviço.

Em geral, os atentados ao pudor contra crianças são praticados por velhos, por indivíduos ébrios ou por invertidos <sup>(3)</sup>. O cansaço sexual e a libertinagem sugerem, por vezes, a escolha de estímulos novos. É o caso de velhos, e nestes o senso moral e sobretudo, dum modo geral, o cérebro enfraquecem muitas vezes.

No menor Luís a exaltação genital é evidente, como em geral nos violadores e estupradores jovens <sup>(4)</sup>. Essa exaltação associa-se, porém, com uma monstruosa perversão sádica, que o levou

(1) Cit. em: Egas Moniz, *A vida sexual*, 8.<sup>a</sup> ed., pág. 341. Lisboa.

(2) Pág. 394. Foi referido ao autor pelo dr. José Paulo Cancela.

(3) Laurent, *Op. cit.*, pág. 206.

(4) Mendes Corrêa, *Os criminosos portugueses*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 187. Coimbra,

ao assassinato e às práticas necrofilicas, e com um *deficit* do sentimento de probidade, que o fêz gatuno e ladrão.

Não é segura a informação de que o Luís procuraria rapazitos para praticas homossexuais. Mesmo, sendo exacto o informe, o menor não seria um verdadeiro uranista, mas a sua homossexualidade aparece como uma perversão accidental, um episódio no drama nefando da sua história genital. É certo que a homossexualidade pode ser acompanhada de sadismo e de heterossexualidade mórbida. Refere-se, por exemplo, o caso dum marechal francês, Gille de Laval, que foi condenado à morte por ter violado, torturado e assassinado crianças dos dois sexos <sup>(1)</sup>. Nada autoriza a supor que tivesse sido contra sua vontade que o Luís fôra iniciado precocemente na cópula por uma rapariga de 17 anos, como êle mesmo revelou. Aos 10 ou 11 anos já não teria tal iniciação constituído um dêsses «traumatismos psíquicos» de que fala Freud e que, recalcados no «inconsciente», ficam, no entanto, das idades infantis mais recuadas estabelecendo uma predisposição psicopática no indivíduo. Não haveria, porém, traumatismos psíquicos anteriores àquele facto? É possível.

Não duvido da natureza constitucional das abomináveis perversões e impulsos do menor, se bem que tudo deve ter sido agravado por um defeituoso regímen educativo. A escola criminológica positiva reputaria, sem hesitação, as suas anomalias como incorrigíveis. Assim as creio também em grande parte, embora admita, dada a integridade da esfera intelectual do menor, que uma acção educativa adequada possa ainda infiltrar naquele espírito algumas ideias benéficas que alcancem servir de inibição às suas propensões malévolas. O caso célebre do «Morte» <sup>(2)</sup> autoriza esta suposição.

(1) E. Moniz, *Op. cit.*, pág. 437.

(2) Sinistra alcunha dum menor de 11 anos que furtou uns brincos a uma



Ao escrever estas linhas, sou informado de que o menor Luís, há dois anos internado numa Colónia Correccional, tem tido ali, como já na Tutoria, bom comportamento. O seu passado, a sua anestesia moral e afectiva, a propensão sádica manifestada, levam-me a duvidar fortemente de que, algum dia, êle possa vir a constituir um elemento prestante e tranqüilizador na sociedade. Suponho mais provável que êle continue sendo um perverso irreductível, um tarado nocivo, um indesejável, permanente ameaça à segurança moral e física dos seus contemporâneos.

Mas não é fácil distinguir as quotas com que a hereditariedade e a educação concorreram respectivamente para a génese das anomalias demonstradas na sua história criminal. Além disso, embora não duvide da constitucionalidade duma parte das suas anomalias morais e afectivas, entendo que a sua hipo-afectividade e o seu *deficit* de *sentimentos morais*, não impedem o acesso, ao seu espírito de mediana inteligência, de *ideias morais*, que possam actuar benêficamente sobre a sua conduta e mesmo sobre a esfera dos seus sentimentos. A ideia é o acto em potencial. A noção de *ideias-fôrças* tem perfeito cabimento dentro da ética individual e colectiva.

Ora, o menor Luís, repitamo-lo mais uma vez, não é um débil mental, nem é um cego moral (na feliz expressão de Gilbert Ballet), insusceptível de distinguir o mal do bem. Esperemos que uma forte educação moral possa ainda corrigir em parte a sua anomalia afectiva, que não é, aliás, independente, de todo, de

---

rapariguita nos arredores do Pôrto e a assassinou em seguida, batendo-lhe com uma pedra na cabeça. Já antes tinha mostrado maus instintos, quebrando uma perna a uma criança, maltratando animais, etc. Transferido da cadeia para a Oficina de S. José, foi ali educado. Era levado todos os dias à capela para rezar por alma da sua vítima. Transformou-se. Mais tarde fez serviço no exército colonial, chegando a sargento, sempre bem comportado. (Mendes Corrêa, *Crianças delinquentes*, pág. 68. Coimbra, 1915).

perturbações doutras funções, mas deve considerar-se relacionada, embora transitòriamente, com a evolução do seu instinto sexual. Se se tratasse duma anomalia afectiva « pura », « bem essencial », o problema seria mais difícil, senão mesmo impossível de resolver (1).

Ainda assim, no menor Luís, os efeitos educativos admissíveis não poderão encarar-se sem reservas. O simples reconhecimento, pela inteligência, das desvantagens, para o delinquentes, dos seus actos delituosos, o simples receio das sanções penais, não converte os maus em bons. A literatura criminológica está cheia de transformações de delinquentes, que abandonam a violência, cheia de perigos, e passam a práticas mais cómodas ou astutas mas nem por isso menos imorais e nocivas (2).

O que se passa na intimidade psíquica do menor em questão? Não é possível dizê-lo com segurança. A sua actual conduta traduzirá na realidade a aquisição de fortes noções morais e porventura uma melhoria afectiva? Não me recuso a admiti-lo, mas seria necessária, para dar isso como estabelecido, uma observação mais prolongada e abundante em factos demonstrativos duma regeneração, mesmo incompleta. Por enquanto o prognóstico é antes pessimista. Não creio que se possa conseguir mais do que uma adaptação artificial às regras coercitivas do Código.

---

(1) De Croly, *Le traitement et l'éducation des enfants irréguliers*, pág. 32. Bruxelles, 1925.

(2) « É o caso do velho *souteneur* condenado por assassinato ou por atentado aos costumes, e que, saído da prisão, se entrega a uma pacífica profissão de proxeneta » (Quintiliano Saldaña, *La Criminologie Nouvelle*, pág. 278. Paris, 1929). É um processo de *regressão* criminal, post-penal, a que se refere Saldaña, apontando várias fases dessa evolução. Ultimamente, na Alemanha (Saldaña, *op. cit.*, pág. 282), prefere-se a uma classificação dos criminosos em *tipos*, uma classificação em *graus*, *fases* ou formas mutáveis, em vista das *transições* criminais (*Übergänge*). Como estamos longe das classificações antropológicas em tipos definidos, imutáveis e rígidos!

## VÁRIA

---

### Descoberta páleo-antropológica no Transvaal (1)

Em postal de Chikumi (Rodésia), datado de 20 de Dezembro de 1929, o sr. dr. Luigi Cipriani, do Museu Antropológico de Florença, que tem andado em explorações antropológicas na África do Sul, teve a gentileza de me comunicar que descobrira nas proximidades do Limpopo, no Transvaal septentrional, numa formação provávelmente terciária, impressões de pés humanos. Trata-se, sem dúvida, segundo o amável correspondente, dum tipo novo de homem, com pés de 34 centímetros de comprimento e com caracteres antropóidicos.

O prof. Cipriani acrescenta que obteve, com pleno êxito, moldes em gesso daquelas pegadas, ao lado das quais havia mais de duzentas outras impressões de diversos animais. Era provávelmente, concluiu, um sítio nas proximidades de água, onde o homem e os animais iam beber, deixando impressões dos pés.

O dr. Cipriani contava estar de regresso à Itália antes dum ano e prometia dar-nos então mais detalhes sobre aquele tipo humano do Transvaal.

O ilustre investigador, embora ainda jovem, é autor de vários trabalhos, a alguns dos quais nos referimos já com justo elogio nas páginas da nossa revista. Tendo trabalhado em Florença com os eminentes professores Mochi e Puccioni, consagrou-se últimamente a explorações de antropologia e doutros ramos da história natural na África do Sul. A sua viagem anuncia-se já, como era de ante-ver, extremamente frutífera, pois a descoberta aludida parece ter grande importância.

A África do Sul dera-nos anteriormente, além de abundantes achados arqueológicos, os restos esqueléticos humanos de Boskop e de Broken-Hill, estes últimos com certas afinidades neandertalianas, embora, sob outros aspectos, bastante diverso do *H. neanderthalensis*. Deu-nos também na Bechuanalândia uma forma nova

---

(1) Comunicação em sessão de 20 de Fevereiro de 1930.

de antropóide fóssil, o *Australopithecus africanus*, do professor Dart. Forneceu, emfim, vários cercopitecídeos fósseis.

Agora parece facultar à Antropologia documentos dum hominídeo com pés muito maiores do que os do homem actual e apresentando, além dêsse, vários outros caracteres antropóidicos. Quais? Não os diz, no seu postal naturalmente lacónico, o ilustre antropologista.

Mas recordemos, de passagem, alguns dos caracteres do pé humano em relação ao pé simiano, segundo diferentes autores: existência da abóbada longitudinal plantar; adução do dedo grande com aumento de peso sobre êle; forma plana da superfície articular entre o primeiro metatarsiano e o primeiro cuneiforme (nos símios, é em sela, permitindo, com a abdução do dedo, movimentos de oponibilidade do dedo grande análogos aos do polegar na mão); calcâneo alto e largo, maciço, ovoide (redondo no gorilha); dedos mais curtos do que nos antropóides e faces plantares voltadas para baixo, diminuindo o comprimento dos dedos do segundo para o quinto; redução da torsão dos metatarsianos, que só persiste ligeiramente no primeiro e segundo; segmento metatarsico mais longo do que o digital (ao contrário do que sucede nos símios arborícolas); facetas articulares do calcâneo quasi horizontais, com pequeno declive para a frente e menos para dentro (nos antropóides são oblíquas para a frente e abruptamente inclinadas para dentro).

Alguns autores, como Gregory, Morton, etc., acham possível a transformação evolutiva dum pé de tipo gorilhoide no pé humano. Outros, como Miller, consideram essa transformação improvável, acentuando a diversidade dos tipos humano e antropóidico do pé. Weidenreich entende que o pé do Chimpanzé é o mais aproximado do pé humano. Parece-nos que os primeiros têm razão.

O caso do pé de John Daniels, gorilha jovem, observado por Morton e que sempre viveu em cativeiro, é muito impressivo, dadas as adaptações humanóides para que êle mostrava tendência, por só ter efectuado a locomoção terrestre. Outro caso citado pelo mesmo autor, o dum Cebídeo que tinha num dos pés a superfície articular endocuneiforme-metatarsiana análoga à do homem, é também uma prova interessante da possibilidade da evolução dum pé simiano para o humano. Aquele macaco tinha num dos pés uma inflamação crónica localizada no quinto metatarsiano e vira-se forçado a apoiar-se do lado do dedo grande, como sucede no homem. No outro pé, no pé são, a superfície articular era convexa, bem simiana.

O que o prof. Cipriani nos disse já do pé do homem do Limpopo é que êle tinha 34 centímetros de comprimento! Se fósse

legítimo calcular, neste caso, a estatura, tomando como base os cânones do homem actual, em que o comprimento do pé é, em média, 15 % da estatura, chegar-se-ia a um número correspondente a uma forma gigante: mais de 2<sup>m</sup>,25 de altura! Mas, tratando-se dum tipo fóssil diverso do *H. sapiens* actual, e do qual se desconhecem muitos caracteres, é arriscado ajuizar das suas proporções pelas do homem contemporâneo.

Não se julgue, porém, que as impressões de pés são documentos de insignificante valor paleontológico. A Paleontologia animal contém grande número de documentos dessa ordem. A aparição dos Anfíbios no neo-devónico é testemunhada pela impressão da pata tridáctila do *Thinopus antiquus*. São frequentes as impressões das patas de Stegocéfalos no carbónico e no triádico da América e da Europa. Conhecem-se impressões de patas de Dinosáurios e outros Reptis. Nos grés wealdianos o Iguanodonte, por exemplo, deixou dessas impressões. Muitos outros exemplos se poderiam citar.

Quanto ao homem fóssil, Cartailhac e Breuil tinham já assinalado as pègadas humanas no pavimento da caverna de Niaux. Mais recentemente o conde Bégouen registou impressões pre-históricas da mesma origem nas cavernas de Tuc de Audoubert, Cabrerets e Montespan, que, como Niaux, forneceram também notáveis documentos da arte quaternária. O estudo antropológico dessas pègadas foi conscienciosamente feito pelo ilustre anatómico e antropologista de Toulouse, prof. Vallois, que nelas encontrou alguns caracteres inferiores.

Como se vê, as impressões de pés de homens pre-históricos não constituem um facto inédito na Paleontologia humana, mas, se o homem do Limpopo era terciário, e tendo êle algumas afinidades antropóidicas, a descoberta do prof. Cipriani constitui um acontecimento científico de notável transcendência.

MENDES CORRÊA.

### Associação Internacional de Estudos Mediterrâneos

Destinada a fomentar « o progresso e difusão do conhecimento das civilizações que floresceram na bacia do Mediterrâneo » fundou-se, por iniciativa do sr. conde Constantini, a *Associação Internacional de Estudos Mediterrâneos*, com o concurso das nações interessadas e representadas em Roma pelas suas Escolas. Infe-

lizmente, como Portugal não figura entre elas, vemos excluída a nossa língua das seis empregadas na redacção do «Boletim».

A A. I. E. M. organizou concursos para a elaboração da «Prosopographia Liberae Romanae Reipublicae» e estudo da rede de comunicações do Império Romano, esperando desenvolver outras iniciativas.

O primeiro número do «Boletim» (32 págs., Roma, 1930) apresenta magnífica colaboração, em curtos artigos acompanhados de excelentes gravuras.

As adesões podem ser enviadas para a Villa Celimontana, Roma.

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

A. A. MENDES CORRÊA — *A Geografia da Prehistória* — (Publicação do Instituto de Antrop. da Univ. do Pôrto, subsidiada pela Junta de Educação Nacional), 80 págs., 22 figs. Pôrto, 1929.

Compreende êste trabalho os seguintes capítulos: — Legitimidade e âmbito da «Geografia da Prehistória» — História, critérios, cartas — Técnica e interpretação das cartas — A Paleogeografia física — Factos da Antropogeografia prehistórica — Conclusão (com um resumo final em francês).

Nesta publicação o A. põe em destaque uma série de factos que conduzem à demonstração da legitimidade duma Geografia da Prehistória, posta em dúvida por Vallaux.

Estuda e refere o critério geográfico com que actualmente se faz o estudo da Prehistória, o desenvolvimento e o papel da cartografia prehistórica, as tentativas de uniformização dos sinais convencionais para as cartas prehistóricas, as tendências modernas dos trabalhos de Antropogeografia, e, baseado nos elementos que o seu estudo lhe fornece, realça o valor científico incontestável que a Geografia da Prehistória possui, dado o actual critério da Geografia, sobretudo explicativa e sintética.

Salienta os relevantes serviços que a Geografia da Prehistória fornece aos estudos prehistóricos, e augura que mesmo no campo da Geografia Geral, ela venha a influir, determinando novas sugestões, além de confirmações proveitosas para o estudo do complexo problema do remoto passado humano.

SANTOS JÚNIOR.

M. ALEJO VIGNATI — *Cuatro astrágalos de los primitivos habitantes della provincia de Buenos Aires* — An. del Museo Nacional de Historia Natural de Buenos Aires, t. XXXIII, p. 105 e seg. B. Aires, 1924.

Sabe-se a importância que tem o astrágalo no esqueleto do pé. O estudo cuidadosamente feito pelo autor mostra as diferenças da

conformação desse osso nas raças primitivas da América do Sul. Bastará dizer que sobre alguns destes esqueletos foi fundada a determinação do *Homo pampeanus*, de F. Ameghino, bem como do tipo *H. caput-inclinatus*, descoberto no arroio de Siasgo, e ainda de outros primitivos. Os astrágalos são estudados metódicamente, segundo as normas antropológicas e relativamente aos esqueletos de Necochea, Siasgo, Malacara e Chocori. A comparação é feita também com os símios antropóides e com diferentes raças humanas. As medidas tiradas formam quadros que facilitam os confrontos. A bibliografia é rica e interessante.

BETHENCOURT FERREIRA.

M. ALEJO VIGNATI — *Las antiguas industrias del piso ensenadense de Punta Hermengo* — *Physis*, «Rev. de la Soc. Argentina de Ciencias naturales», t. VIII, 23 de Maio de 1925. B. Aires.

O autor apresenta neste estudo os resultados da observação geológica da localidade que descreve e onde foram encontrados os objectos representativos da indústria primitiva, achados em Punta Hermengo, os quais forneceram motivo a interpretações discutíveis, que A. Vignati expõe com clareza, interessando-nos bastante sobre a teoria destes instrumentos de pedra talhada, de época tão remota. A discussão é esclarecida por copiosa indicação bibliográfica, que constitui valioso recurso para esta ordem de trabalhos arqueológicos.

B. F.

EUGÈNE PITTARD — *Découverte de la civilisation paléolithique en Asie Mineure* — «Archives Suisses d'Anthropologie générale», t. V, Genève, 1929.

Até 1928, vestígio algum do paleolítico fora encontrado na Ásia Menor. Em Agosto desse ano, o eminente professor de Genève e sua esposa descobriram ali, nas margens dum afluente do Eufrates, o Tchakkal, cerca de 5 km. ao sul da povoação de Adi-Yaman, em depósitos aluviais dum antigo curso de maior volume, numerosos instrumentos líticos, que, de acordo com a opinião de Breuil, serão da época aurignacense.

No presente trabalho, o prof. Pittard faz a história da importante descoberta, descreve as condições de jazida e apresenta vários tipos de utensílios descobertos (pedras de arremesso, dis-

cos, raspadores, buris, furadores, lâminas, serras, etc.), alguns deveras interessantes. Vários tipos apresentam afinidades com objectos encontrados na África do Norte. Bons desenhos das peças, em dimensões naturais, ilustram o valioso artigo.

MENDES CORRÊA.

HUGO OBERMAIER & PAUL WERNERT — *La edad cuaternaria de las pinturas rupestres del Levante español* — «Mem. de la R. Soc. Españ. de Hist. Nat.», t. XV, en homenaje a D. Ignacio Bolívar. Madrid, 1929.

A falta de provas estratigráficas que permitam datar as pinturas rupestres do levante espanhol, como seria o achado de pinturas cobertas por depósitos pleistocenos, obriga a recorrer a outros meios para a fixação dessa cronologia. Breuil baseou-se no paralelismo da evolução técnica dessas pinturas e das da arte franco-cantábrica, a-pesar-da diversidade dos assuntos e ainda das diferenças sob o ponto de vista da existência ou ausência de composições, e da representação ou ausência da terceira dimensão, a profundidade.

As semelhanças entre as duas regiões são sobretudo notáveis na expressão do movimento e na caracterização dos assuntos e motivos. Há também infiltrações recíprocas.

É muito para considerar que a fauna representada no levante é exclusivamente selvagem, faltando-lhe, como à representada nas cavernas cantábricas, os grandes proboscídios quaternários. Também há diferença entre as listas faunísticas sincrónicas do N. da Península e de França. Nas cavernas francesas são motivos frequentes na arte parietal a rena, o mamute e o rinoceronte, ao passo que na Cantábria aparece com frequência o bisonte.

Os AA. expõem ainda largamente as razões paleo-etnológicas em que firmam a sua opinião da idade quaternária das pinturas rupestres levantinas. As cenas representadas, as armas, os adornos, a indumentária, as ocupações são tipicamente paleolíticas. Nada há que revele a existência da agricultura e de animais domésticos.

A lúcida e erudita exposição dos srs. Obermaier e Wernert parece-nos concludentemente demonstrativa da sua tese.

M. C.

JUAN CABRÉ AGUILÓ — Azaila — IV Congresso Intern. de Arqueologia. Barcelona, 1929.

A vários trabalhos seus de detalhe sôbre a povoação ibérica do Cabeço de Alcalá, nós arredores da Azaila (prov. de Teruel), juntou o ilustre arqueólogo espanhol, D. Juan Cabré, por ocasião do Congresso Internacional de Arqueologia de Barcelona, uma notícia de conjunto, bem ilustrada e acompanhada dum mapa-itinerário e do plano geral da acrópole, que dá uma ideia do alto interêsse arqueológico daquela estação e do seu espólio.

Trata-se duma grande cidade do tipo ibérico, que foi incendiada durante as guerras sertorianas, entre 78 a 74 a. C., e não voltou a ser reedificada. A acrópole ocupava todo o Cabeço de Alcalá e suas vertentes e era rodeada pela cidade nas planuras circundantes, havendo também nas proximidades a necrópole respectiva, com sepulturas dos tipos das de Tútugi, Galera, prov. de Granada, também exploradas por Cabré, que, nas escavações da Azaila teve como colaborador D. Lorenzo Pérez Temprado.

O autor estuda primeiro a arquitectura militar da acrópole, muralhas, torres, entradas, escadas e fossos. Seguidamente estuda a arquitectura civil, que é bastante homogênea e de carácter indígena. Descrevem-se calçadas, casas de planta rectangular, templos (dentro dum dos quais apareceram uma ara, uma catapulta carbonisada do tipo da de Ampúrias e fragmentos de vasos hispânicos), fragmentos de mosaicos, e ruínas talvez de termas.

O mobiliário encontrado é abundante e cheio de interêsse: figuras de bronze, uma lucerna de bronze em forma de cabeça de negro, vários simpulos, balanças, oenoches e outros vasos de bronze, uma placa de cinturão de bronze e prata, ornada dos dois lados, numerosas moedas de bronze (que permitiram fixar a data da destruição e incêndio da cidade), cerâmica tosca de tradição arcaica, cerâmica ibérica, cerâmica exótica campaniense, cerâmica do país hispano-latina, etc.

Abundam peças cerâmicas com inscrições hispânicas. Alguns pondera de alabastro teem também inscrições, gravuras de animais (javali, cavalos, etc.), uma quadriga gravada, a gravura dum elefante com a sua torre de guerra, etc. A cerâmica pintada é duma invulgar riqueza ornamental.

M. C.

J. R. SANTOS JÚNIOR — As ruínas castrejas da Cigadonha (Carviçais) — 14 págs., 2 figs. e 2 ests. Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto (Subsidiado pela Junta de Educação Nacional). Pôrto, 1929.

Na Cigadonha ou Cidadonha, de Carviçais, descobriu o dr. Santos Júnior uma bem aparelhada muralha cercado sem descontinuidade um espaço oval de 85 por 71 metros, com uma pequena defesa murada anexa. Os escassos materiais excavados não permitiram precisar a data da povoação, de-certo remota, como fazem pensar notáveis gravuras rupestres descobertas na vizinhança.

O A. transcreve um documento de 1310 onde o topónimo tem a forma *cidadonha*, apontando a sua importância para o esclarecimento da debatida etimologia de Citânia. Realmente estas formas intermédias teem passado despercebidas aos filólogos, a-pesar-de aparecerem com certa frequência na região transmontana: *Cidadonha* (Bobadela, Montalegre, Valpaços, Noura), *Cigadonha* (Carviçais, Padroso) e *Cigaduenhu* (Picote), etc. segundo conseguimos apurar (cf. Trabalhos da S. P. A. E., IV, p. 202).

Ainda por informação do A. temos conhecimento do nome *Cigadães* (comparar com Cividanes próximo de A Guardia), duma povoação galega vizinha de Montalegre.

R. DE SERPA PINTO.

ADOLF SCHULTEN — Ein iberisches Felsennest — Extr. de «Deutsche Zeitung für Spanien». Barcelona, 1929.

O ilustre professor da Universidade de Erlangen dá-nos notícia duns achados arqueológicos, perto da cidade de Alcoy, na cadeia montanhosa sobranceira à costa oriental espanhola.

Descreve-nos o local, de acesso bastante difícil, e a sua admiração por encontrar nesta pequena mas laboriosa cidade, quem se dedicasse duma maneira inteligente e metódica a pesquisas arqueológicas com um fim puramente científico, e não movido só pela vã cobiça de encontrar tesouros escondidos.

Tratava-se dum santuário com estátuas votivas representando mulheres ibéricas, com um manto comprido terminando em baixo por pregas; na cabeça um toucado elevado, coberto pela mantilha.

Já sabíamos, por Estrabão, que as mulheres ibéricas usavam a mantilha por cima duma armação de ferro ou de madeira; e

no santuário do desfiladeiro de Despeñaperros também já tinham sido encontradas figuras com mantilhas. Tão curioso como este toucado é o adorno das orelhas, constituído por grandes discos metálicos. O estilo destas figuras é grosseiro, mas reconhece-se influência de modelos gregos.

Como se encontraram também moedas romanas, deve o santuário ter sido utilizado no tempo do império; mas a sua origem remonta com certeza à antiguidade ibérica, pois os trajes das mulheres são ibéricos.

Ainda mais interessante é o achado duma placa de chumbo, enrolada, contendo uma longa inscrição.

A linguagem é ibérica e, portanto, totalmente incompreensível, pois que além de algumas palavras fornecidas pela tradição, nada mais conhecemos da língua ibérica e as tentativas para lêr o ibérico com o auxílio do basco, do etrusco ou do cretense, não se podem tomar a sério. Mas a escrita é grega da Jónia antiga, pouco mais ou menos do século VI a. C., o que dá um grande valor à placa, pois mostra que este ponto da montanha, a 1:000 metros de altitude, estava em relações com os gregos.

A época da placa, século VI a. C., é aquela em que os forçenses navegavam ao longo da costa em direcção a Tartessos para buscar estanho e prata, época florescente desta cidade em que reinava Arganthonios cuja riqueza era conhecida em longinquas paragens.

A. ATAIDE.

DR. LUIS MONTANÉ — *Histoire d'une Famille de Chimpanzés — Étude physiologique* — Conferência feita na Soc. de Antropologia de Paris, em 2 de Fevereiro de 1928 — *Conférence annuelle Broca*.

Uma opulenta dama cubana que, por distração e passatempo, se ocupou em criar alguns símios, em particular alguns Chimpanzés, contribuiu para fornecer à ciência o ensejo de conhecer certas curiosidades sobre a fisiologia destes animais, sobretudo quanto à reprodução, fecundação, gestação e à maneira como nêles se dá o parto. Não é possível, no curto espaço de que dispomos, dar sucinta ideia da importância e qualidades deste trabalho, deveras interessante.

O nascimento dum Chimpanzé em cativeiro forneceu ao autor excelente ocasião de fazer observações originais, que vieram completar as que P. Broca deixara de concluir, por falta de material tão difícil de obter. Na presente conferência da Sociedade

Broca, o dr. Montané reedita o estudo feito em 1915 e apresentado à Sociedade Cubana de História Natural. Aproveitando esta oportunidade, o prof. Montané mostra a conveniência da criação dos símios, em granjas apropriadas, com o fim de ter ao alcance certo número destes animais para as experiências que hoje soem praticar-se à custa deles, mormente aquelas que se executam com a transplantação de órgãos glandulares e com a transmissão de certas doenças, também estudadas nos macacos. Menciona, por isso, como instalação primacial a da Vila Palatino, na Havana, na qual chegaram a albergar-se 18 antropóides: um gibão cinzento, 3 orangos e 14 chimpanzés. Foram estes o objecto de observação e estudo especiais, de que se ocupa o conferente, descrevendo o modo como se juntam e os fenómenos da procreação, com muitos pormenores, que bastante esclarecem a vida destes animais, cuja morfologia e modo de vida, cuja psicologia mesmo, bastante se aproximam das do homem. Daí, a observação do chimpanzé recém-nascido, a placentofagia da mãe, a criação do mesmo, a dentição, as relações entre mãe e filho, de tudo isso nos dá conta o prof. Montané, de forma assás curiosa e digna de registo.

B. F.

FRANCISCO DE LAS BARRAS DE ARAGÓN — *Ensayo de aplicación de la hoja craneométrica del Congreso de Antropología de Mónaco a un cráneo de gorila* — «Asociación Española para el Progreso de las Ciencias», sessão de 27-V-29. Madrid.

O ilustre professor de Madrid continua neste trabalho a série das suas observações craneométricas nos antropóides. O presente estudo refere-se a um gorilha do sexo feminino. O autor expõe particularmente as bases que adoptou para as mensurações cujos pontos de referência estão relacionados com o desenvolvimento das cristas cranianas.

Determinou especialmente o índice cúbico, utilizável para o cálculo da capacidade craniana no gorilha. Provisoriamente podem adoptar-se os números 1,42 e 1,43.

M. C.

GERALDINO BRITES — *Travaux publiés en 1929* — Coimbra, 1929.

O notável investigador conimbricense reuniu num volume vários trabalhos que publicou em 1929. O autor reedita e comenta

uma antiga memória de Costa Simões sobre um caso de gravidez extra-uterina, descreve as colecções portuguesas de morfologia humana, dá também a bibliografia morfológica portuguesa de 1928 acompanhando-a de análises, apresenta alguns casos de anomalias anatómicas (malformações das extremidades; «scrotum bifidum») e reproduz algumas notas originais sobre a estrutura histológica da traqueia do embrião humano.

O labor científico do prof. Geraldino Brites honra sobremaneira o seu Instituto e a Faculdade a que êle pertence.

M. C.

M. ALEJO VIGNATI—*Dos interesantes variaciones en atlas de aborígenes del noroeste argentino*—Extr. da *Physis* (Rev. de la Soc. Argentina de Ciencias Naturales, t. VIII, págs. 261-263. Dezembro, 1925).

Neste opúsculo continua êste antropologista os estudos feitos sobre restos de Índios meridionais, mostrando algumas variações notadas em alguns exemplares de atlas, pertencentes às colecções etnográficas do Museu da Faculdade de Letras da Universidade de Buenos Aires. Nestas peças achou que o arco anterior se mantinha separado das massas laterais, o que representa atrazo na ossificação das diferentes porções consideráveis que compõem a vértebra, ou seja daquelas massas. Noutra caso encontrou também insuficiência ou atrazo na ossificação dos núcleos correspondentes ao arco anterior do atlas, arco que se reconhece ser formado em parte à custa da participação das massas laterais.

B. F.

VIKTOR LEBZELTER—*Eine Expedition zur umfassenden Erforschung der Buschmänner in Südafrika*—Extr. de «*Anthropos*», Band, XXII, 1927.

O Autor dá-nos uma notícia resumida dos trabalhos científicos por êle executados na África do Sul, relativamente à Arqueologia, Antropologia e Psicologia.

Dos objectos arqueológicos encontrados, conclue que a cultura lítica dos Bochimanes atingiu diferentes desenvolvimentos, conforme os locais.

Até à data desta notícia, tinha o Autor medido 2.055 indígenas e ainda alguns esqueletos dos museus de Durban e Pre-

tória, cujos resultados lhe permitiam concluir que essa população indígena se compunha pelo menos dos seguintes elementos: 1.º, o elemento hamitóide; 2.º, um elemento ainda não descrito, lembrando os malaios e com traços fisionómicos mongolóides; 3.º, o elemento negro; 4.º, o elemento bochimane-hotentote.

As investigações psicológicas feitas em alunos de escolas, levam o Autor a concluir que, sob o ponto de vista do carácter e da inteligência, os resultados não são peores do que os fornecidos pelas médias europeias.

Colheu também alguns elementos de medicina popular e relativos à vida económica dos indígenas.

A. A.

RENATO KEHL—*A Eugenia no Brasil*—«*Brazil Medico*». Rio de Janeiro, 1929.

O Brasil pode orgulhar-se de ser uma das nações do mundo em que as questões de Eugenia teem suscitado mais decididas e proficientes atenções. Existem ali sociedades e revistas de Eugenia, esta é debatida na imprensa periódica e no próprio Parlamento. Em Julho de 1929 reuniu mesmo no Rio de Janeiro um Congresso Nacional de Eugenia.

O dr. Renato Kehl tem sido um dos mais brilhantes e devotados propagandistas dos princípios eugenistas no Brasil. Já nos temos ocupado de vários trabalhos seus a tal respeito. No presente estudo, êle traça a história e a bibliografia do movimento eugenista brasileiro.

Apóstolo duma ideia meritória, o dr. Renato Kehl põe ao serviço dessa ideia uma alta proficiência científica e uma lúcida inteligência. O seu opúsculo de agora é do maior interesse para o estudo dos progressos do movimento eugenista. A bibliografia publicada acusa eloquentemente o valor da sua contribuição pessoal para o êxito desse movimento.

M. C.

QUINTILIANO SALDAÑA—*La Criminologie Nouvelle*—1 vol. de 315 págs.—Les Presses Universitaires de France, Paris, 1929.

Neste volume, ao mesmo tempo substancial e sumário, o illustre professor de Antropologia Criminal da Universidade de Madrid traça magistralmente a evolução da Criminologia e da Penologia, expondo, nos capitulos finais, as suas ideias pessoais sobre o



assunto. Para Saldaña, o espectáculo actual dos tribunais é puro teatro (como dizia Von Ihering, citado pelo autor, «um circo para exercícios de acrobacia dialéctica»), mas a Antropologia Criminal, entendida mais ou menos no sentido lombrosiano, é comparável a um frio museu, no qual, é certo, se arquivam realidades e não ficções, faltando-lhe, porém, a *alma filosófica* necessária a um corpo de doutrina científica.

A nova Criminologia, segundo a conhecida opinião do autor, deve ser pragmatista, e às antigas concepções da Antropologia Criminal deveria substituir-se a da *Antropologia Criminal Integral*, que êle considera o estudo não só do anormal delinquente como do normal, e ainda dos efeitos auto-individuais do crime.

Em seu parecer, a paixão e o hábito devem estar na base das classificações de criminosos; entretanto estas não devem estabelecer tipos mais ou menos irreais, mas séries e graus criminais.

O autor dá grande importância à caracteriologia e à endocrinologia no estudo da génese do acto criminal.

São particularmente interessantes as páginas que consagra à técnica utilizada para a base científica do julgamento (policia científica, criminalística, psicométrie, psicologia do testemunho, identificação, etc.).

Contra a opinião exposta pelo autor, não cremos que a função policial se generalize, se socialize, no futuro, estendendo-se cada vez mais a todos os cidadãos e convertendo cada cidadão num detective eventual. A técnica da policia científica representa, pelo contrário, uma especialização cada vez mais intensa. O que pode e deve generalizar-se a todos os cidadãos é a antipatia pelo crime. E isso não se obtém pela divulgação dos processos de técnica policial, mas por uma educação moral que é uma garantia da felicidade humana no porvir.

O livro do professor Saldaña, síntese luminosa de numerosos trabalhos seus, põe ao alcance dum público menos especializado do que o dos leitores desses trabalhos, as suas ideias fecundas sobre a orientação a imprimir à Criminologia. É digno de figurar em todas as bibliotecas cultas.

M. C.

LUÍS DE LEMOS MENDES DE OLIVEIRA — *Da Religião e do Crime (Estudos de sociologia criminal)* — Coimbra, 1929.

O A. expõe as doutrinas das escolas antropológica e sociológica do crime, defende a tese de que a religião contribui para formar e robustecer o senso moral, estuda a religiosidade nos

criminosos e conclui pelo importante papel da religião, especialmente da católica, na prevenção e no tratamento penal da delinquência.

O trabalho não é uma dissertação retórica, ao serviço exclusivo duma intenção confessional, antes é redigido com serenidade e elevação científica que o tornam digno de encómio.

M. C.

ALBERTO VIEIRA BRAGA — *Curiosidades de Guimarães — II. Malta de salteadores. Uma quadrilha de nomeada*, 61 pág. Guimarães, 1929.

Este trabalho é de-veras interessante porque nos mostra um pouco, à face de documentos, as condições de vida e alguns costumes daquela época de incertezas e pouca segurança de pessoas e haveres, que se segue às lutas entre miguelistas e liberais, nas ultimas décadas da primeira metade do século passado.

Inicia o A. o estudo que agora analizamos, focando o ambiente da época, ambiente de molde a permitir o desenvolvimento de numerosas quadrilhas de ladrões, de que nos dão noticia vários documentos do tempo, que êle vai transcrevendo e comentando.

Os roubos sucediam-se num crescendo pavoroso, determinando como consequência e para defesa colectiva as *prevenções e rondas populares* que o sr. Vieira Braga desenvolve em novo capítulo.

A segunda parte do trabalho *Uma quadrilha de nomeada*, que foi capitaneada pelo Padre Lombela, é igualmente tratada com desenvolvimento e acerto. Começa por um esboço biográfico daquele que, antes de ser capitão de ladrões, professou na Ordem de S. Francisco. Estuda-o como frade. Toca em seguida a personalidade do Padre Lombela como chefe da quadrilha que dirigiu e na qual adquiriu pública fama de salteador destemido, ao lado de outros clérigos, 2 frades e 1 padre que também nela operavam.

Vem depois o relato das *proezas da matilha* que são numerosas e algumas cheias de audácia e atrevimento. Um cerco bem organizado captura parte da quadrilha e o seu chefe.

A seguir o A. refere o processo e julgamento, terminando por um capítulo sobre a sentença que condenou o Padre Lombela a degrêdo perpétuo para as pedras de Angoche, com irremissível pena de morte caso voltasse a estes reinos, etc., etc.

Trabalho cheio de interesse que contribui, como elemento

valioso para o estudo do ambiente duma agitada época política da nossa história.

S. J.

AUGUSTO DE OLIVEIRA — Protecção moral e jurídica à Infância — Lisboa, 1929.

O sr. dr. Augusto de Oliveira exerce com distinta proficiência e nobre dedicação o cargo de administrador e inspector geral dos Serviços Jurisdicionais e Tutelares de Monores. No presente volume reúne o autor vários estudos sobre a organização daqueles serviços em Portugal, sobre as diferentes categorias de menores que estão sob a sua alçada, sobre os perigos de certas profissões como factores da imoralidade infantil, sobre a colonização de Angola com menores enviados da Metrópole e sobre a situação dos filhos ilegítimos à face do direito português.

Trata-se de conferências, relatórios oficiais, comunicações a organismos estrangeiros, etc., que o sr. dr. Augusto de Oliveira elaborou com lúcido critério, sólida cultura jurídica, larga informação documental e um louvável amor pelo assunto duma tão alta transcendência social.

M. C.

Portvcale — Vol. I, 343 págs. e vol. II, 448 págs. Pôrto, 1928-29.

*Portvcale*, revista ilustrada de cultura literária, científica e artística, publica-se sob a segura direcção dos drs. A. Martins, Cláudio Basto e Pedro Vitorino, continuando as tradições da *Lusa* (Viana do Castelo, 1917-24). Dos numerosos artigos contidos nos dois primeiros volumes referem-se à arqueologia ou etnografia entre outro: J. Leite de Vasconcelos, *O povo português* (I, pág. 3); L. Chaves, *Notação popular de medidas* (I, 107 e 143); Afrânio Peixoto, *Adágios brasileiros* (I, 124 e II, 214); Félix A. Pereira, *Pontes medievais nos Arcos-de-Valdevez* (I, 148, 178 e 249); M. Cardoso Marta, *Folclore* (I, 157); A. de Castro Osório, *Alguns provérbios brasileiros e portugueses* (I, 225); L. Chaves, *Velhas formas de pagamento* (I, 235); A. L. Carneiro, *As linhas na tradição popular etc.* (I, 301); J. Leite de Vasconcelos, *Cartas de amor* (II, 3); A. Viana, *A estação asturiense de Areosa—Viana do Castelo* (II, 24 e 185); M. C. Marta, *De uma carta de namôro* (II, 47); Cláudio Basto, *Arquivo etnográfico* (II, 216); J. J. Nunes, *Dois novas variantes do romance "A Silvaninha"*, (II, 225); L. Chaves, *Origem e trans-*

*formações das horas* (II, 244); F. A. Pereira e P. J. L. Lourenço Loução, *Etnografia do Minho* (II, 264 e 372); A. Viana, *As insculpturas rupestres de Lanhelas* (II, 282 e 350); M. Cardoso, *Anotações de Martins Sarmento acerca da Ponte do Pôrto, sobre o Cávado* (II, 291); M. Portugal Dias, *Adágios portugueses e brasileiros* (II, 373 e 425); A. Viana, *Uma espada de antenas* (II, 417) (esta espada já tinha sido publicada, com a mesma fotografia, pelo dr. A. del Castillo, Bol. de la R. Ac. Galega, XVIII, pág. 261, 1929); R. de Serpa Pinto, *Machados de bronze do Museu Municipal do Pôrto* (II, 421).

R. S. P.

Penha-Fidelis — Vol. I, 14 n.ºs, 300 págs. e numerosas grav. Penafiel, 1927-29.

Concluído o primeiro volume deste repositório regionalista, dirigido pelo sr. Abílio Miranda (A. M.), é deveras para lastimar que não prosiga a benemérita empresa, para arquivar tantos subsídios inéditos recolhidos pelo seu editor e colaboradores, subsídios que doutro modo se perderão.

Registamos os títulos de alguns artigos arqueológicos e etnográficos; C. B. (Cipriano Barbosa), *A Senhora da Saude*, pág. 32; J. de Aguiar, *Os tumulos de Paço de Sousa*, pág. 42 e segs.; A. M., *Origem das danças nas festas de Corpus-Cristi*, pág. 66; A. M., *A espinhela caída*, pág. 94; J. de Pinho, *A ara de Marecos*, pág. 95 (V. *Trabalhos*, IV, 204); A. M., *Fogo-lobo*, pág. 140; J. de Pinho, *Cartas de amor*, pág. 150; A. M., *O bicho*, pág. 159; J. de Pinho, *O tesouro de Gondeira*, pág. 205; J. Leite de Vasconcelos, *Pena e Penha*, pág. 227; etc.

R. S. P.

Anuário de «Eusko-Folklore» — Vol. VII, 141 + 33 págs, Vitória, 1927.

Os trabalhos do «Laboratório de Etnologia e Eusko-Folklore» no ano de 1927, dirigidos pelo ilustre etnógrafo e pre-historiador D. J. M. de Barandiarán, seguiram a orientação dos anos anteriores, publicando-se apenas no *Anuário* as duas Secções: I. *Establecimientos humanos y zonas pastoriles*. II. *Investigaciones prehistóricas*. Numerosas figuras e estampas valorizam o volume.

A primeira parte apresenta documentadíssimos estudos sobre a habitação (Pueblos de Atana e Exquioga, villa de Oñate), cha-

minés e celeiros (*gaiaxe*); terminando por um artigo do prof. Barandiarán em que se aponta a coincidência das áreas pastoris com as megalíticas.

Já nos referimos a um dos trabalhos pre-históricos (*Trabalhos*, IV, pág. 199) sobre arte madalenense, descrevendo os restantes as cuevas de Jentiletxêta e dolmens de Alava.

R. S. P.

**Revista del Centro de Estudios Extremeños — Vols. I-III. Impr. de la Diputación Provincial. Badajoz, 1927-29.**

O Centro de Estudios Extremeños, criado por D. Sebastián Guerrero e patrocinado pela Diputación Provincial de Badajoz, tem publicado na sua *Revista* alguns artigos que não devem passar despercebidos aos investigadores portugueses.

Assinalemos: *J. Rincón*, La capitulación de Olivenza y el Tratado de Badajoz (I, 9); *Manuel Marquez*, Relação da Vitória que alcançou o alferes Cristóvão de Carvalho, nos campos da Vila de Olivença contra o inimigo Castelhana. Em 25 de Setembro de 1641 (I, 171); *A. Cuellar*, Notas sobre el rey Don Sebastián de Portugal (I, 179 e 280; III, 227); *E. Segura*, Castillos de Extremadura (III, 149). Com um preciso comentário de *E. Segura* (II, 365), é apresentado o belo grupo românico da Santíssima Trindade de N. S. de la Granada, que vimos na Exposição de Sevilha, intimamente relacionado com as imagens portuguesas de Mação, Praia do Ribatejo e Tancos (*A. de Matos*. Ilustração Moderna, n.º 37, pág. 455. Pôrto, 1929).

É sobremodo notável o volume dedicado ao humanista Arias Montano. Dentre valiosos artigos sobre arqueologia, bibliografia, diplomática, geografia, história e numismática, cumpre mencionar: *A. Covarsi*. Extremadura Artística (I, II, III passim); *B. Gil*. La música popular en Extremadura (I, 350 e 427; III, 499); *Prof. Hernández-Pacheco*. Fisiografía del Guadiana (II, 511); etc.

R. S. P.

## ÍNDICE DO VOL. IV

|   | Pág.      |
|---|-----------|
| R. DE SERPA PINTO—O asturiense em Portugal . . . . .  | 5         |
| JOSÉ DE PINHO—Expansão da cultura megalítica no concelho de Amaranete . . . . .   | 45        |
| LUÍS DE PINA—Bruxas e Medicina . . . . .  | 117       |
| LUÍS CARDIM—Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos . . . . .  | 151       |
| ÁLVARO RODRIGUES, LUÍS DE PINA e SOUSA PEREIRA—Dissecção dum Negro de Moçambique . . . . .  | 233       |
| F. LÓPEZ A.-CUEVILLAS—Novas cerâmicas das antas galegas . . . . .   | 263       |
| AMÂNDIO TAVARES—A propósito dalgumas variações arteriais do membro superior . . . . .   | 349       |
| LUIS LOBO—Etnografia dos Lustadas . . . . .   | 383       |
| A. A. MENDES CORRÊA—Um caso invulgar de criminalidade infantil . . . . .  | 411       |
| <b>Vária:</b>   |           |
| L'authenticité d'Alvão: réponse à M. Dussaud (MENDES CORRÊA) . . . . .  | 79        |
| Alvão, d'après M. Jullian (CAMILLE JULLIAN) . . . . .   | 84        |
| Sobre um documento inédito, relativo à pretensa existência do homem terciário e devido ao dr. Ferraz de Macedo (BETHENCOURT FERREIRA) . . . . . | 85        |
| Museu Antropológico do Pôrto . . . . .  | 92 e 179  |
| Congresso Internacional das Artes Populares . . . . .   | 94        |
| Nótulas asturjenses (R. DE SERPA PINTO) . . . . .   | 175 e 303 |
| Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica em Portugal . . . . .  | 178       |
| Excavações arqueológicas em Espanha . . . . .   | 181       |
| Eugenia no Brasil . . . . .   | 181       |
| Instituto Arqueológico da Alemanha . . . . .  | 183       |
| «Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos» (L. C.) . . . . .  | 183 e 300 |
| Afinidades galaico-portuguesas de Folclore (SANTOS JÚNIOR) . . . . .  | 183       |
| De una relación tradicional de cuello a cabeza (TELESFORO DE ARANZADI) . . . . .  | 283       |
| O sardão nas tradições populares (J. A. PIRES DE LIMA) . . . . .  | 285       |
| Alguns aspectos da vida portuguesa no «Cancioneiro de S. Simão de Novais» (FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA) . . . . .                          | 290       |
| Pre-história angolense (R. DE SERPA PINTO) . . . . .  | 302       |
| Machados de bronze das margens do Ave (R. S. P.) . . . . .  | 306       |

|   | Pág. |
|---|------|
| Bibliografia do prof. Mendes Corrêa (R. S. P.) . . . . .              | 306  |
| Prof. Leite de Vasconcelos . . . . .                                  | 309  |
| Congresso Internacional de Antropologia . . . . .                     | 309  |
| Lutuosa . . . . .   | 310  |
| Descoberta páleo-antropológica no Transvaal (MENDES CORRÊA) . . . . . | 425  |
| Associação Internacional de Estudos Mediterrâneos . . . . .           | 427  |

**Revista bibliográfica—Índice alfabético de autores:**

Absolon & Matiegka, 318; Afonso do Paço, 343; Álvaro Rodrigues, 334; American School, 198; Anuário de «Eusko-Folklore», 441; Aranzadi & Barandiaran, 199; Augusto de Oliveira, 440; Barão de Lõe, 100; Barras de Aragón, 435; Bégouen, 321 e 322; Bertrand, 115; Biasutti, 315; Bijlmer, 341; Bourrinet, 321; Breuil, Burkitt & Pollock, 322; Brites, 435; Bunak, 327; Cabré, 432; Camotim, 215; Carballo, 101; Cardoso, 202 e 329; Catálogo dos Castros Galegos, 202 e 327; Conde de la Vega del Sella, 96; Cuevillas y Brey, 106 e 326; Depéret, 313; Dias Pinheiro, 203; Eickstedt, 109 e 210; Ellis Júnior, 220; Frankowski, 342; Froes Abreu, 220; Furuhata, 109; Cienna, 206; Germain, 194; Gruetzner, 210; Hernández-Pacheco, 97; Hilden, 335; Kehl, 437; Kohler, 191; Kostrzewski, 320; Jalhay, 200 e 325; Jazsetta, 216; Lantier, 100; Lautensach, 314; Lebzelter, 436; Leite de Vasconcelos, 346; Le Pontois, 318; Lopes Dias, 222; Luis Chaves, 347; Lundborg, 209; Mac Curdy, 316; Manuel de Recherches Préhistoriques, 316; Melida, 317; Mendes Corrêa, 429; Mendes de Oliveira, 438; Menendez, 322; Montané, 434; Morlet, 323; Morosan, 320; Nandrin & Servais, 105; Niceforo, 218 e 342; Nicolaeff, 338; Obermaier, 196 e 317; Obermaier & Breuil, 102; Obermaier & Wernert, 431; Paixão Bastos, 344; Pan y Fernández, 201; Passermard & Breuil, 199; Passos, 332; P. Chaves, 222; Pedrayo, 219; Penha Fidelis, 441; Perez de Barradas, 315; Pessoa, 345 e 346; Pina Guimarães, 328; Pinho, 204 e 330; Pires de Lima, A., 344; Pires de Lima, F., 345; Pires de Lima, J., 336; Pittard, 430; Portvcale, 440; Raposo, 114; Reinach, 323; Rellini, 196; Revista del Centro de Estudios Extremenhos, 442; Roseira, 201; Roudynsky, 199; Rouzic, 201; Saenz & Aguirre, 106; Saldaña, 437; Sampaio & Soucaux, 224; Santa Olalla, 102; Santos Júnior, 433; Schlaginhaufen, 340; Schuchardt, 316; Schulten, 203 e 433; Schulten & Bosch, 331; Seirós da Cunha, 110; Seligman, 217; Sergi, 206; Serpa Pinto, 329 e 330; Silva Corrêa, 212 e 214; Silva Vieira, 344; Sociedad Pro Monte Santa Tecla, 108; Sousa Pereira, 332; St. Just Pecquart, 196; St. Just Pecquart & Le Rouzic, 325; Sueiro, 204, 205, 339 e 340; Suk, 113 e 218; Ten Kate, 211; Trillo, 103; Vallaux, 95; Valverde, 114; Vasco Moreira, 331; V. Correia, 107; Vieira Braga, 223, 343 e 439; Vignati, 98, 429, 430 e 436; Vulpesco, 221; Yurrita, 103.

**Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia**

Séde:—Rua de Santa Catarina, 261-1.º

PORTO

**Sumário dêste fascículo:**

AMÂNDIO TAVARES:

**A propósito dalgumas variações arteriais do membro superior** (Página 349).

LUÍS LOBO:

**Etnografia dos Lusitadas** (Pág. 383).

A. A. MENDES CORRÊA:

**Um caso invulgar de criminalidade infantil** (Pág. 411).

**Vária:**—Descoberta páleo-antropológica no Transvaal (MENDES CORRÊA); Associação Internacional de Estudos Mediterrâneos (425).

**Revista bibliográfica:**—MENDES CORRÊA (429); VIGNATI (429, 430 e 436); PITTARD (430); OBERMAIER & WERNERT (431); CABRÉ (432); SANTOS JÚNIOR (433); SCHULTEN (433); MONTANÉ (434); BARRAS DE ARAGÓN (435); BRITES (435); LEBZELTER (436); KEHL (437); SALDAÑA (437); MENDES DE OLIVEIRA (438); VIEIRA BRAGA (439); AUGUSTO DE OLIVEIRA (440); PORTYCALE (440); PENHA-FIDELIS (441); ANUÁRIO DE «EUSKO-FOLKLORE», (441); REVISTA DEL CENTRO DE ESTUDIOS EXTREMEÑOS (442).

